William McGuire e R.F.C. Hull

# C. G. JUNG: ENTREVISTAS E ENCONTROS

Editora Cultrix

# C. G. JUNG
# Entrevistas e Encontros

Coordenação de
WILLIAM McGUIRE e R. F. C. HULL

Tradução de
ÁLVARO CABRAL

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

Título do original:

*C. G. Jung Speaking: Interviews and Encounters*
Copyright © 1977 by Princeton University Press
Publicado pela Princeton University Press, Princeton, New Jersey, na "Bollingen Series" XCVII

*Copyrights*

"Doctor Jung: A Portrait in 1931", da revista *Harper's*, maio de 1931, copyright © 1931 por Harper's Magazine; copyright © renovado 1958 por Harper's Magazine. "The 2,000,000-Year-Old Man", de *The New York Times*, 4 de outubro de 1936, © 1936 por The New York Times Company, e renovado em 1946; reimpresso com permissão. "On the Frontiers of Knowledge" (a entrevista por Georges Duplain), de *Spring*, 1960, copyright 1960 pelo Analytical Psychology Club of New York, Inc. "Talks with Miguel Serrano", de *C. G. Jung and Hermann Hesse*, copyright © 1966 por Miguel Serrano. Memória de Albert Oeri e "A Talk with Students at the Institute", de *Spring*, 1970, copyright © 1970 pelo Analytical Psychology Club of New York, Inc. "Is Analytical Psychology a Religion?", de *Spring*, 1972, copyright © 1972 pelo Analytical Psychology Club of New York, Inc. "The Hell of Initiation", de J. P. Hodin, *Modern Art and Modern Mind*, copyright © 1972 pela Press of Case Western Reserve University. Trechos dos apontamentos de Esther Harding, de *Quadrant*, inverno de 1975, copyright © 1975 pela C. G. Jung Foundation for Analytical Psychology, Inc. "The Houston Films", de *Jung on Elementary Psychology*, copyright © 1964 e 1976 por Richard I. Evans.

MCMLXXXII

Direitos de tradução para língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela

EDITORA CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374, 04270 São Paulo, SP, fone 63-3141, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

*Impresso na EDITORA PENSAMENTO*

À

ANIELLA JAFFÉ

# SUMÁRIO


PREFÁCIO ..... 11
AGRADECIMENTOS ..... 19
Notas Bibliográficas ..... 21
Algumas Lembranças da Juventude ..... 23
A América Ante Seu Mais Trágico Momento ..... 30
Dos Apontamentos de Esther Harding: 1922, 1925 ..... 41
"Doutor Jung, Suponho" ..... 47
Três Versões de uma Conferência de Imprensa em Viena ..... 52
Os Americanos Devem Dizer "Não" ..... 59
Doutor Jung: Um Retrato de 1931 ..... 62
Todos Temos Duas Almas ..... 68
Uma Entrevista na Rádio Berlim ..... 70
Está o Mundo em Vésperas do Renascimento Espiritual? ..... 76
Do Diário de Charles Baudouin: 1934 ..... 84
Victoria Ocampo Visita Jung ..... 89
A Mente Imortal do Homem ..... 92
O Homem de Dois Milhões de Anos ..... 95
A Psicologia da Ditadura ..... 97
A Psicologia Analítica é uma Religião? ..... 100
Perguntas e Respostas no Congresso de Oxford, 1938 ..... 104
Diagnosticando os Ditadores ..... 117
Jung Diagnostica os Ditadores ..... 134
Uma Entrevista Durante a Guerra ..... 138
Do Diário de Charles Baudouin: 1945 ..... 142
Os Problemas Psíquicos dos Alemães no Pós-Guerra ..... 144
Quatro "Contatos com Jung" ..... 149
Sobre Realização Criadora ..... 156
Uma Visita de um Jovem Quacre ..... 160
Doutores em Férias na Montanha Rigi ..... 162
Dos Apontamentos de Esther Harding: 1948 ..... 170
Uma Visita de Moravia ..... 175
Do Diário de Charles Baudouin: 1949 ..... 179
Sobre o Ataque na "Saturday Review of Literature" ..... 181
O Homem e seu Meio Ambiente ..... 188
Comentários sobre uma Tese de Doutorado ..... 191

O Inferno da Iniciação ..... 202
Entrevista de Eliade para "Combat" ..... 207
Do Diário de Charles Baudouin: 1954 ..... 215
Soam Trompas, Repicam Sinos ..... 217
O Mundo de James Joyce ..... 219
Homens, Mulheres e Deus ..... 223
As Entrevistas de Stephen Black ..... 229
Uma Entrevista no 80.º Aniversário ..... 242
A Terapia da Música ..... 246
Os Filmes de Houston ..... 249
Jung e a Árvore de Natal ..... 314
Uma Conversa com Estudantes no Instituto ..... 319
Do Diário de Charles Baudouin: 1958 ..... 324
Dos Apontamentos de Esther Harding: 1958 ..... 325
No Clube de Psicologia de Basiléia ..... 328
Conversas com Miguel Serrano: 1959 ..... 346
Uma Visita de Lindbergh ..... 357
Nas Fronteiras do Conhecimento ..... 361
A Entrevista "Face a Face" ..... 372
Dos Apontamentos de Esther Harding: 1960 ..... 385
A Arte de Viver ..... 388
Uma Entrevista para a Suíça no 85.º Aniversário ..... 395
Conversas com Miguel Serrano: 1961 ..... 402

# *PREFÁCIO*

*O tipo psicológico de Jung, de acordo com sua própria declaração nos últimos anos de vida, era o introvertido intuitivo-intelectual. Essa categoria de personalidade não parece ser das mais apropriadas para um homem cordial, expressivo, bem humorado, sempre disposto — e até ávido — para conversar não só com inúmeros amigos e conhecidos mas com visitantes que lhe eram totalmente estranhos, telefonando-lhe às vezes sem qualquer espécie de apresentação prévia, e dezenas de jornalistas, numa vasta gama de origens nacionais e competência profissional, que lhe assestavam uma barragem de perguntas desde as mais óbvias às mais eruditas. Seria um introvertido intuitivo-intelectual capaz de ficar sentado durante várias horas sob o calor desconfortável de luzes cruas e ofuscantes, enquanto as câmeras filmavam uma extensa entrevista acerca de quase todos os aspectos de seu sistema psicológico e seu desenvolvimento intelectual? Pois Jung fez isso — e quando já estava na casa dos oitenta. E, além de todos esses visitantes e entrevistadores, o papel profissional de Jung era tanto o de falar quanto o de ouvir, e suas horas consumidas em análise e consulta, seus seminários e conferências, envolviam-no num tipo de comportamento a que chamamos sociável e expansivo e que está muito mais próximo do que nem mesmo os pretensos extrovertidos seriam capazes de agüentar por tanto tempo.*

*Esta coletânea de entrevistas e encontros, selecionada de um grande número de tais documentos, inclui várias espécies de depoimentos de Jung e acerca de Jung. Os mais "puros", os mais próximos de registros fiéis das palavras proferidas pelo próprio Jung são as transcrições de gravações eletrônicas das entrevistas de rádio, televisão e cinema, realizadas por Weizsäcker, Black, Evans, Freeman e Gerster, e as fitas gravadas da palestra de Jung no Clube de Psicologia de Basiléia, em 1958.*[1] *No caso de tais traslados, muito de-*

1. A era da "história oral" coincide só em parte com o período de vida de Jung. Algumas de suas palestras a grupos nos últimos anos de sua vida foram gravadas, mas havia apenas uma entrevista com gravador, até onde se sabe: a realizada por K. R. Eissler para os Sigmund Freud Archives. A transcrição está depositada na Biblioteca do Congresso, Washington, D.C., sob restrição até ao ano 2002.

*pende da perícia do transcritor, e muita coisa pode sair errada. A versão original da entrevista filmada em Houston e publicada em 1964, foi deturpada por erros de audição, interpretações equivocadas e más conjeturas, inevitáveis quando uma datilógrafa do Texas ouviu, na trilha sonora do filme, uma voz suíço-alemã um tanto roufenha dissertando em inglês sobre assuntos que, para a pobre senhora, eram inteiramente abstrusos e incompreensíveis. Os esforços de quatro ou cinco ouvintes familiarizados com a maneira de falar, os temas e os exemplos favoritos de Jung corrigiram — ou quase — essa transcrição, e uma versão revista da entrevista notavelmente abrangente do Professor Evans está bem perto de ser fiel. Um documento ainda mais "puro" seria um traslado desse tipo que o próprio Jung tivesse lido, corrigido e aprovado, mas não consta que ele tivesse trabalhado em cima de tal transcrição. Descendo um pouco na escala, devemos considerar o traslado de um registro estenográfico, como o estenograma de Derek Kitchin da sessão de perguntas-e-respostas em Oxford, em 1938. Um outro dos excelentes estenogramas de Kitchin, o do chamado seminário de Jung sobre "A Vida Simbólica", administrado a membros da* Guild for Pastoral Psychology *de Londres, em 1939, foi, de fato, lido e aprovado por Jung e, portanto, mereceu um lugar nas Obras Completas (no volume 18, a que foi dado o título geral* The Symbolic Life*). As "Conferências de Tavistock", de Jung, apresentadas de improviso a um público médico em Londres, em 1935, e registradas por um taquígrafo anônimo, tiveram uma história parecida. Os coordenadores das Conferências agradeceram a Jung por ter "revisto e aprovado o texto em sua forma final", embora Barbara Hannah nos diga que ela e Toni Wolff assistiram às conferências e corrigiram o traslado.*[2] *As "Conferências de Tavistock", corrigidas subseqüentemente por R. F. C. Hull, também figuram no volume 18.*

*Sem dúvida, alguns dos jornalistas que entrevistaram Jung ao longo de muitos anos tomaram boas notas estenográficas. E certamente, na profissão, entrevistas dignas de confiança foram realizadas por repórteres com métodos esquemáticos ou peculiares de tomar notas, ou apenas equipados de uma excelente memória. A fidelidade das entrevistas jornalísticas nesta coletânea deve ser aceita em confiança, pela reputação do repórter ou pela verossimilhança do produto. Os entrevistadores alinham-se no tempo desde o recatado e anônimo repórter do* New York Times *em 1912 (cujo nome se perdeu no fichário do jornal) até ao estritamente profissional Gordon*

2. Barbara Hannah, *Jung: His Life and Work* (Nova Iorque, 1976), p. 234, onde *Miss* Hannah (que se tornou discípula de Jung em 1929) descreve a ocasião.

*Young, do* Sunday Times *de Londres, em 1960, e incluem os veteranos Whit Burnett, Elizabeth Shepley Sergeant (o único com credenciais junguianas legítimas), o arquetípico correspondente estrangeiro H. R. Knickerbocker, o hábil Frederick Sands do* Daily Mail *e Georg Gerster, um talentoso jornalista-fotógrafo suíço.*

*Os repórteres vienenses, nenhum deles identificado, que afluíram para entrevistar Jung quando foi proferir conferências no* Kulturbund, *em finais da década de 1920 e começos da de 1930, gostavam de redigir seus artigos na forma de relatos na primeira pessoa. A semelhança, usualmente, dos vários noticiosos publicados no mesmo dia sugere que Jung consentiu em realizar conferências de imprensa. Na realidade, Jung não era uma figura muito celebrada nesses dias e a atenção que lhe foi dispensada pela imprensa de Viena tinha sido promovida, sem dúvida, por uma mulher dinâmica, Jolande Jacobi, que dirigia o programa de conferências da* Kulturbund *e, em meados da década de 1930, sendo uma católica de origem judaica, fugiu para Zurique e tornou-se um dos principais expoentes da escola junguiana.*

*Jung pode ter dado mais entrevistas a jornais em suas viagens do que foram fornecidas pelas agências de recortes. Um item da imprensa de Túnis, em 1923, do* Times-Picayune *de Nova Orleãs, em janeiro de 1925, ou os artigos de Rhodes, Jerusalém ou Alexandria, em 1933, mereciam ser desenterrados. Segundo Fowler McCormick, que foi companheiro de Jung quando ele visitou a Índia em 1938 como delegado de honra ao Jubileu de Prata do Congresso de Ciências indiano, em Calcutá, os repórteres enxameavam em torno de Jung nas cidades... mas nenhum noticiário veio a lume. Quanto à viagem não divulgada de Jung aos Estados Unidos em dezembro de 1924-janeiro de 1925, quando viajou também com Fowler McCormick, nenhuma entrevista foi descoberta, e apenas um par de breves notícias pôde ser exumado.*[3] *Entretanto, introvertido cordial e articulado como era, Jung pode ter concedido entrevistas em suas viagens, não só em lugares exóticos como Texas (que atravessou ao volante de um Chevrolet) e Khartoum (onde, em 1926, fez uma palestra no* Gordon College*) mas também nas cidades européias que visitava constantemente; estas podiam ser inseridas como rizomas em periclitantes volumes encadernados e rolos de microfilmes.*

---

3. Por exemplo, do *Taos Valley News* (Taos, Novo México), sábado, 10 de janeiro de 1925, com o título "Visitantes Ilustres em Taos": "O Dr. Carl Jung, psicólogo de fama mundial e contemporâneo de Freud, em companhia de Fowler McCormick, filho do famoso magnata da maquinaria agrícola e neto de John D. Rockefeller Sr., visitou Taos na segunda-feira desta semana. Os dois estão percorrendo os Estados Unidos e chegaram de Santa Fé para ver a antiga aldeia. Durante sua estada, hospedaram-se no Columbian Hotel". No

*Uma subcategoria de jornalista é a personagem literária ou erudita que, por uma razão ou outra, se aventura pelo território jornalístico. Victoria Ocampo, a célebre mulher de letras argentina, convertia freqüentemente suas viagens e aventuras em* feuilletons *para jornais de Buenos Aires. A sua descrição de uma visita a Jung em 1934 lê-se como se ela nunca o tivesse conhecido antes; em todo o caso, graças à análise epistolar do Conde Keyserling com Jung, tem-se notícia de que Jung já a conhecia. O Rev. Dr. Howard L. Philp, psicólogo e sacerdote anglicano, extraiu de Jung algumas novas opiniões dignas de citação numa entrevista ostensivamente política. Historiador de arte e funcionário civil internacional, Pierre Courthion aceitou a missão de entrevistar Jung nos dias mais sombrios da Segunda Guerra Mundial, e somos informados de algumas coisas a respeito do mobiliário na casa de Jung, a par de comentários no tom grave que era apropriado à época. O romancista Alberto Moravia foi a Zurique, por incumbência de um jornal de Milão e, enquanto subia a* Seestrasse *para entrevistar esse psiquiatra suíço um tanto excêntrico, meditava sobre F. Scott Fitzgerald, sem se dar conta de que poderia ter havido uma ligação real. Um famoso geógrafo, Hans Carol, que atingiu o auge de sua carreira depois que emigrou para o Canadá, recordou uma conversação em que Jung falou como um pensador social. J. P. Hodin e Patricia Hutchins estavam, cada um deles, procurando sondar Jung sobre um tema explícito, para o livro que cada um estava escrevendo, e receberam um pouco mais do que estavam buscando. Miguel Serrano, que deve ter sido um dos raros místicos em qualquer corpo diplomático, parece ter obtido de Jung o que queria; seus relatos são, em todo o caso, impressionantes e perturbadores. Mircea Eliade já se juntara a Jung na* Eranos Tagung *quando empreendeu um artigo interpretativo com vistas a um público francês ignorante de Jung (e só muito vagamente conhecedor de Freud, nessa época); as copiosas citações diretas, ouvidas e registradas no ambiente espiritual da Conferência de Eranos, possuem o timbre da autenticidade.*

*As observações de pessoas que se encontraram com C. G. Jung sem terem um interesse preconcebido, ou uma missão a desempenhar, são relativamente raras. Francis Daniel Hislop, um funcionário colonial britânico aposentado, é um dos que se lembra de um encontro que teve com um obscuro e algo opiniático mas francamente*

---

mesmo número, sob o título "Visitando Taos De Novo": "James Angelo [Jaime de Angulo], professor de antropologia na Universidade Berkeley, Califórnia, visitou Taos e presenciou a Dança do Búfalo no *pueblo*, na passada terça-feira. O Sr. Angelo é um assíduo visitante de Taos, desta vez acompanhando o Dr. Jung e o Sr. McCormick. Os cavalheiros estão percorrendo o país num Chevrolet."

*inesquecível médico há 35 anos. Charles Lindbergh foi com os editores de sua esposa ao encontro de Jung, viu-se envolvido no enigma dos "discos voadores" (ou do absurdo, para quem era um oficial aposentado da Força Aérea) e, felizmente, escreveu um brilhante relato de sua visita, quase dez anos depois. Temos esperança de que existam mais relatos desse gênero. Será que algum dos oficiais do Exército britânico internados em Château d'Oex, sob o comando de Jung, durante a Primeira Guerra Mundial, manteve um diário ou escreveu cartas descritivas para a família? Essa foi a época em que Jung desenhou uma mandala todas as manhãs ao levantar-se.*

*As recordações do companheiro de mocidade e amigo de toda a vida de Jung, Albert Oeri — um escritor e editor profissional, escrevendo aqui extraprofissionalmente — embora redigidas quase 50 anos após os acontecimentos, são perspicazes e divertidas. Queremos acreditar no que Oeri escreveu: a sua irreverência dá-lhe plena validade. Uma espécie diferente de documento provém de Ximena de Angulo, que — filha de Cary F. Baynes, tradutora da versão de Richard Wilhelm do* I Ching, *e de Jaime de Angulo, estudioso de línguas índias, que levou Jung a visitar Taos em 1925, e enteada de H. G. Baynes, o mais ilustre analista junguiano na Inglaterra — vivia na intimidade da família Jung. Ela entrevistou Jung, em estilo profissional, como um serviço de amigo para o então jovem estudante, Ira Progoff, a respeito de seu manuscrito sobre Jung. A conversa espraiou-se por uma grande variedade de temas, e o relato de Ximena de Angulo é uma das mais incisivas e intelectualmente sólidas entrevistas de que dispomos.*

*As recordações dos dedicados seguidores de Jung são suspeitas de estar mais distantes da objetividade. E, no entanto, quem citaria Jung incorretamente? Devem existir muitos relatos e diários particulares nos armários de Jung. Trechos do diário de Esther Harding só foram publicados após a morte da autora, e o material que ela escreveu é inesperado, pelo menos nos verbetes relativos aos primeiros anos, quando a atitude de Jung acerca da religião ainda não fora bem definida em seus escritos. Os verbetes do diário de Charles Baudouin são mais subjetivos e mais poéticos; ele mostrou-se disposto a divulgá-los num livro cuja edição foi póstuma. As recordações de Amy Allenby, Kenneth Lambert, Renée Brand, Elizabeth Osterman, George Hogle e Margaret Tilly foram escritas expressamente para publicações* in memoriam, *após a morte de Jung. Cada uma dessas contribuições é de natureza distinta e espontânea, e elucida diferentes facetas de Jung. Os depoimentos de Eleanor Bertine e Caril Baumann foram preparados para elucidar os membros do Clube em Nova Iorque. O artigo de Bertine tem uma qualidade fresca e desafetada, como uma carta para casa durante um período*

*de férias no campo. O depoimento fatual da Sra. Baumann teve o propósito de corrigir os equívocos decorrentes da controvérsia Ezra Pound/Prêmio Bollingen, mas seus leitores certamente não incluíam céticos e ele merecia, sem dúvida, ser mais amplamente divulgado.*

*O mais considerável conjunto de "falas de Jung" não foi usado para o presente livro: as "notas" dos Seminários de Jung, que ele realizou, sobretudo em Zurique, desde os começos da década de 1920 (provavelmente mais cedo, mas sem que tenham sido registrados) até finais da década de 1930. Essas sessões animadas, eruditas e possivelmente excitantes eram registradas por membros dos seminários e, mais tarde, por estenógrafos profissionais. É improvável que Jung revisse e aprovasse muitas das transcrições e, no entanto, nos primeiros dias, sua autorização pessoal (mais uma centena de horas de análise) era requerida para quem as quisesse ler. A verdadeira impulsionadora das Notas dos Seminários foi uma extraordinária mulher, a pintora norte-americana Mary Foote, cuja busca de significado a levara a percorrer toda a Europa e depois a China. Ela escreveu a Jung para marcar um encontro, foi-lhe concedida uma data e Mary Foote fez uma longa e morosa viagem oceânica, rumo ao ocidente, para chegar na hora certa. Uma vez em Zurique, aí ficou por cerca de 20 anos — até ao fim da guerra — e dedicou-se a coordenar as Notas dos Seminários. As transcrições, em sua grande maioria, ainda se encontram sob restrição mas, gradualmente, algumas estão sendo publicadas. Sua maior parte fornece-nos um registro sem retoques do que Jung disse em suas lições e nos debates em mesa redonda que se lhes seguiam.*

*

*A presente coletânea foi iniciada em meados da década de 1960, quando uma profusão de textos póstumos de Jung estava sendo compilada e estudada. Grande parte desse material, realmente escrito por Jung ou na forma de traslados que ele aprovou, foi incluído no volume 18 das Obras Completas. O presente volume, fora das Obras Completas, foi reservado para entrevistas, e R. F. C. Hull traduziu, organizou e anotou parcialmente muitas delas. Após seu falecimento, em 1974, muito mais material foi adicionado, descoberto em grande parte nos últimos tempos; cerca de 30 itens foram adicionados quando se decidiu ampliar a coletânea a fim de incluir tanto as entrevistas como os encontros com Jung, sendo então compostas as notas introdutórias e as notas de rodapé em sua maioria. Os coordenadores das Obras Completas — Gerhard Adler, Michael Fordham e Herbert Read — assessoraram as fases iniciais de seleção, e conselhos e ajuda foram também dados pelos Sr. e Sra. Franz Jung, por*

*Jane A. Pratt e, em especial, Aniela Jaffé. Os tradutores que participaram, principalmente após a morte de R. F. C. Hull, são mencionados no final dos artigos que prepararam: Sra. Pratt, Ruth Horine, Lisa Ress, Helen Temple, Martin Nozick, Robert e Rita Kimber, Elined Prys Kotschnig e Frank MacShane. As demais traduções são de Hull.*

*Os artigos foram editoriados de diferentes maneiras. Alguns são publicados na íntegra, alguns foram mais ou menos resumidos, outros estão remodelados em estilo de diálogo quando isso é apropriado. Alguns, é claro, eram originalmente em estilo dialogado. A nota introdutória de cada artigo indica que modificações foram feitas. Reticências no meio de uma linha indicam uma omissão. As grafias, etc. foram adaptadas.*

W. M.

*AGRADECIMENTOS*

Gerhard Adler, por orientação, conselhos e informação;
Doris Albrecht, bibliotecário da *Kristine Mann Library*, por ajuda em muitos problemas de pesquisa;
Ruth Bailey, por informação e conselhos;
Stephen Black, por suas entrevistas de 1955 na BBC;
Dietrich von Bothmer, do *Metropolitan Museum of Art*, por informações;
British Broadcasting Corporation, pelas entrevistas de Stephen Black e John Freeman;
Joseph Campbell, por informações;
Case Western Reserve University, por extratos de *Modern Art and Modern Mind*, de J. P. Hodin;
Dorothy Curzon, por informações sobre Margaret Tilly;
Hans Dieckmann, por ajuda;
Joyce M. Dongray, da BBC, por ajuda na localização do Dr. Black;
Mircea Eliade, por sua entrevista em *Combat*, 1952;
Richard I. Evans, por suas entrevistas que constituem os "Filmes de Houston" (detalhes completos na p. 276);
Michael Fordham, por extratos de *Contact with Jung*, e sua orientação e conselhos;
Marie-Louise von Franz, por examinar a transcrição dos "Filmes de Houston";
*Harper's Magazine*, pelo retrato de Jung de 1931, de E. S. Sergeant;
Hearst Magazines, por extratos do artigo de Jung de 1934 e a entrevista de H. R. Knickerbocker de 1939, ambos em *Hearst's International Cosmopolitan;*
Dr. Joseph Henderson, por informações sobre Margaret Tilly;
Her Majesty's Stationery Office, Londres, pelo artigo de F. D. Hislop, "Doutor Jung, Suponho", em *Corona*, junho de 1960;
Jasna P. Heurtley, por descobrir várias entrevistas;
Dr. James Hillman, editor de *Spring*, pela permissão para usar "Some Youthful Memories", de Albert Oeri, e a transcrição de Marian Bayes de uma conversa com estudantes, de *Spring*, 1970, e "Is Analytical Psychology a Religion?", de *Spring*, 1972, e por seus conselhos e ajuda;
Dr. George H. Hogle, por reminiscências de sua visita a Jung em 1947;
Patricia Hutchins (Graecen), por extratos de seu livro *James Joyce's World;*
Aniela Jaffé, por seus conselhos e ajuda em inúmeros detalhes;
Os Herdeiros de C. G. Jung, pelas falas de Jung nas entrevistas gravadas para rádio, televisão e cinema, e em fita fonográfica, e por sua ajuda em geral;
C. G. Jung Foundation for Analytical Psychology, Inc., Nova Iorque, por extratos do diário de Esther Harding, organizado pelo Dr. E. A. Edinger e publicado em *Quadrant;*
Major Donald E. Keyhoe, U.S. Marine Corps (Aposent.), por conselhos sobre a carta de 1968 de Lindbergh acerca de sua visita a Jung;
Dr. James Kirsch, por conselhos e informações;
Elined Prys Kotschnig, por sua tradução de extratos do diário de Charles Baudouin, em *Inward Light;*
Pamela Long, por pesquisas e muitas outras ajudas;

William McCleery, por informações sobre PM em 1945;
Dr. C. A. Meier, por conselhos e informações;
*The New York Times,* pela entrevista de 4 de outubro de 1936;
Gerda Niedieck, por ajuda e conselhos;
*The Observer,* Londres, por extratos das entrevistas de 6 de outubro de 1935 e 18 de outubro de 1936;
Victoria Ocampo, por sua entrevista de 1936 em *La Nación;*
Claire Myers Owens, por seu encontro de 1954 com Jung, e informações sobre a obra de sua autoria;
Payot (editores), Paris, por extratos de *L'Oeuvre de Jung,* de Charles Baudouin;
Cônego Howard L. Philp, por sua entrevista de 1939 e por informações;
Jane A. Pratt, por conselhos e ajuda, além de suas traduções;
Ira Progoff, por sua concordância com a publicação da entrevista de 1952 de Ximena de Angulo sobre sua tese, e por conselhos;
Dr. I. Reichstein, pelo "seminário" de Basiléia de 1958;
Lisa Ress, por descobrir várias entrevistas, além de sua tradução;
Ximena de Angulo Roelli, por sua entrevista de 1952 sobre a tese de Progoff;
Frederick Sands, por extratos de sua entrevista de 1955 no *Daily Mail;*
Schocken Books, Inc., por extratos do livro de Miguel Serrano, *C. G. Jung and Hermann Hesse: A Record of Two Friendships* (edição dos Estados Unidos), traduzido por Frank MacShade, copyrigth © 1960 por Miguel Serrano;
Scripps-Howard Newspapers, pela entrevista de 1931 de Whit Burnett;
Don L. Stacy, por chamar a atenção dos coordenadores para a transcrição de Derek Kitchin das respostas de Jung a perguntas em Oxford, 1938;
*The Sunday Times,* Londres, por extratos da entrevista de Gordon Young em 1960;
Tavistock Publications, por extratos de *Contact with Jung;*
Katharine S. White, por informações sobre sua irmã, Elizabeth Shepley Sergeant;
Dr. Harry Wilmer, por sua ajuda com uma gravação da entrevista de Stephen Black;
Helen Wolff, por extratos da carta que Charles A. Lindbergh lhe endereçou em 1968, com a concordância de Anne Morrow Lindbergh.

## *NOTA BIBLIOGRÁFICA*

CW = *The Collected Works of C. G. Jung,* coordenação geral de Herbert Read, Michael Fordham, Gerhard Adler e William McGuire, e tradução de R. F. C. Hull. Princeton e Londres, 1953-78. 20 volumes.

*The Freud/Jung Letters,* organização de William McGuire, tradução de Ralph Manheim e R. F. C. Hull. Princeton e Londres, 1974.

*Letters* = *C. G. Jung*: *Letters,* selecionadas e organizadas por Gerhard Adler, em colaboração com Aniela Jaffé, traduções do alemão por R. F. C. Hull. Princeton e Londres, 1973-75.

*Memories, Dreams, Reflections by C. G. Jung,* registrado e organizado por Aniela Jaffé, traduzido por Richard e Clara Winston. Nova Iorque e Londres, 1963. (As edições são paginadas de forma diferente; portanto, são fornecidas referências duplas de página, sendo indicada em primeiro lugar a da edição de Nova Iorque.)

*Spring*: *An Annual of Archetypal Psychology and Jungian Thought.* Zurique e Nova Iorque.

## *NOTA DO TRADUTOR*

Uma considerável proporção das entrevistas, reportagens e depoimentos que constituem esta coletânea foi traduzida para o inglês de originais em alemão, francês, italiano e espanhol. No final de cada um desses textos indica-se sempre o nome dos tradutores responsáveis pela versão dos mesmos para o inglês.

Entretanto, a pedido do organizador da edição norte-americana, William McGuire, efetuamos as traduções desses textos de suas respectivas línguas originais, mediante fotocópias que nos foram fornecidas pela Princeton University Press, editora da Série Bollingen, evitando-se nesses casos as duplas traduções.

Procedemos sempre a um minucioso cotejo com os textos em inglês, visto que, em alguns casos, os organizadores da coletânea realizaram deliberadamente cortes e resumos que tinham, obviamente, de ser respeitados. Mas sempre que apuramos diferenças de tradução entre a língua original e o inglês optamos pela primeira, por considerá-la mais fiel à intenção de Jung ou do seu entrevistador.

Finalmente, a presente tradução inclui várias corrigendas feitas no material da coletânea, depois da publicação da edição Princeton.

Álvaro Cabral

# ALGUMAS LEMBRANÇAS DA JUVENTUDE

Alberti Oeri (1875-1950), de Basiléia, foi contemporâneo de Jung, companheiro de infância, e colega de escola e na universidade de Basiléia. Doutorou-se em filologia clássica e história, após o que se tornou redator-chefe do *Basler Nachrichten* e, finalmente, membro do Conselho Nacional Suíço. Em 1935, Oeri foi convidado a colaborar numa edição comemorativa do 60.º aniversário de Jung,[1] e escreveu estas reminiscências. Foram traduzidas para publicação em *Spring*, 1970.

Embora Oeri estivesse escrevendo quarenta anos depois dos eventos e impressões que descreveu, seus encontros com Jung têm a clareza e o brilho de experiências recentes. Esta versão está ligeiramente resumida.

*

Creio que pus pela primeira vez os olhos em Jung numa época em que seu pai era pastor [da Igreja Suíça Reformada] em Dachsen-am-Rheinfall, e ainda éramos muito pequenos. Meus pais visitavam os dele — os nossos pais eram velhos amigos dos bancos de escola — e todos queriam que seus garotos brincassem juntos. Mas nada se podia fazer. Carl sentava-se no chão de um quarto, ocupava-se com um pequeno jogo de boliche, e não me prestava a mínima atenção. Como se explica que uns cinqüenta e cinco anos depois eu recorde tão bem esse encontro? Provavelmente porque eu nunca me deparara antes com tamanho monstro anti-social. Eu tinha nascido numa creche bastante populosa, onde todos brincávamos ou brigávamos juntos mas, em todo o caso, tínhamos sempre contato com gente; ele, nascera numa casa vazia — sua irmã ainda não tinha vindo ao mundo.

Nos anos intermédios de minha mocidade, visitávamos por vezes a família Jung pelas tardes de domingo na residência do pastor em Klein-Hüningen, uma comunidade das cercanias de Basiléia. Des-

1. *Die kulturelle Bedeutung der komplexem Psychologie*, volume organizado pelo Clube Psicológico de Zurique (Berlim: Julius Springer, 1935), pp. 524-528.

de o começo, Carl manifestou uma amizade espontânea por mim, porquanto se apercebeu de que eu não era maricas e queria contar com um aliado para caçoar de um primo a quem tinha nessa conta. Ele pedia a esse rapaz que se sentasse num banco existente no corredor de entrada. Quando o rapaz obedecia, Carl prorrompia em gargalhadas estentóricas, uma arte que ele reteve por toda a vida. A única razão para a sua imensa satisfação era que um velho pau-d'água estivera deitado nesse mesmo banco pouco tempo antes e Carl esperava que seu "delicado" primo ficasse desse modo fedendo a genebra. De outra vez, encenou um solene duelo entre dois colegas de escola no jardim do presbitério, provavelmente para poder mais tarde troçar dos dois. Mas quando um dos rapazes se feriu em uma das mãos, Carl ficou verdadeiramente pesaroso. Ainda mais preocupado ficou o Pai Jung, pois o incidente recordou-lhe que, em sua própria juventude, o pai do rapaz ferido, seriamente machucado durante um exercício de duelo, fora carregado para casa de seu próprio pai [o avô de Carl]. Estávamos especialmente receosos de que isso trouxesse problemas na escola. Mas quando o nosso diretor, Fritz Burkhardt, soube do acidente, limitou-se a perguntar aos "duelistas" com um sorriso benigno: "Vocês estiveram jogando esgrima?"

Fui ficando algo mais familiarizado com Jung às escondidas dele, lendo secretamente suas composições escolares à espera de correção no gabinete de trabalho de meu pai. Como meu pai geralmente permitia uma livre escolha de temas, cada aluno podia prazenteiramente apresentar o que bem entendesse, desde que tivesse alguma idéia na cabeça. E Jung tinha idéias de sobra, mesmo nessa idade, a par de uma invejável habilidade para expô-las. Não obstante, não teria recebido seu diploma se na época fosse rigorosamente observada a exigência de uma definida afirmação de proficiência em todas as matérias. Carl era, francamente, uma nulidade em matemática. Mas nesses tempos, felizmente — e sensatamente — as notas ruins eram ignoradas quando o estudante parcialmente escasso de talento era conhecido como jovem inteligente em muitas outras áreas.

Na verdade, Jung não era responsável por sua deficiência em matemática. Isso era um ponto fraco hereditário que remontava, pelo menos, a três gerações. Em 26 de outubro de 1859, seu avô escreveu em seu diário, depois de ouvir uma aula de Zöllner sobre um instrumento fotométrico: "Não entendi absolutamente nada. Assim que qualquer coisa neste mundo tem algo a ver com matemática, cai uma névoa sobre minha mente. Não censurei meus filhos por sua estupidez a esse respeito. É a herança deles." [2]

2. Ernst Jung, *Aus den Tagebüchern meines Vaters* (Winterthur, 1910). — A.O.

A propósito desta citação, aproveitarei a oportunidade para dizer algumas palavras a respeito da história da família de Jung. Seu pai era, como já se mencionou, o pastor Paul Jung, nascido em 21 de dezembro de 1842 e falecido a 28 de janeiro de 1896. Era o filho caçula do autor do diário acima referido, Dr. Carl Gustav Jung, Senior, médico e professor de medicina em Basiléia, nascido em 7 de setembro de 1795 em Mannheim, onde seu pai era conselheiro médico e doutor da corte; ele morreu a 12 de junho de 1864, em Basiléia. Carl Gustav Senior teve um estranho destino. Como jovem médico e professor de química na escola militar, uma bela carreira parecia esperar por ele em Berlim. Mas através de suas atividades como membro da associação acadêmica e por sua participação no Festival de Wartburgo, foi envolvido no turbilhão de perseguição demagógica e passou treze (segundo outras versões, dezenove) meses na prisão de Hausvogtei, sendo finalmente solto sem nunca ter sido sentenciado. Foi então para Paris, onde Alexander von Humboldt o ajudou a obter uma cátedra na universidade de Basiléia. Tinha treze filhos de três casamentos. Sua terceira esposa, mãe do pastor de Klein-Hüningen, descendia dos Freys, uma antiga família de Basiléia. Embora não fosse psiquiatra mas, por ordem, professor de anatomia, primeiro, e depois de medicina interna, ele fundou o "Instituto da Esperança" para crianças retardadas, e prodigalizou aos internados, ano após ano, entranhado amor e incansável assistência pessoais. Seu aluno, o anatomista de Leipzig, Wilhelm His, escreveu: "Em Jung, Basiléia possuía uma natureza humana extraordinariamente fina e generosa. Graças à riqueza de seu espírito, Jung animou e estimulou seus semelhantes durante décadas; seus poderes criativos e a capacidade para se entregar de alma e coração produziram frutos em benefício da universidade, da cidade e, sobretudo, dos enfermos e necessitados." [3]

Agora, pelo outro lado, a mãe de Carl Gustav Jung, esposa do pastor de Klein-Hüningen, era Emilie Preiswek de solteira, a filha caçula do mordomo de uma igreja de Basiléia, Samuel Preiswerk (19 de setembro de 1799-13 de janeiro de 1871), e de sua segunda esposa, filha de um pastor chamado Faber, de Ober-Ensingen, no Würtemberg. O avô materno de Carl Gustav Jung, tal como seu avô paterno, também tinha treze filhos. O próprio Jung forneceu algumas informações acerca da constituição psíquica da família de sua mãe em seu primeiro artigo, "Sobre a Psicologia e Patologia dos Chamados Fenômenos Ocultos".[4] O mordomo Preiswerk, administrador

3. Publicação Comemorativa da Inauguração do Vesalianum, Leipzig, 1885. — A.O.

4. Orig. 1902; *in* CW I, §§ 63 ss.

da igreja de Basiléia, era um visionário que freqüentemente experimentava cenas dramáticas inteiras, sem faltarem longas conversas com fantasmas. Também era, entretanto, um cavalheiro muito inteligente e erudito, especificamente na área da filologia hebraica. Seu livro de gramática era tido em tão alto apreço pelos judeus que, na América, um deles alterou seu nome para "Preiswerk".

Os Preiswerks são, no entanto, uma família patrícia de Basiléia e puramente ariana. O Pastor Paul Jung, diga-se de passagem, tinha um interesse em comum com seu sogro: a filologia semítica. Em Göttingen, estudara com Ewald, e era não só um teólogo mas também um doutor em Filosofia. Em resumo: aptidões e interesses científicos estão bem representados na ancestralidade tanto materna como paterna de Jung, mas aqueles que os possuíam eram tipos muito desinteressantes de eruditos.

Até onde sei, Jung nunca pensou em estudar outra coisa senão medicina. E aplicou-se vigorosamente ao seu estudo a partir do segundo semestre do ano letivo de 1894-95 em diante. Nesse inverno faleceu seu pai. Lembro-me de como, pouco antes de sua morte, aquele que fora outrora tão forte e empertigado, se lamentou de que Carl tivesse agora de o carregar de um lado para outro como um amontoado de ossos numa aula de anatomia. A mãe de Carl mudou-se com os filhos para uma casa perto do "Moinho Bottminger", na comunidade suburbano de Binningen, em Basiléia. Ela era uma mulher sensata e corajosa. Quando, certa vez, seu filho ficou até de madrugada na taverna Zofinger, pensou na mãe pelo caminho de regresso a casa e colheu um buquê de flores silvestres a título de apaziguamento.

Carl — ou "o Barril", como ainda é conhecido entre seus velhos companheiros de escola e de copo — era um membro deveras jovial do clube estudantil Zofingia, permanentemente disposto a rebelar-se contra a "Liga da Virtude", como ele apelidava os membros da associação acadêmica organizada. Raramente se embriagava mas, quando isso acontecia, era barulhento. Não era muito dado a bailes escolares, a namorar as empregadinhas da casa e outras galanterias pelo estilo. Disse-me certa vez que era absolutamente ridículo ficar dando pulinhos num salão de baile, rebocando uma fêmea qualquer, até o sujeito ficar alagado de suor. Mas depois descobriu que, embora nunca tivesse recebido lições, era capaz de dançar muito bem. Numa festa em Zofingen, enquanto dançava na majestosa *Heitern Platz,* sentiu-se irremediavelmente apaixonado, ao que parecia, por uma jovem da Suíça francesa. Na manhã seguinte, entrou numa loja, pediu e recebeu dois anéis de noivado, colocou 20 cêntimos no balcão e encaminhou-se para a porta. Mas o lojista gaguejou alguma coisa a respeito do preço dos anéis ser de tantos francos. Jung de-

volveu a mercadoria, recuperou seus 20 cêntimos e saiu da loja praguejando contra o dono que, simplesmente pelo fato de Carl possuir apenas 20 cêntimos, se atrevera a interferir em seu noivado. Carl ficou muito deprimido mas nunca mais voltou a falar no assunto e, assim, "o Barril" permaneceu sem noivar durante um bom número de anos.

Desde o início, Jung participou muito ativamente nas reuniões do clube Zofingia, onde eram lidas e discutidas comunicações repletas de erudição. Nas atas do Zofingia, do qual, diga-se de passagem, Jung foi presidente durante o primeiro semestre de 1897/98, encontro menção dos seguintes ensaios apresentados por ele: "Sobre os Limites da Ciência Exata", "Algumas Reflexões Sobre a Natureza e o Valor da Pesquisa Especulativa", "Pensamentos Sobre o Conceito de Cristandade com Referência aos Ensinamentos de Albert Ritschl".[5] Certa vez, quando não conseguimos obter um conferencista, Jung sugeriu que poderíamos organizar um debate sem especificar o tema. A ata dessa sessão diz o seguinte: "Jung, *vulgo* 'o Barril', tendo-lhe subido à cabeça o puro espírito, insistiu para que, doravante, discutíssemos questões filosóficas ainda por resolver. A proposta agradou a todos, agrado muito maior do que se poderia esperar, em virtude de nossas usuais 'circunstâncias reinantes'. Mas 'o Barril' tagarelou incessantemente durante a sessão e os demais circunstantes permaneceram mudos. Oeri, *vulgo* 'Isso', também espiritualmente ungido, distorceu, na medida em que isso ainda era possível, esses pensamentos 'barrilistas'. . ." Na reunião seguinte, Jung conseguiu que a palavra "tagarelou", por ele considerada subjetiva demais, fosse riscada da ata e substituída pela palavra "falou".

Nesse único caso, Jung fracassou naquilo que habitualmente era bem sucedido, ou seja, em dominar intelectualmente um coro ingovernável de cinqüenta ou sessenta estudantes oriundos de diferentes áreas do ensino, e induzi-los a penetrar em domínios altamente especulativos do pensamento, o que, para a maioria, era um estranho mundo encantado. Quando ele leu seu trabalho "Alguns Pensamentos Sobre Psicologia", como secretário do clube poderia ter registrado uns trinta temas de discussão. Vale lembrar que estávamos estudando na segunda metade do século XIX, numa época em que uma atitude de aberto materialismo estava solidamente estabelecida entre médicos e cientistas naturais, e quando os chamados humanistas expressavam uma espécie de crítica total e arrogante ao espírito humano. Entretanto, apesar disso, Jung, um intruso por opção, era capaz de manter todos sob seu domínio intelectual.

5. Está projetada a publicação das "Conferências Zofingia" de Jung.

Isso era possível — e não desejo escondê-lo — porque ele se instruíra corajosamente por si mesmo, estudando intensivamente literatura ocultista, realizando experimentos parapsicológicos e, finalmente, defendendo suas convicções, exceto quando elas eram corrigidas pelos resultados de estudos psicológicos mais cuidados e detalhados. Estarrecia-o que a posição científica oficial do tempo em relação aos fenômenos ocultos fosse, simplesmente, negar a existência deles, em vez de os investigar e explicar. Por essa razão, espiritualistas como Zöllner e Crookes, sobre cujos ensinamentos Jung podia discorrer durante horas a fio, tornaram-se para ele mártires heróicos da ciência. Entre seus amigos e parentes, ele arranjou participantes para as sessões. Sobre estas nada posso dizer de mais detalhado, porquanto eu estava então profundamente envolvido na crítica kantiana, ao ponto de não poder pensar em outra coisa. A minha posição psíquica teria neutralizado a atmosfera. Mas, em todo o caso, eu tinha um espírito suficientemente aberto para merecer o honesto zelo de Jung. Era realmente maravilhoso deixar-me ser lecionado por ele, quando nos sentávamos os dois em seu quarto. Seu querido cachorrinho *dachshund* fitava-me tão gravemente que parecia entender cada palavra, e Jung não perdia a oportunidade de me dizer que, por vezes, o sensível animal gemia deploravelmente, quando forças ocultas estavam ativas na casa.

Às vezes, Jung também se deixava ficar noite adentro com seus amigos mais íntimos no "Breo", um velho bar de Zofinger no bairro de Steinen. Depois, não gostava de voltar para casa a pé sozinho, atravessando a sinistra Floresta do Rouxinol até chegar a Bottminger. Portanto, quando estávamos saindo da taverna, Jung começava simplesmente falando a algum de nós sobre algo especialmente interessante, e o escolhido, sem se dar conta disso, acabava por acompanhá-lo até a porta de casa. Pelo caminho, Jung podia interromper seu discurso para assinalar: "Neste local foi assassinado o Doutor Götz", ou alguma coisa parecida. Ao despedirem-se, ele oferecia seu revólver ao amigo para a viagem de regresso. Eu não tinha medo do fantasma do Dr. Götz, nem de duendes na floresta, mas tinha pavor do revólver de Jung em meu bolso. Não tenho o menor talento para lidar com objetos mecânicos e nunca sabia se a trava de segurança estava ou não no lugar certo, ou se, em virtude de algum movimento descuidado, a arma poderia subitamente disparar.

No término dos anos de universidade, Jung optou pela psiquiatria. Como estive ausente do país durante algum tempo, não me lembro do período de transição. Ele tinha simplesmente encontrado o rumo de seu destino. Disso eu não podia ter a menor dúvida, quando o visitei uma vez durante sua residência no Burghözli [hospital psiquiátrico de Zurique] e Jung me falou de seu enorme entusiasmo pelo

trabalho. Foi algo penoso, entretanto, para este velho pecador, verificar que ele tinha começado a seguir seu mestre, Bleuler, também no caminho da total abstinência. Nessa época, ele olhava com tamanho azedume para um copo sobre a mesa que era bem capaz de fazer o vinho das melhores marcas virar o mais reles vinagre. Amavelmente, Jung levou-me a visitar a instituição, acompanhando o giro com comentários informativos. Nas enfermarias, pacientes irrequietos passeavam de um lado para o outro ou jaziam em seus leitos. Uma vez por outra, Jung entabulava uma conversa com algum deles, quando suas manias delirantes se tornavam perceptíveis. Um paciente falou ansiosamente comigo, e eu escutava-o preso de igual ansiedade, quando subitamente um punho fechado sibilou no ar junto a meu rosto. Nas minhas costas, um paciente irritado que estivera até então sentado em sua cama, erguera-se de um pulo e tentara dar-me um murro. Jung não ligou a mínima para o meu susto; em vez disso, informou-me que o homem podia atingir com uma força descomunal qualquer um que se aproximasse demais de sua cama. E, ao mesmo tempo, soltava sonoras gargalhadas que me fizeram sentir na pele daquele seu priminho maricas no presbitério de Klein-Hüningen.

[traduzido do alemão para o inglês por Lisa Ress]

# A AMÉRICA ANTE SEU MAIS TRÁGICO MOMENTO

Jung realizou sua terceira visita aos Estados Unidos em setembro de 1912, a convite da Universidade Fordham, no Bronx, Nova Iorque, para fazer conferências sobre psicanálise. Suas visitas anteriores tinham sido em setembro de 1909, pelo período de um mês, quando ele e Freud foram convidados a proferir conferências na Universidade Clark, em Worcester, Mass., e viajaram depois até às Quedas do Niagara; e em março de 1910, por uma semana, quando foi chamado a Chicago para uma consulta psiquiátrica. Quando Jung recebeu o convite Fordham, em março de 1912, ele e Freud estavam ostensivamente em termos amistosos — sua correspondência, pelo menos, ainda parecia ser cordial — mas, nos meses seguintes, suas divergências acenderam-se. As conferências de Jung na Fordham, intituladas "A Teoria da Psicanálise", mostraram ser mais uma crítica do que uma exposição da teoria freudiana. Enquanto estava em Nova Iorque, Jung não só proferiu as conferências na Fordham — num total de nove, para um público de cerca de noventa psiquiatras e neurologistas — mas realizou também diariamente um seminário de duas horas durante quinze dias, fez palestras clínicas no Hospital Bellevue e no Instituto Psiquiátrico de Nova Iorque, na Ilha de Ward, e ainda um discurso na Academia de Medicina de Nova Iorque. Não surpreende que ele atraísse a atenção de *The New York Times,* de modo que foi combinada uma entrevista e o artigo resultante saiu publicado no suplemento dominical do *Times* de 29 de setembro, sendo-lhe reservado um espaço excepcional. Havia um retrato de Jung, numa foto a três quartos feita pelo Estúdio Campbell, um estabelecimento requintado no Hotel Waldorf-Astoria; e à cabeça do artigo figurava, em cercadura, uma seleção de aforismos extraídos das próprias palavras de Jung (ver adiante). Os comentários explicativos do próprio entrevistador anônimo, que estavam interpolados a meio do texto, são dados aqui, em sua maioria, a título de introdução (em grifo).

*(O Dr. Carl Jung é o Professor de Psiquiatria e Psicologia da Universidade de Zurique, onde vem realizando há anos trabalhos de psicanálise. É sobejamente conhecido na Europa através desses trabalhos e de seus escritos. Foi ele quem levou o Dr. Sigmund Freud ao reconhecimento da escola mais antiga de psicologia e, juntos, esses dois homens destacam-se na liderança de uma escola de pensamento que*

*é considerada por muitos estudiosos do assunto a explicação mais radical da mente humana, e a mais fundamental, desde os começos de seu estudo. O Dr. Jung enfatiza o fato de a psicanálise trazer à superfície da mente consciente todas as lembranças e todos os fatores escondidos da mente inconsciente — aquilo a que até hoje se dava o nome de subconsciente. Acredita ele que, se um homem puder entender seus motivos e impulsos escondidos, adquire um novo poder.*

*É a busca desse poder, tal como se encontrará no indivíduo, na nação ou na raça, que faz da psicanálise — aos olhos de seus adeptos — o maior estudo humano que está sendo hoje levado a efeito. Tudo o que a ciência descobriu é usado por esses novos psicólogos. Todos os frutos da literatura, todos os mitos da antiguidade, servem para revelar as influências ocultas do homem e da sociedade.*

*A psicanálise adquiriu maturidade na era materialista em que os seguidores de Darwin e Spencer acreditavam possuir toda a verdade e toda a sabedoria. Todas as explicações que estavam sendo dadas eram "científicas" e baseavam-se no que parecia ser, ao cientista, um conjunto de provas intangíveis. Todas as escolas de neurologistas e psicólogos fisiológicos insistiam em afirmar que também elas eram científicas; mas havia, não obstante, muitas coisas ainda no escuro que pareciam revestir-se de valor igual a tudo o que era conhecido da mente e seu mecanismo.*

*O Dr. Sigmund Freud, de Viena, em seu estudo da histeria e da insanidade, que atraíram sua atenção como médico, foi o primeiro psicólogo a persistir na busca da causa que, como a ciência decreta, deve em todos os casos preceder o efeito. Outros psicólogos atribuíram todos os distúrbios mentais a causas físicas e, no entanto, obtiveram resultados comparativamente escassos no tratamento de certos casos. Isso levou Freud a acreditar que existia algo por trás de uma causa física, e baseou-se na teoria de que um efeito mental pode muito bem ter uma causa mental em combinação com uma física. Isso fez dele, aos olhos de seus colegas, um revolucionário, se bem que o seu método de estudo fosse mais completamente científico do que o de seus predecessores. O grande número de curas que ele pode assinalar em resultado de seu método — a psicanálise — forçou os seus antagonistas a aceitarem muito do que ele fez, mas a guerra entre o antigo e o novo método ainda prossegue na Europa, e seus ecos são ouvidos neste país, sempre que médicos se reúnem para discutir histeria, neurose e outras manifestações de perturbação psíquica.*

*O Dr. Carl Jung procede de acordo com essa mesma teoria e adicionou-lhe outros processos científicos. Suas aulas atraem multidões de estudantes, ávidos por entender o que parece a muitos ser quase um tratamento milagroso. Suas clínicas estão congestionadas de*

*casos médicos que frustraram outros clínicos, e ele encontra-se aqui nos Estados Unidos para falar sobre o seu método. Também aqui existe antagonismo, mas o Dr. Jung veio encontrar um interesse crescente na psicanálise.)*

Quando vejo tanto refinamento e sentimento como vislumbro na América,[1] espero sempre que se revele uma soma igual de brutalidade. O par de opostos — eis algo que encontrareis em toda a parte.

A América é hoje o país mais trágico do mundo.
O recato excessivo é sempre a capa da brutalidade.
O cavalheirismo do Sul é uma reação contra o seu desejo instintivo de imitar o negro.
As mulheres americanas têm que trabalhar mais arduamente do que quaisquer outras mulheres para atrair os homens de seu país.
A razão por que as moças americanas gostam de casar com estrangeiros não é o amor a títulos, mas o amor de homens que são um pouco perigosos.
A América é o mais emocional dos países, e o país com o maior autocontrole.
O esforço para manter o autocontrole em face do instinto brutal faz da América uma terra de neurastênicos.
Na América desconfia-se de um homem se ele tiver mais de uma idéia.
As esposas americanas lançaram-se em atividades sociais porque não são felizes com seus maridos. Nem os homens nem as mulheres sabem disso.
A regeneração da América depende de ter ou não coragem para se encarar a si mesma.
Eliminem a afetação de virtude e a América poderá tornar-se o maior país que o mundo já viu.
As mulheres americanas mandam em casa porque os homens americanos ainda não aprenderam a amá-las.

Vejo a maior capacidade de autocontrole do mundo entre os americanos — e busco a sua causa. Por que haverá tanto autocontrole na América, pergunto a mim mesmo, e encontro por resposta:

1. A primeira análise de Jung da sociedade americana assumiu a forma de um "Relatório Sobre a América", que ele leu no Segundo Congresso Psicanalítico Internacional em Nuremberga, em março de 1910, imediatamente após o regresso de sua segunda visita aos Estados Unidos. Esse trabalho sobrevive apenas como uma breve condensação (em CW 18, § 1284; ver também § 1285). Para mais informações sobre suas visitas americanas, ver *The Freud/Jung Letters*, pp. 245-46 (1909), 301-4 (1910) e 513-16 (1912). Para as observações posteriores de Jung sobre a psicologia dos americanos, sobretudo a sua teoria de um "complexo negro", ver "Mente e Terra" (1927), CW 10, §§ 95 ss., e "As Complicações da Psicologia Americana" (1930), CW 10. Suas conferências na Universidade Fordham, "A Teoria da Psicanálise", figuram em CW 4.

a brutalidade. O recato excessivo, a afetação de virtude, é sempre a capa da brutalidade. É uma capa necessária; ela torna a vida possível até que descubram o bruto e adquiram verdadeiro controle dele. Quando fizerem isso na América, então vocês serão o povo mais emocional, mais temperamental e mais plenamente desenvolvido do mundo.

Parece-me que vocês estão prestes a descobrirem-se. Vocês descobriram tudo o mais — toda a terra deste continente, todos os recursos, todas as coisas escondidas da natureza que podem servir-lhes para construir a vossa nação. Construíram vossas grandes cidades e encheram as cidades de teatros, e clubes, e catedrais, e escolas. Está tudo pronto e aguardando ser usado para algum grande objetivo, quando vocês se descobrirem a si mesmos. Para isso, terão que estudar o vosso autocontrole, terão que analisar vossa própria consciência, terão que admitir que estão se escondendo do vosso próprio eu desde que os puritanos e os huguenotes chegaram a este país.

Não sentirão vergonha da brutalidade quando a compreenderem e, logo que a compreendam, ela será transformada em grandes emoções que darão impulso ao vosso desenvolvimento nacional, muito além das esperanças que vocês acalentam hoje. O vosso êxito em todas as grandes realizações da arte e literatura assombrará a Europa, como hoje a assombram com vossos grandes sistemas de negócio e filantropia.

Na América, como em todos os países colonizados por uma raça de conquistadores, estes sempre caem para o nível dos conquistados, pois é muito mais fácil descer trinta metros do que subir um metro. Todo o esforço no sentido do desenvolvimento humano é para nos elevar esse metro, e se renunciarmos a qualquer das coisas que ganhamos pela civilização, escorregaremos facilmente. Na África do Sul, os holandeses, que eram no tempo de sua colonização um povo desenvolvido e civilizado, decaíram para um nível muito inferior por causa de seu contato com as raças nativas. Os habitantes nativos de um país têm que ser dominados. Na tentativa de domínio, a brutalidade cresce no senhor. Ele deve ser implacável. Deve sacrificar tudo o que é suave e refinado a fim de dominar os nativos. A sua influência é enorme; quanto mais seguro for o domínio, mais selvagem o senhor deve tornar-se. O escravo tem a maior de todas as influências, porque se mantém perto daquele que o escraviza.

Na América, os índios não influenciam vocês agora; eles recuaram diante do vosso poder e são hoje muito poucos. Eles influenciaram os vossos ancestrais. Hoje, vocês são influenciados pela raça negra, que não faz muito tempo tinha que chamar a vocês senhores e amos. No norte, a influência atual do negro não é grande. No sul, onde não lhes são concedidas oportunidades iguais às da raça bran-

ca, os negros exercem grande influência. Eles estão realmente no controle.

Notei que os vossos sulistas falam com o acento negro; vossas mulheres caminham cada vez mais como as negras. No sul, acho que o que eles chamam de sentimento, cavalheirismo e romance é apenas a capa da crueldade. Crueldade e cavalheirismo são outro par de opostos. Os sulistas tratam-se uns aos outros muito cortesmente, mas tratam o negro como tratariam sua própria mente inconsciente, se soubessem o que é isso. Quando vejo um homem dominado por uma ira desenfreada com alguma coisa exterior a ele, sei que, na realidade, ele está querendo ser brutal com seu próprio eu inconsciente.[2]

A vossa mente americana é muito direta. É muito lógica. Ocupa-se tanto, a maior parte do tempo, com o que chamamos realidade, ou seja, com as matérias-primas da vida, a fim de erigirem vossas grandes empresas, vossos grandes edifícios, que aprenderam a pensar, a raciocinar, em cima de abstrações. Se um homem na América descobre a existência de alguma pequena falha em sua empresa, a qual tem que ser preenchida para tornar o negócio eficaz, ele não pensa meramente em sua própria empresa, mas pensa na falha em relação com todas as empresas como a dele, e elabora um método, e é possível até que organize alguma grande empresa em conseqüência de ter descoberto um pequeno defeito na dele.

É a isso que eu chamo pensar em termos de abstração, e trata-se de algo que a raça humana só agora está aprendendo a fazer. Na antigüidade, eles conheciam os princípios da mecânica, mas suas mentes não estavam à altura de fazer as máquinas que expressassem esses princípios. De certo modo, quando viram o material diante deles, do qual a máquina seria feita, começaram pensando em sua forma e deliciaram-se nisso, e embelezaram-na, e decoraram-na, e perderam de vista a sua finalidade; por isso nunca lhe deram existência como uma máquina eficaz. Na América, vocês nunca perdem de vista essa finalidade — a finalidade para a qual estão projetando a

2. Interpolação do entrevistador: "Esta palavra, 'inconsciente', que o Dr. Jung usa constantemente, significa para ele tudo o que se situa abaixo do limiar daquela parte da mente que reconhecemos como consciente. Ele acredita que, em nosso crescimento, na infância e na adolescência, estamos armazenando nesse inconsciente medos e esperanças, simpatias e aversões; que recalcamos instintivamente para essa esfera de esquecimento todos os fatos que nos recusamos a enfrentar, ou que não entendemos. Em nossa maturidade, esses fatos e recordações, preconceitos e elementos passionais, têm a mesma vitalidade que no momento da repressão, e como estão escondidos não reconhecemos o papel que desempenham em nossas vidas. Há a possibilidade de que, em certos casos, dominem a mente consciente e afetem a saúde do indivíduo". Seguiram-se os parágrafos introdutórios precedentes.

grande maquinaria da vida americana. Vosso objetivo é o negócio eficiente, o tratamento eficaz da matéria-prima da vida, e por isso construíram um grande sistema.

Espera-se, porque sou europeu, que eu critique a América, e espera-se, porque sou um estudioso de psicologia, que encontre defeitos em vosso modo de pensar, no modo como a mente americana se percebe a si mesma, mas eu não sou um crítico; sou um psicanalista. Compete-me tentar compreender, e quando se compreende não se pode julgar; pois se todo o efeito tem sua causa, deve ter havido causa suficiente para os grandes efeitos que observo em vosso país, e cumpre-me buscar a causa e não censurar o efeito.

Não há dúvida que vocês sacrificaram muitas coisas belas a fim de realizarem vossas grandes cidades e o domínio da natureza. Para edificarem um mecanismo tão imenso, devem ter suprimido muitas coisas em crescimento, mas deve existir algures uma causa, e quando a descobrirem, o vosso mecanismo não representará para vocês o perigo que ele possui hoje. Seja o que for que o homem constrói é passível de o destruir, e o construtor na América está correndo o perigo de ser destruído — mas por que haveria eu de invectivá-lo por isso? Ele tem que expressar-se em grandes prédios, em trustes, em sistemas tentaculares, dos quais nós, na Europa, temos apenas os primórdios. Não aprendemos a pensar em tão grandes abstrações — e não estamos em tão grande perigo quanto vocês, americanos.

Acredito que boa parte dessa capacidade para construir em grande escala, para esmagar tudo o que estiver no caminho dessa construção, para destruir tudo o que embarace os vossos processos e sistemas, decorre de vossa ancestralidade puritana. Eles tinham aprendido a pensar abstratamente antes de virem para cá. O maior problema da Idade Média era o de aprender a pensar. Eles escolheram a maior de todas as abstrações, a idéia de Deus, e sacrificaram tudo a essa idéia. Países caíram diante dela, famílias foram por ela desfeitas, exércitos foram chacinados na tentativa de aprender a pensar em Deus, e os vossos huguenotes, os vossos puritanos, e todos aqueles para quem a idéia de Deus era maior do que qualquer outra coisa, aprenderam a pensar tão bem que abandonaram seus próprios lares, e vocês são os descendentes dessa gente. Um pensamento abstrato é sempre inexorável. É o mais perigoso e o mais maravilhoso de todos.

Assim, você deve acreditar que não sou um crítico mas estou tentando compreender. Muitas coisas que poderiam desagradar-me deixam de me causar desagrado quando entendo a causa delas. Um povo é como um indivíduo. Se sofre, um médico não deve magoá-lo, a menos que tenha a certeza absoluta de que isso faz parte da cura.

A América não vê que esteja correndo qualquer perigo. Não entende que está diante do seu mais trágico momento; um momento em que deve fazer uma escolha, dominar suas máquinas ou ser devorada por elas — e como ignora isso, eu não gostaria de lhe causar tal sofrimento.

A América é o país da doença nervosa, e em todas as doenças nervosas existe o elemento psíquico. É a testemunha dolorosa de algum conflito na alma e no corpo. Eu procuro apurar em meus pacientes o que eles estão escondendo de si mesmos, e assim, quando me acodem, sou apenas um ouvinte. Faço de minha própria mente um espaço em branco — receptivo. Não devo ter preconceitos, não devo formular qualquer julgamento acerca do estado moral ou espiritual que eles me desvendam.

Passados os primeiros momentos, em nossas entrevistas, eles falam de algo com dificuldade, e torna-se então evidente onde está o conflito. Por vezes, é muito infantil — alguma idéia equivocada que têm da vida, uma idéia que os mantém como que trancados e os impede de terem uma verdadeira existência, ao ponto de instilar neles um distúrbio nervoso como sinal de sua existência. Se o meu paciente chegar a compreender que esse conflito é real, e é trágico, e que todos os seus esforços para livrar-se dele são tão inúteis quanto indignos dele, então poderei ajudá-lo. Nesse caso, tudo o que eu aprendi pode ser colocado ao serviço dessa pessoa.

Eu estudo o indivíduo para entender a raça, e a raça para entender o indivíduo. Pergunto a mim próprio: Que influência teve a construção da América sobre o homem americano e a mulher americana de hoje? Acho que esse é um bom tema para o estudioso de psicanálise.

Existe tanta energia vital em qualquer ser humano. Em nosso trabalho, damos a isso o nome de Libido. E eu diria que a Libido do homem americano está concentrada quase inteiramente em seus negócios, de modo que, como marido, fica satisfeito por não ter responsabilidades. Ele entrega a completa direção de sua família à esposa. É a isso o que vocês chamam dar independência à mulher americana. É ao que eu chamo a preguiça do homem americano. Essa é a razão pela qual ele se conduz com tanta amabilidade e polidez em seu lar, e a razão pela qual é capaz de brigar com tanto empenho e tanta dureza em seus negócios. Sua vida real é onde está a sua luta. A parte preguiçosa de sua vida é onde está sua família.

Quando os homens ainda estão no estágio bárbaro, fazem das mulheres suas escravas. Se, embora sejam bárbaros por natureza, alguma influência os faz ver que não se atrevam a tratar as mulheres como escravas, então o que é que fazem? Eles ainda não sabem de

que modo amar algo que é igual a eles. Ignoram o que é a independência real, pelo que devem cair de joelhos diante dessa escrava e convertê-la na única coisa que eles instintivamente respeitam (mesmo quando são bárbaros): transformam a idéia de escrava em idéia de mãe. E então casam com a mãe-mulher. E respeitam-na muito, podem confiar nela. Não precisam ser os senhores. Na América, as vossas mulheres mandam em casa porque os homens ainda não aprenderam a amá-las.

Fiz muitas observações a bordo do navio que me trouxe. Notei que, sempre que o marido americano falava à esposa, havia sempre uma pequena nota de melancolia na voz dele, como se não fosse inteiramente livre; como se fosse um garoto falando a uma mulher mais velha. Ele era sempre muito polido e muito amável, e tratava-a com todo o respeito. Podia-se ver que, aos olhos dela, o marido nada tinha de perigoso e que não tinha medo nenhum de poder vir a ser dominada por ele. Mas quando alguém dizia ao marido que num outro salão havia jogo de azar e apostas, ele largava a esposa na hora; seu rosto ganhava uma expressão ávida, cheia de desejo, seus olhos ficavam brilhantes e sua voz tornava-se mais forte, mais dura e brutal. Por isso eu digo que a Libido dele, a sua energia vital, está no jogo. Ele ama o jogo. Hoje, o negócio é isso mesmo.

Estar apaixonado requer muita energia vital. Na América, são dadas tantas oportunidades para os homens e as mulheres, que não podem poupar nem um pouco de sua energia vital para o amor. Este é um país maravilhoso pelas oportunidades que oferece. Elas estão em toda a parte. Propagam-se. Correm pela superfície de todas as coisas. E assim, a mente americana corre e propaga-se e abraça o país inteiro. Mas há nisso um lado sombrio. O povo da América não tem que cavar muito fundo para viver. Na Europa, sim.

Na Europa temos muitas divisões. Veja o meu pequeno país, a Suíça. Na Suíça devemos ser suíços, porque não queremos ser alemães, nem franceses, nem italianos. E o povo da Alemanha sente da mesma maneira. Mas na América, vocês podem ser qualquer coisa. No meu país, não me oferecem tantas oportunidades. Portanto, cavo cada vez mais fundo, a fim de encontrar a minha própria vida. Na América, vocês pensam que estão concentrados porque são tão diretos, porque gostam de homens que têm apenas uma idéia de cada vez. Acho que vocês desconfiam de um homem que tem duas idéias. Mas se ele tem apenas uma, são-lhe dadas todas as chances de criar sua própria empresa. Não creio que vocês se preocupem muito com aquelas coisas que são profundas. Podem distrair-se tão facilmente. E qualquer coisa que achem desagradável

enterram imediatamente, o mais rápido possível, em vossa mente inconsciente.

O marido americano fica muito indignado quando me procura para tratamento de uma neurastenia ou de um colapso nervoso, e eu lhe digo que isso é o resultado de, por um lado, ele ser brutal e, por outro, santarrão. Vocês têm na América a fisionomia inexpressiva, como nós temos na Inglaterra, porque se esforçam arduamente por ocultar vossas emoções e vossos instintos. Na Europa temos muitas saídas para as nossas emoções. Temos uma velha civilização, a qual nos dá uma chance de vivermos como homens e mulheres. Mas na Inglaterra, mesmo há cem anos, o povo ainda é a raça conquistadora que foi tingida pelos instintos selváticos dos habitantes originais das ilhas britânicas. Os ingleses tiveram que conquistar os celtas, e os celtas viveram algumas centenas de anos em condições quase selváticas.

Na América, vocês ainda são pioneiros e têm as grandes emoções de todos os pioneiros aventurosos, mas se porventura lhes cedessem perderiam no jogo dos negócios e é por isso que praticam o maior autocontrole. E então esse autocontrole — que vos mantém coesos e vos impede de dissolução, de fragmentação — reage sobre vocês e o esforço para mantê-lo a todo o custo acaba por levá-los ao colapso.

Isso é o que eu entendo por psicanálise. A busca na alma dos fatores patológicos escondidos que, em combinação com nervos físicos, provocaram um falso ajustamento à vida. Na América, chegou agora esse trágico momento. Mas vocês ignoram que é trágico. Tudo o que sabem é que estão nervosos ou, como nós, médicos, dizemos, neuróticos. Sentem-se inquietos, constrangidos. Mas não sabem que são infelizes.

Vocês acreditam, por exemplo, que os matrimônios americanos são os mais felizes do mundo. Eu afirmo que são os mais trágicos. Digo isto não só baseado em meu estudo das pessoas como um todo mas do meu estudo dos indivíduos que me procuram. Creio que homens e mulheres estão dando sua energia vital a todas as coisas, exceto à relação entre eles. Nessa relação tudo é confusão. As mulheres são as mães de seus maridos, tanto quanto de seus filhos; entretanto, existe nelas, ao mesmo tempo, o velho desejo primitivo de serem possuídas, de se entregarem, de se renderem. E nada existe no homem que justifique a rendição delas, exceto sua cortesia, sua amabilidade, sua generosidade, seu cavalheirismo. Seu competidor, seu rival nos negócios, deve render-se, mas ela não precisa.

Não existe país no mundo onde as mulheres tenham que empenhar-se tão arduamente para atrair a atenção dos homens. Existe no vosso Museu Metropolitano um baixo-relevo que mostra as don-

zelas de Creta em uma de suas danças religiosas em redor do seu deus em forma de touro.[3] Essas jovens de 2000 anos A.C. usam os cabelos em coque; as mangas de suas vestes têm fofos; suas cinturas são muito finas; estão trajadas de modo a mostrar todas as linhas de suas figuras, deixando entrever o contorno de seus corpos esbeltos, exatamente como as vossas mulheres se vestem hoje.

Nesses tempos, as razões que tornavam necessário atrair dessa maneira os homens para elas estavam relacionadas com a moral do país. As mulheres estavam desesperadas, tal como estão hoje, sem que o soubessem. Em Atenas, 400 ou 500 anos antes de Cristo, houve até uma epidemia de suicídio entre as jovens, a qual só terminou quando o Areópago decidiu que a próxima jovem que pusesse fim à vida por suas próprias mãos seria exibida nua pelas ruas de Atenas. Não houve mais suicídios. Os juízes atenienses entendiam de psicologia sexual.

Na Quinta Avenida, vem-me constantemente à lembrança esse baixo-relevo. Todas as mulheres, por suas roupas, pela ansiedade de suas fisionomias, pelo seu modo de andar, estão tentando atrair os cansados homens de seu país. O que elas farão quando fracassam, não posso dizer. Pode ser que, então, decidam enfrentar-se a si mesmas, em vez de fugirem de si mesmas, como fazem agora. Usualmente, os homens são mais honestos consigo próprios do que as mulheres. Mas, neste país, as mulheres dispõem de mais tempo de lazer que os homens. Idéias circulam facilmente entre elas, são discutidas em clubes, e assim talvez elas sejam as primeiras a indagar se o vosso país é feliz ou infeliz.

É possível que vocês estejam a caminho de produzir uma raça que é formada, em primeiro lugar, de seres humanos, e só secundariamente de homens e mulheres. É possível que estejam prestes a criar a verdadeira mulher independente, aquela que sabe que é independente, que se sente responsável pela sua própria independência e, com o tempo, acabará entendendo que deve dar espontaneamente aquelas coisas que, até agora, apenas permite que lhe sejam arrebatadas quando finge ser passiva. Hoje, a mulher americana ainda está confusa. Quer independência, quer ter liberdade para fazer tudo, quer ter todas as oportunidades que os homens têm e, ao mesmo tempo, quer ser dominada e possuída pelo homem, à maneira arcaica da Europa.

Vocês pensam que as vossas jovens preferem arranjar maridos europeus porque elas ambicionam títulos. Eu digo que é porque, no

3. O que Jung viu foi, evidentemente, uma cópia de um afresco de Knossos, uma nova aquisição na Galeria das Reproduções. Já não está em exibição. O afresco original é reproduzido em Arthur Evans, *The Palace of Minos at Knossos,* vol. 3 (1930), prancha XVIII.

fim de contas, elas não são diferentes das moças européias; gostam do modo como o homem europeu faz o amor e gostam de sentir que somos um pouco perigosos. Elas não são felizes com seus maridos americanos porque não têm medo deles. É natural, embora seja arcaico, que as mulheres queiram sentir-se temerosas quando amam. Se não querem sentir medo, então talvez estejam ficando verdadeiramente independentes e é possível que vocês estejam produzindo a "nova mulher" autêntica. Mas até agora o homem americano não está preparado para a real independência na mulher. Ele apenas quer ser o filho obediente de sua mãe-esposa. Existe uma grande obrigação para o povo americano — que ele próprio terá que enfrentar: é a obrigação de admitir o seu momento de tragédia no presente, admitir que só tem um grande futuro se tiver a coragem de se enfrentar a si mesmo.

# DOS APONTAMENTOS DE ESTHER HARDING: 1922, 1925

M. Esther Harding nasceu na Inglaterra em 1888, diplomou-se em medicina na universidade de Londres em 1914 e iniciou sua análise pessoal com Jung nos começos da década de 1920. Em 1923, estabeleceu-se em Nova Iorque como psicóloga analítica e, nos anos seguintes, tornou-se o mais destacado expoente da psicologia de Jung nos Estados Unidos. Após sua morte em 1971, seus apontamentos das conversas com Jung foram encontrados entre seus papéis, e seu testamenteiro literário, Dr. Edward F. Edinger, selecionou-os e organizou-os para publicação.[1] No verão de 1922, Esther Harding tinha ido para Küsnacht, perto de Zurique, a fim de trabalhar com Jung.

Küsnacht, 3 de julho [1922]

O Dr. Jung disse que a função inferior está unida ao coletivo: é apenas uma parcela de natureza e, como tal, deve primeiro ser aceita e a ele adaptada... A função superior está em nossas mãos e podemos empregá-la para nossos usos. A inferior é que manda em nós e devemos adaptar-nos a ela. Contudo, é natureza; existe aí vida. A coisa que queremos que nasça deve primeiro ser encontrada. A forma em que crescerá mais tarde será o objeto de busca, e a busca pode ser longa...

4 de julho

Comecei por descrever como tinha sempre tanta coisa a dizer antes de entrar no gabinete, de modo que tinha de selecionar meus

1. Em *Quadrant* (Nova Iorque), VIII:2 (inverno de 1975), uma edição comemorativa do centenário de nascimento de Jung. Para outros extratos dos *apontamentos* de Esther Harding, ver adiante, pp. 170, 325 e 385. Os textos foram tomados *verbatim* dos papéis da Dra. Harding, exceto por pequenas correções gramaticais.

pensamentos por causa dos numerosos matizes de significado. Jung concordou em que minha linguagem era escassa e, no entanto, achou que ela estava repleta de alusões. A linguagem dos extrovertidos é minguada e pobre, mas profusa, de modo que, embora o que eles querem dizer possa ser muito insignificante, pelo menos quando terminaram disseram o que se propunham dizer. Depois explicou que, quando fala com um extrovertido, tem que reduzir seu pensamento; também tem que fazer essa redução quando está falando com um introvertido, porque o pensamento de um introvertido, mesmo que fosse ampliado num livro, nunca seria inteiramente expresso...

Eu estivera tentando descobrir o significado de meu *lapsus linguae* e pensei que fosse em protesto contra a dificuldade extra da posição feminina a respeito da busca da anima. Ele negou isso. Disse que um homem deve adotar uma atitude feminina, enquanto uma mulher deve combater seu animus, uma atitude masculina. Eu perguntei: "É por isso que eu sempre quero combater você?" E ele respondeu: "Na medida em que eu sou o seu animus. Enquanto você estiver identificada com o seu animus, é inevitável que o projetará em mim. E então, se me combater com ele, que é demoníaco, eu chamo o *meu* demônio, a minha anima, em minha ajuda, e são dois casais brigando. Você terá então uma briga dos diabos." É isso o que acontece, disse ele, quando você entra numa transferência recíproca. Mas como não é provável que ele seja [palavra ilegível], eu não preciso temer que lhe aconteça isso.

Depois, começou explicando como acontece a uma mulher profissional viver seu animus. A situação profissional é nova para a mulher e requer uma nova adaptação, e isso, como sempre, é prontamente fornecido pelo animus. Por outro lado, a análise requer uma nova adaptação por parte do homem, pois ficar sentado, quieto e tentando pacientemente compreender a mente de uma mulher está longe de ser uma atitude masculina. A única ocasião em que ele o faz é como amante com a sua amante; não o fará com sua esposa, porque ela é apenas sua esposa. No amor, a anima dele mostra-lhe como fazer. Ele arvora então uma ternura feminina e usa a linguagem de trapos de um bebê, que ele aprendeu outrora com sua mãe; invoca a imagem eterna do feminino em si mesmo. Mas [na análise] isso não basta. [O analista masculino] tem que aprender a feminilidade de um homem, que não é a anima. Não deve permitir que a sua masculinidade seja sobrepujada, ou que sua fraqueza provoque o animus na paciente.

Analogamente, a mulher profissional assume o animus, o protótipo do pai, e desenvolve uma onipotência, [uma imitação de] o herói, em vez de desenvolver a masculinidade da fêmea. Esse ani-

mus é o homem *primitivo,* e os homens querem reagir-lhe com os punhos. Mas, como se trata de uma mulher, esse caminho está-lhes barrado; assim, eles evitam-na — tal como um homem que vive sua anima é evitado por todas as mulheres realmente femininas.

O Dr. Jung passou então a falar da força da feminilidade, como é maior do que qualquer [imitação da] adaptação masculina, e como uma mulher que é mulher da cabeça aos pés pode permitir-se ser masculina, tal como um homem que está seguro de sua masculinidade pode permitir-se ser terno e paciente como uma mulher...

Em seguida, falou sobre o Eu, e como este pode ser separado dos demônios. Reiterou que as palavras no domínio do espírito são criativas e cheias de poder. Eu perguntei: "Você quer dizer como *Logos*?" Jung respondeu: "Sim. Deus falou e criou a partir do caos — e aqui todos somos deuses para nós mesmos. Mas use aqui poucas palavras, palavras de que você esteja segura. Não faça uma longa teoria ou acabará emaranhada numa rede, numa armadilha."

Depois falou do medo. Disse ele: "Tenha medo do mundo, porque é grande e forte; e tema os demônios interiores, porque são muitos e brutais; mas não tenha medo de si mesma, porque esse é o seu Eu". Eu disse que temia abrir a porta, com receio de que os demônios saíssem e destruíssem. Jung respondeu: "Se você os encerra, também seguramente destruirão. A única maneira de delimitar o Eu é pelo experimento. Vá tão longe quanto deseja ir, e não tardará em descobrir que foi até onde suas próprias leis permitem. Se sentir medo, seja corajosa o bastante para fugir. Encontre um buraco para esconder-se, pois essa é a ação de um homem bravo, e assim fazendo está exercendo coragem. Em breve o impulso de covardia estará extinto e a coragem tomará o seu lugar." Eu disse: "Mas como parecerei irremediavelmente instável e cambiante!" Ele replicou: "Então seja instável. Uma nova estabilidade se reafirmará. Vivemos para as outras pessoas ou para nós mesmos? Este é o lugar onde uma pessoa deve aprender a verdadeira abnegação, o altruísmo autêntico."

A lei foi feita pelo homem. Nós a fizemos. Portanto, está abaixo de nós e nós podemos estar acima dela. Como disse S. Paulo: "Estou redimido e liberto da lei". Ele compreendeu que, como homem, ele a fizera. Assim, um contrato tampouco pode vincular-nos, pois quem o faz também pode rompê-lo.

E assim, também o vício, se admitido sinceramente como um meio de encontrar e expressar o Eu, não é vício, pois a sinceridade desassombrada o extirpa. Mas quando somos limitados por uma barreira artificial, ou por leis e moralidades que penetraram em nós, então somos impedidos de descobrir, ou mesmo de ver, que existe

uma barreira real do Eu fora dessa barreira artificial. Se rompermos essa barreira artificial, tememos encontrar-nos no espaço ilimitado. Mas, dentro de cada um de nós, é o *Eu auto-regulador.*

5 de julho

Inicio a hora dizendo a Jung que algo maravilhoso me acontecera ontem, que as suas considerações sobre a relação do animus tinham esclarecido muitas coisas, de modo que tudo se encaixava em seus lugares e eu sentia-me agora muito diferente. Disse que tínhamos tratado ontem da relação negativa com o animus, mas que também devia existir uma relação positiva. Respondeu que certamente devia haver — mas que a parte importante da análise era aclarar esse ponto negativo, pois constitui o ponto em que se inicia a crescente diferenciação do inconsciente. Enquanto isso não ficar claro, a voz do animus é como a voz de Deus dentro de nós; em todo o caso, respondemos-lhe como se fosse. Quando não nos apercebemos do aspecto negativo do animus, ainda somos animais, ainda ligados à natureza, portanto, inconscientes e menos que humanos. Precisamos atingir um grau superior de consciência, o qual deve ser buscado *nesse* ponto. Descobrimos então um novo país. E é nossa responsabilidade cultivá-lo. ("Para o que sabe fazer o bem e não o faz, para ele isso é pecado.") Também a lenda de Cristo e do homem trabalhando no Sábado, a quem Ele disse: "Se tu sabes o que fazes, abençoado sejas! Mas se não sabes o que fazes, maldito sejas!" Se somos conscientes, a moralidade deixa de existir. Se não somos conscientes, ainda somos escravos, e somos amaldiçoados se não obedecemos à lei. Disse ele que, se pertencemos à igreja secreta, então fazemos parte dela e não temos por que nos preocupar mas podemos seguir nosso próprio caminho. Se não pertencemos, nenhuma soma de ensinamentos ou organização nos pode levar para ela.

Então eu interroguei-o acerca de uma única figura de animus, e ele disse: "Muitas almas são jovens; elas são promíscuas; são prostitutas no inconsciente e vendem-se barato. São como flores que desabrocham, morrem e surgem de novo. Outras almas são mais velhas, como as árvores e as palmeiras. Elas encontram, ou devem buscar, um animus completo, que talvez sejam muitos em um. E quando o encontram, é como fechar um circuito elétrico. Então conhecem o significado da vida.

"Mas ter um animus como um arquimandrita[2] é como dizer: Tu és um sacerdote dos Mistérios. E isso requer uma grande hu-

2. A Dra. Harding tinha sonhado com um abade, um arquimandrita. — E.F.E. visitou o Grand Canyon no dia de Ano Novo de 1925, e depois o

mildade para contrabalançar. É preciso descer ao nível dos ratos. E, tal como uma árvore, tão grande quanto a altura de seus ramos, assim devem ser profundas as suas raízes. E o significado da árvore não está nas raízes nem na fronde, mas na vida que circula entre elas."

Perguntei-lhe então como conseguir a média entre os dois mundos, entre o mundo do inconsciente e o da realidade. Ele respondeu: "Você é a mediadora. É na sua vida imediata que eles se encontram. No pleroma eles fundem-se — na natureza são um só — e o primitivo está sempre lutando contra a sua unicidade. O glaciar está sempre presente. A nossa civilização encontra uma adaptação que satisfará essas coisas por algum tempo, e elas aquietam-se. Depois, começam a vir à tona outra vez, e novamente encontramos uma nova adaptação, e elas aquietam-se uma vez mais. Hoje, estamos num período de grande transição, e elas avançam outra vez. Finalmente, tragarão o homem, mas não voltará a ser a mesma coisa, pois ele atingiu a união dos opostos através de sua separação. Possivelmente, depois do homem virá um período do animal e logo as plantas — quem sabe? — e quem ou o que conduzirá o facho da consciência? Quem sabe?"

Em dezembro de 1924, Jung foi para os Estados Unidos — era a sua primeira visita desde a Guerra —, tendo-se deslocado para o sudoeste. Acompanhado de amigos norte-americanos, na passagem do Ano Novo visitou o Grande Canyon; daí, de automóvel, o grupo seguiu viagem pelo Arizona e o Novo México, até Taos, onde Jung passou um dia ou dois com os índios pueblo. Jung retornou a Nova York pelo sul e, em 14 de janeiro, embarcou para a Europa.

*

Nova Iorque, 13 de janeiro [1925]

O Dr. Jung fez uma palestra no apartamento da Dra. Mann, na Rua 59.[3] Dissertou sobre psicologia racial e disse muitas coisas interessantes acerca dos ancestrais e como eles parecem estar na

---

grupo atravessou de carro o Arizona e o Novo México até Taos, onde Jung passou um dia ou dois com os índios Pueblo. Regressou a Nova Iorque pelo sul e embarcou de volta à Europa em 14 de janeiro.

3. A Dra. Kristine Mann (1873-1945), um dos fundadores do Clube de Psicologia Analítica de Nova Iorque e de sua biblioteca, que hoje tem o nome dela em sua homenagem.

terra. Como prova disso, falou das mudanças morfológicas nos crânios de pessoas nos Estados Unidos e na Austrália.

Disse ele que na América existe uma certa falta de reverência, uma certa crueldade. Os ancestrais não são aqui considerados, os seus valores não são respeitados. Falou da "simplicidade" dos americanos, a qual seria impossível para os europeus, por causa das inúmeras considerações a que devem prestar a devida atenção. Os americanos desprezam-nas completamente; na verdade, são profundamente inconscientes delas.

*

Na primavera, a Dra. Harding foi novamente a Küsnacht para trabalhar com Jung.

Küsnacht, 13 de maio

O Dr. Jung falou sobre as várias formas de relações, sobre sexualidade, sobre amizade (que é desejo mitigado, com suas obrigações para escrever freqüentemente, etc.). Existe uma terceira espécie de relacionamento, o único duradouro, o qual é como se entre dois seres humanos existisse um fio telegráfico invisível. Disse ele: "Eu dou-lhe o nome, para mim mesmo, de o Fio Dourado". Este pode ser camuflado por outras formas de relações. E outras formas podem estar presentes sem que nelas exista esse fio. Somente quando o véu de *maya,* da ilusão, se rasga para nós, é que podemos começar a reconhecer o Fio Dourado.

Prosseguiu falando sobre as três realidades que compõem o estado individuado: Deus; o Eu; e Relacionamento Harmônico. Ou, em termos cristãos: Deus, Pai e Filho; o Espírito, ou Eu; e o Reino do Céu.

E assim como é impossível individuar sem relacionamento, também é impossível ter relações reais sem individuação. Pois, caso contrário, a ilusão intervém continuamente, e não sabemos onde estamos.

# "DOUTOR JUNG, SUPONHO"

Em outubro de 1925, Jung embarcou numa expedição à África Oriental com dois amigos. Com a sanção do *Foreign Office*, em Londres, o safári foi denominado a "Expedição Psicológica Bugishu"; percorreu o Quênia e Uganda em novembro e dezembro desse ano, e em janeiro de 1926 o grupo viajou Nilo abaixo até Khartoum, seguindo daí para o Egito e depois para casa. Jung fez brilhantes descrições dessa viagem em seu *Erinnerungen, Träume, Gedanken* [Lembranças, Sonhos e Pensamentos], capítulo 9, "Reisen" [Viagens], e numa carta para um seu vizinho de 18 anos, Hans Kuhn, que ele escreveu em Uganda no dia de Ano Novo de 1926 (Ver *Cartas*, vol. I).

O artigo que se segue, de autoria de Francis Daniel Hislop, um funcionário colonial britânico aposentado, foi publicado em *Corona: The Journal of Her Majesty's Overseas Service* (Londres), junho de 1960.

*

Apesar das crescentes facilidades existentes hoje em dia para viajar, imagino que deve ser ainda incomum para um jovem funcionário governamental num posto do interior ver-se fazendo as honras da casa a um grande pensador europeu do calibre de Carl Gustav Jung, de Zurique. No entanto, eu tive essa experiência memorável há muito tempo, e ocorreu porque Jung, de um modo bastante insólito, andava passeando, mais ou menos perdido, num carro de safári.

Isso aconteceu em 1925, quando eu era Comissário Distrital Adjunto em Kapsabet, um posto governamental para o distrito de Nandi, no Quênia, um lugar que, nesses tempos, estava fora de todos os caminhos, como se costuma dizer. Uma tarde, estava eu regressando ao meu bangalô, localizado à margem da estrada principal, atrás de um renque de árvores, quando vi um grande carro de safári, de carroceria de madeira, estacar subitamente à beira da estrada. Ora, essa estrada principal era magnificamente ampla, orlada de enormes eucaliptos que nela projetavam sua sombra, e parecia levar a algum lugar importante. Mas, lamentavelmente, logo atrás de minha casa, convertia-se sem qualquer transição numa pista abandonada de terra batida. Era, de fato, parte da antiga Estrada Sclater

para Uganda para caravanas a pé, na década de 1890. Tinha sido literalmente marginalizada quando a estrada de ferro atingiu Kisumu, e substituída em 1901 por uma rodovia mais ao sul, a qual tornava mais fácil a conexão com Uganda cruzando o Lago Vitória.

Tudo isso explica porque o carro tinha parado; os três europeus que viajavam nele tinham visto onde a estrada boa findava, nos limites da aldeia, e ficaram intrigados. Saltaram do carro e estavam olhando especulativamente para mim, enquanto eu me acercava.

— Boa tarde, — disse eu. — Posso ajudá-los de alguma forma? Sou o C.D.A. deste posto.

O mais alto dos três, um homem de rosto rubicundo, respondeu:

— Estamos tentando chegar ao Monte Elgon e gostaríamos de saber qual o melhor caminho para lá.

Expliquei-lhes que não havia estrada direta de Kapsabet para Elgon e que não havia a menor possibilidade de lá chegarem com luz do dia. Informei-os de que Elgon, onde eu estivera recentemente por várias semanas em missão de fronteira, era uma vasta região acidentada, em virtude de sucessivos contrafortes, e teriam de percorrer umas setenta milhas por estradas de terra, ou por Kakamega ou por Eldoret, até entrar nela. Depois, haveria mais vinte milhas para chegar ao topo da montanha.

— Não estamos interessados no topo, — disse o porta-voz do grupo. — Queremos chegar apenas aos contrafortes.

Do ponto onde estávamos em pé, junto do carro, podíamos ver os contornos azulados do Elgon, na direção noroeste, esbatidos pela usual neblina que o envolvia. Enquanto todos nós o olhávamos, pensando, suponho eu, como o vôo dos abutres parecia colocar o Elgon bem mais perto, enfatizei de novo que não poderiam alcançá-lo com luz do dia, e sugeri que tomassem o chá comigo, rodassem depois até ao hotel de Eldoret, distante trinta milhas, e saíssem refeitos pela manhã cedo.

O homem alto disse então:

— Eu sou o Dr. X (o nome escapou-me e nunca descobri quem ele era).[1] Este é o Dr. Jung. — Indicou um homem corpulento, de

---

1. Helton Godwin Baynes (1882-1943), médico e psicoterapeuta inglês, um dos principais discípulos e intérpretes de Jung. Traduziu *Tipos Psicológicos* e outras obras de Jung. Baynes filmou a expedição africana; esse filme sobreviveu e é exibido algumas vezes. Para fotografias da expedição, ver *Letters*, vol. I, prancha IV. [*N. do T.* H. G. Baynes é também o autor de um clássico da psicologia analítica, *Mythology of the Soul* (Mitologia da Alma), uma pesquisa do inconsciente através dos sonhos e desenhos de esquizofrênicos.]

meia idade, com um rosto entre corado e bronzeado pelo ar do campo. — E este é o Sr. Douglas, nosso secretário, um americano.[2]

Douglas era um jovem de uns 25 anos, de compleição atlética e bonita figura trigueira. Parecia entediado com a conversa e não me lembro de o ter ouvido proferir uma única palavra. Talvez fosse o secretário perfeito. Por outro lado, notei que não tinham criados africanos com eles, e ocorreu-me mais tarde que talvez isso explicasse o ar soturno do jovem Douglas.[3]

Conduzi os três homens ao meu bangalô, e em volta do chá o Dr. X tomou de novo a palavra.

— Poderá parecer-lhe um pouco estranho, — disse ele, — mas somos, de fato, psicólogos que pretendemos realizar um trabalho de campo.

Tive um sobressalto mental.

— O senhor disse Dr. Jung?

O homem corpulento sorriu e disse:

— Sim, eu sou o Dr. Jung.

— De Zurique?

— Sim, de Zurique. — Parecia surpreendido e encantado.

— Não consigo imaginar, — disse eu, — que espécie de trabalho de campo poderão realizar no Elgon...

O Dr. X explicou:

— O Dr. Jung está interessado em sonhos e sua interpretação e, tendo-os estudado entre pessoas altamente civilizadas na Europa, quer agora recuar ainda mais e ver se poderá aprender alguma coisa com um povo razoavelmente primitivo. Depois de examinarmos as possibilidades de diversas regiões, decidimos que as tribos do Monte Elgon eram as que melhor se ajustavam ao nosso intento. Por isso, — concluiu — estamos dedicando nossas férias de verão a esse trabalho.

Eles estavam pensando, ao que parecia, em contatar os Karamojong ou os Sabei, e disse-lhes que essas tribos estavam localizadas em Uganda, até onde eu sabia num Distrito Fechado, o que significava que teriam de obter uma licença para aí entrar do Comissário Provincial em Mbale. Eles pareceram um tanto desconcertados, e passei rapidamente a uma outra fraqueza óbvia nessa expedição psicológica.

---

2. George Beckwith, um jovem amigo americano de Jung. Faleceu num acidente pouco depois de regressar a casa da expedição africana.

3. De acordo com o relato de Jung, o safári incluiu depois cinco criados, uma coluna de carregadores, e dois automóveis. A expedição, que tinha status semi-oficial, recebeu também uma escolta militar de três soldados para a viagem rumo à região do Monte Elgon.

— Como é que os senhores, — perguntei, — se propõem comunicar com essa gente?

— Pensamos nisso, — informou o Dr. X, — e o Dr. Jung aprendeu Swahili com esse objetivo.

— Sim, — confirmou o Dr. Jung. — Passei seis semanas estudando Swahili.

— Acontece, — disse eu, num tom algo displicente, — que os Karamojong e os Sabei têm suas línguas próprias e não falam Swahili.

O Dr. Jung disse estar informado de que o Swahili era a língua franca e todos a falavam. Expliquei que, embora o Swahili fosse, de fato, a língua franca da África Oriental, isso significa apenas que podiam ser encontradas em qualquer parte pessoas que a falavam e entendiam mas que, na verdade, a maioria dos africanos, incluindo a grande maioria das mulheres, não falava Swahili mas apenas o seu idioma tribal. Além disso, quanto mais primitiva era a tribo, menores eram as probabilidades de encontrar alguém que falasse Swahili. Disse que teriam de usar intérpretes e provavelmente a Administração estaria em condições de os ajudar nisso. Evitei cuidadosamente sugerir que talvez fosse necessário para eles contarem com intérpretes que soubessem inglês, pois isso seria duvidar do domínio que o Dr. Jung teria do Swahili e, por tudo o que eu sabia dele, um homem de sua capacidade intelectual poderia muito bem aprender em seis semanas mais Swahili do que eu em seis anos. Como um profeta de catástrofes, prossegui dizendo que, mesmo com bons intérpretes, encontrariam consideráveis dificuldades porque, quanto mais primitiva é uma tribo, mais puramente materialista é a sua língua. O Swahili é um veículo pobre para expressar quaisquer idéias abstratas ou emoções, e tinha a certeza de que as línguas Karamojong e Sabei seriam ainda piores nesse aspecto. Neste ponto, o Dr. X observou que essa situação não era inesperada e que eles tinham seus próprios métodos de obter resultados. Isso, é claro, imediatamente me calou e o Dr. Jung aproveitou a pausa para me interrogar sobre as condições de acampamento no Elgon.

Finalmente, ele entrou no assunto das cavernas do Elgon.

— Já esteve no interior delas? — perguntou.

— Estive em uma, — respondi.

— O que foi que encontrou lá dentro?

— Moscas.

O Dr. Jung soltou uma gargalhada tronitroante e o Dr. X riu um pouco mais moderadamente, mas o jovem Douglas dirigiu-me uma espécie de sorriso azedo, como se eu tivesse tomado uma liberdade indevida com o grande homem. Expliquei então que a gente que vivia no Elgon sempre usara as cavernas para abrigar o gado, e o

piso delas estava coberto de esterco e excrementos de cabras e ovelhas, formando uma camada profunda. Nesse terreno propício medravam incontáveis milhões de moscas. Visitar uma dessas cavernas com botas de borracha e uma lanterna elétrica fora mais do que suficiente para mim.

— Sei, é claro, — disse eu, — o que os senhores têm em mente: pinturas ou coisa parecida, pelo homem primitivo ou mesmo pré-histórico. De fato, era isso o que eu procurava na caverna que visitei, mas não encontrei nada. Existem, porém, inúmeras cavernas. Nunca ouvi falar de relíquias desse tipo em qualquer delas, mas ignoro se todas as cavernas já foram visitadas, mais especialmente por observadores especializados. É possível que os senhores tenham sorte e encontrem alguma coisa até agora por descobrir. As moscas são um belo fator de dissuasão.

Pouco depois, agradeceram-me calorosamente e eu coloquei-os na estrada para Eldoret.

É estranho que eu nunca mais tenha ouvido falar dessa expedição psicológica, embora me mantivesse atento às notícias. A menos que dispusessem de recursos e tivessem preparado planos de trabalho sobre os quais não me falaram, não posso deixar de pensar que esse safári dificilmente produziria quaisquer resultados úteis. Por outro lado, acabo de folhear a edição corrente do *Who's Who* e, no nome "Jung, Carl Gustav" (que ainda está vivo; vi-o na televisão não faz muito tempo),[4] leio: "Passatempos: vela, pesquisas sobre psicologia primitiva no Quênia Setentrional, 1925-26, e outras viagens"; estou mais intrigado com as datas, "1925-26", pois que, ou o Dr. Jung e seus amigos ficaram mais tempo do que supus ser a intenção deles, ou voltaram no ano seguinte, em cujo caso apenas posso supor que estariam um pouco melhor preparados do que em seu empreendimento inicial.

E qual foi o resultado das "Pesquisas sobre psicologia primitiva no Quênia Setentrional" do Dr. Jung? A verdade compele-me a afirmar que ignoro. Isso foge por completo à minha área.

4. Ver adiante, a entrevista da BBC com John Freeman, pp. 372.

# TRÊS VERSÕES DE UMA CONFERÊNCIA DE IMPRENSA EM VIENA

Jung foi convidado a proferir uma conferência no prestigioso *Kulturbund* de Viena, em 22 de fevereiro de 1928, e um dia ou dois antes foi entrevistado — simultaneamente, segundo parece — por vários representantes da imprensa vienense. No dia 21 de fevereiro, relatos diferentes foram publicados em outros tantos jornais, e três deles são aqui reproduzidos. Embora certos temas se repitam em cada artigo, os repórteres captaram diferentes aspectos dos comentários de Jung, e expressaram-nos em diferentes termos. Os artigos são complementares, cada um deles fornecendo detalhes que faltam nos outros, mas é duvidoso se qualquer deles reproduziu as palavras textuais de Jung.

O *Kulturbund* era uma sociedade cultural que patrocinava conferências por muitos escritores, cientistas e figuras políticas europeus, e o convite a Jung tinha sido feito pela vice-presidente executiva dessa agremiação, Jolande Jacobi (1890-1973). Em 1938, após a ocupação nazista da Áustria, a Dra. Jacobi emigrou para Zurique, tornou-se uma destacada discípula de Jung e foi um dos fundadores do Instituto C. G. Jung.*

## *I. O Domínio do Inconsciente* [1]

Voltar de novo a Viena, após uma ausência de dezoito anos,[2] é voltar à cidade de onde a fama de Sigmund Freud irradiou para o mundo. Embora diferenças de opinião científica tenham provocado um certo afastamento entre o Professor Freud e eu, uma dívida de

---

* Jolande Jacobi foi, além disso, a autora da introdução às obras completas de Jung [*Die Psychologie von C. G. Jung,* Rascher, Zurique, 1940] e de dois livros fundamentais: *Der Weg zur Individuation* [O Caminho Para a Individuação] (1965) e *Komplex, Archetypus, Symbol* [Complexo, Arquétipo, Símbolo] (1957) para o estudo da psicologia junguiana. (*N. do T.*)

1. "Das Reich des Unbewussten", *Neue Freie Presse,* 21 de fevereiro de 1928; publicado como se fosse de autoria de Jung.

2. A última visita de Jung a Viena tinha provavelmente sido em 25-30 de março de 1909, quando ele e sua esposa visitaram Freud. Ver *The Freud/ Jung Letters,* 137J-139F; também 187F n. 1, a respeito da afirmação de

gratidão, entretanto, impele-me a reverenciar Freud e Janet [3] como os homens que me guiaram em minha carreira científica. Viena também significa para mim reencontrar um médico cujas teorias têm ligações e afinidades muito importantes com o meu próprio sistema. Refiro-me ao Dr. Bernhard Aschner, cujas teorias da constituição [*Konstitutionslehre*] e patologia humoral [*Humoralpathologie*] [4] possuem um análogo psíquico em meu sistema de psicanálise. No século XIX, o século da tecnologia e da ciência exata, desviamo-nos imenso da intuição de períodos anteriores da história. O pensamento puramente intelectualista, analítico, atomístico e mecanístico empurrou-nos, em minha opinião, para um beco sem saída, porquanto a análise também requer síntese e intuição. A patologia humoral de Aschner, que, diga-se de passagem, redescobriu técnicas médicas baseadas predominantemente na intuição, através da sua tradução de Paracelso,[5] é uma prova, para mim, de que os mais importantes vislumbres sobre a natureza íntima do corpo e da mente podem ser adquiridos por métodos que não são puramente racionalistas.

É-me difícil descrever em poucas palavras as características especiais de meus ensinamentos. Para mim, a coisa essencial é a investigação do inconsciente. Ao passo que Freud sustenta que, a fim de curar as neuroses, as quais derivam todas, como sabeis, de raízes sexuais, é suficiente tornar o inconsciente consciente, eu sustento ser necessário coordenar com a consciência as atividades que fluem da matriz do inconsciente. Procuro canalizar as fantasias do inconsciente para a mente consciente, não para destruí-las mas com o objetivo de as desenvolver. No caso de um negociante neurótico, por exemplo, eu pude mostrar que a sua neurose é devida às suas inclinações artísticas insatisfeitas. Examinando os seus sonhos, descobrirei agora qual é o seu dom especial, e as curas mais satisfatórias podem ser obtidas se pudermos fazer com que o homem de negócios — para nos cingirmos ao nosso exemplo — escreva poemas, pinte quadros ou componha canções. Pode ser que, artisticamente falando, essas obras sejam inteiramente desvaliosas mas, para

---

Ernest Jones, evidentemente equivocada, em *Sigmund Freud: Life and Work* (II, p. 158), de que Jung visitou Viena em 19 de abril de 1910.

3. Pierre Janet (1859-1947), neurologista e psicólogo francês, um dos primeiros a reconhecer o inconsciente, embora fosse hostil à psicanálise. Jung estudou com ele em Paris (1902-3).

4. Não foi possível localizar estes conceitos.

5. Jung escreveu três ensaios (em CW 13 e 15) sobre o físico e filósofo suíço Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohennheim, conhecido como Paracelso (1493-1541), fundador de uma nova escola de medicina. Uma edição em dez volumes da obra de Paracelso, publicada em 1589-91, foi traduzida para o alemão moderno por Bernhard Aschner.

o seu criador, elas têm um imenso valor subjetivo. Desenvolver a fantasia significa aperfeiçoar a nossa humanidade.

A este respeito, considero as idéias religiosas de suma importância, com o que não me refiro, é claro, a qualquer credo em especial. No entanto, como protestante que sou, é para mim bastante claro que, em seus efeitos curativos, nenhum credo está mais próximo da psicanálise do que o catolicismo. Os símbolos da liturgia católica oferecem ao inconsciente uma tal riqueza de possibilidades de expressão que atuam como incomparável dieta para a psique.

As minhas viagens pelo interior da África e ao Novo México deram-me uma oportunidade de realizar um completo estudo das manifestações do inconsciente entre povos primitivos. Pude convencer-me de que as idéias religiosas são inatas nos povos, e que as religiões não devem ser consideradas, em nenhuma acepção, produtos neuróticos, como hoje se afirma em certos setores. Recordo ainda dois nativos com quem subi uma montanha de 3.000 metros de altitude na África Oriental. Durante a noite, eles tremiam de medo e quando lhes perguntei a causa de sua agitação, um deles respondeu: "Tudo está cheio de espíritos".

Na quarta-feira à noite vou falar no *Kulturbund* sobre "A Estrutura da Psique".[6] Examinarei a natureza do pensamento e do sentimento, da sensação e da intuição, da vontade, do instinto e das fantasias oriundas do inconsciente. Espero que isso leve a algumas conclusões sobre a cura da neurose. Quando se pensa que as várias formas de neurose, especialmente as neuroses de fadiga em grandes cidades, estão crescendo constantemente, e se recorda quão grande é o fardo de sentimentos dolorosos, de infelicidade e de suicídios que as neuroses carregam em sua consciência, começa-se a apreciar o valor de que se reveste combatê-las.

## *II. Em Busca do Segundo Ego* [7]

É minha opinião que o sexo não desempenha o papel todo-poderoso na vida psíquica que Freud e seus seguidores lhe atribuem.

---

6. "Die Struktur der Seele", que tinha sido antes publicado como a primeira parte de "Die Erdbedingheit der Seele" num simpósio, *Mensch und Erde,* coordenado pelo Conde Hermann Keyserling (Darmstadt, 1927); reeditado mais tarde na *Europäische Revue* (Berlim), IV (1920). Foi ulteriormente revisto e ampliado em *Seelenprobleme der Gegenwart* (Zurique, 1931), e essa versão está traduzida como "The Structure of the Psyche" em CW 8.

7. "Die Suche nach dem zweiten Ich", *Neues Wiener Journal,* 21 de fevereiro de 1928; publicado como uma entrevista com Jung, cujas palavras citadas são aqui traduzidas sem os comentários do jornalista.

O sexo é, no fim de contas, apenas um produto glandular, e seria errado descrever o cérebro como um mero apêndice das glândulas sexuais. Em minha concepção dos sonhos e de seu significado para a psique doente, tampouco estou de pleno acordo com Freud. Como se sabe, o grande investigador vienense chama ao sonho uma realização de desejo. Desejos que, no estado vígil, foram por alguma razão reprimidos no fundo poço do inconsciente encontrariam, na opinião de Freud, seu caminho de volta à consciência no sonho e determinariam o conteúdo das imagens oníricas. Em meu entender, o sonho é uma compensação, uma completação do estado vígil. Suponha-se que estou numa situação desagradável e que devo preocupar-me com ela. No estado vígil, por esta ou aquela razão, não o faço e então preocupar-me-ei com isso no sono. O meu sonho será essa apreensão de que não me ocupei quando acordado. O médico, para curar uma neurose de acordo com o método freudiano, exuma os desejos e as tendências enterrados no subconsciente do paciente e procura trazê-los para a luz clara da consciência a fim de os destruir. O meu método é diferente. As tendências reprimidas que se tornam conscientes não devem ser destruídas mas, pelo contrário, devem ser ainda mais desenvolvidas. Um exemplo deixará claro este ponto. Em todos nós está escondida uma ou outra espécie de artista. Entre os povos selvagens isso é evidente no fato de o guerreiro decorar sua lança com penas ou pintar seu escudo. Em nosso mundo mecanizado, esse impulso de criação artística é reprimido pelo trabalho cotidiano e é freqüentemente a causa de distúrbios psíquicos. O artista esquecido deve ser resgatado de novo da escuridão do subconsciente, e aberto o caminho para o impulso da expressão artística — não importa os méritos ou deméritos das pinturas e dos poemas assim produzidos.

O meu amigo e grande escritor inglês H. G. Wells traçou um maravilhoso quadro desse estado de coisas num romance. O herói de sua história, *Christina Alberta's Father*,[8] é um pequeno comerciante, completamente aprisionado em seu ambiente prosaico e em seus negócios. Mas em suas escassas horas de ócio, um outro ego emerge gradualmente do seu inconsciente. Imagina, em suas fantasias, ser a reencarnação do rei Sargão I da Babilônia, a reencarnação do Rei dos Reis. Alguma espécie de Sargão, sob vários disfarces, está escondido em cada um de nós. O fato de que ele não pode sair do subconsciente e ser incapaz de se desenvolver, é freqüentemente a causa de graves distúrbios psíquicos.

8. Sobre a gênese desse romance (1925) numa conversa entre Wells e Jung, ver E. A. Bennet, *What Jung Really Said* (1966), p. 93.

A busca inconsciente, por pessoas que estão aprisionadas em nosso estreito e mesquinho mundo de máquinas, de um outro ego, para que se sintam completas, é também a razão de sua fuga de volta ao primitivo. Basta recordar o tremendo entusiasmo pelo Egito antigo, na época em que foi descoberto o túmulo de Tutancâmon.* Há uns trinta ou quarenta anos, essa tumba teria sido uma questão de interesse apenas para uma centena de estudiosos, e deixaria o grande público, que ainda acha desagradável tudo o que cheire a egípcio, completamente indiferente. Basta igualmente pensar na febre pelas danças negras que varre a Europa, o charleston e o jazz — tudo isso são sintomas do grande anseio da psique coletiva por esse desenvolvimento mais completo dos poderes imanentes em nós, poderes que os primitivos possuem num grau mais elevado do que nós. E tudo isso é ainda mais evidente nos Estados Unidos da América. Aí, milionárias americanas casam com chefes índios. É justamente isso. Num certo sentido, somos mutilados culturais.

## *III. De Volta às Alegrias da Idade de Ouro!* [9]

O mundo tinha ficado pobre de beleza, e as pessoas retornavam aos romanos, ao seu pensamento vinculado à natureza, recordando com nostalgia aquelas distantes eras em que cada bosque albergava um santuário, quando essas maravilhosas figuras de fantasia, os deuses, nada mais eram do que seres humanos perfeitos. Depois dessa época, a Renascença, começaram recordando os gregos antigos, Rousseau pregava o regresso à natureza, e os classicistas (entre eles Schiller) o retorno ao sol de Homero. E, em nosso século, queremos ir ainda mais longe no passado, em nossa flagelada era perpassam diante de nossos olhos sôfregos as imagens de épocas em que o homem convivia com nuvens e sol, vento e tempestades, a Idade de Ouro da humanidade, tal como ainda se reflete esporadicamente nos primitivos, tornando-se mais radiante quanto mais subimos na exploração da árvore genealógica das raças atuais, de volta aos antigos egípcios e babilônios, às tribos bíblicas e seus ancestrais. Não é sem justificação que as recentes escavações no Egito e na Mesopotâmia despertaram tamanho interesse, nem é por acaso que a nossa civilização se mostrou tão receptiva para as canções e danças dos negros. Todos ansiamos por voltar às alegrias da Idade de Ouro,

---

* Em 1922, pelo arqueólogo Howard Carter. (*N. do T.*)

9. "Zurück zum Urweltglück!", *Volkszeitung*, 21 de fevereiro de 1928; publicado como se fosse de Jung e extraído de uma sua entrevista.

que nos permitiu sermos naturais, graciosos e conscientes de nossa força, imunes ao veneno do nosso tempo, as neuroses.

A etiologia da neurose é a grande linha divisória entre a minha teoria e a de Sigmund Freud, de quem me afastei há uns quinze anos por causa dessa oposição. Minhas estadas entre os nativos da África Oriental e os índios Pueblo do Novo México provaram-me que as causas de neurose não residem necessariamente na repressão do instinto sexual; a repressão de qualquer outro instinto primário, digamos, a fome, pode igualmente produzi-la. A posição de Freud e a minha também divergem muito no capítulo da interpretação de sonhos. Enquanto ele busca sempre causas sexuais, eu atribuo a origem dos sonhos a antiquíssimas influências mitológicas. Derivadas de nossos mais remotos ancestrais, dormitam em todos nós lembranças subconscientes que despertam durante a noite e procuram compensar a falsa atitude que o homem moderno arvora em relação à natureza. Um esquizofrênico, em minha clínica, explicou-me certa vez que havia um tubo no sol, através do qual ele soprava os ventos. Muitos anos depois, foi descoberto um papiro que dava conta, pela primeira vez, ao mundo científico, de um antigo mito acerca do vento espalhado pelo tubo solar,[10] um mito que não só tinha sido registrado no antigo papiro mas também transmitido de geração para geração nas camadas mais profundas da mente consciente. Então, num único caso, à fantasia agrilhoada foi permitido irromper, no começo em forma inexplicável. O que fica abaixo do limiar da consciência durante o dia, tanto em nossas próprias vidas quanto nas de nossos ancestrais, desperta em sonhos para a realidade póstuma.

A educação apropriada é a melhor salvaguarda contra a doença psíquica em suas múltiplas formas, a que chamamos neuroses. Uma escolaridade que não seja excessivamente rígida, aquela que, na realidade, muita gente consideraria péssima, é a melhor de todas, em minha experiência. Se isso não ajuda, procure-se despertar o artista oculto que dormita em todo o homem. Dêem-lhe uma oportunidade de trazer à luz os quadros por pintar que ele traz em seu íntimo, de libertar os poemas não escritos que ele fechou dentro de si, e mais outra fonte de perturbações psíquicas terá sido eliminada. Muito embora o trabalho que ele produzir dificilmente chegue a atingir um nível técnico e artístico meritório, isso ajudou-o a limpar e libertar sua psique.

O jogo de fantasia também é ajudado pela religião, um auxiliar indispensável para o psicólogo. O catolicismo, em particular, com seu cerimonial e liturgia, confere à fantasia um inestimável apoio, razão pela qual apurei, em minha clínica, que os crentes católicos

10. Ver "The 'Face to Face' Interview" adiante, pp. 434 e ss.

sofrem menos de neurose e são mais fáceis de curar do que os protestantes e judeus. Para a necessidade de religião, para a sua validade como um instinto primário da espécie humana, existem provas abundantes que remontam aos alvores do tempo. Então, era parte do inconsciente do homem, hoje é parte de sua dieta psíquica, consciente; o médico deve dedicar-se-lhe quando tenta conduzir o paciente de volta a si mesmo, livrá-lo de todo o refugo psíquico que nele foi depositado, deixar mais espaço para o livre jogo da fantasia, cultivar seus talentos manifestos e ocultos, torná-lo um ser mais equilibrado, guiá-lo para a grande sentença do poeta grego: Torne-se aquilo que é.

Como é grande a importância da higiene psíquica, como é grande o perigo da doença psíquica, evidencia-se no fato de que, assim como todas as enfermidades são uma morte diluída, também a neurose é nada menos do que um suicídio diluído, o qual, se lhe permitirem que siga seu curso maligno, redunda, com excessiva freqüência, num desfecho letal. De muitos mutilados culturais que o pensamento cerebral unilateral produziu, o psicanalista que os aborda não apenas como espécimes médicos mas como seres humanos, deve também ser capaz de os colocar mais perto da natureza, torná-los mais naturais, como a natureza queria que eles fossem e como enfrentaram a vida há milhares de anos. Se os talentos de que somos dotados se desintegram diante das tarefas da vida, se definham ou perdem o freio, temos apenas que culpar a nossa fuga da natureza, o nosso divórcio da Idade de Ouro dos nossos ancestrais, a qual só nos é devolvida em sonhos, um divórcio que leva à naturalidade suprimida e à supercivilização opressiva da psique.

# OS AMERICANOS DEVEM DIZER "NÃO"

O *Kulturbund* de Viena voltou a convidar Jung para realizar uma conferência a 20 de janeiro de 1931, e seu tema foi "A Revelação da Alma"; a conferência acabou sendo traduzida como "Postulados Básicos da Psicologia Analítica" (CW 8). Uma vez mais, Jung foi alvo de numerosas entrevistas na imprensa vienense, todas breves e ocupando-se principalmente de seus pontos de vista sobre povos primitivos na África Oriental e nos Estados Unidos. A publicidade, evidentemente, atraiu a atenção do correspondente estrangeiro em Viena do *New York Sun,* Whit Burnett, que foi a Zurique e entrevistou Jung em 11 de fevereiro. Burnett (1899-1973) tinha sido um escritor expatriado durante vários anos, tendo trabalhado primeiro no *Herald Tribune* de Paris. Depois, em 1931, ele e sua esposa, Martha Foley, fundaram a revista *Story,* que editaram em Viena, em Palma de Maiorca e, depois de 1933, em Nova Iorque. Em 1957, numa coletânea intitulada *This Is My Philosophy,* Burnett incluiu o ensaio de Jung "The Spirit of Psychology" (em CW 8, como "On the Nature of the Psyche").

A entrevista de Burnett foi publicada no *Sun* de 27 de fevereiro de 1931. Com exceção de seus parágrafos de abertura, os comentários de Burnett são aqui omitidos.

*(O problema com os Estados Unidos é uma péssima direção geral das vidas, segundo o Dr. Carl Jung, fundador da escola de Zurique de psicanálise e principal oponente, na psicologia, à escola freudiana de pensamentos psicológicos de Viena.*

*As velhas críticas de que a América é demasiado uniforme, demasiado apressada e demasiado "externa" são todas verdadeiras, acredita o cientista de Zurique. O que é mais devastador, entretanto, é que esses "males" estão sendo aceitos pelos habitantes dos Estados Unidos como bons padrões dignos de serem imitados. O que é bom para alguns é veneno para a maioria dos outros. O resultado é que em centros tais de velocidade e uniformidade como o Estado de Nova Iorque existem hoje, mostra o exame estatístico apresentado pelo Dr. Jung, tantos leitos em manicômios quanto em todas as outras capitais combinadas.)*

O ritmo norte-americano está sendo tomado como uma norma para a qual a vida deve ser dirigida. No mundo atual, vemos os Estados Unidos de um lado, tendo diante dos olhos seus slogans sobre o freqüentemente invejável "padrão de vida" de que desfrutam, e a

Rússia, do outro, também uniformemente consciente de um atual "padrão de pobreza". Ambos os países são grandes forças no mundo de hoje.

É inteiramente impossível, claro, pensar que essas duas naturezas diversas, dos Estados Unidos e da Rússia, possam fundir-se ou algum dia pudessem fundir-se; bater-se-iam até à morte em nome de suas diferenças. A Europa situa-se entre a Rússia e os Estados Unidos como um refúgio daquele individualismo que é necessário para se levar uma vida feliz, um individualismo mais ou menos diferente em cada caso mas oposto à uniformidade tanto da Rússia como da América, e um individualismo necessário se pretendemos satisfazer o nosso grande inconsciente e a mente primária que nos adverte de nossos transvios e, finalmente, para nos salvar, favorece neuroses.

Nova Iorque é apenas um exemplo flagrante do que as noções predominantes na América fazem à natureza geral do povo. Em outros estados, como a Califórnia, onde não é dada tanta atenção à insensatez das pessoas, os loucos não são tão facilmente separados e, em toda a América, existem milhares que sofrem de alma doente sem nunca serem verdadeiros casos de hospital.

O que os Estados Unidos precisam, em face do tremendo impulso para a uniformidade, desejo de coisas, desejo de complicações na vida, desejo de ser como os vizinhos, de estabelecer recordes, etc., é de uma grande e saudável capacidade para dizer "Não". Parar por um minuto e perceber que muitas das coisas desejadas são desnecessárias a uma vida feliz, e que tentar viver exatamente como o vizinho bem-sucedido não é obedecer às prescrições essencialmente diferentes de uma personalidade subjacente amplamente diversa que uma pessoa pode possuir e da qual, no entanto, tenta conscientemente livrar-se, um conflito que resulta sempre, mais cedo ou mais tarde, em alguma forma de neurose, doença ou insanidade.

Estamos começando a despertar para o sentimento de que algo está errado no mundo, de que o nosso moderno preconceito de superestimar a importância do intelecto e da mente consciente talvez seja falso. Queremos simplicidade. Estamos sofrendo, em nossas cidades, de uma necessidade de coisas simples. Gostaríamos de ver os nossos grandes terminais ferroviários desertos, as nossas estradas e ruas desertas, e uma grande paz descendo sobre nós.

Essas coisas estão sendo expressas em milhares de sonhos. Sonhos de mulheres, sonhos de homens, os sonhos de seres humanos, possuidores todos eles de uma mente inconsciente, coletiva e primordial, que é a mesma no negro centro-africano, entre os quais vivi, e no corretor de Bolsa de Nova Iorque — e é em sonhos que o corpo se torna consciente para a nossa mente. O sonho é, em grande parte, um aviso de algo por acontecer. O sonho é a melhor

expressão do corpo, no melhor símbolo possível que ele pode expressar, de que algo errado está acontecendo. O sonho chama a atenção da mente para o pressentimento instintivo do corpo.

Se o homem não presta atenção a essas advertências simbólicas de seu corpo, pagará por isso de outras maneiras. Uma neurose é meramente a tomada do controle pelo corpo, sem levar em conta a mente consciente. Temos uma dor de cabeça lancinante, dizemos, quando uma sociedade enfadonha nos força a abandoná-la e não temos coragem de o fazer com plena liberdade. Nossa cabeça realmente dói. Então partimos.

Quando países inteiros evitam essas advertências, e enchem seus manicômios, e tornam-se uniformemente neuróticos, estamos em grande perigo. A última guerra, pensava eu, ensinara-nos algo. Ao que parece, nada ensinou. O nosso desejo inconsciente de lugares desertos, de tranqüilidade, de inatividade, que uma vez por outra se expressa no coração de nossas grandes cidades por uma explosão lírica de algum poeta ou algum louco, poderá projetar-nos, contra nossas vontades conscientes, numa outra catástrofe da qual talvez nunca mais nos recuperemos. Nossas vidas serão aniquiladas e teremos então refúgios desertos mas ninguém sobrou para se sentar e sonhar ao sol.

# DOUTOR JUNG: UM RETRATO DE 1931

A escritora norte-americana Elizabeth Shepley Sergeant (1881-1965) tinha feito análise e estudado com Jung em Zurique antes da Primeira Guerra Mundial e, ao longo de sua vida, manteve um acendrado interesse pela psicologia analítica. Durante uma longa estada em Zurique, do outono de 1930 à primavera de 1931, foi membro do Seminário de Jung sobre "Interpretação de Visões".[1] Seu artigo, "Doutor Jung: Um Retrato", publicado na revista *Harper's* em maio de 1931 e aqui resumido, oferece-nos um quadro vívido de como Jung conduzia seus seminários.

Além de romances e contos, os livros de E. S. Sergeant incluem *Shadow-Shapes: The Journal of a Wounded Woman* (1919), sobre suas experiências como correspondente na França para o *New Republic*, com um relato de quando foi ferida ao visitar um campo de batalha; *Fire Under the Andes* (1927); e biografias de Willa Cather (1953) e Robert Frost (1960).

Tinha-o visto freqüentemente como um modernista civilizado, conduzindo um Chrysler vermelho pelas sinuosas ruas de Zurique, ou refletindo sobre os problemas da psique em seu austero gabinete forrado de prateleiras de livros, pinturas orientais e vitrais cristãos, antes de me deparar com o Jung primitivo, numa chuvosa manhã de verão, à porta de sua residência favorita [2] — um baluarte cinzento, de contornos medievais, que se erguia solitário numa moldura de colinas e lagos — onde, quando terminava seu trabalho como médico, ele se refugiava para converter-se, durante um certo período, no estudioso e escritor arredio, empenhado em traduzir sua experiência em teoria. Aí escondido, na proteção da torre redonda de pedra que construíra com suas próprias mãos, envergando um guarda-pó de linho azul-claro arregaçado nas mangas, com seus vigorosos braços mergulhados num tanque cheio de água, contemplei o Doutor Jung diligentemente aplicado à tarefa de lavar suas calças de brim azul.

Seu rosto sagaz estava corado e reluzente, e seus profundos olhos castanhos, que viam tão fundo na mente dos homens, estavam

1. *Interpretation of Visions*, 1930-1934, 9 vols., registrado por Mary Foote e publicado privadamente. Edição resumida: *The Visions Seminars*, coordenada por Jane A. Pratt e Patricia Berry, 2 vols., Zurique, 1976.

2. O retiro da "torre" de Jung, em Bollingen, no lago superior de Zurique.

tranqüilamente absortos em sua tarefa de trabalhador rural. O Doutor Jung nunca faz as coisas por metade. Quando caminha para um lado e para outro no auditório do Clube Psicológico, expondo um sonho a seus estudantes mais avançados, todas as células e fibras de seu ser físico parecem participar; todos os recursos de sua imensa erudição, seus conhecimentos médicos e científicos, sua intuição psicológica, e sua sabedoria espontânea e inata, convertem-se numa única e vivificante corrente que se projeta caudalosamente sobre a questão em pauta. Esse homem pacífico e maciço, coberto de azul até aos pés, estava pondo o mesmo entusiasmo e interesse na lavagem de roupa. Nenhuma parcela de Jung ficara em Küsnacht, dando consultas.

Os pacientes do Dr. Jung devem pegar um vaporzinho num embarcadouro povoado de gaivotas e patos selvagens, e depois caminhar uns bons dez minutos até um chalé amarelo plantado no centro de um jardim e cercado de muros à beira do lago de Zurique.[3] Devem tocar uma sineta de latão reluzente, de modelo antiquado; e enquanto seu ominoso timbre ressoa pela casa — tão obviamente uma hospitaleira mansão familiar quanto a outra é o domínio isolado do seu sábio criador — os visitantes defrontam-se com a inspeção meticulosa de um grupo de irrequietos cães.

Yoggi, o predileto do doutor, consegue sempre escapulir entre as pernas do recém-chegado e subir para o gabinete do andar superior, a fim de garantir sua parte silenciosa e atenta na conversa. Notei, na minha primeira entrevista, que a mão de Jung — a mão forte e sensível, com o anel gnóstico — descia uma vez por outra para acariciar o dorso peludo agachado a seus pés. E ocorreu-me que esse contato com um ser instintivo e lanudo era, de algum modo, a réplica à intuição sobrenatural do psicólogo, sua mente penetrante, sua percepção aguda — uma reiteração de segurança para o visitante e para ele próprio. Pois o que se pode pensar de um médico que, com um gesto de ombros, um olhar de soslaio, uma frase chistosa casualmente proferida — "você é como um ovo sem casca" — pode dizer o suficiente para manter uma pessoa fazendo conjeturas durante uma semana?

Também era confortável que, enquanto discutia problemas íntimos, a fisionomia agora muito séria e concentrada, Jung ficava percorrendo o gabinete de um lado para outro, em passadas firmes, reavivava o fogo na lareira, acendia um cachimbo meditativo: argila

3. Em Küsnacht, perto de Zurique.

comum e espírito eram uma só coisa. Quando se sentou empertigado em sua cadeira por instantes e bebeu seu chá, tornou-se subitamente um professor alemão. Mas quando seus olhos começaram piscando risonhamente por trás de seus óculos de aros de ouro, quando voltou a movimentar-se, sua energia impetuosa fortemente controlada, pensei em Theodore Roosevelt. "O senhor parece mais um corretor de Bolsa do que um profeta!", exclamou um surpreendido americano que esperara encontrar o "místico" dos mexericos freudianos. O Jung real, sólido e repleto de vitalidade em seus cinqüenta e poucos anos, jocoso e cético, recusa-se a ficar num pedestal ou a assumir o ar de qualquer profeta de barba branca do Antigo Testamento. "Sim", concordou ele com uma jovem, "todos os homens são mentirosos, por certo. Eu deixo que eles se sentem nessa cadeira e mintam, até ficarem cansados de mentir. Então eles começam a dizer a verdade". Sai-se da presença de Jung com a sensação de que se foi enriquecido e apaziguado, como pelo contato com um pinheiro numa floresta: tanta vida abaixo do solo quanto acima dele.

*

Quando, na quarta-feira de manhã, às onze horas, em certas estações do ano de Zurique, o Doutor Jung entra no comprido salão do Clube Psicológico [4] onde se realiza o seu Seminário, sorrindo com profunda cordialidade para este ou aquele rosto, a pasta castanha que ele aperta sob o braço parece ser o repositório desse ato de participação — a participação analítica coletiva de um pequeno grupo internacional cujo interesse comum é a psique. Um silêncio involuntário cai sobre a sala, enquanto o próprio Jung permanece por alguns momentos em pé, calado e com expressão séria, baixando os olhos para o seu manuscrito como um marinheiro olharia a sua bússola, relacionando-o com os ventos e as marés psicológicas cujo impacto sentiu ao caminhar desde a porta. O silêncio na assembléia significa não só reverência mas intensa expectativa. Que aventura mundial teremos hoje com esse pensador criativo? Que interrogação, como o toque de um sino de bronze, ficará retinindo em nossas mentes? Que visão drástica de nosso tempo ele nos oferecerá que nos ajude a abandonar o nosso senso de problemas, subjetivos e opressivos, e nos conduza para um domínio mais universal e objetivo?

Por algum mistério ainda a ser explicado, o Doutor Jung consegue nos primeiros cinco minutos ter sob seu domínio, pelo sorti-

4. Na cidade de Zurique.

légio de seu magnetismo vital, todos os presentes: americanos, britânicos, holandeses, alemães, suíços. Ele leciona em inglês ou, melhor, em americano — uma linguagem bastante própria, como o americano tem direito a ser, uma língua pungente e cheia de espírito. Jung está expondo, com poucas referências aos seus apontamentos, os sonhos de um homem de negócios culto — um afável e convencional cavalheiro como todos nós conhecemos. Logo surge do inconsciente um "homem macaco", propenso ao estupro e à violência. Isto, ou algum outro "oposto" diabólico do ser humano convencional, o qual deve ser reconhecido e assimilado na personalidade antes que possa ser encontrada qualquer libertação verdadeira do espírito. Apesar de tudo, talvez o professor filosófico em terno cinzento, que caminha de um lado para o outro (ele não tem estrado, nada que o separe de seus estudantes), escrevendo raízes de palavras gregas ou escandinavas no quadro-negro, desenhando diagramas celestes, símbolos de antigos monumentos, tenha uma fórmula. Mas é a antiquíssima, conhecida pela ágora grega: *Conhece-te a ti mesmo.* Conhece as leis do teu próprio ser. Aceita-as, mesmo que pareçam paradoxais e incompatíveis com as idéias em que foste criado. Vive-as, em lugar de viveres as vidas de teus pais e avós, de teus vizinhos e colegas de profissão.

Isto pode parecer simples. Mas não é fácil para o nosso amigo, o homem de negócios — cujos sonhos prosseguem como uma história policial, repleta de surpresas, descobertas e pistas por solucionar, a serem depois trabalhadas até uma conclusão final — nem para qualquer dos participantes desta reunião, embora ela consista em estudantes avançados, médicos, filósofos, antropólogos, aceitarem os elementos ferozes, instintivos, do inconsciente, os selvagens ululantes, a "sombra", o demônio, que toda a face refinada esconde. Trabalhar com Jung não é fácil, seja numa entrevista particular ou no Seminário. É um desafio, um teste, um profundo esforço criativo. Tudo o que um artista pode dar a um discípulo zeloso é uma técnica — um método de trabalho e uma visão do que é a vida do artista, o que ela exige de concentração e sacrifício. Parece-me ser isso, precisamente, o que o Doutor Jung dá aos seus estudantes: uma técnica de vida e de trato dos problemas práticos e inconscientes; e uma visão do moderno homem consciente.

A técnica, no Seminário, é ilustrada através da análise de sonhos, o que, com Jung, é uma coisa muito abrangente que engloba e liga mitologia e história. Einstein e astrologia, psicologia moderna e sabedoria chinesa, os gnósticos, teologia cristã e judaica, e ritos primitivos. Inclui jornadas com antigos videntes e profetas às tenebrosas regiões do inconsciente coletivo, e questões concretas e muito

humanas, por exemplo, como fazer um casamento bem-sucedido,[5] como ajustar aquelas relações duradouras que o Doutor Jung acredita serem quintessenciais para todas as vidas. Como todos os grandes oradores, Jung parece extrair sua inspiração do momento; se os planos de seu rosto estão sempre mudando, como declara um artista meu amigo, de modo que nunca é idêntico duas vezes, também sua mente muda de clima, de ritmo, produzindo aquela inesperada pepita de humor ou sabedoria, ou uma história maliciosa colhida em sua experiência pessoal, ou uma nova visão psíquica calculada em seus mínimos detalhes para estimular e enriquecer seus ouvintes. Mas nunca deixa de ser o professor paciente e versátil, o descobridor que está sempre farejando o vento, o líder inteiramente cônscio de seu poder e responsabilidade pelo pequeno grupo que o segue por regiões desconhecidas.

Por vezes, com um olhar cintilante e astuto, que nos recorda o que vimos sob máscaras africanas, Jung volta-se e diz: "Eis o novo terreno. Vossos palpites são tão bons quanto os meus. O que é que sugerem?" Mas é sempre um estudante desprevenido quem dá uma resposta irrefletida ou racional demais. O pensamento puramente racional foi descartado dessa sala, mas há um cientista natural no líder que disseca com ceticismo toda e qualquer hipótese apressada. A ciência, para Jung, não é um deus; é uma ferramenta que deve ser usada. A Psicologia Analítica, embora tenha, como a nova pintura ou a nova música, uma linguagem própria, novos ritmos e novas cores, possui uma base muito antiga. Somente o estudante que está começando a pensar com a antiga e a nova mente é que provoca em seu guia um olhar rápido e penetrante, como um tapinha nas costas: "Excelente! Você está no caminho certo! Vá em frente!"

* * *

"Houve um momento," disse-me o Doutor Jung, ao examinar esse período de sua vida,[6] "quando terminei de escrever *Psicologia do Inconsciente,* em que larguei a caneta e resolvi meditar por algum tempo. Esse livro que acabara de escrever, disse para mim mesmo,

5. Sergeant publicou uma "entrevista" com Jung, intitulada "O Casamento é um problema — não uma solução", em *Hearst's International-Cosmopolitan,* julho de 1937. Era, de fato, uma "conversa imaginada" entre um paciente hipotético e Jung, na qual ele discutiu seus pontos de vista sobre casamento e divórcio.

6. Referência ao seu período de colaboração com Freud, 1906-12. Neste último ano, publicou *Wandlungen und Symbole der Libido,* o livro que marcou seu rompimento com Freud. Foi traduzido em 1916 para o inglês por Beatrice M. Hinkle como *Psychology of the Unconscious.*

é o mito do herói em forma diferente. Todos os povos e todas as épocas tiveram seus heróis, mas quem é o nosso herói? Para quem Cristo está vivo? Não para mim. Então, a pergunta formulou-se quase por si só: 'Qual é o teu mito?' Não havia resposta para essa pergunta. Reprimi-a imediatamente, espezinhei-a."

"Mas só um ano e seis meses depois da publicação de *Psicologia do Inconsciente,*" continuou ele, "é que comecei a ficar familiarizado com o meu próprio inconsciente. O intervalo foi uma espécie de período de incubação, uma preparação para um período totalmente novo de minha vida. Um novo vento estava soprando, pois — um fato muito importante — um novo período de vida estava começando. Ao entrar na casa dos quarenta anos, a melancolia aumenta estatisticamente nos homens. Fui obrigado, como todos os homens nesse ponto, a dar uma nova orientação à vida."

* * *

Os livros de Jung, embora de "leitura difícil" para o leigo, possuem, tal como o seu autor, certa incalculabilidade mágica, certo dom para revolver uma ferida e, simultaneamente, aliviá-la, certo poder para nos impelir além do significado da palavra abstrata. Posso dizer por mim mesma que, embora os lesse muitos anos antes de conhecer o autor em Zurique, eu pressentia neles os mesmos dois Jungs que vejo agora com tanta clareza. No primeiro plano de cada página, o pensador moderno e dinâmico, em quem a vida, com toda a sua diversidade, corre límpida e forte como um manancial; e, no fundo, uma figura sábia e libertadora, um homem muito antigo e intuitivo — uma espécie de jardineiro, penso eu, que caminha conversando suavemente com seu cão, as mãos cheias de novos brotos para enxertar na árvore da vida.

# TODOS TEMOS DUAS ALMAS

Jung foi novamente convidado a falar no *Kulturbund,* em Viena, nos começos de novembro de 1932, sobre um tema que já não consta de qualquer documento da época. A entrevista seguinte, "Jeder Mensch hat zwei Seelen", foi publicada no *Neues Wiener Journal* a 9 de novembro de 1932, inteiramente nas palavras de Jung.

A minha afirmação de que o homem nasce equipado com um cérebro altamente diferençado e plenamente desenvolvido, com inúmeros atributos, tem sido freqüentemente alvo de antagonismo. A maioria das pessoas continua acreditando que tudo aquilo em que se tornaram, todas as reações de seu ego psíquico às ocorrências cotidianas, é determinado por sua educação e seu meio ambiente.

São raras as pessoas que conhecem alguma coisa sobre a alma ancestral e ainda menos as que acreditam nela. Não somos todos nós os portadores da história total da humanidade? Por que é tão difícil acreditar que cada um de nós possui duas almas? Quando um homem completa 50 anos de idade, somente uma parte de seu ser existiu por meio século. A outra parte, que também vive em sua psique, pode ter milhões de anos de idade. Toda a criança recém-nascida chega a este mundo com um cérebro totalmente equipado. Embora nos estágios iniciais da vida a mente não tenha adquirido ainda um domínio completo sobre o corpo, ela está claramente precondicionada para reagir ao mundo exterior — isto é, possui capacidade para o fazer. Tais padrões mentais exercem sua influência ao longo da vida inteira e são decisivos para o pensamento de uma pessoa. O recém-nascido não começa desenvolvendo suas faculdades mentais no primeiro dia de sua vida. Sua mente, uma estrutura acabada, é o resultado de inúmeras vidas antes da sua e está muito longe de ser vazia de conteúdo. É improvável que descubramos alguma vez o passado remoto em que a psique impessoal do indivíduo penetra.

Não há dúvida que a psique pessoal do homem se desenvolve somente durante sua vida, e que o meio ambiente e a educação constituem influências decisivas nesse processo. Essas influências tornam-se efetivas desde os primeiros dias de vida de uma criança.

No seu todo, a receptividade do cérebro de uma criança pequena tende a ser muito subestimada, mas o psicólogo tem, em sua prática, provas freqüentes do contrário. Com neuróticos, deparamo-nos constantemente com defeitos psíquicos que remontam a experiências dos primeiros tempos de infância. Não é uma rara ocorrência que uma reprimenda algo severa administrada a uma criança em seu cercado ou em sua cama a afete ao longo da vida.

As duas almas dão origem a freqüentes contradições no pensamento e sentimento de uma pessoa. Muitas vezes, a psique impessoal e a pessoal estão até em oposição direta. Há centenas de exemplos que demonstram ao psicólogo que as duas almas vivem em todos os homens. Exercendo sua imaginação — a que eu chamo a mãe da consciência humana — muitos de meus pacientes pintam quadros e descrevem sonhos que manifestam uma estranha conformidade com leis bem definidas e exibem paralelos peculiares com imagens de templos indianos e chineses. Onde teriam essas pessoas obtido conhecimentos sobre as culturas dos antigos templos do Extremo Oriente? Tratei pacientes que tinham visões sobre acontecimentos que ocorrem há muitas centenas de anos. Tudo isso só pode provir do inconsciente, da alma impessoal, do cérebro acabado do recém-nascido. O homem contemporâneo é apenas o mais recente fruto maduro na árvore da raça humana. Nenhum de nós sabe o que sabemos.

[Traduzido do alemão para o inglês por Ruth Horine]

# UMA ENTREVISTA NA RÁDIO BERLIM

A 21 de junho de 1933, Jung aceitou a presidência da *Überstaatliche Ärztliche Gesellschaft für Psychotherapie* (Sociedade Médica Internacional para Psicoterapia), a qual uniu as sociedades nacionais da Dinamarca, Alemanha, Grã-Bretanha, Holanda, Suécia e Suíça, e tinha sua sede em Zurique. Embora os membros judeus e antinazistas tivessem sido expulsos da sociedade nacional alemã, Jung, como presidente, habilitou-os a tornarem-se membros da Sociedade Internacional. Assim, a liderança de Jung foi defendida por seus seguidores, enquanto seus adversários atacaram sua participação numa sociedade que tinha ligações com a Alemanha nazista. A questão foi, e ainda é, veementemente discutida.[1] Um documento da época é uma entrevista com Jung pelo Dr. Adolf Weizsäcker, um neurologista e psiquiatra alemão que tinha sido antes seu aluno. Ela foi gravada e transmitida pela Rádio Berlim a 26 de junho de 1933. Na mesma data, Jung iniciou um seminário sobre sonhos, dado a um grupo de psicólogos analíticos em Berlim, e que durou cinco dias. Seus participantes incluíam, pelo menos, quatro analistas que abandonaram subseqüentemente a Alemanha nazista: Gerhard Adler, que se instalou em Londres; e James Kirsch, Hilde Silber (Kirsch) e Max Zeller, que se estabeleceram em Los Angeles, Califórnia.[2] Uma transcrição das aulas que Jung deu no seminário e da entrevista na rádio existe há muito tempo em forma mimeografada.

*Temos hoje o grande prazer de receber em nosso estúdio o psicólogo mais progressista dos tempos modernos, o Dr. Carl Gustav Jung, de Zurique. O Dr. Jung está atualmente em Berlim realizando uma série de conferências, e ele expressou amavelmente o desejo de responder a uma série de perguntas sobre problemas*

---

1. As declarações e os discursos de Jung como presidente da Sociedade e em seus vários congressos internacionais, e como diretor de seu órgão, *Zentralblatt für Psychotherapie und ihre Grenzgebiete* (Leipzig), estão publicados num apêndice de CW 10. Para depoimentos históricos, ver Ernest Harms, "Carl Gustav Jung — Defender of Freud and the Jews", *Psychiatric Quarterly* (Utica, N.Y.), abril de 1946, e Aniela Jaffé, "C. G. Jung and National Socialism", em *From the Life and Work of C. G. Jung*, trad. de R.F.C. Hull (Nova Iorque, 1971). Ver também a carta de Jung a James Kirch, 26 de maio de 1934, em *Letters*, coord. de Adler, vol. I, e adiante, "On the Attack in the *Saturday Review of Literature*", pp. 192 e ss.

2. Para um relato em primeira mão sobre o seminário por um outro de seus membros e uma discussão da "opinião pessimista de Jung acerca do novo governo e as perspectivas para a Alemanha" durante essa visita a Berlim, ver Barbara Hannah, *Jung: His Life and Work* (Nova Iorque, 1976), pp. 209-13.

*contemporâneos. Os nossos ouvintes poderão constatar que existe uma escola de psicologia moderna que é fundamentalmente construtiva. Todos sabemos muito bem que a psicologia e a análise, por sua própria culpa, tornaram-se justamente suspeitas. Estamos cansados dessa contínua sondagem e decomposição segundo linhas intelectuais, e é para nós uma sorte que exista um psicólogo que aborda a psique humana de um modo inteiramente diferente das outras psicologias ou psicoterapias sobejamente conhecidas, sobretudo a psicanálise freudiana. O Dr. Jung provém de um presbitério protestante em Basiléia. Isso é importante. Coloca todo o seu enfoque do homem numa base muito diferente da de Freud e Adler. O aspecto crucial a respeito dessa psicologia é que o Dr. Jung não reduz a pedaços e destrói o imediatismo de nossa vida psíquica, o elemento criativo que sempre desempenhou o papel decisivo na história da mente alemã, mas aborda-o, pelo contrário, com profunda reverência e não o desvaloriza, deixando-se guiar no tratamento prático de conflitos ou neuroses pelas forças positivas e construtivas que permanecem adormecidas na vida psíquica inconsciente de todo o homem e podem ser despertadas. Por isso a sua psicologia não é intelectual mas está impregnada de visão; procura fortalecer as forças positivas no homem e não se limita, triunfantemente, a desvendar os elementos negativos, pois isso nada de realmente novo traz para a vida do indivíduo ou da comunidade. Permita-me agora, Dr. Jung, apresentar-lhe uma série de perguntas e solicitar-lhe que lhes responda, o que poderá fazer, como suíço, com uma certa isenção, e como psicólogo com a grande experiência que possui da psique humana. Gostaria de lhe perguntar, em primeiro lugar, se existe, em sua experiência psicológica, uma diferença decisiva entre a situação psíquica dos alemães e dos europeus ocidentais, e em que consiste essa diferença, caso exista? O fato é que estamos neste momento cercado das mais profundas incompreensões e muito nos interessaria ouvir, em poucas palavras, o que em sua opinião poderia ser a causa dessas incompreensões, e se as diferenças entre a nossa natureza e a deles são tão grandes que tornam tais incompreensões admissíveis ou mesmo compreensíveis para nós.*

Existe, de fato, uma enorme diferença entre a atitude psíquica dos alemães e a dos europeus ocidentais. O nacionalismo que os europeus ocidentais conhecem parece-lhes uma espécie de chauvinismo, e eles não podem entender como é que, na Alemanha, se tornou uma força construtora da nação, pois o nacionalismo, para eles, ainda significa sua própria marca de chauvinismo. Essa peculiaridade dos alemães só pode ser explicada pela juventude da nação alemã. O entusiasmo que eles mostram pela reconstrução da

comunidade alemã continua sendo incompreensível para os europeus ocidentais porque essa necessidade já deixou de existir para eles no mesmo grau, dado que realizaram a unidade nacional há muitos séculos e em outras formas.

*Sim, e agora gostaria de fazer uma segunda pergunta que para nós é de extraordinária importância, visto que o novo rumo dos acontecimentos na Alemanha está sendo liderado pela geração mais moça. Como explica a segurança da juventude alemã na busca de sua meta visionária, e qual é o significado do fato de a geração mais antiga não ser capaz de livrar-se de uma espécie de reticência, embora gostassem de afirmar simplesmente o que está acontecendo? Em sua opinião, o que deve ser feito para eliminar esse inauspicioso abismo entre as gerações, o qual aprofunda ainda mais as divisões em nossa nacionalidade alemã? Qual é a causa de tudo isso?*

A segurança da juventude alemã na busca de suas metas parece-me ser algo muito natural. Em tempos de tremendo movimento e mudança, só se pode esperar que a juventude se apodere do leme, pois só ela possui a audácia, o impulso e o senso de aventura para fixar um novo rumo. No fim de contas, é o futuro dos jovens que está em jogo. É a felicidade e a capacidade de experimentação deles. A geração mais velha, naturalmente, ocupa um lugar na retaguarda e deve possuir experiência suficiente da vida para acompanhar esse necessário curso dos acontecimentos. Ela também teve sua vez em outros tempos. O abismo entre as gerações mais antigas e mais jovens deve-se precisamente ao fato das primeiras não terem acompanhado a evolução dos tempos e, em lugar de prevê-la, foram suplantadas e vencidas pela tempestade de uma nova época. Mas isso não é, em absoluto, específico dos alemães. É algo que se pode observar em todos os países na atualidade. A geração mais velha tem imensa dificuldade em descobrir seu caminho num novo mundo. As mudanças políticas andam de mão em mão com toda a sorte de outras mudanças na arte, filosofia, em nossas concepções religiosas. O vento da mudança está soprando em toda a parte. E estou em contato assíduo com pessoas de gerações mais velhas que me confessaram ter uma compreensão real muito limitada dos nossos tempos e a maior dificuldade em descortinar seu caminho. Muitos deles até recorreram a mim em busca de conselho, visto que, com um pouco de psicologia, é possível compreender essas coisas. Também com alguns conhecimentos psicológicos teria sido possível prever as mudanças. Mas a geração mais velha cometeu, sou forçado a dizer, o erro imperdoável de menosprezar o homem real, a favor de uma idéia abstrata de homem. Esse erro

alia-se intimamente ao falso intelectualismo que caracterizou todo o século XIX.

*Muito obrigado, Dr. Jung. Acabamos de ouvir algo sobre a sua atitude em relação aos problemas mais gerais da situação como um todo. Gostaria agora de fazer algumas perguntas mais específicas sobre a sua psicologia. Qual é, em sua opinião, a posição da psicologia em geral nos dias de hoje? Qual é a tarefa que lhe cabe numa época de tamanha atividade?*

É justamente porque vivemos numa época tão ativa e responsável que necessitamos de mais conscientização e reflexão sobre nós mesmos. Num tempo como o nosso, quando estão em marcha tremendos movimentos políticos e sociais, eu, como psicólogo, sou muito freqüentemente procurado, como já disse, por pessoas que sentem a necessidade de orientação psicológica. Essa necessidade reflete um saudável instinto. Quando reina a confusão geral, como na Europa de hoje, surge instintivamente em nós a necessidade de uma *Weltanschauung* comum, a qual, diria eu, nos permite adotar uma visão unitária das coisas e discernir o significado interior de todo o movimento. Se não conseguimos obter essa visão, pode facilmente acontecer que sejamos, por assim dizer, inconscientemente levados pela corrente dos acontecimentos. Pois os movimentos de massa têm a peculiaridade de sobrepujar o indivíduo pela sugestão coletiva e torná-lo inconsciente. O movimento político ou social nada ganha com isso, quando apenas conta com enxames de seguidores hipnotizados. Pelo contrário, há o perigo de uma igualmente grande desilusão ao despertar-se da hipnose. Portanto, é do maior valor para os movimentos de massa possuírem adeptos que não são movidos pela compulsão inconsciente mas pela convicção consciente. Mas essa convicção consciente só pode basear-se numa *Weltanschauung*.

*E o senhor pensa, se o entendi corretamente, que essa* Weltanschauung *pode ser melhor adquirida, em certos casos, com a ajuda da psicologia — da sua psicologia — de modo que as pessoas possam manter-se interiormente firmes, a fim de trabalharem com êxito e segurança no mundo exterior a elas, visto que, de outro modo, seus impulsos inconscientes, estados de ânimo, e não sei que mais, podem estorvá-las na medida em que interferem em suas atividades exteriores. O senhor sabe, o fato é que hoje, na Alemanha, a psicologia é suspeita em muitos setores precisamente porque se preocupa com o desenvolvimento pessoal do chamado indivíduo e, portanto, desconfia-se de que esse famoso individualismo de gabinete, ou individualismo de luxo, pertence a uma era que, para nós, está realmente morta. Por isso gostaria de lhe perguntar: Como, no presente momento, quando as forças coletivas da comunidade inteira*

*assumiram a liderança para moldar o nosso modo de vida, poderemos avaliar os esforços da psicologia no papel prático que teria de desempenhar em prol da vida e da comunidade como um todo?*

O autodesenvolvimento do indivíduo é especialmente necessário em nosso tempo. Quando o indivíduo não possui consciência de si mesmo, o movimento coletivo também carece de um sentido claro de desígnio. Somente o autodesenvolvimento do indivíduo, que eu considero ser o objetivo supremo de todo o esforço psicológico, pode produzir porta-vozes e líderes conscientemente responsáveis do movimento coletivo. Como Hitler disse recentemente, o líder deve ser capaz de estar só e deve ter a coragem de seguir seu próprio caminho. Mas se ele não se conhece a si mesmo, como poderá liderar outros? É por isso que o verdadeiro líder será sempre aquele que tem a coragem de ser ele mesmo e que pode não só olhar os outros nos olhos mas também olhar-se todo a si mesmo.

*Chego agora a um ponto muito específico. Que diferença — embora eu já tenha enfatizado isso um pouco, logo no começo — que diferença existe entre uma psicologia como a sua, impregnada de visão, e as psicologias de Freud e Adler, as quais são inteiramente construídas numa base intelectual?*

É um dos mais excelsos privilégios do espírito alemão deixar que a totalidade da criação, em toda a sua inexaurível diversidade, aja sobre ele sem preconceitos. Mas, no caso tanto de Freud como de Adler, um ponto de vista individual — por exemplo, a sexualidade ou a vontade de poder — é estabelecido como crítica contra a totalidade do mundo fenomenal. Desse modo, uma parte do fenômeno é isolada do todo e decomposta em fragmentos cada vez menores, até que o sentido que reside somente na totalidade é distorcido e redunda em absurdo, e a beleza que é própria apenas do todo se reduz a uma aberração. Eu nunca poderia aceitar com indulgência essa hostilidade à vida.

*Estou-lhe especialmente grato, Dr. Jung, por essa resposta. Penso que ela agirá sobre muitos de nós como uma libertação. Em conclusão, ainda tenho uma pergunta que é de particular interesse para nós hoje, e que é sobre a questão de liderança. Baseado em sua experiência psicológica, tem algo a dizer sobre a idéia de liderança pessoal e de uma elite dirigente que hoje é reconhecida na Alemanha, em contraste com um governo eleito, dependente da opinião das massas, tal como foi desenvolvido na Europa ocidental?*

Estamos vivendo hoje numa época de invasões bárbaras, mas elas têm lugar internamente, na psique dos povos. É uma ruptura das nações. As épocas de movimento de massa são sempre tempos

de liderança. Todo e qualquer movimento culmina organicamente num líder, o qual consubstancia em todo o seu ser o significado e o propósito do movimento popular. Ele é uma encarnação da psique da nação e seu porta-voz. É a ponta de lança da falange de todo o povo em movimento. A necessidade do todo exige sempre a existência de um líder, seja qual for a forma que um estado possa adotar. Só em tempos de quiescência sem objetivos pode arrastar-se a lenga lenga sem finalidade das deliberações parlamentares, o que demonstra sempre a ausência de uma agitação nas profundezas ou de uma emergência definida; até o mais pacato governo da Europa, o *Bundesrat* suíço, é investido em épocas de emergência de poderes extraordinários, democracia ou não democracia. É perfeitamente natural que um líder se coloque à frente de uma elite, a qual em séculos passados era formada pela nobreza. A nobreza acredita, pela lei da natureza, no sangue e no espírito de clã. A Europa ocidental não entende a emergência psíquica especial da jovem nação alemã porque não se encontra na mesma situação, tanto histórica quanto psicologicamente.

*Muito obrigado, Dr. Jung, por responder tão prontamente a essas perguntas, e também pela substância de suas respostas, as quais certamente serão de grande significação para muitos de nossos ouvintes. O fato é que estamos vivendo hoje numa fase de reconstrução em que tudo depende de se consolidar internamente o que foi conseguido exteriormente e de o insuflar na psique de cada indivíduo. Para tanto, necessitamos, se me permite expressar minha opinião pessoal, de líderes como o senhor, que realmente conhece algo sobre a psique, a psique alemã, e cuja psicologia não é apenas palavreado intelectual mas um conhecimento vivo dos seres humanos.*

# ESTÁ O MUNDO EM VÉSPERAS DO RENASCIMENTO ESPIRITUAL?

O *Hearst's International-Cosmopolitan* de abril de 1934 publicou este artigo "por C. G. Jung", com o subtítulo, "Um famoso psicólogo ultramoderno conclui que a necessidade suprema do espírito humano é satisfeita pelo antigo espírito da Páscoa". Era ilustrado com desenhos de caráter inspiradoramente sugestivo por Harold von Schmidt. Jung, entretanto, escreveu a um correspondente americano a 21 de abril de 1934: "A propósito, o meu suposto artigo no *Cosmopolitan Magazine* foi uma entrevista com um repórter e não um artigo escrito por mim. Nem sequer vi um exemplar dela." O nome do entrevistador e a ocasião da entrevista não foram descobertos. O mesmo artigo, com pequenas variações (e um parágrafo adicional, assinalado com um asterisco, na p. 82), foi publicado com o título "A Alma do Homem Moderno", numa revista tipo seleções, *The Modern Thinker* (Nova Iorque), em agosto de 1934. Na presente versão, os grifos excessivamente enfáticos foram eliminados.

Eis pelo que teólogos, ao largo de muitos séculos, vêm clamando; o que muitos deles afirmaram ver através do nevoeiro de dúvidas, desilusão e desespero, como uma estrela refulgindo nos altos céus.

Não sou um teólogo; sou um médico e um psicólogo. Mas, como médico, tenho tido experiências com milhares de pessoas de todas as partes do mundo — aquelas que vêm contar-me histórias de suas vidas, suas esperanças, seus temores, suas realizações e seus fracassos. Estudei cuidadosamente a psicologia delas, a qual é e deve ser o meu guia.

De minha experiência com esses milhares de pacientes, convenci-me de que *o problema psicológico de hoje é um problema espiritual, um problema religioso.* O homem de hoje está faminto e sedento de uma relação segura com as forças psíquicas dentro de si mesmo. Sua consciência, recuando em face das dificuldades do mundo moderno, carece de um relacionamento com condições espirituais seguras. Isso fá-lo neurótico, doente, assustado. A ciência disse-lhe que não existe Deus, que tudo o que existe é matéria. Isso privou a humanidade de sua floração plena, de sua sensação de bem-estar e de segurança num mundo confiável.

Na medida em que o homem moderno é compelido a voltar-se para si mesmo, tomado de dúvida e medo, ele olha para a sua própria vida psíquica, a fim de que lhe dê algo de que sua vida exterior o privou. Em virtude do atual interesse generalizado por toda a espécie de fenômenos psíquicos — um interesse como o mundo não conhecia desde a segunda metade do século XVII — não parece fora do alcance da possibilidade acreditar que estejamos no limiar de uma nova época espiritual; e que, das profundezas da própria vida psíquica do homem, nascerão novas formas espirituais.

Olhamos o mundo à nossa volta, e que vemos? A desintegração de muitas religiões. É geralmente admitido que as igrejas não estão dominando as pessoas como outrora, especialmente as pessoas educadas, que não sentem mais serem redimidas por qualquer sistema de teologia. O mesmo se vê nas antigas religiões institucionais do Oriente: o confucionismo e o budismo. Metade dos templos de Pequim estão vazios. Em nosso mundo ocidental, milhões de pessoas não vão à igreja. Só o protestantismo se desmembrou em quatrocentas seitas religiosas.

Contraste-se esse estado de vida e pensamento com o da Idade Média. Nesses séculos, quase toda a gente ia à missa todas as manhãs. A vida toda era vivida dentro da igreja ou à sua sombra, o que se converteu numa tremenda saída de energia psíquica.

Em vez disso, temos hoje uma vida intricada e complexa, cheia de dispositivos mecânicos para a existência. Uma vida coroada de automóveis, rádios e filmes. Mas nenhuma dessas coisas é um substituto para o que perdemos. A religião dá-nos uma rica aplicação para os nossos sentimentos e emoções. Propicia significado à vida.

O homem, na Idade Média, vivia num mundo significativo. Sabia que Deus tinha feito o mundo com um propósito definido; tinha-*o* feito a ele com um propósito definido: ganhar o céu ou o inferno. Isso fazia sentido. Hoje, o mundo em que todos nós vivemos é um manicômio. Isto é o que muita gente está sentindo. Algumas pessoas procuram-me para me dizer isso.

Toda aquela energia que estava na origem do rico florescimento da vida emocional do homem durante a Idade Média, e que encontrou expressão na pintura dos grandes quadros religiosos, na escultura das grandes estátuas religiosas, na construção das grandes catedrais, apagou-se na insipidez e no tédio. Não se perdeu, porque é uma lei que a energia não pode perder-se.

Então em que se converteu? Para onde foi? A resposta é que está no inconsciente do homem. Pode-se dizer que desceu para um andar inferior.

Veja-se o exemplo de um homem de negócios: vitorioso, rico, ainda não velho. Terá talvez uns 45 anos. Diz ele: "Fiz fortuna;

tenho filhos que têm idade bastante para continuar o negócio que eu fundei. Vou aposentar-me. Construirei uma bela casa no campo e viverei aí sem cuidados nem preocupações." De modo que se aposenta. Constrói sua casa e vai viver nela. E diz para os seus botões: "Agora é que minha vida começará".

Mas nada acontece.

Certa manhã, ele está no banheiro e tem consciência de uma dor na ilharga. Preocupa-se com isso o dia todo; pergunta-se intimamente o que será. Quando vai para a mesa, não come. Em poucos dias, sua digestão está desorganizada. Em quinze dias, está muito doente. Os médicos que chamou não sabem o que se passa com ele. Finalmente, um deles diz-lhe: "Falta um interesse em sua vida. Volte ao seu negócio. Retome-o de novo."

O homem é inteligente, e esse conselho parece-lhe bom. Decide segui-lo. Volta ao seu escritório e senta-se em sua antiga escrivaninha, declarando que ajudará agora seus filhos na gerência. Mas quando lhe é levada a primeira carta comercial, não pode concentrar-se nela. É-lhe impossível tomar as decisões que ela requer. Agora está terrivelmente assustado a respeito de sua condição.

Percebem o que aconteceu. Ele não pôde voltar. Já era tarde demais. Mas sua energia ainda existe e deve ser usada.

Esse homem procurou-me com o seu problema. Eu disse-lhe: "Você estava perfeitamente certo em retirar-se dos negócios. Mas não para cair no vazio, para não fazer nada. Deve ter algo em que se apóie, que lhe dê um rumo na vida. Em todos esses anos em que dedicou sua energia à construção de sua empresa, nunca construiu quaisquer interesses fora dele. Retirou-se dos negócios mas, ao retirar-se, nada encontrou no lugar deles, nada em que usar sua energia."

Este é o quadro da condição do homem de hoje. Por isso acho que existe algo de errado com o mundo. Todos os interesses materiais, os automóveis, rádios e arranha-céus de que dispomos, não saciam a alma faminta. Tentamos retirar-nos do mundo, mas para onde? Alguns tentam regressar às igrejas. Alguns são capazes de fazer isso. Mas outros não consideram isso inteiramente satisfatório. São como o homem de negócios que tentou voltar à sua escrivaninha.

E essas pessoas procuram-me, pedem-me que as ajude a encontrar um significado na vida. Que lhes direi?

Entre essas pessoas comparece um homem que é apenas ligeiramente neurótico.

Ele diz-me:

— Não estou realmente muito doente. Talvez não devesse estar aqui tomando o seu tempo. Mas sei que o senhor se ocupa da mente humana. Por isso pensei que talvez possa dizer-me em que

condições poderei viver. Tenho a sensação de estar desamparado e solitário num mundo que não faz sentido.

— Meu caro senhor, — disse eu, — não sei mais do que você o significado do mundo ou o significado de sua vida. Mas você... todos os homens... nasceu com um cérebro inteiramente equipado. Foram precisos milhões de anos para se criar o cérebro e o corpo que hoje temos. O seu cérebro incorpora toda a experiência da vida. A psique, que pode ser denominada a vida do cérebro, existia antes que a consciência existisse na criança pequena.

— Agora, — prossegui eu, — suponhamos que eu necessito de conselhos sobre a vida e conheço um homem que já tem mil anos de idade. Procuro-o e digo: "Você presenciou muitas mudanças; observou e experimentou a vida sob múltiplos aspectos. Minha vida é curta — talvez setenta anos, talvez menos — e você viveu um milhar de anos. Diga-me qual é o significado da vida para mim."

Quando disse isto ao meu paciente, ele empinou as orelhas e encarou-me.

— Não, — disse eu, — não sou esse homem. Mas esse homem fala com você todas as noites. Como? Em seus sonhos.

E prossigo:

— Você está em apuros. Sente que sua vida não tem rumo. Não posso dizer-lhe o que fazer. Mas perguntemos ao Grande Ancião. Ele lhe dirá. Passe alguns dias fora e terá um sonho. Volte e conte-me o que sonhou.

O homem saiu. Voltou dias depois e trouxe-me um sonho. É difícil de apurar. Mas trabalhamos juntos e o sonho diz-me algo sobre o paciente.

Certas pessoas perdem a ligação com a vida porque cometeram erros, ou porque estão vivendo do modo errado, numa vida que é apenas intelectual. Os sonhos que trazem a um psicólogo tratam primeiro dessas coisas.

Todos os sonhos revelam experiências espirituais, desde que a pessoa não aplique o seu próprio ponto de vista à interpretação deles. Diz Freud que todos os anseios expressos pelo homem em seus sonhos se relacionam com a sexualidade. É verdade que o homem é um ser com sexo. Mas também é um ser com estômago e fígado. Poderíamos dizer igualmente que, pelo fato de possuir um fígado, todos os problemas do homem provêm desse órgão.

O homem primitivo tinha muito poucas dificuldades com o sexo. A satisfação de seus desejos sexuais era — e ainda é nos povos primitivos de hoje — demasiado fácil para constituir um problema. O que mais preocupa o homem primitivo — e eu vivi entre povos primitivos, Freud não — é o seu *alimento*: onde irá obtê-lo e se obterá o suficiente.

O homem civilizado, em seus sonhos, revela a sua necessidade espiritual.

Quando a ciência moderna desinfetou o céu, não encontrou Deus. Alguns cientistas dizem que a ressurreição de Jesus, o nascimento no ventre de uma virgem, os milagres — todas essas coisas que alimentaram o pensamento cristão ao longo das eras, são belas histórias mas inverídicas. Mas eu digo: Não esqueçam o fato de que essas idéias que milhões de homens alimentaram de gerações em gerações são grandes e eternas verdades psicológicas.

Examinemos essa verdade, tal como um psicólogo a vê. Aqui temos a mente do homem, sem preconceitos, imaculada, incorrupta, pura, simbolizada por uma virgem. E essa mente virginal do homem pode dar nascimento ao próprio Deus.

"O reino do céu está dentro de vós". Isto é uma grande verdade psicológica. O cristianismo é um belo sistema de psicoterapia. Cura o sofrimento da alma.

Essa é a verdade a que o homem se apegou ao longo dos tempos. Mesmo depois que a consciência dele escutou por demasiado tempo à porta da moderna ciência materialista, o homem continuou apegado a essa verdade em seu inconsciente. Os antigos símbolos são hoje bons. Ajustam-se às nossas mentes tão bem quanto se ajustavam às mentes que os conceberam.

Bem no fundo do inconsciente de cada um de nós estão todas as tentativas do Grande Ancião para expressar suas experiências espirituais.

Suponha-se que lhe peço para ficar em minha casa. Digo-lhe que ela foi bem construída, que é confortável; que a nossa vida é agradável; que você terá boa comida. Poderá nadar no lago e passear no jardim. Com essas convicções em mente, você decide vir hospedar-se e desfrutar de sua estada. Mas suponha-se que, quando o convido, lhe digo: "Esta casa não é lá muito segura. Os alicerces não são de confiança. Tivemos muitos tremores de terra nesta região e creio que eles ficaram abalados. Além disso, tivemos aqui doença. Alguém morreu recentemente de tuberculose neste quarto". Em tais condições e com essas idéias em mente, você sentiria prazer em estar nessa casa?

Aquele homem medieval de que falei tinha uma bela relação com Deus. Vivia num mundo seguro, ou que ele acreditava ser seguro. Deus olhava por todos; premiava os bons e punia os maus. Havia a igreja, onde o homem podia sempre obter perdão e graça. Tinha apenas de entrar nela para receber uma coisa e outra. Suas orações e preces eram ouvidas. Era espiritualmente amparado.

Mas o que é dito ao homem moderno? A ciência disse-lhe que não existe ninguém para cuidar dele. E, assim, ele vive cheio de medo.

Durante algum tempo, depois que renunciamos ao Deus medieval, tivemos o ouro por divindade. Mas, agora, também ele foi declarado incompetente. Confiamos em exércitos, mas ameaça de gases venenosos derrotou-os. As pessoas já falam sobre a próxima guerra. Em Berlim, construíram abrigos debaixo das ruas para escapar aos ataques de gases. Se continuarem falando desse modo, pensando desse modo, a próxima guerra não tardará em explodir.

Num mundo assim, é muito natural que todos fiquem neuróticos. Mesmo que a casa onde vivemos seja realmente segura, se você tiver a idéia de que não é, você sofrerá. Sua reação depende inteiramente do que você pensa.

Ao enfatizar este ponto aos meus alunos, costumo dizer: "Como é que medem uma coisa? Por seus efeitos. E usualmente por seus terríveis efeitos. Ocorre uma avalancha que varre uma dúzia de granjas, mata dezenas de vacas, e vocês dizem, 'Foi um monstro de avalancha!' Agora digam-me o que é a coisa mais destrutiva de que têm conhecimento?"

Uma por uma, consideramos coisas tais como incêndios, terremotos, erupções vulcânicas, inundações, epidemias.

Então eu digo: "Não podem pensar em nada mais terrível do que qualquer dessas coisas? Que me dizem da guerra mundial?"

Ah, sim! Os explosivos de alta potência.

"Mas," pergunto eu, "os explosivos fazem-se a si mesmos? São eles que declaram guerra e marcham para a guerra? São eles que levam os homens a tiracolo?"

É a psique humana que faz guerras. Não a consciência do homem. A consciência tem medo, mas o inconsciente dele, que contém a selvajaria herdada, assim como os impulsos espirituais da raça, diz-lhe: "Agora é tempo de fazer guerra. É tempo de matar e destruir". E o homem faz tudo isso.

O mais tremendo perigo que o homem tem que enfrentar é o poder de suas idéias. Nenhum poder cósmico da terra destruiu dez milhões de homens em quatro anos. Mas a psique humana fez isso [na guerra de 1914-18]. E pode voltar a fazê-lo.

Só tenho medo de uma coisa: os pensamentos de pessoas. Tenho meios de defesa contra as outras coisas.

Vivo aqui em minha casa, feliz com minha família. Mas suponhamos que ela adquire a ilusão de que eu sou um demônio em pessoa. Poderei ser feliz com ela, nesse caso? Poderei estar seguro? Todos nós estamos sujeitos a contaminações coletivas.

As infecções coletivas são maiores do que o homem. E o homem é vítima delas. Ele grita, e desfila, e finge ser o líder, mas realmente é a vítima dessa contaminação. Esta é, na verdade, a erupção

de forças terrenas e espirituais provenientes das profundezas da psique.

Voltem o olho da consciência para dentro, a fim de ver o que aí existe. Vejamos o que se pode fazer em pequena escala. Se eu plantei corretamente uma couve, então servi o mundo nesse exato lugar. Não sei que mais posso fazer.

Examinem os espíritos que falam em vocês. Tornem-se críticos. O homem moderno deve estar plenamente cônscio dos terríveis perigos que residem nos movimentos de massa. Escutem o que o inconsciente diz. Prestem atenção à voz desse Grande Ancião dentro de vocês, que viveu tanto tempo, viu e experimentou tanto. Tentem compreender a vontade de Deus: a extraordinariamente potente força da psique.

* Tudo está aí. *O reino dos céus está dentro de vós.* Esta é uma grande verdade psicológica. O cristianismo é um belo sistema de psicoterapia. Cura o sofrimento da alma.

Eu digo: Devagar. Devagar. Com cada bem chega um mal correspondente, e a cada mal corresponde um bem. Não corram depressa demais ao encontro de um, a menos que estejam preparados para encontrar o outro.

Não estou preocupado a respeito do mundo. Estou preocupado a respeito das pessoas com quem vivo. O outro mundo está todo nos jornais. Minha família e meus vizinhos são a minha vida — a única vida que posso experimentar. O que fica para além é mitologia jornalística. Não é de imensa importância que eu faça uma carreira ou realize grandes coisas para mim mesmo. O que é importante e significativo para a minha vida é que viva o mais plenamente possível para cumprir a vontade divina dentro de mim.

Essa tarefa dá-me tanto que fazer que não tenho tempo para qualquer outra. Deixem-me sublinhar que, se todos vivêssemos desse modo, não precisaríamos de exércitos, nem de polícia, nem de diplomacia, bancos e políticos. Teríamos uma vida cheia de significação e não aquilo que temos hoje: loucura.

O que a natureza pede da macieira é que produza maçãs, da pereira que produza peras. A natureza quer que eu seja simplesmente homem. Mas um homem consciente do que sou e do que estou fazendo. Deus dirige-se à consciência no homem. É essa a verdade do nascimento e ressurreição de Cristo dentro de nós. Quanto maior é o número de pensadores que se apercebem disso, mais perto estamos do renascimento espiritual do mundo. Cristo, o Logos — quer dizer, a mente, a compreensão, o brilho que rasga a escuridão. Cristo foi uma nova verdade acerca do homem.

A humanidade não tem existência. Eu existo, tu existes. Mas humanidade é apenas uma palavra. Sê o que Deus quer que sejais;

não se preocupem com a humanidade. Quando se preocupam com a humanidade, que não existe, vocês estão evitando olhar para o que existe: o eu. São como um homem que se debruça sobre a cerca do vizinho e lhe diz: "Veja, você tem ali uma erva daninha. E outra ali, e mais além uma outra. Por que não monda a terra um pouco mais fundo? E por que não prende suas vinhas?" E, entrementes, sua própria horta, nas suas costas, está cheia de ervas daninhas.

# DO DIÁRIO DE CHARLES BAUDOUIN: 1934

Charles Baudouin (1893-1963), professor na Universidade de Genebra, foi o fundador do Instituto de Psicagogia nesse estabelecimento de ensino superior, tendo como patronos Freud, Adler e Jung, e cujo programa era católico. Baudouin associou-se finalmente à escola de psicologia analítica como professor, analista e escritor. Seu livro póstumo, *L'Oeuvre de Jung* (1963), contém, num capítulo intitulado "Jung, homme concret", numerosas passagens do diário de Baudouin, relatando seus encontros com Jung durante mais de 20 anos. A mais antiga foi escrita depois que Baudouin assistiu a um seminário de Jung na *Société de Psychologie* de Basiléia, 1-6 de outubro de 1934.[1] Essa versão, ligeiramente resumida, foi traduzida e publicada em inglês como "Jung, The Concrete Man", no anuário Friends *Inward Light* (Washington), outono-inverno, 1975-76. Ela recebeu aqui novo resumo. (Para outros extratos, ver pp. 142, 179, 215, 324.)

Basiléia, domingo, 7 de outubro de 1934

É tempo de reunir as impressões que a personalidade de Jung causou em mim durante esses poucos dias, atar o maço e apresentar o retrato. Um retrato de corpo inteiro e de pé, sublinhe-se, portanto o vejo falando e ensinando sempre de pé, ora parado, ora caminhando em passos firmes de um lado para o outro da sala. A palavra "estatura" é a que me ocorre ao espírito, ou a palavra alemã "Gestalt". Não é um homem de gabinete ou escritório; é uma força.

Uma das histórias pitorescas com que ele entremeia suas aulas foi por mim retida. Espero não a desvirtuar ao repeti-la de memória. Jung tinha vivido com uma tribo de índios Pueblo,[2] onde, para identificar um estrangeiro, eles não pedem o passaporte mas perguntam a si mesmos, "Que animal é este?" Quer dizer, "De que totem é ele?", e observam-no atentamente, visto que pertencer a um totem é ser o totem; tão forte é a "participação", e o animal sagrado

1. Publicado, ligeiramente adaptado, em *L'Homme à la decouverte de son âme* [O Homem à descoberta de sua alma] (Genebra, 1944), volume coordenado por Roland Cahen-Salabelle. Jung incluiu boa parte do mesmo material em suas Conferências Tavistock, dadas em Londres, 30 de setembro-4 de outubro de 1935 (em CW 18).

2. Ver acima, p. 13. Jung esteve no Pueblo Taos por um dia ou dois em 1925.

impregnou de tal modo o homem, que basta olhar para ele quando anda, age e vive para reconhecê-lo. Quando o homem é de uma tribo vizinha, o jogo é muito fácil, evidentemente; mas no caso de um homem branco, tão diferente de tudo o que se conhece, o problema muda de figura. Jung sabia, pelo seu intérprete, do embaraço de seus anfitriões por não terem conseguido identificá-lo. Contudo, conquistou suficientemente os seus corações para que o convidassem um dia — um sinal de confiança e boas-vindas — a visitar o andar superior da casa. Isso significava subir uma escada de mão. Mas enquanto os índios subiam de costas para a escada e com a agilidade de macacos, Jung subiu-a naturalmente à maneira européia, de frente para a escada, colocando os pés deliberadamente em cada degrau e apresentando aos circunstantes que o observavam de baixo suas costas poderosas e reforçadas. Um grande clamor prorrompeu entre os índios, cujo motivo lhe foi depois explicado. Ao verem-no subir a escada daquele modo, tinham reconhecido o totem de Jung: o urso! o urso!

Ele teve a sagacidade bastante para entrar no espírito da coisa e sua compreensão de povos "primitivos" era suficientemente avançada para captar toda a seriedade do evento. Substancialmente, Jung disse-lhes: "Sim, vocês adivinharam corretamente; o urso é o totem do meu país; ele deu o nome à nossa capital, Berna; ele figura no brasão da cidade." E, no regresso à Suíça, enviou-lhes, como prova e lembrança, um pequeno urso de madeira como os que são aí talhados como "souvenir". Em troca, e como testemunho de amizade, Jung recebeu, lembro-me perfeitamente, um calção de couro.

* * *

Nestes últimos dias, falando-nos sobre as tribos, os espíritos da floresta, esse outro mundo de mistério que adquire vida, subitamente, ao cair da noite, ele foi mais como o feiticeiro impregnado dos espíritos a cujo respeito nos fala, engenhoso ao evocá-los e fazendo com que a presença inquietante deles paire sobre o auditório em suspense. Depois, de repente, uma boa história dissipará a tensão com uma risada geral bem colocada. Sua força compacta é alimentada por uma soma substancial de experiência humana e reflui nele como se fosse multiplicada pela reação de sua própria tribo, esse círculo de discípulos de ambos os continentes que o cercam e sustentam. Mexericos hostis acusaram esses discípulos e ouvintes de esnobismo. Certamente existe algo disso, tal como havia em torno das aulas que Bergson deu no Collège de France; o que não serve de argumento contra Bergson, nem ainda contra Jung. Mas quando alguém objetou que a maioria de seus discípulos era de mulheres,

diz-se que Jung teria respondido: "E o que posso fazer? A psicologia é, no fim de contas, a ciência da alma, e não é culpa minha se a alma é uma mulher." Um gracejo; mas, para quem acompanhou suas lições, um gracejo que está carregado de experiência e por trás do qual vemos surgir, em todo o seu ambíguo esplendor, o arquétipo de anima.

* * *

Observando-o, vendo-o lecionar e depois relaxar num círculo mais íntimo, registrei durante essa semana em Basiléia muitos aspectos de seu ser e aparência, muitas expressões díspares. Sob a testa ampla do pensador, os planos de seu rosto são firmes e cheios; os olhos cinzentos parecem, de súbito, curiosamente pequenos e feitos para a investigação minuciosa e penetrante; em outros momentos, eles são principalmente maliciosos, e o rosto converte-se no de um confessor-cúmplice, um sacerdote que desfruta a vida, as faces subitamente vermelhas de riso vigoroso e franco; mas o perfil chama-os então à ordem — é muito mais sério, angular, e marca o intelectual de alto nível.

Mas vendo-o viver, percebe-se que essas expressões díspares estão organizadas num todo coerente. Sente-se que ele não nega nenhuma delas, que ser e aparência (o eu e a persona) encontraram seu *modus vivendi,* que seus ensinamentos sobre a "integração de todas as funções" para formar uma totalidade não são fruto de sabedoria livresca mas vividos, o que equivale a afirmar que ele pertence não só à estirpe dos eruditos mas também à dos sábios.

Eu conhecia Jung através de seus livros e conheci-o pessoalmente. Mas durante essa semana que passei em sua companhia sinto que o descobri. Para dizer a verdade, fiz duas descobertas. Em primeiro lugar, fui impressionado pelo caráter fortemente *concreto* desse homem e de seu pensamento. Em segundo lugar, percebi quanto ele deve à sua união com os "primitivos"; suas viagens não foram acidentes pitorescos em sua vida; elas estão entre as substâncias nutritivas que alimentam seu pensamento. Eu acrescentaria que esses dois pontos estão intimamente ligados.

O concreto destaca-se a todo o momento em seu modo de expor idéias, enfatizando os fatos, seus gestos sóbrios e comedidos mas carregados de energia, e pedindo apenas para que lhes soltem o freio. Isso é especialmente visível quando ele descreve uma de suas cenas africanas; de fato, Jung representa-as em forma abreviada, torna a cena visível. Havia o episódio que ilustra o fato de primitivos não conhecerem a força de vontade no sentido em que a entendemos; eles devem primeiro mobilizar a energia necessária para uma ação

e esse é o propósito servido por certos rituais mágicos de caráter muito preciso. Por exemplo, o rapaz que estava encarregado de levar o correio à cidade (quem sabe a quantas léguas de distância!) mantém-se passivamente sentado quando o europeu lhe pede que execute esse serviço e se oferece para recompensá-lo por isso; é como se ele não entendesse o que lhe era pedido. Mas o feiticeiro passa por eles, toma o caso em suas mãos — e o chicote também! — e inicia a "dança da corrida" em redor do rapaz; a tribo junta-se ao feiticeiro, o rapaz é empurrado para o meio da roda e, finalmente, como se tivesse sido projetado por um estilingue, dispara em correria até desaparecer da vista! Tudo isso foi reproduzido diante de nós; por outras palavras, nós *vimos* a cena.

Mas esse jogo de gestos para demonstrar e explicar floresce ainda mais livremente na conversa familiar. Estávamos certa noite falando sobre sonhos "telepáticos", quando, entre pessoas que são emocionalmente afins, parece ter lugar uma comunicação e penetração inconsciente recíproca. Jung, finalmente, para resumir seus pensamentos sobre o assunto representou-os na seguinte encenação: com gestos breves e firmes, ele tocou primeiro em minha testa, depois na dele e, em terceiro lugar, traçou um grande círculo com a mão no espaço entre nós; os três movimentos sublinharam as três cláusulas deste enunciado; "Em suma, uma pessoa não sonha aqui nem sonha aqui, uma pessoa sonha ali." E *ali* a mão permaneceu volteando, como o estilingue acima mencionado, e a idéia, à semelhança do mensageiro, foi lançada.

Disse que esse aspecto concreto está associado à experiência africana de Jung. Acabei vendo que ele possuía um sentimento de concretismo a respeito da alma; quando ele intitula um livro *Wirklichkeit der Seele*[3] (Realidade da Alma), não se trata de uma expressão vazia e sem fundamento. Por certo, ele convencera-se, através de seus pacientes, desse aspecto concreto das coisas da psique, mas certamente os "primitivos" colocaram-no em contato com ele de um modo mais íntimo e convincente, pois é assim que eles sentem. Quando Jung me estava falando o outro dia, em casa do Dr. von Sury,[4] acerca desses "espíritos ancestrais", que pairam sobre uma pessoa quando ela volta ao seu lugar natal, e cuja presença ele mesmo sente quando regressa a Basiléia, eu reconheci que esses "espíritos" tinham peso, como a atmosfera durante uma trovoada. E quando ele foi levado por essa reflexão a estudar, na parede, a

3. Publicado em Zurique no mesmo ano de 1934. Continha nove ensaios, depois distribuídos por diversos volumes das Obras Completas.

4. O Dr. Kurt von Sury, de Basiléia, que se juntou a Jung e outros para fundarem em janeiro de 1934 a Sociedade Suíça para a Psicologia Prática.

árvore genealógica da família von Sury, apercebi-me de como ele sentia essas raízes penetrando fundo e prendendo-se com firmeza numa terra que era real e sólida.

* * *

Esse concretismo de Jung era parte de sua constituição. Em suas recordações da infância, ele conta-nos os tormentos por que passou com a matemática, especialmente com as abstrações algébricas, que achava incompreensíveis. Para lhes dar sentido, tinha que colocar algarismos em lugar das letras. A simples equação a = b enfurecia-o e parecia-lhe uma impostura grosseira, um ardil indecoroso: como *a* é uma coisa e *b* é uma outra coisa, é uma deslavada mentira dizer que são iguais. Se isso era uma disposição inata de sua mente, não podia deixar de ser reforçada e justificada, a seus olhos, por seus fecundos contatos com a "mentalidade primitiva". A mente acadêmica esperava um cartógrafo; e descobriu-se face a face com um explorador que emerge do matagal armado, vergado ao peso do equipamento, e solidamente envolvido em plantas rasteiras e trepadeiras, arrastando com ele todos os odores da floresta.

* * *

(Traduzido do francês para o inglês por Elined Prys Kotschnig)

# VICTORIA OCAMPO VISITA JUNG

A ilustre escritora, editora e tradutora argentina Victoria Ocampo não conhecia pessoalmente Jung, segundo parece, antes de seu encontro com ele em 1934, que ela descreve neste extrato de um artigo publicado em *La Nación* (Buenos Aires), em 5 de março de 1936. Anteriormente, porém, ela providenciara a tradução para o espanhol, por Ramón Gomez de la Serna, de *Tipos Psicológicos,* de Jung; sua edição foi publicada em Buenos Aires em fins de 1934 e para ela escreveu Jung um prefácio especial, datado de outubro de 1934 (e incluído em CW 6). Por seu lado, Jung estava familiarizado com a personalidade de Victoria Ocampo através de numerosas referências a ela em cartas escritas pelo Conde Hermann Keyserling, que, numa carta de novembro de 1929, descreveu uma "relação estranhamente intensa e, ao mesmo tempo, irreal" que se estabelecera entre ele e a escritora durante suas viagens pela América do Sul. Algumas das cartas de Jung a Keyserling em que se discute esse relacionamento estão publicadas em *Letters,* edição organizada por Gerhard Adler, vol. I, 20 de dezembro de 1929, 23 de abril de 1931 e 13 de agosto de 1931. (A primeira parte do artigo de 1936 de Victoria Ocampo discutiu idéias provocadas por *Tipos Psicológicos.* O artigo, em sua íntegra, foi incluído em *Domingos en Hyde Park,* 1936, um volume em *Testimonios,* de Ocampo.

Em outubro de 1934, no meu regresso de Roma a Paris, fiz um desvio e parei em Zurique para ver o autor de *Tipos Psicológicos.* Chovia nessa tarde em que o táxi me deixou em Küsnacht, armada de guarda-chuva e desarmada por emoções contraditórias, diante da porta do Dr. Jung. Seria por causa das longas horas no trem, da súbita mudança de temperatura, da chuva, da proximidade do grande homem? Não sei. O fato é que eu estava consciente do crescimento e desenvolvimento, dentro de mim, de um daqueles complexos de inferioridade que nos fazem sentir e desempenhar com perfeição o papel de idiota. Foi nesse estado deplorável que eu, minhas emoções e meu guarda-chuva, entramos em casa do famoso psiquiatra suíço. Mas o guarda-chuva — cuja sorte invejei nesse momento — ficou no vestíbulo, enquanto nós (minhas emoções e eu) tivemos que subir uma escada. Foi-nos solicitado que esperássemos num pequeno gabinete, com as paredes revestidas de estantes carregadas de livros. Esse intervalo foi providencial. Em várias prateleiras, percebi de súbito, alinhados em filas compactas, alguns regimentos de histórias policiais. A chegada da pomba com o raminho de oliveira não pode-

ria ter produzido no coração de Noé um prazer maior do que essa descoberta causou no meu. Para mim, ela também anunciava "Terra à vista!"

*"Homu sum!"*, pensei eu. Na casa do Dr. Jung, eles (ele ou sua família) também liam essas histórias completamente idiotas que eram lidas na minha ou na do leitor, e que nos relaxam como um bocejo. Recuperei finalmente a calma. É verdade que, através de minha experiência, conheço o fraco de certos príncipes do espírito por histórias de bandidos e detetives; a minha biblioteca, rica nesse tipo de literatura, tem sido repetidamente saqueada por tais pessoas. Mas, apesar disso, não esperava encontrar Edgar Wallace no lar do mais eminente professor da universidade de Zurique.[1] Eu estava encantada.

Completamente reconfortada, entrei minutos depois no escritório do Dr. Jung.

Notei imediatamente que ele é alto, muito alto. Mas, estranhamente, meus olhos, que levanto para encontrar os dele, nada captaram de seu rosto exceto uma expressão de força e inteligência que se difunde e ofusca; uma inteligência que avança para mim como um enorme elefante, eclipsando tudo o mais à sua volta.

Uma inteligência elefantina! Tenho a sensação de que essa grande inteligência que vê tudo não me vê a mim, que me vai derrubar e achatar-me irremediavelmente. Sinto-me instintivamente propensa a evitá-lo e a jogar coisas contra ele. Ele agarra-as uma por uma, com a extrema e incrível destreza dos elefantes... (quer se trate de arrancar do solo um tronco de árvore, com raízes e tudo, ou de apanhar um torrão de açúcar). E assim começamos a nossa conversa.

De súbito, ele diz algo que ainda hoje me faz meditar e que, creio eu, de toda a entrevista, é o mais digno de ser repetido. Quando lhe perguntei se não gostaria de proferir algumas conferências na Argentina, ele respondeu: "Para quê? Não poderiam estar interessados. Não entenderiam. Porque são latinos? Porque são católicos?"

Eu desejava que me pudesse ser imediatamente dada uma longa aula para explicar o que ele queria dizer; mas havia pacientes esperando por ele, só Deus sabe com que carga de complexos.

Jung acompanhou-me até ao vestíbulo (onde apanhei meu guarda-chuva, que já não invejo). Seus dois cães não saíam do lado dele e, tropeçando e esbarrando neles, descemos todos a escada. Um dos animais era extrovertido, o outro introvertido, disse-me o dono da casa rindo. Não tive que lhe perguntar qual deles era o quê.

---

1. Jung demitira-se em 1914 do corpo docente de medicina da universidade; em 1934, era professor no Instituto Técnico Federal (ETH).

Como ele próprio confessou, *Tipos Psicológicos,* que recomendo aos meus amigos conhecidos e desconhecidos, "é o resultado de quase vinte anos de trabalho no campo da psicologia prática".

Diz Huxley que, quando lemos os livros de Jung, sentimos que seu entendimento intuitivo do ser humano é tão profundo quanto o de Dostoiévski.

Quanto a mim, confesso que uma obra como *Tipos Psicológicos* mexe tanto comigo quanto *Os Irmãos Karamazov*.

[Traduzido para o inglês por Martin Nozick]

# A MENTE IMORTAL DO HOMEM

Jung foi convidado pela Clínica Tavistock, em Londres — oficialmente denominada Instituto de Psicologia Médica — a realizar uma série de cinco conferências, que ele proferiu de 30 de setembro a 4 de outubro de 1935, para um público de cerca de duzentos médicos e médicas. Uma transcrição mimeografada dessas conferências circulou particularmente com o título de "Concepções Psicológicas Fundamentais"; somente em 1968 o texto foi publicado como *Psicologia Analítica: Sua Teoria e Prática*.[1] A imprensa de Londres tomou conhecimento da presença de Jung e, durante sua visita, numerosas entrevistas foram publicadas, das quais é digna de nota a do *Observer* de 6 de outubro de 1935. Ela é aqui resumida. "As gargalhadas do Dr. C. G. Jung podem ser, neste momento, ouvidas em Londres, após um silêncio de dez anos" — assim começa o anônimo repórter, e prossegue descrevendo o enorme bom humor de Jung. "Enquanto ele falava, tornou-se evidente a cisão abrupta entre sua própria teoria e prática psicológicas e as de Freud, de quem ele se separou intelectualmente há vários anos. Até que ponto a cisão é abrupta revela-se numa sentença típica de sua maneira imprevista e epigramática de falar..."

O sexo é um campo de recreação para cientistas solitários.

Tanto se poderia estudar a psicologia da nutrição quanto a psicologia do sexo. O homem primitivo, é claro, tinha instinto sexual, mas estava muito mais profundamente preocupado com a alimentação, onde obtê-la e em que quantidade. Aliás, por que basear a psicologia de um homem em seu ângulo menos favorável?

Quando me ocupo de alguém que é mentalmente desequilibrado, não estou preocupado apenas com uma função de sua mente e de seu corpo. Procuro nele o homem antigo. Procuro localizar os estratos da mente humana desde seus primórdios, tal como um geólogo estuda a estratificação da terra. O medo do homem antigo agachado junto a um riacho está em todas as nossas mentes inconscientes, assim como todos os outros medos e especulações nascidos da experiência do homem através dos tempos. A mente da espécie humana é imortal.

Por exemplo, recordo ter sentido subitamente, durante um abalo sísmico na Suíça, que a terra estava viva, que era um animal. Re-

1. E como "As Conferências de Tavistock" em CW 18.

conheci imediatamente a antiga crença japonesa de que uma gigantesca salamandra vive no interior da Terra e que os sismos acontecem quando ela dá voltas ao corpo durante o sono.[2]

Uma paciente minha disse-me certa vez que, sempre que um relâmpago rasgava o céu noturno, ela via um grande cavalo negro. Isso é uma outra idéia primitiva — que o raio era uma perna de cavalo escoiceando para baixo, o cavalo de Odin.[3] Se um homem ou uma mulher deixa de poder comunicar conosco, dizemos que ele ou ela enlouqueceu. Mas se eu puder descobrir neles o homem antigo, se puder explicar o grande cavalo negro no relâmpago, então talvez seja capaz de fazê-los comunicarem comigo. Poderei restaurar a ponte — mais facilmente ainda se puder descobrir, através dos sonhos deles, o que está em suas mentes inconscientes.

É por isso que me correspondo não só com cientistas médicos mas também com estudiosos de religião e mitologia em todas as partes do mundo. É por isso que estou atualmente estudando textos medievais no Museu Britânico. A camada medieval em nossa mente inconsciente é a que está mais próxima da superfície.

O estudo da ciência médica está em transição. As relações entre mente e corpo estão sendo mais plenamente apreciadas. Não que haja algo de novo nisso. Os doutores medievais estudavam sonhos. A medicina oriental baseia-se na psicoterapia — o tratamento de doenças por influência hipnótica.

A psicologia ainda não é, evidentemente, uma parte reconhecida do currículo médico. Há muito entusiasmo, mas também existe muita incompreensão e interpretação errônea. No entanto, eu tenho quatrocentos estudantes em Zurique, e os tribunais criminais chamam-me, como último recurso, se são incapazes de decidir sobre a culpa ou inocência de um suspeito.[3a]

Dentro de vinte anos, teremos uma organização de psicólogos clínicos diplomados, tal como existe hoje a Ordem dos Médicos.

---

2. Cf. ibid., § 67 (onde Jung contou a mesma história), n. 17: "De acordo com uma lenda japonesa, o *namazu*, uma espécie de bagre de dimensões monstruosas, carrega em suas costas a maior parte do Japão e, quando irritado, movimenta a cabeça ou a cauda, provocando assim abalos sísmicos" (nota dos coordenadores).

3. Ver *Symbols of Transformation* (CW 5), p. 277.

3a. Cf. "On the Psychological Diagnosis of Evidence" (orig. 1937), CW2, §§ 1357 e ss. Jung tinha sido solicitado pelo Tribunal Criminal do Cantão de Zurique, em 1934, a apresentar um parecer de especialista sobre um acusado de homicídio, usando o experimento de associação.

*E o seu próximo livro?*

Está quase pronto. Vou intitulá-lo "Símbolos Oníricos do Processo de Individuação".[4] É sobre o modo como o homem torna-se ele mesmo. O homem é sempre um indivíduo, mas nem sempre é ele mesmo... "Seja você mesmo", como dizem os americanos.

4. A palestra de Jung na Conferência de Eranos, em agosto de 1935, assim intitulada, foi incluída em *The Integration of the Personality* (1939) e revista mais tarde como Parte II de *Psychology and Alchemy* (CW 12).

# O HOMEM DE DOIS MILHÕES DE ANOS

A Universidade de Harvard convidou Jung para a sua Conferência Tricentenária sobre Artes e Ciências, em setembro de 1936, a fim de participar num simpósio sobre "Fatores Determinantes do Comportamento Humano".[1] Quando desembarcou em Nova Iorque, Jung tinha preparado uma nota para a imprensa, especialmente dedicada a expor sua posição política — ou, como ele insistia em afirmar, apolítica.[2] Após deixar Nova Iorque, a fim de embarcar para a Inglaterra, foi entrevistado pelo *New York Times*, no Hotel Ambassador, e o artigo, intitulado "Roosevelt 'Great', Is Jung's Analysis", saiu na edição de domingo, 4 de outubro de 1936. O texto que se segue omite os comentários do jornalista, exceto para as citações indiretas de Jung, apresentadas entre colchetes.

Antes de vir aqui, eu tinha a impressão que se poderia obter desde a Europa de que ele [Roosevelt] era um oportunista, talvez até uma mente variável, inconstante. Agora que o vi e ouvi, quando falou em Harvard, convenci-me, porém, de que é um homem forte, um homem realmente grande. Talvez seja por isso que muita gente não gosta dele.

[O Dr. Jung rendeu sua homenagem aos ditadores, explicando a ascensão deles como resultado do esforço dos povos para delegarem em alguém a tarefa complicada de administrar sua existência coletiva, de modo que os indivíduos possam ficar livres para se empenharem na "individuação". Definiu este termo como o desenvolvimento por cada pessoa de seu próprio padrão inerente de existência.]

As pessoas têm-se mostrado perplexas com a guerra, com o que tem ocorrido na Rússia, Itália, Alemanha, Espanha. Essas coisas cortam-lhes o fôlego. Perguntam-se se vale a pena viver, porque perderam suas crenças, sua filosofia. Indagam-se se a civilização terá realmente feito qualquer progresso.

Eu chamaria progresso ao fato de, nos dois milhões de anos que existimos na Terra, termos desenvolvido um queixo e um tipo

1. Para a contribuição de Jung, "Psychological Factors Determining Human Behaviour", ver CW 8, §§ 232 e ss.

2. Nenhuma publicação da nota para a imprensa foi localizada, mas o seu texto figura em CW 18, §§ 1300-1304.

decente de cérebro. Historicamente, aquilo a que chamamos progresso é, no fim de contas, apenas uma rápida expansão do uso de carvão e petróleo. Quanto ao resto, não somos mais inteligentes do que os velhos gregos e romanos. Quanto às aflições atuais, é importante recordar simplesmente que a humanidade já passou por tais coisas mais de uma vez e deu provas de um grande sistema adaptativo, armazenado em nossa mente inconsciente.

[É a esse grande sistema adaptativo em cada indivíduo que ele se dirige, explicou Jung, quando um paciente o procura, derrotado em sua luta com os problemas de sua existência individual.]

Juntos, o paciente e eu voltamo-nos para o homem de dois milhões de anos que está em todos nós. Em última análise, a maioria de nossas dificuldades provém de perdermos o contato com os nossos instintos, com a antiquíssima e não esquecida sabedoria armazenada em todo nós.[3]

E onde estabelecemos contato com esse ancião em nós? Em nossos sonhos. Eles são as manifestações claras de nossa mente inconsciente. São o encontro da história racial e de nossos problemas externos correntes. Em nosso sono, consultamos o homem de dois milhões de anos que cada um de nós representa. Batemo-nos com ele em várias manifestações de fantasia. É por isso que peço a um paciente que escreva seus sonhos. Usualmente, apontam o caminho para ele como indivíduo.

[O Dr. Jung disse que sonhamos o tempo todo — é normal sonhar. Aqueles que dizem ter um sono sem sonhos, insiste ele, meramente esquecem o que sonharam imediatamente após despertarem. Em todas as línguas, sublinhou, existe um provérbio que alude à sabedoria de se dormir sobre qualquer problema difícil... Mesmo quando despertos, concluiu o Dr. Jung, sonhamos; fantasias desenfreadas perpassam rapidamente pelos recessos mais fundos de nossas mentes e, ocasionalmente, chegam ao nosso conhecimento quando nossa atenção aos problemas externos imediatos é reduzida pela fadiga ou a divagação.]

Há a esperança de reparar um colapso sempre que um paciente tem sintomas neuróticos. Eles indicam que o paciente não está de acordo consigo mesmo e os próprios sintomas neuróticos diagnosticam usualmente o que está errado. Os que não têm sintomas neuróticos estão provavelmente fora do alcance da ajuda por quem quer que seja.

---

3. Cf. "Uma Conversa Com Estudantes no Instituto" (1958), ver pp. 319 e ss.

# A PSICOLOGIA DA DITADURA

Em sua travessia do Atlântico, rumo à Europa, em outubro de 1936, depois de ter visitado Harvard, Jung escreveu uma conferência sobre "Psicologia e Problemas Nacionais", que ele proferiu na Clínica Tavistock (Instituto de Psicologia Médica), em Londres, a 14 de outubro de 1936.[1] Idéias semelhantes às da conferência ocorreram, naturalmente, em entrevistas que Jung deu a jornais londrinos durante sua visita. Uma delas, para o *Daily Sketch* de 15 de outubro, foi intitulada "Por Que o Mundo Está Em Maus Lençóis", tendo por subtítulo, "O Dr. Jung Diz-nos Como a Natureza Está Mudando a Mulher Moderna". Uma outra, no *Observer* de 18 de outubro, é aqui reproduzida, sem as palavras introdutórias do jornalista. O mesmo texto foi publicado parcialmente na revista *Time*, em 9 de novembro de 1936, e na íntegra em *The Living Age* (Nova Iorque), dezembro de 1936.

Hitler, Mussolini, Stalin, sim, e Roosevelt, são chefes tribais. A Inglaterra e a Suíça ainda são tribais. Preservam suas diferenças e distinções locais. Vocês tem os vossos galeses, irlandeses, escoceses. Observam vossos antigos costumes tribais — por exemplo, a cerimônia com que o *Lord Mayor* recebe e saúda o rei quando este cruza a fronteira da *City* de Londres.

Existem pessoas que se mostram cada vez mais impacientes com tais costumes. Estão erradas. São costumes saudáveis, porque são bons para o inconsciente. Quando as antigas instituições tribais — os antigos e pequenos ducados e principados da Alemanha e Itália — se desintegram, dá-se uma convulsão, antes que uma nova ordem tribal seja criada. É sempre a mesma coisa. A tribo tem o seu chefe pessoal. Este cerca-se de seus seguidores, que se convertem numa oligarquia. Então, o "Estado" ocupa seu lugar.

O Estado é um espectro, um reflexo no espelho do governante pessoal. O Estado-espectro cria sua própria oligarquia. O capitalismo é uma oligarquia. Os trustes americanos são uma oligarquia. Mas existe sempre a luta contra a oligarquia. As pessoas voltam os olhos para o seu Estado a fim de que lhes garanta maiores salários, padrões de vida mais elevados. O Estado só pode fazer isso dissipando energia, drenando recursos.

E assim, chega o momento em que o Estado deve fabricar dinheiro falso. Primeiro, chama-se-lhe "inflação". Depois, porque isso

1. Só publicada em 1976, em CW 18, §§ 1305 e ss.

é impopular, "desvalorização". Agora, estão-lhe dando o nome de "diluição". Mas é tudo a mesma coisa: dinheiro falso. Disso resulta a insegurança dos indivíduos. A poupança torna-se ilusória. Como a natureza é aristocrática, a parte valiosa da população é reduzida ao nível de miséria.

A democracia comunista ou socialista é uma sublevação dos incompetentes contra as tentativas de ordem. Considere-se, por exemplo, as greves de braços caídos na França, as sublevações socialistas que ocorreram antes na Alemanha e na Itália. Esse estado de desordem chamado liberdade democrática, ou liberalismo, acarreta suas próprias reações: a ordem imposta pela força. Na medida em que as nações européias são incapazes de viver num estado crônico de desordem, elas tentarão criar uma ordem imposta pela força, ou fascismo.

A Rússia é a oligarquia típica, como sempre foi. O Partido Comunista é uma casta governante privilegiada. Na Alemanha, estão trabalhando para conseguirem a mesma coisa. Os homens das S.S. estão sendo transformados numa casta de cavaleiros para mandar sobre sessenta milhões de habitantes seus vassalos. Assim, como vêem, as fronteiras tribais podem ser ampliadas, as tribos menores transformadas em uma nação, mas a idéia tribal subsiste. As ditaduras da Alemanha, Rússia e Itália podem não ser as melhores formas de governo mas são, de momento, a única forma possível de governo.

Acabo de chegar dos Estados Unidos, onde vi Roosevelt. Não se enganem, ele é uma força — um homem dotado de uma mente superior e impenetrável, mas perfeitamente implacável, uma mente sumamente versátil que é impossível prever. Ele tem o mais espantoso complexo de poder, a substância de Mussolini, o estofo de um ditador absoluto.

Existem duas espécies de ditadores: o tipo cacique e o tipo pajé. Hitler é do segundo tipo. Ele é um médium. A polícia alemã não é feita; é revelada através dos poderes mediúnicos de Hitler, porta-voz dos deuses de antigamente. Ele diz as palavras que apenas expressam o ressentimento de todos.

Lembro-me de um feiticeiro na África que me disse, quase com lágrimas nos olhos: "Já não temos mais sonhos desde que os britânicos chegaram a esta região". Quando lhe perguntei porquê, ele respondeu: "O comissário distrital sabe tudo".

Mussolini, Stalin e Roosevelt governam assim, mas na Alemanha eles ainda têm "sonhos". Todos se lembram da história de como, quando Hitler estava sendo pressionado pelas outras potências para não se retirar da Liga das Nações, ele se fechou durante três dias,

afastado de todos, e depois disse simplesmente, sem explicações: "A Alemanha deve retirar-se!" Isso é governar por revelação.

Daí a sensibilidade dos alemães quando criticam ou insultam seu líder. É como se cometessem blasfêmia contra todos eles, pois Hitler é a Sibila, o oráculo de Delfos.

Depois dos ditadores? A oligarquia, sob alguma forma. Uma oligarquia decente — chamem-lhe aristocracia, se quiserem — é a forma de governo mais ideal de todas. Depende da qualidade de uma nação se desenvolverá uma oligarquia decente ou não. Não estou certo de que a Rússia o consiga, mas a Alemanha e a Itália têm uma chance.

Sem o ideal aristocrático não existe estabilidade. Vocês, na Inglaterra, devem ao *gentleman* possuírem o mundo.

# A PSICOLOGIA ANALÍTICA É UMA RELIGIÃO?

Depois de falar na Conferência Comemorativa do Tricentenário de Harvard, Jung passou uma semana na Ilha de Bailey, no Maine, onde realizou a primeira metade de um seminário sobre "Símbolos Oníricos do Processo de Individuação", tendo por base a sua Conferência Eranos de 1935.[1] Depois, Jung viajou para Nova Iorque, onde passou mais uma semana de consultas e palestras, após o que embarcou rumo à Inglaterra no dia 1.º de outubro. Num jantar de gala para assinalar o final da visita de Jung, ele falou de improviso. Entretanto, vários convivas tomaram notas, as quais foram compiladas por Eleanor Bertine, Esther Harding e Jane A. Pratt para circulação restrita entre os membros do grupo. Finalmente, em *Spring*, 1972, as notas foram publicadas de acordo com a organização da Sra. Pratt, que incluiu o seguinte comentário introdutório:

"Poucos dos que estavam presentes esquecerão algum dia as circunstâncias em que Jung falou nessa noite. Imediatamente antes do jantar com seus amigos, Jung tinha feito uma extensa conferência pública no salão nobre do Plaza Hotel. Essa conferência, intitulada "O Conceito de Inconsciente Coletivo",[2] foi difícil e ocupou-se de idéias polêmicas mas que são cruciais para o entendimento de sua obra. Todos os mais destacados adeptos e detratores de Jung em Nova Iorque tinham acudido para ouvi-lo. Mas a ocasião não era propícia. A conferência (nessa época) exigia a projeção de slides, uma porção deles, e um adepto entusiástico oferecera-se para projetá-los, mas ou a perícia desse voluntário era insuficiente ou os slides estavam possessos. Apareciam na tela de cabeça para baixo, ou invertidos, e caíam no chão quando o pobre homem tentava corrigi-los. Se Jung queria rever um deles, avançavam todos, se dizia que podia prosseguir a projeção, os slides faziam marcha à ré. Assim, Jung permanecia de pé, ponteiro na mão, num palco erguido diante de sua enorme platéia, ou aguardando o aparecimento da imagem certa, ou apressando-se a comentar de forma inteligível, antes que as imagens fossem projetadas. Entrementes, seus adeptos e admiradores sofriam. Reagindo primeiro com grande benevolência à inépcia de seu assistente, seus comentários tornaram-se gradualmente mais incisivos e contundentes — uma vez que sentimentos negativos começaram vindo à tona — e o sofrimento dos adeptos aumentava proporcionalmente. Entretanto, essa lamentável conferência terminou sem que fosse destruído algo basicamente humano — nem mesmo o relacionamento de Jung com o seu assistente, que admitiu a justiça de uma certa irritação do mestre. Só que o atabalhoado e todas as interrupções tinham completamente destruído a continuidade da importante tese de Jung. Mais tarde, contou-se que ele dissera a alguém: "Fui analisado esta noite, como nunca antes".

---

1. Ver acima, "A Mente Imortal do Homem", nota 4.
2. Originalmente apresentada como conferência na *Abernethian Society* do St. Bartholomew's Hospital, Londres, em 19 de outubro de 1936, e revista em CW 9 i.

Em lugar da impressionante exposição que ele planejara, Jung tinha feito uma pequena demonstração. É concebível que isso possa ter influenciado o conteúdo do que ele disse depois" — que foi o seguinte:

Mal sei o que dizer-lhes esta noite. Já falei tanto, só esta noite por duas vezes. Não sei o que possa ter sobrado. Apenas posso esperar que me ocorra alguma coisa suscetível de lhes ser transmitido.[3]

Muitas pessoas me perguntaram, e sem dúvida lhes perguntaram também, se a psicologia analítica não é realmente uma religião. Por outro lado, em ligação com o tema de minhas conferências de Yale, assim como do Seminário, tive que dedicar muita atenção, nestes últimos tempos, à relação da psicologia com a religião. Por isso, agora, no final do Seminário, gostaria de lhes falar sobre essa questão.

A ativação do inconsciente é um fenômeno peculiar dos nossos dias. Durante toda a Idade Média, a psicologia das pessoas era inteiramente diferente do que é hoje; elas não tinham a percepção de qualquer coisa fora da consciência. A própria ciência psicológica do século XVIII identificava completamente a psique com a consciência.

Se dispuséssemos de uma espécie de raios X por meio dos quais pudéssemos observar o estado do inconsciente num homem de há duzentos ou trezentos anos e o comparássemos com o de um homem moderno, veríamos uma enorme diferença. No primeiro homem estaria inativo, em repouso; no homem de hoje, tremendamente ativo e excitado. Antigamente, os homens nem mesmo sentiam que tivessem uma psicologia, como nós agora. O inconsciente era contido e mantinha-se dormente na teologia cristã. A *Weltanschauung* resultante era universal, absolutamente uniforme — sem espaço para a dúvida. O homem tinha começado num ponto definido, com a Criação; todos sabiam tudo a respeito disso. Mas hoje, os conteúdos arquetípicos, de que antigamente as explicações da Igreja cuidavam de um modo mais ou menos satisfatório, soltaram-se de suas projeções e estão perturbando as pessoas modernas. Perguntas sobre para onde vamos e por que são feitas de todos os lados. A energia psíquica associada a esses conteúdos está sendo mais estimulada do que nunca; não podemos permanecer alheados disso. Camadas inteiras da psique estão vindo à luz pela primeira vez. Por isso é que

3. Este parágrafo inicial foi adicionado de uma outra versão por E. F. Edinger, que contribuiu com uma ou duas outras mudanças de somenos no texto.

temos uma tão grande exuberância de "ismos". Grande parte dessa energia é canalizada para a ciência, por certo; mas a ciência é nova, sua tradição é recente e não satisfaz as necessidades arquetípicas. A atual situação psicológica não tem precedentes; do ponto de vista de toda a experiência prévia, ela é anormal.

Por conseguinte, o homem começou a conscientizar-se de que possui uma psicologia. Um homem do passado não entenderia o que queremos significar quando dizemos que algo está acontecendo em nossas cabeças. Nada que se pareça com isso lhe aconteceu. Se tivesse sentido tal coisa, pensaria que estava ficando doido. Os homens costumavam dizer: "Sinto algo mexendo em minha cabeça" — ou, antes disso, sentiam-no mais abaixo, no estômago. Só se apercebiam de pensamentos que movimentavam o diafragma ou as tripas. A palavra grega *phren,* que significa "espírito", é a raiz da palavra "diafragma". Quando as pessoas começaram sentindo coisas mexendo em suas cabeças, ficaram com medo e foram consultar médicos, pois sabiam que algo estava errado. Foi dos médicos que proveio essa nova espécie de psicologia, de modo que era uma psicologia algo patológica.

A latência é, provavelmente, a melhor condição para o inconsciente. Mas a vida saiu das igrejas e nunca mais voltará a elas. Os deuses não se reinstalarão em domicílios que abandonaram uma vez. A mesma coisa aconteceu antes, na época dos Césares romanos, quando o paganismo estava agonizante. De acordo com a lenda,[4] o capitão de uma embarcação que passava entre duas ilhas gregas ouviu um grande som de lamentação e uma voz gritando: *Pan ho megas tethneken,* o Grande Pã está morto. Quando esse homem chegou a Roma, solicitou uma audiência com o imperador, tão importante era a notícia. Originalmente, Pã era um espírito secundário da natureza, principalmente ocupado em apoquentar os pastores; mas, depois, quando os romanos se envolveram mais com a cultura grega, Pã foi confundido com *to pan,* que significa "o Todo". Passou então a ser o demiurgo, o *anima mundi.* Assim, os numerosos deuses do paganismo foram concentrados em um Deus. Então veio a mensagem, "Pã está morto". O Grande Pã, que é Deus, está morto. Somente o homem permanece vivo. Depois, o Deus uno transformou-se em homem, e esse foi o Cristo; um homem para todos os homens. Mas agora também esse partiu, agora cada homem tem que conter Deus em si. A descida do espírito na matéria está completa.

Jesus, como sabeis, foi um rapaz nascido de mãe solteira. Em tais condições, considera-se um rapaz ilegítimo, e existe um precon-

4. Plutarco, *De defectu oraculorum,* 17. (A citação grega foi corrigida de acordo com a edição Loeb.)

ceito que o coloca em grande desvantagem. Ele sofre de um terrível sentimento de inferioridade, para o qual tem certamente que encontrar uma compensação. Daí a tentação de Jesus no deserto, quando lhe é oferecido o reino. Aí se defrontou ele com o seu pior inimigo, o demônio do poder; mas pôde enxergar isso e recusou. Disse ele: "O meu reino não é deste mundo". Mas era um "reino", de qualquer modo. E recorde-se aquele estranho incidente da entrada triunfal em Jerusalém. O fracasso total chegou com a Crucificação, através das palavras trágicas, "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Se quisermos entender toda a tragédia dessas palavras, devemos compreender o que elas significam: Cristo viu que toda a sua vida, dedicada à verdade segundo a sua mais profunda convicção, tinha sido uma terrível ilusão. Tinha-a vivido até ao fim de um modo absolutamente sincero, realizara seu experimento honesto, mas houve, não obstante, uma compensação. Na cruz, sua missão abandonou-o. Mas porque tinha vivido tão plena e devotadamente, ganhou o corpo através da Ressurreição.

Todos devemos fazer o que Cristo fez. Devemos realizar o nosso experimento. Devemos cometer erros. Devemos viver até ao fim a nossa própria visão da vida; num certo sentido, pode ser até dito que toda a vida é um equívoco, pois ninguém descobriu a verdade. Quando vivemos assim conhecemos Cristo como um irmão e, de fato, Deus torna-se homem. Isto soa como uma terrível blasfêmia, mas não é. Pois somente podemos entender Cristo como ele queria ser entendido, como um semelhante nosso; só então Deus se torna homem em nós mesmos.

Isto parece religião, mas não é. Estou falando apenas como um filósofo. As pessoas, por vezes, chamam-me um líder religioso. Não sou. Não tenho mensagem nem missão; procuro apenas compreender. Somos filósofos na antiga acepção da palavra, amantes do saber. Isso evita a companhia por vezes discutível daqueles que oferecem uma religião.

E assim, a última coisa que direi a cada um de vós, meus amigos, é o seguinte: Levem por diante vossa vida tão bem quanto puderem, mesmo que se baseie num erro, porque a vida tem que ser desfeita e, com freqüência, chega-se à verdade através do erro. Então, como Cristo, tereis realizado o vosso experimento. Assim, sede humanos, buscai o entendimento, a visão intuitiva das coisas, e formulai vossas hipóteses, vossa filosofia de vida. Poderemos então reconhecer o Espírito vivo no inconsciente de cada indivíduo. E seremos então irmãos do Cristo.

# PERGUNTAS E RESPOSTAS NO CONGRESSO DE OXFORD, 1938

O 10.º Congresso Médico Internacional de Psicoterapia foi realizado em Oxford, de 29 de julho a 2 de agosto de 1938. Jung presidiu, em sua qualidade de presidente da Sociedade Médica Internacional de Psicoterapia,[1] patrocinadora do congresso. A 1.º de agosto, a pedido de numerosos médicos congressistas, Jung participou numa sessão de perguntas e respostas, a qual foi registrada em estenografia por Derek Kitchin. O traslado ficou em mãos particulares e é aqui publicado pela primeira vez.

1. *Qual é a sua opinião sobre a natureza exata da causação psíquica?*

Isto tem um tom muito perigoso mas não é tão terrível assim. Significa realmente a questão de causalidade *versus* finalidade. É um fato simples da lógica que podemos explicar uma seqüência de eventos ou de A para Z ou de Z para A. Pode-se dizer que A é a grande *causa prima,* a *causa efficiens* absoluta, da qual depende a seqüência como seqüência; ou então poder-se-á considerar Z a causa final, a qual exerce um efeito atrativo sobre os eventos que a precederam. Isto significa simplesmente que aceitamos a seqüência de eventos que observamos como uma sólida conexão. Em si mesma, não é realmente uma conexão sólida. A seqüência de eventos talvez não possua qualquer espécie de conexão. Se tentamos explicar a seqüência, temos que recorrer à idéia de que existe uma conexão. Não podemos evitar isso: a idéia de causação é uma categoria de julgamento *a priori* e é impossível considerar qualquer seqüência de eventos sem aplicar essa categoria. Não é inteiramente correto. Poderíamos ter dito: "É impossível considerar uma seqüência de eventos sem aplicar a *idéia* de conexão."

A própria idéia de causalidade é uma idéia inteiramente mágica. Pressupomos que esta coisa aqui, a *causa prima,* tem uma virtude, que é a de produzir eventos subseqüentes. De modo que

1. Para o discurso inaugural de Jung no congresso, ver CW 10, §§ 1069-73. Nessa oportunidade, a Universidade de Oxford conferiu-lhe o título de doutor *honoris causa* em Ciências.

fazemos a mesma pressuposição a respeito da causa final — a de que possui a virtude de atrair para si uma série de eventos, de modo que ela parece ser o resultado, a meta, o objetivo. Isto é mera suposição. É o modo como a nossa mente trata uma seqüência de eventos.

Ora, como em qualquer área da ciência natural, e também na psicologia e psicoterapia, consideramos a seqüência de eventos psíquicos uma conexão, uma seqüência sólida, que começa com uma causa primordial ou segue uma causa final. Ambos os métodos têm sido aplicados: o ponto de vista freudiano é estritamente o da causalidade; o adleriano é estritamente um ponto de vista de causa final.

Eu encaro a questão de um modo mais cético. Diria que, se temos que aplicar a causa de um modo ou de outro, queremos explicá-la de um modo ou de outro. Qualquer processo biológico tem dois aspectos: podemo-lo explicar ou desde o princípio ou desde o fim. Temos um "ou/ou", melhor ainda, um "ou-e/ou". Ter-se-á que dizer que, de um certo modo, se trata certamente de causação, mas a *causa prima* tem uma espécie de efeito mágico. Ao mesmo tempo, na medida em que é intencional, teleológica, também é dirigida pela causa final, ou pela idéia de meta final, ou como quiserem chamar-lhe. Eu considero a questão da causação, em seu todo, como um problema da teoria da cognição.

2. *Como definiria volição? Qual é, em sua opinião, a relação do processo volitivo com o processo de repressão e inibição?*

Esse é também um problema muito central. É de grande interesse para mim que tais perguntas me sejam feitas. Penso que é muito importante. Sempre sustentei que a psicologia é um capítulo tão complicado do conhecimento humano que aqueles que se ocupam dela deveriam possuir realmente alguma preparação filosófica. A psicologia médica não pode, por certo, sustentar-se sozinha. Trata-se de uma ciência grande demais para a nossa preparação médica. Nós, médicos, devemos aceitar as contribuições de outras ciências. Por exemplo, conviria termos alguns conhecimentos de psicologia primitiva, de história, filosofia etc. Muitas coisas em que estamos tenteando em nossa psicologia poderiam ser simplificadas e facilitadas pelos conhecimentos que adquiríssemos em outras esferas.

Portanto, temos uma tendência natural para simplificar e para criar, pelo menos para nós mesmos, uma terminologia que é geralmente compreensível. Mas estou inteiramente convencido de que não estaremos aptos a desenvolver tal terminologia a partir exclu-

sivamente da psicologia médica. Ela continuaria sendo sempre uma espécie de jargão, um jargão médico, e já temos jargão demais; não defendo qualquer novo aumento desse tipo de coisa. Também sou um vigoroso adepto da idéia de que a nossa terminologia deve ser correta. Não deveríamos usar palavras híbridas ou termos greco-latinos mal construídos; palavras de derivação inteiramente errônea. Todos sabemos que a terminologia no campo da psicologia médica ainda se encontra no estado da velha confusão babilônica de línguas. Isso é tanto assim, como foi dito em *Green Pastures,*[2] que, quando o Senhor ouviu aquela gente praguejando enquanto estavam construindo a torre de Babel, converteu todos em estrangeiros e despachou-os para a Europa. As pessoas falam diferentes línguas na Europa; isso não acontece na América.

Quanto à definição de volição, eu só posso dar-lhes o meu próprio ponto de vista, que é muito subjetivo. É uma simples proposição, que submeto a discussão subseqüente. Sustento que essa questão deveria ser resolvida com ajuda da psicologia primitiva. Muitas de nossas dificuldades se dissipariam caso possuíssemos um melhor conhecimento da psicologia primitiva. Talvez saibam que tenho realizado alguns trabalhos nesse sentido. Estive em países primitivos e realizei, de fato, trabalho de campo com povos primitivos, a fim de adquirir uma impressão imediata da mentalidade primitiva. Posso garantir-lhes que aquilo a que chamamos "vontade" ou "volição" é um fenômeno que não existe com primitivos, ou apenas em vestígios.

Darei um exemplo muito simples.[3] Eu queria enviar uma carta para um posto muito distante, cerca de 120km do lugar onde estávamos. O chefe da tribo enviou-me um homem, um corredor, entreguei-lhe a carta e disse: "Aqui está a carta, pode levá-la ao posto". O homem simplesmente ficou olhando para mim, como se não entendesse uma palavra. Falei em sua língua, quer dizer, falei num Swahili meio entaramelado; ele entendeu mas se parado estava parado ficou. Eu não entendia o que se passava. Repeti: "Aqui está a carta, agora pode ir". Ele continuava encarando-me como antes, como se não entendesse uma palavra, mas parecia cheio de boa vontade. Eu pensei: "Este homem é idiota". Entrementes, o meu capataz, um somali, aproximou-se e disse: "O senhor não está fa-

2. Uma peça teatral de Marc Connelly (1930; mais tarde filmada), adaptada de contos de Roark Bradford baseados em temas tradicionais do negro americano. Jung mencionou o filme em sua conferência de Eranos (1940), intitulada "On the Psychology of the Idea of the Trinity"; cf. CW 11, § 266.

3. Jung voltou a contar a mesma história em maior detalhe, de sua visita à África Oriental em 1925-26, em "A Radio Talk in Munich" (1930), CW 18, §§ 1288-91.

zendo da maneira certa". Apanhou um chicote e começou dançando para um lado e para o outro em frente do bom homem, insultando-o a ele, e a seus ancestrais, e a seus filhos; o homem começou então despertando e imaginando que grande coisa lhe estaria reservada; ouviu que ali estava o grande homem branco que quer mandar uma carta ao outro homem branco no posto, e que ele devia correr de tal e tal maneira; depois foi trazida a vara de mensageiro, um bastão com uma fenda na extremidade, a carta foi enfiada nessa fenda, e a vara entregue ao homem, após o que se lhe mostrou como deveria correr. E durante todo esse procedimento, o rosto do estafeta iluminou-se como o sol num dia de manhã; surgiu um amplo sorriso e ele compreendeu tudo; então disparou em correria e cobriu os 120km numa só tirada. Eis um exemplo muito simples de como se deve proceder em muitos casos.

Todo o primitivo necessita de um *rite d'entrée,* que é como algumas pessoas denominam o procedimento sobre que lhes falei. Isto significa que se deve colocar a mente da pessoa na disposição de fazer, se quisermos que ela faça alguma coisa fora do ordinário. Naturalmente, se é algo de sua vida cotidiana, verifica-se uma certa adaptação, uma certa atitude de predisposição para isso; mas se tem que levar uma carta a algum lugar, isso é outra coisa. Para nós, nada tem de extraordinário mas, para ele, é um evento incomum e requer um *rite d'entrée.* A caça não é, para muitas tribos, uma atividade ordinária, de modo que eles possuem um *rite d'entrée* para caçar. Eles excitam-se gradualmente até ficarem no estado de fazer a coisa especial. Por exemplo, os aborígenes australianos têm uma rotina especial para enfurecer um homem, a fim de incutirem nele a idéia de que deve vingar um homem que foi morto por uma outra tribo. Isso é feito de um modo muito elaborado, o cerimonial de despertar. Não posso entrar em detalhes mas, no momento em que esse homem está inteiramente desperto, basta dizer-lhe que o outro homem foi morto e que deve fazer alguma coisa a respeito; então, a tribo inteira desperta e sai em busca do inimigo. Se o encontram, haverá uma batalha; mas se não o encontram, a excitação declina e todos voltam para casa como se nada tivesse acontecido.

Isto mostra que a vontade era praticamente inexistente e que era necessário todo o cerimonial que se observa em tribos primitivas para suscitar algo que é um equivalente da nossa palavra "decisão". Lentamente, através dos tempos, fomos adquirindo uma certa soma de força de vontade. Podíamos agora retirar uma certa quantidade de energia da energia da natureza, da inconsciência original, do fluxo original de eventos, uma quantidade de energia que nos era possível controlar. Podemos hoje dizer: "Estou decidido

a fazer isto e aquilo", com uma certa dose de energia. Não posso exceder essa quantidade de energia; disponho apenas de uma certa quantidade de força de vontade. Por isso dizemos, quando a tarefa é difícil demais ou quando existem inibições grandes demais: "Não posso levar a cabo a minha decisão". Há pessoas que dispõem de enorme força de vontade, e outras que têm muito pouca. Como se sabe, a educação de crianças também consiste, em grande parte, na gradual acumulação dessa volição, a qual não existe no começo.

Observamos esses antigos *rites d'entrée* em situações extraordinárias. Todos os ritos são, de certo modo, *rites d'entrée* ou *rites de sortie,* cujo propósito é livrar-nos de uma certa situação desagradável. Um dos exemplos mais flagrantes do *rite de sortie* é quando uma tribo esteve guerreando uma outra tribo e um homem conseguiu matar um outro. Então, é claro, passa a ser um grande guerreiro; fica todo excitado e volta a casa. Seria de se esperar que ele tivesse uma recepção triunfal. Nada disso; agarram-no antes que ele entre na aldeia, e colocam o grande herói vitorioso numa pequena choça, submetendo-o a uma dieta vegetariana durante alguns meses, a fim de livrá-lo de sua sede de sangue... o que é uma medida sumamente recomendável!

Ora, aquilo que fazemos, ou aquilo que decidimos, não é tudo força de vontade ou volição, pois atuamos também, em boa parte, na base do instinto, e o instinto não tem mérito nenhum. Não é uma decisão moral; somos simplesmente levados a fazer algo, tal como acontece. A reação instintiva tem a qualidade de "tudo ou nada". Acontece ou não acontece. No caso da vontade, a proposição é inteiramente diferente. A vontade, a volição, é uma ação moral e, naturalmente, tem uma ligação direta com a repressão e a inibição. Podemos reprimir instintos pela nossa vontade, facilmente ou, talvez, com grande dificuldade. Não se pode suscitar a chamada sublimação por meio do instinto; isso não acontecerá. Mas podemos ocasioná-la por meio da volição. A inibição pode ser uma ausência de vontade; por exemplo, quando queremos fazer alguma coisa, quando realmente desejamos isso, mas não podemos levá-lo a efeito porque a nossa volição está inibida; a energia está ausente, foi retirada. No nível primitivo, esse fenômeno é muito freqüente; é a perda da alma, a "desanimação"; possui essa qualidade. Há muitos pacientes que nos dizem, "hoje não tenho libido nenhuma"; ou que, quando acordam pela manhã, a libido foi-se; ou que, num certo momento durante o dia, sentem que ela sumiu. Eles "perderam a gana",[4] como dizem as pessoas na América do

4. Segundo parece, Jung captou a idéia de *gana* no Conde Hermann Keyserling, que a analisou em *South American Meditations* (1932). Cf. acima, p. 89.

Sul. Gana é um conceito peculiar e mostra exatamente o que isso é, ou seja, essa perda. Por exemplo, dois argentinos estão jogando tênis; uma bola cai fora da quadra e um dos jogadores pede a uma garotinha índia que a devolva. Ela encara-o melancolicamente e não se mexe. O jogador pergunta-lhe naturalmente: "por que não jogas a bola para cá?" E a garotinha: "Não tenho gana", isto é, não sinto prazer algum nisso. "Não posso fazê-lo, porque não tenho vontade de fazer coisa alguma"; e não o fará. Trata-se, como se vê, de um conceito primitivo. "Gana" é o que chamaríamos libido, ou energia, ou volição. Quando a gana está ausente, quando a pessoa se sente "desganada", isso constitui um excelente motivo. Por exemplo, quando alguém nos pede um favor e respondemos "Lamento muito, isso não me agrada", consideramos tal resposta muito indelicada. Mas na América do Sul é diferente. Aí, as pessoas entendem o que se quer dizer quando se diz "Não tenho gana"; isso é bastante. Há também um reconhecimento social do fato extraordinariamente importante de uma pessoa sentir ou não prazer em fazer algo. Conosco, é evidente que isso não costuma ser levado em conta. Receio que se trate de um espécime de psicologia primitiva. É aquilo a que chamamos uma inibição. Penso que seria de alguma importância para a nossa psicologia médica se considerássemos um pouco mais atentamente essas condições primitivas. Muitas coisas poderiam ser então explicadas de um modo que permitiria à psicologia primitiva dar sua contribuição sem necessidade de conhecimentos médicos.

3. *Em que aspecto, se acaso existe, o tratamento de neurose na segunda metade da vida — o que significa, depois dos trinta anos — difere do da primeira metade da vida?*

Essa é uma pergunta que também poderíamos ficar discutindo horas a fio. É-me inteiramente impossível entrar em detalhes; posso apenas apresentar-lhes algumas idéias gerais. A primeira metade da vida, que pelos meus cálculos dura até aos 35 ou 36 anos, é o período em que o indivíduo usualmente se expande no mundo. É exatamente como a explosão de um corpo celeste, e os fragmentos são projetados no espaço, percorrendo distâncias cada vez maiores. Assim, o nosso horizonte mental amplia-se, e os nossos desejos e expectativas, nossa ambição, nossa vontade de conquistar o mundo e de viver, continuam expandindo-se até atingirmos a meia idade. Um homem que, depois dos 40 anos, não tenha alcançado aquela

posição na vida com que sonhou, é fácil presa de desapontamento, de decepção. Daí a extraordinária freqüência de depressões depois dos 40 anos. É o momento decisivo; e quando se estuda a produtividade de grandes artistas — por exemplo, Nietzsche [5] — verifica-se que, no começo da segunda metade da vida os seus modos de criatividade mudam freqüentemente. Por exemplo, Nietzsche começou a escrever *Zarathustra,* que é sua obra mais notável, quando estava entre os 37 e 38 anos. Esse é o período crítico. Na segunda metade da vida, começamos a questionar-nos. Ou, melhor, não o fazemos; evitamos tais questões mas algo em nós mesmos as formula, e não gostamos de ouvir essa voz interior perguntando: "Qual é a meta?" E depois: "Para onde vai agora?" Quando se é jovem e se adquire uma certa posição, pensa-se: "Esta é a coisa que eu quero." O objetivo parece ser muito visível. As pessoas pensam: "Vou casar, depois ocuparei esta ou aquela posição, e então ganharei muito dinheiro e sei lá que mais". Suponhamos que elas conseguiram isso; então vem uma outra pergunta: "E agora o quê? Estamos realmente interessados em prosseguir assim para sempre, fazendo eternamente a mesma coisa, ou devemos procurar um objetivo tão esplêndido ou tão fascinante quanto o que tínhamos antes?" Então a resposta é: "Bem, daqui para diante não há nada. O que é que há adiante? A morte. A morte é a única coisa certa daqui para a frente." Isto é desagradável, sumamente desagradável. Assim, parece que a segunda metade da vida é desprovida de qualquer meta ou objetivo. Ora, todos nós conhecemos a resposta a isso. Desde tempos imemoriais, o homem teve a resposta: "Bem, a morte é uma meta; estamos trabalhando em direção a um fim bem definido." As religiões, as grandes religiões, são sistemas para preparar a segunda metade da vida para o fim, a meta da segunda metade da vida para o fim, a meta da segunda metade da vida.

Certa vez, graças à ajuda de amigos, enviei um questionário a várias pessoas que não sabiam ser eu o autor desse questionário, em que lhes era feita a pergunta: "Por que é que as pessoas preferem ir ao médico em vez do padre para confissão?" Ora, eu duvidava que fosse realmente verdade as pessoas preferirem um médico, e queria saber o que o grande público iria dizer. Por acaso, esse questionário foi parar nas mãos de um chinês e sua resposta foi: "Quando sou jovem vou ao médico, e quando sou velho vou ao filósofo". Isso caracteriza a diferença: quando somos jovens, vivemos expansivamente, conquistamos o mundo; e quando envelhecemos, começa-se a refletir. Começa-se naturalmente a pensar no

5. De 1934 a 1939, Jung realizara um detalhado seminário em Zurique sobre "Aspectos Psicológicos do *Zarathustra,* de Nietzsche".

que se fez. Chega um momento, entre os 36 e 40 anos — algumas pessoas levam mais tempo — em que, talvez numa desinteressante manhã de domingo, em vez de se ir à igreja, pensa-se subitamente: "O que foi que vivi o ano passado?" ou coisa parecida; e então começa a amanhecer, respira-se usualmente fundo e não se pensa mais nisso, porque é desagradável.

Ora, há uma resistência contra a dilatação da primeira parte da vida — essa grande aventura sexual. Quando pessoas jovens resistem contra arriscar a vida, ou contra sua carreira social, porque exige certa concentração, certo esforço, elas estão predispostas à neurose. Na segunda parte da vida, aquelas pessoas que receiam e se esquivam ao desenvolvimento natural da mente — reflexão, preparação para o fim — também ficam neuróticas. São essas as neuroses da segunda metade da vida. Quando se fala de uma repressão da sexualidade na segunda parte da vida, está-se freqüentemente diante de uma repressão desta, e essas pessoas são tão neuróticas quanto as que resistem à vida durante a primeira parte. De fato, são as mesmas pessoas: primeiro, não querem enfrentar a vida, têm medo de arriscar a vida, de arriscar a saúde, talvez, e na segunda parte da vida não têm tempo. Assim, quando falo da meta que assinala o fim da segunda metade da vida, pode-se fazer uma idéia de como o tratamento na primeira metade da vida tem que ser necessariamente diferente do da segunda metade. Temos de lidar com um problema sobre o qual não se falou antes. Portanto, advogo francamente a criação de escolas para pessoas adultas. Fomos fabulosamente bem preparados para a vida. Temos escolas muito decentes, temos excelentes universidades e tudo isso é preparação para expansão da vida. Mas onde temos escolas para adultos? Para pessoas de 40, 46 anos, sobre a segunda parte da vida? Nada. Isso é tabu; não se deve falar sobre isso; não é saudável. E é desse modo que elas contraem belas neuroses e psicoses climatéricas.

4. *Diria então que a atitude a ser adquirida na segunda metade da vida deve ser do tipo objetivo, em vez de ser concebida como uma atitude de sublimação?*

Essa é uma questão profunda e deveras palpitante. Na primeira metade da vida parece que a sublimação é a coisa indicada e que na segunda a objetividade deve ser a mais indicada. Ora, o que é a sublimação? Este termo foi tomado da alquimia. É, na realidade, um termo alquimista e, quando o entendemos nesse sentido, não evoca o fato psicológico que entendemos como sublimação. Sublimação significa que não fazemos o que realmente desejamos fazer

e, em vez disso, tocamos piano. É uma bela coisa! Ou então, em lugar de cedermos a paixões terríveis, vamos à escola dominical estudar catequese. Dizemos então que sublimamos a coisa! Trata-se, é claro, de um ato de volição. Não queremos ridicularizá-lo, em absoluto, mas tem, por vezes, um aspecto algo humorístico. A vida, apesar de suas atribulações, reveste-se às vezes de um aspecto sumamente humorístico. E assim, aquelas pessoas que realizam milagres de comedimento moral parecem, ocasionalmente, um tanto ridículas. Seria ruim se assim não fosse; a vida nada teria de divertido. Assim, até a sublimação, que é uma coisa muito útil e heróica, parece às vezes um tanto cômica; mas nunca é uma coisa séria, e certamente é um modo de lidar com as dificuldades da vida, todas aquelas dificuldades que nos são impostas por nossa natureza original. Temos uma natureza muito rebelde, turbulenta e apaixonada, talvez, e simplesmente nos machucamos se vivermos de um modo incontrolado. Tentem dizer a verdade. Todos gostaríamos de dizer a verdade. Ninguém gosta de mentir, se for forçado a fazê-lo. Mas diga-se exclusivamente a verdade durante 24 horas seguidas, e verão o que acontece! No final, o sujeito nem poderá suportar-se mais a si mesmo. Assim, não se pode dar largas a todas as ambições; não se pode espancar todos os homens que nos enfurecem; não se pode expressar admiração por todas as mulheres bonitas que vemos. No fim de contas, devemos controlar-nos, e isso também constitui um exemplo considerável de sublimação. Vejam o caso das imprecações: não devemos usar essa linguagem impossível e, assim, em vez de se dizer algo desagradável ou ofensivo, dizemos algo agradável, como nos foi ensinado, e tudo isso continua de pé: ética, auto-repressão e sublimação. E quanto piores são as paixões, mais devemos usar esse mecanismo de sublimação, caso contrário escaldamo-nos. E tampouco gostamos disso.

Ora, certamente as paixões são piores na primeira metade da vida do que na segunda. Existe um certo aforismo a respeito das virtudes de Salomão e Davi, que se tornaram mais virtuosos por causa de sua idade avançada. Também há um dito francês: *Si jeunesse savait, si vieillesse pouvait!* [Se a juventude soubesse, se a velhice pudesse!] Enfim, na segunda metade da vida, as pessoas têm uma oportunidade de ser, de algum modo, mais virtuosas. Não fazem suficiente uso dessa oportunidade, e isso decorre do fato de, lamentavelmente, terem aprendido mais objetividade do que sublimação. Elas dizem, por exemplo, "No fim de contas, parece ser da natureza humana que cada um tenha certas fraquezas"; assim, elas começam permitindo-se certas fraquezas e, gradualmente, à medida que as paixões declinam, mais essas pessoas podem fugir um pouco mais da linha, cometer pequenos equívocos, e desculpar-se dizendo

que, no fim de contas, nada de terrivelmente sério aconteceu. Um cavalheiro idoso pode permitir-se, é claro, mostrar alguma ternura por uma bonita jovem; tempos atrás, teria hesitado em fazê-lo; teria sido chocante; mas agora pode manifestar sua admiração e todos dirão: "Como é delicado e paternal!" Também as senhoras de uma certa idade podem permitir-se idéias muito liberais e expressar tais idéias com uma desenvoltura de que não teriam sido capazes quando mais jovens, porque isso seria, no mínimo, indecoroso. Mas quando as pessoas são mais idosas, pensa-se: "Que interessante! Isso revela uma certa experiência da vida"; e elas sentem-se livres no modo como se expressam. Isso é grande objetividade; é sempre o começo de uma certa filosofia que trata os fatos como eles são. Talvez seja uma espécie de desencantamento, ou talvez uma espécie de superioridade adquirida através da experiência da vida. A pessoa sabe que suas virtudes já não irão aumentar consideravelmente. Até as virtudes dela ganham cabelos grisalhos e terminam calvas. E assim, que se pode fazer? Diz-se, "Oh, tudo bem; já não se pode esperar muita coisa". E é como lidamos com o nosso próprio eu na segunda parte da vida. Não me refiro ao modo como o analista deve lidar com seus pacientes. Existe um "deve", mas há uma certa sabedoria e essa pertence aos segredos da arte, que não revelarei aqui.

5. *Pode dar-nos algumas idéias a respeito da experiência religiosa? O chamado sentimento religioso é uma experiência psicológica válida?*

Bem, eu entendo essa questão da seguinte maneira. É a experiência religiosa uma experiência válida? O que é uma experiência válida? Por exemplo, se um cão me morde, isso é uma experiência válida? É uma experiência; e se eu tenho uma experiência, bom, isso também é uma experiência, e como direi que é válida? Poderão responder-me: "Oh, você possui imaginação, pode ter uma ilusão, pensar que teve uma experiência religiosa". Bem, isso não me preocupa. Talvez seja uma ilusão; como vou sabê-lo? Não existe critério. Posso apenas dizer: "Eu senti assim". É claro, podem-se tirar conclusões, e então ocorre perguntar: "São exemplo, podemos tirar a conclusão de que tivemos uma experiência do nosso santo padroeiro, que nos apareceu, ou de vimos a Mãe de Deus, ou alguma coisa parecida. Pergunta-se: "Isso é válido? Essa interpretação é válida?" Todos sabemos como as opiniões estão divididas. As opiniões são geograficamente algo diferentes. Por exemplo, uma visão será aqui interpretada nos termos do cristianismo tradicional;

muitas centenas de quilômetros para o sul, sê-lo-á nos termos da mentalidade islâmica; e um pouco mais para leste, a interpretação será ainda outra; e, por vezes, verifica-se uma diferença considerável na interpretação de tais experiências, mas as próprias experiências são sempre válidas — porque existem. Por exemplo, é um fato válido que existem elefantes? Não se pode sequer dizer que os elefantes são necessários; pode-se apenas dizer que eles existem. E o mesmo com tais experiências. No momento em que um homem diz, "Eu tive uma experiência religiosa", só podemos dizer: "Muito bem, você teve uma experiência religiosa". Poderemos ter toda a espécie de opiniões a respeito. Talvez comentemos: "Ah, isso foi simplesmente porque você não anda bem do estômago", ou "Você deve ter passado mal a noite". Mas isso é apenas uma explicação satisfatória para o fato de que ele teve tal experiência. É claro, também é possível afirmar, "Bem, isso pode ser patológico". E nesse caso teremos de recorrer à Enciclopédia Britânica e procurar esse tipo de experiência. Todas as experiências humanas, como sabem, estão registradas na Enciclopédia Britânica! E então ficaremos instruídos sobre se tal experiência existe e de que espécie é. Mas talvez não figure na Enciclopédia Britânica e, nesse caso, apenas se poderá dizer: "Nunca ouvi falar de tal experiência; ignoro o que isso seja", e não teremos outro remédio senão explicá-la para nós mesmos, de uma forma ou de outra.

Mas, de um modo geral, a experiência religiosa é algo com que estamos razoavelmente familiarizados. Temos a história das religiões; temos inúmeros compêndios e outros textos que nos informam sobre as formas de experiência religiosa. Assim, sabemos que é um fenômeno universal e, se estiver ausente, é porque nos deparamos com um caso anormal. Se alguém disser, "Não sei o que é uma experiência religiosa", então eu direi que alguma coisa está faltando, porque todo o mundo tem, uma vez por outra, uma experiência religiosa e se alguém ignora o que isso seja é porque a deve ter perdido em algum lugar. Não está numa disposição mental normal. Existe algum problema. Quando é esse o caso, sabemos que algum outro tipo de função psicológica é exagerada através do adicionamento de energia que normalmente deveria estar numa experiência religiosa. Quando se observa a vida de uma tribo primitiva, desde que sua vida religiosa esteja bem organizada, todas as coisas estão em ordem. Deixem agora que um missionário apareça por lá, um sujeito que não tem a mínima noção da vida religiosa da tribo e simplesmente declara: "Está tudo errado". Veremos então como a vida religiosa da tribo começa se desintegrando. Esse é um fenômeno dos mais extraordinários. As pessoas passam a ser gananciosas, insaciáveis, petulantes; depois, um menino da missão dirige-se a

mim e diz: "Eu sou seu irmão, sou tão bom quanto você, conheço aqueles nossos amigos, João, Marcos, Lucas, e toda a turma deles." É como eles falam. Durante anos, cantam um hino em que existe uma palavra que significa "esperança" ou "confiança". Um missionário que escutou esse hino ignorava a acentuação correta da palavra: Se colocarmos o acento na última sílaba, significa "esperança", e se acentuarmos a primeira sílaba, quer dizer "gafanhoto". Assim, eles cantavam, "Jesus é o nosso gafanhoto", e tudo corria bem, porque o gafanhoto é uma figura religiosa na África. De modo que isso significa alguma coisa para eles: "Jesus é um gafanhoto". Mas teria significado pouquíssimo para eles cantarem, "Jesus é a nossa esperança". Mesmo pessoas de comunidades mais avançadas com quem falei eram incapazes de entender os elementos da religião cristã. Como poderiam? Não encontrei um único menino instruído numa missão africana que pudesse entender os elementos da fé cristã ou qual a sua finalidade. Nos Estados Unidos, índios Pueblo disseram-me: "Oh, é muito bonito o que o padre está fazendo; ele vem mês sim mês não, e quando enterramos os nossos mortos ele faz coisas muito interessantes com eles, mas depois o pajé faz as coisas dos índios". Eles sempre embrulham seus mortos duas vezes, a primeira segundo o rito cristão e, depois, de acordo com o rito índio, só depois considerando terminada a cerimônia. O mesmo ocorre com os nascimentos; nas famílias índias tudo é feito duas vezes. Eu disse: "Isso é muito bonito, mas sabem quem é Jesus?" E eles respondem: "Ah, sim, conhecemos muito bem Jesus, e o padre fala freqüentemente com um homem a quem ele chama Jesus." "E que acham do homem?", indago eu. "Bem, isso não sabemos; não entendemos o que ele quer." E trata-se de um povo altamente civilizado, um povo filósofo. O homem que falava comigo era um filósofo. Tinha um apurado senso crítico e sua psicologia era excelente. Disse ele: "Observe o rosto do homem branco: linhas marcadas, nariz murcho; e esses americanos estão sempre buscando alguma coisa. Não sabemos o que eles procuram; achamos que são todos loucos." Ele fez o diagnóstico certo! Não se mostrem tão triunfantes; não são apenas os americanos; é o homem branco. E ele pressentiu isso. Era a primeira vez que eu ouvia um comentário realmente objetivo sobre o homem branco. Subitamente, eu vi com os olhos desse índio. E essa gente nada entende de religião cristã, o que realmente ela é.

Se desintegramos uma tribo, eles perdem suas idéias religiosas, o tesouro inestimável de suas antigas tradições, e sentem-se completamente perdidos. Perdem sua razão de ser e mostram-se cada vez mais impotentes e desamparados. Esse pajé, com lágrimas nos olhos, disse: "Já não temos mais sonhos". "Desde quando?", per-

guntei. "Oh, desde que os britânicos chegaram ao país." Eles estão inteiramente *dépossedés,* todo o significado foi arrebatado de suas vidas; estas já não fazem mais sentido, porque os contaminamos com a nossa insanidade. Porque é, na verdade, uma loucura: perdemos a ordem religiosa da vida. Essa é a minha idéia, e este é o ponto em que concluirei.

# DIAGNOSTICANDO OS DITADORES

H. R. Knickerbocker foi um dos grandes correspondentes norte-americanos no estrangeiro, pitoresco, inteligente e infatigável. Nascido no Texas em 1898, estava estudando psiquiatria em Munique na época do *putsch* de Hitler na cervejaria de Munique, em 1923; transferiu-se para o jornalismo e passou a maior parte de sua carreira em Berlim. Mas também cobriu a União Soviética (Prêmio Pulitzer, 1931), a guerra ítalo-etíope, a guerra civil espanhola, a guerra sino-japonesa, o *Anschluss* na Áustria e o pacto de Munique. Fez ainda a cobertura jornalística da Batalha da Inglaterra e da guerra no Pacífico; morreu em 1949 num desastre aéreo em Bombaim.

Knickerbocker visitou Jung em Küsnacht, em outubro de 1938, tendo chegado diretamente de Praga, onde presenciou o desmembramento da Tchecoslováquia. A sua entrevista, uma das mais extensas que Jung concedeu, foi publicada no *Hearst's International-Cosmopolitan* de janeiro de 1939, e parte dela figura, em forma diferente, no livro de Knickerbocker, *Is Tomorrow Hitler's* (1941). O artigo do *Cosmopolitan* é a base da entrevista aqui apresentada, a qual foi editorada para eliminar todo o outro material além das perguntas e respostas. O mesmo número da revista continha um esboço biográfico de Jung por Elizabeth Shepley Sergeant (ver p. 62). Esses artigos da *Cosmopolitan* tornaram famoso o nome de Jung nos Estados Unidos.

*O que aconteceria se encerrássemos Hitler, Mussolini e Stalin num quarto, os três juntos, e lhes déssemos um pão e uma caneca de água para durar uma semana? Quem ficaria com o pão e a água? Ou dividiriam entre eles?*

Duvido muito de que dividissem isso entre eles. Hitler, como é um feiticeiro, manter-se-ia provavelmente à parte, não querendo saber da briga. Sente-se impotente, porque estará sem o seu povo alemão. Mussolini e Stalin, sendo ambos caciques, disputariam provavelmente a posse do alimento e da bebida, e Stalin, sendo o mais rude e o mais duro dos dois, ficaria provavelmente com tudo.

Havia dois tipos de homens fortes na sociedade primitiva. Um era o cacique, fisicamente poderoso, mais forte do que os seus competidores, e o outro o feiticeiro ou pajé, que não era forte em si mesmo mas era-o *em razão do poder que as pessoas projetavam nele*. Assim, tínhamos o imperador e a cabeça da comunidade religiosa. O imperador era o chefe máximo, *fisicamente* forte através do comando de seus soldados; o feiticeiro era o vidente, detentor de pouco ou nenhum poder físico mas na posse de um poder real

que, por vezes, suplantava o do imperador, porque as pessoas concordavam em que ele era possuidor de magia — isto é, de uma habilidade sobrenatural. Ele podia, por exemplo, ajudar ou obstruir o caminho para uma vida feliz após a morte, proscrever ou amaldiçoar uma pessoa, uma comunidade ou toda uma nação e, através da excomunhão, criar nas pessoas grande desconforto ou dor.

Ora, Mussolini é o homem de força *física*. Quando o vemos, isso percebe-se imediatamente. Seu corpo sugere bons músculos. Ele é o cacique pelo fato de ser individualmente mais forte do que qualquer dos seus competidores. E é um fato que a mentalidade de Mussolini corresponde à sua classificação; ele tem a mente de um verdadeiro cacique.

Stalin pertence à mesma categoria. Entretanto, ele não é um criador; Stalin está devorando suas crias. É um conquistador; ele simplesmente apoderou-se do que Lênin fez, meteu-lhe o dente e devorou-o. Nem mesmo é criativamente destrutivo. Lênin era isso. Despedaçou toda a estrutura da sociedade feudal e burguesa na Rússia, e substituiu-a por sua própria criação. Stalin está destruindo-a.

Mentalmente, Stalin não é tão interessante quanto Mussolini, que se lhe assemelha no padrão fundamental de sua personalidade, e estão longe de merecer o mesmo interesse que o pajé, o mito: Hitler.

*Qualquer um que assuma o comando de 170 milhões de pessoas, como Stalin fez, tem que merecer forçosamente interesse, quer se goste dele ou não.*

Não, Stalin é apenas um bruto — um camponês esperto, um poderoso animal instintivo — sem dúvida, nesse sentido, o mais poderoso de todos os ditadores. Lembra-nos um tigre dente-de-sabre siberiano, com aquele pescoço reforçado, aqueles vastos bigodes, e o sorriso como o de um gato que esteve comendo creme. Devo imaginar que Genghis Khan poderia ter sido um Stalin *avant la lettre*. Não me surpreenderia se ele se proclamasse Czar.

Hitler é inteiramente diferente. Seu corpo não sugere força. A característica destacada de sua fisionomia é uma expressão visionária, um olhar divagador. Fiquei especialmente impressionado quando vi retratos dele feitos durante a crise da Tchecoslováquia; havia em seus olhos a expressão de um vidente.

Não há dúvida que Hitler pertence à categoria dos feiticeiros genuinamente místicos. Como alguém comentou a respeito dele no último congresso do partido em Nuremberg, nunca se viu coisa parecida neste mundo deste o tempo de Maomé.

Essa característica acentuadamente mística de Hitler é o que o leva a fazer coisas que *nos* parecem ilógicas, inexplicáveis, curiosas e exorbitantes. Mas pense... até a nomenclatura dos nazistas é plenamente mística. Veja o próprio nome do Estado nazista. Chamam-lhe o Terceiro Reich. Por quê?

*Porque o Primeiro Reich foi o Sacro Império Romano e o segundo o que foi fundado por Bismarck, sendo o terceiro o de Hitler.*

Claro. Mas existe um significado mais profundo. Ninguém chamou ao reino de Carlos Magno o Primeiro Reich nem ao de Guilherme o Segundo Reich. Somente os nazistas chamam ao dele o Terceiro Reich. Porque isso tem um profundo significado *místico*: para todo o alemão, a expressão "Terceiro Reich" leva até ao seu inconsciente ecos da hierarquia bíblica. Assim, Hitler, que mais de uma vez indicou estar consciente de sua vocação mística, apresenta-se aos seus fiéis do Terceiro Reich como algo mais do que um simples homem.

Por outro lado, atente para a ressurreição generalizada no Terceiro Reich do culto de Wotan. Quem era Wotan? O deus dos ventos. Considere o nome *Sturmabteilung* — Tropas de Tempestade. Tempestade... o vento. Assim como a suástica é uma forma rotativa, descrevendo um movimento de vórtice sempre para a esquerda — o que no simbolismo budista significa sinistro, desfavorável, dirigido para o inconsciente.

E todos esses símbolos juntos de um Terceiro Reich liberado pelo seu profeta, sob os estandartes do vento, da tempestade e do vórtice, apontam para um movimento de massa que irá varrer o povo alemão num ciclone de emoções instintivas, irracionais, rumo a um destino que talvez ninguém possa prever, exceto o profeta, o próprio Führer... e talvez nem mesmo ele!

*Mas por que é que Hitler, que faz quase todos os alemães caírem de joelhos e cultuá-lo, não produz praticamente impressão alguma em qualquer estrangeiro?*

Exatamente. Raros estrangeiros têm alguma reação e, no entanto, segundo parece, todos os alemães na Alemanha reagem emocionalmente. Isso é porque Hitler é o espelho do inconsciente de todo o alemão mas, é claro, para um não-alemão, ele não espelha coisa alguma. Ele é megafone que amplia os murmúrios inaudíveis da alma alemã, até que possam ser captados pelo ouvido inconsciente do alemão.

Ele foi o primeiro homem a dizer a todos os alemães que esteve pensando e sentindo todo o tempo, em seu inconsciente, acerca do destino alemão, sobretudo depois da derrota na guerra

mundial, e a característica que confere um colorido único à alma alemã é o complexo de inferioridade tipicamente alemão — o complexo do irmão caçula, daquele que chega sempre um pouco atrasado para a festa. O poder de Hitler não é político; é *mágico.*

*O que entende por mágico?*

Para entender isso, você deve entender o que é o inconsciente. É a parte de nossa constituição mental sobre a qual temos escasso controle e que armazena todas as espécies de impressões e sensações; que contém pensamentos e até conclusões sobre que não temos conhecimento consciente.

Além das impressões conscientes que recebemos, há toda a sorte de impressões que constantemente incidem em nossos órgãos sensoriais e das quais não nos apercebemos porque são ligeiras demais para atrair nossa atenção consciente. Essas impressões situam-se *abaixo* do limiar da consciência. Mas todas elas são registradas subliminarmente; nada se perde.

Alguém pode estar falando numa voz fracamente audível no quarto ao lado enquanto conversamos aqui. Não prestamos atenção a essa voz mas o que estiver sendo falado no quarto contíguo está sendo registrado em nosso inconsciente como se este fosse um gravador permanentemente ligado. Enquanto estamos aqui sentados os dois, o meu inconsciente está recebendo quantidades de impressões suas, embora eu não me dê conta disso, e você ficaria surpreendido se eu lhe contasse tudo o que já aprendi inconscientemente a seu respeito neste curto espaço de tempo.

Ora, o segredo do poder de Hitler não é que Hitler tenha um inconsciente mais abundantemente abastecido do que o seu ou o meu. O segredo de Hitler é duplo: primeiro, o inconsciente dele tem um acesso excepcional à consciência; e, segundo, ele permite-se ser incitado pelo que o inconsciente lhe diz. Hitler é como um homem que escuta atentamente um caudal de sugestões numa voz murmurada, provenientes de uma fonte misteriosa, e depois *age de acordo com elas.* No nosso caso, mesmo que o nosso inconsciente ocasionalmente nos alcance através de sonhos, temos racionalidade demais, cérebro demais, para nos deixarmos levar por ele, para lhe obedecermos. Esse é, sem dúvida, o caso de Chamberlain, mas Hitler escuta e obedece. O verdadeiro líder é sempre *comandado.*

Podemos ver isso funcionando nele. Ele próprio se referiu à sua Voz. A voz dele nada mais é do que o seu próprio inconsciente, no qual o povo alemão projetou seus próprios eus; ou seja, o inconsciente de 78 milhões de alemães. É isso que o faz poderoso. Sem o povo alemão, Hitler não seria o que parece ser hoje.

É literalmente verdadeiro quando afirma que, seja o que for que faça, somente pode fazê-lo porque tem o povo alemão atrás dele — ou, como às vezes diz, porque ele *é* a Alemanha. Assim, sendo o inconsciente dele o receptáculo da alma de 78 milhões de alemães, Hitler é poderoso e, com sua *percepção inconsciente* do verdadeiro equilíbrio de forças políticas no interior e no mundo, tem conseguido até agora ser infalível.

É por isso que ele formula juízos políticos que resultam certos contra as opiniões de todos os seus conselheiros e contra as opiniões de todos os observadores estrangeiros. Quando isso acontece, significa apenas que a informação recolhida pelo seu inconsciente, e atingindo a consciência através de seu excepcional talento, tem sido quase sempre mais correta do que a de todos os outros, alemães ou estrangeiros, que tentaram julgar a situação e chegaram a conclusões diferentes das dele. E, é claro, também significa que, tendo fácil acesso a essa informação, ele está disposto a *agir* de acordo com ela.

*Suponho que isso se aplica às três decisões realmente críticas que ele tomou, cada uma das quais envolveu o perigo iminente de guerra: quando invadiu a Renânia em março de 1936, a Áustria em março de 1938, e quando mobilizou e forçou os aliados a abandonarem a Tchecoslováquia. Pois sabemos que, em cada um desses casos, os mais destacados conselheiros militares de Hitler o advertiram contra tais ações, pois acreditavam que os aliados resistiriam e também que, se a guerra eclodisse, a Alemanha estava condenada, mais cedo ou mais tarde, à derrota.*

Precisamente! O fato é que Hitler pôde julgar seus adversários melhor do que todos os outros e embora parecesse inevitável um confronto de forças, *ele sabia* que seus contendores cederiam sem luta. Deve ter sido esse o caso quando Chamberlain foi a Berchtesgaden. Aí, pela primeira vez, Hitler defrontou-se com o velho estadista britânico.

Como Chamberlain provou mais tarde em Godesberg, ele fora dizer ao Führer, entre outras coisas, para não ir longe demais ou a Inglaterra lutaria. Mas o olho inconsciente de Hitler, que até então nunca falhara, leu tão profundamente no caráter do *Premier* britânico que todos os ultimatos e todas as advertências ulteriores de Londres não causaram impressão nenhuma no inconsciente dele; o inconsciente de Hitler sabia — não adivinhou nem pressentiu, ele *sabia* — que a Grã-Bretanha não se arriscaria à guerra. Entretanto, o discurso de Hitler no Palácio de Desportos, quando anunciou ao mundo seu juramento sagrado de que marcharia sobre a Tchecoslováquia a 1.º de outubro, com ou sem autorização da Inglaterra e da França, indicou pela primeira vez que Hitler, o homem, em

seu momento supremamente crítico, temia obedecer a Hitler, o profeta.

Sua Voz dizia-lhe que fosse em frente, que tudo sairia bem. Mas sua razão humana advertia-o de que os perigos eram grandes e talvez irresistíveis. Por isso, pela primeira vez, a voz de Hitler tremeu, a respiração fraquejou. Seu discurso careceu de forma e arrastou-se até ao final. Que ser humano *não* sentiria medo nesse momento? Ao fazer esse discurso, que fixava o destino de talvez centenas de milhões de pessoas, Hitler era um homem fazendo algo de que estava mortalmente temeroso mas que lhe era imposto porque ordenado por sua Voz.

*A tal Voz estava certa. Agora, quem sabe se essa Voz continuará acertando? Se estiver certa, será muito interessante observar a história dos próximos anos porque, como ele disse logo após a sua vitória tcheca, a Alemanha encontra-se hoje no limiar de seu futuro. Isso significa que ele está apenas começando e se a Voz lhe disser que o povo alemão está destinado a tornar-se o dono da Europa, e talvez o senhor do mundo, e se a Voz continuar sempre certa, como até aqui, então estamos em vésperas de um período extremamente interessante, não lhe parece?*

Sim, parece que o povo alemão está agora convencido de que encontrou o seu Messias.

De certo modo, a posição dos alemães é notavelmente semelhante à dos antigos judeus. Desde a derrota na guerra mundial, eles esperaram a chegada de um Messias, um Salvador. Isso é característico de um povo com um complexo de inferioridade. Os judeus adquiriram seu complexo de inferioridade através de fatores geográficos e políticos. Viviam numa parte do mundo que era um permanente desfile de conquistadores de ambos os lados e, após o regresso do primeiro exílio para a Babilônia, quando foram ameaçados de extinção pelos romanos, inventaram a idéia consoladora de um Messias que iria uma vez mais reunir todos os judeus numa nação e salvá-los.

E os alemães contraíram seu complexo de inferioridade através de causas semelhantes. Chegaram tardiamente do vale do Danúbio e fundaram os primórdios de sua nação muito depois de franceses e ingleses já estarem consolidando sua nacionalidade. Entraram tardiamente na corrida às colônias e na fundação de um império ultramarino. Depois, quando lograram formar uma nação unida, olharam à volta e viram os ingleses, franceses e outros com ricas colônias e todo o equipamento de nações adultas, e ficaram com inveja e ciúme, ressentidos, como um irmão caçula cujos irmãos mais velhos ficaram com a parte de leão da herança.

Foi essa a fonte *original* do complexo de inferioridade alemão, o qual determinou grande parte de seu pensamento e ação política, e que é certamente decisivo no esquema de toda a sua política atual. É impossível falar sobre Hitler sem falar sobre o seu povo, porque Hitler é apenas o povo alemão.

Ocorreu-me que a última vez que estive na América era possível traçar uma interessante analogia geográfica a respeito da Alemanha. Nos Estados Unidos, notei que numa região da costa leste existe uma certa classe de pessoas apelidadas de *"poor white trash"* [a ralé branca], e fiquei sabendo que essa pobre gente é constituída, em grande parte, de descendentes dos primeiros colonos, alguns dos quais portadores de antigos e bons nomes ingleses. A *"poor white trash"* ficou para trás quando algumas pessoas com energia e iniciativa subiram em suas carroças e rumaram para o Oeste.

Depois, no Centro-Oeste, encontramos gente que eu considero a mais estável da América; quero dizer, psicologicamente a mais equilibrada. Entretanto, em alguns lugares ainda mais para oeste, vamos encontrar algumas das pessoas menos equilibradas.

Ora, parece-me que, tomando a Europa como um todo, e incluindo as Ilhas Britânicas, tem-se uma Irlanda e País de Gales como equivalente da costa oeste americana. Os celtas possuem coloridas faculdades imaginativas. Depois, correspondendo ao sóbrio Centro-Oeste, temos na Europa os ingleses e franceses, povos psicologicamente estáveis. Mas então chega-se à Alemanha e, logo depois, estão os mujiques eslavos, o *"poor white trash"* da Europa.

Ora bem, os mujiques são gente que pode levantar-se de madrugada mas dorme o dia inteiro. E os alemães, seus vizinhos do lado, são gente capaz de acordar cedo mas que se levanta muito tarde. Não vê como ainda hoje os alemães representam a Alemanha em seus cartuns?

*Sim, "Michael, o Dorminhoco", um sujeito alto e magro, em camisa e barrete de dormir.*

Exato, e Michael, o Dorminhoco, dormiu durante toda a divisão do mundo em impérios coloniais e, assim, os alemães adquiriram seu complexo de inferioridade, o que os fez querer brigarem na Guerra Mundial e, é claro, quando foram derrotados, o sentimento de inferioridade piorou ainda mais; desenvolveram então o desejo de um Messias e receberam o seu Hitler. Se ele não é o verdadeiro Messias, não deixa de ser como um dos profetas do Antigo Testamento: sua missão é unir seu povo e conduzi-lo à Terra Prometida. Isso explica por que os nazistas têm de combater todas as formas de religião que não seja o seu próprio credo idólatra. Não duvido de que a campanha contra as igrejas católica e

protestante prosseguirá com implacável e incessante vigor, pela simples razão de que elas, do ponto de vista nazista, desejam desalojar e substituir a nova fé do hitlerismo.

*Acha possível que o hitlerismo se converta para a Alemanha numa religião permanente para o futuro, como o maometismo para os muçulmanos?*

Acho possível. A "religião" de Hitler é a mais próxima do maometismo, realista, terrena, prometendo o máximo de recompensas nesta vida, mas com Valhalla tipo maometano, no qual os alemães de valor poderão entrar e continuar uma vida deliciosa. Tal como o maometismo, ensina a *virtude* da espada. A primeira idéia de Hitler é tornar seu povo poderoso porque o espírito do alemão ariano merece ser sustentado pelo poder, pelo músculo e pelo aço.

É claro, não se trata de uma religião espiritual no sentido em que usualmente usamos o termo. Mas recorde-se que nos primeiros dias do cristianismo, era a igreja quem reivindicava o poder total, tanto espiritual quanto temporal! Hoje, a igreja deixou de alimentar essas pretensões, mas a antiga reivindicação foi encampada pelos Estados totalitários, os quais exigem o exercício de poder não só temporal mas também espiritual.

Ocorre-me agora, de passagem, que o caráter "religioso" do hitlerismo também é enfatizado pelo fato de as comunidades alemãs em todo o mundo, longe do poder político de Berlim, terem adotado o hitlerismo. Veja as comunidades alemãs na América do Sul, notadamente no Chile.

*(Surpreendeu-me que, nesta análise dos ditadores, nada tivesse sido dito sobre a influência dos pais e das mães dos homens fortes. O Dr. Jung não lhes atribuiu um papel importante.)*

É um grande erro pensar que um homem se torna ditador por razões pessoais, como a de que tinha uma forte resistência a seu pai. Existem milhões de homens que resistiram a seus pais tão fortemente quanto, digamos, Mussolini ou Hitler ou Stalin, mas que nunca se tornaram ditadores nem qualquer coisa que se pareça a ditadores.

A lei a recordar a respeito de ditadores é: *"Aquele que é perseguido é quem persegue."* Os ditadores devem ter sofrido em virtude de circunstâncias calculadas para gerar a ditadura. Mussolini chegou no momento em que o país estava entregue ao caos, em que a anarquia imperava entre os operários e a ameaça do bolchevismo aterrorizava a gente.

Hitler chegou quando a crise econômica tinha reduzido o padrão de vida e o desemprego na Alemanha a um nível insuportável, e depois da grande inflação monetária que, embora a estabilização tivesse sido estabelecida, empobrecera substancialmente toda a classe média. Hitler e Mussolini receberam o poder das mãos do povo e tal poder não pode ser retirado. É interessante que tanto Hitler como Mussolini baseiam seu poder principalmente na classe média baixa, operários e agricultores.

Mas prosseguindo com as circunstâncias em que ditadores subiram ao poder: Stalin surgiu quando a morte de Lênin, criador único do bolchevismo, deixou o partido e o povo sem líder e o país incerto quanto ao seu futuro. Assim, os ditadores são feitos do material humano que sofre de necessidades esmagadoras. Os três ditadores na Europa diferem tremendamente uns dos outros, mas não são tanto eles quanto os seus respectivos povos que são diferentes.

Compare-se o modo como o povo alemão pensa e sente a respeito de Hitler com o modo como os italianos pensam e sentem acerca de Mussolini. Os alemães são altamente impressionáveis. Vão aos extremos; estão sempre um pouco desequilibrados. São cosmopolitas, cidadãos do mundo; perdem facilmente sua identidade nacional; gostam de imitar outras nações. Todo o homem alemão gostaria de se vestir como um *gentleman* inglês.

*Não Hitler. Sempre se vestiu à sua própria maneira, e ninguém poderá acusá-lo de tentar parecer como se adquirisse suas roupas em Savile Row.*

Precisamente. Porque Hitler está dizendo aos seus alemães: "Agora, *bei Goot,* vocês têm que começar a ser *alemães*!"

Os alemães são extraordinariamente sensíveis a novas idéias, e quando ouvem uma que os atrai, o mais provável é que a engulam sem reticências e, durante algum tempo, fiquem completamente dominados por ela; mas, passado um certo tempo, são igualmente capazes de a rejeitar violentamente e adotar uma idéia mais recente, a qual, o que é muito provável, contradiz frontalmente a primeira. É assim que eles têm conduzido sua vida política.

Os italianos são mais estáveis. A mente deles não voga ao sabor de todos os extravagantes êxtases que constituem o exercício cotidiano da mente alemã. Assim, observamos na Itália um espírito de equilíbrio que falta na Alemanha. Quando os fascistas tomaram o poder na Itália, Mussolini não desalojou nem mesmo o rei. Mussolini não trabalhou com êxtase espiritual mas com um martelo na mão, dando à Itália o formato que ele queria, tal como seu pai ferreiro costumava fazer para fabricar ferraduras.

Esse equilíbrio de temperamento Mussolini-italiano é corroborado pelo tratamento fascista dos judeus. No começo, eles não perseguiram absolutamente os judeus e mesmo agora, quando por várias razões iniciaram uma campanha anti-semita, esta manteve-se dentro de uma certa proporção. Suponho que a principal razão pela qual Mussolini aderiu ao anti-semitismo foi convencer-se de que o judaísmo mundial era, provavelmente, uma força incorrigível e eficaz contra o fascismo — Léon Blum na França, especialmente, penso eu — e também o desejo de tornar mais sólidos seus laços com Hitler.

Assim, enquanto Hitler é um feiticeiro, uma forma de recipiente espiritual, uma semideidade ou, melhor ainda, um mito, Mussolini é um homem e, portanto, na Itália fascista, tudo tem uma forma muito mais humana do que na Alemanha nazista, onde as coisas são governadas por revelação. Hitler, como homem, quase não existe. De qualquer modo, ele desaparece atrás de seu papel. Mussolini, pelo contrário, nunca desaparece atrás do papel dele. É o papel que desaparece atrás de Mussolini.

Vi o Duce e o Führer juntos em Berlim, quando Mussolini fez sua primeira visita oficial; tive a sorte de estar situado a apenas alguns metros deles e pude estudá-los bem. Foi divertido observar a expressão de Mussolini quando se iniciou o desfile das tropas em passo de ganso. Se eu não tivesse visto, teria caído na falsa crença popular de que a adoção do passo de ganso alemão pelo exército italiano era uma imitação de Hitler. E isso ter-me-ia desapontado, porque discerni na conduta de Mussolini um certo estilo, um certo formato de homem original com bom gosto em certas matérias.

Quero dizer, por exemplo, que conservar o rei foi uma prova de bom gosto do Duce. E a escolha de seu título, "Duce" — não Doge, como na antiga Veneza, nem Duca, mas Duce, a palavra italiana comum para líder — foi original e, em minha opinião, revelou bom gosto.

Ora, enquanto eu observava Mussolini presenciando a primeira marcha em passo de ganso que lhe era dado ver, pude surpreender em sua expressão o entusiasmo de um garotinho num espetáculo de circo. Mas desfrutou ainda mais a parada quando a cavalaria avançou e os tambores montados vieram a galope ocupar seu lugar de um lado da avenida, enquanto o resto da charanga toma seu lugar do outro lado. Os tambores montados devem contornar a charanga, sempre galopando, e fazem-no sem tocar nas rédeas, guiando os cavalos apenas com a pressão dos joelhos, pois têm as mãos ocupadas com os tambores.

Nessa ocasião, tudo foi executado de maneira magnífica e agradou tanto a Mussolini que ele riu e bateu palmas entusiásticas.

Quando voltou depois a Roma, introduziu o passo de ganso nas forças armadas e estou convencido de que o fez exclusivamente para seu próprio prazer estético. Realmente, um desfile em passo de ganso é algo sobremaneira impressionante.

Em comparação com Mussolini, Hitler causou-me a impressão de uma espécie de andaime de madeira revestido de tela, um autômato com máscara, como um robô, ou a máscara de um robô. Durante toda a cerimônia, seu rosto manteve-se impassível; nunca riu. Era como se estivesse de mau humor, um sujeito emburrado.

Não deu mostras de qualquer sinal humano, por mínimo que fosse. Sua expressão era de uma incrível e inumana obstinação, sem o mais leve senso de humor. Era como se ele pudesse ser o duplo de uma pessoa real, dentro do qual Hitler, o homem, talvez estivesse escondido, como um apêndice, ou escondendo-se deliberadamente a fim de não estragar o mecanismo.

Que diferença espantosa entre Hitler e Mussolini! Não pude deixar de gostar mais de Mussolini. Sua energia corporal e sua elasticidade são calorosas, humanas e contagiosas. Tem-se o pressentimento intuitivo de que, ao fim e ao cabo, Mussolini é um ser humano. Hitler assusta. Faz-nos sentir que nunca seremos capazes de falar com ele; porque não há ninguém com quem falar. Ele não é um homem; é um ser coletivo. Não é um indivíduo; é toda uma nação.

Acho ser literalmente verdadeiro o que se diz dele — que não tem amigos pessoais. Como se pode falar intimamente com uma nação? É impossível explicar Hitler pelo enfoque pessoal, exatamente como não se pode explicar uma grande obra de arte examinando a personalidade do artista. A grande obra de arte é um produto do tempo, do mundo total em que o artista está vivendo, dos milhões de pessoas que o cercam, dos milhares de correntes de pensamento e miríades de correntes de atividade que fluem em torno dele.

Assim, seria mais fácil para Mussolini, que é apenas um homem, encontrar um sucessor, do que para Hitler. Penso que Mussolini, com um pouco de sorte, poderia encontrar alguém para ocupar o lugar dele. Mas não vejo como Hitler poderia fazer isso.

*E se Hitler resolvesse casar?*

Ele não pode casar. Se casasse, deixaria simplesmente de ser Hitler. Mas é inacreditável que ele alguma vez o faça. Não me surpreenderia se fosse revelado ter ele sacrificado sua vida sexual à Causa.

Aliás, isso não é coisa incomum, especialmente para o tipo de líder feiticeiro, embora seja muito menos usual no tipo de líder-cacique. Segundo parece, Mussolini e Stalin levam uma vida sexual

inteiramente normal. A verdadeira paixão de Hitler é a Alemanha. Poderíamos dizer que ele tem um tremendo complexo materno, o que significa que Hitler estará sob o domínio de uma mulher ou de uma idéia. Ora, a idéia é sempre feminina. A mente é feminina porque o cérebro é criador; por conseguinte, é como um ventre feminino. O inconsciente do homem é sempre representado por uma mulher; o da mulher, sempre por um homem.

*Até que ponto a ambição pessoal desempenha um papel importante na formação dos três ditadores?*

Eu diria que a ambição pessoal desempenha um papel muito secundário em Hitler. Não creio que ele tenha ambição pessoal, além da de qualquer homem comum. Mussolini tem ambições pessoais acima da média, mas isso não é suficiente para explicar sua força. Também ele acredita ser sua liderança coincidente com uma necessidade nacional. Hitler não governa a Alemanha. Ele é simplesmente o expoente da tendência irrefreável das coisas. Isso torna-o psicologicamente fascinante, na medida em que o envolve numa aura sobrenatural. Mussolini governa a Itália, até certo ponto; mas, no resto, é um instrumento do povo italiano.

Com Stalin, as coisas são diferentes. Sua característica preponderante é uma avassaladora ambição *pessoal*. Ele não se identifica com a Rússia. Governa a Rússia como qualquer czar. Não se deve esquecer que, no fim de contas, ele é um georgiano.

*Mas como explica ter Stalin optado pelo rumo que adotou? Parece-me que, bem longe de ser desinteressante, Stalin também é uma figura enigmática. Aí está uma pessoa que passou a maior parte de sua vida como um revolucionário bolchevista. Seu pai sapateiro e sua mãe beata mandaram-no para um seminário estudar teologia. Tornou-se revolucionário na juventude e, nos 25 anos subseqüentes, não fez outra coisa senão combater o czar e a polícia do czar. Foi jogado uma dúzia de vezes em diversas prisões e evadiu-se de todas elas. Ora bem: Como é que se explica que um homem que tinha lutado a vida inteira contra a tirania do czar, acabasse ele próprio por converter-se numa espécie de czar?*

Isso nada tem de extraordinário. A razão é muito simples: A pessoa converte-se sempre na coisa que ela mais combate. O que foi que abalou o poderio armado de Roma? O cristianismo. Porque quando as legiões romanas conquistaram o Oriente Próximo, foram conquistadas pela sua religião.

Quando se combate uma coisa, tem que se ficar muito próximo dela e o mais provável é que ocorra a contaminação. É preciso conhecer muito bem o czarismo para derrotá-lo. Então, quando o

czar é expulso, aquele que o expulsou torna-se um czar, assim como um caçador de animais selvagens pode tornar-se bestial.

Sei de um sujeito que, após muitos anos de praticar a caça grossa de uma forma esportiva adequada, teve que ser preso porque, um dia, passou a usar metralhadora contra os animais. O homem tornara-se mais sanguinolento do que as panteras e os leões que matava.

Stalin tanto combateu contra a opressão sangrenta do czar que está fazendo hoje exatamente a mesma coisa que o czar. Em minha opinião, não existe diferença nenhuma entre Stalin e Ivã, o Terrível.

*Mas o que me diz do fato, relatado por muitos e observado por mim mesmo, de o padrão de vida na União Soviética ter aumentado consideravelmente e continuar subindo, a partir do nível de fome absoluta de 1933?*

É claro. Stalin pode ser um bom administrador e, ao mesmo tempo, ser um czar. Eu consideraria um verdadeiro milagre se, num país com as riquezas naturais da Rússia, alguém pudesse impedi-lo de se tornar cada vez mais próspero. Mas Stalin não é muito original e acho de muito mau gosto que se mostre em frente de todos como um czar tão cruel, sem o menor pudor! É realmente uma conduta *proletária*!

*Mas ainda não me explicou como Stalin, o membro leal do partido comunista, o trabalhador clandestino pelo que era então um ideal eminentemente altruísta, pôde converter-se num faminto do poder.*

Em minha opinião, a mudança ocorreu em Stalin durante a revolução de 1918. Até então, ele trabalhara, talvez desinteressadamente, a bem da Causa e, provavelmente, nunca pensara em ganhar poder pessoal para si, pela excelente razão de que nunca surgiu nem a sombra de uma chance de que ele pudesse aspirar sequer a alguma coisa que lembrasse poder pessoal. Assim, a questão não existia para ele. Mas, durante a revolução, Stalin viu pela primeira vez como se *adquire* poder. Estou certo de que ele deve ter dito para seus botões, atônito: "Mas é tão fácil!" Deve ter observado Lênin e outros alcançarem os escalões máximos do poder completo e diria para si mesmo: "Então é assim que se faz! Bem, eu posso fazer ainda melhor. Tudo o que tenho a fazer é liquidar o camarada à minha frente."

E certamente teria liquidado Lênin, se Lênin ainda fosse vivo. Nada poderia detê-lo agora. Naturalmente, quer que o seu país prospere. Quanto mais próspero e mais poderoso for o seu país, maior ele será. Mas não pode dedicar todas as suas energias à pro-

moção do bem-estar de seu país enquanto não estiver satisfeito o seu impulso *pessoal* de poder.

*Certamente ele dispõe agora do poder máximo.*

Sim, mas tem que o conservar. Ele está cercado de uma alcatéia de lobos. Precisa estar permanentemente alerta. Devo dizer que, em minha opinião, temos para com Stalin uma grande dívida de gratidão!

*Por quê?*

Pelo maravilhoso exemplo que ele deu ao mundo inteiro da verdade axiomática de que o comunismo sempre conduz à ditadura.

Mas deixemos de lado este aparte e permita-me que lhe diga o que é a minha terapia. Como médico, tenho não só que analisar e diagnosticar, mas também de recomendar tratamento.

Estivemos quase todo o tempo falando sobre Hitler e os alemães porque eles são, incomparavelmente, o mais importante dos fenômenos ditatoriais do momento. É para isso, portanto, que devo propor uma terapia. É extremamente difícil lidar com esse tipo de fenômeno. É excessivamente perigoso. Refiro-me ao tipo de caso de um homem agindo sob compulsão.

Ora, quando eu tenho um paciente agindo sob o comando de um poder superior, de um poder dentro dele, como a Voz de Hitler, não me atrevo a dizer-lhe que desobedeça à sua Voz. Ele não o fará, se eu lho disser. Agirá até mais determinadamente do que se eu nada lhe disser. Tudo o que posso fazer é tentar, *interpretando* a Voz, induzir o paciente a comportar-se de um modo que seja menos pernicioso para ele e para a sociedade do que se ele obedecesse imediatamente à Voz, sem interpretação.

Por isso eu digo que, na atual situação, a única maneira de salvar a democracia no ocidente — e por ocidente quero dizer também a América — não é tentar parar Hitler. Podem tentar desviá-lo, mas pará-lo será impossível sem a Grande Catástrofe para todos. A Voz de Hitler diz-lhe para unir o povo alemão e conduzi-lo a um melhor futuro, um lugar maior na Terra, uma posição de glória e riqueza. Vocês não podem impedi-lo de tentar isso. Só podem esperar influenciar a direção de sua expansão.

Eu digo, deixem-no ir para leste. Desviem a atenção dele do ocidente ou, melhor, encorajem-no a mantê-la desviada. Que vá para a Rússia. Essa é a *cura* lógica para Hitler.

Não creio que a Alemanha se satisfaça com um pedaço da África, pequeno ou grande. A Alemanha olha para a Inglaterra e a França, com seus opulentos impérios coloniais, e até para a Itália, com a sua Líbia e Etiópia, e pensa em seu próprio tamanho, 78

milhões de alemães contra 45 milhões de britânicos no Reino Unido e 42 milhões de franceses e 42 milhões de italianos, e pensará forçosamente que devia ter um lugar no mundo não apenas tão grande quanto o ocupado por qualquer uma das outras três grandes potências ocidentais, *mas muito maior*. Como iria obter isso no ocidente sem destruir uma ou mais das nações que hoje ocupam o ocidente? Só existe um campo onde a Alemanha pode operar, e é a *Rússia.*

*E o que acontece à Alemanha quando tentar ajustar contas com a Rússia?*

Ah, isso é problema dela. O nosso interesse nisso é simplesmente que desse modo o ocidente será salvo. Nunca ninguém mordeu a Rússia sem se lamentar amargamente. Não é um dos alimentos mais agradáveis. É possível que os alemães levem uns cem anos para digeri-lo. Entrementes, nós estaríamos salvos e, quando digo nós, refiro-me a toda a civilização ocidental.

O instinto deve dizer aos estadistas ocidentais para não cutucarem a Alemanha em seu atual estado de espírito. Ela é perigosa demais. O instinto de Stalin estava correto quando lhe segredou que deixasse as nações ocidentais destruírem-se entre elas numa guerra, enquanto ele esperava para apanhar os ossos. Isso salvaria a União Soviética. Eu não creio que ele jamais tivesse entrado na guerra ao lado da Tchecoslováquia e França, exceto nos instantes finais, para se aproveitar da exaustão de ambos os lados.

Por isso digo, estudando a Alemanha como faria com um paciente, e a Europa como se fosse a família e os vizinhos de um paciente, deixem que ela invada a Rússia. Há terra de sobra — um sexto da superfície da Terra. Não afetaria a Rússia se alguém lhe tomasse uma fatia e, como disse, ninguém que até hoje tentou arrebatá-la prosperou nessas paragens.

Como salvar os Estados Unidos democráticos? Devem ser salvos, claro, ou então afundamo-nos todos. Vocês devem manter-se afastados da contaminação, evitar a febre. Conservem um exército e uma marinha poderosos, mas poupem-nos. Se estourar a guerra, esperem.

Os Estados Unidos devem manter poderosas forças armadas para ajudar a manter o mundo em paz, ou para decidir a guerra, quando esta chegar. Vocês são o último reduto da democracia ocidental.

*Mas como será preservada a paz da Europa Ocidental deixando a Alemanha "ir para leste", como o senhor se expressou, se a Inglaterra e a França garantiram agora formalmente as fronteiras do novo Estado tchecoslovaco? Não haverá guerra, de qualquer*

*modo, se a Alemanha tentar anexar a Tchecoslováquia ao seu sistema administrativo?*

A Inglaterra e a França não honrarão sua nova garantia à Tchecoslováquia, após o desmembramento, tal como a França não honrou seu prévio compromisso de acudir à Tchecoslováquia, caso fosse invadida. Nenhuma nação respeita e mantém sua palavra. Uma nação é um grande verme cego, seguindo o quê? O destino, talvez. Uma nação não tem honra; não tem que respeitar palavra nenhuma. É por essa razão que, em tempos antigos, as nações procuravam ter reis que possuíssem honra pessoal e uma só palavra.

Você não sabe que, se escolhermos uma centena das pessoas mais inteligentes do mundo e as reunirmos, elas não são mais de que uma turba estúpida? Dez mil delas reunidas teriam a inteligência coletiva de um jacaré. Nunca notou que, num jantar festivo, quanto mais pessoas você convidar, mais estúpida é a conversa? Numa multidão, as qualidades que todos possuem multiplicam-se, acumulam-se e tornam-se as características dominantes da multidão inteira.

Nem todos tem virtudes, mas todos têm os baixos instintos animais, a sugestionabilidade básica do troglodita, os traços desconfiados e maldosos do selvagem. O resultado é que, quando uma nação é formada de muitos milhões de pessoas, ela não é sequer humana. É um lagarto, ou um crocodilo, ou um lobo. Os seus estadistas não podem ter uma moralidade superior à da massa animalesca da nação, embora os estadistas de nações democráticas possam tentar, individualmente, comportar-se um pouco melhor.

Para Hitler, entretanto, mais do que para qualquer outro estadista no mundo moderno, seria impossível esperar que ele respeite a palavra da Alemanha contra os seus interesses em qualquer barganha, pacto ou tratado internacional. Porque Hitler é a própria nação. É por isso, diga-se de passagem, que Hitler fala sempre tão alto, mesmo em conversas privadas — porque ele está falando com 78 milhões de vozes.

Uma nação é justamente isso: um monstro. Todos devem temer uma nação. É uma coisa horrível. Como pode tal coisa ter honra ou palavras? Por isso eu sou favorável às nações *pequenas*. Nações pequenas significam pequenas catástrofes. Grandes nações significam grandes catástrofes.

* * *

*O telefone tocou. Na quietude do gabinete e de um dia sem vento, lá fora, pude ouvir um paciente gritar que um ciclone em seu quarto de dormir ameaçava arrancá-lo do chão e arrebatá-lo pelos ares.*

*"Deite-se no chão e estará em segurança," aconselhou o médico.*

*É o mesmo conselho que o médico-filósofo dá agora à Europa e à América, quando o vendaval da ditadura sopra com violência contra os alicerces da democracia.*

# JUNG DIAGNOSTICA OS DITADORES

Um psicólogo e ministro anglicano inglês, Howard L. Philp, tendo evidentemente lido a entrevista de Knickerbocker na revista *Cosmopolitan,* combinou um encontro com Jung na casa do amigo comum, Dr. E. A. Bennet, durante uma das visitas de Jung a Londres. Ele publicou o artigo resultante dessa conversa, intitulado "Jung Diagnostica os Ditadores", em *The Psychologist* (Londres), em maio de 1939. Philp continuou ampliando seu interesse pela psicologia e, depois da guerra, escreveu um livro sobre Freud e a religião, após o que se dedicou a um estudo de Jung. Isso resultou numa correspondência intensiva, e Philp publicou cartas de resposta de Jung em seu livro *Jung and the Problem of Evil* (Londres, 1958); elas estão reimpressas em CW 18, §§ 1584 e ss. A Universidade de Londres conferiu a Philp o grau de doutor por sua obra sobre Freud e Jung. Mais tarde, ele tornou-se cônego da catedral de Salisbury.

A conversa de Philp com Jung em 1939 começou com uma recordação da impressionante profecia feita por Jung a respeito da Tchecoslováquia, em sua entrevista com Knickerbocker: "A Inglaterra e a França não honrarão sua nova garantia à Tchecoslováquia, após o desmembramento, tal como a França não honrou seu prévio compromisso de acudir à Tchecoslováquia, caso fosse invadida" (ver p. 132), e foi citado o parágrafo inteiro de Jung.

*O rumo que o senhor previu nessa entrevista foi seguido à risca. E agora, vendo o que aconteceu à Tchecoslováquia, tem alguma coisa que queira acrescentar a isso?*

Acrescentar a quê, à Tchecoslováquia?

*A Inglaterra deu agora uma garantia análoga à Polônia. Que efeito poderá isso ter sobre Hitler?*

Isso é muito difícil de prever. Hitler não tem realmente uma psicologia *pessoal.* É um sujeito gozado. Não pode fazer promessas. Não existe ninguém para fazer uma promessa! Hitler é apenas o megafone que dá voz ao estado de espírito ou à psicologia de 80 milhões de alemães. Tem sido afirmado que ele tem o apoio irrestrito de mais de metade dos alemães. Isso é provavelmente verdade, mas é apenas uma parte da verdade, pois Hitler representa a mente inconsciente não só de todo o povo da Alemanha mas também de outros países. Ele expressa os sentimentos inconscientes de muitos ingleses e franceses. Alguns tchecoslovacos estão frontalmente contra ele mas, como tantos outros, podem sentir uma espécie de admi-

ração por ele, ao mesmo tempo. Eles dizem: "Vejam o que ele está fazendo. Não é que o sujeito é mesmo diabólico!" Num certo sentido, admiram o poder de Hitler.

A mesma coisa acontece freqüentemente quando lemos histórias policiais. Há uma parte de nós que passa a identificar-se até com os personagens que detestamos. Hitler expressa o que quer e obtém-no.

*Hitler tem uma sensibilidade especial?*

Decididamente que sim. É como se possuísse tentáculos nervosos que se estendem em todas as direções. Isso torna-o sensível a tudo o que a sua nação está sentindo. Hitler pertence à classe do feiticeiro, do místico, do vidente. Sua expressão é a de um visionário. De fato, esse é o seu elemento mais significativo. Ele não é um líder na acepção em que Mussolini é. Quando Hitler fala, não diz nada de novo aos alemães, mas simplesmente o que eles querem ouvir. Ele é, sobretudo, o espelho daquele complexo de inferioridade que é uma tão acentuada característica alemã.

Uma das razões disso é que os alemães são comparativamente jovens como nação. Quando, finalmente, se tornaram uma nação unificada, descobriram que os britânicos e franceses eram nações muitíssimo antes do que eles; que estavam atrasados na corrida por colônias, enquanto franceses e britânicos possuíam colônias ricas e tudo o que pertence a uma nação plenamente amadurecida. Isso tornou os alemães invejosos e ressentidos. Daí resultou a Grande Guerra, e quando a Alemanha foi derrotada, tornou-se ainda mais dominada pelo complexo de inferioridade. Assim como os judeus da antiguidade esperavam um Messias que os libertasse, também os alemães esperavam o seu salvador e acreditavam tê-lo encontrado em Hitler.

Hitler é simplesmente o que os alemães fizeram dele. Isso não pode ser percebido com toda a clareza. Mas é a chave para compreendê-lo e também para entender os próprios alemães. Hitler é uma máscara, mas não há nada por trás dessa máscara.

*O senhor escreveu um livro muito importante sobre tipos psicológicos. Em qual dos tipos colocaria Hitler?*

Eu não o colocaria como homem, pois individualmente é muito desinteressante e sem importância. Ele é simplesmente um grande fenômeno. Ver Hitler e Mussolini juntos, como eu os vi, é uma experiência incrível. Mussolini enche seu uniforme, mas Hitler nem mesmo se ajusta às suas roupas! Hitler é todo máscara. Mussolini revela uma certa vitalidade. É um homem — natural, caloroso, duro e implacável. Se diz "não", quer dizer não. Pode falar como uma

pessoa real. Se lhe dissermos: "Você prometeu fazer algo e mentiu", ele provavelmente admitirá sua mentira e é até capaz de ruborizar-se. É mais humano do que Hitler. Saberia o que tinha prometido e saberia que tinha mentido.

Uma outra diferença entre eles é a respeito de sua ambição pessoal. Em Hitler, a ambição ocupa um lugar muito pequeno. É provavelmente correto dizer-se que Hitler não possui ambição além da de qualquer homem comum. Mas Mussolini é mais ambicioso do que a média, embora sua ambição seja insuficiente para explicar toda a sua força. Ele acha que corresponde às necessidades nacionais da Itália. Hitler não governa a Alemanha da mesma maneira. Ele é sensível à tendência dos problemas em seu país.

Hitler não pode ser entendido separadamente de um exame dos fatores inconscientes que desempenham seu papel na constituição dele e, de fato, no mundo. É certo que Hitler não se entende a si mesmo; se o fizesse, não seria tão carente de senso de humor e não se levaria tanto a sério. Existem numerosas maneiras em que as forças inconscientes desempenham seu papel. O inconsciente coletivo é um fato real nas questões humanas. Seriam precisos vários volumes para explicar suas múltiplas ramificações. Todos nós participamos nele. Num certo sentido, constitui a sabedoria humana acumulada que herdamos inconscientemente; em outros sentidos, envolve as emoções humanas comuns de que todos compartilhamos.

É compreensível, portanto, a existência de uma força como o inconsciente coletivo de uma nação; na Alemanha, Hitler dispõe de um poder sobrenatural — o de ser sensível a esse inconsciente coletivo. É como se ele soubesse o que a nação está realmente sentindo, a qualquer momento dado.

Hitler sacrificou a sua individualidade, ou então não possui uma em qualquer acepção real, a essa quase completa subordinação às forças do inconsciente coletivo, e está apto a apoiar-se nessa reserva oculta. Ele mesmo falou a respeito de ser capaz de ouvir uma voz. Para ele, é como se a ouvisse, e a voz que ele ouve é a do inconsciente coletivo, especialmente o de sua própria raça. É esse fato que torna tamanho problema lidar com Hitler. Ele é virtualmente a nação. E o problema com uma nação é que não respeita sua palavra nem tem honra, pelo menos ao nível do inconsciente coletivo. Uma nação como tal, apesar de todas as pretensões dos estados totalitários, é uma força cega.

Você pode selecionar uma centena de homens muito inteligentes e, quando os juntar todos, eles não serão mais do que uma turba idiota. A multidão não se eleva ao nível das inteligências superiores que ela contém, mas são, pelo contrário, as qualidades que todos

têm as que se tornam características dominantes da multidão como um todo.

Uma forma em que o inconsciente aparece ao homem é a de uma figura feminina. De um modo análogo, o inconsciente personificado apresenta-se a uma mulher sob um disfarce de homem. Um dos principais problemas é obter o tipo certo de relacionamento dessas figuras em nós próprios. Podemos ter essas figuras em todas as formas. Escolha-se um indivíduo perfeitamente ingênuo e ele chamará a essa figura feminina "Mãe" — significando a própria mãe deles. Depois ela morrerá, embora em muitos homens, de fato, ela nunca morra como uma força. Se um homem não lograr um relacionamento correto com essa figura feminina, ele acabará possuído por ela, a qual então se converte num perturbador fator de desintegração.

Hitler nunca logrou uma relação saudável com essa figura feminina, a que eu chamo anima. O resultado é que está possuído por ela. Em vez de ser verdadeiramente criativo, ele é, por conseguinte, destrutivo. Eis uma das razões pela qual Hitler é perigoso: ele não possui em seu íntimo as sementes da verdadeira harmonia.

*Há a probabilidade de que Hitler mude? É possível que, algum dia, ele perca sua qualidade impessoal e até case, talvez?*

Não é muito provável. Mas pode-se esperar dele qualquer coisa. De repente faz meia volta e diz algo muito diferente do que disse antes. Perderá o seu emprego quando perder sua voz. Isso poderia acontecer, mas não creio que aconteça. Tampouco acredito que ele se converta num ser humano normal. O mais provável é que morra em seu emprego.

*Dr. Jung, como é que conserva a paciência conosco e com os nossos mesquinhos problemas, quando a Europa está desabando e o senhor tem que realizar um trabalho de importância mundial?*

Porque o problema do mundo começa com o indivíduo.

*Quer dizer que o homem em conflito consigo mesmo faz, em última instância, guerras e revoluções?*

Certamente. E o homem em paz consigo mesmo, que se aceita, contribui com uma soma infinitesimal para o bem do universo. Tratem de vossos conflitos privados e pessoais, e estarão reduzindo em um milionésimo de milionésimo os conflitos mundiais.[1]

---

1. As duas últimas perguntas e respostas foram publicadas, em forma ligeiramente diferente, como parte do artigo de E. S. Sergeant sobre Jung em *Hearst's International-Cosmopolitan*, janeiro de 1939, citado na nota introdutória da entrevista de Knickerbocker.

# UMA ENTREVISTA DURANTE A GUERRA

No verão de 1942, a Suíça estava cercada pelas potências do Eixo a oeste, a França ocupada e não-ocupada estava sob controle nazista. Para os aliados, esse foi o período mais sombrio da guerra. A Suíça, em sua neutralidade, levava uma existência quase tão normal quanto lhe era possível. A Conferência Eranos, em Ascona, prosseguiu com os planos para a sua reunião anual em agosto, sobre o tema "O Princípio Hermético em Mitologia, Gnose e Alquimia". Jung concordou em falar sobre um tema de alquimia, "O Espirito Mercurius",[1] e quando a *Tribune de Genève* enviou um jornalista para entrevistá-lo sobre "os valores espirituais do suíço", em junho, ele estava mergulhado em pesquisas. O entrevistador, Pierre Courthion, era um historiador de arte e educador franco-suíço que servira na Liga das Nações como chefe da seção de artes do Instituto Internacional para a Cooperação Internacional, e escrevia e fazia conferências sobre arte moderna. O seu artigo, publicado a 19 de junho de 1942, está um pouco resumido nesta versão.

C. G. Jung vive em Küsnacht, ao fundo de um jardim, numa casa confortável cheia de mobiliário Biedermeyer e quadros de família. Sua secretária conduziu-me até uma sala forrada de livros, suas mesas com manuscritos empilhados, e vi um homem muito alto encaminhar-se para mim. Trajava roupa escura e tinha na cabeça um pequeno gorro de seda preta. Empurrando para um lado com sua mão enorme o atril onde estava posto um volume aberto dos textos gregos de Berthelot,[2] ofereceu-me uma cadeira e ele próprio sentou-se numa poltrona perto da janela. Enquanto me perguntava se tivera muita dificuldade em encontrar o lugar (o qual está um tanto retirado, no número 228 da interminável *Seestrasse* [rua do Lago], passada a aldeia e o Sonne Hotel), eu observava-o contra a luz das janelas, através das quais os ramos das árvores ainda sem folhas podiam ser vistos balouçando suavemente na tênue neblina.

* * *

Jung acendeu seu cachimbo de tubo de cobre e falou-me sobre sua vida; suas viagens como "psicólogo itinerante" na Índia, depois

1. Em CW 13; originalmente em *Eranos-Jahrbuch 1942*.
2. M. Berthelot, *Collection des anciens alchimistes grecs* (Paris, 1887-88), em 3 volumes. Jung citou-a em "The Spirit Mercurius" e outros escritos sobre alquimia.

África,[3] para estudar a psicologia de povos primitivos. Do Quênia e de Uganda subiu até ao Sudão e Khartoum, depois desceu o Nilo a fim de investigar a influência da mentalidade africana no Egito. "No Egito," disse ele, "a aparência externa é asiática mas existe uma influência religiosa que é inteiramente africana". E, disse-me Jung bem-humoradamente, quando regressou à Suíça percebeu que tinha ido muito longe em busca de algo que poderia ter encontrado bem perto de casa, no Lötschental,[4] por exemplo. "Esses estudos não são fáceis," assinalou ele. "Tem que se conquistar a confiança das pessoas antes que elas decidam falar-nos sobre elas mesmas. Mas quantas surpresas! Coisas sobre as quais lemos em Paracelso ainda existem. Falei com feiticeiros, com exorcistas. Você sabe que ainda existem alguns lugares em Berna ou St. Gall onde fazem pactos com o diabo e os assinam com sangue? Onde praticam a magia em vacas? Na alma suíça, como em todas as almas humanas, existem regiões sobre as quais nada sabemos..."

* * *

"O que é que indivíduos de diferentes tipos tendem a fazer? É muito importante sabê-lo. O resto é apenas mecânica. O instinto criativo, a vontade do criador, isso é o que importa. Por outras palavras: Tendo por mãe a avó do diabo e por pai o diabo, como é que alguém pode vir a ser um bom filho do Senhor?"

As risadas de Jung possuem uma sonoridade que é, de algum modo, intencionalmente tranqüilizadora. Quando o interroguei acerca dos signos e símbolos que hoje estão sendo estudados de novo, ele disse: "O símbolo tem um significado muito complexo porque desafia a razão; pressupõe sempre múltiplos significados que não podem ser compreendidos num único conceito lógico. O símbolo tem um futuro. O passado não basta para interpretá-lo, porque germes do futuro estão incluídos em todas as situações reais. É por isso que, na elucidação de um caso, o simbolismo é espontaneamente aplicável, porquanto contém o futuro; dentro de sua zona de mistério está compreendida a defesa do indivíduo. Por exemplo, uma doença em desenvolvimento sempre tem um contra-aspecto: em conjunto com a febre resultante de uma infecção microbiana, existe simultaneamente a febre como reação e defesa do corpo. Até o sonho é uma defesa. Ao explicar os sonhos de um ponto de vista causal, Freud chegou às suas causas primárias. Mas o que me

3. Jung visitou a África Oriental em 1925, a Índia só em 1938.
4. Um vale retirado nos Alpes Berneses do cantão Valais setentrional. Seu povo preserva costumes tradicionais arcaicos.

interessa é averiguar por que uma pessoa sonha sobre uma coisa em vez de uma outra coisa. Se atentarmos para um sonho conscientemente, podemos ver que alguns dos detalhes dele foram alterados, a partir de impressões que tivemos antes. Assim, o sonho inventa um acidente quando necessita de um, *quando quer um acidente.* No fim, temos que indagar qual é o objetivo do sonho, de um ponto de vista teleológico. Por que é que o desejo inconsciente dessa pessoa lhe mostra uma imagem como essa? E foi neste ponto que aprendi muito com os povos primitivos: o sonho é um produto da imaginação, uma galeria de imagens, imagens de proteção contra algum golpe que nos ameaça; a função do sonho é compensar a atitude consciente. Acredito que aquilo que os sonhos nos mostram em imagens vívidas e impressionantes são os nossos pontos vulneráveis. Por isso é que os médicos medievais faziam perguntas a respeito dos sonhos. Devemos observar a mesma regra. Um holandês disse: "A magia é a ciência da selva", e os chineses afirmam que, quando despertamos perturbados é porque a alma — *kuei,* o corpo-alma, que é menos espiritual do que o espírito e causa aparições (fantasmas) após a morte — está pairando sobre nós. As imagens da alquimia são encontradas no mundo inteiro".

Surpreenderam-me a firmeza de Jung e a maneira modesta que ele tinha de expressar sua experiência da alma humana em poucas palavras (numa escala que vai do maior senso comum à mais extrema intuição). Falou pausadamente, articulando as palavras com distinção; depois, como se percebesse a minha confusão em atravessar esse obscuro domínio psicológico onde ele se movimenta com tanta facilidade e desenvoltura, Jung parou por um momento e levantou-se para acender um candeeiro pendente do teto acima de sua cabeça. Os reflexos luminosos deram uma tonalidade avermelhada às sombras de seu rosto.

A nossa entrevista continuou entre duas luzes: a luz agonizante do dia (um nevoeiro espesso subia agora até às janelas) e a luz da lâmpada, filtrada através do abajur amarelo. No espaço limitado do gabinete, aparições fantásticas e bruxuleantes ganharam vida.

Ilustrando ainda as premonições que mencionara antes, Jung disse-me: "Considere a tendência para cometer suicídio — desde o começo. O que acontece? A pessoa não presta atenção quando atravessa uma rua. Um dia, despenca de uma escada. Depois, há um pequeno acidente de automóvel. Não parece nada de extraordinário. Contudo, são os preliminares. Acaso? Os povos primitivos nunca mencionam o acaso. É por isso que digo: 'Sejam cuidadosos quando não estão em uníssono com o vosso próprio eu, em vossos momentos de dissociação'."

Jung sentou-se em sua vasta poltrona verde e colocou o cachimbo no cinzeiro, enfatizando com esse gesto o que se preparava para dizer. Pesando cada palavra, afirmou: "*Nunca se deve ceder ao medo, mas deve-se admitir intimamente que se está atemorizado*". Entretanto, conhecer a repressão nem sempre a cura; por vezes, a pessoa tem que a confessar abertamente. Depois, Jung contou-me a história ultra-simples acerca de uma camareira de hotel que o procurou buscando tratamento para as angústias da insônia. Ele explicou-lhe como se manobra um barco à vela, como nos deixamos conduzir ao sabor do vento. "Quando você quer dormir," disse Jung à paciente, "*deixe-se ir ao sabor do vento.*" E na renovada confiança rítmica de ser embalada, a jovem encontrou de novo o sono.[5]

"Você sabe," disse ele, "nada é mais emocionante do que tentar compreender. Uma pessoa acaba por ver que a vida é grande e bela, que o absurdo e a estupidez nem sempre triunfam."

Carl Gustav Jung levantou-se, e parecia-me estar agora diante de um outro homem, pálido, de nariz adunco, quase pontiagudo. Retirou o gorro (sua testa é mais ampla do que eu esperava) e conduziu-me a um outro gabinete, igualmente atravancado de velhos livros e mesas de trabalho, onde me mostrou algumas notáveis pinturas em tela feitas por monges tibetanos. A porta para a escada estava entreaberta e a grande casa estava cheia de vozes e risos. Uma lufada sonora, proveniente de um piano algures, trouxe até nós uma frase de Schumann.

Meu anfitrião acompanhou-me até ao portão do jardim. No nevoeiro noturno, falamos tristemente da réplica de servidão a que muitos indivíduos estão reduzidos. Mas quando prendi a poderosa mão de Jung na minha, na despedida, senti passar para mim o calor vibrante, comunicativo e tenaz de uma esperança imensa.

[Traduzido para o inglês por Jane A. Pratt]

5. Jung descreve este caso em maior detalhe na sua entrevista com Duplain, "On the Frontiers of Knowledge" [Nas Fronteiras do Conhecimento], ver adiante, pp. 361 e ss.

# DO DIÁRIO DE CHARLES BAUDOUIN: 1945

Zurique, quarta-feira, 10 de janeiro de 1945 [1]

Começo a conhecer as ruas: as escadarias para o adro da igreja de Sankt Peter, que é preciso descer cuidadosamente por causa da neve acumulada nos degraus; as pontes a cruzar sobre o veloz Limmat, de águas verdes como o mar, sob os excitados e dissonantes gritos das gaivotas; as rampas suaves da margem direita.

Depois de embarcar na estação de Stadelhofen, o trem levou-me a Küsnacht em poucos minutos. Mais um quarto de hora a pé pela *Seestrasse,* a extensa estrada retilínea que corre a pouca distância da margem do lago. A neve ainda é espessa e branca. Os chalés de famílias abastadas estão situados a espaçosos intervalos e moldurados por jardins e parques cheios de abetos; ouve-se o som de uma serra derrubando uma árvore. Surge então a casa de Jung, sua torre circular encimada por um cone de telha cinzenta; é reconhecível pela inscrição sobre a porta de entrada: *Vocatus atque non vocatus Deus aderit.*

O mestre desceu os degraus para saudar-me. Cobria a cabeça com um gorro que não retirou mais tarde, dentro de casa. Pois ele ainda convalesce de uma fratura com várias complicações — embolia e trombose — que exige muitos cuidados. Não pôde retornar às suas aulas em Basiléia.[2] Mas está progredindo; os olhos cinzentos que por vezes parecem muito pequenos nada perderam de sua malícia; a cor do rosto é boa e, quando se entrega a uma de suas vigorosas gargalhadas, a respeito de alguma história, as faces tornam-se francamente vermelhas.

Almoçamos numa sala ampla e de tetos altos, como o salão de um castelo medieval, dominada pela chaminé maciça da lareira e uma série de boas reproduções de quadros conhecidos, notadamente, do Louvre: *O Ancião e a Criança,* de Ghirlandaio, uma *Adoração,* um *Davi e Golias,* e o famoso retrato de Galileo, que Jung assinalou

1. De *L'Oeuvre de Jung* (1963); ver acima, p. 84. Este extrato também apareceu, em francês, em *Contact with Jung* (1966).

2. Em 1943, Jung foi nomeado professor de psicologia médica na Universidade de Basiléia, mas teve que demitir-se pouco depois por motivo de doença.

com especial parcialidade: "Esse sujeito," disse ele, "é meu amigo, com seus belos olhos infantis." Na mesa éramos quatro: a Sra. Jung, a secretária, o mestre e eu.

Depois do almoço, Jung e eu subimos para tomar o café em seu gabinete de trabalho, onde existe um grande fogão de azulejo verde em que deu uma palmada, dizendo: "Ele é humano". A janela abre para o jardim, que se estende até ao lago e onde existe um alpendre para pequenas embarcações. A situação parece-me algo com a da casa de Spitteler à beira do lago Lucerna, exceto que aí a inclinação é mais acentuada e o jardim mais espaçoso. Entre seus abundantes livros, Jung mostra-se particularmente orgulhoso de sua coleção de ininteligíveis textos sobre alquimia, a qual é mais rica do que a coleção na biblioteca de Basiléia. Mostrou-me alguns dos volumes. A alquimia fascina-o, confessou-me ele.

Apresentei-lhe alguns dos sonhos de meus pacientes, selecionados entre aqueles que estou agora expondo em minhas aulas da Universidade de Zurique. No sonho de Madeleine, o "do homem com pés de serpente", Jung levantou-se, apanhou um livro gnóstico e, abrindo-o sem hesitar na página certa, mostrou-me uma reprodução de uma jóia representando o filho de Caos — "o homem com pés de serpente".

Pensa ele que o processo de integração num grupo e o processo de individuação constituem dois aspectos do mesmo fenômeno. Na Índia, existem ritos de circum-ambulação nos cultos de Shiva e seu Shakti.

Jung fala da "possessão" dominante na Alemanha de Hitler, sobre os quais os argumentos racionalistas anglo-saxônicos não podem ter influência alguma. Neste período infeliz, Jung acredita somente na ação interna pelo indivíduo. Imprensa, propaganda, encontros, tudo "se reduz a nada". Após tamanha calamidade, qual será o futuro de toda essa gente? Talvez quando uma pessoa perdeu tudo, nada mais lhe reste senão tornar-se um santo. Mesmo agora, ocorrem imensas reuniões para preces na Alemanha; as pessoas congregam-se secretamente, durante a noite, e oram para que a Alemanha se livre do Anticristo.

Deixei Jung às 3 horas. Sua discípula, a Sra. Jolande Jacobi, aguardava-me em Stadelhofen. Levou-me a sua casa e ofereceu-me chá. Ela está de luto, tendo recebido a notícia da morte de seu marido e diversos membros de sua família em Budapeste... A respeito do homem com pés de serpente, ela completou a informação que Jung me fornecera, dizendo-me que também era um aspecto de Pã, e Pã era, além disso, o deus da epilepsia! (A vista de um epiléptico tinha sido o ponto de partida do sonho de minha paciente.)

[Traduzido para o inglês por Jane A. Pratt]

# OS PROBLEMAS PSÍQUICOS DOS ALEMÃES NO PÓS-GUERRA

Quatro dias depois da rendição incondicional do exército alemão em Rheims, esta entrevista por Peter Schmid foi publicada em *Die Weltwoche* (Zurique), de 11 de maio de 1945, com o título "Werden die Seelen Frieden finden?" (As Almas Encontrarão Paz?). A entrevista teve provavelmente lugar alguns dias antes de sua publicação. Uma tradução parcial foi publicada pelo Jornal *PM* (Nova Iorque), em 10 de maio de 1945.

*Em sua opinião, o fim da guerra provocará grandes mudanças na psique dos europeus, principalmente dos alemães, que estão agora despertando como se de um longo e terrível sonho?*

Penso realmente que sim. Quanto aos alemães, temos um problema psíquico pela frente, cuja magnitude ainda não pode ser prevista, embora suas linhas gerais já possam ser discernidas nos casos que estou tratando. Para o psicólogo uma coisa é clara, e é que não devemos fazer a popular distinção sentimental entre nazistas e adversários do regime. Dois casos que estou agora tratando são ambos de antinazistas declarados e, no entanto, seus sonhos mostram que, por detrás de toda a decência, a mais pronunciada psicologia nazista ainda está viva, com toda a sua violência e selvajaria. Quando o marechal-de-campo von Küchler [1], interrogado por um repórter suíço sobre as atrocidades alemãs na Polônia, exclamou indignado: "Peço desculpa, isso não foi a *Wehrmacht,* foi o Partido!", provou que uma divisão entre alemães decentes e indecentes, dignos e indignos, é inteiramente ingênua. Todos eles, consciente ou inconscientemente, ativa ou passivamente, têm sua cota-parte nos horrores; nada sabiam do que estava se passando e, no entanto, sabiam, como partícipes de um secreto *contrat génial.* Para o psicólogo, a questão da culpa coletiva, que preocupa tanto os políticos e continuará a preocupá-los por muito tempo, é um fato, e será uma das mais importantes tarefas da terapia fazer os alemães admitirem essa culpa. Mesmo agora estou recebendo muitas solicitações de alemães que querem ser tratados

1. Georg von Küchler (1881-196?), comandou a invasão nazista da Polônia ocidental em setembro de 1939. Foi julgado e sentenciado à prisão como criminoso de guerra pelo Tribunal de Nuremberga.

por mim. Se elas vêm daqueles "alemães decentes" que querem impingir a culpa a um par de homens da Gestapo, considero o caso perdido. Não tenho outra alternativa senão responder às solicitações com um questionário em que apresento certas perguntas cruciais, como "O que você pensa de Buchenwald?" Só quando um paciente vê e admite sua própria responsabilidade o tratamento individual pode ser considerado.

*Mas como foi possível que, de todos os povos, fossem justamente os alemães que se meteram nessa irremediável embrulhada psíquica? Isso poderia ter acontecido a qualquer outra nação?*

Quanto a isso, permita-me que recue um pouco e recapitule a minha teoria sobre os antecedentes psíquicos gerais desta guerra nacional-socialista. Tomemos um pequeno exemplo prático como ponto de partida. Um dia, uma mulher procura-me e explode nas mais violentas acusações contra o marido; ele é um verdadeiro demônio que a persegue e atormenta e lhe faz a vida um inferno. Na realidade, o homem é um cidadão perfeitamente respeitável, inocente de todas essas intenções demoníacas. Onde é que essa mulher foi buscar uma idéia tão disparatada? É o demônio em sua alma que ela está projetando; ela transferiu para o marido seus próprios desejos e sua raiva. Deixei-lhe isso bem claro; ela admitiu e tornou-se um cordeirinho contrito. Tudo parece estar em ordem. E, no entanto, é justamente essa a coisa que acho mais inquietante, porque não sei para onde foi o demônio que antes estava ligado à imagem do marido. Exatamente a mesma coisa aconteceu em larga escala na história da Europa. Para o homem primitivo, o mundo está cheio de demônios e misteriosos poderes que ele teme; a natureza é toda ela animada por essas forças, que nada mais são senão os próprios poderes internos do homem projetados no mundo exterior. O cristianismo e a ciência moderna expurgaram a natureza de demônios, o que significa que o europeu retomou sistematicamente os poderes demoníacos do mundo para si mesmo e passou a carregá-los em seu inconsciente. Esses poderes demoníacos, agora alojados no próprio homem, sublevam-se contra as supostas restrições espirituais do cristianismo. Os demônios começam manifestando-se na arte barroca: as colunas contorcem-se, dos móveis brotam pés de sátiros. O homem é lentamente transformado num uroboros, o "comedor da própria cauda" que se devora a si mesmo, desde tempos antigos um símbolo do homem dominado pelo demônio. O primeiro exemplo perfeito dessa espécie foi Napoleão.

Os alemães exibem uma fraqueza específica em face desses demônios, por causa de sua incrível sugestionabilidade. Isso manifesta-se em seu amor à obediência, sua incondicional submissão a ordens,

o que é apenas uma outra forma de sugestão. Isto é coerente com a inferioridade psíquica geral dos alemães, o resultado da precária posição deles entre leste e oeste. De todos os povos ocidentais, eles são os únicos que, no êxodo geral do ventre oriental das nações, permaneceram tempo demais com a mãe. Finalmente, eles também saíram, mas chegaram tardiamente, enquanto que o mujique nunca se desvencilhou. Por isso os alemães são profundamente perturbados por um complexo nacional de inferioridade, que eles tentam compensar pela megalomania: *Am deutschen Wesen soll die Welt genesen* [2], embora nem mesmo assim se sintam muito cômodos em suas próprias peles! É uma psicologia adolescente típica, que se evidencia não só na extraordinária preponderância de homossexualidade mas também na ausência de uma figura de anima na literatura alemã (a grande exceção, neste aspecto, foi Goethe). Também é evidente no sentimentalismo e "Gemütlichkeit" alemães, que nada mais é senão dureza de coração, insensibilidade e inexpressividade. Todas as acusações de crueldade e bestialidade que a propaganda alemã jogou sobre os russos aplicam-se aos próprios alemães; os discursos de Goebbels são apenas a psicologia alemã projetada no inimigo. A imaturidade da personalidade também se manifesta de um modo aterrador no estado-maior alemão, cuja falta de caráter se assemelhou à esponjosidade de um molusco dentro de uma carapaça.

A Alemanha sempre foi a terra das catástrofes psíquicas: a Reforma, guerras de campesinos e guerras religiosas. Com o nacional-socialismo, a pressão dos demônios tornou-se tão grande que os seres humanos caíram em poder deles e foram inflados para se converterem em super-homens lunáticos, o primeiro de todos Hitler, que contaminou o resto. Todos os líderes nazistas eram possessos, no mais verídico sentido da palavra, e não foi certamente por acaso que o ministro da propaganda estava marcado com o antigo sinal do homem possuído pelo demônio: um pé torto. Dez por cento da população alemã de hoje é constituída por psicopatas irremediáveis.

*O senhor está falando da inferioridade psíquica e da suscetibilidade demoníaca dos alemães, mas acha que isso também se nos aplica, como suíços, na medida em que somos de origem germânica?*

Nós estamos isolados contra essa suscetibilidade pelas dimensões pequenas do nosso país. Se empilhássemos aqui oitenta milhões de suíços, a mesma coisa poderia acontecer, sem dúvida, pois os demônios jogam-se de preferência sobre a massa. Em qualquer coletivi-

2. "O espírito alemão será a salvação do mundo". Um slogan nazista derivado de um poema de Emmanuel Geibel (1815-84), "Deutschlands Beruf". Os versos de Geibel tornaram-se famosos quando Guilherme II os citou (inadequadamente, como acima), num discurso em Münster, em 1907.

dade, o homem carece de raízes e então os demônios podem apossar-se dele. Daí a técnica dos nazistas de nunca formarem indivíduos mas somente massas gigantescas. Daí, também, as faces do homem endemoninhado de hoje: exânimes, rígidas, inexpressivas. Nós, suíços, estamos protegidos contra esses perigos pelo nosso federalismo e o nosso individualismo. Tal acumulação de massa não seria possível no nosso país, como foi na Alemanha, e nesse isolamento reside, talvez, a terapia com que um indivíduo pode derrotar os demônios.

*Mas o que acontecerá se essa terapia for executada com bombas e canhões? A sujeição militar da nação endemoninhada não intensificará meramente o sentimento de inferioridade e tornará a doença ainda pior?*

Os alemães são hoje como um ébrio que acorda na manhã seguinte de ressaca. Não sabem o que fizeram nem querem saber. A única sensação é a de um mal-estar, de uma angústia sem limites. Farão esforços convulsivos para se reabilitarem em face das acusações e do rancor do mundo que os cerca, mas esse não é o caminho certo. A única redenção está, como já indiquei, num completo reconhecimento de culpa. *Mea culpa, mea maxima culpa!* Do arrependimento sincero pelo pecado cometido resulta a graça divina. Isto não é apenas uma verdade religiosa mas também psicológica. O procedimento americano de conduzir a população civil através dos campos de concentração e deixá-la ver com os próprios olhos as abominações aí cometidas está, portanto, inteiramente certo. Só que a lição objetiva não deve ser administrada com instruções morais; o arrependimento deve sair do íntimo dos próprios alemães. É possível que forças positivas surjam da catástrofe, que dessa introversão surjam novamente profetas, pois os profetas são tão característicos desse estranho povo quanto os demônios. É muito provável que ocorra uma redada milagrosa de almas para a igreja católica, em conseqüência de cisões na igreja protestante. Há notícias de que a miséria geral está reanimando a vida religiosa na Alemanha; comunidades inteiras caem de joelhos todas as tardes, suplicando a Deus que as livre do Anticristo.

*Pode-se esperar, então, que os demônios sejam banidos e que um mundo novo e melhor surja das ruínas?*

Não, os demônios não foram banidos, essa é uma tarefa difícil que ainda está por realizar. Agora que o anjo da história abandonou os alemães, os demônios procurarão uma nova vítima. E isso não será difícil. Todo o homem que perde sua sombra, toda a nação que cai no farisaísmo, é presa deles. Amamos o criminoso e alimentamos um interesse candente por ele, simplesmente porque o demônio nos faz apenas ver o argueiro no olho do nosso irmão e desse

modo nos burla. Os alemães recuperar-se-ão quando admitirem sua própria culpa e a aceitarem; mas os outros serão vítimas da possessão demoníaca se, em seu horror perante a culpa alemã, esquecerem suas próprias deficiências morais. Não devemos esquecer que exatamente a mesma tendência fatal para a coletivização está presente nas nações vitoriosas, tanto quanto na Alemanha, e que também elas podem tornar-se subitamente vítimas dos poderes demoníacos. A "sugestionabilidade geral" desempenha hoje um papel tremendo na América, e até que ponto os russos já estão fascinados pelo demônio do poder é facilmente observado nos acontecimentos dos últimos dias, os quais podem amortecer um pouco o nosso júbilo pela paz. Os mais razoáveis a esse respeito são os ingleses; o individualismo deles salva-os de serem atraídos pelos slogans, e os suíços compartilham da estupefação deles em face da irracionalidade coletiva.

*Devemos então esperar ansiosamente, a fim de vermos para que lado os demônios irão agora?*

Já sugeri que a única salvação reside no trabalho gradual de educação do indivíduo. Isso não é tão inviável quanto possa parecer. O poder dos demônios é imenso e os meios modernos de sugestão de massa — imprensa, rádio, cinema etc. — estão ao serviço deles. Mas também o cristianismo foi capaz de se manter e defender contra um adversário esmagador, não pela propaganda e as conversões em massa — isso veio depois e foi de escasso valor — mas pela persuasão de homem a homem. E é também o caminho que devemos seguir se desejarmos conquistar os demônios.

Não lhe invejo a sua tarefa de escrever sobre essas coisas. Espero que consiga apresentar as minhas idéias de tal forma que as pessoas não as achem demasiado insólitas. Infelizmente, é o meu destino que outras pessoas, especialmente aquelas que estão possuídas por demônios, me julguem louco por acreditar nesses poderes. Mas isso é problema delas; eu sei que existem. Existem demônios, sim, tão certo quanto existe Buchenwald.

# QUATRO "CONTATOS COM JUNG"

Michael Fordham, o eminente analista médico entre os junguianos britânicos e um dos coordenadores das Obras Completas, organizou *Contact with Jung* (Londres, 1966), uma coletânea de "ensaios sobre a influência da obra e personalidade de Jung" por 42 discípulos de Jung na Europa, Inglaterra, Estados Unidos e Israel. Foram escolhidos excertos de quatro recordações vívidas e imediatas, as quais datam desde finais da década de 1930 até finais da de 1950. (As seleções do diário de Charles Baudouin para 1945 e 1954, no presente volume, também foram incluídas, em francês, em *Contact with Jung*.)

## A. I. ALLEMBY (OXFORD)

Tive o primeiro contato com Jung depois do final da segunda guerra mundial. Escrevi-lhe então, e disse-lhe quem era e o que estava fazendo, o que incluía a preparação de uma tese sobre psicologia da religião. Com a sua resposta, Jung enviou o manuscrito de seu ensaio sobre a Trindade [1] — uma nova versão que ainda não fora publicada. Foi uma atitude deveras generosa de sua parte, e uma cativante prova de encorajamento para o completo estranho que, nessa época, eu era para ele. Somente cerca de um mês antes de sua morte voltei a receber uma carta de Jung, em resposta a uma minha, na qual ele abordou com grande cuidado todas as questões que eu levantara. E terminava com estas palavras: "Os meus melhores votos de êxito para quaisquer novas descobertas que possa fazer."

Essa é a primeira característica que nos impressiona em Jung: o seu respeito pela outra pessoa, seja ela quem for, e seu interesse sincero pelo valor individual de cada um. Quando o fui visitar pela primeira vez em Küsnacht, eu estava cheio de apreensões sobre como me comportaria no encontro com o grande homem — mas no momento em que entrei na intimidade de seu pequeno e acolhedor gabinete de trabalho senti-me completamente à vontade.

* * *

1. "A Psychological Approach to the Dogma of the Trinity", CW 11; foi originalmente uma aula na Conferência Eranos, em 1940. A nova versão foi preparada para *Symbolik des Geistes* (1948).

Certa vez, quis fazer-me entender que uma pessoa não deve sentir-se culpada a respeito de eventos que ocorrem por sua própria conta. "São como atos de Deus", disse ele. "Pense neles como se um edifício tivesse sido atingido por um raio; também isso é um ato de Deus. Havia uma igreja numa aldeia suíça que tinha sido danificada por um raio, e o pastor percorreu a aldeia a fim de recolher donativos para os necessários reparos; um velho e esperto aldeão disse-lhe: 'O quê? Você não *me* vai convencer a soltar um tostão sequer, se Ele destrói a sua própria casa!' Esse homem estava certo", disse Jung, soltando uma gargalhada.

Numa outra ocasião, Jung explicou-me o que acontece quando uma pessoa não confia em seus próprios sentimentos e se recusa a agir de acordo com eles. "Você pode ver da janela o meu abrigo de barcos, à beira do lago," disse ele. "Tempos atrás, fui nadar um pouco e depois deitei-me na varanda do abrigo para secar ao sol. O nível do lago estava tão alto que o abrigo ficou cercado de água. Apareceu então o meu cão, à minha procura. Não me podia ver e não tinha a certeza se eu estaria no abrigo ou não. Estando numa disposição algo covarde e não muito afeiçoado à água, o cão meteu primeiro uma pata no lago, retirou-a, depois a outra pata e retirou-a também. Ficou assim por algum tempo. Finalmente, eu fiz um leve ruído, e o cão lançou-se à água e galgou os degraus do abrigo num abrir e fechar de olhos. O cão está condicionado pelo instinto e não tem força de vontade própria, exceto quando um ruído do dono a desencadeia." Jung, é claro, queria mostrar-me, embora deixasse para mim extrair as conclusões, que uma pessoa que não confia em seus próprios sentimentos ou pensamentos, e não utiliza a sua vontade para os pôr à prova, dificilmente se distinguirá de um animal; como ser humano consciente, quase não existe.

De uma outra vez, Jung voltou a discorrer sobre o problema da falta de autoconfiança, usando um novo exemplo a título ilustrativo. "As nossas necessidades e os nossos desejos estão sempre ativos", disse ele. "Os problemas ocorrem somente se eles estão ativos no inconsciente, se nós não os dominamos conscientemente, para lhes darmos uma forma e uma direção definidas. Se nos recusarmos a fazer isso, somos arrastados por eles e tornamo-nos suas vítimas. Eles são, nesse caso, como um trenó deslisando montanha abaixo na neve, sem ninguém controlando os freios. Temos que nos colocar firmemente no controle, não ficando de olhos fechados no banco traseiro ou, pior ainda, relutantes em entrar no trenó para a viagem; isso apenas serve para nos deixar em pânico. As nossas energias inconscientes impulsionam a nossa viagem atra-

vés da vida e, se guiarmos a nossa própria rota, as nossas ações terão força; poderemos até sentir que Deus está atrás de nós."

* * *

Contou-me que conheceu certa vez um homem distinto, um quacre, que não podia imaginar ter cometido em toda a sua vida alguma coisa errada. "E sabe o que aconteceu a seus filhos?", perguntou Jung. "O filho tornou-se um ladrão e a filha uma prostituta. Como o pai não assumia a sua sombra, a sua cota na imperfeição da natureza humana, seus filhos foram compelidos a viver o lado negro que ele tinha ignorado."

* * *

Lembro-me de ouvir Jung afirmar, numa ocasião: "Cada ser humano é inerentemente uma forma única e individual de vida. Ele é feito assim. Mas existe algo que o homem pode fazer acima do material que lhe é dado pela natureza, e é que pode tornar-se *consciente* daquilo que faz dele a pessoa que é, e pode trabalhar *conscientemente* no sentido de relacionar o que ele mesmo é com o mundo à sua volta. E, acrescentou Jung, meditativo, "isso talvez seja tudo o que *podemos* fazer."

Numa outra ocasião, disse-me como se estivesse falando para si mesmo: "É assim que você deve viver — sem reservas, seja no dar como no recusar, de acordo com o que as circunstâncias requeiram. Então você chegará ao seu destino a são e salvo. No fim de contas, se você mesmo assim encalhar, há sempre a enantiodromia do inconsciente, a qual abre novos caminhos quando a vontade consciente e a visão fracassam."

KENNETH LAMBERT (LONDRES)

* * *

Um modo de expressar uma dívida pessoal para com Jung é recordar certas experiências pessoais que registramos dele em ação como pessoa em certos momentos do tempo, comunicando sua experiência a uma outra pessoa — em comparação com Jung, o teórico. Tenho duas dessas recordações. A primeira é dele em Londres, em 1939, quando respondeu a perguntas que lhe foram apresentadas por um grupo de médicos, psicoterapeutas e eclesiásticos, inclusive um bispo. O resultado foi uma série de dissertações sobre "A Vida Simbólica",[2] e acerca da pobreza e potencial neurótico de

2. Uma palestra proferida em 5 de abril de 1939, num seminário organizado pela Sociedade de Psicologia Pastoral, publicada como Guild Lecture N.º 80 em 1954, e incluída em CW 18. Richard Parsons, bispo de Southwark, foi um dos participantes.

indivíduos e grupos para quem tal experiência era desprovida de significado. Nessa época, a exuberância pessoal e a envergadura física de Jung eram notórias, e vimo-lo pela última vez saindo da reunião, uma expressão de certo humor brincalhão estampada no rosto, de braço dado com o bispo — de braço dado, apesar da comunicação entre eles sobre o tema do símbolo não ter avançado grande coisa.

Onze anos depois, Jung concedeu-me metade de uma manhã para uma entrevista pessoal. Falou com franqueza espontânea e um desembaraçado senso de paradoxo. Recordou o grupo e o bispo, e afirmou que o teólogo estava hoje superado, devido, entre outras coisas, à sua incapacidade para entender a projeção. Mas acrescentou: "Sempre tive um sentimento de compaixão pelos pastores religiosos de qualquer credo. Eles têm que enfrentar um problema dos diabos." Ele tinha participado nisso, é claro, porquanto falou com emoção de seu próprio pai, que "apesar de toda a sua inteligência, tinha sido impotente a respeito de tudo isso — tão limitado e tão fora de contato com a natureza e os sonhos." De fato, a base intensamente pessoal e histórica da motivação científica de Jung revelou-se quando me mostrou fotografias de seu avô, o médico, e de seu pai, o pastor — testa ampla e sensibilidade na expressão fisionômica. "Eu tive que resolver todo o problema do pai," disse ele. "Sou sempre impopular... com os teólogos e os médicos... Estou sempre *mettant mes pieds sur le plat*. Esses coleguinhas médicos não têm inteligência," acrescentou ele. "Eles trabalham demais de fora para dentro, ao passo que a psicologia de todo o mundo está fazendo planos cuidadosos para colocá-los num estado em que eles têm de enfrentar-se a si mesmos e à sombra. É a oportunidade que se lhes dá de perceberem e realizarem o próprio eu. Se os pudermos fazer sair de seu buraco, dando-lhes um pontapé no traseiro, estaremos fraudando-os em seu direito de nascimento." Os mesmos pés foram metidos no prato dos teólogos. Com efeito, Jung enfatizou como o cristianismo forçou as pessoas a enfrentarem a sombra, e delineou uma tese por ele desenvolvida para demonstrar que São Tomás de Aquino acreditava realmente ter sido o mundo criado pelo Diabolus. O próprio senso da dificuldade fez Jung contar uma história rabínica de como Deus queria fazer um mundo com sua misericórdia e sua justiça. O problema era que, se ele usasse a sua misericórdia, teria de haver pecados demais, e se usasse sua justiça, seria impossível viver. Assim, misturou as duas e disse: "Oh, como desejo que existisse um mundo!" Jung deu uma estrepitosa gargalhada, e continuou discorrendo sobre o simbolismo vinculado ao Cristo, indicando opostos em sua natureza, como, por exemplo, o Leviatã, o Leão, a Serpente, o Corvo Negro, e sua cru-

cificação entre dois ladrões. Depois, o simbolismo tornou-se astrológico. Jung afirmou que, no nascimento de Cristo, Saturno, o deus maléfico, e Júpiter, o deus benéfico, estavam tão próximos um do outro que eram quase um só astro, ou seja, a estrela de Belém, quando o novo eu, Cristo, bem e mal, nasceu. Depois, Jung associou a isso duas histórias sobre pessoas. Um homem falou a Jung sobre um quacre que parecia ser um homem perfeitamente bom. Onde estava então a sombra dele? Jung indagou sobre a esposa desse quacre. Segundo parece, ela também era perfeita, informou o homem. E os filhos dele? "Ah," disse o informante, "um deles é um ladrão." A segunda história dizia respeito a um teólogo sem sombra, mas veio a saber-se que seu filho "andava forjando cheques." O comentário de Jung foi: "O filho assume a sombra do pai. O pai dele, entende?, estava subtraindo de Deus os seus pecados. Assim, o filho foi punido pelos pecados de que o pai não prestava contas a Deus."

* * *

## RENÉE BRAND (SÃO FRANCISCO)

* * *

O ano de 1955, no outono. Saímos da sala de estar onde tinha sido servido chá e descemos para o jardim de Seestrasse, 228, em Küsnacht. Dez estudantes do Instituto tinham sido delegados para celebrar com Jung o plantio de uma árvore *Ginkgo biloba,* que lhe foi oferecida pela passagem do seu 80.º aniversário. Formávamos um semicírculo próximo do local escolhido para a árvore, enquanto dois jardineiros começaram cavando o buraco. Entre eles estabeleceu-se um ritmo alternado, acentuado pelas pás que rompiam a terra e o baque surdo da terra ao ser jogada para o lado. Jung estava dando instruções sobre a largura e a profundidade do buraco, preocupado em que as raízes tivessem suficiente espaço. Quando olhei para ele, envolto na luz crua da tarde, Jung pareceu-me subitamente menos vigoroso, seu arcabouço menos poderoso — diferente do que eu vira em minha recente visita, ou mesmo alguns minutos antes durante o chá. Tinha o aspecto de todos os seus oitenta anos e muito frágil, a fragilidade da velhice. Com o choque que me causou essa observação, um crescendo sinistro parecia incorporar-se ao ritmo das pás cavando a terra e jogando-a fora. Irracionalmente, parecia que esse buraco não era para plantar uma árvore, que os dois homens não eram jardineiros mas coveiros. A sensação de morte era tão forte em mim que a cena tornou-se-me intolerável, e ali fiquei imóvel, dominado por uma profunda sensação de impotência e rezando para que tudo aquilo acabasse depressa. De

súbito, ouvi Jung dizer em voz alta: "Isto nada tem a ver com a morte. Eles estão plantando uma nova vida." Ele olhava frontalmente para mim, sem se dirigir a ninguém. Ter o meu pensamento mudo em minha cabeça assim captado e respondido era algo tão desconcertante e assustador que o pânico irracional converteu-se numa experiência numinosa.

## ELIZABETH OSTERMAN (SÃO FRANCISCO)

A pesada porta de madeira maciça em que eu acabara de bater estava encaixada numa espessa parede de pedra que parecia fazer solidamente parte da própria terra. Era a entrada para refúgio de aspecto medieval que Jung tinha construído no campo com suas próprias mãos, ano após ano, em Bolingen, às margens do lago de Zurique. A caminho das ilhas do Egeu, nesta primeira viagem para longe da costa oeste dos Estados Unidos, fiz uma parada na Suíça para esta visita. Saindo da rodovia a uma certa distância da cidade de Rapperswil, atravessei uma vereda que ladeava um denso bosque à retaguarda de um conjunto de muros e torres de pedra. Poucos metros adiante, à minha esquerda, a água do lago vinha lamber suavemente os juncos que orlavam a margem. O sol de junho aquecia a terra empapada de chuva e uma neblina tênue cobria as montanhas distantes.

Enquanto aguardava diante da porta, senti-me um tanto nervosa, mas fui tranqüilizada pelos sons de cortar lenha que vinham de trás do muro... A porta abriu-se e fui convidada a entrar no jardim interior por seu acompanhante doméstico. Aí, mais além de um segundo vão de porta, estava o corpulento octogenário de cabelos brancos, com seu avental verde de operário, sentado atrás do cepo de cortar lenha. Um pouco mais adiante via-se um grande quadrado de pedra esculpido por ele em anos passados, quando Jung estava tentando dar forma às suas concepções emergentes. Senti como se tivesse saído do tempo e penetrado num mundo interior onde tudo era importante, pausado e natural.

Sentamo-nos confortavelmente em cadeiras à beira de água e, durante a tarde, a conversa espraiou-se pela pré-história da terra, as profundezas da psique e as maravilhas da natureza à nossa volta. Em dado momento olhei para o meu relógio e Jung disse: "Não faça caso do relógio. Digo-lhe eu". Voltou freqüentemente ao tema do que o homem está fazendo a si mesmo ao viver de um modo apressado e sem sentido, como acabou por divorciar-se de seu próprio eu. Com espontaneidade e grande simplicidade, disse: "Temos que dar tempo à natureza para que ela possa cuidar maternalmente

de todos nós. Eu descobri aqui o modo de viver como parte da natureza, de viver de acordo com o meu próprio tempo. No mundo moderno, as pessoas estão sempre vivendo para que algo melhor aconteça amanhã, sempre no futuro, de modo que não pensam em viver suas vidas. São infelizes. Quando um homem começa a conhecer-se, a descobrir as raízes de seu passado em si mesmo, é um novo modo de vida."

A força que irradiava desse homem sentado à minha frente era surpreendente. Parecia-me simultaneamente poderoso e simples; real, do modo que o céu, as pedras, as árvores e a água em torno dele eram reais. Tudo isso parecia fazer parte de sua própria natureza mas o que tornava a cena ainda mais excitante era ele ter *consciência* disso.

Uma pancada na porta interrompeu a conversa; o motorista do táxi chegara. Jung comentou: "Foi o que eu disse". Era tempo de partir.

# SOBRE REALIZAÇÃO CRIADORA

Emil A. Fischer tomou a iniciativa de entrevistar vinte suíços de ambos os sexos, com atuação destacada na vida cultural, e publicou os artigos resultantes num pequeno livro intitulado *Schöpferische Leistung* (Thawill, 1946) — "Realização Criadora". Fischer iniciou sua conversação interrogando Jung acerca de "o estranho aforismo que está esculpido em pedra sobre a porta de entrada de sua casa: *Vocatus atque non vocatus deus aderit*". Era essa uma introdução freqüentemente usada pelos entrevistadores para estabelecerem o diálogo. Jung mandara esculpir a inscrição sobre a porta quando construiu a casa, em 1909. Provinha de um velho volume de Erasmo que ele comprara ao tempo em que era estudante universitário. [1]

*Existe qualquer relação especial entre esse aforismo e a sua mundivisão ou o trabalho a que dedicou sua vida?*

"Chamado ou não chamado, Deus está presente." É um oráculo de Delfos. A tradução foi feita por Erasmo. Você pergunta se o oráculo é ou não a minha divisa. De um certo modo, ele contém a realidade inteira da psique. "Santo deus!", é o que exclamamos, independentemente de o dizermos como expressão de surpresa, de ira ou de amor.

*Não é a psique do artista e do intelectual particularmente complexa e digna de uma consideração mais minuciosa?*

Até agora, excessiva atenção unilateral tem sido concentrada no aspecto mórbido da questão. Pergunto a mim mesmo por que haverá tanta teorização absurda a respeito da patologia de pessoas notáveis. A maioria dos psicopatas nada têm de gênios; e, por outro lado, existem muitos gênios que não manifestam o menor indício de patologia.

O que é muito mais significativo neste contexto é a teoria da sombra: quanto mais brilhante for a luz, mais escura é a sombra!

Também é importante ver os aspectos negativos dos grandes homens. No domingo de Ramos, Cristo desempenhou temporariamente o papel de um Messias político. Seu lado negativo e seu poder são simbolicamente expostos na tentação pelo Diabo.

---

1. Ver *The Freud/Jung Letters*, p. xviii, n. 18.

As biografias deviam mostrar as pessoas em roupas de baixo. Goethe tinha suas fraquezas e Calvino era freqüentemente cruel. Considerações desse gênero revelam a verdadeira grandeza de um homem. Esse modo de ver as coisas é melhor do que o culto do falso herói!

*Onde é que o senhor vai buscar o incentivo para a sua obra criadora, Professor?*

Uma pessoa está sempre no escuro a respeito de sua própria personalidade. Ela precisa de outros para travar conhecimento consigo mesma.

Dito isto... eu realmente começo por fazer, simplesmente, trabalho científico rotineiro. Sempre respeitei a máxima que diz só valer a pena fazer algo se o fizermos certo!

Os incentivos para o meu trabalho de criação estão enraizados em meu temperamento. Diligência e um forte desejo de conhecimento têm-me acompanhado ao longo da vida inteira. Não derivo satisfação alguma de conhecer as coisas superficialmente; quero conhecê-las a fundo. Quando cheguei à conclusão de que só tinha noções vagas sobre os povos primitivos e de que não era possível adquirir um conhecimento completo sobre eles através dos livros, comecei viajando: África, Novo México e Índia. Pela mesma razão, também comecei estudando Swahili.

*Quais foram as circunstâncias que o induziram a trabalhar no campo da pesquisa psicológica?*

Mesmo quando era ainda um garoto, notei que as pessoas faziam sempre o contrário do que se dizia sobre elas. Achei que algumas das pessoas que eram mais elogiadas eram perfeitamente insuportáveis, ao passo que considerava muito agradáveis outras que eram criticadas.

Observei muito cedo as incoerências no comportamento de adultos porque passei meus anos formativos em Basiléia, num ambiente bastante singular, o qual era freqüentado por gente com uma estrutura psíquica complicada.

Com quatro anos ainda incompletos, alguém me perguntou num tom de voz exageradamente infantil: "Onde é que o menino pretende ir, montado em seu cavalinho de pau?" Reagi como um *enfant terrible*: "Mamãe, por que é que este homem diz tanta besteira?" Mesmo em criança, eu sentia claramente que as pessoas não dizem o que realmente está na mente delas.

*Não será possível as pessoas chegarem à psicologia exatamente do modo oposto? Algumas pessoas não se sentem atraídas para*

*a psicologia porque querem encontrar uma explicação para o caos dentro delas?*

Certamente! Se você der uma olhada crítica às pessoas, verificará que algumas delas estão envolvidas na psicologia somente para demonstrar que "a outra pessoa" é ainda mais neurótica. Entretanto, no reino dos cegos quem tem um olho é rei.

*Não é a natureza particularmente importante para o senhor sustentar e aumentar a sua produtividade pessoal?*

A natureza só pode ajudar-nos se conseguirmos arranjar tempo para nós próprios. Precisamos ser capazes de relaxar no jardim, completamente em paz, ou de caminhar. De tempos em tempos, necessito parar, ficar simplesmente de pé onde estiver. Se alguém me perguntasse: Em que é que está pensando neste exato momento? — Eu não saberia responder. Eu penso inconscientemente.

*Que importância tem o fator tempo em sua atividade científica? Não é um grande esforço para o senhor trabalhar como analista e como pesquisador científico?*

Meu tempo sempre foi dividido. Ou trato de pacientes, ou pesquiso. Durante algum tempo, costumava receber pacientes só de tarde. As manhãs eram dedicadas ao trabalho científico.

Em anos idos, trabalhava de noite, sobretudo durante a primeira guerra mundial. Até meados de minha vida, trabalhei principalmente de manhã e depois que completei 36 anos passei a trabalhar mais à tarde. Nos últimos dez anos, voltei a trabalhar pelas manhãs.

*Como é que reage às perturbações? Alguns autores ocultistas recomendam que os seus adeptos pratiquem o retiro a fim de aumentarem suas energias. Acha que a energia criadora aumenta em resultado do isolamento?*

A energia está aí, mas devo ter a possibilidade de "lançar a minha rede". Uma vez na posse de todo o material, nada nem ninguém deve aproximar-se. Não sou tão sensível ao ruído quanto Carlyle, que instalou janelas de vidro triplo e cuidou de que as galinhas e os cães perto de sua propriedade fossem todos comprados. Mas quando estou em pleno processo de criação ativa, qualquer perturbação é fisicamente penosa, sem dúvida. Tenho uma casa em Bolingen, para onde me retiro e onde posso trabalhar sem ser perturbado, quando minhas notas e estudos preparatórios atingiram a fase em que posso começar a escrever.

*Alguns sistemas ioga oferecem a possibilidade de desenvolvermos nossas energias criadoras?*

A ioga pode libertar certos conteúdos psíquicos e disposições naturais, mas não pode produzi-los. Não se pode fazer alguma coisa a partir do nada, nem mesmo que se disponha de muita força de vontade. E o que é a força de vontade? Ter força de vontade significa que se possui considerável energia impulsiva. A criatividade é energia impulsiva! Uma vocação criativa é como um *daimonion,* o qual, em alguns casos, pode arruinar a vida inteira de uma pessoa.

[Traduzido do alemão para o inglês por Ruth Horine]

# UMA VISITA DE UM JOVEM QUACRE

George H. Hogle, de Utah, foi ver Jung em seu retiro de Bolingen no verão de 1947. Escreveu suas recordações do encontro para um folheto *in memoriam* preparado pelo Clube de Psicologia Analítica de São Francisco em 1961, e acrescentou depois mais detalhes da conversa numa carta.

Seguindo o conselho de Jung, Hogle tornou-se um analisando da psicoterapeuta Frances G. Wickes, em Nova Iorque. Ele tinha trabalhado anteriormente na Wall Street e, subseqüentemente, formou-se em medicina na Columbia-Presbyterian, recebendo treinamento psiquiátrico e analítico em Londres. É hoje professor-assistente de psicologia clínica na Universidade Stanford, em Palo Alto, Califórnia, e analista junguiano.

Enquanto estava sendo treinado para trabalhar nos serviços de socorro no exterior do *American Friends Service Committee*, em 1946, encontrei vários quacres que também estavam interessados na psicologia junguiana. Eu descobrira recentemente a medicina e estava agora procurando alguma ligação entre psicologia e religião. A experiência de tentar ajudar a curar as feridas da guerra na Alemanha, um ano depois de seu término, intensificou minhas pesquisas. No verão de 1947, enquanto estava de férias em Zurique, telefonei para o escritório do Dr. Jung, movido por um súbito impulso; eis o homem que poderia dar-me as respostas, pensei eu, sem me aperceber de que isso talvez me tomasse vários anos. A sua secretária informou-me que o Dr. Jung não recebia pessoas quando estava em seu retiro (Bollingen), no outro extremo do lago, mas como ela estava em contato com ele, consultá-lo-ia, de qualquer modo. Para meu deleite e surpresa dela, foi-me concedido um encontro no dia seguinte.

Depois de caminhar através do bosque até o que parecia ser um pequeno castelo de conto de fadas, à margem do lago, a grande porta de madeira foi aberta, assim que bati, pelo imenso ancião de avental, fumando cachimbo e um machado na mão. Em alemão trôpego, perguntei por Herr Doctor e, em inglês idiomático, ele apresentou-se — não o austero e majestoso professor que eu esperava. Enquanto permanecíamos na margem do belo lago, ele pôs-me à vontade, conversando a respeito da construção de seu esconderijo. Minha hesitação e inibições foram substituídos pouco depois pela convicção de que ali estava um ancião rígido e muito falível, quando mergulhamos numa discussão muito acalorada sobre a situação internacional.

Disse-lhe que estava trabalhando com os quacres na Alemanha para reconstruir as pontes da amizade entre inimigos e que a grande tarefa seguinte, achava eu, já se vislumbrava no horizonte: atravessar a cortina de ferro e estabelecer algum tipo de amizade com os russos. Acreditava eu que a abordagem do *American Friends* abrandaria tensões e seria um exemplo de fraternidade mútua.

Jung deu uma risadinha entre dentes, ou coisa parecida, e disse que não aconselharia isso; seria inteiramente impossível trabalhar com os russos ou alcançá-los, não se podia confiar neles, tinham desrespeitado seus acordos inúmeras vezes. Eu respondi, "Nós também", o que, é claro, não é mencionado na imprensa ocidental e precisamos, de alguma forma, superar essas coisas. Mas ele mostrou-se inflexível. Finalmente, deu-me um tapinha nas costas e, com um largo sorriso, disse: "Bem, não temos que concordar a respeito de tudo."

Tendo-me ajudado a compreender que era profundamente humano e que não havia perigo em mostrar certa emoção, acompanhou-me até uma saleta do andar superior para um elegante chá suíço, que compartilhamos com Emma Jung. Fizeram muitas perguntas acerca da situação na Alemanha, sem dúvida a razão por que se mostrou disposto a receber um não-alemão recém-chegado daquele país. Eu nada sabia sobre a controvérsia a respeito de suas discutíveis simpatias pelos alemães mas, nesse dia, certamente não obtive a mínima impressão de que ele alimentasse qualquer inclinação pelo nazismo mas, outrossim, que apenas tentou compreender, em nível muito mais profundo, o que significou o fenômeno nazista para a Alemanha.

Depois do chá, ficamos sozinhos durante cerca de uma hora, durante a qual se ocupou solícita e delicadamente da minha impossível indagação sobre o que deveria fazer de minha vida, nada sabendo a meu respeito e, no entanto, sabendo muito, sem dúvida, apenas através da observação. Em lugar de responder às minhas perguntas, deu-me uma outra e melhor série de perguntas que eu deveria fazer a mim mesmo nos meses subseqüentes. Disse-lhe algo sobre a minha crença de que Deus é bondade e amor, ao que ele respondeu indagando: "Mas pensa que Deus pode incluir também ódio e maldade?" Isto causou-me um choque mas expliquei intimamente a sua pergunta pensando que ele talvez fosse um panteísta e que Deus engloba tudo, tal qual o eu individual — o centro divino e a sombra — e que Satã deve ser um outro aspecto de Deus. Encorajou-me a que me dedicasse à psicologia e deu-me o nome de analistas, recomendando especialmente Frances Wickes.

# DOUTORES EM FÉRIAS NA MONTANHA RIGI

A fundação do Instituto C. G. Jung em abril de 1948 levou muitos amigos e discípulos de Jung a Zurique. (Para o discurso de Jung nessa ocasião, ver CW 18, §§ 1129 e ss.) Em junho, pela primeira vez desde a guerra, Esther Harding (ver acima, p. 41) e sua amiga e colega, a Dra. Eleanor Bertine, viajaram de Nova Iorque. A Dra. Bertine (1887-1968), americana de origem e por formação, compartilhava com a Dra. Harding a liderança do movimento junguiano no leste dos Estados Unidos. Após regressar do estrangeiro, seu *Report from Zurich* foi publicado em folheto pelo Clube de Psicologia Analítica de Nova Iorque, em 1948. Ocupou-se principalmente da organização do Instituto, mas um excerto mais pessoal, com o título acima, foi incluído em *Memories and Perspectives Marking the Centennial of C. G. Jung's Birth* (edição reservada do Clube, 1975), e essa versão é que reproduzimos aqui. Os apontamentos no diário da Dra. Harding, referentes à sua visita na mesma época, são publicados mais adiante.

Chegamos à Suíça no auge da estação das rosas. Penso que nunca vi tantas rosas em minha vida, rosas de jardim e rosas trepadeiras, rosas silvestres e rosas cultivadas. Uma coisa que impressiona um americano no estrangeiro, como muitos sabem, é que literalmente cada centímetro de terra é usado, ou fertilizado para pastagem ou para a agricultura, ou reservado à produção de madeira, ou então convertido nos ubíquos jardins que cercam tanto a casa do camponês quanto a mais opulenta mansão. Todas as aldeias tinham o aspecto de roseiras em flor. Recordávamos bem, neste regresso à Suíça, a majestade das montanhas, mas tínhamos quase esquecido o singular encanto de cada pequeno povoado. Para nós, é claro, os campos em torno de Küsnacht estavam repletos de lembranças dos degraus e patamares que aí tínhamos subido e alcançado ao percorrermos nosso caminho interior. Foi sob uma determinada árvore que densos pensamentos se agruparam como cachos de fruta madura, acolá a floresta que tinha sido um lugar de escuridão do espírito, mas a claridade fizera-se enquanto descíamos a íngreme colina sobranceira à aldeia, quando o crepúsculo já se avizinhava. Também todos os sons nos traziam repercussões do passado, o ding-dong repetido três vezes anunciando a hora do trem na estação, o chape-chape dos pequenos barcos do lago manobrando para acostar sob a nossa janela, o repenicar dos sinos de meia dúzia de igrejas marcando o quarto de hora aqui pertinho e do outro

lado do lago. Tudo era tão profundamente familiar, tão inalterado por toda a violência que varrera o mundo nos anos transcorridos desde nossa última visita!

Mas a finalidade de nossa peregrinação era, evidentemente, visitar o Dr. Jung. Por isso ficamos deliciadas ao receber um chamado bem cedo, logo na manhã seguinte ao de nossa chegada, marcando um encontro para essa manhã. Ele explicara previamente que já não podia carregar mais o fardo dos problemas pessoais de toda a gente que o procurava, mas que teria satisfação em falar conosco sobre qualquer outra coisa que desejássemos. Encontramo-lo com um aspecto envelhecido, é claro, pois doze anos haviam passado desde a última vez que estivemos aqui; seus cabelos tinham a brancura da neve das montanhas vizinhas, mas parecia saudável e mais cheio de idéias e de vitalidade mental do que nunca. Tinha tanto a dar que, na realidade, parecia necessitar da presença de alguém a quem dar. Fisicamente, foi-nos dito, fica rapidamente extenuado e abatido. Sua doença deixara-o apenas com uma pequena reserva, e tinha de viver dentro de limites um tanto rígidos. Mas, dentro desses limites, era grandioso. Falar não parecia cansá-lo, e derramava prodigamente tesouros, do que parecia ser uma inexaurível reserva de sabedoria. Disse que tinha pensado ser a velhice um período algo insípido de declínio e inação, mas na realidade era sumamente excitante. "Você fica tranqüilamente sentado num lugar e tudo lhe é trazido até à porta!" O árduo trabalho de exploração e pesquisa que ele fizera a vida inteira como pioneiro desse novo método de penetrar na psique parece estar produzindo frutos, na forma de uma riqueza enorme de idéias espontâneas. De fato, durante todo o tempo de sua doença, disse-nos ele, afluíam-lhe idéias, mesmo em seus momentos de delírio, que estava ainda tentando avaliar e registrar. Sua produção literária é enorme. Está atualmente empenhado em refazer *Psicologia do Inconsciente,* em escrever mais um livro sobre alquimia e um outro sobre o Eu.[1] Dedica muito tempo, é claro, ao Instituto e à resolução dos mil e um detalhes relacionados com o seu perfeito funcionamento desde o início. E, por fim, é continuamente visitado por estudiosos interessados em psicologia e em todos os numerosos campos a ela ligados, homens e mulheres que lhe vêm trazer seus pontos de vista especiais e buscam algo da sabedoria integradora do mestre. As-

1. Jung realizou uma ampla revisão de *Wandlungen und Symbole der Libido* (1912) [Psicologia do Inconsciente] sob um novo título: *Symbole der Wandlung* (1952) [Símbolos de Transformação], CW 5. "Um outro livro sobre alquimia" pode ter sido *Mysterium Coniunctionis* (1955; CW 14) e o dedicado ao Eu seria *Aion* (1951; CW 9 i).

sim, apesar das limitações físicas, ele continua sendo um trabalhador imensamente esforçado. Disse ele que, algum tempo atrás, quando foi para as montanhas a fim de tirar umas férias e um muito necessário período de repouso, decidiu que já tinha cumprido sua parte e que estava prestes a chegar ao fim de sua missão. Assim, não estava disposto a ter mais idéias, por favor. Mas nessa mesma noite, a concepção do tema central do livro sobre o Eu impôs-se-lhe com tamanha força que ele não teve outro remédio senão meter mãos à obra, em mais um grande empreendimento intelectual.

Segundo suas próprias palavras, o Dr. Jung "não era inteiramente pessimista" acerca da inevitabilidade da destruição de nossa civilização. Encontrou algumas indicações — por certo, indícios muito leves — nos sonhos de toda a sorte de pessoas e no modo particular como certas coisas tinham acontecido, o que sugere que este momento, com suas convulsões e desordem, pode ser verdadeiramente a transição para uma nova ordem, como todos nós esperamos há tanto tempo. Disse ele que o surto de brutalidade, que ele observara geralmente nos sonhos de alemães antes da guerra, estava dando agora lugar a símbolos construtivos de uma nova fase. Um fato astrológico bastante interessante, assinalou ele, é que a linha da eclíptica, atravessando neste momento o segundo peixe do signo de Peixes, o peixe do Anticristo, não passa pela cabeça dele mas um pouco mais abaixo. Isso significaria que, de acordo com os astros, as forças sinistras não atingem o seu máximo, não "sobem à cabeça". É claro, ele não pretendia com isso arvorar-se em profeta mas ser meramente um observador de todas as indicações que possam apresentar-se, sejam elas de que natureza for.

No final da manhã, o Dr. Jung propôs que nos reuníssemos a ele para um fim de semana prolongado, de quinta-feira a segunda-feira, na montanha Rigi. Tínhamos sido informados de que ele programara uma viagem de repouso e de que ficaria ausente da cidade durante uma semana, o que naturalmente havíamos considerado um azar nosso, jamais sonhando que isso pudesse ter um desfecho tão inesperado quanto auspicioso. O Dr. Jung conhecia um pequeno e encantador hotel recém-construído numa lombada logo abaixo do pico da montanha, e disse que a Sr.ta Schmid reservaria quartos para todos nós. A Sra. Jung pensara em ir mas não lhe foi possível desfazer vários compromissos que tinha para esses dias. A Sr.ta Wolff tentaria subir para juntar-se a nós sábado à noite.

Assim foi que, na quinta-feira de manhã, juntamo-nos ao Dr. Jung na estação da estrada de ferro. Ele carregava uma gorda e pesada pasta que continha o manuscrito do livro em que estava

trabalhando. Isso não nos pareceu muito adequado para quem se propunha um fim de semana de repouso, mas, felizmente, a pasta nunca foi aberta durante todo o tempo em que ali estivemos. A montanha e as conversas absorviam cada minuto. Todas as manhãs, logo depois do desjejum, todos saíamos para um longo passeio. A Rigi é uma montanha razoavelmente domesticada; pelo menos dispõe de um trem de cremalheira que sobe até ao cume por ambas as vertentes, e existem numerosas pistas que cruzam as encostas em várias direções, quando elas não são excessivamente íngremes. O Dr. Jung, desculpando-se desnecessariamente, regulou a marcha suficientemente lenta para que pudéssemos acompanhá-lo sem que fosse preciso um treinamento prévio. Pois, na realidade, ele era capaz de superar a cadência que nós, por aconselhável precaução, nos havíamos fixado. Havia bancos colocados aqui e ali em locais particularmente belos, onde podíamos sentar-nos e dividir nossa atenção igualmente entre a paisagem e a conversa. A Rigi ergue-se a pique como pano de fundo para Lucerna, do lado oposto às afiadas agulhas do monte Pilatus, com o rosário de lagos esmeraldinos do Vierwaldstättersee desenrolando-se a seus pés. Na distância, após uma série de montanhas mais baixas e cobertas de neve, recortam-se contra o horizonte, em toda a sua imponência, os gigantes do Oberland bernês. Para onde quer que nos voltemos, nossos olhos são retidos por algo que gostaríamos de recordar para sempre. O Dr. Jung apontou para a face lisa de um penhasco e perguntou: "Estão vendo aquela porta?" Olhamos atentamente e nada conseguíamos ver, salvo a pedra escalvada e sem uma fenda. Então, ele assinalou a linha de contorno de um socalco e logo acima dele notava-se algo que parecia uma rugosidade na própria rocha. Era a porta de uma caverna no penhasco, uma das muitas abertas pelo exército suíço como um meio de defender as montanhas quando esperavam a invasão a qualquer momento. O plano consistia em abandonar a planície setentrional, onde estava localizada Zurique, e retirar para as montanhas, lutando aí até à última trincheira. Os suíços estavam decididos a fazê-lo e talvez tenha sido esse espírito que os salvou.

Depois do almoço, e não há problema algum na Suíça em se adquirir tudo o que se queira para comer e beber, desde que se possa pagá-lo, houve uma pequena pausa para repouso, depois reunimo-nos de novo para o chá e outra conversa, depois o jantar e mais conversa até tarde da noite. E que conversa! O Dr. Jung estava em plena forma, e os temas abrangiam tudo o que era concebível, desde o sublime ao ridículo, desde amostras de seu inimitável humor rabelaisiano até ao significado da fé. Falou-nos de suas experiências sob ameaça de invasão, durante a guerra, da

visita de Churchill à Suíça, que foi como um desfile triunfal, e das conversas que tivera com ele — ou talvez seja mais correto dizer, das coisas que ouviu dele. O Dr. Jung falou dos Estados Unidos e de sua esmagadora missão de liderança mundial. Eu disse que o nosso país não tinha buscado nem desejado isso, e expus minhas dúvidas sobre se estaríamos preparados para assumir tamanha responsabilidade. Sua resposta foi que os Estados Unidos não podem continuar agora imaturos, ou colocarão em perigo o mundo inteiro. "Só vocês dispõem hoje de poder e por isso devem assumir a responsabilidade que lhe é inerente." Considerou sumamente necessário que sejamos firmes com a Rússia, se não quisermos que a Rússia acabe certamente controlando toda a Europa. Como todos os outros europeus com que falei, incluindo alguns que estavam antes bem longe de ser pró-americanos, o Dr. Jung manifestou seu profundo apreço pelo Plano Marshall, dizendo esperar que fôssemos firmes e definidos ao serem estipuladas as condições para o seu funcionamento. Perguntei-lhe se isso não faria todo o mundo cairnos em cima com a acusação de que estávamos usando os dólares para dominar o mundo. Concordou que isso poderia acontecer, mas disse ser esse o preço inevitável do poder. "Não se pode simultaneamente deter o poder e evitar críticas pelo que não se faz, muito menos pelo que se faz." Em sua opinião, tínhamos que aceitar esse fato e ir em frente, pois os países europeus jamais estariam todos de acordo entre eles mesmos. Havia uma história excessivamente longa e amarga a dividi-los.

Nessas longas horas nas montanhas, o Dr. Jung relembrou suas próprias experiências passadas, suas viagens na África e na Índia, a prolongada angústia durante o período de dominação de Hitler. E depois, certa manhã, sentados no terraço ao ar livre de um café sobranceiro ao vale profundo, com seu lago verde esmeralda e os picos nevados ao fundo, ele levou-nos para as montanhas do espírito, ao falar de sua mais recente idéia da psique. Essa é a base do seu novo livro sobre o Eu e será o ponto culminante de toda a sua obra, o grande passo final na integração de uma carreira notavelmente dedicada aos processos integrativos, no conhecimento e na vida. Ele descobriu um símbolo da estrutura psíquica que congrega numa unidade orgânica todas as coisas, desde o mundo mineral, passando pelo mundo animal, o inconsciente e a consciência ordinária, até ao Anthropos, que é desprovido de qualidade e portanto, como o velho Uroboros, alcança a condição primordial de Caos, com suas forças constituintes da matéria, das quais todo o ciclo promana de novo. Tudo isso era extremamente sugestivo e excitante, mas era dose demais para ser absorvido de um único trago. Embora ele desenhasse diagramas para elucidar

seu pensamento, confesso uma sensação que não era muito diferente da minha reação há muitos anos, quando tive o primeiro contato com sua obra através da *Psicologia do Insconsciente*. Foi esta: "Eis o mestre falando. Não entendo mas, queira Deus, entenderei antes de morrer." A elaboração dessas novas idéias trará alguma luz, penso eu, para a região de penumbra situada entre a psique e o corpo, assim como entre a psicologia e a física. De qualquer modo, sentíamos que o companheiro com quem estávamos sentados no terraço, aguardando que nos trouxessem os drinques, nos dera ele próprio a beber da taça do puro gênio.

É claro, os dias passados na montanha Rigi foram o ponto alto da viagem. É impossível estar com o Dr. Jung sem uma constante sensação de que o mundo interior do inconsciente é um fato vital, onipresente em qualquer lugar onde ele esteja. O imediatismo habitual de sua conexão com a libido real do momento assemelha-se mais ao de um animal do que ao do homem usual de hoje. Pressente-se que ele completou totalmente o ciclo, desde a experiência do instinto cego, através da consciência do ego e de volta a uma ampla relação consciente com as poderosas mas misteriosas marés do inconsciente. Sua dissertação desenrola-se num constante vaivém entre os fatos e eventos óbvios do mundo exterior e as manifestações sutis e irracionais de um outro mundo a que ele confere validade e peso exatamente iguais. Que não se trata de mera conversa fiada, de um simples ponto de vista intelectual, é demonstrado pelo efeito libertador que o Dr. Jung produz praticamente em todas as pessoas, desde que não estejam demasiado congeladas pelo medo de que esse homem possa, de algum modo, abrir fendas e desintegrar a persona bem ajustada de cada uma delas e revelar matérias por demais perturbadoras para serem bem acolhidas. Mas, embora a fala do Dr. Jung seja rica em referências a experiências que são ordinariamente explicadas por interpretações *a priori* provenientes dos domínios do misticismo ou da superstição, ele jamais deixa de observar, com profunda segurança, total respeito pela linha que diferencia os fatos da experiência — os dados observados — daquilo que pensamos sobre eles e dos nomes pelos quais os designamos. Ele próprio pensa freqüentemente nesses fatos, resgatando-os do monte de sucata da mera fantasia e superstição e procurando para eles uma explicação em consonância com as descobertas e conclusões da psicologia moderna. Certamente não hesita em incorrer nas críticas que certa vez foram seriamente dirigidas contra ele por um psicólogo da Nova Escola, para o efeito de que "Jung está mais interessado nos fenômenos religiosos do que é compatível com a respeitabilidade científica!" Tais acusações deixam-no imperturbável, ao ponto de incorrer na "desrespeitabilidade

científica" para nos falar sobre um feiticeiro a quem conhece pessoalmente e com quem tem conversado livremente. O homem é um camponês suíço que vive nas serras sobranceiras a Bollingen e exerce conscienciosamente a sua profissão. Confiava no Dr. Jung e contou-lhe de bom grado muitas histórias de seus êxitos com a magia, apresentando como prova uma gaveta cheia de depoimentos e cartas elogiosas de "pacientes agradecidos". Mostrou até seu maior tesouro, um livro de fórmulas mágicas para realizar conjuros e bruxedos em nome de Baldur, ou de Vênus, ou de outros deuses reconhecidamente pagãos. Esse pequeno volume, acreditem ou não, tinha-lhe sido oferecido, garantia o homem, por um frade! Ao que parece, essas invocações de poderes sumamente discutíveis não tinham perturbado a paz de espírito do bom frade. Com efeito, a magia floresce e prospera tanto como em eras passadas nos lugares mais recônditos da Suíça. E não só aí, poderíamos acrescentar.

Tem-me sido freqüentemente perguntado, desde o nosso regresso: "Como é que o Dr. Jung se sente a respeito da campanha contra ele, que o dá como simpatizante dos nazistas?" Essa pergunta não pode ser facilmente respondida, mesmo que eu tivesse certa de interpretar corretamente a reação dele, pois a resposta teria que depender do nível de consciência com que a interrogação é formulada. Em nível superficial, é profundamente doloroso para o Dr. Jung ver seu nome associado aos indescritíveis horrores perpetrados com deliberado intento pelo governo alemão. A difamação que o atingiu, e mesmo a simples ausência de compreensão que isso envolve, de tudo o que ele defendeu a vida inteira e em toda a sua obra, não podem deixar de magoar um homem de sua sensibilidade. Mas, num outro plano, isso não o afeta. Embora existam, indubitavelmente, alguns motivos maldosos em ação, o ataque desfechado contra Jung também pode ser encarado como mais uma manifestação do fato de que ele agita o inconsciente a um tal ponto que acaba sendo inevitavelmente mitologizado como deus ou diabo. Ele teve essa experiência muitas vezes no passado, e aceita-a como parte da vida, um fenômeno a ser admitido e não uma ofensa que possa causar indignação pessoal. Com efeito, o Dr. Jung tem a profunda compreensão de que, para ser completa, a divindade deve incluir o diabo, e os seres humanos devem, portanto, encontrar um ajustamento para esse fato, e não apenas reiterar puerilmente que não deveria ser assim. Logo, no que se refere aos ataques contra ele, o Dr. Jung ajeita o colarinho e continua tratando de sua vida sem se deixar envolver demais na polêmica.

Mas continuando com o meu relato. No sábado chegou a Sr.ta Wolff com seu cachorrinho. Embora muito estorvada pelo reumatismo, de que ela sofre seriamente há alguns anos, a Sr.ta Wolff

acompanhou-nos corajosamente no domingo de manhã, quando subimos ao pico da Rigi. A Sr.ta Jung, cuja chegada era esperada para essa noite, foi retardada pelo falecimento e funeral de um dos mais antigos membros do Clube de Zurique, de quem alguns certamente se recordam, o Dr. Schlegel.[2] O Dr. Jung pediu-nos então que ficássemos até terça-feira, para vermos sua esposa, mas já tínhamos um compromisso de jantar com amigos que haviam chegado expressamente do sul da Suíça para nos visitar em Zurique de modo que tivemos de partir antes que a Sr.ta Jung chegasse, o que muito nos penalizou.

2. O advogado Eugen Schlegel, um velho amigo da família Jung, faleceu a 10 de junho de 1948.

# DOS APONTAMENTOS DE ESTHER HARDING: 1948

Küsnacht, 8 de junho

C. G. entrou, o mesmo velho C. G., sorridente, acolhedor, ambos os braços bem abertos. Olhou-nos e disse para Eleanor: "Você não mudou". E para mim: "Mas você mudou". Eu respondi: "Houve um cataclismo mundial desde a última vez que o vi."

Ele próprio mudara muito pouco. Mais velho, sim, o rosto um pouco mais magro, com linhas e planos mais vincados, projetando a largura e a altura da cabeça em maior destaque. O cabelo um pouco mais ralo, fino e macio em torno do crânio. Referiu-se-lhe como as suas "penas".

— Sim, estão crescendo penas em minha cabeça. Mas o barbeiro não as cortará.

— É o mesmo barbeiro de quem fala Zosimos?[1] — perguntei.

Mas evidentemente ele não ouviu tudo o que eu disse, pois respondeu:

— Não, não é o mesmo. Temos um que vive do outro lado da estrada.

Dissemos-lhe da satisfação que nos dera receber suas cartas de tempos em tempos, o que nos mantivera em contato. Jung contou que tinha sido muito estranho como, durante a guerra, na Suíça, essa pequena ilha de paz, apesar da constante ameaça de invasão, ele não se sentira realmente intranqüilo (colocou a mão sobre o abdome) e sempre tivera o pressentimento de que sairiam incólumes.

Falou de sua grande angústia em 1939, a respeito do pacto Hitler-Stalin, o qual parecia ameaçar o mundo de ser tragado, sem dúvida, por uma onda avassaladora e irresistível. Disse que tivera nessa época um sonho:

1. Um barbeiro simbólico aparece nas visões de Zosimos, um alquimista grego do século III A.C., de que Jung se ocupou numa conferência Eranos, em 1937. Ver "The Visions of Zosimos", CW 13, p. 60.

*Viu-se num castelo cujas muralhas e edificações eram todas feitas de trinitrotolueno (dinamite). Hitler entrou e foi tratado como um sacerdote. Hitler ficou de pé sobre uma colina, como se fosse presidir a um desfile. C. G. foi colocado numa colina correspondente. Então, o campo de parada começou ficando cheio de búfalos ou iaques, que se apinharam no recinto fechado, ocupando-o de ponta a ponta. A manada estava cheia de tensão nervosa e movimentava-se, irrequieta, de um lado para o outro. Então, ele viu que uma vaca estava sozinha, aparentemente doente. Hitler estava preocupado com essa vaca e perguntou a C. G. o que pensava a respeito. C. G. disse: "É óbvio que ela está muito doente". Neste ponto, os cossacos surgiram cavalgando pelo lado de trás da manada e começaram tocando-a para fora, até desaparecer da vista. Ele acordou e sentiu: "Está tudo bem."*

Ele enfatizou que Hitler foi tratado como *sacerdote*. Por conseguinte, tínhamos que vê-lo como tal, que Hitler não deve ser considerado primariamente um ser humano mas um instrumento de forças "divinas", como Judas ou, melhor ainda, como o Anticristo deve ser encarado. Que o castelo era construído de trinitrotolueno significava que iria pelos ares e seria destruído por causa de sua própria qualidade explosiva. As manadas de gado são os instintos, as forças primitivas, pré-humanas, desencadeadas no inconsciente alemão. Não são sequer gado doméstico, mas búfalos ou iaques, criaturas muito primitivas, de fato. São todos machos, como a ideologia nazista; todos os valores de relação da pessoa ou indivíduo estão completamente reprimidos; o elemento feminino está mortalmente enfermo, e é representado pela vaca doente. Hitler volta-se para C. G. em busca de conselho, mas ele limita o seu comentário ao diagnóstico: A vaca está muito doente. Nesse instante, como se o reconhecimento da enfermidade tivesse libertado algo, irrompem os cossacos. Ainda antes disso, a manada já estava perturbada e nervosa, como ocorre com o animal macho quando separado por tempo demais, ou completamente demais, de seu complemento, a fêmea. Os cossacos são, é claro, russos. Daí deduziu ele, disse C. G., que a Rússia — mais bárbara do que a Alemanha, mas também mais diretamente primitiva e, portanto, de instinto mais sólido — interviria e causaria a derrocada da Alemanha.

junho

Em mais de uma ocasião, o Dr. Jung falou sobre fenômenos parapsicológicos. Disse ser sua opinião que os fenômenos observados somente poderiam ser explicados com a hipótese de que o

tempo é um fenômeno psíquico, isto é, um condicionamento de nossas psiques, ou de nossa consciência. Se alguém pode, em dado momento, sair desse condicionamento do ego, o tempo torna-se inteiramente relativo, e esse momento atual é como se fosse eterno. Essa observação, entretanto, nada nos diz sobre a imortalidade, ou a vida depois da morte. Refere-se apenas à qualidade da nossa experiência.

Ele apresentou como prova a extensão variável da experiência de um período medido de tempo. Há também a experiência de acontecimentos em longas seqüências temporais nos sonhos. E lembrou a história contada por Zimmer[2] do santo que quis conhecer o carma de Vishnu e foi mandado buscar água, depois conheceu uma donzela e viveu uma vida inteira mas, quando regressou, encontrou o deus acabando de fumar o mesmo cigarro! — ou coisa parecida.

C. G. disse que foi para explicar tais coisas que ele formulou a sua teoria da sincronicidade,[3] ou seja, que tudo o que ocorre em qualquer momento dado é, de algum modo, uma expressão desse momento único no tempo, o qual nunca foi antes nem se repetirá no futuro. Explicou dessa maneira a queda das varas de mil-folhas para o *I Ching*. Depois, contou vários acontecimentos que tinham a propensão para a coincidência, os quais causavam a maior surpresa e espanto. Por exemplo: a mulher cujos sonhos continham muito material sexual, que ela tentava sempre explicar simbolicamente, até C. G. achar que devia realmente esclarecê-la; e, na sessão seguinte, dois pardais vieram pousar aos pés dela e "realizaram o ato". Ou o paciente que sonhou com um escaravelho, e um veio pousar na janela...

Falou depois sobre experiências de percepção extra-sensorial, sonhos de eventos ainda desconhecidos da pessoa que sonhou e que ocorrem subseqüentemente. Esses sonhos só acontecem, usualmente, quando as notícias são iminentes e não no momento exato da ocorrência...

Descreveu diversas experiências relacionadas com fenômenos psíquicos que envolviam a morte de pessoas a alguma distância. Havia, por vezes, o que ele chamou "assombrações", como estalidos e pancadas nos móveis. Ocasionalmente, tinha sonhos de advertência a respeito de uma pessoa que estava prestes a morrer,

---

2. Heinrich Zimmer (1890-1943), indologista alemão, íntimo de Jung. Para essa parábola, ver seu livro *Myths and Symbols in Indian Art and Civilization* (1946), pp. 32-34.

3. A primeira apresentação extensa por Jung de sua teoria da sincronicidade foi numa conferência Eranos de 1951. Para isso e para a monografia "Sinchronicity: An Acausal Connecting Principle" (1952), ver CW 8.

ou sentia uma presença invisível na hora em que ela morria. Sonhou duas vezes com Baynes[4] após sua morte, cada vez em ligação com Churchill e quando Churchill estava realmente na Suíça, embora C. G. o ignorasse nessa altura. Por exemplo, sonhou que estava sentado à mesa de um jantar com Churchill e Roosevelt quando um grupo de oficiais britânicos, entre os quais estava Baynes em trajo civil, entrou na sala. Nesse dia Churchill aterrissara perto de Zurique para reabastecer o avião rumo à África [encontro Churchill-Roosevelt em 1943, em Casablanca, um ano após o desembarque aliado no norte da África]. Um segundo sonho foi semelhante ao primeiro, exceto que Roosevelt não estava presente. Desta vez, Churchill passou uma noite em Genebra, a caminho da conferência de Ialta.

Falou muito sobre essa visita e seu contato com Churchill.[5]

Contou-nos que, em 1934, tinha ido para Bollingen a fim de trabalhar e içara sua bandeira amarela para avisar o Professor Fierz[6] de que não estava "em casa". Contudo, sentiu-se incapaz de trabalhar. Estava terrivelmente deprimido. Uma nuvem pesada parecia sufocá-lo. Mas conservou içada no mastro sua bandeira e lutou contra a opressão todo o domingo e parte de segunda-feira. Finalmente, arriou a bandeira, sentindo que não adiantava continuar tentando trabalhar. Imediatamente o Professor Fierz compareceu e contou-lhe o expurgo nazista que tinha ocorrido no domingo de manhã.

Falou sobre libido exteriorizada: como, quando havia uma idéia importante que ainda não era inteiramente consciente, os móveis e o madeirame de uma casa estalavam e rangiam, um fenômeno de que era a Sra. Jung também tinha conhecimento. Uma vez, ouviu uma pancada seca na porta, no preciso momento em que estava adormecendo. O ruído repetiu-se e isso despertou-o completamente. Depois, quando estava começando a adormecer de novo, teve uma visão de um peixe e, justamente quando caiu no sono, o guarda-roupa emitiu um grande estalido. Abriu os olhos para ver um grande peixe surgindo do canto superior do móvel.

Contou-nos suas alucinações a respeito dos mosaicos de Ravena.[7] Quando ele e a Srta. Wolff entraram na piscina, havia uma luz azulada e baça, e através dela viram os mosaicos. Ficaram

4. Para H. G. Baynes, ver p. 48, nota 1.
5. Para o encontro de Jung com Winston Churchill em Zurique, em 1946, ver *Letters*, vol. I, índice, em "Churchill".
6. O Professor H. E. Fierz.
7. Publicado em *Memories, Dreams, Reflections* (1963), Capítulo 9, sec. V.

vendo-os e discutindo-os durante meia hora, e surpreenderam-se por encontrar o símbolo de Pedro, Pedro caminhando sobre as águas e sendo resgatado por Cristo, combinado com outros (Moisés fazendo brotar água das rochas; Jonas e a baleia; a pesca milagrosa). Ao regressar, narrou isso no seminário (de 1929?). Quando o Dr. Meier [8] estava indo a Ravena, um ano ou dois depois, C. G. recomendou-lhe que não se esquecesse de ver os mosaicos e fazer fotografias deles, pois tanto ele como a Srta. Wolff não tinham conseguido encontrar qualquer reprodução na cidade. (Eu estava presente nesse seminário.) Quando o Dr. Meier regressou, disse a C. G. que tais mosaicos não existiam. Ele não podia acreditar. Somente muitos anos depois é que C. G. se deparou com a história da condessa que tinha prometido fazer uma oferta de tais mosaicos se fosse salva de naufrágio. Os mosaicos foram fabricados mas destruídos por um incêndio quando estavam na vizinha Igreja de São João. Jung soube que existe um desenho desses mosaicos mas creio que nunca chegou a vê-lo...

Numa outra altura, falou sobre "casas assombradas". Na África, escutou certa vez música e o som de pessoas falando, embora não conseguisse distinguir as palavras. Os nativos disseram-lhe: "Essas são as pessoas que conversam." Isso ocorreu com ele mais de uma vez. E outros viajantes relataram também tais experiências. Nesses lugares existem sempre provas de que, em algum tempo passado, teria havido um aldeamento ou outro tipo de núcleo colonial dedicado à agricultura — por exemplo, havia plantas que só podiam ter crescido através de cultivo.

* * *

8. C. A. Meier, então assistente de Jung, mais tarde diretor do C. G. Jung Institute.

# UMA VISITA DE MORAVIA

O romancista italiano Alberto Moravia, cujas obras foram censuradas pelos fascistas, esteve trabalhando durante o período do pós-guerra como correspondente para *L'Europeo* (Milão). No número de 5 de dezembro de 1948 publicou um artigo sobre uma visita a Zurique; o título era "O Psicanalista Jung Ensina como Amansar o Diabo", embora apenas a segunda metade fosse dedicada a uma entrevista com Jung, aqui reproduzida. A primeira parte era acerca dos bancos suíços e do seu colega romancista Italo Svevo. Em 1952, aliás, a Igreja Católica Romana pôs todos os livros de Moravia no Índex.

* * *

Estou a caminho de um subúrbio de Zurique para visitar C. G. Jung. Aí se localizam as luxuosas mansões da burguesia banqueira e comercial, cercadas de amplos jardins. Eles têm seus escritórios nos edifícios modernos, austeros e funcionais do centro da cidade. Procurando o chalé de Jung na rua principal, sob uma chuva miudinha, veio-me à lembrança o romancista americano Scott Fitzgerald, escritor da geração de um outro pós-guerra. Em um de seus belos romances,[1] ele descreve impecavelmente o meio psicanalítico de Zurique: um milionário americano, muito preocupado com o estado mental de sua filha, leva-a a Zurique, para uma das mais famosas e caras clínicas psiquiátricas. Aí foi simplesmente descoberto

1. *Tender Is the Night* [Suave é a Noite] (1934), em que — quer Moravia tivesse isso em mente ou não — Fitzgerald menciona Jung por diversas vezes, sobretudo num trecho em que o psiquiatra americano Diver, exercendo clínica na Suíça, reflete sobre as personalidades que poderia encontrar num congresso psiquiátrico: "Destacando-se entre todos eles estaria o grande Jung, afável, supervigoroso, em suas jornadas entre as florestas da antropologia e as neuroses de meninos de escola" (Livro II, sec. XVI, na versão original). Quando Zelda, a esposa de Fitzgerald, teve uma crise psicótica em finais de 1930, ela era paciente do Dr. Oscar Forel no sanatório de Prangins, às margens do lago de Genebra. Foi necessária uma consulta e Eugen Bluler, do Burghölzli, em Zurique, "foi escolhido, após cuidadosa apreciação. O Dr. Jung era a opção alternativa de Fitzgerald, mas Jung ocupava-se primordialmente de casos de neurose" (Nancy Milford, *Zelda: A Biography*, 1970, p. 179).

que a filha, aos quinze anos de idade, tinha sido seduzida por esse pai tão solícito e carinhoso. A moça apaixona-se então pelo seu médico, que a cura e casa com ela, indo viver os dois na Riviera... Mas aqui está, finalmente, o número 228 da Seestrasse, a rua do lago. A chuva fustiga implacavelmente as folhas amarelecidas das árvores que margeiam de ambos os lados a alameda até à entrada do chalé. Toco a sineta e a secretária de Jung abre a porta. Minutos depois, é o próprio Jung quem vem buscar-me à sala de espera e me conduz, pressuroso, até ao seu gabinete de trabalho.

Jung é um homem idoso (está com 74 anos), entroncado, com um rosto forte e avermelhado pelo reflexo das contínuas labaredas de uma acolhedora lareira. Tem bigode branco, olhos penetrantes e cabelos brancos em desalinho. Um homem de classe média na aparência, vestia confortáveis roupas de lã grossa, tipo esportivo; cachimbo na mão, dava a impressão de solidez vigorosa, apesar de sua respiração um pouco resfolegante. Convida-me a tomar assento numa poltrona, frente a um abajur de luz forte que quase me ofusca. Ele, pelo contrário, possivelmente por causa do hábito de psicanalista, senta-se defronte de mim, o rosto na sombra, como se quisesse estudar-me sem ser ele próprio observado. Assim, com o meu rosto bem iluminado e o dele no escuro, iniciamos a nossa conversa.

Falamos em francês, que Jung domina fluentemente, apesar de um acento alemão algo áspero. As primeiras perguntas e respostas são algo embaraçadas. Depois, sem dúvida porque o seu exame de meu rosto lhe causou uma impressão favorável, Jung anima-se e começa a falar com maior desenvoltura.

Naturalmente, a discussão gira em torno de suas teorias e seus livros, que apenas conheço superficialmente e, em particular, a teoria exposta em seu último livro, *Symbolik des Geistes*.[2] Com uma ou outra digressão, Jung explica-me algumas das idéias de sua mais recente obra e suas ligações com a teoria que lhe deu fama.

No novo livro, a parte mais importante, segundo parece, concentra-se numa "tentativa de explicação psicológica do dogma da Trindade". Esse livro causou muita discussão na Suíça, precisamente por causa de sua interpretação da Trindade cristã. Em resumo, de acordo com Jung, o dogma cristão representa um sím-

2. Publicado em 1948, contém a versão alemã final de "A Psychological Approach to the Dogma of the Trinity", CW 11.

bolo para a psique coletiva; o Pai simboliza uma fase primitiva; o Filho, uma fase intermédia e reflexiva; e o Espírito uma terceira fase em que se retorna à fase primitiva, embora enriquecendo-a através das reflexões intermédias. Jung gostaria de acrescentar a essa Trindade uma quarta figura, de modo a transformar o conjunto, por assim dizer, numa Quaternidade. Essa quarta figura é a antítese direta da função clara e consciente das primeiras três; possuiria uma função obscura, subconsciente, e representaria — segundo Jung — o diabo.

A fim de tornar essa idéia de uma Quaternidade compreensível, Jung liga-a à sua célebre teoria da psicologia do inconsciente. Eis como ele raciocina, mais ou menos nos seguintes termos: Em tempos antigos, o diabo, ou seja, o inconsciente, existia em relação direta com o espírito, ou a consciência. Essa relação era sumamente benéfica; a consciência alimentava com sua luz as sombras do inconsciente; com sua racionalidade, o caráter instintivo do inconsciente. As antigas religiões estavam inteiramente a par das relações entre consciente e inconsciente; e, o que é mais, encorajavam-nas. Jeová, por exemplo, era não só Deus mas também Diabo. Entretanto, a partir do cristianismo e, em especial, da Reforma, o inconsciente, quer dizer, o diabo, passou a ser cada vez mais contrariado, suprimido, esquecido, obliterado. Com orgulho luciferiano, o protestante nórdico acredita poder passar perfeitamente sem o diabo. E assim, ganhando força na proporção direta desse excesso de repressão, o inconsciente explode de súbito, catastroficamente, de vários modos diabólicos e destrutivos. Jung explica que, destarte, é possível compreendermos a tendência claramente demoníaca e suicida da civilização européia, no limiar da primeira guerra mundial. Nessa época, o diabo, ou seja, o inconsciente, reprimido por tempo demais e até esquecido, desforrou-se induzindo os homens a encararem com júbilo sensual a destruição e a morte. Neste ponto, Jung evoca sugestivamente a imagem de trens repletos de soldados exuberantes, as locomotivas engrinaldadas com flores, partindo de Berlim para a frente de batalha em 1914, e explica essa alegria com o massacre iminente como a alegria de uma união finalmente realizada com sangue e morte, isto é, o insconsciente. Jung propõe a mesma explicação para a monstruosa e automática crueldade dos nazistas durante a segunda guerra mundial. Diz ele que, desta vez, também a ausência de uma relação saudável com o diabo deu origem a uma explosão de fúria destrutiva sem precedentes. Conclui ele ser necessário restaurar, o mais depressa possível, essas relações; e, se necessário, criar precisamente essa Quaternidade.

Após essa estranha predição, em acentuada harmonia com a atmosfera faustiana, despedi-me de Jung. Lá fora continua chovendo. Foi sob chuva que fiz meu caminho de regresso a Zurique.

[Traduzido do italiano para o inglês por Beata Sauerlander]

# DO DIÁRIO DE CHARLES BAUDOUIN: 1949

Em janeiro de 1935, Jung tomara a iniciativa de organizar a Sociedade Suíça para a Psicologia Prática, que era a filial suíça da Sociedade Médica Internacional para Psicoterapia. A sociedade reuniu psicoterapeutas médicos e psicólogos de várias escolas, e manteve-se em atividade até que a Sociedade Internacional foi dissolvida.

Sarconnex d'Arve, 4 de julho de 1949 [1]

No sábado, fui a Hurden para uma reunião da Sociedade de Jung. Desta vez, atravessei uma Suíça estival bafejada por um magnífico tempo. As bétulas, tremendo ao leve sopro da brisa, refulgiam sob uma chuva de luz; a folhagem, após vários dias de estiagem, mostravam aqui e ali pinceladas de ouro, como se anunciassem a proximidade do outono. Os lagos sucediam-se com exuberante diversidade: o de Genebra, com tonalidades azuis e violáceas, o de Neuchâtel, verde esmeralda, e os matizes cinzentos do lago de Zurique eram injetados de reflexos plúmbeos. Conheci a pequena cidade de Rapperswill e achei-a encantadora...

Hurden é alcançada por uma estrada pavimentada que acompanha o lago durante um quilômetro. Aí, numa península — que poderia ser chamada uma ilha — encontramo-nos em plena região lacustre, limitada por todos os lados pelos perfis de montanhas de altitude desigual; ficamos rodeados pelos juncos de penacho vermelho e os vôos alegres e rasantes das aves aquáticas...

Aqui, numa sala do Adler Hotel aberta para os jardins, Jung realizou sua conferência sobre mandalas.[2] Ele chegou, caminhando vagarosamente, apoiado na bengala de castão de ouro que seus amigos mais íntimos dizem acompanhar Jung nestes últimos tempos, e usando um chapéu palhinha (que depois de terem passado de moda estão voltando este ano), o cabelo branco e comprido

1. De *L'Oeuvre de Jung* (1963); ver p. 84.
2. Segundo parece, uma versão inicial de "Concerning Mandala Symbolism", CW 9 i, a qual foi originalmente publicada em *Gestaltungen des Unbewussten* (1950).

caído sobre a nuca. Entretanto, seu porte era bastante vigoroso, com seu inalterável bom humor e fáceis explosões de riso. Desta vez, ele falou sentado, o que certamente é permissível aos 74 anos, erguendo-se de tempos a tempos para apontar com a bengala os desenhos pendurados na parede; fazia calor, e ele foi suficientemente corajoso para despir o paletó.

Jantamos no terraço à beira d'água...

Durante a conferência fiquei impressionado com o perfil de Jung, o qual, quando ele tirou os óculos para se curvar sobre seus apontamentos, pareceu-me insuflado de uma rara energia, uma mordacidade e uma capacidade de penetração que, aparentemente, desmentiam a jovialidade exuberante e maliciosa da pessoa vista face a face.

[Traduzido do francês para o inglês por Jane A. Pratt]

# SOBRE O ATAQUE NA "SATURDAY REVIEW OF LITERATURE"

Em 1948, a Fundação Bollingen, que tinha sido criada três anos antes, doou verbas a pedido da Biblioteca do Congresso para estabelecer um prêmio anual de Poesia. A Biblioteca atribuiu-lhe o nome de Prêmio Bollingen de Poesia e designou os membros da seção de Letras Americanas da Biblioteca como do seu júri para a concessão desse prêmio. Em fevereiro de 1949, a Biblioteca anunciou que o primeiro prêmio anual tinha sido concedido, por recomendação do júri, a Ezra Pound. Nessa época, Pound estava sendo julgado por traição, sob a acusação de atividades de propaganda em apoio do inimigo durante a guerra; e, tendo sido dado como louco por uma junta médica, encontrava-se confinado num hospital psiquiátrico do governo. No início, as reações ao prêmio foram relativamente moderadas mas, em junho, um poeta e crítico literário, Robert Hillyer, publicou dois artigos na *Saturday Review of Literature* que arrastaram arbitrariamente Jung para a controvérsia, por causa do interesse da Fundação Bollingen em sua obra, e o apresentaram como nazista, anti-semita e participante de uma conspiração para preparar "um novo autoritarismo". O caso foi bem documentado num folheto, *The Case Against "The Saturday Review of Literature"*, publicado pela revista *Poetry* de Chicago, em outubro de 1949.

Carol Baumann, uma discípula americana de Jung residindo na Suíça, achou que era "o momento para que a voz do próprio Jung fosse ouvida e, portanto, solicitei-lhe uma entrevista". Esta foi publicada no *Bulletin of the Analytical Psychology Club of New York* (uma publicação reservada e mimeografada), em dezembro de 1949.

*(O Dr. Jung recebeu-me em seu jardim de Küsnacht, e sentamo-nos numa mesa redonda de pedra, à sombra de um círculo de altas árvores. Eu já tinha enviado ao Dr. Jung uma lista de citações de textos seus que eram usadas contra ele; e, antes de iniciarmos a nossa conversa, ele voltou a passar os olhos por essa lista.)*

Quando as pessoas se precipitam em falsas conclusões, elas preferem freqüentemente apegar-se aos seus preconceitos. Não adianta responder as pessoas que desejam persistir no erro e na incompreensão, pois elas não estão interessadas em encontrar a verdade objetiva.

*Sim, mas numerosos leitores são confundidos pelo escarcéu geral. O senhor não responderá a algumas perguntas sobre as mais importantes acusações sobre si, para deixar bem claro o seu ponto*

*de vista àqueles que estão realmente interessados em conhecer a verdade?*

Deve ser claro para qualquer pessoa que tenha lido qualquer dos meus livros que nunca fui um simpatizante nazista e jamais fui anti-semita, e nenhuma citação deturpada, nenhum erro de tradução ou retoque mal-intencionado, fora do contexto do que eu escrevi, pode alterar o testemunho do meu verdadeiro ponto de vista. Praticamente todas essas citações foram adulteradas, por intenção dolosa ou por ignorância. Além disso, minhas relações amistosas com um grande número de colegas e pacientes judeus, ao longo de muitos anos, refutam por si mesmas a acusação malévola de anti-semitismo. Vejamos a mais importante das citações incorretas (*SRL*, 11 de junho): "O judeu é um relativo nômade, nunca teve e nunca terá sua própria cultura... O inconsciente ariano é um inconsciente superior ao do judeu." É significativo que, quando é lido o contexto na íntegra, essas frases adquirem exatamente o significado oposto do que lhes foi atribuído pelos "pesquisadores". Essas frases erroneamente traduzidas foram tiradas de um artigo intitulado "Sobre a Situação Atual da Psicoterapia", publicado no *Zentralblatt für Psychotherapie* (Vol. 7, N.os 1 e 2).[1] Uma extensa apresentação dos principais pontos desse artigo foi publicada num trabalho de 32 páginas da autoria do Dr. Ernest Harms: "Carl Gustav Jung: Defender of Freud and the Jews" (*Psychiatric Quarterly*, abril de 1946).[2] Para se avaliar o significado dessas frases "suspeitas", dou-lhe na íntegra o parágrafo em que elas figuram:

"Em conseqüência de sua cultura mais de duas vezes mais antiga, eles (os judeus) são amplamente mais conscientes das fraquezas e inferioridades humanas, e, portanto, muito menos vulneráveis do que nós a esse respeito. Também devem à experiência de uma antiga cultura a capacidade para viverem conscientemente em vizinhança amigável, benevolente e tolerante com seus próprios defeitos, ao passo que nós somos ainda jovens demais para não alimentarmos ilusões a nosso respeito... O judeu, como membro de uma raça cuja cultura tem cerca de 3.000 anos, tal como os chineses educados, é psicologicamente consciente em áreas mais vastas do que nós... *O judeu, como relativamente nômade, nunca produziu, e presumivelmente nunca produzirá, uma cultura própria, uma vez que todos os seus instintos e talentos requerem um povo-anfitrião mais ou menos civilizado para o seu desenvolvimento.* Portanto, a raça judaica, como um todo, possui, de acordo com

1. "The State of Psychotherapy Today", CW 10.
2. Ver p. 70, nota 1.

a minha experiência, um inconsciente que só condicionalmente pode ser comparado ao ariano. Com exceção de alguns indivíduos criativos, o judeu médio já está por demais consciente e diferenciado para que se impregne das tensões do futuro por nascer. *O inconsciente ariano tem um potencial mais elevado do que o judaico; essa é a vantagem e a desvantagem de uma juvenilidade que não se separou ainda inteiramente do barbarismo*".[3]

Como esse artigo ia ser impresso na Alemanha (em 1934), tive que escrever de um modo algo velado mas, para alguém no pleno uso da razão, o seu significado deveria ser claro. Eu tinha que ajudar essa gente. Tinha que deixar claro que eu, um ariano fora da Alemanha, batia-me por uma abordagem científica da psicoterapia. Esse era o ponto! Não consigo ver nessa exposição nada, absolutamente nada, que possa ser interpretado como anti-semítico. É simplesmente uma avaliação de certas diferenças psicológicas fundamentais e, na verdade, é lisonjeiro para os judeus assinalar que eles, em geral, são mais conscientes e diferenciados do que o ariano médio, que permaneceram próximos do barbarismo! E é um fato histórico que os judeus têm demonstrado uma extraordinária capacidade para se tornarem veículos transmissores das culturas de todos os países por onde se espalharam. Isso revela um alto grau de civilização, e tal adaptabilidade cultural é digna de admiração. Algumas pessoas mostram uma divertida espécie de irritação ou ressentimento quando se fala de diferenças psicológicas... mas cumpre admitir que diferentes nacionalidades e diferentes raças têm diferentes concepções de vida, diferentes perspectivas e diferentes psicologias. Veja a diferença entre o francês e o inglês ou, no caso, entre o inglês e o americano! Em todo o lado existe uma acentuada diferença na psicologia. Só um idiota não consegue enxergar isso. É de um ridículo atroz ser tão hipersensível a respeito de tais coisas. São fatos da experiência que não podem ser ignorados.

*O que nos pode dizer sobre a citação: "O americano apresenta-nos um estranho quadro: um europeu com maneirismos negros e alma índia"?* [4]

Isso deve ter sido respigado de uma entrevista destinada ao grande público, lá pelos idos de 1930, mais ou menos. A psicologia do inconsciente não se presta a um tratamento de divulgação. É passível de ser mal entendida com bastante facilidade — ainda mais quando os jornalistas procuram o sensacionalismo. Tal afirmação, quando lida isoladamente, é de um absurdo gritante para

3. Cf. CW 70, § 353. A tradução do alemão para o inglês é aqui da entrevistadora, assim como o grifo.
4. "Mind and Earth" (original 1927), CW 10, § 103.

quem estiver familiarizado com o funcionamento da mente inconsciente. Antes de se poder dar um sentido a tal afirmação, é preciso saber como podemos ser influenciados através do inconsciente. Posso falar igualmente do conteúdo primitivo do inconsciente europeu. Não há qualquer imputação crítica nessas coisas. Com efeito, para uma pessoa na plena posse de seus sentidos, o conteúdo primitivo pode ser, comprovadamente, uma fonte de renovação. O inconsciente americano é sumamente interessante, porque contém elementos mais variados e uma tensão mais elevada, devido ao crisol de raças e ao transplante para um solo primitivo, o que causou uma ruptura na formação tradicional dos europeus que se tornaram americanos. Por outro lado, os americanos são, num certo sentido, mais altamente civilizados do que os europeus, e seus mananciais de energia vital estão situados a maiores profundidades. O inconsciente americano contém um número imenso de possibilidades. Não posso pretender que tenha atingido uma concepção abrangente da natureza total do inconsciente americano, e mesmo aquela concepção que tenho não poderia ser comprimida na meia dúzia de frases de uma entrevista.

*O Sr. Hillyer afirma que, em 1936, o senhor disse que "a nova ordem de Hitler na Alemanha parece oferecer a única esperança para a Europa".*[5]

Muitos americanos me perguntaram o que eu pensava de Hitler e suas idéias, no outono de 1936, e sempre expressei minhas apreensões sobre o *futuro da Europa.* Não é verdade que eu tenha alguma vez manifestado admiração por Hitler. Entretanto, nos primeiros anos, antes do demônio do poder acabar dominando Hitler, ele realizou numerosas reformas e, em certa medida, serviu construtivamente o povo alemão. É possível que tenha então dito alguma coisa desse gênero, assim como falei sobre os perigos que nos podiam esperar adiante e a respeito dos quais já escrevi bastante. Se enuncio um fato histórico, as pessoas imediatamente pulam para a conclusão de que isso envolve admiração! A ironia disso! O trabalho de toda a minha vida baseia-se na psicologia do indivíduo e sua responsabilidade para consigo mesmo e para com o seu meio. Os movimentos de massa engolem os indivíduos e um indivíduo que assim perde sua identidade perdeu sua alma. Um fenômeno tão generalizado quase destruiu a nossa civilização, e o perigo ainda não passou, em absoluto!

5. Esta citação não pôde ser documentada.

Hitler tornou-se o porta-voz de todas as tendências subjacentes que fervilhavam no povo alemão. Esse fato foi adequadamente expresso pela frase amiúde repetida de que Hitler seguia a sua intuição com a falsa "segurança e precisão de um sonâmbulo" — até chegar à beira do precipício do qual não havia escapatória. No meu artigo sobre "Wotan",[6] descrevi como o deus do vento da antiguidade fornecia uma imagem muito apropriada da força que se apossava do povo alemão, agitando e fazendo subir à tona o passado bárbaro há tanto enterrado. Escrevi esse artigo em 1936 como uma advertência para quem pudesse entender suas implicações. Quando o inconsciente de todo um povo é agitado a tal ponto, e não existe um *líder consciente e responsável* para canalizar as forças destrutivas precipitam-se para a catástrofe final, mas só depois de terem destruído o mundo em torno delas. Essa é a tragédia.

Quem se der ao trabalho de ler o que escrevi antes e durante a guerra encontrará meus pontos de vista reais sobre psicologia de massa e seus perigos, mas a minha voz de advertência não foi ouvida.

*Pode dizer alguma coisa sobre a obra de seus seguidores judeus?*

Sobram as provas de sua colaboração amistosa comigo. O Dr. Gerhard Adler, em Londres, defendeu-me continuamente contra a acusação de anti-semitismo. O Dr. Ernest Harms, nos Estados Unidos, como já mencionei, escreveu laboriosamente a verdadeira história da minha ligação com a *Zentralblatt*. Ele, diga-se de passagem, estudou com Freud e comigo, mas não se considera pertencente a uma ou outra escola. O Dr. Erich Neumann, de Tel Aviv, escreveu muitos livros baseados em seu estudo de minhas concepções psicológicas. Poderia mencionar muitos outros e, como você sabe, existe um numeroso grupo de estudantes judeus aqui em Zurique.

*O fato de que o senhor aceitou a direção da* Zentralblatt für Psychotherapie *e a presidência honorária da Sociedade Internacional de Psicoterapia, em 1933, influenciou bastante os americanos contra o senhor. Poderia dizer alguma coisa sobre isso?*

Uma recapitulação objetiva dos fatos referentes a esse período crítico na história da psicoterapia européia, e os motivos que me levaram a tentar salvar uma organização científica internacional de médicos, foi escrita pelo Dr. Harms, como disse há pouco. Não

6. Orig. em *Neue Schweizer Rundschau* (Zurique), março de 1936. Uma versão resumida apareceu na *Saturday Review of Literature*, 16 de outubro de 1937. Agora em CW 10.

tenho muita coisa a acrescentar ao que por ele foi escrito. Entretanto, era minha intenção preservar o espírito de cooperação científica entre todos os médicos europeus em face do anti-semitismo nazista que então começava levantando a cabeça. Era impossível combater abertamente a intolerância nazista sem pôr em perigo a posição de todos os médicos alemães e, em particular, dos médicos alemães judeus. Mas fiz o que pude, o mais discretamente possível, e consegui fazer com que fosse aprovado um parágrafo especial pela sociedade internacional, mediante o qual os médicos alemães judeus (cuja filiação na filial alemã da sociedade era barrada) podiam tornar-se individualmente membros da organização internacional. Assim, puderam tornar-se filiados de pleno direito da sociedade internacional a que eu presidia. Mais tarde, quando, através da influência dos nazistas, o Dr. M. H. Göring (um primo de Hermann Göring) passou a ser co-diretor da *Zentralblatt,* e outros médicos nazistas nos foram impingidos (em 1936-1937), a minha posição tornou-se gradualmente insustentável. Durante esse período fatídico, os nazistas fizeram jogo duplo com o meu nome. Por um lado, o meu nome foi colocado na lista negra por causa de várias coisas que eu tinha escrito mas que eles não podiam engolir, como, por exemplo, a minha conferência sobre a "Teoria dos Complexos",[7] realizada em Bad Nauheim em maio de 1934, na qual prestei homenagem pública a Freud. Pouco depois, o meu editor suíço recebeu notícias de que meus livros estavam sendo proibidos e destruídos. Por outro lado, os nazistas não podiam estar mais encantados com a divulgação de meu nome aos quatro ventos, como um troféu suíço, num esforço para escorarem sua reputação em declínio aos olhos do mundo. Muitos boatos conflitantes circularam a meu respeito: que eu era anti-semita, que eu era judeu, que eu era o médico de Hitler e assim por diante. O fato de o meu nome ter ficado associado ao de Göring na junta editorial da *Zentralblatt* colocou-me, naturalmente, numa posição cada vez mais falsa, sobretudo quando ele publicou na revista o seu famoso pronunciamento sobre *Mein Kampf.* Esse artigo foi inserido na *Zentralblatt* sem meu consentimento, e eu não tinha posto os olhos no manuscrito antes de sua divulgação em letra de forma. É claro, esse pronuciamento representava unicamente o ponto de vista da sociedade alemã, nunca o da sociedade internacional como um todo. Mas, como a *Zentralblatt* era publicada na Alemanha, os nazistas impuseram sua influência sempre que lhes convinha.

7. "A Review of the Complex Theory", CW 8, §§ 212 e ss.

A tarefa que eu aceitara, ou seja, a preservação de uma sociedade científica internacional e apolítica, tornou-se finalmente um fardo excessivamente pesado e, de fato, um empreendimento impossível. Entrementes, tentei cumprir meu dever a esse respeito como qualquer outro homem decente teria feito no meu lugar. Por diversas vezes quis afastar-me e tentei demitir-me; mas, por solicitação urgente dos representantes ingleses e holandeses, implorando-me que "ficasse, a bem de toda a organização", eu permaneci. Não se pode abandonar as pessoas quando elas estão num buraco. Foi útil e benéfico para muita gente que eu me mantivesse em meu posto. É possível que digam ter sido um idealismo imprudente que me fez permanecer, mas pareceu-me injusto para todas as pessoas que se me apegavam como derradeira tábua de salvação desamparálas nesses momentos angustiantes. Não sou um rato que foge de um navio afundando; por isso só me demiti, realmente, em fins de 1939, quando a guerra começou e eu já não podia ter qualquer utilidade. Todas as comunicações internacionais foram interrompidas então.

Nunca desejei envolver-me em acontecimentos políticos, mas, como um apreensivo observador suíço e um consciencioso observador psicológico, tive naturalmente certas reações aos eventos perturbadores da época em que vivemos. Poderia acrescentar que, em 1941, fiz uma palestra numa reunião de psicoterapeutas suíços, intitulada "Psicoterapia Hoje",[8] na qual condenei o estado totalitário num momento em que as vitoriosas divisões blindadas alemãs estavam a menos de 100 quilômetros, e eu sabia que os planos nazistas eram de livrar-se rapidamente de mim quando e se cruzassem a fronteira suíça.

8. A palestra inaugural da *Kommission für Psychotherapie* da Sociedade Suíça de Psiquiatria, Zurique, 19 de julho de 1941. Publicada pela primeira vez em 1945, exceto por uma edição reservada em tradução na revista *Spring*, 1942. Agora em CW 16.

# O HOMEM E SEU MEIO AMBIENTE

O eminente geógrafo suíço Hans Carol (1915-1971), membro do Instituto de Geografia da Universidade de Zurique, estava desenvolvendo as diretrizes para o planejamento regional no cantão de Zurique quando, em 1950, solicitou as opiniões de várias pessoas importantes na vida intelectual suíça. Uma delas foi Jung, que lhe concedeu um encontro de meia hora a 8 de fevereiro de 1950. O assunto empolgou tanto Jung que reteve Carol por mais de uma hora. Em 1958, Carol foi para a América do Norte e, desde 1962 até sua morte, foi professor de geografia na Universidade de Iorque, Toronto (Canadá), onde seu principal interesse era a geografia africana. Ele encontrou os apontamentos de sua conversa com Jung muito mais tarde e, com base neles, escreveu um artigo para o suplemento literário do *Neue Zürcher Zeitung*, de 2 de junho de 1963; essa versão é aqui traduzida, com a introdução de Carol reduzida à pergunta do questionário. O relato foi publicado em forma ligeiramente diferente (e traduzido) em *Landscape* (Santa Fé), na primavera de 1965, e o parágrafo que começa com um asterisco, na p. 190, é dessa versão.

*Ficaria muito grato se o senhor, como eminente psicólogo, comentasse a respeito do homem e seu meio ambiente. Embora nós, planejadores, tentemos não considerar o ser humano mero produto do seu ambiente físico, acreditamos, não obstante, que o meio ambiente é um fator crucial na existência humana. Assim como os homens são influenciados pela educação, eles também certamente são influenciados pelo meio ambiente que a sociedade cria para eles.*

Muito me satisfaz que V. esteja dedicando suas atenções a essa questão. A natureza abstrata do trabalho numa era tecnológica deixa o trabalhador insatisfeito. O descontentamento induz as pessoas a procurarem uma compensação alhures. A sugestionabilidade aumenta geometricamente com o número de pessoas envolvidas. A perturbação mental coletiva pode atingir proporções epidêmicas. A descentralização, por outro lado, facilita a criação de pequenas unidades sociais. Cada homem deveria ter seu próprio pedaço de terra, para que os instintos possam voltar à vida de novo. Possuir terra é psicologicamente importante, e não existe substituto para isso. Esquecemos constantemente que somos primatas e que temos de levar em conta essas camadas primitivas em nossa psique. O agri-

cultor ainda está mais próximo dessas camadas. Ao lavrar a terra, ele movimenta-se num raio muito exíguo, mas movimenta-se em sua própria terra. O trabalhador industrial, o operário, é um ser patético, sem raízes, e sua remuneração em dinheiro não é tangível mas abstrata. Em tempos antigos, quando floresceram os ofícios artesanais, ele sentia satisfação em ver o fruto de seu próprio trabalho, executado por suas próprias mãos. Encontrava uma adequada expressão do seu eu em tal trabalho. Mas isso deixou de acontecer há bastante tempo. Primeiro que tudo, ele é responsável por apenas uma pequena parcela do produto acabado. Em segundo lugar, o produto é vendido, desaparece e ele já não tem interesse algum no que ajudou a fabricar. Como a recompensa psicológica é inadequada, o operário revolta-se contra o seu patrão e contra o "capitalismo" como um todo. Todos nós precisamos de alimento para a psique. É impossível encontrar esse alimento nas habitações urbanas, sem uma única mancha de verde ou uma árvore em flor. Necessitamos de um relacionamento com a natureza. Eu próprio sou um trabalhador cultural, mas derivo imenso prazer do cultivo de minhas próprias batatas. A tendência das pessoas é para aguardarem o Reino de Deus no outro mundo, em vez de o procurarem em suas próprias almas. Isto é particularmente verdadeiro no socialismo. A individuação não é um processo apenas ascendente, mas também descendente. Sem corpo não existe mente e, por conseguinte, não há individuação. O nosso potencial civilizador levou-nos pelo caminho errado. Com demasiada freqüência, um trabalhador americano que possui apenas um carro considera-se um pobre diabo porque o seu patrão tem dois ou três carros. Isso é sintomático da luta sem sentido pelas posses materiais.

Entretanto, precisamos projetar-nos nas coisas que nos cercam. O meu eu não está confinado ao meu corpo. Estende-se a todas as coisas que fiz e a todas as coisas à minha volta. Sem essas coisas, não seria eu mesmo, não seria um ser humano, seria tão-só um símio humano, um primata. Tudo o que me rodeia é parte de mim, e é precisamente por isso que um apartamento alugado é desastroso. Oferece tão poucas possibilidades de auto-expressão! Num apartamento padronizado, num ambiente padronizado, é fácil a um ser humano perder a noção de sua própria personalidade, de sua individualidade.

Uma comunidade baseia-se em relações pessoais. Nenhuma comunidade onde as pessoas podem facilmente mudar suas famílias, seus lares, seus pertences, de um lado para o outro, como quem muda de camisa, tem qualquer possibilidade de se consolidar e evoluir. A casa de uma só família, a casa de que seus residentes são os

donos, é muito melhor porque engendra necessariamente um sentimento de permanência, de estabilidade.

Se o homem intervém na modelação de seu meio ambiente, este refletirá a sua personalidade. Uma granja coletiva soviética carece de alma, e as pessoas que vivem nela são um grupo melancólico, apático e infeliz, porque privado de qualquer oportunidade de expressão pessoal.

* Quando o capitalismo arrebata tudo das mãos do trabalhador, este sente que foi roubado. Portanto, o nosso sistema econômico deve colocar mais alguma coisa ao alcance dele. Em particular, o trabalhador deve poder desfrutar de uma ocupação pessoal em suas horas de lazer, e também isso é propiciado pela moradia particular, a família, o jardim ou a horta. Os inconvenientes econômicos da residência fixa e permanente são menos importantes.

A vida numa cidade pequena é melhor do que a vida numa cidade grande, politicamente, socialmente, e em termos de relações comunitárias. As grandes metrópoles são responsáveis pelo nosso desenraizamento.

Os suíços são mentalmente mais equilibrados e menos neuróticos do que muitas pessoas. Temos a sorte de viver num grande número de cidades pequenas. Se eu não contar com aquilo de que a minha psique precisa, torno-me perigoso.

Como em nosso país o governo é relutante em ajudar projetos comunitários, os projetos que se materializam são muito mais genuínos e valiosos.

Um animal que se habituou a viver em cativeiro não pode voltar à liberdade. Mas os nossos trabalhadores podem voltar. Vemo-los fazendo isso nos loteamentos hortícolas [1] dos arredores de nossas cidades; esses pequenos jardins e hortos constituem uma expressão de amor à natureza e ao seu próprio pedaço de terra. À medida que as nossas horas de trabalho vão ficando mais curtas, a questão do tempo de lazer torna-se cada vez mais essencial para todos nós, tempo em que estamos livres de ordens e restrições, e em que podemos alcançar a auto-realização. Estou plenamente comprometido com a idéia de que a existência humana deve estar enraizada na terra.

[Traduzido do alemão para o inglês por Robert e Rita Kimber, e Ruth Horine]

1. Na Europa continental e na Inglaterra, são pequenos lotes de terreno, usualmente nos arredores de uma cidade, destinados à jardinagem e ao cultivo de hortas.

# COMENTÁRIOS SOBRE UMA TESE DE DOUTORADO

Para o seu doutorado na *New School for Social Research*, de Nova Iorque, no começo de 1952, Ira Progoff apresentou como tese um estudo sobre as teorias psicológicas de Jung e uma interpretação do seu significado para as ciências sociais. Foi esta, muito provavelmente, a primeira referência séria à obra de Jung por um cientista social. Progoff enviou seu manuscrito à Fundação Bollingen, que estava prestes a iniciar a publicação das Obras Completas de Jung, e atraiu a atenção de um dos conselheiros da Fundação, Cary F. Baynes, uma velha amiga de Jung. Reconhecendo o significado da monografia de Progoff, ela enviou a tese a Jung, para que a lesse, e pediu a sua filha, Ximena de Angulo, que vivia na Suíça e conhecia Jung desde a infância, que facilitasse as coisas tomando nota dos comentários de Jung. A Srta. de Angulo remeteu a Progoff seu relato da entrevista — que foi no que a discussão acabou se tornando — e ele levou em conta os comentários e observações de Jung ao rever sua tese para publicação final em livro: *Jung's Psychology and Its Social Meaning* (Grove Press, Nova Iorque, 1953).

Progoff, que tinha sido assistente social enquanto estudava na *New School,* pôde viajar à Suíça em 1953, graças a uma bolsa da Fundação Bollingen. Encontrou-se com Jung para discussões e assistiu à Conferência Eranos em agosto, onde receberia a influência do estudioso Zen, D. T. Suzuki. Com base em suas experiências, escreveu *The Death and Rebirth of Psychology* (1956). Em 1966, Progoff fundou a *Dialogue House,* da qual é diretor, e que fomenta um programa de desenvolvimento pessoal através do processo de "diário intensivo".

Uma cópia da entrevista de Ximena de Angulo foi colocada nos arquivos da Fundação Bollingen, onde foi descoberta quase vinte anos depois e liberada para publicação na presente coletânea, com permissão da Srta. de Angulo e do Dr. Progoff. É publicada na íntegra, exceto pela obliteração dos números de página na tese, visto que elas não têm uma relação sistemática com o livro revisto.

A entrevista teve lugar no pavilhão existente ao fundo do jardim. Cada um de nós tinha em mãos uma cópia da tese e eu levara papel e lápis a fim de poder tomar notas.

Como pergunta inicial, indaguei de Jung se a tese merecia ser ampliada em livro, e ele respondeu sem a menor hesitação: "Oh, sim, definitivamente!" E acrescentou que, tal como estava, a sua deficiência mais óbvia era uma certa unilateralidade, pois a tese contava "apenas metade da história". "Você sabe, eu não sou um filósofo.

Não sou um sociólogo, sou um médico. Lido com fatos. Nunca será demais enfatizar isso." De um certo modo, isso acabou por ser o *leitmotiv* da entrevista, voltando a ele repetidas vezes. Fiquei com a impressão de que o que o incomodava nesse estudo era ter sido redigido como se Jung tivesse idéias sociais em mente desde o princípio. Eu sublinhei que numa tese elaborada para provar a importância de suas idéias para as ciências sociais, isso talvez fosse inevitável. "Sim, sim, provavelmente é isso", anuiu Jung; mas era evidente que ele atribuía a maior importância possível à acentuação de seus pontos de vista como médico, como um empirista que descobre certos fatos e constrói hipóteses para explicá-los, mas que não é responsável pelas implicações, filosóficas ou outras, que possam ser aduzidas de suas afirmações. Disse ele que estava sendo acusado o tempo todo de formular enunciados filosóficos, porque fazia uso de *conceitos filosóficos* e porque não se recusava a expressar com clareza seus pressupostos, mas nenhuma afirmação sua tinha a intenção de ser tomada como filosofia e pretendia ser unicamente uma descrição fatual. "Eu não sou particularmente instruído em filosofia. Tenho simplesmente que usar conceitos filosóficos para formular as minhas descobertas e conclusões."

Prosseguiu então dizendo que a *derivação* desses conceitos filosóficos deveria, em sua opinião, ser esclarecida. "As minhas concepções são muito mais chegadas a Carus do que Freud." Kant, Schopenhauer, C. G. Carus e Eduard von Hartmann "dotaram-no com as ferramentas do pensamento." Tinha lido as obras deles quando jovem, talvez por volta dos 16 anos, de qualquer modo bem antes do início de seus estudos médicos, e haviam influenciado decisivamente seu pensamento. "A Schopenhauer devo a concepção dinâmica da psique; a 'Vontade' é a libido que constitui o suporte de tudo." É uma força fora da consciência, algo que *não* é o ego. Kant mostrou que o mundo está vinculado ao "Eu", ao sujeito pensante, mas aí estava esse não-ego, essa "Vontade" que estava fora da crítica kantiana. Quando Jung passou a estudar a dissociação da consciência observável na esquizofrenia, quando as pessoas falam sob a influência de algo que não é o ego, esse não-ego impressionou-o como sendo a mesma coisa que a "Vontade" de Schopenhauer. "A grande questão era esta: Existe um não-ego, existe algo que possa retirar-me do isolamento-no-ego da mundivisão kantiana?"

É verdade que Burckhardt e Nietzsche o influenciaram; contudo, disse Jung, foram "influências marginais", indiretas. Faziam parte da atmosfera de Basiléia na época em que ele estava crescendo, embora Nietzsche já tivesse deixado então a cidade; "Burckhardt era o pão nosso de cada dia. Eu costumava vê-lo todos os dias, a caminho de seu trabalho". Toda a gente o lia.

Nietzsche era um grande crítico psicológico. "Estávamos vivendo numa época em que não tinha havido guerras, até onde a lembrança dos homens alcançava, mas havia um homem que viu a aproximação da guerra e escreveu que o século seguinte seria o mais bélico de todos. Eu senti que ele estava certo." Mas foi como um fenômeno que Nietzsche provocou a mais profunda impressão em Jung. Ele viu o não-ego agindo nele; Nietzsche era devorado por uma febre, por uma paixão, que "empolgou" Jung. Disse como os *insights* e as visões de Nietzsche exerceram tremendo fascínio numa pessoa que, vivendo nessa época, pensava sobre a situação contemporânea. "Em seu 37.º ano, Zarathustra aconteceu a Nietzsche... *'da ward die eins zu zwei, Zarathustra ging an mir vorbei'*. Em 1888 enlouqueceu. Isso foi um acontecimento tremendo, que me causou profunda impressão."

Bachofen também o influenciou. "Ele influiu em minha compreensão da natureza dos símbolos."

Jung achava que, se a tese fosse ampliada, talvez fosse uma boa idéia tomar em consideração seus escritos mais recentes, sobretudo *Aion* e *Die Psychologie der Übertragung*.[1] Essas, disse ele, eram as generalidades. Depois, puxou de uma lista e começou examinando a tese ponto por ponto: "(não é) que o inconsciente seja possuído em comum..." Jung: "Isso é pender para trás. Ele *é* coletivo, *é* possuído em comum. 'Coletivo' pode ser um termo discutível sob alguns aspectos, mas é o que melhor transmite o fato de que compartilhamos do conteúdo inconsciente, de que existe *participation mystique*".

"...O uso por Jung do termo (inconsciente) pode ser explicado, em parte, pelo fato de que ele desenvolveu seu pensamento enquanto trabalhava sob a influência de Sigmund Freud, e de que, naturalmente, adaptou ao seu próprio sistema os termos com que se acostumara a trabalhar." Isto não é verdade, disse Jung. "Eu já alimentava esses pensamentos muito antes de me aproximar de Freud. *Inconsciente* é um termo *epistemológico* derivado de von Hartmann. Freud não pode ser considerado um filósofo; ele era estritamente um médico. Eu já tinha lido esses filósofos muito antes de pôr os olhos em Freud. Cheguei até Freud em busca de *fatos*. Li *A Interpretação de Sonhos* e pensei: 'Oh, aqui está um homem que não está apenas teorizando o tempo todo, eis um homem que obteve *fatos*'. Não era

1. *Aion* (orig. 1951) é CW 9 ii; "The Psychology of the Transference" (orig. 1946) está em CW 16.

a primeira obra publicada de Freud, mas foi a primeira que li e só depois li as outras. Conhecemo-nos em 1906."[2]

Desde o começo, disse Jung, ocupara-se muito com zoologia, sobretudo a zoologia comparada. Neste ponto, olhou-me fixamente, para ver se eu captara a importância dessa declaração. Quando respondi, ele prosseguiu com um lampejo nos olhos: "Eu estava especialmente interessado em paleontologia; o trabalho de toda a minha vida em psicologia histórica comparada é como a paleontologia, entende? A paleontologia é o estudo dos arquétipos dos animais, e a minha psicologia é o estudo dos arquétipos na alma. O *Eohippus* é o arquétipo do cavalo moderno, os arquétipos são como os fósseis de animais."

Isso levou-me a perguntar-lhe o que é que o motivara para dedicar-se à psiquiatria. "Oh, isso só aconteceu já no final de meus estudos de medicina. Eu estava trabalhando como assistente de von Müller,[3] o professor de medicina interna, que tinha recebido um convite da Alemanha e queria levar-me com ele. No meu último semestre, estava-me preparando para os exames finais e tinha que conhecer também alguma coisa de psiquiatria, de modo que comprei o compêndio de psiquiatria de Krafft-Ebing. Li primeiro a introdução... e aconteceu. Foi então que aconteceu. Aqui está, pensei eu, isto é a confluência da medicina e da filosofia! Mas é o que eu estava procurando! Todos pensaram que eu estava doido, não podiam entender-me e pensavam que eu renunciara a uma bela carreira para me meter num beco sem saída da medicina! Todos os meus professores sabiam que, na medicina interna, se dispõe de fatos para trabalhar em cima deles, e viam para ela um grande futuro, mas a psiquiatria... bom, a psiquiatria era uma estranha terra de ninguém encaixada na medicina mas sobre a qual ninguém sabia nada. Estava tudo no ar e não conduzia a parte alguma."

Eu disse que, em retrospecto, a reação dos seus professores não era realmente de surpreender ninguém, visto que, antes da sua obra e da de Freud, a psiquiatria não dispunha, na verdade, de qualquer fundamento sólido nem oferecia muitas perspectivas. "Bem, sim, isso é verdade", anuiu ele. "Mas eu sabia seguramente que essa era a coisa para mim; penetrou-me com o ímpeto de uma torrente irrefreável. Meu coração batia tanto — Jung falou com grande ênfase e olhando-me fixamente — que mal podia suportar. Senti-me em

2. Freud e Jung tiveram realmente seu primeiro encontro em Viena, a 3 de março de 1907, mas sua correspondência iniciou-se em 1906. Ver *The Freud/Jung Letters.*

3. Friedrich von Müller, na Universidade de Basiléia, depois Munique. Ver *Memories, Dreams, Reflections,* pp. 107/110.

estado de graça!" E mesmo a tantos anos de distância, ele conseguiu, por sua voz e a veemência de seus gestos, transmitir-me algo da intensidade dessa experiência! Para mim, esse foi o ponto alto da entrevista — bem, não, talvez tenha havido um outro, a que chegarei mais adiante — mas, de qualquer forma, causou em mim a maior impressão possível ver como ele era capaz de reproduzir tão intensamente, tão fulgurantemente, esse evento, diante dos olhos da mente; podia-se quase ouvir a voz do destino, sentir a excitação nervosa que deve tê-lo dominado.

"...o termo 'persona'...derivado do etrusco, significava máscara." Jung disse que a palavra latina *persona* vem de *per sonare,* fazer soar através de, porque as máscaras tinham do lado de dentro uma espécie de tubo, ligando a boca do ator à boca da máscara, digamos, um megafone embutido para ampliar o som da voz de quem a usava. A máscara passou a ser chamada *persona* por causa desse megafone. Não é palavra etrusca.

"...a terapia da individuação..." Jung: "Por que terapia? Não é uma terapia. É terapia quando um gato se torna gato? É um processo natural. A individuação é um processo natural. É o que faz uma árvore tornar-se árvore; se interferirem nela, então adoece e não pode funcionar como árvore; mas se a deixarem entregue a si mesma, desenvolve-se até ser uma árvore. Isso é a individuação." Eu disse que sempre entendera que a individuação envolvia consciência. "Oh," disse Jung, "isso é uma supervalorização da consciência! A consciência é uma parte dela, talvez, mas isso depende de quanta consciência aí existe, naturalmente. A consciência também pode bloquear a individuação, não permitindo que se desenvolva o que está no inconsciente." Acrescentou que era terapia restaurar o livre fluxo do inconsciente, mas o próprio processo é natural e impor-se-á quer a terapia seja aplicada ou não. Se uma pessoa pretende ser artista mas faz alguma outra coisa, então esse desenvolvimento que está bloqueado não tardará muito em produzir toda a espécie de sintomas e, no final, a pessoa ver-se-á pintando, quer queira ou não, ou então estará muito doente.

Perguntei-lhe se o que fazia uma árvore crescer para ser uma árvore não era a mesma coisa que a enteléquia aristotélica, as potencialidades inerentes, dentro da glande, que se desenvolvem até se transformarem num carvalho. Jung hesitou e eu tive que repetir a pergunta de outra maneira, mas então ele disse que era a mesma coisa. (Eu penso que o seu preconceito contra Aristóteles é tão grande que o fez relutar em comprometer-se; provavelmente porque "o pensamento aristotélico, dentro da Igreja, produz tamanha aridez intelectual e rigidez doutrinária".)

Eu ainda não estava inteiramente certa de que tinha entendido direito, e disse que sempre me incomodara não saber se, digamos, um "yogin" hindu ou um feiticeiro primitivo, um verdadeiramente sábio, é claro, podia ser considerado um ser individuado, uma vez que não estão "conscientes", em nossa acepção de sabermos o que se passa em nosso íntimo. Disse Jung: "Bem, quanto a isso não sei. Podem não ser conscientes mas ouvir uma voz interior, *agir* de acordo com ela, não ir contra ela — isso é o que importa. O primitivo pode não *formular* isso do modo que você pretende, mas ele tem uma idéia muito clara do que se passa; eu entendo a linguagem dele. Quando estou com ele, falamos a mesma linguagem."

"Você sabe, é possível ter 'consciência' *in globo,* por assim dizer, sem que seja diferenciada." É nisso que a Igreja baseia o desenvolvimento de seu dogma; caso contrário, estaríamos hoje em posição de saber muito mais do que os apóstolos, visto que o dogma foi estabelecido nos séculos intermediários. O que foi definido e diferençado no dogma estava presente *in globo* na inspiração dos apóstolos.

Jung repetiu que a individuação é um processo natural; que pode acontecer "sem consciência".

Estas declarações e, especialmente, a maneira decisiva e segura com que as expôs, causou-me uma profunda impressão. A parte sobre o modo como decidiu especializar-se em psiquiatria foi a mais excitante da entrevista, porque é sempre comovedor ouvir uma pessoa contar como recebeu o "chamado", e porque abriu novas perspectivas para a minha própria pesquisa sobre os seus antecedentes filosóficos, o tema sobre o qual eu pretendia originalmente escrever a minha tese. Mas esta parte continha para mim o *significado* mais profundo. O pensamento desse *principium individuationis* em ação em toda a natureza e em toda a humanidade, Oriente e Ocidente, possuía algo de majestoso e, simultaneamente, algo que inspirava temor. Não posso explicar exatamente de que modo isso me tocou como uma revelação. Eu tinha anteriormente uma perspectiva algo diferente acerca do significado desse princípio, com maior ênfase sobre o esforço e menor sobre a natureza e o processo. Que Jung soubesse tão definitivamente sobre o que estava falando proporcionou-me uma intuição direta da importância do "fato" e da "experiência" em psicologia. Pude ver que era acerca de um *fato* que ele estava discorrendo, embora pudesse escapar a uma definição, tal qual uma árvore é um fato. A árvore não é uma analogia ruim, pois tampouco entendemos como uma árvore funciona, como sobe até sua fronde o gigantesco volume de água que circula em seu sistema, por exemplo; entretanto, a árvore é um fato indiscutível, um processo natural.

"...o significado dos termos 'introvertido', 'extrovertido' depende do contexto da teoria de tipos de Jung, e só pode ser apreendido em função do seu sistema total..." O comentário de Jung, neste ponto, foi que isso era enganador, porquanto seus termos não são *deduzidos*; eles resultam dos fatos. Ele acha que, seja qual for a aplicação que se faça de suas idéias, só lhe será feita justiça se ela for apresentada em termos que deixem bem claro esse fato de cardeal importância. Pela mesma razão, ele objeta energicamente ao uso da palavra "sistema"; afirma que não tem sistema, lida com fatos e tenta construir hipóteses que os abranjam. "Sistema" soa a fechado, dogmático, rígido. Ele quer que seja enfatizada a natureza experimental, empírica e hipotética de seu trabalho.
Parágrafo sobre incesto. Jung sugere que se leia *Die Psychologie der Übertragung* para uma noção mais clara do significado de incesto. O parágrafo tal como está, é insuficiente.

(Imediatamente a seguir à frase acima há uma notação que é, em si mesma, bastante clara, mas não me parece agora ter muita ligação com o parágrafo sobre o incesto. Entretanto, transcrevo-a aqui.) "O arquétipo é a *forma* do instinto, é como o instinto se nos apresenta; cf. 'Der Geist der Psychologie', *Eranos Jahrbuch* 1946."[4] Jung disse então que um exemplo do que pretendia significar era a história do Rei Albrecht e Johannes, depois conhecido como Johannes Parricida.[5] O rei e seu séquito cavalgavam de Zurique para Basiléia. Johannes e alguns sequazes desejavam assassinar o rei mas não decidiam quem executaria a façanha. Johannes hesitava. Quando chegaram ao passo do rio Limmat, em Baden, ele decidiu-se e matou o rei. "Esse é o arquétipo; o vau de um rio é a emboscada natural, o local onde o herói trucida o dragão. Então, subitamente, Johannes descobriu-o em si mesmo para consumar o ato; o arquétipo estava completo."

"...Jung considera a intensidade libidinal da anima tão grande que se lhe refere como 'mana', isto é, como possuidor de uma qualidade milagrosa." (Ref. a *Two Essays.*) [6] Jung afirma que nunca poderia ter dito "milagrosa" mas *ausserordentlich wirksam* [extraordinariamente eficaz], isto é, eficiente ou mesmo numinosa. Mas nunca milagrosa.

---

4. Ampliado e revisto como "On the Nature of the Psyche", CW 8.
5. Cf. a versão desta história em "The Houston Films", p. 293. O assassinato do rei Habsburgo, Alberto I, em 1308, ocorreu realmente em Windisch, sobre o rio Reuss.
6. *Two Essays on Analytical Psychology*, CW 7.

"...o conceito de Jung de individuação... abre a possibilidade de novas concepções da natureza do homem." Jung disse para pôr "da natureza da psique."

"...tal como Jung usa o termo 'consciência', ele significa uma parte, uma pequena parte, da consciência em geral." Jung disse que isto não está claro; deveria ser "uma parte do cognitivo" ou algo assim. A consciência é simplesmente consciência, não parte de si mesma.

"A *representation collectif* refere-se à condição em que se omite a distinção entre o indivíduo e o grupo como um todo." Segundo Jung, isso é *participation mystique*. Uma *representation collectif* é uma idéia geralmente aceita, como "democracia é a melhor forma de governo", que todos admitem sem questionar; uma espécie de premissa básica que simplesmente se supõe ser verdadeira e ninguém sonha em investigar. Todas as espécies de slogans culturais e políticos são abrangidos nessa designação.

Acrescentou que tinha conhecido Lévy-Bruhl pessoalmente, que este fora hóspede da casa de Jung em Küsnacht. Lévy-Bruhl teve muitas idéias boas, mas os sociólogos e antropólogos de seu tempo não o compreenderam, interpretaram erradamente sua idéia de que os primitivos pensam alogicamente e, em especial, a concepção de *participation mystique*. Esses ataques abalaram-no tanto que, mais tarde, recuou bastante e, em edições posteriores retirou o *mystique* do termo; mas Jung manteve-se fiel à formulação da primeira edição por pensar que ela descreve rigorosamente os fatos.

A esse respeito, Jung contou que foi ouvir um conferencista que atacava o conceito de *participation mystique* e que contou uma anedota para ilustrar o fato de os nativos distinguirem perfeitamente entre eles próprios e os outros, e entre persona e objetos. Enquanto estava sendo construída a estrada de ferro de Mombassa a Nairobi, foi empregada muita mão-de-obra nativa, e os engenheiros brancos tiveram a maior dificuldade em fazê-los trabalhar sem constante fiscalização. Assim que o engenheiro voltava as costas, eles paravam. Um homem pensou que resolveria o problema. Ele tinha um olho de vidro e, quando teve que sair do canteiro de obras, reuniu os nativos e disse: "Eu vou sair agora mas deixo aqui o meu olho para vigiar vocês"; tirou o olho de vidro e colocou-o sobre uma mesa. "Continuem trabalhando, porque este olho verá se vocês param." Quando voltou, horas depois, verificou, para sua consternação, que ninguém tinha trabalhado. "Pusemos um chapéu em cima do olho, para que ele não nos visse mandriando," disseram-lhe os nativos.

Ao invés de refutar a concepção de Lévy-Bruhl, como pensava o conferencista, essa anedota apenas a corrobora: tão pouco os nativos eram capazes de separar o olho de vidro do portador dele que se deram ao trabalho de colocar um chapéu sobre o olho para impedir que este "visse". Quando Jung escreveu depois uma polida carta ao conferencista, assinalando esse fato, recebeu uma resposta irada, e o conferencista tornou-se seu inimigo para o resto da vida!
"...a incapacidade de Jung para dar uma definição absoluta de consciência..." Jung comentou: "Como pode a consciência explicar-se a si mesma?"

"As 'representações coletivas' por meio das quais a sociedade contém o indivíduo, etc...." Uma vez mais, deveria ser "participation mystique". Jung reformulou a frase, que ficou assim: "A *participation mystique* pela qual a sociedade contém o indivíduo pode ser entendida como um enunciado do fato de que os indivíduos ainda estão indiferenciados uns dos outros, quer dizer, ainda não se separaram autoconscientemente em personalidades individuais."

"Nesse nível 'pré-consciente', o indivíduo está contido em seu próprio arquétipo..." Jung corrigiu isto nos seguintes termos: "Nesse nível 'pré-consciente', o indivíduo está inconsciente de si mesmo." Sublinhou que "em seu próprio arquétipo" era uma redação equívoca, que uma distinção clara tinha de ser feita entre o arquétipo e as *imagens* arquetípicas, que é como o arquétipo se nos apresenta.

"Os arquétipos existem no inconsciente como símbolos não-diferenciados..." Jung sugere que se releia "Der Geist der Psychologie" (*Eranos* 1946): os arquétipos são *psychoeides,* são *noumena* (não numina!). Somente a imagem é empírica, disse ele.

"...o indivíduo em sociedade deve ser entendido como um fragmento do arquétipo, uma parte que se diferenciou da representação coletiva." Jung: "...que se diferenciou da *participation mystique,* isto é, do inconsciente coletivo." Disse ele: "O arquétipo do indivíduo é o Eu. O Eu abrange tudo. Deus é um círculo cujo centro está em toda a parte e cuja circunferência não está em parte alguma."[7]

"...o símbolo... em outras áreas apresenta-se com tonalidades metafísicas ou ontológicas, quando nos encaminha para o lado filosófico de seu sistema." Disse Jung que, se estudarmos as definições de

7. "Deus é uma esfera inteligível cujo centro está em toda a parte e cuja circunferência não está em parte alguma." — São Boaventura, *Itinerarium mentis in Deum* (século XIII), citado por Jung em *Mysterium Coniunctionis,* CW 14, § 41, n. 42, e em outras passagens.

"símbolo" em *Tipos Psicológicos,*[8] veremos que ele *não* é metafísico. é que ele *não tem em mira* tonalidades metafísicas nem aspectos filosóficos. Se descortinamos tais tonalidades é porque o uso geral atribuiu a alguns dos conceitos de que ele fez uso essas tonalidades. (Penso que o que Jung pretende sublinhar aqui e em outros lugares Ele poderia, é claro, ter optado por termos inteiramente novos, mas penso que Jung não o fez porque quer redefinir os termos tradicionais, mostrar onde eles resultam da experiência e assim manter a tradição viva, mas com uma diferente base.)

"Somente pelo fato de que (o análogo da libido) provém da camada suprapessoal e coletiva do inconsciente, ele está apto a funcionar como transformador de energias psíquicas..." Jung disse que isso foi muito bem expresso e mostrou a compreensão correta do que ele entende por "coletivo" em inconsciente coletivo.

"...problemas psicológicos do homem ocidental..." Jung disse que o protestantismo também faz parte do contexto, isto é, paganismo pré-cristão, religiosidade greco-hebraica, e protestantismo.

Isto trouxe-me à idéia a referência à sua formação suíça *calvinista* e perguntei-lhe se isso era correto. Ele respondeu que não, que não havia qualquer laivo de calvinismo. A Reforma foi introduzida em Basiléia por Oecolampadius (em 1529), segundo Jung, o mais moderado de todos os reformistas. Fatores importantes na manutenção da Reforma dentro de certos limites foram o fato de que a cidade era uma sede episcopal e de que a universidade tinha sido fundada por Aeneas Silvius (Piccolomini), que viria a ser o Papa Pio II. De todas as cidades protestantes suíças, Basiléia sempre foi a mais tolerante e mais compreensiva em relação aos católicos e seus costumes, por exemplo, a célebre *Basler Fastnacht* [o Carnaval de Basiléia]. Jung atribui suas próprias tentativas de compreensão do catolicismo a esse elemento em sua formação.

"...quando uma cultura se torna excessivamente racionalizada... os indivíduos são incapazes de experimentar o fluxo natural de materiais inconscientes." Jung comentou que os símbolos podem perder sua eficiência; eles envelhecem.

"O resultado é um vazio na psique entre as camadas superiores e inferiores." Jung: "O que seria isso?" Parece achar que a idéia deveria ser expressa por palavras diferentes.

"O mecanismo de convenção... mantém as pessoas inconscientes... (Elas) seguem seus caminhos usuais sem o efeito de uma escolha

8. *Psychological Types,* CW 6.

consciente." Jung sugeriu que se diga "sem se preocuparem com uma escolha consciente, sem se defrontarem com a necessidade de tomar uma decisão."

"O lunático é um indivíduo completamente subjugado pelo inconsciente." Jung diz que deveria ler-se: "mais ou menos subjugado pelo inconsciente." Sublinhou que isso parecia ser uma citação direta de seus escritos, mas que não tinha importância. Disse, porém, que se era esse o caso, a citação deve ter sido incorretamente traduzida.

"...(os demônios) envolvem a reativação de imagens arcaicas armazenadas no inconsciente desde eras históricas passadas..." Jung corrigiu isto para "eles são as imagens arquetípicas que estão sempre no inconsciente." Comentou que, de um modo geral, é importante diferençar corretamente a terminologia.

"...a afirmação de Jung de que toda a tradição da psicanálise — *começando com Freud* e ampliando-se através de sua própria obra — só foi possível porque a civilização ocidental atravessou uma crise em suas crenças mais profundas." (O grifo é meu.) Jung diz que isso deve recuar muito mais no tempo; a tradição inicia-se com os românticos alemães e prossegue com Schopenhauer, Carus, etc., isto é, requer a colocação numa perspectiva histórica mais ampla.

"...a concepção de Jung de consciência... dois níveis de significado: *um como a totalidade da psique, ou seja, a cognição em geral*; ...a outra, como o pequeno segmento de percepção consciente que gravita em torno do ego." (O grifo é meu.) Jung disse que a primeira parte (grifada) está errada, somente a segunda está correta.

"...a situação contemporânea... em busca de novas religiões, etc. ..." Jung pediu que as palavras "e morais" fossem inseridas na parte final da frase, isto é, "o questionamento total de valores intelectuais e morais, e a busca em toda a civilização ocidental de um significado para a vida."

# O INFERNO DA INICIAÇÃO

J. P. Hodin, um historiador e crítico de arte britânico, de origem tcheca, tinha estudado as afirmações de Jung sobre arte e criatividade, sobretudo em seus ensaios sobre Joyce e Picasso. Não se sentindo satisfeito com a explicação de Jung do seu ponto de vista, solicitou um encontro para discutirem psicologia e arte moderna, e Jung recebeu-o em sua casa de Küsnacht, a 17 de junho de 1952. O relato de Hodin da entrevista foi publicado em seu livro *Modern Art and Modern Mind* (Cleveland, 1972), num capítulo intitulado "O Inferno da Iniciação", parte do qual tinha sido incluído numa conferência, "C. G. Jung e Arte Moderna", no Instituto de Artes Contemporâneas de Londres, em fevereiro de 1954. A presente versão foi remodelada em forma de diálogo.

*(Num pequeno gabinete, janelas abertas para o jardim e o lago ao fundo, Jung esperava-me: uma escrivaninha a um canto, estantes carregadas de livros, alguns quadros insignificantes, de pequenas dimensões, em molduras escuras, na parede — paisagens, figuras. Jung deu-me as boas-vindas e pediu que me sentasse numa cadeira perto da janela. Ele é de estatura acima da média, tem uma compleição vigorosa que sugere boa cepa camponesa, e caminha em passos firmes e algo pesados. A solidez de sua forma casa-se com seu olhar forte e penetrante. O cabelo e o bigode são brancos, mas parecia mais jovem do que sua idade justificaria, embora estivesse, disse ele, recuperando-se de uma das doenças que costumam atacar na velhice. Foi por isso que, quando mencionei de passagem um incidente da vida do idoso poeta suíço Hermann Hesse, Jung disse que, ultimamente, tem pensado muitas vezes em* Freund Hein, *que é uma expressão alemã para morte. Mas deve ter-se dedicado, mais ou menos na mesma época, a uma de suas obras mais ambiciosas,* Mysterium Coniunctionis.[1]

*Ele escutou atentamente as minhas objeções. Quando mencionei que, na Inglaterra, a sua psicologia tinha sido repetidamente atacada como não-científica, ficou indignado, no começo. Só depois veio um caudal uniforme de provas.)*

1. Publicado em 1955-57; CW 14.

Em anatomia comparada, falamos de fenômenos morfológicos no homem, de órgãos que se assemelham a órgãos de animais. Sabemos, por exemplo, que o homem passou por estágios iniciais de desenvolvimento no decorrer de sua evolução. Conhecemos a genealogia completa do cavalo desde há milhões de anos, e é nesses fatos que a ciência da anatomia se baseia. Também existe uma morfologia comparada das imagens psíquicas. O folclore é um outro campo de pesquisa sobre motivação. O que eu tenho realizado é simplesmente uma fenomenologia comparada da mente e nada mais. Se alguém tem um sonho e encontramos esse sonho em forma idêntica na mitologia, e se isso se repete constantemente, não estaremos justificados ao dizer com absoluta certeza: Nós ainda funcionamos do mesmo modo que aqueles que criaram a imagem mitológica?

Veja a Eucaristia. Um deus é morto, trespassado com uma lança, desmembrado e comido. Até hoje, perfurar um pão com uma lança de prata é um ritual da igreja grega. Nos ritos astecas, Huitzilopochtli é morto e trespassado com uma lança. Seu corpo consiste numa massa feita de sementes de plantas, tal como a hóstia é feita de farinha branca, e os pedaços são distribuídos e comidos. O deus indiviso e dividido. Pense no uso que no Yucatan se faz da cruz. É o mesmo que na adoração cristã da cruz. Ou o mito de Dioniso.[2]

Os psiquiatras, ao tratarem seus casos, sabem que essas coisas acontecem na alma dos pacientes. Existem incontáveis idéias, imagens do inconsciente, que foram comparadas a conceitos mitológicos porque provaram ser idênticas. Só existe um método: o método comparativo. A anatomia comparada, a ciência da religião comparada. Assim, por que não uma psicologia comparada? Se desenharmos um círculo e o dividirmos em quatro partes iguais, e pensarmos nele como uma idéia filosófica, e os chineses fazem a mesma coisa, e os indianos também — você acha que é algo diferente quando eu o faço? Não-científico! Existem apenas alguns espíritos inspirados que me compreendem. Nos Estados Unidos, foi William James. Mas a maioria das pessoas são ignorantes. Não se dão ao trabalho de descobrir as coisas essenciais a seu próprio respeito. Isso exige muito latim e muito grego!

(*Perguntei-lhe se tinha qualquer inclinação para interpretar as obras de outros artistas modernos — Paul Klee, por exemplo. Eu acabara de chegar de Berna, onde visitara a idosa irmã de Klee e seu filho Felix, e pudera ver algumas das primeiras obras pintadas por esse artista.*)

2. Cf. "Transformation Symbolism in the Mass", CW II, §§ 340 e ss. [O Símbolo de Transformação na Missa].

Não. Já não posso ocupar-me da arte moderna. É medonha demais, um horror. Por isso não quero saber mais dela.[3] Num dado momento, interessei-me muito pela arte. Eu mesmo pintei, esculpi e fiz talha em madeira. Tenho um certo sentido de cor. Quando a arte moderna surgiu em cena, ela apresentou-me um grande problema psicológico. Escrevi então sobre Picasso e Joyce.[4] Reconheci aí algo que é muito impopular, ou seja, precisamente a mesma coisa com que me deparo em meus pacientes. Essas pessoas ou são esquizofrênicas ou neuróticas. Os neuróticos afligem-se com os problemas de nossa época. Atormentam-se com as condições do seu tempo. A arte deriva sua vida das condições de nosso tempo e expressa-as. Nesse sentido, a arte é profética. Ela fala como a planta fala da natureza e da terra, do chão e das raízes. Os meus pacientes fazem desenhos e pinturas semelhantes. Quando se encontram num estado caótico, todas as formas se dissolvem. Então, o pânico subjuga-os. Tudo ameaça desintegrar-se e instala-se o pânico — embora seja um pânico irreconhecido e inconfessado. O que é que nos diz essa arte? Essa arte é uma fuga do mundo perceptível, da realidade visível. O que é que significa? Voltar os olhos para dentro? A primeira coisa que as pessoas aí vêem são os escombros da destruição interior e o infantilismo de suas próprias almas. É por isso que imitam os principiantes. As pessoas admiram a arte dos primitivos. É arte, por certo, mas primitiva. Ou imitam os desenhos de crianças. Os esquizofrênicos também fazem isso. Na medida em que consiste na manifestação de um anseio, de uma nostalgia do primário, pode ter um valor positivo. Mas a dissolução requer síntese. E preocupo-me sempre com o amontoado de destroços, com as ruínas daquilo que foi, com as tentativas infantis de criar algo novo. O fato é que

3. Nota de J. P. H.: Não renunciei à idéia de que ele pudesse um dia mudar de opinião e produzir talvez um trabalho de caráter mais positivo acerca da arte moderna. Mas uma carta que me escreveu a 3 de setembro de 1955 convenceu-me do contrário: "...e lamento dizer-lhe que não posso satisfazer o seu desejo de que eu escreva algo sobre Kokoschka. Teria que me familiarizar primeiro com a obra desse artista e isso seria, para mim, uma tarefa deveras espinhosa e fatigante. A minha capacidade, infelizmente, é muito limitada. Tampouco pretendo ter muita coisa a dizer sobre arte moderna. A maior parte dela é-me estranha de um ponto de vista humano e uma reminiscência sobremodo desagradável do que tenho visto em minha prática médica. Se eu fosse escrever algo no gênero do que você tem em mente, eu quereria abordar o assunto através de uma investigação crítica. A arte está, no fim de contas, intimamente ligada ao espírito do tempo, e existe muita coisa justamente nesse espírito do tempo a que eu não poderia deixar de pôr objeções. Não posso dizer que essa tarefa não me atrairia, mas receio que excederia as minhas forças."

4. Esses ensaios foram originalmente publicados em 1932 e estão em CW 15.

ainda não atingimos o ponto em que as coisas podem ser reunidas, em que as partes se combinam num todo. E ainda não podemos atingi-lo porque o mundo está dividido em dois. A cortina de ferro...

*Um fator político. Ele tem alguma coisa a ver com isso?*

Eu diria que sim! Paira sobre nossas vidas como a espada de Dâmocles. Desde 1933 que presenciamos a mais completa destruição. Primeiro foram os nazistas. Em duas ocasiões, quase chegaram aqui. Se o tivessem feito, eu seria encostado contra um muro. Bem, eu acertei minhas contas com o mundo que vier a seguir. Se os russos vierem, teremos de novo o "amontoado de destroços", pois mesmo que sejamos os vencedores, sabemos muito bem que faremos a mesma coisa que eles fazem, e com os mesmos métodos. Nos Estados Unidos, quando querem enfrentar os "gangsters", fazem-no com a ajuda de *G-men*. Quer dizer, tornamo-nos iguais a eles. Sou pessimista a respeito do amontoado de destroços. Uma nova revelação vinda de dentro, que nos habilite a ver para além dos fragmentos estilhaçados do infantilismo, uma revelação em que apareça a verdadeira imagem, uma imagem que seja construtiva — é por isso que estou esperando. Temos que visualizar essa imagem empiricamente, simultaneamente como uma idéia e uma forma viva, para a qual o terreno já foi preparado historicamente há muito tempo. Sempre assinalei isso. O alquimista chamava-lhe o Ciclo. É a idéia de circuitidade, de integralidade perfeita. Os chineses chamam-lhe Tao — a unidade dos opostos no todo. Visto psicologicamente, o processo tem lugar no centro da personalidade, que não é o "eu" mas um outro centro, o homem maior em nós. Também para isso o terreno foi psicologicamente preparado. Vejo-o como forma ou, se prefere, como idéia. Exceto que uma idéia sem forma viva é meramente intelectual. A minha idéia, que também é forma, é como um homem que possui um corpo. Se ele não tem corpo, não o veremos. Deve ser forma visível e idéia ao mesmo tempo.

*Considera que a ciência tem tido uma influência negativa sobre o homem moderno?*

A ciência é apenas uma das fontes do mal. Além da ciência, existem a tecnologia, a religião, a filosofia, a arte. A arte moderna prega a mesma fatalidade. O papel destrutivo do intelecto, do racionalismo, não só da ciência, deve compartilhar da culpa. Tudo o que deve representar o irracional e não o faz é responsável. "La Déesse raison a ses raisons" [A deusa da Razão tem suas próprias razões]. Essa doutrina impôs-se como um movimento de massa na Revolução Francesa, e é a mesma revolução que ainda estamos ex-

perimentando, porque colocamos a Razão num trono acima dos deuses.

*(O que Jung quis dizer com isso, em meu entender, não era Deus ou deuses como realidades objetivas. Como psicólogo, tudo o que ele diz é que Deus é um arquétipo do que se encontra na alma do homem e que pode ser chamado a imagem de Deus. Interpretei-o mal deliberadamente, a fim de o fazer expressar-se de um modo mais específico, e sugeri que o homem moderno não se reconcilia com dogmas, o que era compreensível se considerado historicamente.)*

Os dogmas estariam certos. Eles são símbolos. Ninguém poderia fazer melhor. Mas acontece que os teólogos os racionalizam. Nós apenas interpretamos psicologicamente esse drama dos céus. A teologia é uma das causas da inexpressividade da alma. A ciência, porque se arroga exclusividade; o sacerdote, quando se subordina ao intelecto; a arte, que subitamente perdeu sua crença na beleza e só olha para dentro, onde nada mais poderá encontrar senão ruínas, o espelho do nosso mundo; tudo isso quer descer para o reino das mães sem possuir a chave de Fausto. À minha maneira, tento apoderar-me de uma chave e escancarar com ela portas fechadas.

# ENTREVISTA DE ELIADE PARA "COMBAT"

Mircea Eliade entrevistou Jung na Conferência Eranos de 1952, perto de Ascona, em agosto. Jung tinha apresentado sua última lição Eranos no ano anterior, depois de ter falado praticamente em todas as conferências desde a primeira, em 1933. A primeira lição Eranos de Eliade foi dada em 1950, e continuou sendo um conferencista freqüente durante toda a década de 1960. Romeno de nascimento, Eliade tinha estudado em Calcutta e Bucareste e, no começo da guerra, refugiou-se na Europa Ocidental.* Desde 1958, é professor emérito de história das religiões na Universidade de Chicago.

O artigo de Eliade, "Rencontre avec Jung", foi publicado em *Combat: de la Résistance à la Révolution* (Paris), 9 de outubro de 1952. Na presente versão, os comentários introdutórios e as interpolações de Eliade foram muito resumidos, e algumas correções e notas explicativas por Jung, que ele enviou tarde demais para inclusão em *Combat*, foram inseridas no texto. O Professor Eliade forneceu amavelmente esses aditamentos.

*(Aos 77 anos de idade, o Professor C. G. Jung nada perdeu de sua extraordinária vitalidade, de seu surpreendente espírito juvenil. Ele acabou de publicar, um após outro, três novos livros: sobre o simbolismo de Aion [Tempo], sobre sincronicidade, e "Resposta a Jó"*[1]*, o qual já deu origem a reações sensacionais, especialmente entre os teólogos.)*

Esse livro sempre esteve em minha mente, mas aguardei quarenta anos para escrevê-lo. Fiquei terrivelmente chocado quando, ainda criança, li o Livro de Jó pela primeira vez. Descobri que Javé é injusto, que é mesmo um malvado. Pois permite-se ser persuadido pelo diabo, concorda em torturar Jó por sugestão de Satã. Na onipotência de Javé não existe consideração pelo sofrimento humano. São abundantes os exemplos da injustiça de Javé em certos escritos hebraicos. Mas não é esse o ponto; o ponto que interessa é a *reação* do crente à injustiça. A questão é a seguinte: Existe na literatura rabínica qualquer prova da existência de reflexão crítica ou de uma

* Eliade foi professor durante seis anos na Faculdade de Letras (Departamento de História e Filosofia) da Universidade Clássica de Lisboa. (N. do T.)

1. *Antwort auf Hiob*, publicado originalmente em 1952, provocou grande discussão. Trad. inglesa, 1954; em CW 11 (1958).

reconciliação desse conflito na Deidade? Num texto tardio, Javé solicita a bênção do sumo sacerdote Ishmael, e Ishmael responde-lhe: "Seja a Tua vontade que a Tua misericórdia suprima a Tua ira, e que a Tua compaixão possa prevalecer sobre os Teus outros atributos..."[2] O Todo-Poderoso sente que um homem verdadeiramente santificado é superior a Ele.

É possível que tudo isso seja uma questão de linguagem. Pode ser que aquilo a que chamamos a "injustiça" e a "crueldade" de Javé sejam apenas fórmulas aproximadas e imperfeitas para expressar a transcendência total de Deus. Javé é "Aquele que é", de modo que está acima e além do bem e do mal. Ele é impossível de ser apreendido, compreendido, formulado; por conseguinte, é misericordioso e injusto simultaneamente. Isto é uma maneira de dizer que nenhuma definição pode circunscrever Deus, nenhum atributo esgota as suas potencialidades.

Eu falo como psicólogo e, sobretudo, estou falando do antropomorfismo de Javé e não de sua realidade teológica. Como psicólogo, digo que Javé é contraditório, e também penso que essa contradição pode ser interpretada psicologicamente. A fim de testar a fidelidade de Jó, Javé concede a Satã uma licença quase ilimitada. Ora, esse fato não está isento de conseqüências para a humanidade. Eventos muito importantes são iminentes no futuro por causa do papel que Javé se sentiu obrigado a atribuir a Satã. Diante da crueldade de Javé, Jó está silencioso. Esse silêncio é a mais bela e a mais nobre resposta que o homem pode dar a um Deus onipotente. O silêncio de Jó é já uma anunciação do Cristo. De fato, Deus fez-se homem, tornou-se Cristo, a fim de redimir a sua injustiça para com Jó.

Javé errou mas reconheceu o erro. Será Jó sabedor disso? De qualquer modo, a posteridade percebeu o conflito doloroso causado pela imoralidade de Javé. Há a história de um sábio muito piedoso e devoto que não suportava ler o Salmo 89.[3] Jó está certamente consciente da injustiça divina e, assim, está mais consciente do que Javé. É a superioridade sutil do progresso do homem em consciência moral, em face de um Deus menos consciente. Essa é a razão para a Encarnação.

O grande problema em psicologia é a integração de opostos. Encontramo-lo em toda a parte e em todos os níveis. Em *Psicologia e Alquimia* (CW 12) tive ocasião de me interessar pela integração

2. *Zera'im I*, Berakoth 7, em *The Babylonian Talmud* (trad. de I. Epstein), p. 30. Cf. *Aion* (orig. 1951), CW 9, ii, § 110.
3. Cf. "Answer to Job", CW 11, § 685.

de Satã. Pois enquanto Satã não for integrado, não haverá cura para o mundo nem salvação para o homem. Mas Satã representa o mal — e como pode o mal ser integrado? Só existe uma possibilidade: assimilá-lo, ou seja, elevá-lo ao nível da consciência. Isso é feito mediante um processo simbólico muito complicado, o qual é mais ou menos idêntico ao processo psicológico de individuação. Em alquimia, chama-se a conjunção dos dois princípios. De fato, a alquimia assumiu e levou por diante a obra do cristianismo. Na concepção alquimista, o cristianismo salvou o homem, mas não a natureza. O sonho do alquimista era salvar o mundo em sua totalidade; a pedra filosofal foi concebida como o *filius macrocosmi,* o que salva o mundo, ao passo que o Cristo era o *filius microcosmi,* o salvador apenas do homem.[4] A finalidade suprema do *opus* alquímico é a *apokatastasis,* a salvação cósmica.

Estudei alquimia durante 15 anos,[5] mas nunca falei sobre isso a ninguém; não desejava influenciar os meus pacientes ou meus colegas de trabalho por sugestão. Mas, após 15 anos de pesquisa e observação, impuseram-se-me conclusões inelutáveis. As operações alquímicas eram reais, só que essa realidade não era física mas psicológica. A alquimia representa a projeção de um drama cósmico e espiritual em termos de laboratório. O *opus magnum* tinha duas finalidades: o resgate da alma humana e a salvação do cosmo. Aquilo a que o alquimista chamava "matéria" era, na realidade, o eu [inconsciente]. A "alma do mundo" (*anima mundi*), que foi identificada com o *spiritus mercurius,* estava aprisionada na "matéria". Por essa razão é que o alquimista acreditava na *verdade* da "matéria", porquanto a "matéria" era, na realidade, a própria vida psíquica do alquimista. Mas era uma questão de libertar essa "matéria", de salvá-la — numa palavra, de descobrir a pedra filosofal, o *corpus glorificationis.*

Esse trabalho é difícil e repleto de obstáculos; o *opus* alquímico é perigoso. Logo no começo, encontramos o "dragão", o espírito ctônico, o "diabo" ou, como os alquimistas lhe chamavam, a "escuridade", o *nigredo,* e esse encontro produz sofrimento. A "matéria" sofre até ao desaparecimento final da escuridade; em termos psico-

4. Cf. "Paracelsus as a Spiritual Phenomenon", CW 13, §§ 162 e ss.

5. Eliade também tinha sido um estudioso de alquimia antes desta entrevista. Cf. sua *Alchemia Asiatica* (Bucareste, 1935). [Em 1956, quatro anos depois desta entrevista com Jung, Eliade publicou *Forgerons et alchimistes* (Paris); nesse livro, já traduzido no Brasil (*Ferreiros e Alquimistas,* Zahar, 1980), figura uma extensa nota (Nota P) intitulada "C. G. Jung e a Alquimia", em que se reflete a influência exercida sobre Eliade pelo seu encontro em Ascona com Jung. (N. do T.)]

lógicos, a alma encontra-se nas vascas da melancolia e da angústia, travando uma luta com a "sombra". O mistério da conjunção (*coniunctio*), o mistério central da alquimia, visa precisamente a síntese dos opostos, a assimilação da escuridade, a integração do diabo. Para o cristão "despertado" isso constitui uma experiência psíquica muito séria, pois trata-se de um confronto com a sua própria "sombra", com a escuridade, o *nigredo*, que permanece à parte e nunca pode ser completamente integrado na personalidade humana.

Ao interpretar-se o confronto do cristão com sua sombra em termos psicológicos, descobre-se o medo oculto de que o diabo seja mais forte, de que Cristo não tenha conseguido conquistá-lo completamente. Caso contrário, por que se acreditava e ainda se acredita no Anticristo? Por que se aguardava e continua se aguardando a vinda do Anticristo? Porque só depois do reino do Anticristo e só depois do segundo advento do Cristo o mal será finalmente conquistado no mundo e na alma humana. Em nível psicológico, todos esses símbolos e crenças são interdependentes; é sempre uma questão de lutar com o diabo, com Satã, e de conquistá-lo, ou seja, de assimilá-lo, integrando-o na consciência. Na linguagem dos alquimistas, a matéria sofre até que o *nigredo* desapareça, quando a *aurora* será anunciada pela cauda do pavão (*cauda pavonis*) e um novo dia nascerá, o *leukosis* ou *albedo*. Mas nesse estado de "brancura" não se *vive*, na verdadeira acepção da palavra; é uma espécie de estado ideal, abstrato. Para insuflar-lhe vida, deve ter "sangue", deve possuir aquilo a que os alquimistas chamam o *rubedo*, a "vermelhidão" da vida. Só a experiência total da vida pode transformar esse estado ideal do *albedo* num modo de existência plenamente humano. Só o sangue pode reanimar o glorioso estado de consciência em que o derradeiro vestígio de escuridade é dissolvido, em que o diabo deixa de ter uma existência autônoma e se junta à profunda unidade da psique. Então, o *opus magnum* está concluído: a alma humana está completamente integrada.

Eu sou e continuo sendo um psicólogo. Não estou interessado em qualquer coisa que transcenda o conteúdo psicológico da experiência humana. Nem sequer pergunto a mim mesmo se tal transcendência é possível, visto que, em qualquer caso, o transpsicológico tampouco é de interesse para o psicólogo. Mas no nível psicológico tenho que ocupar-me das experiências religiosas que possuem uma estrutura e um simbolismo que pode ser interpretado. Para mim, a experiência religiosa é real, é verdadeira. Apurei que, através de tais experiências religiosas, a alma pode ser "salva", a sua integração acelerada, e estabelecido o equilíbrio espiritual. Para mim, como psicólogo, o estado de graça existe: é a perfeita serenidade da alma, um equilíbrio criativo, a fonte de energia espiritual. Falando sem-

pre como psicólogo, afirmo que a presença de Deus é manifesta, na experiência profunda da psique, como uma *coincidentia oppositorum,* e toda a história da religião, todas as teologias, dão testemunho do fato de que a *coincidentia oppositorum* é uma das mais comuns e mais arcaicas fórmulas para expressar a realidade de Deus. A experiência religiosa é *numinosa,* como Rudolf Otto a designa, e, para mim, como psicólogo, essa experiência difere de todas as outras de um modo que transcende as categorias ordinárias de espaço, tempo e causalidade. Recentemente, empenhei-me no estudo da sincronicidade [6] (em poucas palavras, a "ruptura do tempo"), e estabeleci que se assemelha estreitamente às experiências numinosas em que espaço, tempo e causalidade são abolidas. Não aplico qualquer juízo de valor à experiência religiosa. Afirmo que um conflito interno é sempre a fonte de profundas e perigosas crises psicológicas, tão perigosas que podem destruir a integridade de um homem. Esse conflito interno manifesta-se psicologicamente nas mesmas imagens e no mesmo simbolismo testemunhados por toda e qualquer religião no mundo, e utilizados também pelos alquimistas.

Por isso me interessei pela religião, por Javé, Satã, Cristo, pela Virgem. Entendo muito bem que um crente veja algo muito diferente nessas imagens do que eu, como psicólogo, tenho o direito de ver. A fé de um crente é uma grande força espiritual, é a garantia de sua integridade psíquica. Mas eu sou médico e estou interessado em curar os meus semelhantes. A fé e somente a fé já não tem poder — infelizmente! — para curar certas pessoas. O mundo moderno está dessacralizado; por isso está em crise. O homem moderno deve redescobrir uma fonte mais profunda de sua própria vida espiritual. Para tanto, é obrigado a lutar com o diabo, a enfrentar sua própria sombra, a integrar o diabo. Não há outra escolha. É por isso que Javé, Jó, Satã, representam situações psicologicamente exemplares; eles são como paradigmas do eterno drama humano.

*(Jung descobriu o inconsciente coletivo — quer dizer, tudo o que precede a história pessoal do ser humano — e aplicou-se a decifrar as suas estruturas e a sua "dialética", com vistas a facilitar a reconciliação do homem com a parte inconsciente de sua vida psíquica e a conduzi-lo no sentido da integração de sua personalidade. Ao invés de Freud, Jung toma em consideração a história: os arquétipos, essas estruturas do inconsciente coletivo, estão carregados de história. Já não é uma questão, como quer Freud, de uma "espontaneidade natural" do inconsciente de cada indivíduo, mas de um imenso re-*

6. "Synchronicity: An Acausal Connecting Principle" (orig. 1952); em CW 8.

*servatório de lembranças históricas, uma memória coletiva na qual é preservada, em essência, a história de toda a humanidade. Jung acredita que o homem deve fazer maior uso desse reservatório; o seu método analítico dedica-se, precisamente, a encontrar os meios adequados para usá-lo.*)

O inconsciente coletivo é mais perigoso do que dinamite, mas existem métodos para manipulá-lo sem maiores riscos. Depois, quando se desencadeia uma crise psicológica, estamos em melhor posição do que qualquer outro para resolvê-la. Temos sonhos e devaneios; tratemos de os observar. Poderíamos quase dizer que todo o sonho, à sua própria maneira, contém uma mensagem. Ela não só nos diz que algo está errado nas profundidades do nosso ser, mas também nos oferece uma solução para sair da crise. Pois o inconsciente coletivo que nos envia esses sonhos já possui a solução: nada se perdeu da toda a experiência imemorial da humanidade, toda a situação imaginável e toda a solução parecem ter sido previstas pelo inconsciente coletivo. Basta apenas que observemos cuidadosamente. A análise ajuda a ler corretamente essas mensagens.

(*Foi observando seus próprios sonhos — que ele tentou em vão interpretar nos termos da psicanálise freudiana — que Jung foi levado a pressupor a existência do inconsciente coletivo. Isso aconteceu em 1909. Dois anos depois, começou a dar-se conta da importância de sua descoberta.*[7] *Finalmente, em 1914, ainda em conseqüência de uma série de sonhos e devaneios, ele compreendeu que as manifestações do inconsciente coletivo são, em parte, independentes das leis do tempo e da causalidade. Como o Professor Jung amavelmente me permitiu que falasse desses sonhos e devaneios, os quais desempenharam um papel capital em sua carreira científica, eis um resumo*[8] *deles.*)

Em outubro de 1913, enquanto viajava de trem de Zurique para Schaffhausen, ocorreu-me um estranho incidente. Ao atravessar um

---

7. Esta série de sonhos principiou com o sonho do prédio de muitos andares, em 1909, quando Jung e Freud analisaram os sonhos recíprocos na viagem de ambos aos Estados Unidos. Não é mencionado em *The Freud/Jung Letters,* mas foi registrado e comentado em *Memories, Dreams, Reflections,* pp. 158 e ss./154 e ss., e citado em "Mind and Earth" (orig. 1927), CW 10, § 54. Foi então seguido pelos sonhos arquetípicos registrados em *Memories, Dreams, Reflections,* pp. 163 e ss./158 e ss., e 171 e ss./166 e ss., os quais culminaram nos sonhos de "catástrofe mundial" de 1913 e 1914.

8. No original francês, os sonhos nos dois parágrafos seguintes foram relatados na terceira pessoa. Eles contêm alguns pormenores significativos que não se encontram no relato na primeira pessoa dos mesmos sonhos, em *Memories, Dreams, Reflections,* pp. 175 e ss./169 e ss.

túnel, perdi a consciência de tempo e lugar, e só fui acordado uma hora depois, quando o condutor anunciou a chegada a Schaffhausen. Durante todo esse tempo fui vítima de uma alucinação, de um devaneio. Estava olhando para o mapa da Europa e vi como, país por país, começando com a França e a Alemanha, a Europa era tragada pelo mar, até ficar submersa. Pouco depois, todo o continente era um lençol de água, com exceção da Suíça; a Suíça era como uma alta montanha que as ondas não podiam alcançar. Vi-me sentado na montanha. Mas então, olhando mais atentamente à minha volta, percebi que o mar não era de água mas de sangue. Flutuando sobre as ondas havia cadáveres, telhados de casas, madeiras calcinadas.

Três meses mais tarde, em dezembro de 1913, e novamente no trem que me levava a Schaffhausen, repetiu-se o mesmo devaneio, de novo ao entrar no túnel. (Dei-me conta, subseqüentemente, de que era como uma imersão no inconsciente coletivo.) Como psiquiatra, fiquei preocupado, imaginando se eu não estaria a caminho de "fazer uma esquizofrenia", como dizíamos na linguagem desses tempos. Finalmente, alguns meses mais tarde, tive o seguinte sonho: Vi-me nos mares do sul, perto de Sumatra, no verão, acompanhado de um amigo. Mas soubemos pelos jornais que uma terrível onda de frio tinha varrido a Europa, como não havia notícia de que tivesse ocorrido antes. Decidi ir até Batávia e embarcar num navio de volta à Europa. O meu amigo disse-me que pegaria um veleiro de Sumatra para Hadramaut, e daí continuaria sua viagem através da Arábia e Turquia. Cheguei à Suíça. Em meu redor só via neve e mais neve. Uma vinha enorme estava crescendo algures; tinha muitos cachos de uvas. Acerquei-me e comecei apanhando as uvas, distribuindo-as por um magote de gente que me rodeava mas que eu não podia ver.

Três vezes esse sonho se repetiu e, finalmente, fiquei deveras intranqüilo. Eu estava justamente nessa época preparando uma conferência sobre esquizofrenia, para ser lida num congresso em Aberdeen,[9] e não me cansava de repetir para mim mesmo: "Estarei falando de mim mesmo! Muito provavelmente, enlouquecerei depois de ler a conferência". O congresso teria lugar em julho de 1914 — exatamente o período em que, nos meus três sonhos, via-me viajando pelos mares do sul. A 31 de julho, imediatamente após a minha conferência, soube pelos jornais que eclodira a guerra. Finalmente, entendi tudo. E quando desembarquei na Holanda, no dia seguinte,

9. Não sobre esquizofrenia, mas "Sobre a Importância do Inconsciente em Psicopatologia", CW 3.

ninguém era mais feliz do que eu. Agora tinha a certeza de que nenhuma esquizofrenia me ameaçava. Compreendi que os meus sonhos e as minhas visões me chegavam do subsolo do inconsciente coletivo. O que me restava agora fazer era aprofundar e validar essa descoberta. E isso é o que estou tentando fazer há 40 anos.

(*Jung ficou satisfeito ao receber uma segunda explicação desse sonho pouco depois. Os jornais não tardaram em noticiar que um capitão da Marinha alemã, de nome von Mücke, que tinha cruzado os mares do sul num veleiro, de Sumatra para Hadramaut, se refugiara na Arábia e daí alcançara a Turquia.*[10])

[Traduzido do francês para o inglês por Helen Temple e editorado por R. F. C. Hull]

10. A notícia da viagem do Comandante Helmuth von Mücke foi publicada no *Neue Zürcher Zeitung*, de 4 de agosto de 1915, e a rota corresponde à indicada aqui. Mais tarde, nesse mesmo ano, von Mücke publicou um relato de suas aventuras num livro intitulado *Ayesha* (nome de sua escuna).

# DO DIÁRIO DE CHARLES BAUDOUIN: 1954

Zurique, domingo, 25 de julho de 1954 [1]

Houve uma recepção na casa de Jung esta tarde para celebrar amanhã o seu 75.º aniversário. Ele tinha convidado umas trinta pessoas, que se espalharam pelo jardim em pequenos grupos, com o lago refulgindo nas sombras ao fundo. Jung caminha agora apoiado sempre numa bengala, mas mantém-se muito empertigado e dá uma impressão de vigor ainda intato. Sentou-se à parte, para começar, numa pequena mesa, com Rochedieu [2] e comigo, e manifestou seu muito apreço por ter discípulos em terras de fala francesa. Conversou por algum tempo com os dois, só se levantando de tempos a tempos para saudar a chegada de um novo conviva com um sorriso amistoso ou um tapinha familiar no ombro. Seu humor ainda é esfusiante, suas lembranças ricas e precisas. Quando lhe falei do meu trabalho atual sobre os símbolos em São João da Cruz, ele enviou imediatamente sua secretária à biblioteca a fim de procurar dois velhos livros para mim, o *Mundus Symbolicus* de Picinello (Colônia, 1681), um enorme tomo que eu descobri subitamente sob o meu braço, e *De Symbolica Aegyptiorum sapienta,* de Caussinus (Colônia, 1623), em que os hieroglifos são explicados por uma grande quantidade de textos gregos. A conversa girou depois em torno de um frade carmelita que perguntou a Jung se Elias poderia ser considerado um arquétipo.[3] Isso levou Jung a enveredar pela história dos carmelitas e soube que essa Ordem, que conta com Elias como seu esteio, também reivindica a Sagrada Família entre seus membros. Assim, a Ordem tinha adquirido um manto da Virgem, e quem quer que o colocasse sobre os ombros livrava-se do purgatório (uma vez que a Virgem, que visitava o purgatório todos os sábados, conhecia os

1. De *L'Oeuvre de Jung* (1963); ver acima, p. 84. Este extrato também foi publicado em francês, em *Contact with Jung* (1966).

2. E. Rochedieu, psicólogo analítico de Genebra.

3. Padre Bruno de Jésus-Marie, O. C. D. A extensa carta de Jung para ele, em 5 de novembro de 1943, em CW 18, §§ 1518 e ss., discute Elias como figura arquetípica.

seus devotos). Isso acarretou grandes riquezas para a Ordem e também a hostilidade dos jesuítas. Desencadeou-se uma querela das mais animadas, até que foi silenciada por um dos papas. Hoje, a Ordem está voltando a carga, discretamente, com a noção de um arquétipo!

Jung não seria Jung se não contasse boas histórias. Eis uma outra: Um de seus alunos, um racionalista extremado, era incapaz de conceber a autonomia da imaginação e não conseguia usar o método de "imaginação ativa". Jung aconselhou-o a prestar atenção às suas imagens hipnagógicas. Ele assim fez. Assim, viu um muro de pedra sobre o qual apareceu um bode. De súbito, o animal voltou a cabeça e o sujeito foi tomado de pânico. Saltando da cama, foi refugiar-se no regaço de sua esposa e nunca mais quis ouvir uma palavra sobre imaginação ativa. Com uma daquelas densas e pungentes condensações para as quais Jung tinha o dom, acrescentou: "Esse foi o meu único aluno que virou nazista". Deixou-nos então para ir juntar-se a um grupo maior na mesa principal.

* * *

[Traduzido do francês para o inglês por Jane A. Pratt]

# SOAM TROMPAS, REPICAM SINOS

Uma autora americana de livros de psicologia, Claire Myers Owens, visitou Jung no dia 24 de julho de 1954, e descreveu a experiência num artigo para um concurso literário promovido pela edição parisiense do *New York Herald Tribune,* tendo por tema "Turistas no Estrangeiro". O artigo da Sra. Owens foi o vencedor do concurso, sendo publicado pelo jornal no dia 12 de agosto de 1954.

Nervosamente, toquei a campainha da casa do famoso ancião na Suíça. Era um amplo chalé em estilo antiquado, debruçado sobre o belo lago de Zurique, tendo por pano de fundo os Alpes, com seus picos nevados, e um jardim na frente.

Quando a empregada me fez entrar, temi que a minha admiração reverente e a sua fama mundial me atassem a língua. Meus temores não tinham fundamento. Um homem alto e espadaúdo, de faces muito vermelhas e uma aparência que desmentia seus 80 anos, entrou e saudou-me. Sentamo-nos em sua biblioteca, sobranceira ao jardim em flor e ao lago azul com seu enxame de barquinhos. Era afável, jovial, espantosamente franco.

Discutimos durante hora e meia sua psicologia analítica, Freud, suas primeiras lutas, religião e o papel do diabo, política e a origem psicológica dos "ismos", a mulher maternal e a *grande amoureuse,* suas obras completas, que estão sendo agora publicadas nos Estados Unidos em 18 volumes, a "auto-realização", a causa e a cura de neuroses, e como encontrar o significado da vida.

Eu disse que tinha um capítulo sobre ele no livro [1] que estava escrevendo — mas como poderia eu suportar o golpe se o livro não fosse aceito? Escreva a verdade, disse ele, espere ser mal compreendida e aceite as conseqüências. Era isso o que ele vinha fazendo ao longo de toda a sua vida. As pessoas temem a verdade.

De súbito, ouviu-se o estrugido de buzinas e sinetas sob as janelas. A empregada correu, muito excitada. Ele disse: *"Nein! Nein!"*

1. *Awakening to the Good: Psychological or Religious? An Autobiographical Inquiry* (Boston, 1958), pp. 207-220.

Depois, sua filha chamou-o, gritando desde o jardim embaixo: "Eles querem vê-lo!" Ele murmurou: "Disparate". A filha implorou-lhe que saísse à varanda.

Ele anuiu, finalmente, surgindo na varanda. Eu acompanhei-o. Um grande vapor do lago tinha parado. Seus duzentos ou trezentos passageiros acenavam entusiasticamente. Por fim, ele respondeu ao aceno — uma só vez.

Eram os participantes do Congresso Internacional de Psicoterapia,[2] e o navio deles tinha parado a fim de que eles pudessem ter um rápido vislumbre do maior de todos os psicoterapeutas: o Prof. Carl G. Jung.

2. O Congresso Internacional de Psicoterapia reuniu-se em Zurique de 20 a 24 de julho de 1954 e, para o seu último dia, programou uma excursão pelo lago de Zurique num navio especialmente fretado. A excursão foi idéia do presidente do congresso, o Dr. Medard Boss, que também combinou que as buzinas e sinetas de bordo soassem às 3,30 horas da tarde, quando o barco parasse no lago diante da casa de Jung em Küsnacht. O congresso homenageou Jung e dois outros cientistas — o analista existencial Ludwig Binswanger e o psicanalista Oskar Pfister — aclamando-os membros honorários.

# O MUNDO DE JAMES JOYCE

A escritora inglesa Patricia Hutchins dispôs-se a explorar os antecedentes de James Joyce na Irlanda e nas cidades européias onde ele tinha vivido. Em Zurique, entrevistou Jung em sua casa de Küsnacht, numa data não facilmente apurada mas provavelmente em fins de 1954. A Sra. Hutchins descreveu o seu encontro com Jung no livro *James Joyce's World* (Londres, 1957), pp. 181-84. O trecho aqui reproduzido foi ligeiramente resumido, a fim de omitir uma digressão sobre outros assuntos literários.

O encontro só pôde ser combinado para o começo da noite. Assim, saí para a aldeia de Küsnacht e caminhei pela extensa estrada ladeada de chalés e mansões. Cruzando um portão branco, pude ver no final de uma curta alameda arborizada uma porta iluminada que se recortava na escuridão envolvente de uma casa em forma de torre. Logo uma jovem me levou até uma pequena ante-sala no primeiro andar. Bonecos e brinquedos índios estavam arrumados em vitrinas, e entre os livros e jornais sobre a mesa havia um número recente de *Punch*. No andar de baixo alguém assobiou e um relógio bateu as seis horas na atmosfera reinante de silêncio e boa ordem.

Quando fui introduzida numa ampla biblioteca, pisando carpetes índias, estava apenas aceso um abajur de pé alto a um canto, junto da janela, de modo que o mobiliário e os quadros eram indistinguíveis. O Dr. Jung levantou-se e apertou-me a mão, uma figura volumosa com uma voz agradável, e sentei-me numa poltrona confortável em frente dele. Por algum efeito da luz atrás de sua poltrona, ou do ângulo de seus óculos, que ampliavam as pupilas, uma curiosa distorção deu ao seu olhar a concentração poderosa de uma criança ou de um animal. Era tão perturbador que mudei de posição e tudo ficou de novo mais normal.

Falamos, em primeiro lugar, do meu estudo sobre o *background* de Joyce, e do breve vislumbre que Jung tivera da Irlanda, durante a escala em Cobh do transatlântico que o trazia de volta dos Estados Unidos. Mencionei os anos de Joyce em Zurique, durante a primeira guerra mundial, e como a Sra. Rockefeller McCormick aju-

dara financeiramente Joyce, durante algum tempo, e depois cessara bruscamente de o fazer.[1]

"Foi sugerido," disse eu, "que o senhor estava de algum modo envolvido e que talvez Joyce tivesse ofendido essa senhora quando se recusou a ser analisado, é verdade?"

"Bem, é possível que, embora de um modo indireto, eu estivesse ligado à história de que você me fala agora." O Dr. Jung explicou que o nome de Joyce era-lhe então completamente desconhecido e que só veio a conhecer pessoalmente o escritor muito mais tarde, quando Joyce, cuja filha estava então num sanatório, lhe solicitou uma consulta. Entretanto, recordava-se de que, antes de 1920, a Sra. McCormick lhe mencionou que estava então sustentando um autor e um outro artista. Ela estava muito preocupada com o fato de que o último não trabalhava. O Dr. Jung hesitou em dizer-lhe que suspendesse esses pagamentos, mas quando o próprio artista se tornou seu paciente e lhe contou um sonho freqüente de que estava sangrando até à morte, ele aconselhou a Sra. McCormick a pôr fim a uma situação intolerável, com resultados muito satisfatórios. Embora o Dr. Jung não fosse informado, ela pode ter decidido fazer o mesmo com Joyce, e também com o manuscrito de *Ulisses*.

"Na década de 1930, fui solicitado a escrever uma introdução para a edição alemã de *Ulisses*,"[2] disse-me ele, "mas como tal não foi um êxito. Publiquei-o mais tarde em um de meus livros. O meu interesse não era literário mas profissional... O livro era um documento extremamente valioso do meu ponto de vista; e, como sabe, expressei isso."

"O senhor disse que as experiências relatadas eram parte de 'o frio lado-sombra da existência'[3]...Não creio que Joyce se importasse muito com isso."

"A mistura peculiar e a natureza do material, tal como é apresentado, é a mesma que nos casos de esquizofrenia, mas tratada por um artista. As mesmas coisas que encontramos no manicômio, ah sim, definitivamente, *mas com um plano*. Escrevi pedindo desculpas

1. Edith Rockefeller McCormick (1872-1932), filha de John D. Rockefeller, foi paciente de Jung, depois de um analista junguiano durante sua longa residência em Zurique, e patrocinadora de músicos e artistas. Para uma descrição detalhada de suas relações com Joyce, ver Richard Ellmann, *James Joyce* (1950), pp. 435, 480-83.

2. O ensaio de Jung "Ulysses: A Monologue" (orig. 1932), está em CW 15, com um apêndice pelos coordenadores, dando três explicações separadas para a sua origem.

3. Ibid., § 172: "o frio lado-sombra da vida".

ao editor por não poder fornecer-lhe o de que ele precisava para a edição."

* * *

Quando Joyce recorreu profissionalmente ao psicólogo, em 1934,[4] Jung tinha esquecido o artigo e o seu pedido de desculpas por ele, mas Joyce dificilmente o teria feito.

"Certamente me pareceu muito reprimido", disse o Dr. Jung quando lhe mencionei isso. "Sim, lembro-me agora, durante a hora e pouco em que falamos de sua filha, era impossível não sentir suas resistências. A entrevista foi, correspondentemente, fútil e vazia de acontecimentos importantes. Sua filha, pelo contrário, era muito mais animada. Era muito atraente, encantadora — uma boa mente. E sua escrita, o que ela fez para mim, continha os mesmos elementos que a de seu pai. Ela tinha o mesmo espírito, oh, sim, eles queriam-se muito um ao outro. Mas, lamentavelmente, era tarde demais para ajudá-la."

O neurótico, tal como a criança, absorve muito, com freqüência, a atmosfera criada por aqueles que o cercam, sobretudo quando, de algum modo, ele próprio está envolvido. Um comentário feito por Lúcia, depreciando os recursos do médico — "Como poderá *você* saber o que se passa dentro de minha linda cabecinha?" — sugeria ser impossível qualquer "rapport" real entre eles.

"*Finnegans Wake?*", respondeu o Dr. Jung à minha pergunta. "Li partes dele em revistas mas foi como ficar perdido numa floresta. Oh, não, não o consegui ler. O *Ulisses* sim, mas ainda não entendo por que tanta gente o lê, tantas edições foram publicadas." [5]

"Bem, certamente era preciso que certas coisas fossem ditas. Na década de 1920, as pessoas queriam ver em letra de imprensa aquilo que não podiam elas mesmas expressar, sobre a vida, o sexo... Essa geração estava começando a libertar-se de tanta coisa; é difícil entendermos hoje a situação dela. Depois, parece-me que muitos problemas inerentes à obra de Joyce também são os do mundo atual, em especial o ajustamento das relações pessoais à ciência, a questão do excesso de população..."

"Sim, sim, esse é o *grande* problema no mundo inteiro. Estive na Índia e vi a população subnutrida que aí nasce aos milhares, aos

4. Ver Ellmann, pp. 688-93, para uma descrição do tratamento psiquiátrico de Lucia Joyce por Jung, baseada principalmente numa entrevista que ele teve com Jung em 1953.

5. Para a carta bastante elogiosa de Jung a Joyce sobre *Ulisses*, em 27 de setembro de 1932, ver CW 15, p. 133, e *Letters*, vol. I.

milhares. Há a importante questão da produção de alimentos. Como poderá toda essa gente ser alimentada?"

O Dr. Jung espraiou-se nesse tema num caudal de frases ininterruptas, acompanhadas daquelas rápidas e inesperadas ilustrações que caracterizam a sua prosa. Quando se levantou para as despedidas, dei-me conta de seu rosto fresco e cheio, e de que havia em torno dele como que um halo de sedução, de fascínio irradiante, que era fruto da própria magnanimidade de seu espírito forte e saudável.

"Estou satisfeito," concluiu ele, "por não ter que enfrentar as dificuldades do futuro. Estarei com 80 anos em julho de 1955, você sabe. Elas serão grandes, muito grandes mesmo."

"Eu penso que o senhor cumpriu bem sua parte em ajudar outras pessoas. . . mais do que cabe numa vida inteira. Tentaremos encontrar uma saída, de qualquer jeito."

"Sim, sim." Quando retirava meu casaco da ante-sala, eu sabia que, por um longo hábito, ele estava me observando, avaliando. Com mais cuidado do que usual, como se quisesse deixar uma boa impressão, apaguei a luz e fechei a porta.

"Esta é uma velha casa?" perguntei, para preencher o hiato, antes do aperto de mão final.

"Não, mas foi construída num estilo antigo." Jung sorriu. "Você sabe, eu sou um conservador." [6]

6. Patricia Hutchins enviou a Jung um rascunho de sua entrevista, que ele devolveu, corrigida, e acompanhada de uma carta de 29 de junho de 1955; ver *Letters,* vol. 2. Jung disse não se recordar de ter escrito a Joyce em 1932, e acrescentou um interessante parágrafo sobre as relações de Joyce com sua filha como um exemplo clássico da teoria da anima.

# HOMENS, MULHERES E DEUS

O popular jornalista inglês Frederick Sands, então correspondente estrangeiro para o *Daily Mail* de Londres, entrevistou Jung em Küsnacht e publicou os resultados em cinco sucessivos artigos no *Daily Mail*, de 25 a 29 de abril de 1955. Jung tinha lido e aprovado o texto da entrevista. Os artigos de Sands eram encabeçados por frases provocantes extraídas das próprias palavras de Jung: "Chamar Às Mulheres o Sexo Fraco É Pura Besteira", "Você Tem Que Brigar Para Ser Feliz", etc. A 10 de setembro de 1961, três meses após a morte de Jung, o material dos primeiros dois artigos foi reorganizado e publicado com o título "O Problema Com As Mulheres" no suplemento dominical de vários jornais americanos: o *Washington Post*, o *New York Journal*, o *American Weekly* e outros. Escreveu Sands: "Foi a última entrevista concedida por esse ágil e empertigado ancião de mais de um metro e oitenta — e em muitos aspectos a mais extraordinária de todas... Pouco depois, falecia aos 85 anos".

O texto de 1955 é aqui reproduzido, mas os comentários do entrevistador são omitidos, e os de Jung são ligeiramente resumidos.

O mais importante interesse de um homem deve ser o seu trabalho. Mas uma mulher... o homem *é* o trabalho e o negócio dela. Sim, eu sei que soa como uma filosofia conveniente para o macho egoísta, quando digo isso. Mas o casamento significa um lar. E o lar é como um ninho... não tem espaço bastante para dois pássaros ao mesmo tempo. Um senta-se dentro, o outro empoleira-se na borda e olha à sua volta, e cuida de tudo o que for preciso fazer do lado de fora.

A presunção dos homens é, na maioria dos casos, um resultado de suas atividades profissionais. O grau que ela atinge é, por vezes, quase grotesco. A maioria dos homens têm medo de alguma coisa e estão cheios de preconceitos... que não existem no caso da maioria das mulheres. Os homens são propensos a ressentir-se de qualquer interferência em seu modo de pensar e em suas convicções íntimas. Esse é especialmente o caso com seu prestígio viril, que eles acham ter que ser preservado e defendido, mesmo quando não é ameaçado. Podem ter receio de estar doentes... ou de que se lhes diga que estão doentes; podem ter preocupações financeiras ou outras que suprimem. Mas, na grande maioria das vezes, estão sofrendo meramente de medo. Os homens, invariavelmente, não são francos e honestos com eles mesmos nem comigo.

Tantas mulheres clamam apenas por um melhor entendimento com seus maridos! Mas seus homens são incapazes de compreender isso... o que não é de estranhar, visto que os homens, de qualquer modo, não entendem as mulheres. Mas, por seu lado, as mulheres são incapazes de perceber que, nos negócios, seus maridos não são os monarcas no comando de tudo em que se ocupam. Na maioria das vezes, são uns pobres-diabos que têm de agüentar uma porção de coisas, de submeter-se, por exemplo, a um patrão atrabiliário. E o melhor remédio para isso é uma mulher compreensiva. Após um dia de trabalho em circunstâncias tão desagradáveis — tendo que "engolir sapos" e mostrar-se agradável com gente de que não gosta — um homem chega a casa, à tardinha, com vontade de enfiar um murro na cabeça de alguém. Mas, pelo contrário, espera-se que ele continue a tortura, sendo muito atencioso e amável com a esposa.

Uma mulher, é claro, também teve suas preocupações cotidianas com os filhos e os afazeres da casa. Ela gostaria de conversar a respeito disso. De fato, ela está predisposta a um papo. Mas o marido está cansado e taciturno. A mulher comum não pode visualizar os problemas de um homem. A secretária dele entende melhor o seu chefe do que a esposa.

Eu nunca me alonguei tanto com ninguém numa entrevista sobre esses assuntos. Provavelmente vou ver-me em apuros — especialmente com as mulheres — por causa de algumas coisas que disse.

*

Por baixo da pele, as mulheres são muito mais rijas e inflexíveis do que os homens. Chamar às mulheres o sexo fraco é pura besteira. Cuidado com aqueles tipos de rosto angelical que parecem sempre frágeis e impotentes, e falam em voz esganiçada. São as mais duras de todas. Acautelem-se e estejam preparados para tudo com as mulheres pacatas. O velho provérbio diz "Águas paradas correm fundo" — e esse é particularmente o caso das mulheres. Sei que isso parece malicioso, mas as mulheres silenciosas têm usualmente algumas surpresas reservadas para nós quando começamos esgaravatando um pouco abaixo da superfície.

As mulheres faladoras não devem ser tomadas ao pé da letra. Com freqüência, a conversa delas é apenas uma cortina. Muitas pessoas falam pelos cotovelos porque não querem discutir coisas essenciais. As mulheres que mais falam são as que menos pensam.

As mulheres vão me chamar cínico e antagonizar-me por ser tão franco. O instinto das mulheres é conquistar um homem e segurá-lo. O instinto do homem é conquistar tantas mulheres quantas lhe for possível. O homem esforça-se por não ser capturado, pelo

menos enquanto puder esquivar-se facilmente à sua perseguidora. É o instinto do animal corredor: escapar pela fuga.

A melhor presa de uma mulher é o homem que nenhuma outra mulher conseguiu capturar. Pegar um homem que qualquer mulher poderia ter pegado — isso torna o troféu relativamente desvalioso. Mas assim que ela agarra o seu homem, a mulher aferra-se-lhe com firmeza e assegura-se de que nenhuma outra mulher está de tocaia à distância. Isso é natural e necessário, pois é da natureza do homem pousar aqui e ali, e depois alçar vôo de novo...se puder!

Tenho uma dificuldade terrível em fazer as pessoas entenderem o que quero dizer! Toda a afirmação psicológica é também verdadeira quando se lhe dá a volta para significar o oposto. Isso é complicado... mas a natureza é assim.

Existe, por exemplo, um número considerável de homens muito viris que têm uma certa idéia da mulher que querem; vão direitos a uma mulher e nunca são perturbados por qualquer outra mulher. Tais homens, geralmente, ganham uma mulher a quem têm de vigiar o tempo todo, pois eles não são do gênero de permanecer dentro do ninho. E, se não forem cuidadosos, acabarão descobrindo a fêmea empoleirada do lado de fora, e fazendo seus vôos por conta própria, em sortidas ocasionais.

*

Uma mulher só está em seu apogeu quando ama um homem. O relacionamento pessoal é a sua necessidade básica, e quando as relações vacilam ela mostra-se cada vez mais descontente e briguenta, de um modo que redunda freqüentemente em divórcio. Mas isso certamente não significa que homens e mulheres devam permanecer plácidos. Pelo contrário, alguma tensão deve prevalecer em suas vidas cotidianas, pois de outro modo não poderá haver a relação ideal no sexo... e isto é um *must* entre marido e mulher.

Tive uma vez um "casal de aspecto ideal" que veio consultar-me. Alguma coisa andava errada. Quando os olhei, perguntei a mim mesmo o que poderia tê-los trazido até mim. Pareciam perfeitamente ajustados um ao outro em todos os aspectos e, como não tardei em descobrir, eram bafejados com todas as coisas materiais que a vida podia oferecer. Mas, finalmente, apurei que o verdadeiro problema era que eles se ajustavam *bem demais* um ao outro. Isso impedia a existência de qualquer tensão em suas relações íntimas. Coincidiam tanto em tudo que nada acontecia — uma situação tão embaraçosa quanto o extremo oposto de total incompatibilidade.

Considere isso em termos de vida cotidiana. Existe alguma probabilidade de uma conversa ser interessante quando você sabe de

antemão que o seu parceiro concordará com tudo o que você disser? Qual é a vantagem de discutir uma convicção já aceita e compartilhada por ambos como coisa banal? O incentivo para discutir morre; não existe potencial. Quando sabemos que a nossa opinião concorda em todos os pontos com a do nosso interlocutor, para que dá-la? E, sendo assim, o que é que resta para conversar?

É muito mais interessante e produtivo discutir algo a cujo respeito se sustentam diferentes pontos de vista. Pessoalmente, não tenho prazer nenhum numa discussão em que todos concordam comigo — não há obstáculos a superar, nenhuma tensão, nenhum fluxo produtivo. A diferença de opinião pode ser fecunda; as altercações também. São obstáculos no caminho da harmonização, da concordância, e tem que se fazer um esforço para superá-los. Mentalmente, moralmente, fisicamente — de todas estas maneiras a natureza criou uma diferença extrema entre homem e mulher, de modo que ele encontre seu oposto nela e ela nele. Isso gera tensão.

Se homem e mulher fossem a mesma coisa, estaríamos num beco-sem-saída. A terra seria estéril. Onde a terra é plana a água não corre; não tem para onde ir; estagna. Para produzir energia tem que haver opostos: um acima e um abaixo. Tem que haver uma diferença de nível e quanto maior ele for mais veloz e mais impetuosamente a água flui.

Para mim, uma mulher particularmente bela é uma fonte de terror. Uma bela mulher é, regra geral, um terrível desapontamento; como diz o provérbio inglês, "não se pode querer guardar o bolo e querer ao mesmo tempo comê-lo".

Nos homens, beleza e cérebro raramente se encontram juntos. O cérebro de um homem muito atraente, de belo físico, torna-se meramente o apêndice de seu maravilhoso torso.

*

Em meu retiro no campo, faço o que me agrada. Escrevo, pinto — mas gasto a maior parte do tempo deixando-me levar ao sabor de meus pensamentos.

Parece-me termos atingido o limite de nossa evolução — o ponto final donde não podemos avançar mais. O homem partiu de um estado inconsciente e nunca mais deixou de esforçar-se por obter maior consciência. O desenvolvimento da consciência é o fardo, o sofrimento e a bênção da humanidade. Cada nova descoberta leva a maior consciência, e o caminho que percorremos é meramente uma extensão dela. Isso inevitavelmente exige maior responsabilidade e impõe em nós próprios uma grande mudança. Devemos extrair con-

clusões daquilo que sabemos e descobrimos, e não aceitar tudo como axiomático.

O homem passou a ser o pior inimigo do homem. É um choque entre o homem e Deus, em que o gênio luciferino do homem produziu na bomba-H o poder de destruir mais eficientemente do que qualquer deus antigo. Devemos começar aprendendo a conhecer o homem até que cada Jekyll possa ver o seu Hyde.

As tensões da existência no século XX afetaram de tal modo a mente moderna que, em muitos países, as crianças deixaram de ser capazes de se concentrarem. Aqui em Zurique, professoras da parte superior do lago perguntaram-me por que é que já não são capazes de dar a seus alunos o currículo inteiro. As crianças, dizem elas, parecem incapazes de se concentrar, tornando cada vez mais precário o seu aproveitamento. Eu disse-lhes que a culpa está no cinema, rádio, televisão, no barulho contínuo dos automóveis e no estrondo dos aviões sobre nossas cabeças. Pois tudo isso são distrações.

As mesmas distrações afetam igualmente os adultos. É impossível entrar num hotel ou restaurante e manter uma conversa inteligente em torno de uma refeição ou de chá, porque as palavras são afogadas em música agressiva. Algum tempo atrás, eu estava num hotel de Nova Iorque e queria ter uma discussão com um professor americano. Foi impossível... desistimos. Nada tenho contra a música no tempo e lugar adequados, mas nos dias atuais não podemos livrar-nos dela onde quer que estejamos. Acabo de chegar de Ticino, na Suíça italiana, onde todos adoram música. Mas quando ligaram o rádio no restaurante fiquei tão exasperado que fui lá e arranquei a tomada.

O jazz e todo esse tipo de coisa é de uma mediocridade imbecilizante. Mas pior ainda é quando resolvem tocar música erudita em tais lugares. Bach, por exemplo. Bach fala com Deus. Eu sinto-me empolgado por Bach. Mas seria capaz de matar um homem que toque Bach num ambiente banal.

Os coquetéis e tudo o que eles representam são outra praga. Eles simplesmente liquidam com toda a conversação interessante. A maioria das pessoas que participam de um coquetel só são capazes de manter uma conversa decente depois do terceiro drinque. Mas o pior de tudo é a televisão.

*

Sem o saber, o homem está sempre preocupado com Deus. O que algumas pessoas chamam instinto ou intuição não é outra coisa senão Deus. Deus é aquela voz dentro de nós que nos diz o que fazer e o que não fazer. Por outras palavras, é a nossa consciência.

Nesta nossa idade atômica das trevas, com o medo espreitando em cada esquina, o homem busca uma orientação, um guia. Consciente ou inconscientemente, ele está uma vez mais procurando Deus às apalpadelas. Faço meus pacientes entenderem que tudo o que lhes acontece contra a vontade deles é fruto de uma força superior. Podem chamar-lhe Deus ou diabo, isso não tem a mínima importância para mim, desde que se apercebam de que é uma força superior. Deus nada mais é do que essa força superior em nossa vida. Podemos ter a experiência de Deus todos os dias.

Existem, por exemplo, as "estranhas repetições" que acontecem na vida de certos indivíduos. Muitos pacientes vêm ver-me a respeito disso. Eles querem saber, muito naturalmente, por que motivo essas coisas se repetem, se a causa reside nelas mesmas e se há alguma coisa que possam fazer para lhes pôr fim. Essas repetições podem ser tão conspícuas que — sobretudo se forem desagradáveis — a pessoa é capaz de começar sentindo-se vítima de alguma forma sinistra de perseguição. Devemos estabelecer uma diferença clara entre isso e a mania de perseguição de uma mente instável. As repetições são, com muita freqüência, genuínas e não meramente imaginadas.

Certa vez, eu estava passeando no jardim de minha casa com uma senhora que me consultou. Ela disse-me, entre outras coisas, que sempre que estava no campo era atacada por pássaros — pássaros negros. Mal nos distanciamos da casa quando várias gralhas se aproximaram e, batendo as asas e grasnando furiosamente, ficaram esvoaçando em torno da minha paciente, sem se importarem comigo. Uma delas chegou até a dar uma bicada na nuca da senhora, antes que eu as enxotasse todas.

Um outro caso estranho: Eu tratei de três filhas e a mãe delas. As três jovens tinham constantemente sonhos terríveis a respeito da senhora mais velha, que era um modelo de mãe. Sonhavam com ela como se fosse um animal selvagem. Anos depois, ela tornou-se propensa a sérias crises de melancolia, durante as quais agia como se fosse um animal selvagem.[1]

O fato é que, o que acontece a uma pessoa é característico dela. Representa um padrão e todas as peças se ajustam. Uma por uma, à medida que a vida se desenrola, elas encaixam-se em seus lugares, de acordo com algum plano predeterminado.

Tudo o que aprendi levou-me, passo a passo, a uma inabalável convicção sobre a existência de Deus. Eu só acredito naquilo que sei. E isso elimina a crença. Portanto, não baseio a Sua existência na crença... eu *sei* que Ele existe.

---

1. Cf. *The Development of Personality*, CW 17, § 107.

# AS ENTREVISTAS DE STEPHEN BLACK

Stephen Black entrevistou Jung em julho de 1955, a fim de gravar material para um programa dedicado ao 80.º aniversário de Jung, a 26 de julho. Além de uma entrevista radiofônica (n.º 3, adiante), Black realizou uma entrevista para o programa "Panorama" da BBC Television, da qual foi transmitido um segmento de cerca de 6 minutos (n.º 2, adiante). A conversa teve lugar no terraço da casa de Jung em Küsnacht; os sons de um barco a motor no lago e a música num balneário próximo são por vezes audíveis. Emma Jung estava sentada ao lado de seu marido — ela é vista no filme — mas não tomou parte na entrevista.

Subseqüentemente, Stephen Black abandonou a radiodifusão, formou-se em medicina e emigrou para a Nova Zelândia.

## 1

*Professor Jung, poderia dizer-nos como aconteceu que a medicina psicológica passasse a estar tão nitidamente dividida, na primeira metade deste século, em filosofias freudiana, adleriana e junguiana?*

Bem, assim é. Sempre nos primórdios de uma nova ciência, ou quando um novo problema é enfrentado pela ciência, existem necessariamente muitos aspectos diferentes, sobretudo numa ciência como a psicologia e, em especial, quando um fator absolutamente novo interveio na discussão.

*Que fator foi esse?*

Neste caso, foi o inconsciente... o conceito de inconsciente. Antes, era um conceito filosófico, na filosofia de Carl Gustav Carus e depois de seu discípulo, Eduard von Hartmann. Mas era um conceito meramente especulativo. O inconsciente era, no começo, uma espécie de conceito filosófico mas, através das descobertas de Freud, tornou-se um conceito médico prático, porque ele descobriu esses mecanismos ou conexões... Freud fez disso uma ciência médica. É um conceito empírico.

*Uma ciência médica empírica.*

Era uma proposta inteiramente nova. E, naturalmente, no começo é possível um grande número de opiniões, quando não se está

ainda suficientemente familiarizado com os fenômenos. Fazia-se necessário muitos experimentos e muita experiência até que se pudesse estabelecer uma terminologia geral, por exemplo, ou mesmo uma doutrina. Ora, eu nunca cheguei ao ponto de produzir uma doutrina geral, porque sempre senti que não sabemos o bastante para isso. Mas Freud iniciou a teoria muito cedo, e o mesmo fez Adler, porque isso pode ser explicado pela necessidade humana de certezas. Você sente-se completamente perdido num campo tão imenso como o representado pela psicologia. E é preciso que haja algo a que apegar-se, alguma orientação, por assim dizer, e essa é provavelmente a razão por que esse gênero de psicologia se empenhou em formular teorias quase desde o início. Pelo menos, as teorias foram concebidas num momento em que ainda não se conhecia o suficiente sobre o papel da psicologia do inconsciente. Esse é o meu ponto de vista pessoal, e por isso me abstive de formar teorias.

*Quando foi que se encontrou com Freud pela primeira vez... quando foi isso, em 1906?*

Foi em 1907.

*Descreve esse encontro para mim?*

Oh, bem, fui visitá-lo em Viena e ficamos conversando treze horas sem interrupção.

*Treze horas sem interrupção?*

Exatamente, treze horas a fio. Não nos demos conta de que estávamos quase mortos no final, mas foi tremendamente interessante.

*Discutiram?*

Sim, eu discuti, até um certo ponto. É claro, vendo-o pela primeira vez, eu tinha que me orientar primeiro. Também tinha que ouvir, naturalmente, o que ele expunha. E eu era muito jovem ainda, ao passo que ele era o velho, com grande experiência e que estava mais adiantado do que eu, de modo que me preparei para aprender alguma coisa primeiro.

*E depois, em 1912, o senhor publicou "A Psicologia do Inconsciente".*

Bem, em 1912, eu já tinha adquirido considerável experiência pessoal e aprendido muito sobre Freud, e então vi certas coisas sob um diferente prisma.

*Desligou-se então de Freud.*

Sim, porque não podia compartilhar de suas opiniões e convicções a respeito de certas coisas. Quer dizer, em certos pontos nada

tenho a argumentar contra ele mas, em outros aspectos, discordo inteiramente.

*Sobre que discordou mais, nessa época?*

Bem, era principalmente a interpretação de fatos psicológicos. Ele defendia o ponto de vista do materialismo científico, o que eu considero um preconceito, uma espécie de pressuposto metafísico, que eu excluo.

*Em sua opinião, qual será o resultado final dessa espécie de briga científica entre as várias escolas de psicologia médica?*

Hoje, trata-se certamente de uma espécie de briga mas, com o passar do tempo, acontecerá o que sempre aconteceu na história da ciência. Veremos que certos pontos serão aproveitados das idéias de Freud, outros das idéias de Adler e alguma coisa de minhas idéias. Não está em questão a vitória de uma idéia sobre as outras, de um modo de ver as coisas sobre os outros. Tais vitórias só são obtidas quando se trata de uma questão de presunção, de convicções, por exemplo, convicções filosóficas ou religiosas. Mas em ciência nada disso existe, há tão-somente a verdade, tal como podemos vê-la.

*Obrigado. Professor Jung, existe hoje no mundo uma corrente de opinião segundo a qual nem tudo está correndo bem com a técnica da psicanálise: é excessivamente demorada, consome um número excessivo de médico-horas, custa muito dinheiro. O senhor também sente isso a respeito de sua técnica de psicologia analítica?*

Isso é perfeitamente verdadeiro. Leva muito tempo, custas muito dinheiro, requer as pessoas certas para exercê-la e elas são poucas. Mas isso foi previsto. É da própria natureza da coisa. A alma humana é muito complexa e, por vezes, consome-se metade da vida para chegar a algum ponto concreto no desenvolvimento psicológico de um indivíduo. Nem sempre é, em absoluto, uma questão de psicoterapia ou de tratamento de neurose. A psicologia também tem o aspecto de um método pedagógico na mais ampla acepção da palavra. Tem algo de...

*Um sistema de educação.*

É uma educação. É algo como a filosofia antiga. E não o que entendemos por uma técnica. É algo que diz respeito à totalidade do homem e que a desafia — no paciente ou em quem que seja a parte que recebe, bem como no médico.

2

*Mas também é um processo terapêutico.*

Sim, você sabe que esse procedimento tem muitos estágios ou níveis. Se tomarmos um caso comum de neurose, por exemplo, o procedimento poderá ir até à cura dos sintomas ou fazer com que

o paciente adote aquela atitude que lhe possibilite lidar com a sua neurose. Por vezes, isso levará uma semana, outras vezes alguns dias e, em certos casos, bastará uma única consulta para resolver o problema. Trata-se, é claro, de uma questão de saber onde ou o quê... e isso requer uma considerável soma de experiência. Mas outros casos requerem muito tempo e não podemos mandar o paciente embora porque, de qualquer modo, ele não iria. Eles querem saber mais, realizar todo o seu processo de desenvolvimento, que vai de estágio em estágio, numa progressiva ampliação do horizonte mental. Você não pode imaginar como as pessoas, hoje em dia, são unilaterais. E assim, não pode pôr-se fim ao trabalho de aperfeiçoar as pessoas, de torná-las mentalmente mais desenvolvidas, mais conscientes. E elas insistem tanto nisso que nada neste mundo as faria abandonar o tratamento. E não vacilam em gastar dinheiro com isso.

*Professor Jung, de que modo isso se compara com a religião, com a prática religiosa?*

Eu preferia dizer: como se compara com a filosofia antiga? Você sabe, as nossas religiões são conhecidas como credos, como confissões de fé. Ora, é claro, isso nada tem a ver com um credo. Tem unicamente a ver com o processo de individuação natural, ou seja, o processo que, por assim dizer, se inicia com o nascimento. Cada planta, cada árvore, cresce a partir de uma semente e torna-se, no final, digamos, um carvalho ou um pinheiro. E assim o homem torna-se o que está destinado a ser. Pelo menos, ele deve chegar lá. Mas a maioria foi detida no caminho por condições externas desfavoráveis, toda a espécie de obstáculos ou distorções patológicas, educação errada — uma quantidade interminável de razões para não se atingir a meta a que cada pessoa está destinada, o nível final a que ela pertence.

*Hoje, há mais gente nessas condições do que há cinqüenta anos, quando o senhor começou?*

Não existem estatísticas e eu não arriscaria uma opinião a esse respeito. Mas apenas sei que existe uma quantidade fantástica de pessoas que foi desnecessariamente detida em seu processo de individuação. Elas poderiam ir muito mais longe se tivessem ouvido as coisas adequadas ou se tivessem reservado para si mesmas o tempo necessário. Mas não é muito popular, você sabe, a pessoa gastar tempo consigo mesma, porque o nosso ponto de vista é inteiramente extrovertido.

*Uma última pergunta. O senhor definiu os tipos extrovertido e introvertido de personalidade. O senhor qual deles é?*

Oh, bem. [Risos] Todos me chamariam um introvertido.

*O senhor é um introvertido. E Freud o que era?*

Eis uma pergunta bem difícil de responder. Freud é... e ele nunca o escondeu... um tipo neurótico. E torna-se muito difícil identificar o tipo real. É preciso observar por muito tempo que conteúdo mental é inconsciente e qual é consciente. E, mesmo assim, só se poderá dizer que o tipo original deve ser este ou aquele. Eu diria que o ponto de vista de Freud é extrovertido. Mas quanto ao seu tipo pessoal, eu não especularia.

*E Adler?*

Ele é igualmente introvertido.

*Ele ampliou a sua definição de complexo, de modo a incluir o complexo de inferioridade. Qual é a sua opinião a respeito desse tão importante complexo de inferioridade?*

Bem, é uma coisa que certamente desempenha um enorme papel, quase tão grande quanto o complexo sexual. O complexo sexual pertence a um tipo hedonista de homem que pensa em função de seu prazer e desprazer, ao passo que existe uma outra categoria de homem, principalmente o homem que não teve êxito, que pensa em termos de poder e derrota; e, para ele, é muito mais importante obter um triunfo em qualquer área do que todo o seu problema de sexo.

*Em sua opinião, em que termos deveríamos pensar?*

Obviamente, a vida tem os dois aspectos, ou seja, a autopreservação e a preservação da espécie. Aí temos as duas coisas. Ninguém em seu perfeito juízo rejeita uma coisa ou a outra. Temos sempre os dois aspectos, porque o nosso objetivo final é sermos equilibrados.

## 3

Durante a sua visita a Küsnacht, Stephen Black também realizou uma entrevista para a rádio da BBC. De acordo com os arquivos da BBC, essa entrevista foi gravada em 29 de julho de 1955, e radiodifundida como parte de uma série intitulada "Personal Call", a 3 de outubro. O texto foi impresso como apêndice do livro de E. A. Bennet, *C. G. Jung* (Londres, 1961), e o Dr. Bennet datou-o de 24 de julho. Os direitos autorais do texto foram cedidos pela BBC ao Dr. Bennet, que amavelmente consentiu na sua publicação aqui.

*"Vocatus atque non vocatus deus aderit" é uma tradução latina do oráculo grego, que se traduziria assim: "Invocado ou não invocado, o deus estará presente". E, sob muitos aspectos, isso expressa a filosofia de Carl Jung. Estou sentado agora numa sala de sua casa*

*em Küsnacht, perto de Zurique, na Suíça. E quando passei pela porta principal, li essa tradução latina do grego gravada em pedra sobre a porta. Pois esta casa foi construída pelo Professor Jung. Há quantos anos, Professor Jung?*

Oh, há quase cinqüenta anos.

*Por que escolheu esse dístico para a sua porta?*

Porque quis expressar o fato de que me sinto sempre inseguro, como se estivesse na presença de possibilidades superiores.

*O Professor Jung está agora sentado à minha frente. É um homem de elevada estatura, entroncado, e completou neste verão 80 anos de idade. Tem o cabelo branco, um rosto muito poderoso, um pequeno bigode branco e olhos castanhos e profundos. Recorda-me, com todo o respeito, Professor Jung, um típico camponês suíço. O que é que o senhor acha a respeito disso, Professor Jung?*

Bem, você não passou longe do alvo, penso eu. É o que eu tenho sido freqüentemente chamado...

*E, no entanto, o Professor Jung é um homem cuja reputação transcende em muito as fronteiras deste pequeno país. A sua fama é não apenas européia mas mundial e faz-se sentir consideravelmente até no Extremo Oriente. Professor Jung, como foi que o senhor, como médico, se interessou pela medicina psicológica?*

Bem, quando era estudante de medicina, eu já nessa época me interessava pelo aspecto psicológico, principalmente as doenças mentais. Estudei, além das matérias médicas, é claro, também a filosofia de Kant, Schopenhauer e outros. Descobri que, nesses tempos de materialismo científico, era muito difícil traçar uma linha média entre a ciência natural ou medicina e meus interesses filosóficos. E, no último ano de meus estudos médicos, antes do meu exame final, descobri a breve introdução que Krafft-Ebing tinha escrito para o seu compêndio de psiquiatria. De súbito, entendi a ligação existente entre psicologia, filosofia e ciência médica.

*Isso foi devido, então, à introdução de Krafft-Ebing para o seu compêndio?*

Sim. E causou-me então uma tremenda emoção. Fui dominado por uma espécie repentina de compreensão intuitiva. Não seria capaz, nessa época, de a formular claramente, mas senti que tinha tocado num ponto focal. E tomei na hora a decisão de me tornar psiquiatra, porque havia uma oportunidade de unir os meus interesses filosóficos com a ciência natural e a ciência médica. Esse foi o meu principal interesse daí em diante.

*O senhor diria que o seu súbito interesse intuitivo por algo como isso, a sua compreensão intuitiva, foi explicado, até certo ponto, pelo seu trabalho ao longo de todos os anos desde então?*

Oh, sim, certamente. Mas, como sabe, um tal momento intuitivo contém a coisa toda *in nucleo*. Não está claramente formulada; é uma totalidade indescritível; mas esse momento foi a verdadeira origem da minha carreira como cientista psicológico médico.

*Assim, foi Krafft-Ebing, de fato, e não Freud quem deu o sinal de partida?*

Oh, sim, eu travei conhecimento com Freud muito mais tarde.

*E quando conheceu Freud?*

Foi em 1907. Troquei alguma correspondência com ele antes dessa data, mas só o conheci pessoalmente em 1907, depois de eu ter escrito o meu livro *A Psicologia da Demência Precoce*.[1]

*Foi esse o seu primeiro livro?*

Não, não foi realmente o meu primeiro livro. O livro sobre demência precoce veio depois da minha tese de doutorado, em 1904.[2] Depois, os meus estudos subseqüentes sobre o experimento de associação[3] abriram o caminho para Freud, porque vi que o comportamento do complexo fornecia a base experimental necessária a Freud para desenvolver suas idéias sobre repressão. E essa foi a razão e a possibilidade de nosso relacionamento.

*Gostaria de descrever agora esse encontro?*

Fui a Viena e fiz-lhe uma visita, e o nosso primeiro encontro durou treze horas.

*Treze horas?*

Durante treze horas ininterruptas falamos, falamos e falamos. Foi um *tour d'horizon*, em que tentei decifrar a mentalidade peculiar de Freud. Ele era então para mim um fenômeno bastante estranho, como era para toda a gente nesse tempo; e foi então que discerni muito claramente qual era o seu ponto de vista, assim como pude vislumbrar alguns indícios daquilo em que viríamos a divergir.

*Em que sentido era Freud uma personalidade peculiar?*

---

1. Em CW 3.
2. "On the Psychology and Pathology of So-called Occult Phenomena", CW 1.
3. Em CW 2.

Bem, isso é difícil de dizer. Ele era um homem deveras impressionante e obviamente um gênio. Entretanto, era preciso conhecer a atmosfera peculiar de Viena naqueles tempos; eram os últimos dias do velho império e Viena sempre foi, espiritualmente e em todos os aspectos, um lugar com um caráter muito específico. E, em especial, a *intelligentsia* judaica era um fenômeno impressionante e peculiar — pelo menos para nós, suíços. Nós éramos, claro, muito diferentes e precisei de algum tempo para compreender isso.

*O senhor diria, portanto, que as idéias e a filosofia que tem exposto possuem, na raiz, algo que é peculiarmente suíço?*

Presumivelmente. Você sabe, a nossa neutralidade política tem muito a ver com isso. Sempre estivemos cercados pelas grandes potências — essas quatro potências, Alemanha, Áustria, Itália e França — e tínhamos que defender a nossa independência, de modo que o suíço caracteriza-se por esse espírito peculiar de independência e sempre reserva seu julgamento. Não imita facilmente, nem aceita as coisas como axiomáticas.

*E o senhor, Professor Jung, é um homem que reserva seu julgamento?*

Sempre.

*Em 1912, escreveu um livro intitulado* Psicologia do Inconsciente,[4] *e foi nessa época que, por assim dizer, se dissociou de Freud?*

Bem, isso aconteceu quase automaticamente, porque desenvolvi nesse livro certas idéias que eu sabia de antemão não poderem ser aprovadas por Freud. Conhecendo o seu materialismo científico, eu sabia ser esse o gênero de filosofia que ele não poderia subscrever.

*A sua filosofia, para usar a sua própria terminologia, era introvertida?*

Não. A minha era meramente o ponto de vista empírico. Não pretendia conhecer tudo, queria apenas fazer a experiência do mundo para ver o que as coisas são.

*O senhor acusaria Freud de se ter envolvido no misticismo dos termos?*

Não, não o acusaria; era apenas um estilo da época. De certo modo, pensar sobre coisas psicológicas era, tal como me parece, simplesmente impossível... demasiado simples. Nesse tempo, fala-

4. A tradução de *Wandlungen und Symbole der Libido* (1912); revisto em 1952 como *Symbole der Wandlungen* (Símbolos de Transformação), CW 5.

va-se da doença psiquiátrica como de uma espécie de subproduto do cérebro. Brincando com meus alunos, contei-lhes a respeito de um velho compêndio para uso no serviço médico do exército suíço, o qual apresentava uma descrição do cérebro como tendo o aspecto de um prato de macarrão, e a haste que saía da parte de baixo do macarrão era a psique. Essa era a noção antiga, e era demasiado simples. Então eu disse: "A psicologia é a ciência dos fenômenos psíquicos". Podemos observar se esses fenômenos são produzidos pelo cérebro ou se aí estão independentemente dele... se são simplesmente aquilo que são. Não tenho teoria sobre a origem da psique. Tomo os fenômenos tal como são, tento descrevê-los e classificá-los, e a minha terminologia é empírica, tal como a terminologia da botânica ou da zoologia.

*O senhor viajou muito?*

Sim, bastante. Estive com os índios Navajo, na América do Norte, e na África do Norte, na África Central e Oriental, no Sudão e no Egito, e na Índia.

*Acha que o pensamento oriental está, de algum modo, mais adiantado do que o ocidental?*

O pensamento oriental não pode ser comparado com o do ocidente; ele é incomensurável. É uma outra coisa.

*De que modo difere, então?*

Bem, eles são mais influenciados do que nós pelos fatos básicos acerca da psicologia.

*Isso soa mais à sua própria filosofia...*

Ah, sim; de fato. Essa é a minha compreensão particular do Oriente, e o Oriente pode apreciar melhor as minhas idéias, porque eles estão mais bem preparados para ver a verdade da psique. Alguns pensam que não existe nada na mente quando uma criança nasce, mas eu afirmo que tudo está na mente quando a criança nasce, só que ainda não está consciente. Existe como potencialidade. Ora, o pensamento oriental baseia-se principalmente nessa potencialidade.

*E isso contribui para a felicidade das pessoas, de um modo ou de outro? As pessoas são intimamente mais felizes no Oriente?*

Não penso que elas sejam mais felizes do que nós. Você sabe que elas estão mergulhadas numa infinidade de problemas, de doenças e conflitos; esse é o destino humano dessa gente.

*A infelicidade delas baseia-se em dificuldades psicológicas, como as nossas, ou baseia-se mais em seu meio ambiente físico, em sua economia?*

Não existe diferença entre, digamos, condições sociais desfavoráveis e condições psicológicas desfavoráveis. No Ocidente, podemos estar em condições sociais altamente favoráveis e sermos tão infelizes quanto for possível... por dentro. O problema está dentro de nós. Eles, pelo contrário, enfrentam mais problemas do lado de fora.

*E tem alguma opinião sobre os motivos dessa infelicidade de que sofremos aqui?*

Oh, sim, existem muitas razões. Valores errados... acreditamos em coisas que não são realmente valiosas. Por exemplo, quando um homem tem só um automóvel e o seu vizinho tem dois, isso é para ele um fato muito triste e passível de o tornar neurótico.

*Em que outros aspectos os nossos valores estão errados?*

Bem, todas as ambições e todas as espécies de coisas... ilusões de qualquer espécie. É impossível apontar aqui todas essas coisas.

*Qual é a sua opinião, Professor Jung, sobre o lugar das mulheres na sociedade, no mundo ocidental?*

Em que sentido? A pergunta é um tanto vaga.

*O senhor acaba de dizer que algumas das nossas dificuldades decorrem de valores errados, e estou procurando apurar se considera que esses valores errados são alimentados nos homens em conseqüência das exigências de mulheres.*

Por vezes, é claro, isso ocorre mas, com muita freqüência, é a fêmea num homem que o está iludindo e desorientando. A anima no homem, o seu lado feminino, do qual ele não tem verdadeiramente consciência, é que causa nele seus ressentimentos, suas variações de humor, seus preconceitos.

*De modo que a mulher que quer dois carros porque um casal vizinho tem dois carros, é apenas estimulante...?*

Não, talvez ela simplesmente dê voz ao que ele já sente há muito tempo. Ele não se atreveria a expressá-lo, mas a mulher expressa-o... ela talvez seja ingênua demais para dizê-lo.

*E o que é que o homem expressa do animus da mulher?*

Bem, ele é definitivamente contra isso, porque o animus sempre o enfurece, provoca as emoções, os sentimentos e as manifes-

tações caprichosas da anima; ferem mutuamente os nervos. Escute a conversa entre um homem e a esposa quando existe uma certa dose de emoção no ambiente. Você ouvirá todos os maravilhosos argumentos de uma anima no homem; ele fala então como uma mulher, e ela fala como um homem, com opiniões muito definidas e sabe tudo a respeito.

*Acha que existe alguma esperança de ajustar isso entre um homem e uma mulher, se eles se entenderem nos termos propostos pelo senhor?*

Bem, essa é uma das principais razões por que tenho desenvolvido uma certa psicologia das relações — por exemplo, o relacionamento no matrimônio, e como um homem e sua esposa devem entender-se mutuamente, ou como na prática não se entendem. Esse é todo um capítulo da psicologia, e um dos mais importantes.

*Qual é o comportamento básico? O oriental?*

Nem um nem outro. O Oriente é tão unilateral à sua maneira quanto o ocidental, à nossa maneira. Eu diria que a posição da mulher no Oriente é mais natural ou melhor do que entre nós. As civilizações desenvolveram estilos. Por exemplo, um francês, um italiano ou um inglês mostram maneiras muito diferentes e muito características de lidar com suas respectivas esposas. Suponho que conhece muitos casais ingleses, e que sabe como um cavalheiro inglês lidaria com a esposa no caso de dificuldades, por exemplo; e se comparar isso com um casal italiano, verificará todas as diferenças do mundo. A Itália cultiva as emoções. Os italianos gostam de emoções e de as dramatizar. Os ingleses não.

*E na Índia ou Malaia?*

Na Índia, presumivelmente, é a mesma coisa; não tive oportunidade de ajudar num problema familiar na Índia, felizmente. Eram umas férias longe da Europa, onde tivera que ocupar-me de um número quase excessivo de problemas familiares de meus pacientes; isso era o pão meu de cada dia.

*O senhor diria, portanto, como observação científica, que existem, de fato, menos problemas conjugais no Oriente do que no Ocidente?*

Eu não poderia afirmar isso. Existem lá outros tipos de problemas familiares. Eles vivem, por assim dizer, empilhados, vinte e cinco pessoas metidas numa casinha de nada, e a avó fiscalizando tudo, o que é um problema terrível. Felizmente não temos essas coisas aqui.

*No final de sua vida, pressente-se que Freud estaria sentindo certa insatisfação com a natureza da psicanálise, a duração de tempo envolvido no tratamento da doença mental etc. O senhor, agora em seus oitenta anos, já sentiu alguma insatisfação com o seu trabalho?*

Não; não posso dizer isso. Sei que não estou descontente, em absoluto, mas não tenho ilusões sobre a dificuldade da natureza humana. Freud foi sempre um pouco impaciente; alimentava sempre a esperança de encontrar um caminho mais curto. E eu sabia ser precisamente essa a coisa que ele não encontraria, porque qualquer coisa que seja boa é dispendiosa. Exige tempo, requer uma infinita paciência. Não posso dizer que estou descontente. E sempre pensei que, se alguma coisa é boa, exigirá tempo, toda a nossa paciência... e será cara. Não se pode evitar isso.

*Como conheceu sua esposa? Ela está relacionada com o seu trabalho?*

Eu conheci-a quando ela era muito jovem, uns 15 ou 16 anos, e aconteceu simplesmente que, ao vê-la, disse para um amigo meu... eu estava então com 21 anos... eu disse: "Aquela é a minha mulher".

*Antes de ter falado com ela?*

Sim. "Aquela é a minha mulher." Eu sabia. Vi-a no patamar de uma escadaria e tive imediatamente a certeza: "Aquela é a minha mulher".

*Quantos filhos tiveram?*

Cinco filhos, dezenove netos e dois bisnetos.

*Alguém, nessa numerosa família, seguiu os seus passos?*

Bem, o meu filho é arquiteto e um tio meu era arquiteto. Nenhum deles estudou medicina... todas as minhas filhas casaram... mas estão todos muito interessados e "receberam a coisa" em casa, através da atmosfera. Tenho um sobrinho médico.

*O senhor esteve realmente interessado em arquitetura?*

Ah, sim! Muito. Construí com as minhas próprias mãos. Aprendi o ofício de pedreiro. Fui para uma pedreira, a fim de aprender como cortar pedras... grandes rochas.

*E também a colocar tijolo, a colocar pedras?*

Bem, na Europa, trabalhamos com pedra. Na realidade, eu construí parte de minha casa em Bollingen.

*E por que fez isso?*

Queria manipular e ter a sensação da pedra e o contato da terra... Trabalhei muito na horta, derrubei árvores, cortei lenha, e tudo isso. Quando era moço, gostava de velejar, remar e escalar montanhas.

*Poderia explicar quais são, em seu entender, as origens desse desejo de contato com a terra? Nós, na Inglaterra, cultivamos muito esse desejo; todo o inglês tem seu pequeno jardim. Todos nós amamos a terra.*

É claro. Bem, você sabe... como poderemos explicar isso em poucas palavras?... nós amamos a terra e a terra ama-nos. E, portanto, a terra dá frutos. Isso acontece até com o camponês que quer tornar sua terra fértil e, na noite de lua cheia, vai dormir com sua mulher no campo lavrado.

*Professor Jung, qual pensa o senhor que será o efeito sobre o mundo dos vivos, o mundo em que estamos vivendo e onde talvez tenhamos de continuar ainda a viver, sob a ameaça da bomba de hidrogênio?*

Esse é um problema muito grande. Penso que o Ocidente é mais afetado por isso do que o Oriente, porque os orientais têm uma atitude muito diferente em face da morte e destruição. Pense, por exemplo, no fato de que praticamente a Índia toda acredita em reencarnação, assim que, quando alguém perde a vida, tem uma porção de outras vidas à espera dele. Logo, isso não tem grande importância. Além disso, este mundo é uma ilusão, de qualquer modo, e assim, quando alguém perde esta vida, a coisa não é assim tão ruim. E se você tem esperança numa outra vida melhor, bem, você tem possibilidades ilimitadas à sua frente. Como no Ocidente só há uma vida, posso imaginar, portanto, que os ocidentais fiquem mais perturbados pela possibilidade de profunda destruição do que os orientais. A maior parte da população européia já nem na imortalidade acredita mais; e, assim, uma vez destruída, destruída para sempre. Isso explica em boa parte a reação no Ocidente. Somos mais vulneráveis por causa da nossa falta de conhecimento e contato com as camadas mais profundas da psique. Mas o Oriente está melhor defendido nesse aspecto, porque se baseia nos fatos fundamentais da alma humana e acredita mais nela e em suas possibilidades do que o Ocidente. E isso é um ponto de incerteza no Ocidente. É um ponto muito crítico.

# UMA ENTREVISTA NO 80.º ANIVERSÁRIO

Michael Schabad entrevistou Jung em sua casa de Küsnacht no dia 22 de julho de 1955, uma sexta-feira chuvosa. O seu artigo foi publicado a 26 de julho no *National-Zeitung* (Basiléia). A sua tradução foi condensada. (Quem era Schabad? Os redatores do *National-Zeitung* não se recordam.)

Jung recebe-me com perfeita cortesia e grande afabilidade. É alto, uma figura ereta que não lembra, de maneira nenhuma, a figura de um patriarca. Tem o rosto corado, o cabelo branco cortado curto, e exibe uma vasta fronte, olhos castanhos e um nariz dinárico. A voz é ressonante, sua maneira de falar animada e os gestos expressivos. Fervilha de idéias, lembranças e citações, e dá uma impressão de muito mais moço do que as suas fotografias.

Comecei a entrevista abordando suas relações com Sigmund Freud durante os últimos anos de vida do brilhante pai da psicanálise. A minha pergunta foi muito concreta: "Professor, o senhor felicitou Freud por ocasião do seu 80.º aniversário?"

A resposta foi não, e Jung explicou detalhadamente porquê. Por volta de 1933, ele tinha enviado um paciente a Freud, em Viena, com um minucioso relatório médico e uma carta amistosa.[1] Freud não respondeu. Desde então, nunca mais tiveram qualquer contato.

"Sempre reconheci a grandeza e o gênio de Freud, mas ele era extremamente teimoso. Tinha surgido inesperadamente e o mundo era-lhe hostil. Ele *tinha* que ser obstinado para ganhar aceitação. Se não tivesse sido obstinado, a sua teoria talvez ficasse desconhecida por muito tempo. Assim, Freud tinha que dizer para si mesmo: 'Estabelecer-me-ei como um rochedo de bronze'. Certa vez, ele disse-me: Temos que converter a teoria do inconsciente num dogma, torná-la irremovível. Por que um dogma, respondi eu, uma vez que, mais cedo ou mais tarde, a verdade terá que vencer? E Freud explicou: Precisamos de um dique contra a maré negra de lama do ocultismo." [2]

1. Na realidade, em 1923. Ver *The Freud/Jung Letters*, carta final.
2. Ver *Memories, Dreams, Reflections*, p. 150/147 e ss.

C. G. Jung deu uma risada e seus olhos faiscaram. E prosseguiu rapidamente: "Mesmo no início de meu trabalho sobre o teste de associação, isto é, depois de 1904, apercebi-me de que os complexos nem sempre são o resultado de repressões. Os complexos são autônomos e obedecem a leis próprias. Existem complexos que nunca foram conscientes e que, portanto, não podem ter sido reprimidos. Para Freud, o inconsciente era principalmente material reprimido, uma lixeira onde se jogam as experiências desagradáveis. Mas o inconsciente é muito mais do que isso."

Referi-me a um outro conceito freudiano do inconsciente, e citei Freud de cor: "Tudo na psique era inicialmente inconsciente; a qualidade de consciência pode ou não desenvolver-se subseqüentemente." Jung admitiu isso, mas insistiu em que, quando Freud desenvolveu sua teoria, concentrou-se principalmente na repressão. Sugeri que isso tinha sido provavelmente necessário por razões práticas, uma vez que, segundo Freud, a repressão é que era patogênica.

Desviei a nossa conversa para Alfred Adler. Para sublinhar a grande superioridade de Freud sobre Adler, Jung descreveu um largo gesto com o braço: "Adler tinha apenas *uma* idéia. Era uma boa idéia, mas ele não foi além de uma psicologia de mestre-escola".

(A única idéia correta de Adler era, evidentemente, a que se referia aos sentimentos de inferioridade e sua compensação.)

Passei em seguida a certas escolas modernas de psicoterapia que questionam a existência dos arquétipos junguianos, e mencionei os nomes de alguns autores vivos. Jung descreveu essas críticas como puro verbalismo. "É como se eu tivesse uma coleção de minerais, com diferentes pedras em numerosas gavetas. Para fins de orientação, eu etiqueto as gavetas com descrições das pedras. Esses críticos não estão nada interessados nas pedras mas apenas nas etiquetas. Falar da existência não é a mesma coisa que a própria existência. Palavras e nomes não são objetos. Eu sou um empirista e estou interessado em fatos. O pensamento desses críticos é bidimensional, e eles não têm respeito algum pelos fatos psicológicos."

Com a frase-chave "fatos psicológicos", Jung mergulha em seu elemento. Relata detalhadamente, e de um modo descritivamente ágil, suas visitas aos índios Pueblo, no Novo México, e a povos africanos do Quênia; fala do conhecimento emocional, da realidade da imagem, de certas formas budistas de percepção que não são racionais nem estão vinculadas à linguagem. Sem dúvida, o próprio Jung está profundamente convencido da realidade da psique, isto é, que ela funciona. Disse ele: "Eu tenho a minha biografia, e você tem a sua. Sei que estou aqui sentado e que estou falando com você, e você sabe a mesma coisa, no que lhe diz respeito. Estamos trocando palavras. Mas além das palavras, que são dirigidas ao inte-

lecto, existe muito mais no ar entre nós: sentimentos, imagens, segmentos psíquicos. As pessoas que se apóiam na ciência natural e na chamada concepção realista do mundo, baseada naquela, ignoram a natureza abstrativa e isoladora da ciência. A verdadeira realidade só pode ser abordada e presumida espiritualmente."

"O senhor deve estar pensando na *Farbenlehre* de Goethe e sua *Urpflanze,*" intercalei eu.[3]

"Tem toda a razão. E eu tento confirmar as intuições de Goethe na base da experiência."

Aventurei-me a interrogá-lo sobre a paternidade de seu avô, Carl Gustav Jung, de quem ele recebera o nome.

"Existem certas provas circunstanciais de que meu avô foi um dos filhos de Goethe," disse Jung. "Entretanto, meus netos nada sabem a esse respeito. Não fiz disso uma tradição familiar. A mãe de meu avô desempenhou um importante papel no mundo teatral de Mannheim." [4]

Três vezes esbocei o movimento de me levantar e despedir-me, pois não desejo cansar Jung, mas ele está de excelente humor e não quer deixar-me sair. "Estou com tempo para você, vá, faça perguntas!"

Expresso meu assombro com sua erudição universal. "Sua produtividade é inacreditável," observo eu. Jung sorri. "Algumas pessoas até acreditam que outros escrevem meus livros para mim. Quanto à universalidade do meu saber, não é tanta quanto eu desejaria; por exemplo, tive que abandonar há pouco o estudo dos antigos hieroglifos egípcios e do árabe."

O tema da conversa volta-se para a edição inglesa das Obras Completas e de sua correspondência com Freud, que ainda não foi publicada, Jung disse: "Os anglo-saxões entendem-me melhor do que os franceses. Os franceses ou são cartesianos ou católicos." Simultaneamente, porém, tece grandes elogios à sabedoria psicológica da igreja católica e faz uma série de interessantes comentários sobre o recem-proclamado dogma da Assunção. "É porque os judeus e os protestantes — esses judeus mitigados — não têm imagens de Deus, é porque não se permitem representar pictoricamente os arquétipos, que eles lideram todas as estatísticas de neurose."

Aproveitando uma referência que fiz à afinidade entre suas teorias e as de William James, Jung confirmou a minha observação, dizendo que tinha conhecido James pessoalmente. "Mas quer saber

3. Obras sobre a teoria das cores (1810) e as metamorfoses de plantas (1790).

4. Para a lenda da descendência de Jung de Goethe, ver *Memories, Dreams, Reflections,* cap. II, nota 1.

quem se antecipou a toda a minha psicologia no século XVIII? Foi o rabino hassidita Baer, de Meseritz, a quem chamavam o Grande Maggid.[5] Era um homem deveras impressionante."

Em conclusão, solicitei-lhe uma outra entrevista para daqui a dez anos. Jung riu: "Dentro de dez anos, você poderá apertar a mão de minha sombra no Hades".

[Traduzido do alemão para o inglês por Ruth Horine]

5. Rabino Dow Baer, ou Beer, sucessor do Baal Shem, viveu de 1710 a 1772 — M. S. (Cf. G. Scholem, *Major Trends in Jewish Mysticism*, 3.ª edição, 1954, pp. 334 e ss.)

# A TERAPIA DA MÚSICA

Margaret Tilly, uma pianista de concerto de São Francisco, de origem inglesa, interessou-se em experimentos sobre o valor terapêutico da música, quando usada especificamente em certos casos. Esse interesse resultou de sua experiência pessoal com a análise junguiana, e a Srta. Tilly foi incitada por analistas a informar Jung sobre o seu trabalho. Em 1956, quando estava em Genebra para realizar um concerto na rádio, ela decidiu enviar a Jung alguns ensaios que tinha escrito sobre o valor terapêutico da música. A resposta chegou pela volta do correio; a secretária de Jung convidava-a a ir a Küsnacht dois dias depois.

A Srta. Tilly (1900-1969), depois terapeuta-chefe da Clínica Langley-Porter de São Francisco, relatou seu encontro com Jung para um folheto comemorativo preparado pelo Clube de Psicologia Analítica de São Francisco em 1961. Foi ligeiramente resumido para a presente versão.

As referências à música são relativamente poucas nos escritos de Jung — menos de vinte citações no índice geral das Obras Completas. Um dos raros comentários de Jung encontra-se numa carta a Serge Moreux, de 20 de janeiro de 1950, em *Letters*, vol. 1.

Quando entrei na sala de sua casa, o Dr. Jung encaminhou-se em minha direção de mãos estendidas para saudar-me, e senti que estava ali uma das pessoas mais afetuosas e cordiais que teria oportunidade de conhecer em toda a minha vida — tão acessível que a conversa surgia fácil e naturalmente, sem dar tempo a que nos amedrontássemos.

Fomo-nos sentar numa mesa redonda perto da janela de seu gabinete de trabalho. Os meus ensaios estavam arrumados diante dele, e o Dr. Jung parecia estar literalmente rebentando de curiosidade e interesse. Disse ele: "Tenho lido e ouvido muito a respeito de terapia musical, e sempre me pareceu tão superficial e sentimental que não me interessei realmente pelo assunto. Mas estes seus trabalhos são inteiramente diferentes, e estou impaciente por ouvir o que você faz. Não posso imaginar o que seja. Por favor, você deve usar a sua linguagem, não a minha." Não entendi imediatamente o que ele queria dizer com essa última frase, mas respondi:

— Antes de eu falar, posso perguntar-lhe, Dr. Jung, quais têm sido suas relações pessoais com a música?

A resposta dele foi uma surpresa.

— Minha mãe, — disse Jung, — foi uma excelente cantora, assim como sua irmã. E minha filha é uma excelente pianista. Conheço toda a literatura... ouvi tudo e todos os grandes concertistas e intérpretes, mas agora não ouço mais música. Fatiga-me e irrita-me.

Quando lhe perguntei porquê, respondeu:

— Porque a música lida com material arquetípico e, hoje em dia, aqueles que a tocam não percebem isso.

E então compreendi, finalmente, porque se divulgou a idéia de que Jung não tinha especial simpatia pela música. Ela interessava-lhe demais, não de menos.

Neste ponto, ele disse:

— Com sua licença, pedi à Srta. Bailey e à minha filha que se juntassem a nós esta tarde, pois estão muito interessadas no que a senhorita nos vai dizer. Agora, tomemos todos uma xícara de chá.

E passamos à sua ampla e confortável sala de estar, mergulhada em penumbra, onde me apresentou à sua filha e à Srta. Bailey,[1] que estavam sentadas diante da lareira. A um canto da sala havia um Bechstein de cauda com a tampa levantada. Foram momentos alegres e deliciosos em redor da lareira, o Dr. Jung esfuziante de verve e encantando-me com a vivacidade de seu espírito. Assim que terminei a minha xícara de chá, ele disse:

— Não espero nem mais um minuto... Comecemos, mas use a sua linguagem, sim?

— Quer que eu toque, é isso?

— Sim, é isso mesmo — respondeu. — Quero que me trate exatamente como se eu fosse um de seus pacientes. Vamos... do que é que estou precisando?

Ambos rimos com gosto.

— Dr. Jung, — disse eu, — o senhor *está* realmente me empurrando, não está?

— Sim, estou. Agora... para o piano. Sou ligeiramente surdo, importa-se que me sente perto?

E foi logo sentando-se bem atrás de mim, de modo que, para vê-lo, eu tinha de me voltar um pouco para trás.

E comecei tocando. Quando me voltei, ele estava manifestamente muito comovido, e disse: "Continue... continue." Voltei a tocar. Desta segunda vez, ele estava muito mais profundamente comovido, dizendo:

---

1. A terceira filha de Jung, Marianne Niehus-Jung (1910-1965), e Ruth Bailey, que administrou a casa e cuidou de Jung após a morte de sua esposa em 1955. Cf. adiante, p.

— Não sei *o que* está acontecendo comigo... o que é que você está fazendo?

E comecei então a falar. Ele disparava pergunta após pergunta. "Em tal e tal caso, o que espera conseguir... onde espera chegar... o que é que faria? Não, não me diga apenas, *mostre-me... mostre-me.*" E, gradualmente, enquanto trabalhávamos, ele ia dizendo: "Ah, começo a ver o que você está fazendo... mostre-me mais." Contei-lhe numerosos casos e continuamos trabalhando por mais de duas horas. Ele estava muito excitado, e era tão fácil trabalhar com ele quanto com crianças. Finalmente, exclamou:

— Mas isto abre todo um novo campo de pesquisa com que eu nem mesmo sonhara! Por causa do que você me mostrou esta tarde... não só o que disse, mas o que eu realmente senti ouvindo-a... acho que doravante a música deve ser uma parte essencial de toda a análise. Isso alcança o material arquetípico profundo que nós só podemos atingir, por vezes, em nosso trabalho analítico. É extraordinário.

Neste ponto, algum gênio maligno fez-me olhar o relógio.

— Dr. Jung, tenho que ir, ou perderei o meu trem de volta a Paris.

— Oh, não, você não deve ir — disse ele. — Não pode ficar alguns dias conosco? Não pode voltar?

Foi com a maior relutância que me despedi. Sua filha levou-me de carro até a estação. O trem partiu e foi com uma inexprimível sensação de aturdimento que fiz toda a viagem até Paris.[2]

2. Alan Watts, em sua autobiografia *In My Own Way* (Nova Iorque, 1972), p. 394, refere-se brevemente ao encontro de Margaret Tilly com Jung e acrescenta: "Pouco depois, a filha de Jung disse a Margaret: 'Talvez você não se aperceba de que fez algo muito importante para mim e meu pai. Eu sempre amei a música, mas ele não a compreendia, e isso era uma barreira entre nós. A sua visita mudou tudo isso, e eu não sei como agradecer-lhe.'"

# OS FILMES DE HOUSTON

Richard I. Evans, professor de psicologia da Universidade de Houston (Texas), realizou quatro entrevistas com Jung na *Eidgenössische Technische Hochschule* (Instituto Federal de Tecnologia) de Zurique, em 5-8 de agosto de 1957. As entrevistas foram filmadas por John Meaney, diretor do Centro de Rádio, TV e Cinema da mesma universidade, como parte de um programa educacional destinado aos estudantes do departamento de psicologia. Os filmes, com quatro horas de duração, foram exibidos em Houston e em outras universidades americanas, assim como para outros públicos. Mais tarde, o psicólogo analítico, Dr. Joseph Henderson, a pedido expresso de Jung e com o patrocínio da Fundação Bollingen, editorou uma versão mais resumida, de cerca de duas horas e meia de duração, a qual é exibida mais freqüentemente pelas organizações junguianas. Essa foi a primeira de uma série de entrevistas filmadas pelo Dr. Evans com personalidades que deram contribuições notáveis para a psicologia, incluindo B. F. Skinner, Erik Erikson, Gordon Allport, Jean Piaget e R. D. Laing.

Uma transcrição do texto do filme, feito em Houston, foi organizada e publicada por Evans, *Conversations with Carl Jung and Reactions from Ernest Jones* (Insight Books, Princeton e Londres, 1964)*, tendo sido o texto das entrevistas de Jung reagrupado sob vários títulos, em conformidade com os temas tratados; a entrevista com Jones não tinha relação com a de Jung. Doze anos depois, Evans voltou a publicar a sua versão da entrevista, com correções e uma transcrição *verbatim*.[1]

Para a presente publicação, a transcrição de Houston foi comparada com a trilha sonora do filme, através de numerosas audições pelos organizadores desta coletânea e pela Sra. Aniela Jaffé, assim como por Marie-Louise von Franz e Barbara Hannah, e todos os possíveis erros de transcrição foram corrigidos. Depois, o texto foi editorado da maneira habitual. As perguntas foram, em alguns casos, abreviadas. A supressão de algumas passagens impenetravelmente obscuras na trilha sonora é indicada por reticências e as interpretações

---

* Já publicado no Brasil, com o título *Entrevistas Com Jung e as Reações de Ernest Jones* (Edição Eldorado, Coleção Anima, Rio de Janeiro, 1973, tradução de Álvaro Cabral). (N. do T.)

1. A entrevista do Dr. Richard I. Evans com C. G. Jung é reimpressa por autorização do Dr. Evans e da Universidade de Houston. É uma transcrição das quatro entrevistas de uma hora cada que o Dr. Evans realizou com Jung na casa deste último em Küsnacht (Suíça), em agosto de 1957, e contém alterações e correções por R. F. C. Hull, Aniela Jaffé, William McGuire e outros. A autorização para usar a transcrição original foi concedida pelo Dr. Evans e subseqüentemente ratificada por E. P. Dutton & Co. A transcrição também está publicada como apêndice no livro *Jung on Elementary Psychology: A Discussion between Carl Jung and Richard Evans* (Nova Iorque: E. P. Dutton & Co. Inc., 1976).

editoriais estão entre colchetes. Existem algumas diferenças de editoração entre as duas versões publicadas da transcrição *verbatim*. Os organizadores desta coletânea anotaram a presente versão.

## PRIMEIRA ENTREVISTA

*Dr. Jung, muitos dentre nós que leram uma boa parte de sua obra estão cônscios do fato de que, em seus primeiros trabalhos, o senhor estava associado, em certa medida, pelo menos, ao Dr. Sigmund Freud. E sei que seria de grande interesse para muitos saber como foi que teve conhecimento da existência do Dr. Freud e como acabou envolvido na obra e nas idéias dele.*

Bem, de fato, foi no ano de 1900, em dezembro, pouco depois de ter sido publicado o livro de Freud sobre a interpretação de sonhos, que fui solicitado pelo meu chefe, o Professor Bleuler, a escrever um comentário crítico sobre o livro.[2] Estudei-o com a maior atenção e não entendi muitas coisas nele, as quais não eram nada claras para mim. Mas, em outras partes, tive a impressão de que esse homem sabia realmente sobre o que estava falando. E pensei: "Isto é certamente uma obra-prima... cheia de futuro". Nessa época, eu não tinha idéias próprias; estava apenas começando. Isso foi justamente quando eu iniciava a minha carreira como assistente na clínica psiquiátrica. E dava os primeiros passos no campo da psicologia experimental, ou psicopatologia. Eu aplicava os métodos de associação experimental de Wundt, os mesmos que tinham sido aplicados na clínica psiquiátrica de Munique [de Kraepelin], e estudava os resultados obtidos. A minha idéia era de que alguma coisa poderia daí resultar. Assim, fiz esses testes de associação [3] e concluí que faltava neles a coisa mais importante, pois não é interessante ver que há uma reação — uma certa reação — a um estímulo verbal. Isso é mais ou menos despido de interesse. Mas o ponto verdadeiramente interessante é averiguar por que as pessoas *não* eram capazes de reagir a certos estímulos verbais, ou então só lhes reagiam de um modo inteiramente inadequado.

Foi então que comecei estudando aqueles pontos no experimento em que a atenção ou a capacidade dessa pessoa começa a vacilar ou a declinar, e não tardei em descobrir que se tratava de

2. Ver o relatório de 1901 de Jung sobre *Über den Traum* [Sobre os Sonhos], de Freud, em CW 18, §§ 841 e ss. Nenhum relatório sobre *Die Traumdeutung* [A Interpretação de Sonhos] veio até hoje a lume.

3. Os "Estudos de Associação Verbal" (orig. 1905-1907), agora em CW 2.

questões pessoais muito íntimas que preocupavam as pessoas, ou que estavam no íntimo delas mesmo que, momentaneamente, não pensassem nessas coisas, por outras palavras, quando eram inconscientes; tratava-se, pois, de uma inibição oriunda do inconsciente e que perturbava a expressão através da palavra. Então, ao examinar todos esses casos com o maior cuidado possível, percebi que se tratava daquilo a que Freud chamava repressões. Também compreendi o que ele entendia por simbolização.

*Por outras palavras, graças aos seus estudos sobre associação verbal, algumas das coisas ditas em* A interpretação de Sonhos *começaram a fazer sentido, não é verdade?*

Sim. E então escrevi um livro sobre a psicologia da demência precoce, como nesse tempo se lhe chamava [4] — agora chamam-lhe esquizofrenia — e enviei um exemplar a Freud, escrevendo-lhe sobre os meus experimentos de associação e como eles confirmavam, até então, a sua teoria. Assim foi que teve início a minha amizade com Freud.

*Houve outras pessoas que também se interessaram pela obra do Dr. Freud e uma delas foi o Dr. Alfred Adler. Em sua opinião, o que foi que levou o Dr. Adler a interessar-se pela obra de Freud?*

Bem, ele fazia parte do seu círculo; Adler era um dos jovens médicos que rodeavam Freud em Viena. Havia cerca de vinte jovens médicos que seguiam Freud e que formavam... que tinham uma espécie de pequeno clube. Acontece que Adler estava lá e estudou a psicologia de Freud nesse círculo.

*Um outro indivíduo que aderiu a esse grupo foi Otto Rank, é claro, mas que não era médico, como o senhor, o Dr. Adler e o Dr. Freud. Ele não era formado em medicina. Isso foi encarado no seu grupo como algo inusitado?*

Oh, não! Conheci muitas pessoas oriundas de diferentes faculdades que estavam interessadas em psicologia. Todas as pessoas que lidavam com seres humanos estavam naturalmente interessadas: teólogos, juristas, professores. Todos eles têm algo a ver com os processos da mente humana e era natural que manifestassem interesse.

*Portanto, o vosso grupo, incluindo Freud, não considerava que se tratava de uma área de exclusivo interesse para o médico? Que, pelo contrário, era algo que poderia interessar a muitos?*

4. Em *The Psychogenesis of Mental Disease*, CW 3.

Claro que sim! Não se esqueça de que cada paciente que nos chega fica interessado em psicologia. E quase todos eles pensam, inevitavelmente, que nasceram para ser psicanalistas.

*Uma das idéias fundamentais da teoria psicanalítica original foi a concepção freudiana da libido como uma espécie de energia psicossexual de natureza essencialmente dinâmica. Todos nós sabemos, é claro, que o senhor começou sentindo que o Dr. Freud talvez tivesse atribuído excessiva importância à sexualidade em suas teorias. Quando foi que começou a sentir isso?*

No princípio, eu tinha certas prevenções, naturalmente, contra essa concepção, mas superei-as, com o passar do tempo. Pude fazê-lo graças à minha formação biológica. Não podia negar a importância do instinto sexual, compreende? Mais tarde, porém, apercebi-me de que se tratava, realmente, de uma concepção unilateral, porque o homem não é exclusivamente governado pelo instinto sexual; também existem outros instintos. Por exemplo, em biologia, vemos que o instinto de nutrição é tão importante quanto o instinto sexual, de modo que, em sociedades primitivas, a sexualidade desempenha um papel muito menor do que o alimento. A busca de alimentos constitui o interesse e o desejo de importância suprema. O sexo... eis uma coisa fácil de obter em qualquer lugar, não exige grande esforço para se procurar. Mas o alimento é difícil de obter e por isso constitui o principal interesse.

Depois, em outras sociedades... refiro-me agora a sociedades civilizadas... o instinto do poder desempenha um papel muito maior do que o sexo. Por exemplo, existem muitos homens de negócios que são impotentes porque toda a sua energia é investida no impulso de ganhar dinheiro ou de ditar as leis para o resto do mundo. Isso é muito mais interessante para eles do que andar às voltas com mulheres.

*Assim, quando começou a analisar a ênfase dada pelo Dr. Freud ao impulso sexual, o senhor começou também a pensar em função de outras culturas e pareceu-lhe que essa ênfase não possuía suficiente universalidade para que se justificasse a atribuição de importância primordial?*

Bom, de fato, era-me impossível deixar de o fazer, porque eu tinha estudado Nietzsche. Eu conhecia muito bem a obra de Nietzsche. Ele tinha sido professor na Universidade de Basiléia, onde era tema obrigatório de todas as conversas. Por isso tive, naturalmente, de estudar suas obras. E foi aí que vislumbrei uma psicologia inteiramente diferente, uma psicologia perfeitamente coerente, mas toda ela fundada sobre o instinto de poder.

*Acredita ser possível que Freud não quisesse ser influenciado por Nietzsche?*

A sua pergunta refere-se à motivação pessoal de Freud?

*Sim.*

Claro que era um preconceito pessoal. Como sabe, era um de seus temas principais que certas pessoas se interessam principalmente por um aspecto das coisas e outras pessoas por outro aspecto. Assim, veja, o Dr. Adler, mais fraco e mais jovem, inferior a Freud, tinha naturalmente um complexo de poder. Ele queria ser o homem bem-sucedido. Freud *era* o homem bem-sucedido, o homem que triunfara, estava no apogeu, e por isso o prazer, o princípio de prazer, era seu único interesse, ao passo que Adler estava particularmente interessado no impulso de poder.

*Acha que isso era, portanto, uma espécie de função da própria personalidade do Dr. Freud?*

Sim, é perfeitamente natural que assim seja. É uma das duas maneiras de encarar a realidade. Ou se faz da realidade um objeto de prazer, se já se for bastante poderoso; ou se faz dela um objeto de desejo de se apossar, de possuir.

*Alguns observadores pensaram que talvez os pacientes vistos por Freud em Viena, nesse período, fossem, em sua grande maioria, indivíduos sexualmente reprimidos, e que esse fato pode ter reforçado as idéias de Freud. Por outras palavras, a sociedade vienense era uma sociedade — entre aspas — "reprimida".*

Bem, não há dúvida de que no final da era vitoriana se registrou no mundo inteiro uma reação contra os chamados tabus sexuais. As pessoas já não entendiam mais, de forma adequada, porque sim ou porque não; e Freud pertenceu a essa época. Foi uma espécie de libertação mental desses tabus.

*Portanto, houve uma reação contra a cultura bitolada, inibida, em que ele vivia?*

Ah, sim. Nesse sentido, Freud pertenceu realmente à categoria dos espíritos nietzschianos. Nietzsche tinha libertado a Europa de um grande número de tais preconceitos, mas somente no tocante ao instinto de poder e às nossas ilusões sobre as motivações de nossa moralidade. Foi um período crítico para a moralidade.

*Assim, Freud estava, num certo sentido, fazendo a mesma coisa mas numa outra direção...*

Sim. Além disso, como o sexo é o principal instinto, o instinto predominante, numa sociedade mais ou menos estável, quando as

condições sociais e econômicas estão relativamente seguras, a sexualidade é suscetível de prevalecer porque as pessoas lhe dão uma atenção particular. Elas têm suas posições, têm alimentação suficiente — não há necessidade de caçar, de coletar alimentos ou coisa parecida — e então é muito provável que os pacientes que nos consultam tenham todos, praticamente, um certo complexo sexual.

*Portanto, o instinto sexual é, potencialmente, aquele que tem maiores probabilidades de ser inibido nessa sociedade?*

Exato. É quase uma questão de astúcia descobrir que alguém é movido pelo instinto de poder e que o sexo apenas serve os propósitos do poder. Por exemplo, veja o caso de um sedutor: todas as mulheres pensam que ele é um verdadeiro conquistador de corações; mas, de fato, não passa de um disfarce sob o qual se esconde o demônio do poder, como Don Juan. A mulher não é o seu problema; o seu problema consiste em como dominar. Assim, em segundo lugar após o sexo vem o instinto de poder, e isso ainda não é o fim.

*Para avançarmos ainda mais no exame do desenvolvimento da teoria de Freud, a qual, é claro, o senhor reconhece constituir um fator significativo no desenvolvimento de muitas de suas próprias idéias iniciais, Freud falou muito sobre o inconsciente.*

Assim que a pesquisa aborda a questão do inconsciente, as coisas tornam-se necessariamente nebulosas, porque o inconsciente é algo que é *realmente* inconsciente! De modo que não temos objeto, não vemos nada! Apenas podemos fazer inferências, deduções, dado que não podemos vê-lo. Assim, temos de criar um modelo dessa possível estrutura do inconsciente. Ora, Freud chegou ao conceito de inconsciente a partir, principalmente, da mesma experiência que eu tivera antes em minhas pesquisas sobre associação. As pessoas reagiam, diziam coisas, faziam coisas, sem saber que as tinham dito ou que as tinham feito. Isso é algo que se pode observar no experimento de associação; por vezes, as pessoas são incapazes de recordar subseqüentemente o que fizeram ou disseram num momento em que o estímulo verbal atinge o complexo. No chamado experimento de reprodução, a pessoa percorre toda a lista de palavras, e você observará que a memória dela falha quando há uma reação complexual, um bloqueio. Foi sobre esse fato muito simples que Freud baseou a sua idéia de inconsciente. Pois é isso o que podemos observar, repetidas vezes, quando as pessoas cometem um lapso ao falar, caem em deslizes verbais ou dizem algo que não pretendiam dizer; cometem simplesmente algumas gafes ridículas. São inúmeras as histórias a respeito de pessoas que se denunciam a si mesmas dizendo uma coisa que não queriam dizer mas o inconsciente *quis* que elas

dissessem precisamente essa coisa. Por exemplo, quando a pessoa quer expressar suas condolências num funeral e se dirige a alguém dizendo "Os meus parabéns". Isso é bastante penoso, claro, mas acontece e é verdadeiro.

Ora bem, tudo isso se desenvolveu paralelamente à escola da Salpetrière, em Paris. Aí pontificava Pierre Janet, que tinha investigado muito especialmente esse aspecto das reações inconscientes. Freud refere-se muito pouco a Pierre Janet, mas eu estudei com ele em Paris e seus ensinamentos contribuíram muito para a formação de minhas idéias. Pierre Janet era um observador de primeira categoria, embora não tivesse uma teoria sistemática da psicologia dinâmica. Era uma espécie de teoria fisiológica dos fenômenos inconscientes, o chamado *abaissement du niveau mental,* ou seja, uma certa despotencialização da tensão da consciência. Um conteúdo cai abaixo do nível da consciência e, por conseguinte, torna-se inconsciente. Esse era também o ponto de vista de Freud, só que ele dizia que essa queda ocorria porque era ajudada, que o conteúdo era recalcado de cima para baixo. Esse foi o meu primeiro ponto de divergência com Freud. Eu afirmava existirem casos, em minhas observações, em que não ocorria qualquer repressão de cima para baixo. Aqueles conteúdos que se tornaram inconscientes tinham-se retirado por si mesmos e não porque tivessem sido recalcados. Pelo contrário, tinham uma certa autonomia. Eu descobri o conceito de autonomia como simples corolário do fato desses conteúdos que desaparecem terem o poder de movimentar-se independentemente da minha vontade. Ou aparecem quando quero dizer alguma coisa precisa; ou interferem e falam eles mesmos, em vez de me ajudarem a dizer o que eu queria dizer; ou impelem-me a fazer algo que não quero absolutamente fazer; ou retiram-se no momento em que quero usá-los. E desaparecem, sem dúvida alguma!

*E isso, portanto, é independente de qualquer das pressões sobre a consciência sugeridas por Freud?*

Exato. Tais casos podem acontecer, por certo. Mas além deles também há casos que nos provam que o conteúdo inconsciente adquire uma certa independência. Todos os conteúdos mentais possuidores de uma tonalidade sensível que é emocional, ou seja, que têm o valor de uma emoção ou de um sentimento, tendem a tornar-se autônomos. Assim sendo, qualquer pessoa que esteja dominada por uma emoção dirá e fará coisas pelas quais não pode responsabilizar-se. Ela deve desculpar-se por se encontrar em um estado *non compos mentis.**

---

* Expressão latina que significa "não está na posse de suas faculdades mentais" ou, em termos correntes, "está fora de si". (N. do T.)

*O Dr. Freud reconheceu que, num certo sentido, o indivíduo nasce inteiramente vítima do que ele mais tarde chamaria o Id, que é inconsciente e rudimentar, uma coleção de impulsos animais. Não se compreende muito bem donde é que vêm esses impulsos primitivos, esses instintos.*

Ninguém sabe donde vêm os instintos. Eles aí estão e a gente os descobre, é tudo. É uma história que se desenrolou há milhões de anos. Foi quando a sexualidade foi inventada e ignoro como isso aconteceu; eu não estava lá! O instinto alimentar foi inventado há muito mais tempo ainda, há mais tempo até que o instinto sexual, e por que e como foi inventado não sei. Tampouco estava lá! De modo que não sabemos donde vem o instinto. É perfeitamente ridículo especular sobre uma tal impossibilidade. A questão resume-se nisto: onde se originam aqueles casos em que o instinto não funciona? Isso já é algo que está ao nosso alcance, porque podemos estudar os casos em que o instinto não funciona.

*Poderia dar-nos alguns exemplos específicos do que entende por casos em que o instinto não funciona?*

Bem, vejamos... No lugar do instinto, que é uma forma habitual de atividade, tomemos qualquer outra forma de atividade habitual. Por exemplo, uma coisa sobre a qual uma pessoa tem absoluto domínio; mas, de repente, a coisa não funciona. É o caso de um cantor que tem controle absoluto de sua voz e, de súbito, não pode cantar. Ou um homem que escreve fluentemente mas começa, de repente, a cometer erros de palmatória; portanto, seu hábito não funciona. Outro exemplo: quando você me pergunta alguma coisa, supõe-se que sou capaz de reagir ao que me disse. Subitamente, fico *bouche béante* [boquiaberto] — por exemplo, se você logrou atingir um de meus complexos, verá que estou inteiramente perplexo. Estou *depossedé,* e faltam-me as palavras! [Risos.]

*Ainda não o vimos muito perplexo, Dr. Jung...*

Ou veja o caso de um exame de psicologia. O camarada sabe toda a matéria na ponta da língua. O professor faz-lhe uma pergunta e ele é incapaz de soltar uma palavra.

*Um bloqueio, sim. Uma outra parte da teoria de Freud foi a idéia de que dessa espécie de estrutura instintiva inconsciente — e, é claro, a palavra "estrutura" tem que ser posta entre aspas, visto que o senhor enfatizou tratar-se apenas de um modelo — a que Freud chamou o Id, surge um ego que resulta do contato do organismo com a realidade; e talvez seja também, num certo sentido, um produto de frustração quando o princípio de realidade é imposto*

*ao indivíduo em desenvolvimento. O senhor aceita essa concepção do ego?*

O que você está perguntando é se o indivíduo possui realmente um ego? Ah, caímos no mesmo caso de antes: eu não estava lá quando foi inventado! Entretanto, neste caso, é possível observá-lo, até certo ponto, numa criança, porque uma criança começa, definitivamente, num estado em que não existe ego. E então, por volta dos quatro anos ou ainda antes, mas por essa época, a criança desenvolve um sentido de ego: "eu", "a mim", "meu". E isso significa, em primeiro lugar, uma identidade com o corpo. Por exemplo, quando se interroga um indivíduo primitivo, ele enfatiza sempre o corpo. Se lhe perguntarmos, "Quem trouxe esta coisa para aqui?", um negro primitivo dirá: "Trouxe coisa", sem acentuar o "eu", simplesmente "trouxe". Se insistirmos, "Mas foi *você* quem trouxe?", ele dirá: "Mim, mim, sim, mim mesmo, esta coisa aqui." Portanto, a identidade com o corpo é uma das primeiras coisas que constrói um ego; é a separação espacial que, segundo parece, induz o conceito de um ego. Depois, é claro, há uma porção de outras coisas. Mais tarde, há as diferenças mentais, as diferenças pessoais de todos os gêneros, e assim por diante. O ego está continuamente se construindo; jamais é um produto acabado, porquanto está em permanente elaboração. Não passa um ano sem que se descubra um novo aspecto, por menor que seja, em que você é mais ego do que imaginava.

*Dr. Jung, houve muita discussão sobre a forma como certas experiências, nos primeiros anos de vida, influenciam a formação do ego. Um dos pontos de vista mais extremos foi defendido por Otto Rank. Ele falou de um trauma do nascimento e sugeriu que o trauma de ter nascido não só provocaria um impacto muito poderoso sobre o desenvolvimento do ego mas teria uma influência residual durante toda a vida do indivíduo.*

Eu diria que, de fato, é muito importante para um ego ter nascido. É extremamente traumático, sabe, quando se despenca do céu! [Riso.]

*Mas o senhor aceita literalmente a posição de Otto Rank de que o trauma do nascimento exerce um profundo efeito psicológico?*

Claro. Se você acredita na filosofia de Schopenhauer, dirá: "Ter nascido é um trauma dos demônios". Existe um velho aforismo grego que diz: "É belo morrer na flor da juventude, porém a mais bela das coisas é não ter nascido." Isso é filosofia, claro...

*Mas o senhor não aceita isso como um evento psíquico, num sentido literal?*

Você não vê que isso é uma coisa que acontece a toda a gente que existe? Que cada indivíduo teve um momento em que nasceu? Então? Todos os que nasceram e estão por nascer têm que passar por esse trauma, de modo que a palavra "trauma" perdeu o seu significado. É um fato geral e não se pode dizer: "É um trauma". É, pura e simplesmente, um fato; pois não se pode observar a psicologia de quem não nasceu. Só se isso fosse possível é que poderíamos dizer o que é o trauma de nascimento. Enquanto não houver essa possibilidade, não se pode sequer falar de tal coisa. É apenas uma falta epistemológica.

*Sim, entendo. Indo um pouco mais longe, na concepção psicanalítica mais ou menos ortodoxa, tem-se prestado muita atenção, como sabe, ao que Freud denominou o desenvolvimento psicossexual. O indivíduo defronta-se com uma série de problemas, em seqüência, que tem de resolver para que possa amadurecer progressivamente. Segundo parece, um dos primeiros problemas que terá de ser resolvido gravita em torno, diríamos, das satisfações orais primitivas ou experiências da zona oral...*

Por outras palavras, o instinto alimentar era mais importante do que o sexo. Isso não é muito interessante, não lhe parece?

*O senhor interpreta isso, portanto, como uma espécie de instinto nutricional, ou instinto de fome.*

Acho que, quando se afirma que um dos primeiros e mais importantes interesses é a alimentação, não há necessidade alguma de recorrer a esse tipo peculiar de terminologia, como "zona oral". *É claro* que a comida se mete na boca!

*Então, o senhor encara isso num sentido muito mais simples?*

A ciência consiste, em grande parte, em mero palavreado.

*Outro ponto fundamental no desenvolvimento do ego, segundo a concepção psicanalítica mais ou menos ortodoxa, é que ao nível oral se segue outra fase crítica, um nível anal de desenvolvimento. Nesse segundo nível crucial ocorrem também algumas frustrações primordiais que gravitam em torno do adestramento para o asseio e a higiene pessoal. Dr. Jung, o senhor diria que esse chamado nível anal se reveste de vastas implicações sexuais e é significativo, do ponto de vista do desenvolvimento do ego e da formação do caráter?*

Bem, é lícito usar tal terminologia porque é um fato que as crianças estão imensamente interessadas em todos os orifícios do corpo e em fazer toda sorte de coisas nojentas; por vezes, tais peculiaridades persistem ao longo da vida. É verdadeiramente espantoso o que se pode ouvir a esse respeito. Ora, é igualmente verdade

que as pessoas que manifestam essas preferências também desenvolvem um caráter peculiar. Desde o começo da infância, já existe um caráter. É preciso entendermos que uma criança não nasce *tabula rasa*, como muitos supõem. A criança nasce dotada de um organismo altamente complexo, com determinantes que nunca cedem nem oscilam ao longo de sua vida e que dão à criança seu caráter. Já no início da infância a mãe reconhece a individualidade do seu bebê; e se você observar cuidadosamente, descobrirá tremendas diferenças, mesmo em crianças de tenra idade.

Essas peculiaridades exprimem-se de inúmeras maneiras. Primeiro, em todas as atividades infantis, no modo como a criança brinca, nas coisas por que se interessa. Há crianças que se mostram profundamente interessadas em todas as coisas que se mexem, sobretudo no movimento... todas as coisas que afetam o corpo. Por isso se interessam pelo que os olhos fazem, o que os ouvidos fazem, até onde pode chegar um dedo enfiado no nariz. E farão o mesmo com o ânus, manipularão a seu bel-prazer os órgãos genitais. Quando eu era um menino de escola, roubamos uma vez o livro da classe onde eram registrados todos os castigos e nele a nossa professora tinha anotado: "Fulano, castigado com duas horas porque estava brincando com seus órgãos genitais durante a aula de religião."

Nas crianças, esses interesses expressam-se de um modo tipicamente infantil, é claro. Mais tarde, manifestam-se em outras peculiaridades que ainda são as mesmas, porém isso não decorre do fato das pessoas terem uma vez feito isto ou aquilo na infância. É o caráter o responsável por isso. Existe uma complexidade herdada e bem definida e, se quisermos saber alguma coisa sobre as razões possíveis, teremos de recorrer aos pais. Assim, em todos os casos de neurose infantil, recorro aos pais e trato de apurar o que está acontecendo com eles, pois as crianças não têm uma psicologia própria, numa acepção literal. Elas estão de tal modo imbuídas da atmosfera mental dos pais, em tão grande *participation mystique* com os pais... A atmosfera paterna ou materna está impregnada na criança, que expressa tal influência em seu modo infantil. Tome, por exemplo, o caso de um filho ilegítimo. Essa criança está particularmente exposta às dificuldades ambientais, como o infortúnio da mãe, etc., etc., e todas as outras complicações. Essa criança sentirá falta de um pai. Ora, para compensar isso, é como se ela escolhesse ou nomeasse uma parte do corpo como pai, um substituto para o pai, e desenvolve, por exemplo, a masturbação. Isso ocorre com muita freqüência nos filhos ilegítimos. Eles tornam-se terrivelmente auto-eróticos e até criminosos.

*Com referência ao papel dos pais, uma das partes centrais do desenvolvimento psicossexual na teoria psicanalítica mais ou menos ortodoxa é o chamado complexo de Édipo...*

Isso é justamente o que chamo um arquétipo. Foi o primeiro arquétipo que Freud descobriu, aliás, o primeiro e único. Ele pensou que esse *era* o arquétipo. É claro que existem muitos desses arquétipos. Dê uma olhada na mitologia grega e aí encontrará quantos quiser, uma porção deles. Mas, para Freud, o incesto era algo tão impressionante que até escolheu a expressão "complexo de Édipo" por se tratar de um dos mais notáveis exemplos de um complexo de incesto. Entretanto, atente bem, isso é apenas a forma masculina, pois as mulheres também têm um complexo de incesto. Mas não é um Édipo, logo deve ser alguma outra coisa. Trata-se apenas do termo para designar uma forma arquetípica de comportamento, no caso da relação de um homem, digamos, com sua mãe; mas diz igualmente respeito à relação com a filha, pois o que ele era para a mãe sê-lo-á também para a filha. Podemos ver as coisas desta ou daquela maneira. Depende.

*Portanto, o senhor aceita o complexo de Édipo, mas não como sendo a única influência importante. O senhor vê-o como apenas um entre muitos arquétipos.*

Sim, é apenas uma entre muitas formas de comportamento. O Édipo dá-nos um excelente exemplo do comportamento de um arquétipo. É sempre uma situação total. Há uma mãe, há um pai, há um filho, há uma história completa sobre o modo como tal situação se desenvolve e até onde pode, finalmente, levar. Isso é um arquétipo. Um arquétipo é sempre uma espécie de drama sintetizado. Começa de tal e tal maneira, amplia-se em virtude de tal ou tal complicação e encontra o seu desfecho, a sua solução, desta ou daquela forma. Este é o modelo comum. Veja, por exemplo, o instinto de construção de um ninho das aves. Na forma como constroem um ninho existe um princípio, um meio e um fim. Os ninhos são feitos para receber apenas um determinado número de filhotes. O fim já está previsto. Essa é uma razão por que, no próprio arquétipo, não existe tempo. É uma condição intemporal em que princípio, meio e fim são dados em conjunto, três situações em uma só. Isso é apenas uma indicação do que o arquétipo pode fazer. Mas trata-se de uma questão complicada.

*Gostaria de discutir mais especificamente o conceito freudiano de complexo de Édipo. Ora, é usualmente sustentado, ainda nos círculos psicanalíticos ortodoxos, que os padrões iniciais de comportamento familiar, de comportamento em relação à mãe, ao pai, etc.,*

*são repetidamente revividos. Por exemplo, quando um jovem se casa poderá reagir em relação à esposa como fazia em relação à mãe, ou então poderá procurar alguma mulher que seja como a mãe. Analogamente, a filha, ao procurar um marido, poderá estar procurando um pai. E pergunto: Essa recapitulação da situação edipiana primitiva é compatível com as suas concepções?*

Não, não. Veja, Freud fala do complexo de incesto exatamente como você o descreveu, mas omite completamente o fato de que, com esse complexo de Édipo, já se dá o contrário, ou seja, a resistência contra o incesto. Se o modelo edipiano fosse realmente predominante, teríamos sido sufocados em incesto há meio milhão de anos, pelo menos. Mas existe uma compensação. Em todos os níveis primitivos de civilização encontrará as leis matrimoniais, leis exogâmicas. A primeira forma, a mais elementar, estabelece que o homem só pode casar com sua prima do lado materno. A forma seguinte estipula que o homem só pode casar com sua prima em segundo grau, ou seja, descendente de uma avó comum. Existem quatro sistemas: os casamentos em quarto grau, os sistemas de 8 e 12 e um sistema de 6. Na China existem ainda vestígios dos sistemas 6 e 12. E trata-se de conseqüências para além do complexo de incesto e contra o complexo de incesto. Ora, se a sexualidade fosse predominante, em particular a sexualidade incestuosa, como é que isso poderia desenvolver-se? Essas coisas desenvolveram-se numa época muito anterior a qualquer idéia de se ter um filho, digamos, de minha irmã. Tudo isso está completamente errado. Pelo contrário, [o incesto com irmã] era uma prerrogativa régia entre os monarcas aquemênidas da Pérsia e entre os faraós egípcios. Se o faraó tinha uma filha de sua irmã, esposava essa filha e tinha uma filha dela, casando em seguida com a neta, porque isso era uma prerrogativa do rei. E assim, a preservação do sangue real é sempre uma espécie de atentado contra a altamente apreciada restrição incestuosa do número de ancestrais, porque isso é uma perda de ancestrais. Ora, isso também deve ser explicado. E não é o único exemplo conhecido de compensação. Você sabe que isso desempenha um importante papel na história da civilização humana.[5] Freud estava sempre

5. As teses de Jung estão muito condensadas aqui e faltam várias etapas em sua argumentação. O complexo do incesto é discutido em detalhe em *A Psicologia da Transferência*, CW 16, §§ 410 e ss. Sucintamente, a tendência incestuosa ou endogâmica é mantida em cheque ("compensada") pela tendência exogâmica, resultando no compromisso sociológico da "troca de irmãs" ou "casamento de primos cruzados" primitivo, e no desenvolvimento de classes matrimoniais (§§ 431 e ss.). O casamento de primos cruzados assenta na "quaternidade matrimonial arquetípica, que não é uma invenção humana mas um fato que existia muito antes da consciência" (§ 437). À tendência endo-

inclinado a explicar essas coisas por influências externas; por exemplo, um indivíduo não se sentiria impedido de fazer qualquer coisa *se* não existisse uma lei contra a prática dessa coisa. Ninguém é impedido pelo seu próprio arbítrio, por uma decisão do seu próprio eu. E isso foi, precisamente, o que ele jamais pôde admitir em suas discussões comigo.[6]

*A propósito desse ponto, Freud introduziu em seus escritos subseqüentes uma espécie de ego parcial, dotado de uma função específica, a que chamou o superego...*

Sim, o superego, o código do que podemos e não podemos fazer.

*Proibições internas...*

Sim, mas Freud não viu que esse código é inato, que o tem em si mesmo. Pois caso contrário não poderia haver equilíbrio no indivíduo. E que demônio inventou o decálogo? Ele não foi inventado por Moisés. Mas existe uma verdade eterna no próprio homem, porque ele se controla a si mesmo.

*Dr. Jung, o senhor mencionou antes que a situação edipiana de Freud era um exemplo do arquétipo. Quer fazer agora o obséquio de elaborar esse conceito de arquétipo?*

Bem, você sabe o que é um padrão de comportamento.[7] O modo como o joão-de-barro constrói seu ninho. É uma forma herdada nele, um código inato que ele aplicará. Ou certas classes de fenômenos simbióticos entre insetos e plantas. São padrões inatos de comportamento. E o homem, é claro, também possui um esquema herdado de funcionamento. Seu fígado, seu coração, todos os seus

---

gâmica foi permitida expressão na forma do incesto de irmã até muito tarde, mas somente como uma prerrogativa régia, porquanto os reis eram os representantes dos deuses e, num nível primitivo, acreditava-se que eles propagavam sua espécie incestuosamente (§ 419). Reduzindo o número de ancestrais meramente humanos, o incesto preservava a divindade do sangue real. "A idéia do hierosgamos incestuoso aparece, de fato, em religiões civilizadas e atinge o auge na espiritualidade suprema da metáfora cristã (Cristo e a Igreja, *sponsus* e *sponsa,* o misticismo do Cântico dos Cânticos, etc.)" (§ 438). Assim, a tendência endogâmica também deve ser considerada "um instinto genuíno que, se lhe for negada a realização na carne, deve realizar-se no espírito" ("compensação") (§ 438).

6. Ou seja, não admitiria que o homem se controla a si mesmo e que a sua resistência ao incesto, por exemplo, é-lhe em parte "inerente" e não determinada apenas por tabus sexuais. O superego é "uma parte natural e herdada da estrutura da psique." Cf. "A Psychological View of Conscience", CW 10, §§ 830 e ss.

7. Cf. "On the Nature of the Psyche", CW 8, pp. 200 e ss.

órgãos, funcionarão sempre de uma certa maneira, cada um deles obedecendo ao seu padrão. Poderá haver certa dificuldade em apercebermo-nos disso porque não existe qualquer termo de comparação. Não existem outros seres semelhantes ao homem, capazes de falar e de fornecer uma descrição de seu funcionamento. Se fosse esse o caso, poderíamos saber... sei lá o quê!... mas como não dispomos de meios de comparação somos necessariamente inconscientes a respeito de nossas próprias condições. Entretanto, é inteiramente certo que o homem nasce dotado de um certo modo de funcionamento, um certo padrão de comportamento, e que isso se expressa na forma de imagens arquetípicas.

Por exemplo, o modo como um homem deve comportar-se é dado por um arquétipo. É por isso que os primitivos contam histórias do que fazem. Uma boa parte da educação processa-se através de contar histórias. Por exemplo, eles reúnem os mais jovens e dois homens mais velhos *representam* diante dos olhos dos mais moços todas as coisas que estes não devem fazer. Depois dizem: "Pois bem, isso é exatamente o que vocês não farão." Um outro método é *dizer-lhes* todas as coisas que não deverão fazer, como o decálogo: "Tu não farás". E isso é sempre corroborado por histórias mitológicas. Os nossos ancestrais fizeram assim e assado, e assim vocês farão também. Ou tal e tal herói fez isto e aquilo, e esse é o vosso modelo. Também nos ensinamentos da igreja católica existem muitos milhares de santos. Eles mostram-nos como proceder, servem de modelos. Têm suas lendas e essa é a mitologia cristã. Na Grécia havia Teseu, havia Heracles, modelos de excelentes homens, de perfeitos cavalheiros, e eles nos ensinam como nos devemos comportar. São arquétipos do comportamento.

Ou um arquétipo mais conciso, como o arquétipo do vau... o vau para atravessar um rio. É uma situação complexa. Uma pessoa tem que atravessar um rio a vau; está metida na água, há uma emboscada ou um perigoso animal aquático, como um jacaré ou coisa parecida. Há perigo e vai acontecer alguma coisa. A questão é como escapar. Temos assim uma situação total que constitui um arquétipo. E esse arquétipo tem agora um efeito sugestivo sobre a pessoa. Por exemplo, ela está metida numa situação, mas não a conhece, não sabe em que consiste essa situação. De súbito, sente-se presa de uma emoção ou de um conjuro, e comporta-se de uma certa maneira que não tinha sido absolutamente prevista. A pessoa faz algo que é completamente estranho a si mesma.

*Isso poderia ser descrito como espontâneo?*

Inteiramente espontâneo, e ocorre através do arquétipo correspondente. Temos um caso famoso em nossa história suíça, o do

rei Albrecht,[8] que foi assassinado no vau do Reuss, não muito longe de Zurique. Seus assassinos seguiam-no, ocultos, desde Zurique; e, depois de longas deliberações, não conseguiam chegar ainda a acordo sobre se queriam matar ou não o rei. E no momento em que o rei meteu o cavalo na água, para cruzar o Reuss, Johannes Parricida, o assassino do pai, gritou: "Por que permitir que esse" — e soltou um palavrão — "continue vivendo?" E mataram-no. Porque esse era o momento preciso em que uma emoção específica os dominava, era o momento certo. Assim, quando se viveu em circunstâncias primitivas, na floresta primeva, entre povos primitivos, então conhece-se esse fenômeno. Somos presos de um certo conjuro, de um encantamento, ou como queira chamar-lhe, e fazemos coisas inesperadas. Muitas vezes, quando estive na África, encontrei-me por várias vezes em situações dessas, que depois me deixavam perplexo. Um dia, estava eu no Sudão, e estava realmente numa situação muito perigosa, que não reconheci de momento. Mas fui tomado por uma espécie de intuição súbita, e fiz algo que jamais me passou pela cabeça, que jamais teria esperado fazer nem poderia ter inventado. O arquétipo é uma força. Possui autonomia e pode, subitamente, apossar-se de nós. É como um transe. Apaixonar-se à primeira vista é um desses casos. Você tem em si mesmo, sem o saber, uma certa imagem de mulher, de *a* mulher. Então, você vê essa moça ou, pelo menos, uma boa imitação do seu tipo, e tem instantaneamente um arrebatamento; você foi apanhado. Poderá descobrir mais tarde que foi um terrível equívoco. Um homem é perfeitamente capaz, ou é suficientemente inteligente, para ver que a mulher de sua "escolha" não foi, na verdade, uma escolha; ele foi apanhado! Percebe então que ela não presta, que a vida virou um inferno, e vem contar-me isso. Diz ele: "Por amor de Deus, doutor, me ajude a ficar livre dessa mulher." Mas não o consegue, ele é como barro nos dedos dela. Isso é o arquétipo, o arquétipo da anima.[9] E ele pensa tratar-se de toda a sua alma! O mesmo acontece com as moças. Quando um homem canta num registro vocal muito alto, ela pensa que o sujeito deve ter um maravilhoso caráter espiritual, só porque é capaz de soltar um dó de peito, e fica terrivelmente decepcionada quando casa com essa "nota". Bem, isso é o arquétipo do animus.

*Dr. Jung, para ser ainda um pouco mais específico, o senhor sugeriu que existem, em todas as sociedades, símbolos que, num*

8. Albert, assassinado em 1308 por seu sobrinho, João, o Parricida.

9. Para a anima, ver *Two Essays on Analytical Psychology*, CW 7, §§ 296 e ss.; "Concerning the Archetypes, with Special Reference to the Anima Concept", CW 9 i; *Aion*, CW 9 ii, cap. III.

*certo sentido, dirigem ou determinam o que um homem faz. Também sugeriu que, de algum modo, esses símbolos tornam-se inatos e... entre aspas... "congênitos".*

Eles não *se tornam*. Eles *são*. Estão lá desde o princípio. Todos nós nascemos dentro de um modelo; *somos* um modelo. Somos uma estrutura que é preestabelecida através dos genes.

*O senhor diria, portanto, que o arquétipo é apenas uma ordem superior de um padrão instintivo, como no seu anterior exemplo de construção do ninho por uma ave?*

É uma ordem biológica do nosso funcionamento mental, exatamente como o nosso funcionamento biológico ou fisiológico obedece a um padrão. O comportamento de qualquer ave ou inseto obedece a um padrão, e o mesmo acontece conosco. O homem tem um determinado padrão que o torna especificamente humano, e nenhum homem nasce sem ele. Só que estamos profundamente inconscientes desse fato, porque vivemos pelos nossos sentidos e fora de nós mesmos. Se um homem pudesse olhar para dentro de si, poderia descobrir tudo isso. Em nossos dias, quando um homem o descobre pensa que está louco... e pode estar louco.

*O senhor diria que o número de tais arquétipos é limitado, prefixado, ou pode esse número aumentar?*

Bem, eu não sei o que realmente sei sobre isso, é tão impreciso. Não dispomos de meios de comparação. Sabemos que existe um comportamento, digamos, como o incesto, ou um comportamento de violência, um comportamento de pânico, um comportamento de poder, e assim por diante. São áreas, por assim dizer, em que existem muitas variações. Podem expressar-se desta ou daquela maneira. E sobrepõem-se, muitas vezes é impossível dizer onde uma forma começa ou termina. Nada é preciso, porque o arquétipo, em si mesmo, é completamente inconsciente e só podemos ver os seus efeitos. Quando sabemos que uma pessoa é possuída por um arquétipo, podemos conjeturar e até prever possíveis desenvolvimentos. Por exemplo, quando vemos que um homem é empolgado por um certo tipo de mulher, de um modo muito específico, sabemos que ele foi possuído pela anima. Então, a coisa toda terá tais e tais complicações, tais e tais desenvolvimentos, porque isso é típico. E o modo como a anima é descrita é superlativamente típico. Não sei se você leu *She*, de Rider Haggard, ou *L'Atlantide*, de Benoit. São tipos de anima e são inconfundíveis. *C'est la femme fatale.*

*O senhor usou os conceitos* anima *e* animus. *Gostaria que o senhor discorresse sobre esses termos, talvez de um modo mais específico.*

Bem, a coisa é um tanto complicada, sabe, mas vou tentar. A anima é uma forma arquetípica, expressando o fato de que um homem tem uma minoria de genes femininos, e isso é algo que não desaparece nele. Está constantemente presente e funciona como uma fêmea no homem. Portanto, já no século XVI os humanistas tinham descoberto que o homem tem uma anima; cada homem carrega sua fêmea dentro dele, assim disseram.[10] Logo, não se trata de uma invenção moderna. O caso do animus é idêntico. É uma imagem masculina na mente feminina que, por vezes, é perfeitamente consciente, outras vezes não é consciente, mas que adquire vida no momento em que a mulher encontra um homem que diz as coisas certas. Então, porque ele as disse, tudo é verdadeiro, e ele é *o* homem, não importa o que ele seja. Esses dois arquétipos estão particularmente bem alicerçados. E aí estamos pondo as mãos, por assim dizer, na base do arquétipo.

## SEGUNDA ENTREVISTA

*Dr. Jung, estivemos discutindo alguns dos fatores que influem no desenvolvimento da personalidade, e o senhor desenvolveu amavelmente para nós algumas de suas concepções fundamentais, como o arquétipo, anima e animus. Um outro conceito que parece ser muito interessante em sua obra é o de persona. Importar-se-ia de nos dizer alguma coisa sobre ele?*

Bem, é um conceito prático de que necessitamos para elucidar as relações das pessoas.[11] Observei nos meus pacientes, sobretudo as pessoas que estão na vida pública, que têm uma certa maneira de se apresentar. Por exemplo, um médico. Tem boas maneiras junto à cabeceira do seu paciente e comporta-se como se espera que um médico se comporte. Pode até identificar-se com o seu papel e acreditar que é o que parece ser. Tem que apresentar-se de uma certa forma, caso contrário as pessoas não acreditarão que é um médico. O mesmo acontece com um professor; também se espera que o seu comportamento seja tal que todos aceitemos a plausibilidade dele ser professor. Assim, a persona é um complicado sistema de comportamento ditado pelas exigências da sociedade e, em parte, pela ficção que criamos a nosso próprio respeito.

---

10. *Hermetis Trismegisti Tractatus vere Aureus... cum scholiis Dominici Gnosii* (Leipzig, 1610). Cf. "Psychology and Religion", CW 11, p. 30, n. 32.

11. Para persona, ver *Two Essays*, §§ 243 e ss.

Ora, isso não constitui a personalidade real. Apesar do fato de as pessoas garantirem que tudo isso é perfeitamente honesto e real, não é. O desempenho da persona está muito certo, desde que se saiba que o que a pessoa é não é idêntico ao que ela parece ser. Mas se a pessoa não estiver consciente desse fato, poderá envolver-se, por vezes, em conflitos muito desagradáveis. Por exemplo, será impossível deixar de notar que uma pessoa em casa é muito diferente do que aparenta ser em público. Os indivíduos que não se aperceberem disso acabarão por cometer tropeços. Eles negam ser assim, mas *são* assim. Então já não se sabe qual deles é o homem real. É o homem tal como se comporta em casa, em suas relações íntimas, ou é o homem que se apresenta em público? É freqüentemente uma questão de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Ocasionalmente, a diferença é tão grande que quase poderíamos falar de uma dupla personalidade. E quanto mais pronunciada for essa diferença, mais as pessoas ficam neuróticas. A neurose delas é resultante de terem duas maneiras diferentes de se comportar; contradizem-se o tempo todo e como, além disso, não têm consciência de si mesmas, ignoram essas contradições. Pensam formar um todo, uno e coeso, mas toda a gente vê que são duas. Alguns só conhecem um lado delas; outros conhecem apenas o outro lado. E depois ocorrem situações que se chocam, porque a maneira como o indivíduo é cria certas situações no relacionamento dele com outras pessoas, e essas duas situações não se ajustam; de fato, são simplesmente desonestas. E quanto mais for esse o caso, mais o indivíduo é neurótico.

*O senhor diria que o indivíduo pode ter até mais de duas personas?*

Oh, raramente isso ocorre. Não temos capacidade para desempenhar muito bem mais de dois papéis. Mas há casos de pessoas que têm até cinco personalidades diferentes. Em casos de dissociação de personalidade, por exemplo, quando uma pessoa — chamemos-lhe A — ignora a existência da pessoa B, mas B conhece A. Pode haver uma terceira personalidade, C, que ignora as outras duas. Existem tais casos na literatura psicopatológica, mas são raros.

*Muito raros, de fato.*

Nos casos mais correntes, trata-se apenas de uma vulgar dissociação de personalidade. Chamamos-lhe uma dissociação sistemática para distingui-la da dissociação caótica ou assistemática, que se manifesta na esquizofrenia.

*O senhor distingue entre o termo "persona" e o termo "ego"? São duas coisas diferentes?*

Bem, pressupõe-se que o ego é o representante da pessoa real. Por exemplo, quando B conhece A, mas A ignora B, diríamos que o ego está mais do lado de B, porquanto o ego possui um conhecimento mais completo e A é uma personalidade dividida.

*O senhor também emprega o termo "eu". Quer dizer, então, que "eu" tem um significado diferente de "ego" e de "persona"?*

Sim, evidentemente. Quando digo "eu" [12], não se deve pensar em termos de "eu-mesmo", porque isso é apenas o meu eu empírico, que está coberto pelo termo "ego". Mas quando se trata de "eu", então é uma questão de personalidade e é mais completo do que o ego, porquanto o ego consiste apenas naquilo de que estamos conscientes, naquilo que sabemos ser. Por exemplo, tomemos de novo o caso de B que conhece A, mas A não conhece B; B está relativamente na posição do eu, quer dizer, o ego está de um lado e o eu do outro, a personalidade inconsciente que todos nós possuímos. Com muita freqüência, dá-se o caso inverso: o inconsciente é que está na posse, é que controla a consciência. Mas isso é um outro caso.

Ora bem, enquanto estou falando, estou consciente do que digo; estou consciente de mim mesmo, mas só até um certo ponto. Muitas coisas acontecem. Por exemplo, faço alguns gestos de que não estou consciente. Eles acontecem inconscientemente, embora você possa vê-los. Posso usar palavras e não me lembrar de tê-las usado e até, no momento, não estar consciente de que as pronunciei. Assim, acontecem muitas coisas inconscientes em minha condição consciente. Quer dizer, nunca estou totalmente consciente de mim mesmo. Enquanto procuro desenvolver uma argumentação, por exemplo, existem simultaneamente processos inconscientes que continuam, talvez um sonho que tive a noite passada, ou uma parte de mim mesmo que pensa em, sei lá!, uma viagem que vou fazer, ou uma pessoa que encontrei esta manhã. Ou quando estou escrevendo um artigo, continuo escrevendo esse artigo mentalmente, sem o saber. Você pode descobrir essas coisas, digamos, nos sonhos, ou se for perspicaz, através da observação direta do indivíduo. Então, você verá nos gestos, ou na expressão da fisionomia, que existe *une arrière pensée,* algo que se situa além da consciência. De modo que, finalmente, você terá o pressentimento, "Bem, esse sujeito está escondendo alguma coisa," e poderá até perguntar-lhe: "Em que é que você está realmente pensando? Você tem estado o tempo todo com o pensamento em outro lado!" Contudo, ele não está consciente disso... ou talvez esteja. Existem indivíduos possuidores de

12. Para o eu, ver *Aion,* caps. I e IV.

um espantoso conhecimento de si mesmos, das coisas que estão acontecendo em si mesmos. Mas até essas pessoas seriam incapazes de saber o que está se desenrolando no inconsciente delas. Por exemplo, elas não têm consciência do fato de que, enquanto vivem uma vida consciente, um mito está sendo representado no inconsciente, um mito que se estende ao longo de séculos, um caudal de idéias arquetípicas que se desenrola através dos séculos e através de um indivíduo. Na realidade, é como um fluxo contínuo que surge à luz do dia nos grandes movimentos, digamos, nos movimentos políticos ou nos espirituais. Por exemplo, no período anterior à Reforma, as pessoas sonhavam com a grande transformação. É essa a razão pela qual tão grandes transformações puderam ser previstas. Se alguém for suficientemente arguto para discernir o que se passa na mente inconsciente, será capaz de prever tais transformações. Eu previ a ascensão nazista na Alemanha através da observação dos meus pacientes alemães. Eles tinham sonhos em que isso era antecipado em considerável detalhe. E eu estava absolutamente certo, nos anos que antecederam Hitler — posso até dizer o ano, foi em 1918 — eu estava certo de que algo ameaçador, algo muito grande e catastrófico, se aproximava.[13] E sabia isso apenas através da observação do inconsciente.

Existe algo muito particular nas diferentes nações. É um fato peculiar que o arquétipo da anima desempenha um papel enorme na literatura ocidental, francesa e anglo-saxônica. Não na Alemanha. São extraordinariamente raros os exemplos na literatura alemã em que a anima desempenha um papel.[14] Isso deve-se simplesmente ao fato de que nenhuma mulher é sepultada se não for sepultada como *alt Kaminnfegersgattin*,[15] pelo menos. Ela deve ter um título, caso contrário não existiu. Assim, é como se — desculpe se isso parece um tanto drástico, mas ilustra a minha tese — é como se na Alemanha não existissem realmente mulheres. Existe a *Frau Doktor*, a *Frau Professor*, a *Frau Kommerzienrat*,[16] a avó, a sogra, o avô, o pai, o filho, a filha, a irmã. Nenhuma mulher... *la femme n'existe pas*. Essa é a idéia. Ora, isso é um fato de enorme importância, porquanto mostra que, na mente alemã, desenrola-se um mito muito peculiar, e os psicólogos deveriam realmente ocupar-se dessas coisas. Mas eles preferem pensar que eu sou um profeta. Bah!...

13. "The Role of the Unconscious", CW 10, § 17.
14. Cf. "Flying Saucers: A Modern Myth", CW 10, § 775.
15. "Velha esposa borralheira".
16. "Conselheiro de Comércio", um título inteiramente destituído de significado mas que impressiona, atribuído aos comerciantes bem-sucedidos.

*Aí está, sem dúvida, um conjunto deveras interessante e extraordinário de declarações. Como é que o senhor veria Hitler, à luz desses conceitos? Vê-lo-ia como uma personificação, um símbolo do pai?*

Não, não, em absoluto. Eu não poderia explicar em termos simples o fato complicado que Hitler representa. É complicado demais. Ele é uma figura de herói e, como sabe, uma figura de herói é muito mais importante do que quaisquer pais que tenham existido até hoje.

*Um pai em escala nacional...*

Não, ele não era pai, absolutamente. Hitler foi um herói no mito alemão. Note bem, um herói religioso. Era um salvador, aquele que estava destinado a trazer a redenção. Foi por isso que colocaram o retrato dele até nos altares. E foi por isso que alguém mandou gravar na pedra de seu túmulo que era feliz porque seus olhos tinham contemplado Hitler e poderia agora repousar em paz. Ele foi um herói mítico.

*Voltando à idéia do eu, o senhor diria que o eu incorpora esses fatores inconscientes...*

O eu é meramente um termo que designa a personalidade como um todo. A personalidade total do homem é indescritível. A sua consciência *pode* ser descrita; o seu inconsciente *não pode* ser descrito porque o inconsciente — e neste ponto devo repetir-me — é sempre inconsciente. É realmente inconsciente, não o conhecemos e, portanto, não conhecemos a nossa personalidade inconsciente. Temos certos indícios, temos certas idéias, mas realmente não o conhecemos. Ninguém pode dizer onde o homem termina. Aí é que está toda a beleza da coisa. Daí todo o seu enorme interesse. O inconsciente humano oculta sabe Deus que segredos. Temos ainda descobertas a fazer, grandes descobertas.

*Dr. Jung, um outro conjunto de idéias que, é claro, são conhecidíssimas no mundo inteiro mas tiveram sua origem no senhor, gravita em torno dos termos "introversão" e "extroversão".*[17]

Tal como a palavra "complexo" — que também inventei, como você sabe, a partir dos meus experimentos de associação. Bem, esses dois termos são simplesmente práticos, pois existem certas pessoas que são, definitivamente, mais influenciadas pelo meio que as cerca

17. Cf. *Two Essays*, §§ 56 e ss., e *Psychological Types*, CW6, cap. X. (Título da edição brasileira: *Tipos Psicológicos*, Zahar Editores, 3.ª edição, 1976, apresentação e tradução de Álvaro Cabral.) (N. do T.)

do que por suas próprias intenções, enquanto que outras pessoas são mais influenciadas por fatores subjetivos. Ora, os fatores subjetivos, e isso é muito característico, foram entendidos por Freud como uma espécie de auto-erotismo patológico. Isso é um erro. A psique tem duas importantes condições. Uma é a influência ambiental e a outra é a psique como um dado inato. Como lhe disse ontem, a psique não é, em absoluto, uma *tabula rasa.* Nós somos uma mistura e uma combinação definida de genes, que existem em nós desde o primeiro instante de vida e que imprimem um caráter determinado mesmo ao bebê recém-nascido. Isso é um fator subjetivo, visto de fora.

Entretanto, se o observarmos de dentro, então é como se estivéssemos observando o mundo. Quando você observa o mundo, vê gente, vê casas, vê o céu, vê objetos tangíveis. Mas quando você se observa interiormente, vê imagens animadas, um mundo de imagens que são, em geral, conhecidas como fantasias. Entretanto, essas fantasias são fatos. É um fato que um homem tem esta ou aquela fantasia, uma fantasia tão tangível que, quando um homem tem uma certa fantasia, um outro homem pode perder a vida. Ou uma ponte poderá ser construída; todas estas casas foram fantasias. Tudo o que se faz aqui, tudo isto, todas as coisas começaram por ser fantasias, e a fantasia tem uma realidade própria. Convém não esquecer isto: a fantasia não é o nada. Não é, evidentemente, um objeto tangível mas, não obstante, é um fato. É como uma forma de energia, apesar de não podermos medi-la. É a manifestação de alguma coisa, e isso é uma realidade tão certa quanto o tratado de paz de Versalhes, ou coisa parecida. Já não existe, você não pode mostrá-lo, mas foi um fato.

Assim, os eventos psíquicos são fatos, são realidades, e quando você observa o fluxo de imagens interiores, está observando um aspecto do mundo, do mundo interior. Porque a psique, se a entendermos como um fenômeno que ocorre no organismo vivo, é uma qualidade da matéria, tal como o nosso corpo consiste em matéria. Descobrimos que essa matéria tem um outro aspecto, ou seja, um aspecto psíquico. E, assim, é simplesmente o mundo visto de dentro. É como se estivéssemos enxergando um outro aspecto da matéria. Essa idéia não é invenção minha. O velho Demócrito já falava do *spiritus insertus atomis,* o espírito inserido nos átomos. Isso quer dizer que a psique é uma qualidade que se apresenta na matéria. Não interessa se a compreendemos ou não, mas essa é a conclusão a que forçosamente chegamos se formos capazes de extrair conclusões sem preconceitos.

Assim, o homem que se guia pela influência do mundo externo — digamos, a sociedade ou as percepções sensoriais — pensa que

é mais válido e mais realista, porque essas coisas são válidas e reais, e o homem que se conduz pelo fator subjetivo não é válido, porque o fator subjetivo nada é. Mas isso é um erro. Esse homem está tão bem fundamentado quanto o outro, porque se baseia no mundo interior. Logo, ele está inteiramente certo, mesmo quando diz: "Oh, isso é apenas uma fantasia minha". Claro que esse é o introvertido e, como introvertido, está sempre receoso do mundo exterior; mostrar-se-á contrito a respeito, quando indagado, e dirá, como se pedisse desculpas: "Sim, eu sei, são as minhas fantasias", e haverá sempre nele um certo ressentimento. E, como o mundo em geral e a América em particular são extrovertidos em extremo, o introvertido não tem aí lugar, porque ele não sabe que contempla o mundo desde dentro. Isso confere-lhe dignidade, inculca-lhe certeza, porque, sobretudo nos dias de hoje, *o mundo está suspenso de um tênue fio, e esse fio é a psique do homem.* Suponhamos que uns certos camaradas em Moscou se enervam ou perdem o bom senso por alguns momentos; então, o mundo inteiro ficará envolto em chamas e em fogo. Hoje em dia, não somos tão ameaçados por catástrofes elementares. Na natureza não existe nada que seja comparável à bomba H — e isso foi criação do homem. *Nós* é que somos o grande perigo. A psique é o grande perigo. O que acontecerá se alguma coisa enguiçar na psique? Assim se demonstra qual é, em nossos dias, o poder da psique, e como é importante conhecer alguma coisa a seu respeito. Mas nada sabemos dela. Ninguém daria crédito à idéia de que o processo psíquico do homem comum tem importância. Pensa-se: "Oh, o que ele tem na cabeça pouco interessa; ele é o que o seu meio fez dele". É ensinado a fazer isto ou aquilo, acredita em tal e tal coisa, e, sobretudo, se estiver bem alojado e bem alimentado, então não terá idéia nenhuma. Aí reside o grande equívoco, porque ele é o mesmo homem que era ao nascer, ele não nasceu como *tabula rasa* mas como uma realidade.

*Um dos erros de interpretação mais comuns a respeito de sua obra, Dr. Jung, entre alguns autores norte-americanos, é que eles caracterizaram o seu estudo da introversão e extroversão como se fosse sugerido que o mundo se compõe apenas de duas categorias de pessoas, as introvertidas e as extrovertidas. Quer comentar a esse respeito?*

Bismarck disse certa vez: "Deus me proteja dos meus amigos, que dos meus inimigos posso encarregar-me sozinho!" Você sabe como são as pessoas. Escolhem uma palavra que lhes caiu no goto e depois esquematizam tudo para que se ajuste a essa palavra. Não existe o introvertido puro nem o extrovertido puro. Tal homem,

se existisse, estaria num manicômio. Trata-se apenas de termos para designar um certo pendor, uma certa tendência. Por exemplo, a tendência para ser mais influenciado por fatores ambientais ou mais influenciado por fatores subjetivos... só isso. Há pessoas que são razoavelmente bem equilibradas e que recebem tanta — ou tão pouca — influência de uns e outros fatores. E o mesmo ocorre com todas as classificações mais minuciosas; elas são apenas *points de repère,* pontos de referência para orientação.

Uma classificação esquemática é coisa que não existe. Com freqüência, tem-se até grande dificuldade em discernir a que tipo um homem pertence, quer por se tratar de um indivíduo muito bem equilibrado, quer por ser um neurótico declarado. Quando é um neurótico, manifesta-se sempre uma certa dissociação da personalidade. E, é claro, as pessoas tampouco sabem quando estão reagindo conscientemente ou quando suas reações são inconscientes. Assim, podemos estar falando com uma pessoa pensando que ela está consciente e sabe o que diz; mas, para nosso espanto, descobrimos daí a pouco que ela não tem consciência do que está dizendo. É um procedimento longo e penoso descobrir do que é que um homem está consciente e do que é que não está consciente, visto que o inconsciente age sobre ele o tempo todo. Certas coisas são conscientes, outras são inconscientes, mas nem sempre é possível distinguir umas das outras.

*Então, toda essa questão de categorias extremas, introvertidos e extrovertidos, não é mais do que uma espécie de esquema para enquadrar uma idéia?*

O meu esquema de tipologia é apenas um esquema de orientação. Existe um fator como a introversão, existe um fator como a extroversão. A classificação de indivíduos nada significa. Trata-se apenas do instrumental para o psicólogo prático explicar, por exemplo, o marido a uma esposa ou vice-versa. Ocorre com muita freqüência o caso — eu diria tratar-se quase de uma regra, mas não quero estabelecer regras demais, para não ser esquemático — de um introvertido casar com uma extrovertida para compensação, ou de um tipo casar com o seu contratipo para complementar-se. Por exemplo, um homem que ganhou muito dinheiro é um excelente homem de negócios mas carece de educação. O seu sonho, é claro, é ter um piano de cauda em casa, cercar-se de artistas, pintores, cantores e sei lá que mais, conviver com intelectuais e, assim, arranja uma esposa desse tipo a fim de ter tudo isso. Evidentemente, o nosso homem não possui nada disso, é o chamado casca grossa, mas a mulher, em compensação, é desse meio e casa com ele — ou com o dinheiro dele.

Essas compensações são um fato da vida corrente. Quando estudamos casamentos, podemos verificar isso facilmente. Nós, alienistas, temos de lidar com muitos casamentos, sobretudo aqueles que estão em dificuldades, porque os tipos são muito diferentes e, por vezes, não se entendem entre si. Como você sabe, os principais valores do extrovertido são execrados pelo introvertido, que diz: "O mundo que se dane, eu *penso!*" A esposa interpreta isso como megalomania do marido. Mas é simplesmente como se o extrovertido dissesse ao introvertido: "Escute aqui, amigo. Os fatos são estes, esta é a pura realidade!" E ele está certo. E o outro tipo diz: "Mas *eu* penso!" e isso parece absurdo ao extrovertido, pois não sabe que o outro, sem se aperceber disso, está contemplando um mundo interior, uma realidade interior, e que tanto pode estar certo como errado, mesmo que se baseie em sólidos fatos. Veja, por exemplo, a interpretação de estatísticas. Você pode provar tudo o que quiser com estatísticas. E, no entanto, o que é mais objetivo que um fato estatístico?

*É claro, sabemos que o senhor vinculou à sua tipologia da "introversão" e "extroversão" quatro funções: pensar, sentir, perceber e intuir. Seria muito interessante ouvirmos uma explicação mais desenvolvida do significado desses termos, na medida em que se relacionam com a dicotomia introvertido-extrovertido.*

Bem, há uma explicação muito simples para esses termos, e ela mostra, ao mesmo tempo, como chegamos a essa tipologia. A sensação diz-nos que existe alguma coisa. O pensamento, de um modo geral, diz-nos o que é essa coisa. A percepção informa-nos se essa coisa é agradável ou não, se deve ser aceita ou não, admitida ou rejeitada. E a intuição, bom, aqui deparamo-nos com uma dificuldade porque, normalmente, ignoramos como a intuição funciona. Quando um indivíduo tem um palpite, não se pode afirmar exatamente como ele obteve esse palpite ou donde foi que este veio. A intuição é uma coisa engraçada.

Vou contar uma pequena história. Tive dois pacientes. O homem era do tipo sensitivo e a mulher do tipo intuitivo. É claro, eles sentiam uma certa atração mútua. Assim, pegaram um pequeno barco e foram passear no lago de Zurique. E havia aí aqueles pássaros que mergulham nas águas do lago para apanhar peixe, depois sobem de novo, passado um certo tempo, mas que ninguém pode dizer quando. Os meus dois pacientes começaram então apostando quem veria o primeiro pássaro emergir da água e alçar novamente vôo, quase sempre com um peixe no bico. Ora, seria lícito pensar que o vencedor seria aquele que tivesse observado a realidade muito cuidadosamente, inclusive cronometrando o tempo

de cada mergulho, e pondo nisso todos os seus sentidos, isto é, a função de sentir. Nada disso. A mulher ganhou todas as apostas. Ela derrotava-o em todos os pontos porque, pela intuição, sabia antes. Como é possível? Podemos realmente descobrir como a intuição funciona se encontrarmos os elos intermediários. A intuição é uma percepção por elos intermediários, e nós apenas obtemos o resultado final de toda a cadeia de associações. Por vezes, podemos reconstituí-la, porém, o mais freqüente é não o conseguirmos.

Portanto, a minha definição de intuição é uma percepção através do inconsciente. É o mais perto que posso chegar. É uma função importante, pois quando se vive em condições primitivas é sumamente provável que aconteça uma porção de coisas imprevisíveis. Nesse caso, precisamos da intuição, porque os nossos instrumentos de percepção sensorial — os olhos, os ouvidos, o olfato, etc. — não têm possibilidade alguma de nos dizer o que vai acontecer. Por exemplo, estamos caminhando numa floresta primitiva. Só podemos enxergar alguns passos à nossa frente e é possível que nos orientemos pela bússola. Mas ignoramos o que existirá mais adiante; não existe um mapa da região. Se usarmos a nossa intuição, teremos palpites; e quando se vive nessas condições primitivas, o indivíduo está instantaneamente cônscio de palpites. Há lugares que são favoráveis e lugares que não são favoráveis. É impossível explicar porquê, mas será melhor seguir esses palpites, porque tudo pode acontecer, as coisas mais imprevistas. Por exemplo, ao fim de uma longa jornada, chegamos às margens de um rio. Ignorávamos que existisse ali um rio; mas, inesperadamente, deparamo-nos com ele. Por quilômetros e quilômetros não há qualquer habitação humana. Não podemos atravessar o rio, porque está cheio de crocodilos. E agora? Tal obstáculo não tinha sido previsto. Talvez nos acuda, porém, o palpite de que deveríamos permanecer nesse lugar nada promissor e aguardar o dia seguinte; ou de que deveríamos construir uma jangada ou coisa parecida, ou apenas um palpite de que devemos esperar e examinar as diversas possibilidades.

Também podemos ter intuições — e isso acontece constantemente — em nossa selva chamada cidade. Podemos ter um palpite, um pressentimento de que alguma coisa está indo mal, principalmente quando dirigimos um automóvel. Por exemplo, este é o dia em que as enfermeiras aparecem nas ruas angariando fundos para uma campanha beneficente. Na esquina de uma rua, uma enfermeira correu para a frente do carro. E elas sempre tentam conseguir algo interessante, como um suicídio... ser atropelada, eis algo que, segundo parece, é uma maravilha. Sentimos então uma impressão estranha e, realmente, na esquina seguinte, uma segunda enfermeira precipitou-se diante do automóvel. Duplicação de casos,

essa é a regra, entende? Esses eventos fortuitos acontecem em grupos.

Assim, temos advertências, palpites ou premonições constantemente; consistem, talvez, numa leve sensação de intranqüilidade, incerteza, medo. Ora, em circunstâncias primitivas, presta-se atenção a essas coisas; elas têm um significado. Mas em nossas condições de vida, criadas pelo homem e absolutamente — ou aparentemente? — seguras, não precisamos tanto dessa função. Entretanto, constatamos a sua existência e usamo-la. Verificaremos, por exemplo, que os tipos intuitivos, alguns banqueiros, os homens da Wall Street, seguem palpites, guiam-se por diagnósticos de toda a espécie. O mesmo ocorre com os jogadores de todas as descrições: de roleta, de loteria e sei lá que mais. Também encontramos freqüentemente esse tipo entre os médicos, porque isso os ajuda em seus prognósticos. Por vezes, um caso pode parecer perfeitamente normal e não se prevê qualquer complicação; contudo, uma voz interior nos segreda: "Preste atenção a isto ou aquilo. Cuidado, porque há algo que não é inteiramente normal."

É impossível dizer porquê ou como, mas temos muitas percepções subliminares, percepções sensoriais donde, provavelmente, extraímos grande parte das nossas intuições. Mas isso é percepção através do inconsciente, e é possível observá-la nos tipos intuitivos. Por exemplo, aconteceu-me certa vez que tinha uma paciente pela manhã, às nove horas. Ora, eu fumo freqüentemente o meu cachimbo e, vez por outra, um charuto, havendo um certo cheiro a tabaco no meu gabinete. Quando a paciente chegou disse:

— Quer dizer que o senhor começa trabalhando cedo, antes das nove. Deve ter recebido alguém às oito horas.

— Como é que a senhora sabe?

De fato, eu já recebera um paciente às oito da manhã.

— Oh, — respondeu ela, — apenas um palpite de que um homem deve ter estado aqui esta manhã.

— E como sabe que era um homem?

— Bem, — disse a paciente, — tive simplesmente essa impressão. A atmosfera diz-me que esteve aqui antes um homem.

Durante todo esse tempo, o cinzeiro estivera ali sob o nariz dela e havia nele um charuto meio fumado! Mas a paciente nem o notara. Assim, como vê, o intuitivo é um tipo que não descortina um obstáculo diante dos pés mas fareja um rato a quinze quilômetros.

*Mais especificamente, o que seria um exemplo da diferença entre um extrovertido intuitivo e um introvertido intuitivo?*

Bem, você escolheu um caso bastante difícil, porque um dos tipos que oferecem maiores dificuldades é, justamente, o introvertido intuitivo... Encontramos o extrovertido intuitivo entre caçadores, banqueiros, jogadores; isso é muito compreensível. Mas a variedade introvertida é mais difícil porque tem intuições no tocante ao fator subjetivo, isto é, o mundo interior. Isso é muito difícil de entender porque o que ele vê são coisas extremamente incomuns, coisas de que ele não gosta de falar, se não for um imbecil. Se o fizesse, estragaria o seu próprio jogo contando o que vê, porque as pessoas não entenderão nada disso.

Por exemplo, tive certa vez uma paciente, uma jovem de uns 27 ou 28 anos. Imediatamente depois de sentar-se, ela declarou:

— Sabe, doutor, vim consultá-lo porque tenho uma cobra no abdome.

— O QUÊ?!

— É isso mesmo, uma cobra, uma cobra preta enroscada no baixo ventre.

Devo ter posto uma expressão de tanta perplexidade, que ela acrescentou imediatamente:

— O doutor sabe, eu não estou falando literalmente, mas diria que é uma cobra.

— Se você afirma que é uma cobra, é uma cobra.

Mais tarde, numa conversa que teve lugar mais ou menos a meio do tratamento, o qual durou dez sessões, a paciente recordou-me algo que havia pressagiado. No começo, ela dissera:

— Virei apenas dez vezes e depois tudo ficará bem.

— Como é que você sabe? — indaguei.

— Oh, tive um palpite.

E realmente, por volta da quinta ou sexta sessão, a paciente disse:

— Ah, doutor, devo contar-lhe uma coisa. A cobra subiu e agora está aqui.

Um palpite! Depois, na décima sessão, eu disse:

— Hoje é a nossa décima sessão. Você sente-se curada?

Com uma expressão radiante, ela informou:

— Sabe, doutor, esta manhã ela voltou a subir e saiu pela minha boca. Tinha uma cabeça dourada.

Foram essas as suas últimas palavras.

Analisemos agora a realidade, em seus fatos objetivos: essa moça consultou-me porque, dizia ela, não conseguia ouvir mais os seus próprios passos, era como se, literalmente, caminhasse no ar. Não os ouvia e estava assustada. Quando lhe perguntei onde morava, respondeu:

— Oh, na pensão tal. Bem, não se chama exatamente uma pensão, mas é uma espécie de pensão.

Eu jamais ouvira falar nela.

— Nunca ouvi falar nesse lugar, — disse eu.

— Oh, é um lugar muito agradável, — respondeu a paciente. — Só tem moças. São todas muito simpáticas, muito bonitas, e divertem-se muito. Desejei muitas vezes que me convidassem para suas tardes alegres.

E então perguntei:

— Elas divertem-se sozinhas?

— Não, há sempre muitos jovens entrando e saindo; passam umas horas agradáveis, mas nunca me convidam.

Resultou, é claro, que se tratava de um bordel muito reservado. A paciente era uma jovem perfeitamente decente, de uma boa família, não daqui. Ela descobrira esse lugar, não sei como, e nele se hospedara, na completa ignorância de que todas as belas e alegres moças a que se referia eram prostitutas.

E eu disse:

— Por amor de Deus, você caiu num lugar perigoso. Trate de livrar-se dele o mais depressa possível.

Ela não via a realidade mas tinha verdadeiros palpites. Semelhante pessoa não podia falar de suas experiências porque todo o mundo a acharia louca varrida. Eu mesmo fiquei muito chocado e pensei: "Será um caso de esquizofrenia?" Normalmente, não ouvimos esse tipo de linguagem; mas ela supunha que aqui o velhote, é claro, sabia tudo e compreendia esse tipo de linguagem. Portanto, se o introvertido intuitivo dissesse o que realmente percebe, praticamente ninguém o entenderia; seria mal interpretado. Assim, tais pessoas aprendem a guardar essas coisas para si mesmas. Dificilmente as ouviremos falar dessas coisas. De certo modo, isso é uma desvantagem mas, por outro lado, é muito vantajoso que essas pessoas não falem de suas experiências, tanto as interiores como as que ocorrem em suas relações humanas. Por exemplo, podem ficar na presença de alguém que não conhecem e, de súbito, ter imagens interiores. Ora, essas imagens interiores poderão fornecer-lhes informações mais ou menos completas sobre a psicologia dessa pessoa que acabaram de conhecer. Também pode acontecer que fiquem na presença de alguém que não conhecem desde o tempo de Adão, e tomem conhecimento de um aspecto importante da biografia dessa pessoa mas, não tendo consciência disso, contem a história, em vez de a guardarem para si. Isso, muitas vezes, é o mesmo que jogar lenha na fogueira![18] Assim, o introvertido intui-

18. Para um exemplo extraído da própria biografia de Jung, ver *Memories, Dreams, Reflections*, pp. 51/61.

tivo tem, de certo modo, uma vida muito difícil, embora seja interessantíssima. Mas é muito difícil ganhar a confiança dele.

*Sim, porque receiam que as pessoas o julguem doente.*

As coisas que são interessantes para eles, ou são vitais para eles, são profundamente estranhas, insólitas, para o indivíduo comum. Um psicólogo, entretanto, deve compreender tais coisas. Quando alguém pratica a psicologia, como suponho que um psicólogo deve praticar, a primeira interrogação é: O meu paciente é introvertido ou extrovertido? O psicólogo terá, segundo o caso, de apurar coisas inteiramente diferentes. É um tipo sensitivo? Um intuitivo? Está diante de um tipo pensante ou de um emotivo? Estas coisas são complicadas. E tornam-se ainda mais complicadas porque o pensamento introvertido, por exemplo, é compensado pelo sentimento extrovertido, o sentimento inferior, arcaico, do extrovertido. Assim, um pensador introvertido pode ser muito grosseiro em seus sentimentos, como é o caso do filósofo introvertido que sempre evitou cuidadosamente as mulheres no meio cultural e social que freqüenta, e talvez acabe casando com a sua cozinheira! [Risos.]

*De modo que podemos adotar a sua categoria introvertido-extrovertido para descrever numerosos tipos: os tipos introvertido e extrovertido orientados pela sensação, os tipos introvertido e extrovertido orientados pela emoção, os tipos introvertido e extrovertido orientados pelo pensamento e, enfim, os tipos introvertido e extrovertido orientados pela intuição. Em cada um desses casos, essas combinações não representam uma categoria concreta mas, simplesmente, um modelo que pode ajudar-nos na compreensão do indivíduo.*

Sim, trata-se apenas de uma espécie de esqueleto a que temos de adicionar a carne. Poderíamos dizer que é algo como uma região mapeada por pontos de triangulação, o que não significa que essa região consista em pontos de triangulação; isso faz-se apenas para que tenhamos uma idéia das distâncias. É um meio para um fim. Tal esquema só faz sentido quando lidamos com casos práticos. Por exemplo, se tivermos de explicar um marido introvertido-intuitivo a uma esposa extrovertida, é um caso deveras espinhoso porque, como se sabe, um tipo extrovertido-sensitivo é o que está mais distante das experiências interiores e das funções racionais. Ela adapta-se e comporta-se de acordo com os fatos, tal como estes são, e é sempre tolhida por esses fatos. Na realidade, ela mesma está nesses fatos. Mas se o introvertido é intuitivo, isso é um inferno, porque assim que se encontra numa situação definida, tenta encontrar uma escapatória, um buraco por onde sair dessa situação. Para ele, toda e qualquer situação que se apresente é sempre o pior

que lhe poderia acontecer. É espicaçado e sente-se caçado, tolhido, sufocado e acorrentado. Deve quebrar esses grilhões porque ele é o homem que descobrirá um novo campo. Plantará nesse campo e assim que as novas plantas começarem brotando, estará tudo terminado; ele sente que sua missão acabou e não lhe interessa mais. Outros colherão o que ele semeou. Quando esses dois indivíduos casam, o extrovertido sensitivo e o introvertido intuitivo, posso assegurar que não faltarão complicações.

*Sim, de fato. Mas, falando do tipo intuitivo, o senhor está certamente familiarizado com os trabalhos de J. B. Rhine na Universidade Duke. Uma parte das pesquisas dele sobre percepção extra-sensorial, clarividência e telepatia parece-se bastante com as suas pesquisas sobre a função intuitiva. O senhor diria que uma pessoa dotada de clarividência seria do tipo intuitivo?*

É muito provável. Ou pode ser do tipo sensitivo, digamos, um extrovertido sensitivo, o qual é muito influenciado pelo inconsciente. Ele tem intuição introvertida em seu inconsciente. Existem dois grupos, o racional e o irracional. O grupo racional é pensamento e sentimento. O pensamento ideal é um resultado racional, assim como o sentimento ideal é um valor racional. É sentimento diferenciado. Mas a sensação é necessariamente irracional, porque *não* pode prejulgar os fatos. A percepção ideal da realidade consiste em ter uma percepção aguda das coisas, tal como elas são, sem adições nem correções. A intuição não vê as coisas tal como são; isso é prisão, é maldição para o intuitivo. Ele olha sempre superficialmente para as coisas e mergulha logo num processo inconsciente, no fim do qual viu algo que ninguém mais teria visto. As pessoas que obtêm os melhores resultados [nos experimentos de Rhine] são sempre as introvertidas, ou aquelas em que a intuição introvertida intervém. Mas isso é um aspecto subsidiário que não se reveste de grande interesse. Há uma outra questão que reputo muito mais interessante, e que é a referente aos termos que eles usam. O próprio Rhine os emprega: pré-cognição, telepatia, etc. Esses termos nada significam, absolutamente nada. São apenas palavras, mas ele pensa estar dizendo alguma coisa quando diz "telepatia".

*A palavra, em si mesma, não é uma descrição do processo.*

Claro que não descreve o processo. A palavra nada significa!

*Naturalmente, muitas coisas que o senhor está descrevendo são, na opinião de cientistas, fruto do acaso. Ocorrências fortuitas, fatores aleatórios. Rhine usa métodos estatísticos e relata essas ocorrências mais freqüentemente do que se poderia esperar por acaso.*

Bem, ele prova que isso é mais do que o acaso, que é estatisticamente plausível. Esse é o ponto importante que não pôde ser contraditado. Alguns trabalhos experimentais realizados na Inglaterra quiseram provar o contrário e seus autores disseram: "Oh, Rhine, só conjeturas e nada mais." Exatamente! É isso mesmo, são conjeturas, aquilo a que vocês chamam conjeturas. Uma intuição é uma conjetura; uma conjetura definida é uma intuição — apenas isso. Mas nada significa. O ponto importante é que [com Rhine] o resultado é mais do que meramente provável; está para além do acaso. Esse é o grande problema. Mas as pessoas detestam problemas que não possam tratar concretamente. O próprio Rhine não entende, muito freqüentemente, a nossa argumentação a esse respeito, porque é uma relativização — agora vou dizer algo que é motivo de excomunhão nesses gabinetes sagrados — uma relativização de tempo e espaço através da psique. Esse é o fato, e é o que Rhine tornou evidente. Mas fazer com que os cientistas digam, "Essa eu engulo!", aí é que está a dificuldade.

*Poderíamos avançar um pouco mais, a propósito de algumas de suas obras recentes, que muitos consideram extremamente profundas, mas não são muito conhecidas da maioria dos nossos estudantes.*

Claro que não são! Ninguém lê essas coisas, exceto o grande público. É por isso que, pelo menos, os meus livros são vendidos! [Risos.]

*Refiro-me ao conceito de sincronicidade...*[19]

Hum...

*Parece-me que seria pertinente neste ponto de nossa conversa. Gostaria de comentar a esse respeito?*

Isso é terrivelmente complicado. Nem sei por onde começar. É claro, esse modo de pensar teve início há muito tempo e quando Rhine divulgou os seus resultados eu pensei: Agora temos, finalmente, uma base razoavelmente fidedigna para argumentar. Mas o argumento não foi entendido porque é, realmente, muito difícil. Quando observamos o inconsciente, encontramos numerosos casos que apresentam um tipo muito especial de eventos paralelos. Por exemplo, tenho um certo pensamento, ou um certo assunto está ocupando minha atenção e meu interesse. Ao mesmo tempo, acontece alguma outra coisa, de um modo inteiramente independente, que retrata com exatidão esse pensamento. Ora, isso é um rema-

19. Cf. "Synchronicity: An Acausal Connecting Principle", CW 8.

tado absurdo, se o encararmos de um ponto de vista causal. Entretanto, que existe algo mais que nada tem de absurdo foi evidenciado pelos resultados dos experimentos de Rhine. Existe uma probabilidade; tal evento ocorre por algo mais do que o acaso.

Nunca fiz experimentos estatísticos semelhantes aos de Rhine, exceto uma vez. Mas realizei-o com uma outra finalidade.[20] Entretanto, deparei-me com numerosos casos em que era verdadeiramente surpreendente que duas cadeias causais aconteciam ao mesmo tempo mas independentes uma da outra, de tal modo que se poderia afirmar não terem qualquer relação mútua. Isso é realmente muito claro. Por exemplo, falo de um carro vermelho e, no mesmo momento, um carro vermelho aparece aqui. Ora, eu não o tinha visto; era impossível, pois ele estava por detrás daqueles edifícios até ao momento exato em que surgiu na esquina e o pudemos ver daqui. Muitos dirão: Mero acaso, pura coincidência. Mas o experimento de Rhine prova que esses casos não são fortuitos. Muitas dessas coisas, é claro, são ocorrências a que não podemos aplicar tal argumento, caso contrário seríamos apenas supersticiosos. Não podemos dizer: "Esse carro apareceu aqui porque foram feitos alguns comentários a respeito de um carro vermelho; o carro vermelho apareceu por milagre." Ora, não se trata de milagre coisa nenhuma; é acaso, apenas acaso. Mas esses "acasos" acontecem muito mais freqüentemente do que o acaso permite, e isso mostra que alguma coisa está por detrás disso. Rhine dispõe de todo um instituto, com numerosos colaboradores, e não lhe faltam recursos. Não dispomos aqui de meios para realizar tais experimentos, caso contrário, eu já os teria provavelmente feito. Mas é fisicamente impossível. Assim, tenho de me contentar com a observação de fatos.

## TERCEIRA ENTREVISTA

*Dr. Jung, uma questão que é muito importante quando tentamos compreender a psicologia do indivíduo gravita em torno do problema da motivação, por que uma pessoa faz o que faz. Até certo ponto, o senhor já falou sobre isso quando discutiu os arquétipos. Entretanto, para aprofundar um pouco mais esse problema, quando foi antes abordada a questão da libido, certamente se lembra de ter afirmado que, em sua opinião, a libido era muito mais do que mera energia sexual. Achava que podia ser algo muito mais amplo. Ora, o senhor defende certos princípios acerca da energia*

20. "An Astrological Experiment", ibid., pp. 459 e ss.

*psíquica que são muito provocativos, muito estimulantes, e um desses princípios, creio eu, foi o que designou como o princípio de entropia.*

Bem, só lhe fiz uma alusão,[21] como sabe. O principal é adotar o ponto de vista energético, na medida em que se aplica aos fenômenos psíquicos. Ora, acontece que, no tocante aos fenômenos psíquicos, não temos possibilidade alguma de medi-los com exatidão, de modo que se trata sempre de uma espécie de analogia. Freud usa o termo "libido" no sentido de energia sexual, e isso não é inteiramente correto. Se fosse sexual, então seria uma força como a eletricidade ou qualquer outra manifestação de energia. Ora, a energia é um conceito pelo qual tentamos expressar, por analogia, todas as manifestações de força. Elas têm uma certa quantidade, uma certa intensidade, existe um fluxo numa direção que tende para a suspensão final de opostos, por exemplo, "alto" e "baixo". Um lago numa montanha flui pela sua vertente até toda a água estar embaixo e depois acabou.

Algo semelhante ocorre no caso da psicologia. Ficamos fatigados de nosso trabalho intelectual, ou da existência consciente, e devemos dormir para restaurar nossas forças. É como se, durante a noite, a água fosse bombeada de um nível inferior para um superior, a fim de que possamos trabalhar de novo no dia seguinte. É claro, esta analogia também é capenga, pelo que só usamos o termo "energia" de um modo análogo. Usei-o porque quis expressar o fato de que a manifestação de energia da sexualidade não é o único impulso energético. Existem muitos outros, como o impulso de conquista ou o impulso de agressão. Como vê, há muitas formas. Atente para os animais, para o modo como constroem seus ninhos ou o impulso que leva as aves migratórias a viajar. Todos eles são impelidos por uma espécie de manifestação energética, e o significado da palavra "sexualidade" estaria inteiramente perdido se todos esses impulsos, todas essas manifestações de energia e todos esses comportamentos fossem incluídos na sexualidade. O próprio Freud viu que isso não era aplicável a tudo e, mais tarde, corrigiu-se ao admitir que existiam também impulsos do ego. Isso é uma coisa distinta, é uma outra manifestação. Ora, para não presumir ou prejulgar coisas, prefiro falar simplesmente de energia, uma quantidade de energia que pode manifestar-se através da sexualidade ou de qualquer outro instinto. Essa é a principal característica, não a existência de uma força única, pois isso é francamente injustificável.

21. "On Psychic Energy", ibid., pp. 25 e ss.

*Um outro ponto a respeito da motivação é que parece existirem dois pontos de vista que se destacam na psicologia americana atual. A um deles poderíamos chamar o ponto de vista histórico, quando procuramos averiguar a história e o desenvolvimento do indivíduo, a fim de encontrar respostas sobre o porquê dele estar fazendo uma determinada coisa, num determinado momento. Depois, temos um outro ponto de vista postulado por Kurt Lewin, o qual é uma espécie de teoria do campo. Pensa ele que a história, o passado, não é tão importante na motivação quanto todas as condições que afetam o indivíduo no momento. Podemos predizer o comportamento mediante o conhecimento dessas condições e não precisamos voltar ao passado para entender por que uma pessoa faz o que faz. O senhor acha que a teoria do "campo presente" de Lewin tem algum mérito?*

Bem, obviamente. Eu sempre insisti em que até mesmo uma neurose crônica tem sua verdadeira causa no momento presente — agora.[22] A neurose é elaborada diariamente pela atitude errada do indivíduo, mas essa atitude errada é um fato histórico e precisa ser historicamente explicado por coisas que aconteceram no passado. Contudo, isso também é unilateral, visto que todos os fatos históricos são orientados não só para uma causa mas também para uma determinada meta. Eles são, num certo sentido, teleológicos, porque servem a uma certa finalidade. A atitude errada pode ter-se originado há muito tempo, de uma certa maneira, mas não existiria hoje se não existissem causas imediatas e finalidades imediatas que a mantêm viva. Por isso uma neurose pode terminar de súbito, num certo dia, apesar de todas as causas. Além disso, no começo da guerra, observaram-se casos de neurose de compulsão que haviam durado muitos anos e que, de repente, ficaram curados, porque esses pacientes se encontraram numa condição inteiramente nova. É como um choque, entende? Até mesmo os esquizofrênicos podem melhorar imenso através de um choque produzido por uma condição radicalmente nova; é uma coisa muito chocante observar que um choque pode arrancar tais pacientes de suas atitudes habituais. Quando essas atitudes são abandonadas, tudo desmorona, todo o sistema que foi construído durante anos.

*Quando trabalha com um paciente, o senhor diria ser absolutamente imperativo que ele recapitule e reformule toda a sua vida passada, a fim de o ajudar em sua neurose atual?*

Em terapia não existe um sistema exclusivo a esse respeito. Você trata o paciente tal como ele é no momento presente, inde-

22. Cf. "The Theory of Psychoanalysis", CW 4, pp. 157 e ss.

pendentemente de causas e coisas no gênero. Tudo isso é mais ou menos teórico. Existem pacientes que sabem tanto a respeito de suas próprias neuroses quanto eu. Em tais casos, posso começar logo por equacionar o problema. Por exemplo, tive o caso de um professor de filosofia que imaginava ter câncer.[23] Mostrou-me numerosas chapas de raios X que provavam não haver câncer. Disse ele: "É claro, não tenho câncer mas, apesar disso, estou com medo de que pudesse ter um. Consultei vários cirurgiões e todos me garantiram que não tenho. Sei que não tenho mas *poderia* ter, e isso é o bastante!" Um caso como esse pode curar-se de um momento para o outro; a pessoa deixa simplesmente de pensar em tais bobagens. Mas isso é exatamente o que ele é incapaz de fazer.

Num caso como esse, eu digo: "Bem, está plenamente claro para você que aquilo em que acredita não passa de uma tolice. Mas por que é que se sente forçado a acreditar em tal tolice? Que força o leva a pensar em tal coisa, contra a sua própria e livre vontade? Se sabe que é absurdo, então por que pensa nisso?" É como se o paciente estivesse possuído. Exatamente como um demônio dentro dele, que o faz pensar desse modo, apesar do fato de ele não querer. Esse é o problema para um intelectual. Então eu digo: "Muito bem, você não sabe, não tem uma resposta. Eu tampouco tenho uma resposta. O que é que vamos fazer?" E acrescento: "Vejamos, como ponto de partida, o que você costuma sonhar, porque um sonho é a manifestação do lado inconsciente." No caso a que estou me referindo, ele nunca tinha ouvido falar do lado inconsciente; e tive que lhe explicar que ele possui um inconsciente, que um sonho é uma manifestação desse inconsciente e que, se conseguirmos analisar o sonho talvez possamos fazer uma idéia sobre a natureza da força que o leva a pensar assim. Num caso como esse, podemos começar logo com a análise de sonhos, e o mesmo é válido para todos os casos que se revestem de alguma seriedade. Note bem, esse não é um caso simples, é um caso muito sério e difícil, apesar da simplicidade da fenomenologia e da sintomatologia.

Em todos os casos, depois de preliminares tais como a história da família, toda a anamnese médica, etc., chegamos sempre a esta interrogação: O que é que, em seu inconsciente, o faz pensar errado, o impede de pensar normalmente? Chegamos então a um ponto em que podemos começar com a observação do inconsciente e, dia após dia, vamos analisando os dados que o inconsciente produz. Discutimos o sonho e isso fornece uma nova superfície para o problema todo. Depois, apresenta-se um outro sonho, e o sonho seguinte

23. Cf. "Psychology and Religion", pp. 10 e ss.

acrescenta mais uma resposta, porque o inconsciente está numa relação compensatória com a consciência e, daí a pouco, obtemos o quadro completo. E se o paciente está na posse do quadro completo e tem a necessária energia moral, então pode ser curado. Mas, em última instância, é uma questão moral se um homem aplica ou não aquilo que aprendeu a seu próprio respeito.

*Assim sendo, o inconsciente desempenha um papel muito importante nessa situação. Mas o que o senhor descobre num sonho não é necessariamente uma imagem ou símbolo do que aconteceu no passado?*

Oh, não! É apenas um símbolo. O símbolo, entende?, é um termo especial. A expressão simbólica num sonho é uma manifestação da situação do inconsciente, vista desde o inconsciente. Suponha que eu lhe digo algo que é a minha concepção subjetiva pessoal a respeito de alguma coisa e, se depois perguntar a mim mesmo, "Você está realmente convencido disso?", terei de admitir que alimento certas dúvidas — não no momento em que lhe falo, mas essas dúvidas são inconscientes. E quando tenho um sonho a esse respeito, essas dúvidas vêm à tona e ganham o primeiro plano. Essa é a maneira como o inconsciente vê a coisa, é como se nos dissesse: Está tudo muito certo o que você disse, mas omitiu inteiramente tal e tal ponto.

*Mas se o inconsciente atua sobre a situação presente, vendo a coisa em amplos termos motivacionais, esse efeito do inconsciente não será o resultado da repressão, no sentido que lhe é dado pelo psicanalista ortodoxo?*

Não, pode ser que o que o inconsciente tem a dizer seja tão desagradável que a pessoa prefira não ouvir. E, na maioria dos casos, as pessoas seriam provavelmente menos neuróticas se pudessem admitir essas coisas. Mas essas coisas são sempre um tanto difíceis, ou desagradáveis, ou inconvenientes, ou algo parecido. Por isso é que há sempre uma certa dose de repressão, mas isso não é o principal. O principal é que essas coisas são realmente inconscientes. Se você está inconsciente a respeito de certas coisas que deveriam ser conscientes, então você está dissociado. Nesse caso, você é um homem cuja mão esquerda nunca sabe o que a direita está fazendo e contraria ou atrapalha a mão direita. Um homem em tais condições está impedido de agir.

*O senhor diria que o inconsciente de um certo indivíduo que foi criado numa cultura inteiramente diferente, digamos, na Índia, seria semelhante, em muitos aspectos, ao inconsciente de um outro indivíduo que viveu toda a sua vida, por exemplo, na Suíça?*

Bem, essa pergunta também é complicada porque, quando falamos do inconsciente, quase deveríamos perguntar: "Que inconsciente?" Trata-se daquele inconsciente que é característico de um determinado indivíduo?

*O senhor falou em sua obra do inconsciente pessoal como uma das espécies de inconsciente.*

Sim. No tratamento da neurose, temos de lidar com esse inconsciente pessoal durante um certo tempo e só depois é que começam chegando sonhos que mostram estar sendo abordado o inconsciente coletivo. Enquanto houver material de natureza pessoal, teremos que nos ocupar do inconsciente individual. Mas quando nos deparamos com um problema que já não é meramente pessoal mas também coletivo, então estamos diante de sonhos coletivos.

*Por conseguinte, a distinção entre inconsciente pessoal e inconsciente coletivo consiste em que o pessoal estaria mais envolvido na vida imediata do indivíduo, ao passo que o coletivo seria universal, tendo os mesmos elementos em todos os homens?*

Sim. Toda e qualquer sociedade tem problemas coletivos, convicções coletivas, etc. Somos muitíssimo influenciados por esses elementos. Por exemplo, você pertence a um certo partido político, ou professa um certo credo, e isso pode ser uma determinante muito séria do seu comportamento. Ora, enquanto um conflito pessoal não o atingir, o inconsciente coletivo não tem problemas, não aparece. Mas no momento em que você transcender a sua esfera pessoal e entrar em contato com as suas determinantes impessoais, digamos, uma questão política ou qualquer outra questão social que realmente lhe importe, então estará diante de um problema coletivo, e terá sonhos coletivos.

*Dr. Jung, seria muito atrevimento de minha parte se lhe pedisse para citar algum caso real de um paciente ou amigo que nos mostrasse como o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo estavam atuando na neurose ou num problema que essa pessoa pode ter tido?*

Bem, você sabe que existe uma quantidade enorme de sonhos pessoais e eu, possivelmente, teria dificuldade em escolher apenas um, em virtude de tal *embarras de richesse*. Há milhões de sonhos pessoais que tratam simplesmente da relação com o pai, ou com a mãe, ou com a esposa, e assim por diante, com toda a espécie de variações individuais. Mas suponha que um paciente atinge esse nível mais profundo ou que o seu conflito começa ficando tão sério que a mente dele possa sofrer; teremos então um sonho coletivo em que aparecem claramente motivos mitológicos. São abundantes

os exemplos na literatura. Como sabe, escrevi um livro intitulado *Psicologia do Inconsciente*,[24] a respeito desses sonhos.

Lembro-me do caso de um homem muito instruído, muito racional.[25] Ele tinha, é claro, uma porção de problemas pessoais, mas estes tornaram-se tão sérios que ele passou a ter relações muito desagradáveis com todos os que participavam de seu convívio diário. Ele era membro de uma sociedade e teve uma briga envolvendo diversos sócios, o que resultou em cortar relações com essas pessoas; foi realmente muito chocante. E começou tendo então sonhos coletivos. De súbito, sonhou com coisas em que jamais pensara em toda a sua vida, temas mitológicos, e pensou que estava louco, pois era incapaz de entender isso, era como se o mundo inteiro se tivesse transformado. Isso é o que se observa nos casos de esquizofrenia, mas esse não era um caso de esquizofrenia. Como exemplos, você pode usar qualquer daqueles sonhos coletivos que publiquei; são numerosos. De momento, não me recordo de um exemplo adequado. Para deixá-lo bem claro, teria que lhe contar uma longa história e então entenderia o que eu quero dizer, caso contrário não faz sentido dar-lhe apenas uma versão resumida e forçosamente incompleta.

Contei-lhe o caso da jovem intuitiva que de repente me apareceu com a declaração de que tinha uma cobra negra na barriga. Aí tem um símbolo coletivo. Não se trata de uma fantasia individual, é uma fantasia coletiva. É muito conhecida na Índia. A jovem nada tinha a ver com a Índia mas, embora nos seja inteiramente inconsciente, nós também temos essa fantasia, pois todos somos humanos. Assim, talvez ela pensasse no primeiro momento que tinha enlouquecido, era apenas altamente intuitiva. Na Índia, a serpente é a base de todo um sistema filosófico, o tantrismo; ela é Kundalini, a serpente Kundalini. Isso é algo conhecido apenas de meia dúzia de especialistas; geralmente, não se conhece que temos uma serpente no abdome. Trata-se de um sonho coletivo ou de uma fantasia coletiva.

*Na vida cotidiana do indivíduo, é possível que coisas que o perturbam e causam tensão levem à repressão, e que passem a fazer parte do inconsciente pessoal?*

Sim, mas ele não as reprime sempre conscientemente. Essas coisas desaparecem, simplesmente, e Freud explica isso por um ato de repressão. Mas você poderá provar que essas coisas nunca estiveram conscientes antes. Elas simplesmente não aparecem e não

24. Revisto como *Símbolos de Transformação*, CW 5.
25. Este caso forma a Parte II de *Psicologia e Alquimia*, CW 12.

se sabe por que não aparecem. É claro, *après le coup*, pode-se dizer por que é que desapareceram, que eram desagradáveis ou incompatíveis com suas opiniões conscientes, com a atitude consciente da pessoa. Mas isso é depois; você não poderia prever nada disso.

Assim, como você vê, essas coisas que têm uma tonalidade emocional são parcialmente autônomas, podem aparecer ou, pelo contrário, não aparecer. Podem desaparecer de moto próprio, não pela vontade do indivíduo, embora ele também possa reprimi-las. O mesmo se passa com as projeções. As pessoas dizem: "Fulano faz projeções". É uma tolice. Uma pessoa não faz projeções, descobre-as. Elas já estão aí, porque *aqui* o inconsciente não é consciente, mas *aí* é consciente, no meu irmão. *Aí* eu vejo a pimenta em meus olhos como refrigério nos olhos do meu irmão, precisamente porque não tenho consciência da pimenta em meus olhos. E assim, esses desaparecimentos, ou as chamadas repressões, são idênticas às projeções. Em vez de serem projetadas em alguém ou alguma coisa fora, são introjetadas. Mas não é você quem está fazendo isso, elas já são inconscientes. Existem casos [de repressão consciente], por certo, mas eu diria que a maior parte deles não são repressões. Esse foi o meu primeiro ponto de divergência com Freud. Eu vi nos experimentos de associação que certos complexos não são reprimidos, em absoluto. Eles simplesmente não aparecerão. Isso porque o inconsciente é real, é uma entidade, funciona por si mesmo, é autônomo.

*Assim, no que se refere aos chamados mecanismos de defesa, projeção, racionalização, etc., o senhor diverge do ponto de vista psicanalítico ortodoxo, na medida em que rejeita serem eles desenvolvidos como um meio de defender o ego, através da repressão.*

Sim, é exato. Veja, por exemplo, o caso daquela serpente. Isso nunca tinha sido reprimido, pois que, caso contrário, teria sido consciente para a moça. Mas era inconsciente nela e somente apareceu na fantasia dessa paciente, de um modo inteiramente espontâneo. Ela ignorava como isso tinha aparecido. Ela disse: "Bem, eu simplesmente a vi."

*Alguns psicanalistas ortodoxos teriam dito que isso era um símbolo fálico.*

Sim, eu sei, claro, mas cada um pode dizer o que lhe der na veneta. Você pode dizer que o campanário de uma igreja é um símbolo fálico, mas quando você sonha com um pênis, isso é símbolo de quê? Você sabe o que disse um analista ortodoxo, um daqueles da velha guarda? Ele disse: "Bom, nesse caso a censura não funcionou." Ora bolas, você chama a isso uma explicação científica? [Risos.]

*Muito interessante, Dr. Jung, verdadeiramente interessante. Um outro conceito seu relacionado com o desenvolvimento motivacional é o processo de individuação, a que se referiu freqüentemente em seus escritos. Poderia comentar sobre esse processo de desenvolvimento psíquico no sentido de um todo... uma totalidade?*

Isso é muito simples de explicar. Você pegue numa glande, jogue-a na terra e verá o que acontece. Ela cresce e converte-se num carvalho. Assim é o homem. O homem desenvolve-se a partir de um ovo e cresce até se converter no homem total. Essa é a lei que está nele, a sua lei interna.

*Em sua opinião, portanto, o desenvolvimento psíquico assemelha-se, em muitos aspectos, ao desenvolvimento biológico?*

É um fato que as pessoas se desenvolvem psiquicamente segundo o mesmo princípio de desenvolvimento do corpo. Por que haveríamos de pressupor um princípio diferente? É realmente a mesma espécie de comportamento evolucionário que se observa no corpo. Considere aqueles animais que têm características anatômicas especialmente diferenciadas, como as dos dentes ou coisa semelhante. Pois bem, essas características estão de acordo com o seu comportamento psíquico, ou seu comportamento psíquico harmoniza-se inteiramente com esses órgãos.

*Assim, em sua opinião, não há necessidade alguma de recorrer a outras teorias para explicar o desenvolvimento psíquico?*

A psique não é distinta do resto do ser vivo, ela é o aspecto psíquico do ser vivo. É até o aspecto psíquico da matéria, uma qualidade da matéria [...] Eu não poderia discutir as implicações [físicas].

*Bem, o senhor mesmo tem antecedentes na física...*

Nada que mereça ser falado.

*Quando se lê sua obra, Dr. Jung, depreende-se que o senhor tem vastos conhecimentos de arqueologia, antropologia...*

Bem, isso é verdade, tanto mais que uma boa parte de minha obra envolve essas disciplinas, mas em compensação não tenho dons matemáticos. Isso me prejudica um pouco, pois é impossível adquirir um verdadeiro conhecimento ou entendimento da física nuclear sem um bom domínio da matemática, da matemática superior. Só possuo uma certa relação com ela no tocante às questões epistemológicas. A física moderna está ingressando verdadeiramente na esfera do invisível e do intangível.

Na realidade, é um campo de probabilidades, você sabe, o que é exatamente o mesmo que o inconsciente. Discuti freqüentemente isso com o Professor Pauli.[26] Ele é um físico nuclear e, para meu espanto, descobri que ele emprega termos que também usamos na psicologia. Isso é simplesmente uma conseqüência do fato de estarmos ambos entrando numa esfera — um penetrando nela de fora, e nós de dentro — que é desconhecida. Essa a razão das negociações entabuladas entre a psicologia e a matemática superior. Por exemplo, nós usamos o termo "função transcendente".[27] Ora, a função transcendente é um conceito matemático para a função de números irracionais e imaginários. Mas isso é matemática superior, com a qual eu nada tenho a ver. No entanto, chegamos à mesma terminologia.

*Quando o senhor falou a respeito do Dr. Einstein, em nossa conversa anterior,[28] disse-nos que ele tentou mais ou menos submeter à prova algumas idéias dele, cotejando-as com as suas. O senhor alguma vez sugeriu a possibilidade de que a relatividade fosse aplicável às funções psíquicas?*

Bem, você sabe como é quando um homem está tão concentrado em suas próprias idéias. E quando, ainda por cima, ele é um matemático, você pode estar certo de que o acolhimento não será dos mais favoráveis.

*Em que ano o senhor travou amizade com Einstein?*

Eu não me diria um amigo. Fui simplesmente o anfitrião. Esforcei-me por escutar e entender, de modo que houve muito pouca oportunidade para inserir qualquer de minhas próprias idéias.

*Isso foi depois de Einstein já ter formulado a sua teoria da relatividade?*

Foi precisamente quando ele estava trabalhando nela, logo no início. Era algo muito, mas muito interessante.

*Durante seus encontros com o Professor Toynbee, o senhor interessou-se pelas idéias que ele vinha expondo sobre história?*

---

26. Wolfgang Pauli, Prêmio Nobel, m. 1958. O seu estudo "The Influence of Archetypal Ideas on the Scientific Theories of Kepler" figura em Jung e Pauli, *The Interpretation of Nature and the Psyche* (1955).

27. Cf. "The Transcendent Function", CW 8.

28. Como o leitor terá notado, não houve qualquer referência prévia a Einstein. Tal referência pode estar entre os trechos cortados na editoração do *tape*, ou ter sido feita ao Prof. Evans em conversa particular. Cf. "The Tavistock Lectures", CW 18, § 140.

Ah, sim, e muito especialmente suas idéias sobre a vida de civilizações e o modo como são regidas por formas arquetípicas. Toynbee compreendeu o que entendo pela função histórica dos desenvolvimentos arquetípicos. É uma determinante poderosamente importante do comportamento humano que pode abranger séculos ou perdurar por milhares de anos. Expressa-se em símbolos, por vezes símbolos em que jamais pensaríamos. Por exemplo, como você sabe, a Rússia, as repúblicas soviéticas, têm aquele símbolo da estrela vermelha. É uma estrela vermelha de cinco pontas. Os Estados Unidos têm uma estrela branca de cinco pontas. São inimigas; não podem combinar-se. Ora, na Idade Média, na alquimia, durante pelo menos dois mil anos, o vermelho e o branco eram o par real, estavam destinados, em última instância, a casar.

*Interessante, muito interessante.*

Os Estados Unidos são uma espécie de matriarcado, a maior parte do dinheiro está nas mãos de mulheres. E a Rússia é o país do "paisinho", é um patriarcado. De modo que são a mãe e o pai. Na Idade Média, eram chamados a mulher branca, a *femina candida*, e o *servus rubeus*, o escravo vermelho. Os dois amantes estavam brigados![29] [Risos.]

*Agora, Dr. Jung, depois desta pequena digressão muito agradável, gostaria de o interrogar acerca de algo que me parece ser uma parte muito fundamental de seus escritos. Refiro-me ao termo "mandala". Eu estaria sumamente interessado em ouvir suas observações a esse respeito.*

A mandala é apenas uma forma característica do arquétipo.[30] É o que eles chamam em alquimia a *quadratura circuli*, o quadrado no círculo ou o círculo no quadrado. É um símbolo antiquíssimo que remonta à pré-história do homem. Encontramo-lo por toda a parte da Terra e expressa ou a deidade ou o eu. Esses dois termos estão, psicologicamente, muito relacionados, o que não significa que eu acredita que Deus é o Eu ou que o Eu é Deus. Afirmo simplesmente a existência de uma relação entre eles e temos abundantes provas disso.

A mandala é um arquétipo muito importante. É o arquétipo da ordem interior e é sempre usado nesse sentido, quer para significar a ordenação dos numerosos aspectos do universo, um plano cósmico, quer para organizar um esquema da nossa psique. Expressa o fato de que existe um centro e uma periferia, e procura abran-

29. Cf. "Flying Saucers", § 790.
30. Cf. "Concerning Mandala Symbolism", CW 9, Parte I.

ger o todo. É o símbolo da totalidade. Assim, durante o tratamento de um paciente, quando há uma grande desordem e caos na mente de um homem, esse símbolo pode aparecer na forma de uma mandala num sonho, ou quando ele faz desenhos imaginários e fantásticos, ou ainda sob outras formas. A mandala aparece espontaneamente como arquétipo compensatório, trazendo ordem, mostrando a possibilidade de ordem. Assinala um centro que não coincide com o ego mas com a totalidade a que chamo o Eu. Eu é o termo para designar a totalidade. Não sou todo em meu ego, dado que o meu ego é apenas um fragmento da minha personalidade. O centro da mandala não é o ego, é a personalidade total, o centro de toda a personalidade. A mandala desempenha um imenso papel no Oriente mas também o desempenhou na nossa Idade Média. Depois perdeu-se e hoje é meramente considerada uma espécie de motivo alegórico, decorativo. Mas, na realidade, é um símbolo sumamente importante e autônomo que aparece nos sonhos, etc., ou nas tradições populares, no folclore. Poderíamos facilmente dizer que é o principal arquétipo.

*A propósito dessa totalidade, a qual, como o senhor diz, é uma espécie de Eu unificado, procuramos às vezes, em psicologia, partir da totalidade que possa existir no indivíduo e investigar a motivação subjacente. Mais recentemente, temos usado bastante o que chamamos "testes projetivos". Todos nós sabemos que o senhor desempenhou um importante papel no desenvolvimento desse ponto de vista, graças ao seu método de associação verbal. E pergunto: Quais são os ingredientes do teste de associação verbal? O que é que está envolvido no uso dele?*

Refere-se ao seu uso prático?

*Sim.*

Ah, bem, no começo, quando eu era jovem, estava completamente desorientado, é claro, com os meus pacientes. Não sabia por onde começar ou o que dizer, e o experimento de associação permitiu-me o acesso ao inconsciente deles. Fiquei sabendo coisas que eles não me diziam, e adquiri um profundo *insight* das coisas que eles ignoravam. Descobri muitas coisas.

*Por outras palavras, através dessas respostas, descobriu complexos, ou bloqueios emocionais... é claro, essa palavra "complexo" originou-se com o senhor e é agora largamente utilizada.*

Sim, o *gefühlsbetonter Komplex* foi um dos termos que introduzi.

*Esperava que, partindo desses complexos ou bloqueios emocionais que estava desvendando, poderia atingir materiais do inconsciente pessoal ou do inconsciente racial?*

No começo, não estava em questão o inconsciente coletivo ou qualquer coisa parecida. Tratava-se principalmente de complexos pessoais comuns.

*Entendo. O senhor não esperava atingir tamanha profundidade.*

Entre centenas de associações complexas poderia surgir um elemento arquetípico, mas isso não se destacaria de um modo particular. A questão não era essa. Sabe, era como o Rorschach, uma orientação superficial.

*O senhor conheceu Hermann Rorschach, não foi?*

Não. Ele evitou-me o máximo possível.

*Mas não o conheceu pessoalmente?*

Não. Nunca o vi.

*Nos termos usados por Rorschach, "introtensivo" e "extrotensivo", ele está refletindo, evidentemente, as concepções de introversão e extroversão que o senhor definiu em seus trabalhos sobre tipos psicológicos.*

Sim, mas eu era execrado por ter sido quem definiu primeiro esses conceitos e os descreveu. E isso é imperdoável. Eu nunca deveria ter feito semelhante coisa!

*Quer dizer, então, que nunca teve contatos pessoais com Rorschach?*

Não, nenhuma relação pessoal.

*Está familiarizado com o teste dos borrões de tinta?*

Sim, conheço-o. Mas nunca o apliquei, pois também deixei de aplicar o teste de associação, por achar desnecessário o seu emprego. Aprendi o que tinha de aprender através do exame exato de reações psíquicas. Creio ser esse um excelente meio.

*Mas recomendaria o uso desses testes projetivos, como o seu teste de associação verbal ou o Rorschach, por psiquiatras, psicólogos clínicos e psicanalistas?*

Para o treinamento prático de psicólogos que trabalham com pessoas, acho que é um dos melhores meios de fazê-los entender como funciona o inconsciente. São eminentemente didáticos. Você pode demonstrar a repressão e o fenômeno amnésico, o modo como

as pessoas encobrem suas emoções etc. É como uma conversa comum mas observada e medida em seus princípios. É isso que os torna tão interessantes. Observam-se todas as coisas que podem ser observadas numa conversa. Quando se pergunta alguma coisa a uma pessoa ou se discutem certas coisas, observam-se pequenas hesitações, deslizes de linguagem e certos gestos. Tudo isso ganha o primeiro plano e é mensurável no experimento, como se sabe. E por isso acho que não estou superestimando o valor didático desses testes, que tenho em grande apreço. E ainda os usaremos no treinamento de jovens alienistas. Ou, se tenho um paciente que não quer falar, posso submetê-lo a um teste e descobrir uma porção de coisas por esse meio. Por exemplo, foi assim que descobri um homicídio.[31]

*Foi mesmo? Quer contar-nos como foi isso?*

Vocês têm nos Estados Unidos o detector de mentiras. Bom, isso é o teste de associação que criei, combinado com o fenômeno psicogalvânico.[32] Também realizei numerosas pesquisas com o pneumógrafo, que registra o decréscimo no volume de respiração sob a influência de um complexo.[33] Essa é uma das causas da tuberculose, ela é uma decorrência de tal condição propiciatória. Algumas pessoas têm uma respiração muito superficial, não ventilam os ápices dos pulmões e acabam contraindo a tuberculose. Metade dos casos tuberculares são psíquicos.

*Essa questão dos casos de tuberculose psíquica, etc., faz-nos entrar numa área especialmente interessante da motivação que está sendo muito discutida nos Estados Unidos e estou certo de que é também de grande interesse para o senhor. Refiro-me à área da medicina psicossomática.*

Presenciei muitas curas surpreendentes de tuberculose, de tuberculose crônica, através da análise, quando pessoas reaprenderam a respirar. Não adiantava que elas tivessem apenas aprendido a respirar normalmente, pois o que as ajudou, de fato, foi terem compreendido quais eram os complexos delas, qual a natureza desses complexos.

---

31. Talvez seja este o caso discutido em "The Tavistock Lectures", CW 18, § 108. Cf. também *Memories, Dreams, Reflections*, pp. 115 e ss./117 e ss.
32. "Psychophysical Investigations with the Galvanometer and Pneumograph in Normal and Insane Individuals", CW 2.
33. "Further Investigations on the Galvanic Phenomenon and Respiration in Normal and Insane Individuals", CW 2.

*Quando foi que começou a interessar-se pelos fatores psíquicos da tuberculose? Há muitos anos?*

Para começar, eu era um alienista, como se dizia nessa época; era perfeitamente natural que estivesse sempre interessado. Talvez fosse também por compreender tão pouco esses fatores ou por ter percebido que entendia tão pouco.

*Ampliando a minha pergunta anterior, estamos ficando cada vez mais interessados justamente naquilo que o senhor está dizendo, Dr. Jung, ou seja, em averiguar como fatores emocionais, inconscientes, da personalidade podem realmente ter um efeito sobre o corpo. O exemplo clássico nos Estados Unidos é a úlcera gástrica. Acreditamos ser esse um caso em que fatores emocionais criaram realmente uma patologia. Essas idéias estenderam-se a muitas outras áreas. Acreditamos que onde já existe uma patologia esses fatores emocionais podem intensificá-la. Muitos médicos afirmam que 60% a 70% de seus pacientes não têm, na realidade, qualquer anomalia de natureza física mas, pelo contrário, sofrem de perturbações de origem psicossomática. É também essa a sua opinião?*

Sim, isso é muito conhecido há mais de cinqüenta anos. A questão é como curá-los.

*O senhor tem alguma idéia sobre o que pode levar um paciente a selecionar esse tipo de sintomas?*

Ele não os escolhe; esses sintomas acontecem-lhe. Seria o mesmo que perguntar a um sujeito que está sendo devorado por um jacaré: "Por que foi que você escolheu esse jacaré?" É absurdo, foi o jacaré que escolheu a sua vítima! [Risos.]

*É claro, isso significa que, num certo sentido, a pessoa fez a escolha inconscientemente...*

Não, nem mesmo inconscientemente.

*Então não acredita que haja qualquer forma de apurar na personalidade do indivíduo as razões por que ele...*

Isso é exagerar de forma extraordinária a importância do sujeito, como se ele escolhesse tais coisas. Estas acontecem-lhe.

*Assim sendo, mesmo inconscientemente, não existe esse grau de liberdade. Mas, voltando à medicina psicossomática, foi recentemente sugerido que o câncer pode ter envolvimentos psicossomáticos.*

Sim, sim...

*E isso não o surpreende?*

Não, absolutamente nada. Sabemos disso há muito tempo. Há cinqüenta anos já lidávamos com casos desses, úlcera de estômago, artrite crônica, doenças de pele. Em certas condições, tudo isso é psicogênico.

*Mesmo o câncer?*

Bem, eu não poderia jurar, mas o certo é que tenho visto casos em que fiquei refletindo se não haveria uma razão psicogênica para esse mal. Ele surgiu de um modo bastante conveniente.

*E alguns desses estudos, nos Estados Unidos, mostram que as mulheres judias praticamente nunca contraem câncer na região vaginal mas, com mais freqüência, têm câncer de mama.*

Muitas coisas podem ser descobertas a respeito do câncer, tenho a certeza. Para nós, é sempre uma questão de como tratar essas coisas, e tudo é possível. Toda e qualquer doença tem um acompanhamento psicológico, e tudo depende — talvez a vida dependa — de tratarmos um paciente psicologicamente da maneira adequada ou não. Isso pode ajudar imensamente, mesmo que seja impossível provar que a doença é, em si mesma, psicogênica. Ou a pessoa pode ter uma doença infecciosa, num dado momento, quando está passando por uma crise psíquica, porque nessa altura ela é particularmente vulnerável a infecções. A amigdalite é uma doença psicológica típica. Entretanto, a sua causa física não é de origem psicológica. É apenas uma infecção. Mas então por que foi que a pessoa pegou uma amigdalite? Bem, foi o momento psicológico. Quando a amigdalite se instalou, veio a febre e se formou um abscesso, não se pode curá-la pela psicologia. Mas é muito possível que se possa evitá-la mediante uma atitude psicológica apropriada.

*Quer dizer, portanto, que todo esse interesse atual pela medicina psicossomática é história antiga para o senhor, Dr. Jung?*

Essas coisas já eram aqui conhecidas há muito tempo. Por exemplo, temos o aspecto tóxico da esquizofrenia. Publiquei um trabalho a esse respeito há cinqüenta anos... faz justamente cinqüenta anos...[34] e agora todo o mundo descobre! Vocês, nos Estados Unidos, estão muitíssimo na frente nas áreas tecnológicas, mas em questões psicológicas estão atrasados cinqüenta anos. Sim-

34. Cf. "The Psychology of Dementia Praecox", CW 3, pp. 35 e ss., 97 e ss.

plesmente, não as entendem, e isso é um fato. Desculpe, não quero ofendê-lo, é uma afirmação geral e coletiva que certamente conhece muitas exceções; mas vocês ainda não estão cônscios da realidade psicológica. Existem muitas coisas sobre as quais as pessoas não fazem sequer idéia. Contei-lhe o caso daquele teólogo que não sabia o que era um hierogasmo e pensava que era uma operação.[35] Todos os que afirmam que eu sou um místico não passam de perfeitos idiotas. Eles não compreendem a primeira palavra da psicologia.

*Nada há de místico, certamente, nas declarações que acaba de fazer, Dr. Jung. Para dar prosseguimento à nossa conversa, outro desenvolvimento que se enquadra em toda esta linha de discussão da medicina psicossomática é o uso de drogas para tratar de problemas psicológicos. Um desenvolvimento especial foi o das chamadas drogas tranqüilizantes que não viciam, as quais começaram sendo usadas na França, como a clorpromazina, a reserpina e uma grande variedade de tranqüilizantes mais moderados, conhecidos por marcas comerciais como o Librium, Valium, Dienpax e outros sedativos. Tudo isso está sendo agora administrado muito livremente a pacientes pelos clínicos gerais, não só a esquizofrênicos e outros pacientes que não são geralmente abordáveis, mas também de um modo quase tão livre quanto a aspirina para reduzir as tensões cotidianas.*

Isso é muito perigoso.

*Perigoso por quê? Dizem que essas drogas não viciam.*

É idêntico à compulsão causada pela morfina e a heroína. Converte-se num hábito. A pessoa não sabe o que está fazendo quando usa tais drogas. É como o abuso dos narcóticos.

*Mas o que se argumenta é que elas não levam à formação de um hábito; não produzem a dependência fisiológica.*

Ah, sim, isso é o que dizem...

*Mas o senhor acha que, psicologicamente, elas viciam, apesar de tudo, não é isso?*

Sim, estou convencido de que sim. Existem muitas drogas que não criam uma habituação como a morfina; entretanto, elas tornam-se um hábito psíquico, e isso é tão nocivo quanto qualquer outra coisa.

35. Não há qualquer referência prévia. Cf. nota 28, acima.

*O senhor viu realmente quaisquer pacientes ou teve algum contato com indivíduos que tomassem essas drogas, esses tranqüilizantes?*

Não posso dizer. Entre nós, por enquanto, ainda há muito pouco disso. Nos Estados Unidos abundam todos esses comprimidos, todos esses pós. Felizmente, ainda não chegamos aqui a esse ponto. A vida americana é, de uma forma sutil, tão desequilibrada e tão carente de raízes, tão *déraciné,* que vocês precisam de alguma coisa para compensar a falta de terra. Têm de apaziguar o inconsciente o tempo todo, porque ele está no mais completo tumulto, na mais absoluta desordem, de modo que à menor provocação vocês têm logo uma grande rebelião moral. Vejam a rebelião da juventude de hoje, nos Estados Unidos, a rebelião sexual e tudo o mais a que estamos assistindo. O verdadeiro homem natural está simplesmente em rebelião aberta contra a forma de vida profundamente desumana. Vocês estão absolutamente divorciados da natureza e, de um certo modo, isso explica o abuso de drogas.

*Mas o que nos diz sobre o tratamento de pacientes com uma grave doença mental? Temos o problema dos pacientes hospitalizados, os esquizofrênicos, os maníaco-depressivos. Certos esquizofrênicos são de tal modo retraídos que é impossível lidar com eles em bases psicoterápicas. Em muitos hospitais, têm-se usado drogas como a clorpromazina e o paciente é devolvido à realidade por algum tempo. Não creio que a maioria dos nossos médicos acredite que as drogas curam, por si mesmas, os pacientes mas, pelo menos, tornam-os mais acessíveis à psicoterapia.*

Sim, a única questão é se essa acessibilidade é real ou apenas induzida pela droga. Estou certo de que qualquer tipo de tratamento sugestivo terá efeito, porque os pacientes tornam-se, simplesmente, mais sugestionáveis. Qualquer droga ou choque abala e faz diminuir a capacidade de resistência moral, tornando essas pessoas acessíveis à sugestão. E então, é claro, elas podem ser conduzidas, podem ser manipuladas, podem ser transformadas no que se quiser. Não considero isso um resultado muito satisfatório.

## QUARTA ENTREVISTA

*Dr. Jung, eu sei que os nossos estudantes estariam muito interessados em sua opinião a respeito da formação e do adestramento que um psicólogo deveria possuir. Por exemplo, há os que afirmam que ele deve ser treinado unicamente em estatística e no método científico rigoroso, e que isso é a maior ferramenta de que*

*ele pode dispor. Entretanto, pode haver muito mais do que isso no problema de estudar o indivíduo e muitos consideram esse tipo de treinamento excessivamente limitado. Gostaria de ouvir seus comentários sobre o tipo de formação e treinamento que, em seu entender, deveria ser exigido de um indivíduo que pretende compreender o organismo humano.*

Não entendi bem o que você quer dizer.

*Apenas para ser um pouco mais específico, acha que as humanidades são importantes para o estudo do indivíduo?*

Bem, é claro, quando você estuda psicologia humana, é impossível deixar de notar que a psicologia do homem não consiste unicamente nas ramificações do instinto em seu comportamento. Essas não são as únicas determinantes, existem muitas outras, e o estudo do homem exclusivamente em seu aspecto biológico é insuficiente. Para se compreender a psicologia humana é absolutamente necessário que se estude também o homem em seu ambiente social e geral. É preciso levar em conta o fato de que existem diferentes tipos de sociedades, diferentes tipos de nações, diferentes tradições; e, para esse fim, é absolutamente indispensável tratar o problema da psique humana desde numerosos ângulos. Cada um deles significa, naturalmente, uma tarefa considerável.

Assim, depois de meus experimentos de associação, quando me apercebi de que existia obviamente um inconsciente, a questão que surgiu foi esta: "Bom, e agora o que é o inconsciente? Consistirá meramente nos resíduos de atividades conscientes, ou existem coisas que são praticamente inconscientes para sempre?" Por outras palavras, o inconsciente será um fator em si mesmo? Não demorei em chegar à conclusão de que o inconsciente deve ser um fator em si mesmo, porquanto observei repetidas vezes que os sonhos de pessoas, ou as fantasias e falsas crenças dos pacientes esquizofrênicos, contêm motivos que não tinham possibilidade alguma de ser adquiridos em nosso meio ambiente. Isso deve-se ao fato de, como disse anteriormente, a criança não nascer como *tabula rasa* mas como uma combinação definida de genes e, embora os genes pareçam conter principalmente fatores dinâmicos, *arrangeurs* de certos tipos de comportamento, eles também se revestem de uma tremenda importância para a organização da psique, logo que a psique se manifesta, naturalmente. Antes de seu aparecimento, não podemos estudá-la mas, assim que se apresenta, ela possui certas qualidades, tem um certo caráter, e deve depender necessariamente dos elementos inatos na criança. Assim, os fatores determinantes do comportamento humano nascem com a criança e determinam o seu desenvolvimento subseqüente.

Ora, esse é um aspecto do quadro. O outro aspecto é que o indivíduo vive em ligação com outros em certos ambientes que influenciarão a combinação dada de qualidades. E isso também constitui um fator muito complicado, porque as influências ambientais não são meramente pessoais. Existem numerosos fatores objetivos. As condições sociais gerais, leis, convicções, modos de ver as coisas, de lidar com as coisas, nada disso tem um caráter arbitrário. São fatores históricos. Existem razões históricas para as qualidades da psique que é formada, existe a história da evolução do homem em eras passadas, e isso mostra que uma verdadeira compreensão da psique deve consistir na elucidação da história da raça humana. A história da mente humana, por exemplo, tanto quanto a dos dados biológicos.

Assim, quando escrevi o meu primeiro livro sobre a psicologia do inconsciente, eu já firmara uma certa idéia sobre a natureza do inconsciente. Para mim, era então o remanescente vivo da história original do homem em seu meio ambiente... um quadro muito complicado. O meu material empírico, nesse tempo, era fornecido principalmente por lunáticos, por casos de esquizofrenia, e eu tinha observado que ocorrem, sobretudo no início da doença, fantasias que invadem a vida consciente, fantasias de um tipo inteiramente inesperado e sumamente desconcertantes para o paciente. Ele fica muito confuso por causa dessas idéias e entra numa espécie de pânico, porque jamais pensara antes em tais coisas; elas são-lhe inteiramente estranhas, e igualmente estranhas para o médico. Na verdade, o psiquiatra fica igualmente perplexo diante do caráter peculiar dessas fantasias. Portanto, ele diz: "Esse homem é louco. É louco em pensar semelhantes coisas, ninguém pensa tais coisas." O paciente e os familiares do paciente concordam com o médico, e isso contribui ainda mais para que o homem entre em pânico. Portanto, como psiquiatra, eu pensei que a tarefa da psiquiatria era elucidar essas coisas que penetram na consciência. Essas vozes, essas falsas crenças, tinham que possuir alguma base justificativa. Naqueles tempos — isso foi, permita-me que lhe lembre, há mais de quarenta ou cinqüenta anos — eu não tinha esperança de ser capaz de tratar esses casos, ou de ajudar os pacientes, mas tinha, isso sim, uma enorme curiosidade científica, e queria saber o que essas coisas realmente eram. Acreditava que essas coisas possuíam um sistema, que não eram meramente caóticas, que não eram material deteriorado, porque, na verdade, havia demasiado nexo, demasiado sentido, nessas fantasias.

Por isso, o que fiz então foi estudar casos de doenças psicogênicas, como a histeria, o sonambulismo histérico, etc., em que o conteúdo proveniente do inconsciente se apresentava numa condi-

ção legível e podia ser entendido. E percebi então que, em contraste com os esquizofrênicos, o conteúdo mental dos histéricos era de um caráter humanamente compreensível, que era até elaborado, dramático, sugestivo, insinuante, de modo que a pessoa poderia construir uma segunda personalidade. Ora, não é esse o caso da esquizofrenia. Existem fantasias, neste caso, que são, pelo contrário, assistemáticas, caóticas, e é impossível reconhecer uma segunda personalidade, salvo alguns casos raros de natureza complicada.

Ora bem. Conheci casos psicopáticos, na fronteira entre a histeria e a esquizofrenia, em que surgiam idéias que não eram exatamente histéricas, pois eram singularmente difíceis de entender, uma espécie de estranhas erupções, e pensei que tais casos poderiam proporcionar-me uma melhor compreensão. Assim, aproveitei a oportunidade quando o Professor Flournoy, o velho professor de psicologia e filosofia na universidade de Genebra, publicou o caso de uma jovem americana que dera uma série de fantasias meio poéticas e românticas. Ele publicou esse material sem comentários, dando-o como exemplo de imaginação criativa.[36] Mas quando li essas fantasias, vi que esse era exatamente o material de que eu necessitava. Eu sempre receei um pouco contar as minhas experiências com pacientes, porque achava poderiam dizer que se tratava meramente de sugestão, entende? Eu aproveitei esse caso porque não tive qualquer interferência nele. Foi um caso do Professor Flournoy, uma autoridade, amigo pessoal de William James. Conheci-o pessoalmente muito bem, um excelente velhote, e certamente não seria acusado de ter influenciado a paciente. E essa é a razão por que analisei essas fantasias.

Esse caso veio a ser depois o tema de todo um livro intitulado *Psicologia do Inconsciente*. Chama-se agora *Símbolos de Transformação* e fiz a sua revisão quarenta anos depois, a qual era necessária porque se tratava de uma primeira tentativa. Procurei mostrar aí que existe uma espécie de inconsciente — nessa época, eu chamava-lhe simplesmente "o inconsciente" — que produz claramente coisas que são históricas e não pessoais. Era material mitológico, cuja natureza não era entendida pelo Professor Flournoy nem pela paciente. E aí tentei pela primeira vez produzir um quadro do funcionamento do inconsciente, um funcionamento que permite serem aduzidas certas conclusões quanto à natureza do inconsciente.

---

36. "Quelques Faits d'imagination créatrice subconsciente", *Archives de Psychologie* (Genebra), V (1906), pp. 36-51. Traduzido em *Symbols of Transformation*, CW 5, apêndice.

Escrever esse livro custou-me a amizade com Freud, porque ele não pôde aceitá-lo. Para ele, o inconsciente era um produto da consciência e continha simplesmente todos os resíduos; era uma espécie de armazém onde se empilhavam e eram abandonadas todas as coisas que a consciência tinha descartado. Para mim, o inconsciente já era então uma matriz, uma base da consciência de uma natureza criativa, capaz de atos autônomos, de intrusões autônomas na consciência. Por outras palavras, aceitei a existência do inconsciente como um fato real, um fator autônomo e real capaz de ação independente. Ora, esse era um problema psicológico de primeiríssima ordem, e fez-me pensar furiosamente porque toda a filosofia, mesmo em nossos dias, não reconheceu ainda que temos um contra-ator em nosso inconsciente, que em nossa psique existem dois fatores: a consciência é um, e há um outro igualmente importante, o inconsciente, que pode interferir com a consciência sempre que deseja. É claro, eu disse para mim mesmo: "Isso é muito desagradável, porque eu penso ser o único senhor em minha casa." Mas devo admitir que existe um outro nessa casa que pode usar ardis e pregar peças, e eu tenho de lidar com as infelizes vítimas desse intruso todos os dias, em meus pacientes.

Assim, a coisa que escrevi em seguida — isso foi em 1916 — foi uma investigação sobre as relações entre o ego e o inconsciente. Tentei formular aí as experiências que são mais ou menos regularmente observáveis nos casos em que a consciência é exposta a dados inconscientes, a interferências ou intrusões; quando o inconsciente é considerado um fator autônomo que precisa ser seriamente considerado, e deixamos de o subestimar supondo que ele nada mais é do que um remanescente descartado da consciência. É um fator legítimo e muito importante, porque pode criar os mais horríveis distúrbios. Foi esse o artigo que escrevi;[37] foi publicado em francês e ninguém o entendeu. Percebi que a razão pela qual não foi entendido é que ninguém tivera uma experiência semelhante, pois a questão não fora ainda explorada tão a fundo. Ninguém levara o inconsciente a sério nem o considerara um fator real que pode determinar o comportamento humano num grau muito considerável.

Assim iniciei então um exame das atitudes humanas e do modo como a nossa consciência funciona. Não pude deixar de ver,

37. "La Structure de l'inconscient", *Archives de Psychologie*, XVI (1916), pp. 152-79. Ver "The Structure of the Unconscious", Apêndice II, em *Two Essays*, a versão original de "The Relations between the Ego and the Unconscious" (ibid.).

por exemplo, a diferença entre Freud e Adler, uma diferença típica.[38] Enquanto um pressupõe que as coisas evoluem ao longo da linha do instinto sexual, o outro parte do princípio de que as coisas evoluem segundo a linha do impulso para o poder. E ali estava eu entre os dois. Podia ver a justificação para o ponto de vista de Freud, e também podia vê-la para o de Adler; e sabia existirem muitas outras maneiras de encarar as coisas. E assim, considerei meu dever científico examinar primeiro a condição da consciência humana. É aí que está a origem dos diversos pontos de vista; é o fator que produz atitudes, atitudes conscientes em face de certos fenômenos. Quando você sabe, por exemplo, que existem pessoas que vêem a diferença entre vermelho e verde, você considera ponto pacífico que todo o mundo vê a diferença. Mas não é. Existem casos de tricromatismo etc. Uma pessoa vê isto, a outra vê aquilo, e procurei apurar quais eram as principais diferenças.

Daí nasceu o livro sobre tipos psicológicos. Examinei primeiro as atitudes introvertidas e extrovertidas, depois os aspectos funcionais e, por fim, qual das quatro funções é predominante. Mas note bem: Essas quatro funções não eram um esquema que eu tivesse inventado e aplicado à psicologia. Pelo contrário, levei muito tempo para descobrir que, à parte o tipo pensante, que eu achava ser o meu tipo, existia um outro. Isso é perfeitamente humano, claro. E concluí então haver pessoas que decidem os mesmos problemas que eu tenho de decidir, mas fazem-no de um modo inteiramente diferente. Vêem as coisas sob uma luz inteiramente diferente e possuem valores inteiramente diversos. Existem, por exemplo, os tipos sentimentais. Pouco depois, descobri que há tipos intuitivos. Isso deu-me muito trabalho. Precisei de mais de um ano para discernir com um pouco mais de clareza a existência de tipos intuitivos. E por último — e da maneira mais inesperada — foi definido o tipo sensorial. Só mais tarde que pensamento, sentimento, intuição e sensação constituem, naturalmente, os quatro aspectos da orientação consciente.

Nós obtemos a nossa orientação, na caótica abundância de impressões, por meio das quatro funções. Se você puder indicar-me qualquer outro aspecto por intermédio do qual obtém a sua orientação, ficarei muito grato. Eu não encontrei mais do que esses. Tentei. Mas esses eram os quatro que cobriam a coisa toda. O tipo intuitivo, que é muito pouco compreendido, tem uma importante função porque age por palpites, por pressentimentos, é capaz de farejar um rato a um quilômetro. Ele pode dar-nos percepções e

38. Cf. *Two Essays*, §§ 56 e ss.

orientações numa situação em que os nossos sentidos, o nosso intelecto e o nosso sentimento não servem para nada. Quando estamos em apuros, uma intuição pode mostrar-nos o buraco por onde poderemos escapar. É uma função muito importante em condições primitivas ou sempre que nos defrontamos com questões vitais que não podemos dominar pelas regras da lógica.

Assim, através do estudo de toda a sorte de tipos humanos, cheguei à conclusão de que devem existir muitas maneiras diferentes de encarar o mundo. O mundo não possui um só aspecto mas muitos — pelo menos 16, e nada impedirá que você ache que são 360. Você pode aumentar o número de princípios, mas cheguei à conclusão de que o método mais simples é o que lhe expus, a divisão por quatro, a divisão simples e natural de um círculo. Eu desconhecia então o simbolismo dessa classificação. Somente quando estudei os arquétipos é que me apercebi de que isso constitui um padrão arquetípico muito importante, o qual desempenha um papel enorme.

Também descobri que o estudo dos tipos nos fornece uma orientação quanto à natureza pessoal do inconsciente, sua qualidade pessoal num determinado caso. Se examinar um extrovertido, verificará que o seu inconsciente tem uma qualidade introvertida, porque todas as qualidades extrovertidas se manifestam na consciência dele, ficando as introvertidas no inconsciente; portanto, o inconsciente tem qualidades introvertidas, e o mesmo ocorre com as funções. Isso deu-me uma indicação do valor diagnóstico, ajudou-me a entender os meus pacientes. Quando passei a conhecer o tipo consciente de cada um deles, adquiri uma idéia acerca de suas respectivas atitudes inconscientes. E como um neurótico é tão influenciado pelo inconsciente quanto pelo consciente, ele é influenciado, por assim dizer, por um outro tipo. É como se ele fosse um outro tipo e, em certos casos, é quase impossível dizer se o indivíduo deve ser julgado por sua qualidade consciente ou por sua qualidade inconsciente, por ser impossível afirmar, à primeira vista, qual é qual. Isso ajudou-me a entender o aspecto freudiano e o aspecto adleriano. Também me proporcionou uma importante orientação quanto ao rumo por que um indivíduo enveredará quando submetido a tratamento analítico. Porque aí a finalidade consiste em tentar integrar o conteúdo inconsciente na consciência, em colocar o indivíduo que tem uma atitude consciente definida em confronto com o seu conteúdo inconsciente, que atua contra ele em sua neurose. É como se uma outra personalidade do tipo oposto o estivesse influenciando ou perturbando. E assim, no decorrer dos anos, obtive uma vasta soma de material empírico sobre o modo peculiar como interatuam os conteúdos conscientes e inconscientes.

*Por conseguinte, através da sua tipologia, o senhor desenvolveu gradualmente uma espécie de psicologia dos opostos, em que o consciente revelaria um lado do tipo e o inconsciente o outro lado. Essa teria sido, pois, uma forma sumamente importante encontrada pelo senhor para ajudá-lo a analisar e entender o indivíduo.*

De um ponto de vista prático, é muito importante em termos de diagnóstico. O ponto que eu queria elucidar é que, ao analisar um paciente, realizamos experiências típicas. Existe um modo típico em que a integração da consciência tem lugar. O método comum é tomar conhecimento do conteúdo do inconsciente através da análise de sonhos. Já lhe disse isso. No começo, tudo é material pessoal: problemas subjetivos, as dificuldades do indivíduo em adaptar-se às condições do seu meio ambiente, etc. Ora, é uma observação comum que, quando você fala com um indivíduo e ele lhe fornece um *insight* sobre as preocupações, os interesses e as emoções que o motivam — por outras palavras, quando ele lhe transmite seus complexos pessoais — você vai ficando gradualmente numa posição de autoridade, quer isso lhe agrade ou não. Você converte-se num ponto de referência e está na posse de todos os itens importantes do desenvolvimento de uma pessoa. Lembro-me, por exemplo, de ter analisado um político americano muito conhecido, que me contou uma porção de segredos de seu ofício. De súbito, deu um salto e exclamou:

— Meu Deus, o que foi que eu fiz! O senhor podia ganhar um milhão de dólares com o que lhe contei hoje!

Eu respondi:

— Não estou interessado. Pode dormir em paz que não o trairei. Esquecerei tudo isso em menos de quinze dias.

Como vê, esse episódio demonstra que as coisas que as pessoas nos comunicam não são meramente fatos insignificantes, sem importância alguma. Quando se aborda alguma coisa importante, emocionalmente importante, as pessoas entregam-se de moto próprio. Elas investem no analista um grande valor emocional, exatamente como se lhe confiassem uma grande soma de dinheiro ou a administração de seus bens e propriedades, e colocam-se inteiramente em nossas mãos. Escuto freqüentemente coisas que poderão arruinar essas pessoas, coisas que me dariam, se eu tivesse alguma propensão para a chantagem, um poder ilimitado sobre elas.

Ora, como você pode perceber, isso cria relações emocionais com o analista, e foi a isso que Freud chamou "transferência", que é um problema central na psicologia analítica.[39] É como se essas

39. Cf. "The Psychology of the Transference", CW 16.

pessoas nos confiassem toda a existência delas, e isso pode ter efeitos muito peculiares sobre o indivíduo. Ou ele nos odeia por isso, ou nos ama; mas nunca lhe seremos indiferentes. Quando nos confiam tal material, o seu contexto está associado a todas as pessoas que são realmente importantes na vida de um paciente. As pessoas mais importantes são usualmente o pai e a mãe; isso vem desde a infância. Regra geral, as primeiras dificuldades e os primeiros conflitos decorrem do relacionamento com os pais. Assim, ao confiar-nos suas recordações infantis sobre o pai, ou sobre a mãe, o paciente também está nos transmitindo a imagem do pai e da mãe. É como se o analista tivesse tomado o lugar do pai, ou até da mãe. Tenho tido numerosos pacientes do sexo masculino que me chamaram "Mamãe Jung" porque transferiram para mim a imagem das mães deles, o que não deixa de ser muito curioso. Mas é claro que isso nada tem a ver com a personalidade do analista, que é simplesmente ignorada. Ele funciona como se fosse a mãe, ou como se fosse o pai, a autoridade central. É a isso que se dá o nome de transferência, um caso típico de projeção. Freud não lhe chama exatamente projeção; prefere chamar-lhe transferência. Isso é apenas uma alusão àquela antiga e supersticiosa idéia de que, se temos uma doença, podemos transferi-la para um animal; ou transferir um pecado para um bode expiatório que o levará para o deserto, onde faz esse pecado sumir. Assim, os pacientes entregam-se na esperança de que eu possa engolir todo o material transferido e digeri-lo por eles. Eu estou *in loco parentis* e investido de uma grande autoridade. Naturalmente, sou também perseguido pelas resistências correspondentes, por todas as múltiplas reações emocionais que eles têm contra os pais.

Assim, é essa estrutura sobre que temos de trabalhar primeiro ao analisar a situação, porque o paciente em tal condição não é livre — ele é um escravo. Está profundamente dependente do analista, tal como um paciente com a barriga aberta na mesa de operação. Ele está nas mãos do cirurgião, para melhor ou para pior, até que a coisa toda acabe. Isto significa que temos de resolver completamente essa situação, na esperança de que o paciente atinja uma condição diferente, em que possa ver que não sou seu pai, nem sua mãe, que sou um ser humano comum. Ora, todos suporiam naturalmente que isso é possível, que o paciente poderá chegar mais cedo ou mais tarde a um *insight,* se não for um completo idiota, e ver que sou apenas o seu médico e não a figura emocional de suas fantasias. Mas, muito freqüentemente, não é isso o que ocorre.

Tive uma vez uma jovem paciente muito inteligente, estudante de filosofia e dotada de um espírito muito lúcido.[40] Poder-se-ia pensar facilmente que ela seria capaz de ver que eu não era a autoridade parental; mas, para minha surpresa, ela foi inteiramente incapaz de sair dessa falsa crença. Em semelhantes casos, podemos sempre recorrer aos sonhos. É como se fosse perguntado ao inconsciente: "E agora, o que é que *você* diz a respeito de tal condição?" A paciente diz, através do consciente: "Claro que eu sei que o senhor não é meu pai, mas é isso que sinto e dependo do senhor." Então eu digo: "Muito bem, veremos agora o que o inconsciente diz."

O inconsciente produz agora sonhos em que realmente assumo um papel muito curioso. Nos sonhos dessa paciente, ela era um bebê, sentado em meus joelhos e eu segurava-a em meus braços. Era um pai muito terno para a menininha e os sonhos dela tornaram-se cada vez mais enfáticos a esse respeito. Eu era uma espécie de gigante e ela era apenas uma coisinha frágil, uma menininha nas mãos de um ser descomunal. E no último sonho dessa série (não posso contar-lhe todos os outros sonhos) eu estava em plena natureza, no meio de uma seara de trigo, um imenso trigal pronto para a colheita. Eu era um gigante e tinha-a em meus braços como um bebê indefeso, enquanto o vento, soprando forte, varria todo o trigal. Ora, quando o vento sopra numa seara, esta ondula; e, ao sabor dessa ondulação, eu balançava, balançava — assim — como se estivesse adormecendo o pequenino ser em meus braços. Ela sentia-se como nos braços de um deus, da Deidade, e aí pensei: "Agora que a seara está madura, devo contar-lhe." E então disse-lhe: "O que você quer e o que está projetando em mim, porque não está consciente disso, é a idéia de uma deidade que você não possui. Portanto, está vendo-a em mim."

Isso foi como que um estalo, porque a paciente tinha uma educação religiosa bastante intensa, o que a habilitou a compreender. Claro que tudo se dissipou mais tarde e algo desapareceu do mundo dela. O mundo tornou-se meramente pessoal e essa concepção religiosa do mundo deixou de existir, segundo parece. Mas a idéia de uma deidade não é uma noção intelectual, é uma idéia arquetípica. Portanto, pode ser encontrada praticamente em toda a parte, sob um nome ou outro. Mesmo quando se manifesta na forma de "maná", possui um efeito extraordinário, uma qualidade onipotente, ainda quando não é absolutamente pessoal. Assim, de súbito, a paciente tornou-se consciente de uma imagem inteira-

40. Este caso é discutido em *Two Essays*, §§ 206 e ss.

mente pagã que promanava diretamente do arquétipo. Ela não tinha a idéia de um deus cristão, ou de um Javé do Antigo Testamento. Era um deus pagão, um deus da natureza, da vegetação. Ele era o próprio trigo, era o espírito do trigo, e ela estava nos braços desse nume.

Essa é a experiência viva de um arquétipo. Causou uma tremenda impressão nessa jovem que, de súbito, viu o que realmente lhe estava faltando, aquele valor ausente que estava projetando em mim e fazendo com que eu lhe fosse indispensável. Percebeu então que eu não era indispensável, porque, como o sonho disse, ela está nos braços dessa idéia arquetípica. É uma experiência numinosa, e essa é a coisa que as pessoas estão procurando, uma experiência arquetípica que lhes dê um valor incorruptível.

As pessoas dependem de condições exteriores, dependem dos seus próprios desejos e de suas próprias ambições. Também dependem de outras pessoas, porquanto não possuem valores em si mesmas. Nada têm em si mesmas. São apenas racionais e não estão na posse de um tesouro que as faria independentes. Mas quando essa jovem pôde ter essa experiência, não mais teve que ser dependente. Ela *não pode* continuar a depender porque esse valor está nela mesma. Isso é uma espécie de libertação e torna-a completa. Na medida em que pôde realizar essa experiência numinosa, está apta a prosseguir em seu caminho — o de sua própria individuação. A natureza seguirá seu curso. A glande pode converter-se em carvalho e não num jegue. Ela tornar-se-á aquilo que é desde o princípio.

Vi inúmeros casos desses, o que me deu um motivo para estudar os arquétipos, porque comecei a ver que a estrutura daquilo a que chamei o "inconsciente coletivo" é, na realidade, uma espécie de aglomeração de tais imagens típicas, cada uma das quais possui uma qualidade numinosa. Os arquétipos são, ao mesmo tempo, dinâmicos; são imagens instintivas que não foram intelectualmente inventadas. Estão sempre presentes e produzem certos processos no inconsciente que poderemos comparar aos mitos. É essa a origem da mitologia. A mitologia é uma dramatização de uma série de imagens que formulam a vida dos arquétipos. Os enunciados de todas as religiões, de muitos poetas, etc., são expressões do processo mitológico interior, o que é uma necessidade porque o homem não está completo se não for consciente desse aspecto das coisas.

E assim sendo, um homem não é completo quando vive num mundo de verdade estatística. Ele deve viver no mundo de sua verdade mitológica, e este está muito longe de ser meramente estatístico. É a expressão do que ele realmente é e do que ele sente

realmente ser. Um homem sem mitologia é meramente um produto da estatística, é, por assim dizer, um fenômeno médio. A nossa ciência natural converte tudo em média, reduz tudo a uma média, quando a verdade é que os portadores de vida são indivíduos, não números médios. E, é claro, todas as qualidades individuais são apagadas, e isso é extremamente inconveniente. É anti-higiênico. Priva as pessoas de seus valores específicos, das mais importantes experiências vitais, quando elas adquirem experiência de seu próprio valor, que é o substrato criativo de sua personalidade.

O problema é que ninguém entende essas coisas, segundo parece. É muito estranho que não se perceba o que uma educação sem humanidades pode fazer ao homem. Ele perde a ligação com sua família, por assim dizer, com todo o tronco, a tribo — a conexão com o passado em que ele vive, em que o homem sempre viveu. O homem sempre viveu no mito, e pensamos que somos capazes de nascer hoje e de viver sem mito, sem história. Isso é uma doença, absolutamente anormal, porque o homem não nasce todos os dias. Ele nasceu uma vez, num contexto histórico específico, com qualidades históricas específicas e, portanto, só está completo quando tem uma relação com essas coisas. Se crescermos sem ligação alguma com o passado, é como se tivéssemos nascido sem olhos nem ouvidos. Do ponto de vista da ciência natural, não necessitamos de ligação com o passado, podemos varrê-lo, mas isso é uma mutilação do ser humano. Através da experiência prática, vi que essa realização tem o mais extraordinário efeito terapêutico, e vou contar-lhe um desses casos.

Era uma jovem judia,[41] filha de um banqueiro, que tinha recebido uma educação inteiramente mundana. Não tinha a mínima idéia de tradição, mas quando eu avancei mais fundo em sua história e descobri que seu avô tinha sido um *saddik* na Galícia, fiquei sabendo a história toda. Essa moça sofria de uma terrível fobia e sempre estivera sob tratamento psicanalítico, sem qualquer efeito. Ela era realmente flagelada por essa fobia, com estados ansiosos de toda a espécie. E quando vi que ela tinha perdido a ligação com o seu passado, tinha perdido o fato de seu avô ser um *saddik* e ter vivido no mito. E o pai dela também se desligara disso. Então eu disse-lhe simplesmente o seguinte: "Você enfrentará o seu medo. Você sabe o que foi que perdeu?" Ela não sabia, é claro. E eu acrescentei: "O seu medo é o medo de Javé". O efeito foi que ela se curou ao fim de uma semana, após todos esses anos de estados

41. Cf. *Memories, Dreams, Reflections,* pp. 138 ss./137 ss. Também "The Symbolic Life", CW 18, § 635.

ansiosos, porque isso a traspassou como um raio fulminante. Mas eu só pude dizer-lhe isso por saber que ela estava absolutamente perdida. Ela pensava estar no meio das coisas, mas estava perdida, liquidada.

A vida dessa jovem não fazia qualquer sentido, pois o que é a nossa existência quando somos apenas "números médios"? Quanto mais as pessoas são convertidas em números médios, mais a nossa sociedade é destruída. Se quiserem o "estado ideal", o "estado escravo", mudem para Rússia. Lá é maravilhoso, lá todo o mundo pode ser um "número médio". Mas paga-se caro, a vida inteira do indivíduo vira um inferno.

Vi inúmeros casos de um gênero semelhante e isso levou-me, naturalmente, a um profundo estudo dos arquétipos. Adquiri um respeito cada vez maior pelos arquétipos e agora, por Júpiter!, não há outra saída senão levá-los sempre em consideração. O arquétipo é um fator enorme, extremamente importante para o nosso desenvolvimento e para o nosso bem-estar. Foi difícil, é claro, saber por onde começar, porque se trata de um campo imensamente vasto. Assim, a minha pergunta seguinte foi dirigida a mim mesmo: "Muito bem, quem é que neste mundo de Deus já se ocupou do problema e onde?" E descobri que ninguém, exceto um peculiar movimento espiritual que acompanhou os primórdios do cristianismo: o gnosticismo.[42] Na realidade, foi essa a primeira coisa que apurei, que os gnósticos tinham estado interessados num problema dos arquétipos e haviam feito disso uma filosofia peculiar, como cada um é tentado a formular uma filosofia peculiar a propósito dos arquétipos quando se depara com eles numa atitude simplista e ignora que eles são os elementos estruturais da psique inconsciente.

Os gnósticos viveram nos séculos I, II e III da nossa era. Quis então apurar o que é que houve entre essa época e hoje. Nada. E agora, quando nos defrontamos com os problemas do inconsciente que eram os mesmos há dois mil anos, caímos subitamente num buraco porque não estamos preparados para reconhecer esse problema. Mas não desisti de procurar algo intermediário, algo que fosse o elo entre esse passado remoto e o momento presente. Para meu espanto, descobri que esse elo era a alquimia,[43] aquilo que é entendido como uma história da química. Poderíamos quase afirmar que ela é tudo *menos* isso. É um movimento espiritual ou filosófico peculiar. Os alquimistas denominavam-se a si mesmos fi-

42. *Memories, Dreams, Reflections,* cap. VII.
43. Ibid.

lósofos, como os gnósticos. E li então toda a literatura acessível, grega e latina. Estudei-a porque era imensamente interessante. É o trabalho mental de mil e setecentos anos, no qual está armazenado tudo o que eles puderam averiguar sobre a natureza dos arquétipos, de um modo que é freqüentemente esquisito, é verdade. Não foi uma tarefa simples. A maioria dos textos não voltou a ser publicada depois da Idade Média; as edições mais recentes datam de meados ou finais do século XVII, praticamente todas em latim. Alguns textos são em grego, vários deles muito importantes. Tudo isso me deu um trabalho interminável, mas o resultado foi sumamente satisfatório, porque me mostrou o desenvolvimento de nossas relações inconscientes com o inconsciente coletivo e as variações por que a nossa consciência passou; e por que motivo o inconsciente se preocupa com essas imagens mitológicas.

Atente-se, por exemplo, para um fenômeno como Hitler. Trata-se de um fenômeno psíquico, e temos que entender essas coisas. É como se uma terrível epidemia de febre tifóide estivesse grassando e você dissesse: "Ora, ora, veja esta febre tifóide, não é uma doença maravilhosa?" A epidemia pode assumir proporções enormes e ninguém sabe coisa alguma a seu respeito. Ninguém se ocupa do abastecimento de água, ninguém pensa em examinar a carne e outros alimentos; mas todos declaram, simplesmente, que se trata de um fenômeno. Sim, é um fenômeno, mas ninguém o entende. Para mim, é claro, foi um problema enorme, por ser um fator que determinou a sorte de milhões de europeus e americanos. Ninguém pode negar que sofreu a influência da guerra. Tudo isso foi obra de Hitler, e tudo isso é psicologia, a nossa absurda psicologia. Mas só podemos chegar a compreender essas coisas quando entendemos os antecedentes, as fontes donde elas promanam.

É claro, não posso falar-lhe em detalhe sobre a alquimia. Ela é a base da nossa maneira moderna de conceber as coisas e, portanto, é como se estivesse precisamente no limiar da consciência. Fornece-nos uma excelente imagem do desenvolvimento dos arquétipos, do movimento dos arquétipos, tal como eles se apresentam quando os observamos numa perspectiva mais ampla. Hoje, olhando para trás, podemos ver como o presente momento derivou do passado. Filosofia alquimista... isto soa de um modo um tanto bizarro. Deveríamos dar-lhe um nome inteiramente diferente. De fato, tem um nome diferente, chama-se-lhe filosofia hermética, embora tal designação, é claro, diga tão pouco quanto alquimia. É o desenvolvimento paralelo, tal como o gnosticismo foi, ao desenvolvimento consciente da nossa filosofia cristã, de toda a psicologia da Idade Média.

E assim, como se vê, possuímos em nossos dias tal ou tal concepção do mundo, tal ou tal filosofia, mas no inconsciente temos uma diferente. Podemos ver isso através do exemplo da filosofia alquimista, que se comportava em relação à consciência medieval exatamente como o inconsciente se comporta em relação a nós próprios. E podemos reconstituir, ou mesmo predizer, o inconsciente dos nossos dias quando sabemos o que ele foi ontem. Aqui tem, em poucas palavras, como se processou o desenvolvimento das minhas idéias, sem entrar em detalhes.

*O senhor forneceu todos os detalhes em boa parte do que escreveu até hoje, evidentemente.*

Bem, é isso. As pessoas têm que ler os livros, com os diabos, apesar deles serem densos! Lamento muito.

*Espero que estas entrevistas estimulem muitos a ler os livros.*

Ótimo, e agora penso que você poderia parar por aqui.

*Muito bem, Dr. Jung. Muito obrigado.*

# JUNG E A ÁRVORE DE NATAL

Georg Gerster (n. 1928), depois de doutorar-se em literatura germânica na universidade de Zurique, em 1956, dedicou-se a uma notável carreira como escritor e fotógrafo especializado em assuntos científicos; trabalhou em todos os continentes, incluindo a Antártida. Pouco antes do Natal de 1957, ele entrevistou Jung para o *Die Weltwoche* (Zurique), e seu artigo foi publicado no dia de Natal. Está ligeiramente condensado aqui. Jung está falando:

Um swami indiano bateu à porta de um chalé no Zürichberg. "Perdoe-me por perturbá-lo," disse ele ao dono da casa. "Cheguei de Madras e estou realizando um estudo dos costumes religiosos locais na Europa. Talvez o senhor pudesse..." O dono da casa recusou. "Receio que tenha procurado a casa errada. Aqui somos pessoas esclarecidas. É claro que vamos à igreja, pelo menos ocasionalmente, mas como você provavelmente sabe nós, protestantes, não estamos nos melhores termos com o mundo dos símbolos religiosos. Se estava pensando em encontrar aqui alguns costumes religiosos semelhantes aos do seu país, tenho a impressão de que voltará para casa desapontado." O swami retirou-se de orelha murcha. Mas suponhamos que ele volta mais tarde, digamos, em dezembro, e surpreende o dono da casa no ato de decorar a árvore de Natal. "Mas o senhor afirmou que não tinha costumes religiosos," disse ele, em tom de censura. "Entretanto, abateu um abeto para deixá-lo secar na sala de estar e cobre-o de pequenas velas que não têm utilidade alguma para fins de aquecimento. Diga-me, isso é prescrito pela sua religião ou pelos textos sagrados?" O dono da casa abanou a cabeça, perplexo. "Não que eu saiba", respondeu ele. "É uma coisa que sempre se fez..."

Em uma de minhas expedições na África, vivi por algum tempo com uma tribo nas encostas do Monte Elgon, no Quênia. Todas as manhãs, ao nascer o sol, eles saíam de suas cubatas, cuspiam nas mãos e erguiam-nas de palmas voltadas para o sol. Indagados das razões por que faziam isso, não atinavam com uma resposta. Apenas diziam: "É uma coisa que sempre se fez..." Tal ignorância granjeou-lhes o qualificativo de primitivo no julgamento dos

brancos.[1] Mas se o nosso amigo indiano publicasse em Madras suas pesquisas entre os habitantes das encostas do Zürichberg, ele teria algumas coisas extraordinárias a relatar. "Embora o neguem, eles praticam o culto de ídolos em forma de coelho, que põem ovos coloridos, e no dia a que chamam Páscoa procuram esses ovos nos jardins, em meio a grande alvoroço e gritaria. Num outro dia a que chamam Natal, também praticam o culto de uma árvore iluminada, na qual penduram fitas prateadas, bolas reluzentes e guloseimas. Entretanto, dizem não saber por que fazem isso. São um povo muito obtuso e primitivo."

A própria existência do mastro enfeitado da festa da primavera, a árvore de maio e o pau-de-sebo, dizem-nos muito acerca da reivindicação cristã da árvore de Natal. Na melhor das hipóteses, foi uma questão de reinterpretação de antigos costumes, assim como a festa da natividade de Cristo foi enxertada nas já existentes festividades da vegetação do meio do inverno. O símbolo da árvore tem uma história muito venerável; o estudioso finlandês Uno Holmberg, que investigou o simbolismo da árvore da vida, chamou-lhe "a mais esplendorosa lenda da humanidade".[2] As incontáveis mudanças de significado por que passou o símbolo da árvore ao longo de sua história são prova cabal de sua riqueza e de sua vitalidade. A árvore tem um significado cósmico: é a árvore do mundo, o pilar do mundo, o eixo do mundo. Basta citar a Yggdrasill, o freixo-do-mundo da mitologia nórdica, uma árvore majestosa e sempre verde que cresce no centro do mundo. A árvore, especialmente sua copa, é moradia de deuses. Daí, a árvore da aldeia, na Índia, e a tília da aldeia alemã, em torno das quais os aldeões se reúnem à tardinha; eles sentam-se à sombra dos deuses. A árvore também tem um aspecto maternal. Na mitologia germânica, os primeiros seres humanos, Ask e Embla, originam-se do freixo e do amieiro, como seus próprios nomes indicam. Entre os Yakuts da Sibéria, uma árvore com oito galhos foi o lugar de nascimento do primeiro homem. Foi amamentado por uma mulher cuja parte superior do corpo brotou do tronco dessa árvore. Estas e muitas outras idéias semelhantes não são inventadas, elas simplesmente acudiram à cabeça dos homens em remotas eras. É uma espécie de revelação natural.

Para dar um exemplo. Uma noite, um comissário distrital inglês na Nigéria ouviu uma tremenda balbúrdia nas casernas das tropas nativas. Seis soldados tiveram que algemar um camarada

1. Cf. "Archaic Man" (orig. 1931), CW 10, §§ 143 e ss.
2. *Der Baum des Lebens* (Helsinquia, 1922-23), p. 9.

enfurecido. Quando o comissário chegou, o negro jazia quieto e foi solto por sua ordem. Ao explicar seu estranho comportamento, o soldado disse que tinha tentado fugir para ir para casa, porque a sua árvore o estava chamando, mas agora era tarde demais. O comissário veio a saber então que, quando era uma criança pequena, a mãe desse soldado tinha-o colocado certa vez sob uma árvore para descansar enquanto ela trabalhava. A árvore falara com ele e fizera-o prometer que acudiria sem demora toda a vez que a ouvisse chamá-lo e lhe levaria alimento. A árvore já o chamara por várias vezes, disse o soldado, e de cada vez ele lhe levara o que havia de melhor em sua miserável cubata. Nessa noite, longe de sua aldeia, ele tinha ouvido a árvore chamá-lo, pedindo comida, mas não pudera obedecer à voz por causa de seus deveres militares. Com freqüência, como neste caso, a árvore simboliza o nume, o destino psíquico da pessoa, a sua personalidade interior.[3] No sonho de Nabucodonosor, o próprio rei é simbolizado pela árvore. Também existe uma velha idéia rabínica de que, ao envelhecer, foi permitido a Adão dar uma olhada no paraíso. Nos ramos da árvore definhada jazia uma criança. Poderíamos mencionar ainda as velhas idéias patrísticas de Cristo como a árvore da vida.

*O costume, ainda praticado hoje em muitos lugares, de plantar uma árvore quando nasce uma criança, também pertence a esse contexto?*

Certamente. A razão para esse ato ritual é a *participation mystique* entre homem e árvore; ambos compartilham do mesmo destino.

*Voltando à árvore de Natal. Não será que vários conjuntos muito diferentes de símbolos se fundiram num só? A árvore, as luzes, os galhos sempre verdes, as decorações, a distribuição de presentes — tudo isso tem seu próprio valor simbólico e, em numerosos costumes populares tradicionais, alguns dos componentes estão combinados de modo diferente.*

Concordo. Mas não esqueçamos que a combinação total, a árvore iluminada e decorada, também é encontrada fora da natividade de Cristo e em contextos não-cristãos. Por exemplo, na alquimia, esse tão conhecido reservatório para os símbolos da antigüidade.

*(Neste ponto, Jung traçou um quadro alquímico da árvore, com o sol, a lua e os sete planetas em seus ramos, cercada por alegorias do processo alquímico de transformação.)*

3. Cf. "The Spirit Mercurius", CW 13, § 247.

Agora você sabe o que significam os globos reluzentes na árvore de Natal; eles nada mais são do que corpos celestes, o sol, a lua e as estrelas. A árvore de Natal é a árvore do mundo. Mas, como o simbolismo alquímico mostra claramente, é também um símbolo de transformação, um símbolo do processo de auto-realização. De acordo com certas fontes alquimistas, o adepto sobe na árvore — um motivo xamanístico muito antigo. O xamã, num êxtase, sobe na árvore mágica a fim de atingir o mundo superior onde ele encontrará seu verdadeiro eu. Ao subir na árvore mágica, que é, ao mesmo tempo, uma árvore do conhecimento, ele ganha a posse de sua personalidade espiritual. Para o psicólogo, o simbolismo xamanístico e alquímico é uma representação projetada do processo de individuação. Que assenta numa base arquetípica é evidenciado pelo fato de que os pacientes que não têm nem o mais leve conhecimento de mitologia e folclore produzem espontaneamente os mais surpreendentes paralelos com o simbolismo histórico da árvore.[4] A experiência ensinou-me que os autores desses quadros estavam tentando expressar um processo de desenvolvimento interior independente de sua volição consciente.

*A sua concepção da árvore de Natal não será perturbada, de algum modo, pelo fato de o costume datar apenas do século XVIII?*

Por que haveria qualquer objeção ao meu ponto de vista de que a árvore de Natal, que na mais longa e mais escura noite do ano simboliza o retorno da luz, é arquetípica? Pelo contrário! O modo como a árvore de Natal se popularizou em vários países e ganhou rapidamente raízes de forma que a maioria das pessoas acredita realmente ser uma antiquíssima tradição, é apenas mais uma prova de que o seu atrativo tem raízes nas profundezas da psique, no inconsciente coletivo, e excede amplamente o do presépio — a manjedoura, a vaca e o burro.

*Em um de seus livros, o senhor observa que as pessoas decoram a árvore de Natal sem saberem o que está por detrás desse costume.*[5]

É um velho costume pagão. Não sou eu quem usa essa expressão mas a Igreja. "Omnis haec observatio est paganorum", disse uma antiga declaração papal com referência à decoração das casas com galhos verdes. Esse e outros costumes semelhantes são pagãos. E J. C. Dannhauer, um teólogo evangélico em Estrasburgo, pregou em meados do século XVII contra os abetos que as pessoas

4. Cf. "The Philosophical Tree", Parte I, CW 13.
5. "Archaic Man", CW 10, § 145.

instalam em suas casas no Natal, decorados com velas e bonecos. Esses antigos teólogos não estavam tão errados, de acordo com suas luzes.

*Agora que elucidou seus antecedentes como investigador empírico, a crescente popularidade da árvore de Natal deve causar-lhe júbilo como psicoterapeuta. Eu conjeturo que o senhor concordaria em que as árvores de Natal são saudáveis — como uma medida de higiene psíquica?*

A sua conjetura é correta. Os arquétipos são, por assim dizer, como tantos pequenos apetites em nós, e se, com o passar do tempo, eles nada obtêm para comer, começam roncando e emborcando tudo. A igreja católica leva isso muito a sério. Neste momento, ela está disposta a reviver os antigos costumes pascais. A saudação abstrata "Cristo vive!" já não satisfaz o anseio dos arquétipos por imagens. Assim, para deixá-lo em paz, tiveram que recorrer à deusa-coelha, um símbolo de fertilidade. E, mais recentemente, a igreja reintroduziu uma antiga cerimônia de fogo: a fogueira da Páscoa, o fogo primordial, não é acendida com fósforos mas com pederneira e aço! Um procedimento tremendamente nutritivo para os sentimentos do homem. O homem interior tem que ser alimentado — um fato que os modernos, com sua frívola confiança na razão, esquecem freqüentemente, para seu próprio dano. A árvore de Natal é um daqueles costumes que constituem alimento para a alma, nutriente para o homem interior. E quanto mais primordial for o material que eles usam, mais promissores esses costumes são para o futuro.

# UMA CONVERSA COM ESTUDANTES NO INSTITUTO

Em maio de 1958, Jung veio conversar com estudantes do Instituto C. G. Jung de Zurique. Um deles, Marian Bayes, tomou notas e só as publicou doze anos mais tarde, em *Spring* (1970). A transcrição da Sra. Bayes foi editorada para eliminar parênteses com que a transcritora quis assinalar interpretações conjeturais do que ouviu.

*O que pode fazer o homem com sua natureza apaixonada, primitiva e ctônica?*

Somos propensos a identificar a nossa natureza ctônica com o mal e a nossa natureza espiritual com o bem. Devemos aceitar as forças tenebrosas e deixar de projetá-las. O que é aceitação? Algumas coisas *não podem* ser aceitas. Se a análise é honesta acabará por se encontrar com um problema impossível — um problema que não tem solução. Uma grande parte da natureza instintiva é reprimida, avoluma-se e jorra de novo. E agora? Ninguém pode sustá-la; ninguém sabe o que fazer.

Vá para a cama. Pense sobre o seu problema. Veja o que sonha. Talvez o Grande Homem, o homem de dois milhões de anos, fale. Num beco sem saída, só então você escuta a voz dele. É irresistivelmente forte o impulso de uma pessoa para tornar-se aquilo que é, e pode sempre confiar nele, mas isso não significa que as coisas tenham necessariamente um resultado positivo. Se você não está interessado em seu próprio destino, o inconsciente está.

Existe uma montanha de simbolismo. Não tem por finalidade provar uma teoria, como as pessoas pensam. Reuni todos esses símbolos a fim de proporcionar ao analista uma oportunidade de se instruir sobre o simbolismo para que ele possa interpretar sonhos. Como se *nós* conhecêssemos a natureza! Ou a psique! O velho de 2.000.000 de anos talvez saiba alguma coisa.

Eu não tenho dificuldade em falar com primitivos. Quando falo com o Grande Homem, ou o equivalente, eles compreendem. O Grande Homem é *algo que reage*.

O analista necessita de conhecimentos para interpretar o que o inconsciente diz, e deve dar crédito à sua própria interpretação. Deve ter coragem, deve ajudar; é como se um homem estivesse sangrando até à morte, e você se limitasse a *meditar*! Você só pode dizer: "Meu Deus, eu não *sei,* mas se for um erro, o inconsciente o corrigirá. Parece-me que é assim." E bata-se por ela! Deve ser o melhor que você pôde fazer. Nada de trapaças, de leviandades ou rotina; então o diabo estará atrás de você. Deve ser franco e honesto sobre aquilo que é realmente o melhor que pode fazer. Se é o melhor que pode fazer, então pode contar como certo que as coisas irão pelo bom caminho. Mas pode ser o caminho errado. Você passará por coisas difíceis; isso é o destino. O homem passa pela análise para que possa morrer. Eu analisei até ao fim, com o fim à vista — acompanhar o indivíduo para que ele possa morrer. O analista deve ajudar a vida enquanto puder.

Existe o preconceito de que a análise é a arte de soltar o inconsciente, como abrir as jaulas das feras num zoológico. Isso é parte da análise, mas não deve ser feito de um modo irresponsável e imprudente. Isso é apenas a parte preparatória. A principal análise é o que fazer com as coisas que emergiram do inconsciente. É preciso apurar qual é a tendência subjacente — qual é a vontade de Deus. Você está perdido se não a seguir. Arruinará sua vida, sua saúde. Você vendeu parte de sua alma, ou perdeu-a.

Para os primitivos, perder a alma significa a morte.

A análise é uma longa discussão com o Grande Homem — uma tentativa insensata para compreendê-lo. No entanto, é uma tentativa, como o paciente e o analista a entendem. (Os Naskapi[1] teriam uma grande vantagem, porque se dão conta de que é uma discussão com o Grande Homem.) Trabalhe até que o paciente possa ver isso. O Grande Homem pode, de um só golpe, dar um aspecto inteiramente diferente à coisa — ou *qualquer coisa* pode acontecer. Desse modo, você é informado sobre a inteligência peculiar dos antecedentes e a natureza do Grande Homem. Você aprende sobre si mesmo contra o Grande Homem — contra os seus postulados. Esse é o caminho através das coisas, coisas que parecem desesperadas e irrespondíveis. O ponto é este: *Como é que você vai responder a isso?* Aí, a pessoa vê-se a sós, como deve ser, como as mais elevadas distinções éticas. A ética não é uma convenção; a ética é entre eu mesmo e o Grande Homem. Durante esse processo, você aprende a respeito da ética *versus* morali-

1. Sobre os índios Naskapi da península de Labrador e seu conceito de Grande Homem, ver M.-L. von Franz, "The Process of Individuation", em *Man and His Symbols* (1964), pp. 161-162; também Frank G. Speck, *Naskapi* (Norman, Okla., 1935), pp. 41 e ss.

dade.[2] O inconsciente propicia aquele desvio peculiar que torna o caminho possível.

O caminho é inefável. Uma pessoa não pode, não *deve*, traí-lo. É como o caminho de Zen — como uma faca afiada e também sinuoso como uma serpente. É preciso fé, coragem e um infinita honestidade e paciência.

*O ciclo desse diálogo continua permanentemente, ou o homem tem nele um papel especial?*

Isso é o que você aprende: qual é o seu papel, onde é que você se situa na economia divina, na ordem das coisas. Você vê-se a uma nova luz porque adicionou a informação do inconsciente. Você acrescentou coisas com que nem mesmo sonhava — um novo aspecto de si mesmo e do mundo. Não pode regular isso, ou será mal usado.

Para aclarar a mente, você desenha uma mandala, e ela é legítima. Um outro diz: "Ah, é *assim* que se faz!", e desenha uma mandala. E *isso* é um erro; é uma impostura, porque ele está copiando.

Nunca diga não ou sim por princípio. Diga-o somente quando *sentir* que é realmente *sim*. Se for realmente *não*, é não. E se disser sim por qualquer outra razão exterior, você vai para o fundo.

*Qual é o resultado de uma atitude de livre decisão?*

O resultado é que você está sempre metido no jogo; você está incluído, é considerado autêntico. Se for desonesto, é excluído do processo de individuação. Se for desonesto, você não é *nada* para o inconsciente. O Grande Homem cuspirá em você, e você ficará para trás, atolado em sua confusão — imobilizado, estúpido e idiota.

Se acompanhar o inconsciente de perto, a sua inteligência não cairá abaixo de um certo nível, e você adicionará uma boa quantidade de inteligência àquela que já possui. Se você encarar o inconsciente intelectualmente, está perdido. Não é uma convicção, nem uma pressuposição. É uma *Presença*. É um *fato*. Está *aí*. *Acontece*.

---

2. "A Psychological View of Conscience" (1958), CW 10.

Como podemos saber isso? Por uma certa dose de autocrítica. Quando você tem uma idéia, *você* não pensou a respeito dessa coisa. Ela acudiu-lhe. Quando você se apercebe disso, então é honesto. É absolutamente necessária uma certa dose de modéstia. Você tem que aceitar o que o inconsciente produz, e tem que entender a linguagem dele. É *Natureza,* e tem que ser traduzida para formas humanas. Essa é a razão para a dignidade do homem, que tem capacidade para fazer isso. Não existe *reflexão* na criação. Refletir é tarefa do homem, e ele pode fazê-lo quando não está esterilizado. Quando se coloca acima disso, é estéril. A atitude é incomensurável com a ciência. Que cientista observará e dirá que aquilo que observa *não existe*? Quando você observa, então é científico. As pessoas não sabem se um pensamento é delas ou se o pescaram em águas alheias. A ingenuidade do homem branco: ele identifica o ego com o Grande Homem!

*O vínculo humano não é um elo vital e central na análise?*

Muito mais forte do que suas frágeis palavras é a coisa que você é. O paciente é impregnado pelo que você é — pelo seu ser real — e presta pouca atenção ao que você diz. O analista tem problemas não resolvidos porque está vivo — a vida é um problema diário. Se assim não fosse, ele estaria morto. No mais breve prazo, cada um comete seus tropeços. Se você aceita o seu erro da maneira certa, essa é a maneira como a análise se desenvolve. O analista deve conhecer seus complexos, visto que eles serão abordados durante o trabalho com o paciente. Quando sonho com um paciente, isso é usualmente um sinal de que um dos meus complexos foi atingido.

Cada passo em frente que o paciente dá pode ser uma nova etapa para o analista. Não se pode estar com alguém sem ser influenciado por essa personalidade, mas o mais provável é que não se perceba isso; uma certa atmosfera nos envolve e se apossa de nós. Se você não é do tipo sentimental, poderá ter que indagar de um tipo sentimental a respeito do seu próprio "clima", dado que você não tem consciência de seus próprios sentimentos.

*A ênfase sobre a transferência não impede...?*

Um dos maiores obstáculos à compreensão é a projeção do xamã — o salvador. Assim que a pessoa é elevada a tal posição, ela fica impotente, perdida num mar de neblina. Quando surgem sinais dessa inflação, isso constitui uma séria advertência, e a inflação deve ser desencorajada o mais depressa possível. Você é tão incapaz de realizar milagres quanto o xamã, regra geral, é. O complexo do pai está na base disso e, quando se procede à sua aná-

lise, fica reduzido a dimensões humanas. Mas há ainda o ser humano. A transferência do pai, a transferência do Cristo, etc., cada uma delas é um equívoco, um desvio, produzido pela perplexidade do paciente. Se o paciente fosse um Naskapi, ele diria que a transferência é o seu Grande Homem. A conversa analítica é entre dois Grandes Homens. (O Naskapi teria uma grande vantagem porque entenderia isto.) Trabalhe até o paciente poder ver isso. Esse é o ponto da transferência. É vital para o paciente descobrir isso, e o analista deve estar apto a responder a essas indagações. Ele só pode dizer, "Sou isto", quando sabe o que *isto* é. O paciente pode chegar ao fim de sua perplexidade e ainda ter uma transferência. Embaraçoso. Então é alguma outra coisa: os arquétipos estão em ação; esse é o Grande Homem, ou seja o que for que ele lhe chame. No fundo, a transferência não é, em absoluto, uma fantasia *pessoal*. Você perde um enorme valor quando a reduz ao pessoal, e o analista deve instruir o paciente acerca dessa dupla possibilidade: que existe o pessoal e que existe algo mais na personalidade, a saber, o Grande Homem.

# DO DIÁRIO DE CHARLES BAUDOUIN: 1958

O Primeiro Congresso Internacional de Psicologia Analítica foi realizado em Zurique, em agosto de 1958. A agradável atração de um passeio no lago foi incluída no programa, com uma pausa em frente da casa de Jung. Após a morte de Emma Jung, em 1955, Ruth Bailey, uma amiga íntima da família, que Jung conhecera durante sua viagem à África Oriental em 1925-26, tornara-se, por desejo expresso da Sra. Jung, a governanta e companheira do mestre.

Domingo, 10 de agosto

Hoje, uma excursão de barco no lago de Zurique, no final da tarde. O grande momento ocorreu quando o barco parou ao largo de Küsnacht para saudar Jung com toques de sirena e centenas de braços acenando. O velho mestre, trajando um terno branco de verão, descera até à margem, logo abaixo de seu chalé; de pé, tendo ao lado a senhora que lhe faz companhia, fez repetidos acenos de mão por largo tempo, enquanto observava o grande barco, lotado de discípulos seus, desaparecer lentamente — para que destinos? — na neblina que caía sobre o lago. Fazia bom tempo. O jovem e afável Dr. Baumann,[1] que fala um excelente francês — o que não é prejudicial a ninguém — disse-me ser neto de Jung, e explicou-me que a senhora que está ajudando Jung "desde que minha avó morreu" era uma velha amiga desde os tempos da viagem à África negra, na década de 1920; depois, quando o barco passou em frente, mostrou-nos o lugar de nascimento de Paracelso.[2] Mas a visão — insistente e comovedora — que continuou dominando os comentários que trocamos, e a água, a terra e as nuvens que corriam sobre as montanhas, foi a visão de Jung todo de branco, parecendo maior do que em seu tamanho natural — talvez por causa do terno branco — de pé na margem do lago e repetindo, como se para o infinito, seus gestos de adeus.

(Foi um verdadeiro adeus: eu não mais o voltaria a ver.)

[Tradução do francês para o inglês por Jane A. Pratt]

1. Dieter Baumann, médico, é filho da segunda filha de Jung, Gret, e do Dr. Fritz Baumann. É psicólogo analítico.

2. Paracelso (ver acima, p. 53, nota 5), nasceu em 1493 em Einsiedeln, alguns quilômetros ao sul do lago.

# DOS APONTAMENTOS DE ESTHER HARDING: 1958

Küsnacht, 23 de agosto

Encontramo-lo com um aspecto extraordinariamente bom, e ele acolheu-nos com grande cordialidade...

Falamos do Congresso... e ele disse como, quando a idéia não é suficientemente real, a gente recorre a "palavras pomposas", a "palavras de força", que procuram convencer mas, na realidade, são apenas uma compensação para a fragilidade da idéia ou para o entendimento da idéia...

[Sobre a Assunção da Virgem Maria] Jung disse que ela já tinha entrado na alcova nupcial e que assim, naturalmente, depois de um certo tempo, nascerá uma criança. Os homens da igreja não compreendem isso nem se preocupam em considerar o que isso significará. Imobilizam-se ante a idéia de que possa existir alguma espécie de deidade feminina, mas não especulam sobre que espécie de criança nascerá, como o filho do Sol-Mulher na Revelação.[1]

Insistiu repetidamente na necessidade de enaltecimento dos valores humanos. O homem sábio precisa dar um lugar para a insensatez, a puerilidade. Caso contrário, ele coloca-se acima de sua humanidade e tropeça na primeira pedra; então, volta atrás, dá um pontapé na pedra "que devia saber o bastante para não se meter no caminho do senhor Fulano, quando na verdade ele tropeçou por não prestar suficiente atenção à realidade humilde."

No domingo de Ramos, o Mestre não podia caminhar mas devia cavalgar, disse ele, referindo-se ao Novo Testamento; de modo que roubou um burro. Disse que o seu reino não era deste mundo mas, nesse ato, contradisse a sua própria missão. Pouco depois, amaldiçoou a figueira estéril, "porque devia ter tido alimento para o almoço do Mestre... exatamente como o homem que desfere um pontapé na pedra em que tropeçou. Mas os teólogos nunca viram isso. Satã, o poder demoníaco, a quem ele repelira, regressou no domingo de Ramos. Desse modo, ele próprio causou a zombaria ao apresen-

1. Cr. "Answer to Job" (orig. 1952), CW 11, § 710, referindo-se à Revelação 12:1.

tar-se como um César, etc. Esqueceu a sua missão e assim, na cruz, sentiu que Deus o tinha abandonado."

Disse ele que os evangelhos estavam cheios de toda a espécie de contradições. A menção do episódio da figueira levou-o a falar da oração do Pai Nosso e de seu pedido: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje". Afirmou que a palavra grega traduzida como *cada dia* só ocorreu nesse lugar, nunca no grego clássico, de modo que tinha sido feita uma conjetura quanto ao seu significado. São Jerônimo traduziu a expressão como pão supra-substancial. Recentemente, ela foi encontrada nos escritórios gnósticos de alguns fragmentos recém-descobertos. Aí, parecia ter o significado de porção diária, ou ração. Também aqui, disse C. G., temos uma contradição, porquanto o Pai Nosso nos ensinou a preocuparmo-nos com a nossa ração de cada dia, ao passo que, numa outra altura, ensinou: "Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir... Pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas essas coisas." [2]

Disse lamentar que a tradução de São Jerônimo não fosse a correta, pois era muito significativa.

Falando da insensatez dos sábios, disse que se deve reconhecer sempre que não se sabe o que um sonho significa, especialmente quando se trata dos nossos próprios sonhos, pois o inconsciente sempre descobre a fenda na parede de nossas teorias ou sistemas. O inconsciente quer ganhar acesso à consciência e, quando construimos um corpo sistemático de conhecimento, mantemos o inconsciente necessariamente de fora. A natureza é justamente aquilo que *não* conhecemos. Assim, disse ele, ao falar de tais coisas é muito preferível usar um modo simbólico de discurso, pois isso diz muito mais — mesmo aquilo que não sabemos. Se nos limitarmos aos fatos conhecidos, o que dizemos pode ser verdadeiro para um milhar de outros casos, mas *não* para este caso. A verdade escapa às pessoas que estão sempre tentando sistematizar, e eles têm que usar o poder para tentar convencer.

Uma pessoa deve dar margem para os seus próprios absurdos, pois a natureza é ingênua; há sempre a piada, o *isso mesmo*.

Quem usa palavras pomposas não pode expressar-se em linguagem simples. Ele está impressionado com a idéia poderosa e tenta impressionar outras pessoas com ela. Se ele estivesse *realmente* impressionado com a sua realidade, gaguejaria e teria grandes sentimentos de inferioridade em face dela. Toda a experiência verdadeira do

2. Cf. Mateus, 6:25, e Lucas, 12:22.

*numinosum* tem esse efeito. Mas tal homem receia mostrar sua pequenez em face da grande idéia. Fica inchado e pavoneia-se. Ele mostraria ser realmente sensato se pudesse admitir que era incapaz de dizer alguma coisa em face da grande experiência. (Um homem que está verdadeiramente apaixonado só consegue gaguejar: "Eu te amo".)

Entretanto, ele disse que se deve formular uma teoria ou sistema, especialmente para fins de ensino; mas não se deve supor que representam os fatos. A título de ilustração do uso e das limitações de um sistema formulado, disse ele, é como se nos encontrássemos numa ilha desabitada. Temos que começar imediatamente a orientar-nos. Há uma montanha ali, um grupo de árvores acolá, e a linha costeira mais além. A montanha está talvez a umas dez milhas de distância, mas pode ser quinze e então os nossos cálculos serão perturbados. Tampouco sabemos qual é a sua altitude, e não podemos executar a triangulação a partir dela. Ou pode ser que exista um rio entre nós e a montanha, que não podemos atravessar. Contudo, devemos dizer: "Aqui está um mapa da ilha que eu descobri mas, puxa, não acredito em nada do que ele mostra!" E devemos dizer o mesmo aos estudantes quando lhes ensinamos a teoria da análise.

# NO CLUBE DE PSICOLOGIA DE BASILÉIA

A 1.º de novembro de 1958, Jung visitou um pequeno grupo de estudo do Clube de Psicologia de Basiléia e respondeu a uma série de perguntas escritas, além de outras perguntas que lhe foram endereçadas de viva voz pela assistência. O evento foi gravado e transcrito, sendo aqui publicado pela primeira vez, em tradução. Os colchetes indicam lacunas no texto ou interpretações conjeturais.

Gostaria de lhes agradecer por me creditarem a capacidade de dizer alguma coisa sensata, apesar de minha avançada idade. Isso não pode ser inteiramente considerado ponto pacífico, já que sou propenso a ser muito distraído. Concentrar-me em vossas difíceis perguntas poderá, assim, redundar em fiasco, caso eu me perca em alguma seqüência de pensamento. Por isso lhes peço que me chamem à ordem, se lhes parecer que eu fico divagando por outras paragens.

Pergunta 1: *Qual é o critério que indica se um sonho arquetípico ou uma visão deve fazer uma exigência obrigatória a um indivíduo, ou ser avaliado apenas como expressão de um evento contemporâneo geral que o sonhador assimilou e que não lhe é endereçado como ser humano individual?*

O critério desejado, neste caso, é se a pessoa que teve o sonho se sente numinosamente atingida por esse sonho. Se este não lhe foi numinosamente endereçado, então não lhe diz respeito — e tampouco me interessa. Na melhor das hipóteses, poderá iniciar uma discussão teórica em torno de palavras, o que, evidentemente, é fútil.

Pergunta 2: *O mito pode ser equiparado a um sonho coletivo? Se assim for, deveremos pressupor que um evento histórico o precede ou se lhe segue?*

Em primeiro lugar, cumpre definir mais precisamente o que se entende por mito. Estritamente falando, um mito é um documento histórico. É contado, é registrado, mas não é em si mesmo um sonho. É o produto de um processo inconsciente num determinado grupo social, num determinado momento e num determinado lugar. Esse processo inconsciente pode naturalmente ser equiparado a um sonho.

Logo, a pessoa que "mitologiza", isto é, que conta mitos, está falando com base nesse sonho e aquilo que é então recontado ou realmente registrado é o mito. Mas não se pode, estritamente falando, aceitar o mito como um evento histórico único, à semelhança de um sonho, de um sonho individual que tem seu lugar numa seqüência temporal; isso só pode ser feito *grosso modo*. Pode-se dizer que, num certo lugar, num determinado tempo, um certo grupo social esteve empenhado nesse processo, e talvez possamos, por assim dizer, condensar esse processo, cobrindo vários milhares de anos, e afirmar que essa época precede historicamente tal e tal e segue-se historicamente a tal e tal.

Isso é um empreendimento muito espinhoso. O que é que precede o mito de Osíris, por exemplo? O mito de Osíris remonta a aproximadamente 4.000 anos A.C. O que foi que o precedeu? A escuridão total. Simplesmente, não sabemos. E o que se lhe seguiu? A resposta é, evidentemente, muito mais fácil: o mito de Osíris foi seguido pelo mito de Cristo. Isso está perfeitamente claro, muito embora os teólogos nos garantam que — o que não deixa de ser deveras singular — a perspectiva mental do Novo Testamento nada tem a ver, ou muito pouco, com a egiptologia; mas isso é porque as pessoas ignoram muita coisa. Darei apenas um exemplo. Como sabem, a tábua genealógica de Cristo no Novo Testamento consiste em 3 x 14 nomes.[1] O número 14 é significativo, por causa da grande festa Heb-Sed dos antigos egípcios, celebrada de 30 em 30 anos para reafirmar o faraó como filho de Deus; estátuas de 14 de seus ancestrais desfilavam perante ele em procissão, e se não pudessem ser encontrados 14 ancestrais, adicionavam-se alguns inventados, pois tinham de ser 14, nem mais um nem menos um.[2] Ora bem, no caso de Cristo, filho de Deus, que foi, é claro, infinitamente mais exaltado do que o faraó, também teria havido 3 x 14 gerações, e isso é um *Trishagion,* a bem conhecida fórmula tríplice para "Bendito, bendito, bendito seja o Senhor Deus dos Exércitos". Essa tripla repetição é simplesmente uma expressão da numinosidade de "Três Vezes Bendito".

Temos aí, portanto, um desses vestígios [da influência egípcia]. Se estudarmos cuidadosamente as afirmações e os depoimentos sobre Cristo que nos foram transmitidos historicamente, verificaremos serem relatos mitológicos intimamente ligados ao mito de Osíris. Foi por issso que o cristianismo se propagou no Egito sem encontrar a menor

1. Mateus, 1:1-17.
2. Cf. *Mysterium Coniunctionis,* CW 14, § 331, nota 9. Para as festividades Heb-Sed, cf. §§ 356 e ss.; também Erich Neumann, *The Origins and History of Consciousness* (1954), pp. 243 e ss.

resistência. O país foi cristianizado num abrir e fechar de olhos, porque todos os precedentes necessários já existiam. Veja-se, por exemplo, o peixe, atributo de Cristo; foi aceito pelos egípcios sem discussão porque eles já tinham um dia em que um certo peixe podia ser comido e nos outros dias não. Tudo isto inteiramente à parte do conteúdo espiritual do mito de Osíris.

Ora, o mesmo se passa com a maioria dos mitos: quando os examinamos minuciosamente e o evento histórico pode ser estabelecido *post festum* mas não *ante festum,* quanto mais numinosos forem esses relatos mitológicos, mais recuamos no passado remoto da história humana. Nós, de qualquer modo, estamos na cômoda posição dos epígonos tardios, que, olhando em retrospecto três meses platônicos, três eras de história da consciência, podemos demonstrar que esses mitos formam uma continuidade. Assim, o mito de Osíris foi claramente suplantado pelo mito de Cristo. Esse é um dos mais belos exemplos de continuidade mitológica. É como se, no decorrer dos milênios, tivessem lugar no inconsciente lentas convulsões, sendo cada era precipitada por um novo mito. O mito não é novo, é antiquíssimo, mas uma nova versão, uma nova edição dele, uma nova interpretação, caracteriza a nova época. Por isso é que, para os antigos, a transição de uma era para outra constitui um importante evento. Por exemplo, Hamurabi, o famoso legislador babilônio, achou que era o Senhor de uma nova era; ele viveu por volta de 2.000 A.C. Foi por essa mesma época que se iniciou a tradição judaica. Pense-se também na Idade de Augusto, outros dois mil anos mais tarde, a qual se iniciou com Divus Augustus, cujo nascimento foi considerado o nascimento de um salvador. E se nos lembrarmos da 4.ª écloga de Virgílio, [3] veremos que a criança que anuncia o advento de uma nova idade é um portador de paz, um salvador, que foi naturalmente interpretado como Cristo pelos cristãos. A data do poema de Virgílio é pré-cristã. Para ele, era certamente o nascimento de Augusto que se pretendia exaltar. Nesse tempo, havia um tremendo anseio de redenção na Itália, porque dois terços — por favor, anotem — da população consistia em escravos cujo destino estava irremediavelmente selado. Isso gerou um ambiente geral de depressão e, na melancolia da Idade de Augusto, esse anseio de redenção ganhou expressão. Portanto, um homem que, como Virgílio, sabia muito bem "mitologizar", expressou essa situação da 4.ª écloga. Graças a esse dom profético, ele é também o psicopompo em Dante, o guia e condutor das almas no purgatório e no inferno.

3. Para o texto, ver *Symbols of Transformation,* CW 5, § 121.

Depois, é claro, no paraíso cristão, ele teve que ceder esse papel ao princípio feminino [Beatriz], e isso reveste-se, naturalmente, de um grande significado, em virtude do futuro reconhecimento da figura feminina no cristianismo. Mas tudo isso foi no tempo de Dante. Depois, como se sabe, transcorreram 600 anos até o dogma da Imaculada Conceição ser promulgado por Pio IX, [4] e mais 100 anos até à promulgação da Assunção.[5]

Pergunta 3: *Acredita que estamos caminhando para o completo barbarismo na nova era, ou existe ainda alguma probabilidade de que o desastre cultural possa ser evitado?*

Devo confessar que, nessa matéria, não acredito em nada, pois simplesmente não sei. Não posso acreditar em algo que desconheço e, quando passo a conhecer, não necessito mais de acreditar. Não sei se estamos caminhando para o completo desastre, sei apenas que as coisas parecem muito sombrias — mas vocês também sabem isso. Não quero bancar o profeta mas o grande problema com que nos deparamos é a superpopulação, não a bomba atômica. A bomba atômica, teleologicamente considerada, toma providências para a remoção do excedente. Existem estatísticas demográficas que já prevêem uma escassez ainda mais séria de alimentos em 1965; na Índia, todo o subcontinente indiano já se encontra a braços com essa crise. A mais ligeira perturbação na fertilidade sazonal leva a uma assustadora fome, e o mesmo ocorre na China. Agora, a malária foi extinta na Índia e isso, por si só, causa um imenso recrudescimento de população, independentemente de todas as epidemias de cólera e peste que foram impedidas. Entretanto, é provável que, com o tempo, se permita de novo a propagação delas; é a única maneira possível de eliminar o excedente de população. Essa idéia não é minha; falei com o chefe do departamento de higiene pública que dispõe de um grande laboratório no golfo de Kutch, o principal centro de importação de artigos tais como varíola, cólera e peste. Disse-me ele não poder imaginar qualquer outra solução para o problema da superpopulação na Índia, a não ser uma colossal epidemia. Em 1920, por exemplo, durante a grande epidemia de gripe, registraram uma perda de 675.000 vidas. Mas essa é exatamente a taxa de natalidade excedente para um ano, e continua se avolumando como uma avalancha.

Pergunta da Assistência: *Não pode ser feito algo com o controle de natalidade?*

4. Na Bula *Ineffabilis Deus,* 8 de dezembro de 1854.
5. Por Pio XII na Bula *Munificentissimus Deus,* 1.º de novembro de 1950.

Bem, eles destinaram uma verba de meio milhão de libras para isso, e devem perguntar aos indianos que bem isso lhes fez e que reflexos teve nas massas... vocês podem imaginar. Nada. Foi uma gota de água num fogão quente. O decréscimo de população não começar com as classes inferiores e, na Índia, até data recente, apenas 20% dessas classes não eram analfabetos. Hoje, cerca de metade da população total ainda é analfabeta. Assim, podem imaginar bem o que o controle de natalidade significou nessas condições: nada. Eles são um pouco melhores do que cavernícolas e muitos deles ainda se encontram num estado tribal completamente primitivo. Medidas razoáveis como essas são inteiramente infrutíferas. A taxa de natalidade só pode ser controlada por catástrofes, na falta de um milagre. Surge naturalmente a questão: O que acontecerá se a população mundial continuar crescendo e as pessoas, em conseqüência disso, se comprimirem cada vez mais? Isso produzirá uma tensão assustadora, a qual poderá descarregar-se de uma forma ou de outra; e, no lado racional, não temos resposta, ao passo que, no lado irracional, poderemos esperar Deus sabe o quê, de qualquer modo nada que seja particularmente promissor. Vocês podem atribuir isso ao pessimismo da velhice. Em todo o caso, é altamente provável que estejamos a caminho de uma época extremamente crítica, a qual talvez nem todos nós experimentemos — quer dizer, seu momento culminante — porque estamos no final da era de Peixes e podemos certamente esperar que, com a transição para a nova era de Aquário, dentro de aproximadamente 150 a 200 anos a contar de agora, os nossos descendentes experimentem toda a espécie de coisas. Esse negócio da bomba atômica, por exemplo, é terrivelmente característico de Aquário, cujo governante é Urano, o Senhor dos eventos imprevisíveis. Mas isto é especulação. Têm mais alguma pergunta? Eu não desejaria que o meu estimado público ficasse sem resposta!

Pergunta 4: *Uma vez que a nossa consciência é um dos conteúdos do eu, podemos supor que a consciência individual continua após a morte? Conhece algum moderno material onírico que corrobore tal pressuposto? O conceito de vida eterna significa a preservação da consciência individual, ou que a alma humana ingressa em outras formas e configurações, assim perdendo a sua individualidade?*

Certamente se dão conta de que é uma resposta muito difícil. Em poucas palavras, é uma questão de imortalidade consciente. É uma questão que foi endereçada duas vezes ao nosso Senhor Buda. Para seus discípulos era, naturalmente, uma questão de grande interesse saber se o carma que passa de geração em geração por metempsicose é pessoal e representa uma continuidade pessoal, ou se

é impessoal. Neste último caso, é como se existisse um carma inconsciente suspenso algures, o qual é aproveitado no ato de nascimento e reencarnado sem percepção consciente de qualquer continuidade pessoal. Este é um aspecto. O outro aspecto é que esse carma é, por natureza, consciente, possui uma consciência subjetiva e, quando reencarnado, torna-se potencialmente possível a uma pessoa recordar seus anteriores nascimentos, por causa da autoconsciência transcendente desse carma. De ambas as vezes Buda esquivou-se à pergunta, não a abordando, embora ele afirmasse estar consciente de seus prévios nascimentos, cerca de 560 encarnações em todas as formas concebíveis: plantas, animais e seres humanos.

Vê-se, pois, que nesses tempos, quando as pessoas não eram exatamente parcas em asserções metafísicas, não existindo ainda uma teoria do conhecimento, Buda rejeitou essa questão como inútil. Pensou ele ser muito mais útil meditar sobre a cadeia *nidana,* a cadeia de causa e efeito, consistindo em velhice, doença e morte, do que especular sobre imortalidade. E, num sentido, tal especulação é estéril, pois nunca estamos em posição de aduzir quaisquer provas válidas a esse respeito. Se pudéssemos eventualmente aduzir qualquer prova, seria a respeito de um homem, digamos, que apareceu como fantasma um, dois, dez ou até vinte anos após sua morte. Mas, ainda assim, não poderíamos provar que esse fantasma era idêntico ao do homem morto. Portanto, não existe possibilidade alguma de fornecer provas, visto que, mesmo na hipótese de que o fantasma de um morto revelasse algo de que só esse homem tinha conhecimento em vida e ninguém mais — e tais casos existem, bem autenticados — subsistiria ainda a questão sobre como isso se relacionava com o conhecimento absoluto do inconsciente. O inconsciente possui uma espécie de conhecimento absoluto, mas não podemos provar que é um conhecimento absoluto, porque o Absoluto, o Eterno, é transcendente. É algo que não podemos apreender, pois ainda não somos eternos e, por conseguinte, nada podemos dizer sobre a eternidade, sendo a nossa consciência aquilo que é. Estas são especulações transcendentais, que podem estar certas ou não. Logo, por razões epistemológicas, é absolutamente impossível expor algo com certeza nesta matéria.

Por outro lado, a questão da imortalidade é tão premente, de tal importância para o momento atual, que é preciso encontrar, não obstante, alguma espécie de resposta. Então digo para mim mesmo: Ora bem, se me defronto com uma questão a que não posso responder e, no entanto, devo encontrar uma resposta para o meu próprio bem-estar e a paz de minha alma, posso ficar tão intranqüilo e tão perturbado por essa questão que uma resposta é absolu-

tamente imperativa. De qualquer modo, devo tentar formar uma opinião a respeito com a ajuda do inconsciente, e o inconsciente favorece então e produz sonhos que apontam para uma continuação de vida após a morte. Não há dúvida disso; já vi muitos exemplos desse gênero. É claro, poder-se-á dizer que isso são apenas fantasias, fantasias compensatórias que não podemos impedir, que estão enraizadas em nossa natureza — toda a vida deseja eternidade — mas que estão longe de constituir uma prova. Por outro lado, devemos dizer a nós mesmos que, embora esse argumento seja correto, até certo ponto, dispomos de provas irrefutáveis de que pelo menos partes de nossa psique não estão sujeitas às leis do espaço e do tempo, caso contrário, as percepções fora do espaço e do tempo seriam inteiramente impossíveis... e, no entanto, elas existem, elas acontecem. Todos os casos de clarividência telepática, de predição do futuro... isso existe. Eu mesmo pude verificá-lo em inúmeras experiências, para não mencionar os experimentos de Rhine, os quais não podem ser refutados a menos que viremos de cabeça para baixo a teoria da probabilidade. Isso foi realmente proposto, seria inventada toda uma nova teoria da probabilidade, embore me escape completamente como isso poderia ser feito sem violações da lógica. De qualquer modo, não dispomos atualmente de meios para contestar os resultados de Rhine, independentemente dos inúmeros casos de predição, percepção não-espacial, etc.

Isso oferece a prova mais clara e mais indiscutível de que as nossas concepções de espaço e tempo, tal como são formuladas de um ponto de vista causal e racionalista, são incompletas. Para obtermos um quadro completo do mundo, teríamos de adicionar uma outra dimensão, ou jamais poderemos explicar a totalidade dos fenômenos de um modo unificado. É por isso que os racionalistas sustentam obstinadamente que não existem experiências como a clarividência e coisas desse tipo, porque a concepção racionalista do mundo mantém-se ou cai com a realidade desses fenômenos. Mas se eles existem, a nossa visão racionalista do mundo é insustentável. Sabemos todos que, na física moderna, já deixou de ser negada a possibilidade de que o universo tenha várias dimensões. Cumpre-nos levar em conta o fato de que este nosso mundo empírico é, num certo sentido, aparência, quer dizer, está relacionado com uma outra ordem de coisas abaixo ou além dele, em que "aqui" e "ali" não existem; em que não existe extensão espacial, o que significa que o espaço não existe, nem extensão temporal, o que significa que o tempo não existe. Há experiências em que o espaço é reduzido em 20% ou o tempo em 90%, de modo que o conceito de tempo é apenas 10% válido. Sendo assim — e não vejo possibilidade alguma

de refutação — temos que enfrentar o fato de que algo de nossa existência psíquica está fora do espaço e do tempo, isto é, para além da mutabilidade ou, como poderíamos também dizer, que só é mutável em espaços infinitos de tempo.

Para nós, estas idéias são deduções lógicas mas, na Índia, são idéias comumente sustentadas. Por exemplo, se lermos as histórias do Buda [no cânone de Pali], encontraremos muitos casos ilustrativos. Eis um deles: Quando Buda estava morando no bosque, ouviu subitamente que um dos deuses supremos, Brama, tivera um pensamento errado. Imediatamente se dirigiu ao mundo supremo e encontrou o deus Brama num forte — na realidade, o palácio do Rajá ou do Marajá — e nos espaçosos jardins paradisíacos desse forte, situados num dos mais elevados picos do Himalaia, o deus Brama estava se divertindo com as damas de sua corte. Tinham subido numa árvore e estavam jogando flores e frutos para baixo; ele achava delicioso tal divertimento e disse ao Buda: "Este espetáculo que estais vendo, esta alegria e este prazer, durarão para sempre porque eu sou imortal." então o Buda respondeu: "Aí cometeis o vosso erro. Vossa vida durará por *kalpas,* por idades cósmicas, mas num dado momento, fez-se de súbito um silêncio absoluto. Não tombaram mais flores e frutos, o riso das cortesãs dissipou-se, o deus Brama ficou atônito e disse: "O que se passa?" Então o Buda explicou: "Neste instante, o carma de vossas cortesãs extinguiu-se e elas morreram... e o mesmo ocorrerá convosco". Então o deus Brama converteu-se ao Senhor Buda e jurou-lhe verdadeira obediência de discípulo.

Esta é a história. A vida pode perdurar uma infinidade de *kalpas* mas não é eterna. É claro, isso não nos incomoda muito. Contudo, mostra que na Índia era compreendida e aceita a relativização do tempo. É uma intuição, que se desenvolveu naturalmente e se converteu numa segunda natureza, do que é provavelmente o estado real do mundo. Vemos um mundo de consciência do qual não podemos realmente extrair quaisquer conclusões, mas então sabemos pela experiência que existe um substrato que é absolutamente necessário, uma vez que, de outro modo, não poderíamos explicar os fenômenos deste mundo. Por conseguinte, somos incapazes de explicar uma predição do futuro ou uma percepção extra-sensorial espacial em termos de instalações especiais de radar, porquanto mesmo o radar mais sofisticado não pode predizer um evento que tenha lugar daí a quinze dias. Sempre usamos essa comparação do radar para explicar a visão a uma distância no espaço, mas não chegamos a parte nenhuma com tal comparação para explicar a visão a uma distância no tempo.

Pergunta da Assistência: *Há alguns anos, o senhor falou a respeito do conceito físico de quantum de tempo, de acordo com o qual não existe tempo entre dois quanta de tempo, de modo que o que se apresenta entre eles é uma espécie de intemporalidade. Importa-se de desenvolver este aspecto?*

Isso não é realmente um aspecto pertinente para o assunto que estamos debatendo; trata-se apenas de uma analogia para tornar compreensível como a intemporalidade deve ser implícita no conceito de tempo, o que é necessário por razões lógicas. Quando dizemos "alto", também subentendemos "baixo", sem o dizer. Quando falamos de tempo, também devemos ter o conceito de não-tempo. Assim como temos o conceito de quantum em energia, do mesmo modo podemos, uma vez que o tempo é um fenômeno de energia, falar [sem qualquer diferença] de uma sucessão [de quanta de tempo] ou seja, desses hiatos de intemporalidade entre sucessivos quanta de tempo que então se produzem. A teoria quântica é uma teoria de descontinuidade dos eventos e foi por isso que Einstein procurou preencher esses hiatos. A existência de descontinuidades era como um osso atravessado em sua garganta; o perfeito criador do mundo não pode permitir descontinuidades, tudo deve ser racional; mas simplesmente não é.

Não estamos em posição para provar que qualquer coisa no ser humano é necessariamente preservado para a eternidade. Mas podemos pressupor, com grande probabilidade de acerto, que algo de nossa psique continua existindo. Tampouco sabemos se essa parte é, em si mesma, consciente. Baseada em experiência, também existe a consideração de que qualquer parte dividida da psique, caso possa realmente manifestar-se, sempre o faz na forma de uma personalidade, como se possuísse uma consciência própria. É por isso que as vozes ouvidas pelos insanos são pessoais. Todos os complexos divididos falam numa forma pessoal, sempre que se expressam. Podem, se quiserem, ou se sentirem essa necessidade, tomar isso como um argumento em favor de uma continuidade da consciência. De um modo geral, poderíamos dizer que, como a consciência é um importante fenômeno psíquico, por que não admitir que seja precisamente a parte da psique que não é afetada pelo espaço e o tempo? Por outras palavras, continua existindo relativamente fora de espaço e tempo, o que não seria, em absoluto, uma prova de imortalidade mas, outrossim, de uma existência por um tempo indefinido, depois ou além da morte.

Em apoio dessa hipótese psicológica, também se pode aduzir o seguinte fato experimental: em condições que, por todos os padrões de avaliação médica, são profundamente inconscientes, em resultado

de anemia cerebral ou choque, podem ocorrer os sonhos mais complicados, pressupondo um alto grau de atividade consciente, assim como a presença de uma consciência individual, apesar de, para o senso comum, ter deixado de ser possível qualquer atividade psíquica. Assim, se o indivíduo cai em coma profundo e está totalmente inconsciente do seu coma, é possível que um grande sonho tenha lugar nesse coma. Bem, quem é que está fazendo isso, e onde? É explicado que, em virtude da falta de sangue, o cérebro é incapaz de sustentar a consciência. Mas, então, como é que sustenta um sonho em que a consciência individual está presente? Dois fisiologistas alemães publicaram um trabalho muito interessante acerca de fenômenos de levitação subjetiva após a ocorrência de lesões cerebrais.[6] Tais casos têm sido observados com bastante freqüência, embora essas coisas sejam um tanto raras. Por exemplo, um soldado recebe um tiro na cabeça, em combate, e fica tombado como se estivesse morto. Mas, em sua consciência subjetiva, ergue-se no ar, na posição em que está jazendo. O fragor da batalha extingue-se completamente, ele vê todo o terreno, vê as outras pessoas, mas é tudo profundamente silencioso e quieto; depois, ouve o seu próprio nome, um camarada está chamando por ele, aproxima-se e é agora, realmente, um homem ferido. Mas, até esse ponto, ele encontra-se num estado de levitação, como se tivesse sido içado para fora deste mundo; mas, embora continue existindo e tenha certa percepção disso, agora nada o afeta. Por qualquer padrão humano, uma pessoa em tais condições está profundamente inconsciente. Mas, em sua inconsciência, ele passa por uma experiência subjetiva que é simplesmente psíquica e que pode ser colocada inteiramente no mesmo plano da consciência. São observações como essas que têm de ser consideradas aqui.

O conceito de imortalidade nada nos diz acerca da idéia afim de reencarnação ou metempsicose. Uma vez mais, temos que depender de sonhos que nos fornecem alguns indícios. Mas convém lembrar que um continente altamente civilizado como a Índia — altamente civilizado em sua cultura espiritual — está absolutamente convencido da transmigração das almas e de que a reencarnação é algo que dispensa demonstração. É considerada tão axiomática quanto a nossa suposição de que Deus criou o mundo ou de que existe alguma espécie de *spiritus rector* — isso seria uma comparação adequada. Os indianos educados sabem que não pensamos como eles, mas isso em nada os incomoda; acham simplesmente estúpido que não pensemos desse modo. Quando estive na Índia, um médico deu-me um dossiê

6. Hubert Jantz e Kurt Beringer, "Das Syndrom des Schweberlebnisses unmittelbar nach Kopfverletzungen", *Der Nervenarzt* (Berlim), XVII, pp. 197-206. Cf. "Synchronicity: An Acausal Connecting Principle", CW 8, §§ 949 e ss.

completo a respeito de uma criança de quatro anos, uma menina que se recordava de sua vida anterior. Tinha renascido alguns anos depois de sua morte e sabia qual era seu nome anterior, o nome de seu marido, quantos filhos tivera e onde vivera. Assim, quando tinha quatro anos — na Índia as crianças são muito precoces — seu pai foi com ela a essa cidade distante e consentiu que a menina lhe mostrasse a casa onde ela tinha sido a mãe, onde seus filhos ainda viviam, onde seu marido ainda estava, e reconheceu até a avó — uma família indiana tem sempre uma avó no topo — enfim, a garota conheceu todos e foi aceita como a esposa anterior. Eu jamais ouvi tal coisa na Europa. Certamente existem hoje muitas pessoas entre nós que acreditam na reencarnação. Talvez seja simplesmente um sinal de nosso [. . .] e barbarismo que não pensemos assim e que estamos apenas começando a considerar seriamente tais pensamentos. Mas na Índia, cuja civilização é muito mais antiga do que a nossa e onde existe também uma cultura interior muito maior, essas idéias foram implantadas muito cedo e os indianos nunca mais as abandonaram. Foram-lhes transmitidas desde a era primitiva, pois praticamente todos os primitivos acreditam existir uma continuidade dentro da tribo. Daí o curioso [costume] de certos esquimós, que colocam um dos piolhos do avô na cabeça do neto, para que a substância da alma do avô passe para ele.

Como vêem, o assunto é bastante complicado, mas espero que tenham entendido o que eu quis dizer. [Dois membros da assistência relataram então exemplos de transmigração de almas.] Casos individuais como esses certamente existem mas são muito incomuns. Também existe uma história interessante que se alega ter acontecido na Inglaterra. Uma casa começou sendo assombrada e toda a família estava terrivelmente assustada com o fantasma. Ora, existia uma senhora da sociedade que não tinha ligação alguma com essa casa mas há muitos anos desejava encontrar uma certa casa que afirmava ser propriedade sua. Buscou por toda a parte aquela que correspondesse à descrição que possuía. Foi quando, subitamente, se deparou com essa casa, a qual tinha sido posta em venda por ser assombrada. Quando aí chegou, a zeladora abriu a porta e fugiu espavorida, aos gritos; resultou que a visitante era o fantasma que vinha assombrando a casa há tanto tempo, porque ela a tinha visto em sua imaginação. Assim, ela ficou com a sua casa ou assim a história reza. Mas. . . *si non e vero!*

Pergunta 5: *Posso ajudar o espírito de meu falecido pai, tentando viver de acordo com as exigências do inconsciente?*

Sim, na condição de que — deve sempre acrescentar-se — o espírito do pai morto [continue sendo uma idéia viva]. Qualifico essa

idéia de higiênica porque, quando penso desse modo, tudo está certo em minha vida psíquica, e quando não penso desse modo, tudo sai errado, então em algum lugar as coisas não se ajustam, pelo menos no sentido biológico. É como se eu comesse algo que, racionalmente considerado, é inofensivo mas que não me cai bem; causa-me uma cólica de estômago. Mas se como algo que, racionalmente considerado, não é bom mas me agrada e me cai bem, então por que não comê-lo? É até aconselhável que eu o faça. Por exemplo, para muita gente não há mal nenhum em beber um copo de vinho tinto, enquanto que, para outros, é veneno puro e pode ter conseqüências nefastas; mas isso não significa que, pelo fato de ter, algumas vezes, conseqüências desagradáveis, se deixe de beber vinho. Racionalmente, pode-se argumentar que o prazer do vinho é nocivo mas isso não é verdade em geral, só em alguns casos. Assim, é muito melhor fazermos o que combina conosco do que o que não combina. Condiz com os seres humanos ter idéias sobre coisas que eles não podem saber. E se têm essas idéias que lhes satisfazem, estão psicologicamente em melhores condições. Sentem-se melhor, dormem melhor, têm mais apetite, e esse é o único critério de que dispomos. Tem um significado tremendo para as pessoas, elas poderem supor que suas vidas possuem uma continuidade indefinida; elas vivem mais judiciosamente, não precisam viver afobadas, como se o mundo fosse acabar amanhã. Têm séculos pela frente, então para quê essa pressa absurda? Mas, é claro, queremos sempre saber se isso é realmente assim — como se alguém soubesse se é realmente assim ou não! Nada sabemos, Vejam os físicos, eles são os que estão mais próximos da realidade e, no entanto, falam de modelos, de campos de probabilidade. É isso mesmo; nós, simplesmente, não sabemos.

Aparte da Assistência: *Mas o fato de que tal necessidade existe...*

Temos muitas necessidades!

*Sim, mas esta parece indicar que existe alguma coisa na psique que prova ser essa idéia..*

Sim, mas vá perguntar isso a um racionalista. Ele dirá: Muito bem! E se você sentir necessidade de uma renda maior, o que me diz? — Essa necessidade também existe, ou de ter um belo automóvel, mas isso não prova que você o consiga. Temos inúmeras necessidades. A existência de uma necessidade apenas prova que ela deve ser satisfeita, e daí se deduz que nos cumpre ter apenas aquelas idéias que correspondem a essa necessidade.

*Mas para que essa necessidade se manifeste, deve existir algo nela, como o empenho da psique em atingir uma determinada meta.*

Sim, mas isso tampouco prova nada. É como você ter um paciente que diz, "Eu simplesmente preciso ter um belo carro, senão..." Então você diz-lhe: "Muito bem, trabalhe, faça por ter um!" Essa é a sua realidade, mas nada prova. Do mesmo modo, quando alguém diz, "Eu quero ser imortal", isso não faz com que ele seja imortal. Ele tem essa necessidade, mas você pode encontrar inúmeras pessoas que não admitem nem reconhecem semelhante necessidade. E quando você pensa nisso, como deve ser assustador ter que ficar sentado numa nuvem, durante dez mil anos, tocando harpa!

Ora bem, a idéia do espírito do pai morto é uma idéia transcendente mas serve um propósito que eu consideraria "razoável". É razoável pensar desse modo. Assim, supondo que esse espírito tem uma existência subjetiva, uma consciência própria, então existirá também uma relação ética com o que ele é, ou com o que ele quer, ou com o que ele necessita. E se eu vivo de um modo que ajuda esse espírito, isso constitui uma realização moral da qual posso esperar que resulte satisfação. Mas a questão que me foi apresentada é: Se eu vivo de acordo com as exigências do inconsciente. Isso é demasiado geral. Em tal caso eu diria: O que corresponde à necessidade urgente do pai deve ser compensado, não simplesmente o inconsciente — isso é ir longe demais. Por exemplo, algo que o pai deixou inacabado.[7] Ou o pai aparece à filha e diz-lhe num sonho ou na realidade que enterrou um tesouro em um certo lugar, um tesouro que não lhe pertencia mas que foi roubado, e que ela deverá devolvê-lo ao seu legítimo proprietário. Tais situações ocorrem na realidade. Ou o pai diz-lhe que tinha uma filosofia que realmente o fez infeliz e implora à filha que pense de um modo diferente. Somente essas relações específicas são realmente satisfatórias. Devem ajustar-se ao caráter real do pai, então poder-se-á esperar a reação correspondente, na medida em que essas idéias transcendentes possam ser de alguma utilidade. Isto pode ser uma indagação bastante implacável, mas o verdadeiro critério é este: Essas idéias servem a algum propósito? Têm alguma vantagem? Pois se elas nada realizam, então por que é que devo ter essas idéias? Mas se sinto que constituem uma vantagem positiva, então por que não hei de tê-las? Elas não podem decidir a questão de um modo ou de outro, nem estamos tampouco numa posição para compreender a realidade e estabelecer o que ela é; existem apenas campos de probabilidade. Existem fenômenos previsíveis comuns e outros tantos que são imprevisíveis; se assim não fosse, a estatística não existiria!

7. Cf. *Memories, Dreams, Reflections*, p. 214/204.

Pergunta 6: *Podemos supor que existe uma conexão entre predestinação dual e sincronicidade e que, do ponto de vista da experiência, são a mesma coisa? O mesmo que ser em Tao — a realidade simultânea de espírito e matéria, simultaneamente experimentada com igual intensidade mas sempre vibrando como a agulha de uma bússola?*

O que é que entende por predestinação dual?

Resposta da Assistência: *Karl Barth repensou a teoria da predestinação de Calvino de acordo com novas premissas, e afirma que não se trata, como disse Calvino, de as pessoas serem rejeitadas ou aceitas desde o começo mas de cada pessoa ser aceita num dado momento e rejeitada num outro.*

A teoria da predestinação nada tem a ver, é claro, com a sincronicidade. A sincronicidade é um conceito científico e a teoria da predestinação é um dogma. A sincronicidade é uma descrição de fatos, ao passo que a teoria da predestinação está eivada de contradições. Se a predestinação é verdadeira, então tudo se desenrola como *deve*: alguns foram escolhidos para ir para o céu, outros estão predestinados a assar no inferno e a cair nas profundezas da cozinha do diabo. Se você satisfaz os requisitos, é um eleito — ou então o bom Deus invalida o seu próprio decreto puxando para o céu alguém que estava predestinado ao inferno, ou despeja alguém do céu e enfia-o no buraco das penas eternas. Se você examinar essas coisas logicamente, é apenas um jogo de palavras que nada tem a ver com a realidade. Predestinação dual, vejam só! Então eu estou predestinado para o inferno *e* predestinado para o céu, e depois, por artes de prestidigitação, dou comigo aqui ou ali. Isso não é um argumento viável, é apenas um truque de malabarista; você pensa que a cartola está vazia mas há um coelho branco sentado nela, pode crer!

Membro da assistência: *Eu esperava ser esse um ponto em que a psicologia de profundidade e a teologia poderiam finalmente encontrar-se.*

Ah, não, nesse ponto não estamos absolutamente de acordo. A sincronicidade diz que um certo evento psíquico tem um paralelo em algum evento externo, não-psíquico, e que não existe conexão causal entre eles. É um paralelismo de *significado*. Isso nada tem a ver com a acrobacia da predestinação. Os teólogos fazem as mais divertidas diabruras. Um professor de teologia censurou-me por afirmar, em contradição com a palavra divina, que um homem deve crescer e pôr de lado as coisas infantis. O homem, disse ele, deve continuar criança. Ora, é precisamente o ensinamento do Novo Testamento que um indivíduo não deve *permanecer* criança mas *tornar-se* criança. O meu ponto de vista, declarou ele, estava "em flagrante

contradição com a palavra do Mestre". Assim, enviei-lhe um postal citando as passagens bíblicas que dizem exatamente o oposto.[8] O mesmo ocorre com os católicos. Um padre jesuíta, um homem muito inteligente, veio dizer-me: "Realmente, não consigo entendê-lo. Tem que me explicar por que afirmou que Cristo e Maria não eram seres humanos." Eu respondi: "Mas é muito simples. De acordo com os ensinamentos da Igreja, você nasceu em pecado, eu também, e todos os homens, e foi assim que a morte chegou ao mundo. Somos corruptíveis e temos corpos corruptíveis, mas Cristo e Maria têm corpos incorruptíveis. Portanto, foram levados para o céu no corpo, como o profeta Elias, e não eram, por conseguinte, seres humanos. Todos os homens são mortais, todos os homens são corruptíveis, por causa do pecado original." Ele nunca tinha pensado nisso! Ficou tão perplexo que não pôde pronunciar uma palavra! Aí tem o teólogo... a linha geral do pensamento teológico é, com freqüência, simplesmente incompreensível. Ora, como pode um teólogo não ter percebido que Cristo e Maria, de acordo com o dogma, tem um corpo incorruptível? Isso é um atributo divino, só deuses ou demônios o têm, mas não os homens.

Pergunta 7: *Qual é a diferença psicológica entre a crença num Deus pessoal e o conceito de um princípio divino impessoal?*

Os homens, naturalmente, têm idéias a respeito de Deus e como o meu falecido amigo Albert Oeri [9] corretamente dizia, alguns imaginam um Deus bom, os conservadores imaginam-no como um venerando e barbudo funcionário da rede ferroviária, e ainda outros como algo um pouco mais vaporoso. E assim por diante... Temos toda a espécie de idéias a respeito de um deus-pai pessoal, com sua barba, e de um "princípio" universal que, realmente, é mais do que "vaporoso" — é muito mais abstrato. Trata-se simplesmente da diferença entre uma idéia infantil e uma idéia filosófica. Ou é a diferença entre ser alvo de uma atenção pessoal, o encontro pessoal, e a hipótese filosófica geral.

Se uma pessoa tem uma idéia, quer dizer, uma idéia racionalizada que foi discutida e tema de reflexão, é sempre um paradoxo. Como já foi sublinhado por Kant, somente enunciados antinômicos podem ser feitos a respeito de posições transcendentais. Ele exemplificou isso com: Deus é, Deus não é. Assim, todo o enunciado sobre Deus é também representado pelo seu oposto. Logo, Deus é

8. Por exemplo: Mateus, 18:3-5, Marcos, 10:15, Lucas, 18:17; também I Coríntios, 13:11.
9. Ver p. 23.

pessoal, ele é meu Pai, ele é um princípio universal. É possível uma infinidade de proposições, todas elas válidas na medida em que também enunciam o oposto. A antinomia das proposições é uma prova de sua honestidade. Mas, naturalmente, não se pode formar qualquer idéia a cujo respeito seja lícito assegurar seriamente que deve ser assim mesmo e não de outra maneira, pois é impossível conhecermos o seu objeto a menos que fôssemos o próprio Deus; e, na medida em que somos "Deus", estamos falando do nosso inconsciente, sendo nós mesmos inconscientes na medida em que somos "Deus". Assim é que todos os enunciados que formulamos acerca de Deus são enunciados acerca do inconsciente. Ele é local, é universal, é o Uno, é o Muitos ou o Todo, é pessoal e impessoal porque o inconsciente se nos apresenta em todas essas formas. Uma pessoa sente-se pessoalmente visada pelo inconsciente... ou não se sente.

Pergunta 8: *Falou alguma vez com pessoas que tenham visto OVNI's,e elas estavam preparadas para interpretar essa experiência em termos puramente psicológicos, não insistindo na realidade física dos OVNI's?*

Tenho realmente conhecimento de quatro casos de pessoas que viram OVNI's ou dizem que os viram. Elas não estavam preparadas, de maneira nenhuma, para interpretar psicologicamente os OVNI's. Elas são mais propensas a perguntar-me: "Você acha que isso é psicológico?" Porque, para elas, a coisa era sentida como inteiramente real.

Houve, por exemplo, o caso de um médico numa cidade americana que, junto com outras pessoas, observou um OVNI durante três quartos de hora na forma de uma pequena esfera ou disco prateado que subitamente desapareceu. Sabendo que esse homem era um fanático pela fotografia, supus que ele tivesse batido uma foto maravilhosa desse fenômeno. Mas, para minha grande surpresa, não tinha feito nenhuma foto, embora carregasse com ele sua máquina fotográfica, como sempre.[10]

Um outro homem estava dirigindo seu carro, com a esposa, na ponte Golden Gate, em São Francisco, quando ela viu a oeste cerca de vinte OVNI's voando em esquadrilha sobre o Pacífico. Chamou a atenção do marido e este também os viu. As esferas ou discos brilhavam como prata ao sol. Ambos me enviaram seus relatos como testemunhas oculares do fenômeno e, algum tempo depois, visitei pessoalmente o homem, que expressou sua estupefação

10. Cf. "Flying Saucers: A Modern Myth", CW 10, § 613.

ante o meu interesse por tais coisas! Mas isso é também uma contribuição para a psicologia. Diz-se que as pessoas que fazem menos estardalhaço a respeito dessas coisas são as que têm maiores probabilidades de ver um OVNI.

Uma antiga paciente, hoje uma analista que vive no sudoeste dos Estados Unidos, também observou um objeto prateado no céu por cerca de quatro minutos, após o que desapareceu a grande velocidade. Descreveu o objeto como parecido a uma "teia de aranha" pintada de alumínio, de modo que era possível enxergar a sua estrutura em forma de teia. Ela queria, evidentemente, transmitir a idéia de que o objeto era mais leve do que qualquer metal. Nem por um momento duvidou de que a coisa era real — era como se visse um ônibus de passagem — sem ligação alguma com qualquer espécie de psicologia; assim, não se pode deixar de ficar desconcertado com tais descrições e de pensar que essas pessoas devem ter visto algo real. Não me preocupei nada em averiguar se essas coisas podem ser reais e, se são, como é que são. Os OVNI's em sonhos devem ser tratados como qualquer outra imagem onírica, eles desempenham exatamente o mesmo papel.

Pergunta 10: *Pode a nossa preocupação com a psicologia e com os OVNI's ser atribuída a um declínio da crença em Deus, como se isso deixasse um vazio que o inconsciente tinha que preencher?*

Sim, nós sentimo-nos intranqüilos, descontentes e inseguros, e agora, sob as modernas condições políticas, também estamos naturalmente com medo. E é natural que se indague: O que é que se passa com a psicologia do homem? Não podemos tornar outrem responsável pelo que está acontencendo no mundo, exceto o homem. Aí está o grande perigo: Por que é que o homem é como é? No nosso mundo, os milagres já não acontecem mais, e sentimos que algo, simplesmente, deve acontecer que nos proporcione uma resposta ou mostre uma saída. Assim é que estão agora aparecendo esses OVNI's nos céus. Embora eles tenham sido sempre observados,[11] não significavam coisa alguma. Agora, de súbito, parece que eles pressagiam algo, porque esse algo foi projetado neles — uma esperança, uma expectativa. Que gênero de expectativa pode ser vislumbrada através da literatura sobre o assunto? Trata-se, é claro, da expectativa de um salvador. Mas esse é apenas um aspecto. Existe um outro aspecto, o mitológico. O OVNI pode ser uma nave da morte, o que significa que naves da morte estão vindo para apanhar os vivos ou transportar as almas. Ou essas almas

11. Ibid., §§ 757 e ss.

descem das naves para suprir outros tantos nascimentos, ou muitas pessoas vão morrer e serão carregadas por flotilhas dessas naves da morte.[12] Estas são importantes idéias arquetípicas, porque também podem ser predições. Se eclodisse uma guerra atômica, uma infinita multidão de almas seria arrebatada da terra. Como explicar os OVNI's em casos individuais, não posso dizer. Depende das circunstâncias, de um sonho, ou da pessoa envolvida. Existe, de fato, um vazio nos indivíduos, agora que começamos a descobrir que a nossa crença nas explicações metafísicas está cada vez mais debilitada. Na Idade Média, os OVNI's teriam sido tomados por manifestações divinas, mas devemos dizer com Goethe: "Apesar de toda a nossa sabedoria, Tegel ainda está assombrado." [13]

12. Ibid., §§ 697-99, 702-3.
13. Cf. "The Meaning of Psychology for Modern Man", CW 10, § 309. *Fausto,* Parte I (trad. P. Wayne, Penguin Books), p. 178.

# CONVERSAS COM MIGUEL SERRANO: 1959

Em 1947, o diplomata e escritor chileno Miguel Serrano leu pela primeira vez um livro de Jung, que incluíra, em sua bagagem, durante uma excursão à Antártida; e, nos dez anos seguintes, enquanto viveu na Índia, estudou simultaneamente Jung e ioga. Em 1957, escreveu a sua primeira carta a Jung (entrementes, fora nomeado embaixador do Chile na Índia) e, finalmente, a 28 de fevereiro de 1959, Jung convidou Serrano a visitá-lo no Hotel Esplanade, em Locarno, onde ele gostava de ir para descansar e mudar de cenário. Jung falou (em inglês) num recanto tranqüilo do saguão do hotel.

O relato de Serrano de seus encontros com Jung figura em seu livro *C. G. Jung and Hermann Hesse: A Record of Two Friendships*, traduzido do espanhol por Frank MacShane (Londres e Nova Iorque, 1966). Aqui, a conversa foi refundida em forma de diálogo e ligeiramente resumida.

Segundo entendi, o senhor acaba de chegar da Índia. Eu estive lá algum tempo atrás, tentando convencer os hindus de que é impossível livrarem-se da idéia do ego ou da consciência, mesmo no mais profundo estado de *samadhi*. Quando estive na universidade de Calcutta, em Bengala, discuti esse assunto com vários doutores e professores bramânicos, mas eles eram incapazes de entender. Tentei explicar-lhes que se Ramakrishna, por exemplo, tivesse sido capaz de libertar-se completamente da consciência, em seus momentos de profundo êxtase, então esses momentos teriam sido não-existentes. Ele jamais seria capaz de recordá-los ou de registrá-los, ou mesmo de considerá-los como tendo tido existência em algum momento.[1]

*(Enquanto ele falava, dei-me conta de que teria de manter-me muito consciente dos momentos que transcorriam entre nós, e tentei ser tão observador quanto possível. Notei que, além da energia que irradiava dele enquanto falava, havia também nele uma certa afabilidade que, por vezes, se misturava a um senso agudo de ironia, ou mesmo de sarcasmo. Entretanto, eu estava cônscio, acima de tudo, de um certo ar de ausência ou mistério que o envolvia, pois sabia que esse homem gentil era muito capaz de se transformar num ser cruel e destrutivo se, por acaso, certos extremos em seu íntimo se unissem. Seus olhos eram penetrantemente observadores; pareciam ver muito além dos*

1. Cf. "The Holy Men of India", CW 11.

*óculos e, talvez, para além do tempo. Eu tinha visto numerosas fotos de Jung mostrando-o em seus anos de juventude e na idade madura, mas nada ligava essas fotos à pessoa com quem eu estava agora sentado. Fiquei impressionado com essa transformação, pois Jung parecia agora um antigo alquimista. As mãos eram nodosas e no dedo anelar de sua mão esquerda havia uma pedra escura engastada em ouro e com uma inscrição em caracteres estranhos.*)

Como o inconsciente significa realmente o não-consciente, ninguém pode alcançar esse estado enquanto for vivo, e ser capaz de o recordar depois, como pretendem os hindus. Para poder recordar, a pessoa deve ter um espectador consciente que é o eu ou o ser consciente. Discuti tudo isso com o guru do marajá de Misore.

*Eu sempre pensei que o hindu tenta livrar-se do ego a fim de escapar da roda de* samsara; *a eternidade para ele seria como um estado contínuo de insônia e, portanto, ele quer fundir-se no conceito de Totalidade. Isso é o que o hindu moderno quer mas, como sabe, os Siddhas tentaram algo muito diferente. Ora, eu entendo que o senhor deseje estabelecer um diálogo entre o ego e aquilo que o transcende, e que deseje projetar a luz da consciência cada vez mais no inconsciente... e que, por conseguinte, fale acerca do inconsciente coletivo; e compreendo que, pela lei da polaridade, também deve existir um consciente coletivo ou mesmo uma superconsciência. O senhor acha que talvez seja esse o estado a que o hindu se refere e a que ele aspira quando se submete ao* samadhi *ou, ainda mais eficazmente, ao* kaivalya? *Talvez para se chegar a esse estado, para alcançar o superconsciente, a pessoa tenha que libertar-se da consciência racional cotidiana. Assim, a dificuldade entre o senhor e os hindus pode ser, meramente, o resultado de um mal-entendido, ou de não ter apreendido o que o hindu realmente pretende quando diz que deseja superar o ego.*

Pode muito bem ser isso, pois os hindus são notoriamente fracos em exposição racional. Eles pensam, a maior parte do tempo, mediante parábolas ou imagens. Não estão interessados em recorrer à razão. Isso, é claro, é uma condição básica do Oriente como um todo... Quanto à sua hipótese sobre o superconsciente, isso é um conceito metafísico e, por conseguinte, está fora dos meus interesses. Eu desejo avançar apoiado exclusivamente em fatos e experiências. Até agora, não encontrei um centro estável ou definido no inconsciente, e não acredito que esse centro exista. Acredito que a coisa a que chamo eu é um centro ideal, eqüidistante entre o ego e o inconsciente, e é provavelmente equivalente à máxima expressão natural da individualidade, num estado de total realização. Assim como a natu-

reza aspira a expressar-se, o homem também, e o eu é esse sonho de totalidade. Portanto, é um centro ideal, algo criado. Os hindus escreveram sabiamente sobre esse ponto. De acordo com os filósofos Sankhya, *purusha* é o eu, e o *atman* pode ser-lhe similar. Mas a definição adota sempre a forma de uma parábola. Conhece a história do discípulo que foi visitar o Mestre para lhe perguntar o que era *atman?* O Mestre respondeu: "É tudo". Mas o discípulo persistiu: "É o elefante do marajá?" "Sim," disse o Mestre, "tu és o *atman* e o elefante do marajá também é." Após o que o discípulo partiu, muito satisfeito. Em seu caminho de volta, encontrou o elefante do marajá mas não se afastou da estrada porque pensou que, se tanto ele como o elefante eram *atman,* então o elefante o reconheceria. Mesmo quando o cornaca lhe gritou para sair da frente, o discípulo recusou-se a obedecer e, assim, o elefante apanhou-o com a tromba e jogou-o para um lado. No dia seguinte, coberto de escoriações, o discípulo voltou a procurar o Mestre e disse: "Mestre, disseste que o elefante e eu somos ambos *atman* e vede o que ele me fez!" O Mestre permaneceu calmo e perguntou ao discípulo o que o cornaca lhe dissera. "Que eu saísse do caminho," respondeu o discípulo. "Deverias ter feito o que te foi pedido que fizesses," sentenciou o Mestre, "porque o cornaca também é *atman.*" Os hindus têm uma resposta para tudo. Eles sabem muito.

*Os hindus vivem inteiramente em símbolos. São penetrados e interpenetrados por eles, mas não os interpretam, nem gostam que outras pessoas os interpretem, porquanto isso seria como destruí-los. Penso ser por isso que a sua obra não é muito conhecida ou discutida na Índia, apesar de o senhor ter dedicado tanto tempo à cultura indiana e ao Oriente em geral. O senhor interpreta símbolos. Por outro lado, o senhor é muito conhecido e largamente lido em meu país.*

Eu sei, estou sempre recebendo cartas do Chile e de outros países da América do Sul, e isso me surpreende, uma vez que toda a minha obra foi dirigida a mim mesmo; a totalidade dos livros que escrevi nada mais é do que uma série de subprodutos de um processo íntimo de individuação, mesmo quando estão ligados por elos herméticos ao passado e, com toda a probabilidade, ao futuro. Mas como presumo que não são populares nem são dirigidos às massas, confesso que estou um tanto assustado com o súbito êxito que tenho aqui e lá. Receio que isso não seja bom, porque o verdadeiro trabalho é completado em silêncio e sensibiliza o espírito de alguns raros apenas. Existe um velho aforismo chinês que diz: Se um homem sentado sozinho em seu próprio quarto tem os pensamentos certos, ele será ouvido a milhares de quilômetros de distância.

Sim, a Índia é um país extraordinariamente interessante, e você deve viver essa experiência *certa,* e vivê-la intensamente até que a hora chegue. Eu também quis confrontar esse universo e, como produto do ocidente cristão, usá-lo para testar os meus próprios caminhos e dar vida àquelas zonas, dentro de mim, que correspondem às dos hindus mas que, no ocidente, em sua maior parte, permanecem adormecidas. Foi essa a razão porque fui à Índia em 1938.[2] Deixe-me dizer-lhe agora o que penso desse país, e você pode corrigir-me depois.

Até onde me é dado ver, um indiano, na medida em que permanece indiano, não *pensa* — pelo menos do mesmo modo que nós pensamos. É mais exato dizer que ele *percebe* um pensamento. Assim, o indiano aproxima-se dos modos primitivos de pensar. Não estou dizendo que o indiano é primitivo mas apenas que os processos de seu pensamento me recordam os métodos primitivos de produzir pensamentos. O raciocínio primitivo é, em essência, uma função inconsciente que só percebe resultados imediatos. Só podemos esperar encontrar esse tipo de raciocínio numa civilização que progrediu virtualmente sem interrupção desde os tempos primitivos. A nossa evolução natural na Europa Ocidental foi interrompida pela introdução de uma psicologia e espiritualidade que se desenvolvera a partir de uma civilização superior à nossa. Fomos interrompidos logo no começo, quando nossas crenças ainda eram barbaramente politeístas, e essas crenças foram recalcadas e assim permaneceram nos últimos dois mil anos. Isso, creio eu, explica a natureza divisiva da mente ocidental. Ainda num estado primitivo, fomos forçados a adotar as doutrinas comparativamente refinadas da graça e do amor cristãos. Produziu-se destarte uma dissociação no homem ocidental entre a parte consciente e a parte inconsciente de sua mentalidade. A mente consciente foi libertada, indubitavelmente, da irracionalidade e dos impulsos instintivos, mas a individualidade total perdeu-se. O homem ocidental tornou-se alguém dividido entre sua personalidade consciente e inconsciente. A personalidade consciente pôde sempre ser domesticada porque estava separada da primitiva; e, por conseqüência, nós, ocidentais, passamos a ser altamente disciplinados, organizados e racionais. Por outro lado, tendo permitido que a nossa personalidade inconsciente fosse suprimida, estamos excluídos de um entendimento ou apreciação da educação e civilização do homem primitivo. Não obstante, a nossa personalidade inconsciente ainda existe e manifesta-se ocasionalmente de um modo incontrolado. Assim, somos capazes de reincidir nos mais chocantes

2. A visita é descrita em *Memories, Dreams, Reflections,* cap. IX, iv.

barbarismos e quanto mais bem-sucedidos nos tornamos na ciência e tecnologia, mais diabólicos são os usos que damos às nossas invenções e descobertas.

Mas tornar o homem ciente de seu lado consciente não é o único método para civilizá-lo e, em qualquer caso, não é o método ideal. Uma abordagem muito mais satisfatória seria considerar o homem como um todo, em vez de considerar suas várias partes. O que é preciso é pôr termo à dissociação fatal que existe entre o ser superior e inferior do homem; devemos, pelo contrário, unir o homem consciente com o homem primitivo. Na Índia, podemos encontrar uma civilização que incorporou tudo o que é essencial ao primitivismo e, por conseqüência, vemos o homem considerado como um todo. A civilização e a psicologia da Índia estão bem representadas em seus templos, porque esses templos representam o universo. Sublinho particularmente este ponto para explicar o que entendo por *não pensamento*. O que quero dizer é, simplesmente, que, graças a Deus, ainda existe um homem que não aprendeu como pensar mas ainda percebe seus pensamentos como se fossem visões ou seres vivos, e que percebe seus deuses como se fossem pensamentos visíveis, baseados na realidade instintiva. Ele fez a paz com seus deuses, e estes vivem com ele. É verdade que a vida que ele leva está próxima da natureza. É uma vida repleta de esperança, de brutalidade, de miséria, doença e morte; não obstante, ela contém satisfações e uma beleza emocional que é insondável. Sem dúvida, a lógica dessa civilização é imperfeita e, assim, vemos fragmentos da ciência ocidental lado a lado com o que chamamos superstição. Mas se essas contradições são inacreditáveis para nós, para os indianos não são. Se essas contradições existem, elas são meramente as peculiaridades do pensamento autônomo e só são responsáveis ante si próprias. O indiano não é responsável por essas contradições, dado que o seu pensamento *vem até ele*. Este fenômeno é ilustrado pela falta de interesse do indiano pelos detalhes do universo. Ele só está interessado em ter uma visão da totalidade. Mas, infelizmente, ele não se apercebe de que o mundo vivo pode ser destruído numa luta entre dois conceitos.

*Sim, a Índia é isso mesmo. É uma grande civilização natural ou, melhor, uma civilização da natureza. Na verdade, poderia ser dito de todo o Oriente que, pelo menos até data recente, não tentou* dominar *a natureza mas respeitar suas leis e compreendê-las — dar-lhes um significado. Não obstante, é desprovido de um senso de* persona*; conhece apenas o arquétipo. Sei, é claro, que a idéia de personalidade não é necessariamente boa; talvez seja o oposto.*

Sim, a Índia é arquetípica. E foi por isso que não fiz planos para visitar *swamis* ou gurus quando fui à Índia; nem mesmo fui ver

Ramana Maharshi,[3] que tanto interessou a Somerset Maugham, porque achei não ser necessário fazer isso. Eu sabia o que era um *swami;* eu tinha uma idéia exata do seu arquétipo; e isso era o bastante para conhecê-los todos, especialmente num mundo onde a extrema diferenciação pessoal não existe como existe no Ocidente. Temos maior variedade, mas é apenas superficial.

*O senhor disse, Dr. Jung, que foi à Índia para se conhecer melhor a si mesmo. Eu fui para fazer algo semelhante, porque quero descobrir o que é que nós, sul-americanos, somos. Não somos asiáticos nem europeus. O senhor disse que o hindu não* pensa *os pensamentos dele, e interpreto essa afirmação no sentido de que ele não pensa com a mente, com o cérebro, mas que os pensamentos do hindu são produzidos em algum outro centro do seu ser. Considera isso possível? Sempre me pareceu que nós, sul-americanos, não* pensamos *a partir de um centro racional mas de algum outro e, por conseguinte, a nossa primeira tarefa consiste em descobrir o que é esse outro centro, para que possamos começar a entender o nosso próprio ser. Onde supõe que esteja localizado esse centro? Acha que devemos tomar a sério a hipótese dos* chakras [4] *— os centros psíquicos do ioga?*

A sua pergunta é muito interessante. Lembro-me de ter tido, certa vez, uma conversa com o chefe dos índios Pueblo, cujo nome era Ochwiay Biano, o que quer dizer Lago da Montanha. Ele deu-me suas impressões do homem branco e disse que nós estamos sempre agitados, sempre em busca de alguma coisa, e que, por conseguinte, os nossos rostos estão sulcados de rugas, o que ele considerava ser um sinal de intranqüilidade eterna. Ochwiay Biano também achava que os brancos eram loucos, porquanto sustentavam que pensavam com a cabeça, quando é bem sabido que só gente louca o faz. Essa

---

3. Jung, entretanto, organizou *Der Weg zum Selbst* (1944), uma coletânea dos escritos de Maharshi, traduzidos do inglês por Heinrich Zimmer. Tem uma introdução por Jung, reimpressa em CW 11 como "The Holy Men of India", na qual ele desenvolve as idéias do parágrafo acima.

W. Somerset Maugham (1874-1965), o escritor inglês, também esteve na Índia em 1938. Em *A Writer's Notebook* (1949), pp. 250-76, ele relata suas experiências enquanto ali esteve, incluindo (pp. 273 e ss.) uma breve descrição do encontro com um guru não identificado, evidentemente Ramana Maharshi, em Tiruvannamalai, perto de Madras. Em *Points of View* (1958), Maugham dedica um extenso ensaio, "The Saint", ao Maharshi, citando-o pelo nome, com uma descrição mais completa do encontro e muitos detalhes biográficos.

4. Para um detalhado estudo do sistema *chakra,* ver Arthur Avalon, *The Serpent Power* (Madras e Londres, 1931). Também Jung, "The Realities of Practical Psychotherapy", CW 16, 2.ª ed., apêndice, §§ 560-62, e Joseph Campbell, *The Mytic Image* (1975), pp. 330-80.

afirmação do chefe dos Pueblo surpreendeu-me tanto que lhe perguntei como é que *ele* pensava. Respondeu que pensava com o coração, naturalmente.[5] E era isso que os gregos antigos também pensavam.

*Isso é extraordinário. Os japoneses, como sabe, consideram que o centro da pessoa está no plexo solar. Mas o senhor acredita que os brancos pensam com a cabeça?*

Não, eles pensam apenas com a língua. Pensam somente com palavras, com palavras que hoje substituíram o Logos.

*Mas, quanto aos* chakras, *Dr. Jung, o que pensa a respeito deles? Algumas pessoas afirmam que eles correspondem aos plexos da ciência ocidental. No mínimo, parecem estar localizados nos mesmos lugares dos plexos. É claro, os ioguis tântricos afirmam que os* chakras *e os* nadis *são centros psíquicos, não fisiológicos ou físicos, e que estão localizados ao longo de uma "coluna vertebral" que também é psíquica. Assim, os* chakras *só existem potencialmente; é um ato de vontade que lhes dá origem, usualmente através da prática de ioga. Talvez sejam algo como o eu, que o senhor mencionou momentos atrás — algo que deve ser criado. Seja como for, muitas questões ficam por responder a respeito da antiga ciência oriental, e muitas das técnicas parecem agora perdidas, talvez em algum gigantesco cataclismo que derrubou a civilização deles.*

Os *chakras* são centros de consciência, e Kundalini, a Serpente Feroz, que se encontra na base da espinha, é uma corrente emocional que corre ao longo da coluna, unindo o que está embaixo ao que está em cima e vice-versa. [Pausa.] Estou agora muito velho e perdendo a memória... Começando por baixo, na base da coluna vertebral está o *muladhara chakra*;[6] depois, no plexo solar, temos o *manipura*; depois dele vem o *anahata*, que se situa no coração, o *vishudda*, que está na garganta, o *ajna*, que se encontra num ponto entre as sobrancelhas e, finalmente, temos *Brahma-chakra*, que o *chakra* coronária.[7] Essas localizações só são úteis para lhe dar uma idéia do que eu quero dizer. Os *chakras* são centros de consciência. Os inferiores representam a consciência animal e existem até outros abaixo do *muladhara*.

*Suponho que, se fôssemos capazes de ativar todos esses centros, alcançaríamos então a totalidade. Entretanto, isso provavelmente seria o fim da história, que parece ser como um movimento pendular*

5. Cf. *Memories, Dreams, Reflections*, cap. IX, ii.
6. Este *chakra* é seguido pelo *svadhisthana*, localizado perto da bexiga.
7. Também chamada *sahasrara*, localizada no alto do crânio.

*de um* chakra *para um outro. Quer dizer, cada civilização parece expressar um determinado* chakra, *e diferentes tipos de consciência existem em várias partes do mundo e em várias épocas. Poderá definir o seu conceito de eu e o que acredita ser o centro real da personalidade?*

O eu é um círculo cujo centro está em toda a parte e cuja circunferência não está em parte alguma.[8] E você sabe o que é o eu para o homem ocidental? É o Cristo, pois Cristo é o arquétipo do herói, representando a aspiração suprema do homem. Tudo isto é muito misterioso e, por vezes, assustador.

*

Serrano viajou de Locarno a Montagnola, perto de Lugano, onde visitou Hermann Hesse. Subseqüentemente, a 5 de mai ode 1959, Serrano estava em Zurique e telefonou à secretária de Jung, Aniela Jaffé, solicitando um encontro. Jung convidou-o a ir a sua casa nessa mesma tarde, às 4 horas.

Em seu encontro anterior, Serrano dera a Jung uma cópia datilografada da tradução inglesa de uma história, "A Visita da Rainha de Sheba", que mais tarde seria publicada em livro (ver adiante, p. 402).

A sua história sobre a rainha de Sheba parece mais um poema do que um conto convencional. O caso do rei e da rainha de Sheba parece conter tudo; tem uma qualidade verdadeiramente numênica. Mas se alguma vez encontrar a rainha de Sheba em carne e osso, cuidado, não case com ela. A rainha de Sheba é apenas para uma espécie mágica de amor, nunca para o matrimônio. Se casasse com ela, ambos se destruiriam e a sua alma se desintegraria.

*Eu sei.*

Em minha longa experiência psiquiátrica, nunca me deparei com um casamento que fosse inteiramente auto-suficiente. Houve uma vez em que pensei ter encontrado, porque um professor alemão me garantiu que o dele era. Acreditei nele até o dia em que, quando estava de visita a Berlim, descobri que sua esposa mantinha um apartamento secreto. Parece ser essa a regra. Além disso, um casamento que se dedique inteiramente à compreensão mútua é ruim para o desenvolvimento da personalidade individual; é um rebaixamento ao menor denominador comum, o que é algo semelhante à estupidez coletiva das massas. Inevitavelmente, um ou outro começará penetrando os mistérios. Veja, é assim.

8. Ver p. 199, nota 7.

*(Jung apanhou então uma caixa de fósforos e abriu-a. Separou as duas metades e colocou-as numa mesa, de modo que a uma certa distância, pareciam a mesma. Depois juntou-as, até que a gaveta da caixa entrou na cobertura.)*

A coisa é assim. As duas metades parecem iguais mas, de fato, não são. Nem deviam ser, porquanto uma deve ser sempre capaz de incluir a outra ou, se prefere, estar sempre do lado de fora da outra. Idealmente, o homem deve conter a mulher e permanecer fora dela. Mas é uma questão de grau e o homossexual é 55% feminino. Basicamente falando, porém, o homem é polígamo. Os povos do império muçulmano sabiam isso muito bem. Não obstante, esposar várias mulheres ao mesmo tempo é uma solução primitiva e hoje seria bastante dispendiosa.

Penso que os franceses encontraram a solução no Número Três. Esse número ocorre freqüentemente em casamentos mágicos, como o seu encontro com a rainha de Sheba. É algo muito diferente das interpretações sexuais de Freud ou das idéias de D. H. Lawrence. Freud estava errado, por exemplo, em sua interpretação do incesto, o qual, no Egito, era primordialmente religioso e estava relacionado com o processo de individuação. Na realidade, o Rei era o indivíduo e o povo era meramente uma massa amorfa. Assim, o Rei tinha que casar com sua mãe ou sua irmã a fim de preservar a individualidade no país. Lawrence exagerou a importância do sexo porque era excessivamente influenciado pela mãe; ele supervalorizou a mulher porque era ainda uma criança e era incapaz de integrar-se no mundo. Pessoas como ele sofrem com freqüência de enfermidades respiratórias que são primariamente adolescentes. Um outro caso curioso é o de Saint-Exupéry: [9] sua esposa forneceu-me muitos detalhes importantes a respeito dele. Voar é realmente um ato de evasão, uma tentativa de escapar da terra. Mas a terra deve ser aceita e admitida, talvez até sublimada. Isso é freqüentemente ilustrado no mito e na religião. O dogma da Assunção de Maria é, de fato, uma aceitação da matéria; com efeito, é uma santificação da matéria.[10] Se você analisasse sonhos, compreenderia isto melhor. Mas também pode ver isso na alquimia. É uma pena que não tenhamos textos alquimistas escritos por mulheres, pois nesse caso saberíamos algo de essencial acerca das visões de mulheres, que são indubitavelmente diferentes das dos homens.

---

9. Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), aviador francês, autor de *Vôo Noturno*, *O Pequeno Príncipe* e *Vento, Areia e Estrelas*.

10. Cf. "A Psychological Approach to the Dogma of the Trinity", CW 11, §§ 251-52, e "Answer to Job", ibid., § 743, nota 4, e §§ 748 e ss.

*Acha aconselhável analisarmos os nossos próprios sonhos e prestar-lhes atenção? Falei com Krishnamurti, na Índia, e ele disse-me que os sonhos não têm real importância, e que a única coisa importante é* olhar, *estar consciente e ter uma total percepção do momento. Disse-me que nunca sonha. E afirmou que, como olha com a mente consciente e inconsciente, nada sobra para sonhos e, quando dorme, ganha um completo repouso.*

Sim, isso é possível por um certo tempo. Alguns cientistas disseram-me que, quando estão concentrando toda a atenção num determinado problema, deixaram de sonhar. E depois, por alguma razão inexplicada, começaram sonhando de novo. Mas, voltando à sua pergunta sobre a importância de analisar os seus próprios sonhos, parece-me que a única coisa importante é seguir a natureza. Um tigre deve ser um bom tigre; uma árvore, uma boa árvore. Assim, o homem deve ser homem. Mas para saber o que o homem é, deve-se seguir a natureza e caminhar sozinho, admitindo a importância do inesperado. Entretanto, nada é possível sem amor, nem mesmo os processos de alquimia, pois o amor coloca-nos num estado de ânimo para arriscar tudo e não reter elementos importantes.

*(Jung levantou-se e apanhou um volume na estante. Era o seu* Archetypes and the Collective Unconscious *[CW 9 i], e abriu-o num ensaio intitulado "A Study in the Process of Individuation". Mostrou-me as extraordinárias estampas que aí são reproduzidas, algumas de* tankas *tibetanos.)*

Essas foram feitas por uma mulher com quem planejamos um processo de individuação para quase dez anos. Ela era americana e tinha uma mãe escandinava.

*(Apontou uma estampa [n.º 14] em cores brilhantes. No centro havia uma flor, semelhante a um trevo de quatro folhas, e acima dela estavam desenhados um rei e uma rainha que participavam num casamento místico, segurando fogo em suas mãos. Havia torres ao fundo.)*

O processo do casamento místico envolve diversos estágios e está sujeito a inúmeros riscos, como a *Opus Alquimia.* Pois essa união é, na realidade, um processo de individuação mútua, o qual ocorre, em casos como esse, no médico e no paciente.

*(Enquanto falava desse amor mágico e do casamento alquímico, eu pensava em Salomão e a rainha de Sheba, Cristo e a sua Igreja, e em Shiva e Parvati no cume do Monte Kailas — tudo símbolos do homem e sua alma, e da criação do Andrógino. Jung prosseguiu como se estivesse falando para si mesmo.)*

Era uma vez, havia algures uma Flor, uma Pedra, um Cristal, uma Rainha, um Rei, um Palácio, um Amante e sua Amada, e isso

foi há muito tempo, numa Ilha em algum ponto do oceano, há cinco mil anos... Tal é o Amor, a Flor Mística da Alma. Esse é o centro, o eu...

*(Jung falava como se estivesse em transe.)*

Ninguém entende o que eu quero dizer. Só um poeta poderia começar a entender...

*O senhor é um poeta. E essa mulher ainda vive?*

Ela morreu há oito anos... Eu estou muito velho...

*(Percebi que a entrevista devia terminar aqui. Mostrei a Jung alguns desenhos de Hesse e transmiti-lhe as saudações do Lobo da Estepe.)*

Conheci Hesse através de um amigo comum, que estava interessado em mitos e símbolos. Seu amigo trabalhou comigo por algum tempo, mas foi incapaz de ir até ao fim. O caminho é muito difícil...[11]

11. O "amigo" era o próprio Hesse, a quem Jung sempre evitava identificar como um paciente. Para a análise de Hesse com Jung, ver Jung, *Letters*, org. de G. Adler, vol. I, pp. 573-76.

# UMA VISITA DE LINDBERGH

No verão de 1959, Charles A. Lindbergh (1902-1974) e sua esposa, Anne Morrow Lindbergh, estavam passando suas férias na Suíça. Foram ver os editores da Sra. Lindbergh, Kurt e Helen Wolff, que nessa época estavam residindo em Zurique. Kurt Wolff tinha persuadido Jung a trabalhar com Aniela Jaffé na composição de sua autobiografia, e os Wolffs viam Jung de tempos em tempos a fim de discutirem o trabalho em curso. A 2 de agosto, os Wolffs convidaram os Lindberghs a acompanhá-los numa visita a Jung em seu retiro de Bollingen. Numa carta de 11 de dezembro de 1968 para Helen Wolff, Lindbergh registrou suas recordações dessa visita.

Jung passara a interessar-se pelo fenômeno dos discos voadores, ou objetos voadores não-identificados, desde começos da década de 1950; tinha respondido a um questionário por escrito que lhe fora enviado em 1954 por Georg Gerster sobre o assunto,[1] e publicou seu próprio livro em 1958.[2] Numa declaração que Jung preparou para a United Press International em agosto de 1958, depois de ter sido divulgado pela imprensa que ele acreditava serem os OVNI's fisicamente reais, Jung afirma: "Essa notícia é inteiramente falsa... Não posso decidir-me sobre a questão da realidade ou irrealidade física dos OVNI's, porquanto não possuo suficientes provas a favor ou contra. Portanto, interesso-me única e exclusivamente pelo aspecto psicológico do fenômeno..."[3]

...Aguardava especialmente a possibilidade de ouvir Jung falar sobre "discos voadores", pois sabia que ele estava profundamente interessado neles.

Recordo Jung discorrendo sobre a profundidade do lago vizinho e relacionando essa profundidade com o subconsciente humano. Estávamos sentados num pequeno gabinete, você, Kurt, Jung, Anne e eu. Finalmente, a conversa encaminhou-se para os "discos voadores". Eu esperava uma fascinante discussão sobre os aspectos psicológicos dos numerosos e repetidos depoimentos sobre discos voadores. Para minha estupefação, Jung aceitava os discos voadores como fatuais. Por um lado, ele parecia não ter o mínimo interesse nos aspectos psicológicos. Por outro, não parecia interessado nas informações fatuais em torno da investigação a que eram submetidos todos os relatos de discos voadores.

---

1. Em *Weltwoche* (Zurique), 9 de julho de 1954. Ver "On Flying Saucers", CW 18, §§ 1431-44.
2. *Flying Saucers: A Modern Myth of Things Seen in the Skies* (orig., 1958; trad. R. F. C. Hull, 1959; CW 10).
3. CW 18, § 1445.

Quando disse a Jung que a Força Aérea dos Estados Unidos tinha investigado centenas de "aparições" de discos voadores, sem apurar a mais tênue prova que evidenciasse a origem sobrenatural desses fenômenos, ficou óbvio que ele não quis discutir mais o assunto. Perguntou-me como eu explicava as recentes notícias sobre discos voadores na Europa — especialmente uma série de aparições ao longo do que seria, aparentemente, uma linha reta de vôos de discos voadores. Referia-se ao livro de Donald Keyhoe sobre discos voadores.[4] Disse a Jung que, embora não tivesse visto Keyhoe em anos recentes, conhecera-o intimamente há muitos anos. (Keyhoe acompanhou-me, num outro avião, quando fiz um giro de três meses dos Estados Unidos no "Spirit of St. Louis", em 1927, sob os auspícios do *Daniel Guggenheim Fund for the Promotion of Aeronautics*. Ele e eu ocupamos usualmente a mesma suite nos hotéis onde parávamos.) [5]

* * *

Eu disse a Jung que, para corroborar as afirmações dele sobre a realidade dos discos voadores, Keyhoe, nos primeiros capítulos do seu livro, citou supostos relatórios segundo os quais os aviões "Comet" da British De Havilland, tinham-se desintegrado no ar ao serem atingidos por "objetos voadores não-identificados".[6] Contei que eu tinha estado em estreito contato, nessa época, com a British De Havilland e seus engenheiros, porque a Pan American Airways tinha sob encomenda e opção um certo número de Comets e eu era consultor da Pan American nesse campo. Disse-lhe que a desintegração fora causada por ruptura da fuselagem em virtude de fadiga de material e inadequado *design* básico, e que em minhas conferências com o pessoal da De Havilland e outros engenheiros interessados, jamais se fez a mais leve menção a "objetos voadores não-identificados".

Também mencionei a Jung a conferência de alto nível no Pentágono, citada por Keyhoe, ainda nos primeiros capítulos do seu livro, para substanciar suas afirmações sobre a realidade dos discos voadores. Keyhoe escreveu que essa conferência tinha sido convocada por causa do alarma causado pelos discos voadores e suas aparições,

4. Numa comunicação recente, o Major Donald E. Keyhoe diz que a referência aqui feita é a *Flying Saucers from Outer Space* (Nova Iorque, 1953; Londres, 1954) ou a *The Flying Saucer Conspiracy* (Nova Iorque, 1955; Londres, 1957).

5. Keyhoe escreveu também um livro sobre isso: *Flying with Lindbergh* (Nova Iorque, 1928).

6. Keyhoe diz que, em *Flying Saucers from Outer Space*, pp. 1-2, ele deu a notícia oficial de que apenas *um* Comet se desintegrara, após ter sido atingido por um "objeto voador não-identificado".

que fora altamente secreta, e que os oficiais presentes na conferência consideravam a situação tão alarmante e séria que as informações debatidas não deveriam chegar ao conhecimento público. Eu disse a Jung que estava nessa época trabalhando em estreita colaboração com a Força Aérea, como consultor, e que os oficiais do Pentágono não estavam absolutamente alarmados com as notícias de discos voadores mas atônitos com as histórias que liam nos jornais a respeito de tais objetos. A conferência foi convocada em resultado do pedido, "Alguém nos quer explicar que diabo de história é essa?". Não foi uma conferência secreta.

Até onde me foi possível ajuizar, Jung não revelou o menor interesse nesses fatos.

Descrevi então uma discussão a respeito das notícias sobre discos voadores que tive com o General Spaatz (um velho amigo e chefe do estado-maior da Força Aérea dos Estados Unidos). Rindo, eu contara a Spaatz como conseguira persuadir um dos meus filhos de que os relatos que ele tinha lido sobre discos voadores num artigo do *Reader's Digest* não eram verdadeiros. Spaatz, em seu jeito secamente jocoso, tinha respondido: "Escuta aqui, magrela, você não acha que se existisse algo de verdade a respeito desse negócio dos discos voadores, você e eu já saberíamos disso há muito tempo?"

A isto replicou Jung: Muitas coisas se passam neste mundo que você e o General Spaatz ignoram por completo.

Desse ponto em diante, achei preferível afastar-me do assunto dos discos voadores. Não posso acreditar que Jung estivesse tão desinteressado nos aspectos psicológicos ou nos fatos referentes a discos voadores quanto me quis dar a entender nesse encontro de Bollingen. Pergunto a mim mesmo se não haveria alguma razão, nesse dia, para que ele não quisesse falar sobre o assunto, embora não consiga atinar com uma explicação para a sua atitude. Eu estava fascinado com Jung. Sentia, intuitivamente, os elementos de misticismo e grandeza que o exornavam — embora pudessem surgir, por vezes, misturados a elementos de charlatanismo. Gostei da descrição admirativa de Jung por Anne: "Um velho feiticeiro". No mais alto sentido, ele pareceu-me isso mesmo, no ambiente enfeitiçado de Bollingen, à beira do lago. E, nesse momento, o "Velho Feiticeiro" simplesmente não abriu para mim seu espírito a respeito dos discos voadores.

Foi para nós uma grande experiência, essa visita com você e Kurt a Bollingen, pela qual Anne e eu estamos profundamente gratos e nunca esqueceremos. Jung é um homem extraordinário, certamente um dos grandes gênios do nosso tempo. Minha admiração e respeito por ele permanecem inalterados, e continuo encontrando

uma tremenda estimulação em suas obras; mas encaro suas declarações e conclusões com uma cautela ainda maior do que no passado.

Dou-me conta de que usei o termo "fato" de um modo impreciso, como se físico e psicológico pudessem ser completamente separados, como se o real e o intangível não tivessem qualquer relação essencial. Num certo sentido, todo o conceito forma sua própria realidade e, com esse sentido em mente, penso que uma discussão mais interessante poderia ter acontecido com Jung.

# NAS FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO

Esta entrevista, realizada pelo escritor franco-suíço Georges Duplain, foi publicada originalmente na *Gazette de Lausanne*, em 4-8 de setembro de 1959, como conclusão de uma série de artigos de Duplain, "Aux frontières de la connaissance", em que foi discutido o livro de Jung, *Flying Saucers: A Modern Myth of Things Seen in the Sky* [Discos Voadores: Um Moderno Mito de Coisas Vistas no Céu] (orig. 1958). Os artigos e a entrevista foram reeditados nesse mesmo ano pela *Gazette* como um folheto, com um prefácio de Jung que também se reproduz aqui. A entrevista, com interpolações de Duplain citando escritos de Jung, foi publicada em *Spring*, 1960, numa tradução de Jane A. Pratt, tradução essa que, por cortesia da autora, é aqui reproduzida mas sem as interpolações. Algumas passagens omitidas foram reconstituídas.

## PREFÁCIO

Estou particularmente grato a Georges Duplain por ter publicado uma série de artigos na *Gazette de Lausanne*, os quais são verdadeiramente notáveis por sua penetração e lucidez. É comum os meus livros serem tratados um tanto superficialmente pela imprensa, sendo feitas muito poucas tentativas para atingir o seu significado mais profundo. Isso vale tanto para os jornais diários como para as revistas científicas. Georges Duplain foi muito além desse tipo de jornalismo. Ele está interessado na própria essência do tema discutido e em sua importância para os nossos dias. Aprecio imensamente a sua atitude, assim como da *Gazette de Lausanne*, que sempre cuidou de que os meus escritos fossem imparcialmente apreciados.

O principal tema examinado nessa série de artigos é deveras estranho. Diz respeito às bizarras e duvidosas aparições de objetos que parecem movimentar-se em nossa atmosfera. Conjetura-se que eles possam vir de outros planetas. É extremamente difícil obter provas idôneas sobre sua existência objetiva; mas existem, não obstante, razões mais do que ordinárias para os examinarmos mais atentamente.

Quer essas aparições tenham uma realidade física ou não, elas são, em todo o caso, realidades psíquicas, que mais não seja pelo

fato de terem originado copiosas discussões e toda uma literatura. Mesmo que nada exista de fisicamente tangível a respeito desses fenômenos, os rumores sobre a existência de tais objetos são um fato incontestável. Se esses rumores correspondem ou não a uma realidade física faz pouca diferença para um psicólogo. Para este, a coisa interessante consiste em saber por que a mente humana cria tais produtos, porquanto isso projeta luz sobre a atividade do nosso inconsciente. O boato é, em si mesmo, uma fonte extremamente valiosa de informação, pois descobrimos nele novos aspectos da atividade psíquica inconsciente. Experiências desse gênero são especialmente importantes, porque algumas pessoas ainda negam a existência da parte inconsciente da psique e mesmo aquelas que admitem a sua existência vêem-se mergulhadas na maior perplexidade sobre o modo como o inconsciente deve ser entendido. A propagação universal desse boato fornece-nos, pois, uma oportunidade sumamente valiosa para penetrar mais profundamente na natureza ainda tão controvertida dos fenômenos psíquicos.

Ao entregar-se à tarefa de escrever uma reportagem tão ponderada e tão rica em idéias, Georges Duplain prestou um serviço não só ao público interessado mas também ao nosso conhecimento psicológico em geral.

C. G. JUNG

## A ENTREVISTA

*Estou espantado que o senhor se mostre disposto a ver um jornalista, quando tantos de seus próprios adeptos médicos não podem nem sequer aproximar-se do senhor!*

Eu também estou espantado por vê-lo aqui; que um jornalista queira ver-me — desde que surgiu esse caso dos discos voadores, eles vêm tentando fazer-me passar por um sujeito senil! Mas devo dizer que os franco-suíços se portam relativamente bem. Encontrei uma surpreendente compreensão de vossa parte.

Quanto ao problema dos discos voadores, não tenho muita coisa a acrescentar. Recebi uma quantidade enorme de novos documentos desde que meu livro foi publicado;[1] eles não tornam a questão mais clara mas, por outro lado, mostram como ela é cada vez mais importante. Oh, esse fenômeno envolve uma quantidade imensa de coisas.

1. "Flying Saucers: A Modern Myth", CW 10.

*O senhor fala de uma mudança de era, de um novo mês platônico, de passagem para um outro signo do zodíaco.*[2] *O que quer dizer com isso, que realidade essas constelações possuem?*

As pessoas não gostam que você fale sobre essas coisas, você ver-se-á alvo de zombaria. Ninguém leu Platão... você tampouco leu. Contudo, ele foi um dos que mais se aproximaram da verdade. A influência das constelações, do zodíaco, existe; não se pode explicar porquê, é algo que se prova mediante um milhar de signos. Mas os homens sempre vão de um extremo a outro: ou não acreditam ou são crédulos, qualquer conhecimento ou fé pode ser ridicularizado com base no que os espíritos mesquinhos fizeram dele. Isso é uma estupidez e, sobretudo, é perigoso. Os grandes períodos astrológicos existem. Touro e Gêmeos foram períodos pré-históricos, não sabemos muita coisa sobre eles. Mas Áries, o Carneiro, é mais recente; Alexandre, o Grande, foi uma de suas manifestações.[3] Isso foi desde 2.000 A.C. até ao início da era cristã. Com a era cristã entramos no signo de Peixes. Não fui eu quem inventou todos os símbolos ictiicos existentes no cristianismo: o pescador de homens, os *pisciculi christianorum*.[4] O cristianismo marcou-nos profundamente porque encarna tão bem os símbolos da era. Erra na medida em que acredita ser a única verdade; quando, na realidade, é uma das grandes expressões de verdade no nosso tempo. Negá-lo é querer tapar o sol com uma peneira. O que vem a seguir? Aquário, o Aguadeiro, a queda de água de um lado para outro. E o pequeno peixe [5] recebendo a água do cântaro do Aguadeiro, cuja estrela principal é Fomalhaut, que significa "boca de peixe". Em nossa era, o peixe é o conteúdo; com o Aguadeiro, ele converte-se no recipiente. É um símbolo muito estranho. Não me atrevo a interpretá-lo. Até onde me é possível conjeturar, trata-se da imagem da aproximação de um grande homem. Aliás, encontramos muitas coisas a esse respeito na própria Bíblia: existem mais coisas na Bíblia do que os teólogos podem admitir.

É uma questão de experiência que o simbolismo muda de um signo para um outro, e há o risco de que essa passagem venha a ser ainda mais difícil para os homens de hoje e amanhã, porque já não acreditam nisso, já não querem ter consciência disso. Ora, quando o Papa Pio XII, em um de seus últimos discursos, deplorou que o mundo já não tivesse suficiente consciência da presença de anjos, ele estava dizendo aos fiéis católicos, em termos cristãos, exatamente

2. Ibid., § 589.
3. O nome arábico para Alexandre era Dhulqarnein, "bicorne". Cf. *Symbols of Transformation*, CW 5, § 283, nota 32, também Prancha XXa.
4. Cf. *Aion*, CW 9 ii, § 148.

o que eu estou tentando dizer em termos de psicologia aos que têm maiores possibilidades de entender esta linguagem do que qualquer outra.

*Mas que recomendações pode fazer para a passagem que está prestes a ocorrer, e cujas dificuldades o senhor teme?*

Um espírito de maior abertura em relação ao inconsciente, uma atenção maior aos sonhos, um sentido mais agudo da totalidade do físico e do psíquico, de sua indissolubilidade; um gosto mais ativo pelo autoconhecimento. Uma higiene mental melhor estabelecida, se quiser ver as coisas por esse prisma. As religiões tentaram ser isso, mas o resultado não é inteiramente satisfatório, não concorda? O que é muito importante é existir, e isso é mais raro do que se pensa. Ter uma tarefa diária e cumpri-la; e, ao mesmo tempo, prestar atenção ao que está ocorrendo, dentro e fora do eu, com plena consciência de todas as formas de vida, de todas as suas expressões. Obedecer às principais regras mas dar também rédea livre aos aspectos menos familiares do eu. Desenhar, e as fantasias e visões que isso ocasionava, era uma coisa muito valiosa. Agora, batemos fotografias, e isso não preenche, em absoluto, a mesma necessidade. Em contrapartida, os pintores não reconhecem limites para a mais arrebatada fantasia. Estão se tornando especialistas em certas necessidades de expressão; mas todos nós temos essas necessidades, não podemos dividir o trabalho interior da personalidade do modo que pensamos poder dividir a sua atividade exterior. Isso desintegra algo que lhe é essencial e causa uma estarrecedora doença psíquica. Ao escrever sobre discos voadores, expliquei por que os homens estão sempre tão atentos a qualquer coisa que se assemelhe a um círculo ou uma esfera, os símbolos da unidade, da totalidade do ser de uma pessoa, daquilo a que chamei o eu. Existe uma terrível fome espiritual em nosso mundo, mas também há gente que não quer ser alimentada no bico ou alimentada com mingau de bebê.

*Permite-me que lhe peça para repetir os pontos principais do seu sistema que poderão ajudar o homem a descobrir sua totalidade e aliviar sua fome espiritual, quando ele deixa de aderir às palavras do cristianismo?*

Em primeiro lugar, eu não tenho sistema, nem doutrina, nada desse gênero. Sou um empirista, sem qualquer concepção metafísica. Só tenho hipóteses. A partir delas, obtive alguns princípios básicos. Existe o eu, que é a totalidade do ser do indivíduo, conhecido e

5. Piscis Austrinus, o Peixe Austral. Cf. ibid., § 173, nota 30, e § 174. Cf. também *Memories, Dreams, Reflections*, p. 339/313 e nota.

desconhecido, consciente e inconsciente, opondo-se à distinção entre físico e psíquico. Depois, temos os arquétipos, essas imagens do instinto. Pois o instinto não é apenas um impulso de dentro para fora, ele também participa da representação de formas. O animal, por exemplo, tem uma certa idéia da planta, uma vez que a reconhece.[6] Os nossos instintos não se expressam somente em nossas ações e reações, mas também no modo como formulamos o que imaginamos. O instinto não é apenas biológico, também é, poderíamos dizer, espiritual. E repete sempre certas formas que podem ser estudadas através dos tempos entre todos os povos. Esses são os arquétipos.

A travessia de um rio, bem, essa é uma situação arquetípica. É um momento importante, um risco. Há perigo na água, nas margens. Não foi gratuitamente que o cristianismo inventou o grande São Cristóvão, o gigante que transportou o menino Jesus de um lado para o outro de um rio. Hoje, os homens não têm com muita freqüência essa experiência, nem outras do mesmo gênero. Recordo-me de travessias de rios com crocodilos na África, e com tribos desconhecidas do outro lado; nessas situações, a pessoa sente que o seu destino — quase o destino humano — está em jogo. Cada homem tem o seu próprio método de abordar uma travessia. E pense na morte do rei Albrecht, perto de Wettingen: os cavaleiros hesitavam, não muito decididos, nada fazendo crer que eles tivessem atacado o rei em qualquer outro ponto. Mas surpreenderam-no em pleno vau, no lugar onde o destino desfere o golpe — e não perderam a oportunidade.[7]

Há também o inconsciente coletivo, esse imenso tesouro, esse grande reservatório, donde a humanidade extrai as imagens, as forças, que traduz em linguagens muito diferentes mas cuja fonte comum está sendo descoberta mais claramente o tempo todo. Assim, muitas coincidências daí promanam.

*A sua explicação do homem e do mundo é compreensível para as pessoas simples ou reservada para a elite intelectual?*

Existem duas coisas distintas: o uso da psicoterapia é reservado aos especialistas médicos — nem todos podem andar por aí mexendo com isso — mas aquilo a que você chama a "explicação" alcança muito mais gente do que eu próprio julguei ser possível.

Recordo sempre uma carta que recebi certa manhã, um simples pedaço de papel, na realidade, de uma mulher que me queria ver apenas uma vez em sua vida. A carta causou-me uma profunda im-

6. Cf. "On the Nature of the Psyche", CW 8, § 398, e "Instinct and the Unconscious", ibid., §§ 268, 277.

7. Cf. acima "Os Filmes de Houston", p. 264.

pressão, não sei exatamente porquê. Convidei-a a visitar-me e ela veio. Era muito pobre... pobre intelectualmente, também. Não creio que ela tivesse concluído a escola primária. Tomava conta da casa com um irmão e viviam de uma pequena banca de jornais. Perguntei-lhe amavelmente se entendia os meus livros, que ela dizia ter lido. E ela respondeu-me desta maneira extraordinária: "Os seus livros não são livros, *Herr* Professor, são pão".

E o modesto caixeiro viajante de artigos femininos que me parou na rua, olhou-me de olhos arregalados e disse: "Você é realmente o homem que escreve aqueles livros? É aquele que escreve sobre essas coisas que ninguém sabe?"

Sim, a longo prazo, sou muito otimista. As pessoas entendem-me. Na parte francesa da Suíça, a primeira edição do meu *L'Homme à la decouverte de son âme* [8] esgotou-se em três meses. Quem o lê? Não os professores, por certo.

*Como foi que chegou ao seu conceito global do ser humano, da totalidade?*

Empirismo, como já lhe disse, observação. Tem que se admitir que o fato psicológico é tudo. A percepção torna a realidade psíquica, vivemos na espécie de uma imagem do mundo que os nossos sentidos e inteligência podem perceber; não conhecemos a verdadeira realidade, na medida em que a totalidade dela não é concebível para nós. Mas possuímos quantidades de sinais da realidade que existe para além daquela que nos é dado perceber sensorial e intelectualmente. Devemos tentar perceber o que está mais além.

Isso é conseguido por etapas. Toda uma evolução foi necessária antes de ser aceita a idéia do inconsciente. Nietzsche, Schopenhauer, Pierre Janet, Charcot, Freud, foram outras tantas etapas. A conjunção de várias linhas de estudo num só homem foi também necessária. Eu tive a sorte de poder estudar toda a minha vida. Meu pai era um teólogo que se especializou em línguas orientais; ele transmitiu-me um pouco de seu talento para línguas. Estudei literaturas, estudei alquimia medieval e antiga. Religião comparada, é claro, e, para começar, filosofia ao mesmo tempo que medicina. Enfim, tudo o que considerei necessário para preparar a linha de pensamento e a atitude mental que me levaram a descobrir certas leis. E não esqueça as minhas viagens, sobretudo na Índia e África,[9] onde nos encontramos com homens de outras épocas. Mediante a observação e a

8. Cinco ensaios por Jung, trad. de Roland Cahen-Salabelle, em conjunto com extratos de um seminário realizado em Basiléia (1934) e de "The Tavistock Lectures" (CW 18); Genebra e Annemasse, 1944, e edições subseqüentes. O epílogo de Jung está em CW 18. Cf. acima, p. 84.

9. Cf. *Memories, Dreams, Reflections*, cap. IX.

descoberta, assinalam-se relações, semelhanças e coincidências, e tenta-se remontar à sua fonte comum, pois certamente deve existir uma. É a soma de experiência, eis tudo.

Deixe-me contar-lhe uma história que aconteceu há muito tempo, para mostrar como o empirismo conduz a certas descobertas. O médico de uma pequena cidade do cantão de Solothurn tinha-me enviado uma jovem paciente que sofria de incurável insônia. Ela estava definhando por falta de sono e o excesso de narcóticos. O médico não atinava com uma forma de ajudá-la exceto a hipnose ou essa nova psicanálise de que se começava a falar.

Mas a jovem foi-me encaminhada. Era uma professora de 25 anos de idade, de uma família muito simples; tinha completado seus estudos com êxito, mas vivia em constante medo de cometer um erro, de não merecer a sua posição. Tinha entrado num estado insuportável de tensão espasmódica. Era evidente que o que essa jovem precisava era de relaxamento psíquico. Mas não sabíamos muito, nessa época, a respeito dessas coisas. Não havia ninguém na localidade onde ela vivia que pudesse tratar o seu caso e, portanto, veio a Zurique para tratamento. Eu tinha que fazer tudo o que me fosse possível, da melhor maneira possível, em uma hora. Tentei explicar-lhe que o relaxamento era necessário, que eu, por exemplo, encontrava esse relaxamento velejando no lago e deixando-me levar ao sabor do vento; isso era bom para uma pessoa, necessário para todos. Mas pude ver em seus olhos que ela não tinha compreendido. Captou-o intelectualmente, mas foi só. A razão não tinha qualquer efeito.

Depois, enquanto falava sobre vela e vento, ouvi a voz de minha mãe cantando uma cantiga de ninar para minha irmã, como costumava fazer quando eu tinha uns oito ou nove anos; a cantiga falava de uma menininha num pequeno barco, no Reno, rodeada de peixinhos. E, quase sem o fazer deliberadamente, comecei cantarolando o que lhe estava dizendo a respeito do vento, das ondas, do barco à vela e do relaxamento, na toada de uma conhecida canção de ninar. Assim, cantarolei essas sensações e pude ver que ela estava "encantada".

Mas a hora chegou ao fim e tive de despedir-me bruscamente. Nada mais soube a respeito dela. Tinha esquecido o nome da jovem e do seu médico. Mas era uma história que me obcecava.

Anos depois, num congresso, um estranho apresentou-se-me como o médico de Solothurn e recordou-me a história daquela jovem. "Certamente me lembro desse caso," disse eu. "Teria gostado imenso de saber o que foi feito dela."

"Mas," respondeu ele, surpreendido, "ela voltou curada, com sabe, e eu é que sempre quis saber o que o colega fez. Porque tudo

o que ela me contou foi uma história a respeito de velejar com vento ou coisa parecida, e nunca consegui que ela me contasse o que realmente aconteceu. Acho que ela não se lembra. É claro, sei que é impossível curar alguém cantarolando uma história a respeito de barcos."

Como iria eu explicar-lhe que tinha simplesmente escutado algo dentro de mim mesmo? Eu tinha viajado muito por mar. Como dizer-lhe que eu tinha cantado para a jovem uma cantiga de ninar com a voz de minha mãe? O encantamento como esse é a mais antiga forma de medicina. Mas tudo aconteceu fora de minha razão; só mais tarde pensei sobre isso racionalmente e tentei chegar às leis que lhe eram subjacentes. Ela foi curada pela graça de Deus.

*Como pode o senhor falar assim de graça de Deus?*

E por que não? Um bom sonho, por exemplo, isso é graça. O sonho é, em essência, um dom. O inconsciente coletivo, não é para você, não é para mim, é o mundo invisível, é o grande espírito. Pouca diferença faz que nomes se lhe dá: Deus, Tao, a Grande Voz, o Grande Espírito. Mas, para a gente do nosso tempo, Deus é o nome mais compreensível para designar o Poder para além de nós.

As imagens de Deus... eis uma história imensa. Recordo uma tribo africana cujos membros saudavam os primeiros raios de sol cuspindo nas mãos e voltando as palmas para ele. Isso é clássico: como a respiração é a alma, a saliva que acompanha a respiração é a substância da alma. O que esse gesto significa exatamente é: "Meu Deus, ofereço-te a minha alma". Tentei apurar que eles conheciam o significado desse gesto. Não, os jovens não conheciam, nem os pais. Mas os avós conheciam, são eles que guardam os segredos. E esse gesto é observado também nos babuínos cinocéfalos esculpidos nos templos de Abu Simbel.

Observei os homens da tribo e, quando pensei que os tinha entendido, perguntei: "O vosso deus Mungu é o sol?" Gargalhadas homéricas acolheram a minha pergunta. Esse branco imbecil, imaginando que adoramos uma bola de luz e calor! Observei mais atentamente. O mesmo rito acolhia também o surgimento da lua. Assim, acabei por entender o deus deles: era o momento em que a escuridão se converte em luz, não o próprio sol mas o seu aparecimento.[10] Também entre os egípcios existe Horus. Há tantas coisas e todas elas se coadunam.

*A escritora francesa Colette disse certa vez a seu marido, a respeito de um determinado aspecto do comportamento animal: "Maurice, existe somente* um *animal, só* um *animal!"*

10. Para uma descrição mais completa, ver ibid., pp. 266 e ss., e a respeito dos babuínos cinocéfalos, pp. 269/274.

Não conhecia isso mas é exatamente a mesma idéia, o mesmo sentido de totalidade, expresso na linguagem de alguém muito próximo do mundo animal. Existem tantas formas possíveis da verdade! Cumpre-nos encontrar palavras simples para as grandes verdades; devemos tentar abordar a verdade viva subjacente nas coisas; esse é o mais antigo esforço da humanidade.

Em nossos dias, é o intelecto que está produzindo a escuridão, porque lhe cedemos um lugar demasiado grande. A consciência discrimina, julga, analisa e enfatiza as contradições. É um trabalho necessário, até certo ponto. Mas a análise mata e a síntese dá vida. Temos que descobrir como voltar a pôr cada coisa em conexão com tudo o mais. Devemos resistir ao vício do intelectualismo e fazer com que se entenda que não podemos apenas compreender.

Dois ou três séculos passarão ainda, antes de se inaugurar a nova era de que falei a respeito dos discos voadores. Muita coisa terá que acontecer ainda à humanidade.

Recordo-me de uma cena maravilhosa que contemplei num fim de tarde na Índia, no observatório de Darjeeling. Sikkim já estava mergulhado em penumbra, as montanhas azuis até uns quatro mil metros, violetas até aos sete mil metros. E aí, no meio desse anel de montanhas, estava Kanchenjunga em toda a sua glória, resplendente como um rubi. Era o lótus com a jóia sem preço em seu centro. E todos os sábios e cientistas, perdidos em assombro ante esse espetáculo, exclamaram "OM", sem se aperceber disso. Essa é a palavra primordial, o som que passa de mãe para filho, e o que alguns primitivos dizem quando se acercam de um estranho. E depois que esses homens doutos recuperaram a consciência, sentiram a necessidade de uma palavra e pediram-me que recitasse um trecho do *Fausto.*

*Fausto*... você sabe como Goethe falou dessa palavra, da pesquisa do essencial que ela significava? Como *das Hauptgeschäft,* a coisa principal, o essencial.

O homem tem necessidade da palavra, mas o número é uma coisa muito mais importante. Em essência, o número é sagrado. Muita coisa importante poderia ser dita a esse respeito. A quaternidade, sobretudo, é um arquétipo essencial. O quadrado, a cruz. A quadratura do círculo pelos alquimistas. A cruz no círculo ou, para os cristãos, Cristo em "glória". Não fui eu quem inventou tudo isso. Existe e é importante.

*O que podem os homens fazer e, especialmente, nós, suíços, para se prepararem e ajudarem cada indivíduo a preparar-se para enfrentar o futuro, um futuro que já é perturbador em seus aspectos mais imediatos?*

Não existe uma receita inteiramente simples e racional. Quase todos nós temos uma mentalidade demasiado acadêmica para nos colocarmos face a face com a realidade viva em sua totalidade. Preferimos negá-la porque isso é mais simples, e porque podemos encontrar uma porção de bons, honestos e razoáveis argumentos para fazê-lo. O que é que você quer que eu faça? Eu digo o que sei, aquilo em que acredito, como vejo as coisas. Mas sei muito bem que a verdade é inefável e todas as abordagens dela, rudimentares e grosseiras. Seja como for, continuamos avançando. Mas isso é uma longa história!

No caso da Suíça, existem alguns símbolos profundos que são muito estranhos: a união de branco e vermelho em nossa bandeira, por exemplo, é um "signo" de reconciliação de opostos. Sublinhei no meu livro sobre "objetos voadores" que a estrela branca nos aviões americanos e a estrela vermelha nos aviões soviéticos também mostram essa oposição de cores masculina e feminina. Na Suíça, pode-se dizer que esse simbolismo aponta para uma reconciliação, dado que as duas cores estão associadas. E além disso, também existe (em nossa bandeira) a cruz, que é o sinal da quaternidade já encontrada no centro da Suíça, onde os rios têm sua nascente, como se o jogo da natureza tivesse marcado essa quaternidade. Se fôssemos mais conscientes em nosso país, talvez pensássemos mais nisso; poderíamos então permitir que esses grandes símbolos nos penetrassem.

Mas não existe uma receita inteiramente simples e racional, embora os suíços queiram isso, acima de tudo. O gênero de coisas sobre que estivemos falando são, sem dúvida, mais difíceis de explicar aos suíços do que a outros povos. Somos extremamente materialistas, na mais ampla acepção da palavra. Pés no chão, a cabeça não elevada demais para o céu! Só acreditamos no que vemos, no que tocamos, no que conhecemos. O suíço possui uma mentalidade demasiado literal para enfrentar, face a face, a realidade viva em sua totalidade. Prefere negá-la porque isso é mais fácil, e porque podem ser encontrados inúmeros argumentos honestos e razoáveis para apoiar sua negação da realidade.

Há uma única coisa, porém, que conta: estamos começando a encarar a história à luz de perspectivas adquiridas através do estudo da psique e do comportamento humano. E não só a história como a economia, também. Homens como o Professor Karl Schmid,[11] no Instituto Federal de Tecnologia, de Zurique, ou o Professor Böhler [12]

11. Cf. *Hochmut und Angst* (Zurique e Stuttgart, 1958).

12. Cf. Eugen Böhler, "Ethik und Wirtschaft" (Ética e Economia), *Industrielle Organisation* (Zurique), IV (1957); "Ideologies and Ideals", *Spring*, 1960; e "Conscience in Economic Life", em *Conscience* (Studies in Jungian Thought; Evanston, 1970).

e o seu Instituto de Pesquisa Econômica, estão extensamente familiarizados com a psicologia; seus melhores conhecimentos do homem e do que o motiva devem permitir uma melhor compreensão das condições políticas e econômicas. Com o tempo e a experiência acumulada, não só entenderemos melhor o passado mas talvez possamos também aprender como evitar as situações sumamente perigosas no futuro, como prevenir crises políticas, tal como começamos agora a aprender como evitar crises econômicas. Isso seria progresso, se os homens fossem suficientemente sensatos.

Mas recorde o que disse o Papa: "O mundo deveria estar mais consciente da presença de anjos." Eis um homem que estava consciente do que o inconsciente nos proporciona, que estava em contato com a verdade viva.

[Traduzido do francês para o inglês por Jane A. Pratt]

# A ENTREVISTA "FACE A FACE"

A entrevista de John Freeman com Jung no programa de televisão da BBC, "Face to Face", levou indubitavelmente Jung até um público muito mais numeroso do que qualquer outro trabalho jornalístico e qualquer dos escritos do próprio Jung. Freeman e uma equipe chefiada pelo produtor Hugh Burnett filmaram a entrevista na casa de Jung em Küsnacht, em março de 1959, e, editorada para uma duração de meia hora, foi ao ar na Grã-Bretanha em 22 de outubro de 1959. Subseqüentemente, tem sido retransmitida com freqüência e uma versão cinematográfica é apresentada assiduamente por organizações educacionais, grupos junguianos, etc. Parte da transcrição foi publicada em forma diferente em *Face to Face*, coletânea organizada por Burnett (Londres, 1964) e que contém numerosas entrevistas realizadas por Freeman.

Freeman era redator-adjunto do *New Statesman* na época da entrevista com Jung. Criaram uma amizade que prosseguiu até à morte de Jung. Mais tarde, Freeman foi redator-chefe do *New Statesman*; em 1965-68, Alto Comissário Britânico na Índia; em 1969-71, embaixador britânico em Washington.

Em virtude do êxito da entrevista de Jung com Freeman, a BBC solicitou no ano seguinte uma outra entrevista, desta vez com um psiquiatra acerca de problemas médicos. Jung declinou o convite, por não se sentir capaz de suportar o esforço e por estar desencorajado pelas experiências anteriores de entrevistas por psicólogos mal informados sobre sua obra. Ver sua carta para Burnett, em 30 de junho de 1960, em *Letters*, org. Adler, vol. 2.

*Professor Jung, há quantos anos vive nesta encantadora casa à beira do lago de Zurique?*

Há cinqüenta anos.

*Vive aqui, agora, apenas com suas secretárias e sua governanta inglesa?*

Sim.

*Nenhum filho ou neto com o senhor?*

Oh, não, eles não vivem aqui, mas estão todos por perto.

*Vêm vê-lo com freqüência?*

Oh, claro que sim!

*Quantos netos tem?*

Dezenove.

*E bisnetos?*

Creio que oito, e suponho que está mais um a caminho.

*E gosta de os ter?*

Bom, é agradável sentir que essa pequena e animada multidão saiu de nós.

*Acha que eles têm medo do senhor?*

Medo? Não creio que tenham. Se você conhecesse os meus netos não pensaria isso! Eles roubam as minhas coisas. Até o meu chapéu, que me pertence, fora de qualquer dúvida, eles me roubaram o outro dia.

*Agora, Professor Jung, posso conduzi-lo de volta à sua própria infância? Lembra-se da ocasião em que sentiu pela primeira vez consciência de seu próprio eu individual?*

Isso foi nos meus onze anos. De súbito, vi-me a caminho da escola, deixando para trás a neblina. Era como se, até então, eu tivesse estado envolto em neblina, caminhando na neblina e, de repente, saísse dela e soubesse: "Eu sou". "Eu sou o que sou". E aí pensei: "Mas o que fui antes?" Descobri então que tinha estado imerso na neblina, não sabendo como diferenciar o meu eu das coisas. Eu era apenas uma coisa entre coisas.[1]

*Isso estava associado a algum episódio particular de sua vida, ou era apenas uma função normal da adolescência?*

Bem, é difícil dizer. Até onde posso recordar, nada acontecera antes que explicasse esse súbito acesso à consciência.

*Não teve, por exemplo, uma briga com seus pais, ou qualquer coisa assim?*

Não, não.

*Que recordações tem de seus pais? Eram rigorosos e antiquados no modo como o criaram?*

Ah, bem, você sabe, eles pertenciam ao período final da Idade Média. Meu pai era um pároco na província, e você pode imaginar como as pessoas eram então, na década de 70 do século passado. Eles tinham as convicções em que as pessoas haviam vivido há mil e oitocentos anos.

*De que forma seu pai tentou impor-lhe essas convicções? Ele castigava-o, por exemplo?*

---

1. Cf. Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, pp. 32 e ss./44 e ss.

Oh, não, em absoluto. Ele era muito liberal, extremamente tolerante e compreensivo.

*Com quem o senhor se deu mais intimamente, com seu pai ou sua mãe?*

É difícil dizer. É claro, uma criança é sempre mais íntima com a mãe, mas quando se trata de sentimentos pessoais, eu tinha um melhor relacionamento com o meu pai, que era previsível, do que com minha mãe, que para mim era uma criatura muito problemática.

*Quer dizer que, de qualquer maneira, o medo não foi um elemento em suas relações com seu pai?*

Não, em absoluto.

*Aceitou-o como sendo infalível em seus julgamentos?*

Ah, não, eu sabia que ele era muito falível.

*Que idade tinha quando se apercebeu disso?*

Deixe-me ver. [Longa pausa.] Talvez onze ou doze anos. Eu andava às voltas com o fato de que eu *era,* de que sabia que eu *era,* e, daí em diante, vi que meu pai era diferente.

*Sim. Então o momento de auto-revelação esteve intimamente relacionado com a compreensão da falibilidade de seus pais?*

Sim, poderíamos dizer isso. Mas dei-me conta de que tinha medo de minha mãe. Não durante o dia, quando eu a conhecia bem, mas durante a noite. De noite, eu tinha medo dela.

*E lembra-se por quê? Pode recordar o que esse medo...*

Não tenho a mínima idéia dos motivos.

*Falemos agora de seus tempos de escolar. Foi feliz na escola... como garoto de escola?*

No começo, fiquei muito feliz por ter companheiros, pois antes eu vivera muito isolado, muito solitário. Vivíamos no campo e eu não tinha irmão nem irmã. Minha irmã nasceu muito mais tarde, quando eu estava com nove anos, de modo que me habituei a estar sozinho, mas sentia falta de companhias... e na escola foi maravilhoso ter companheiros. Mas não tardou... bem, na verdade, numa escola de província eu estava muito adiantado, e aí comecei a sentir tédio e desinteresse.

*Que tipo de educação religiosa seu pai lhe deu?*

Oh, éramos suíços reformados.

*E fez com que o senhor freqüentasse regularmente a igreja?*

Isso era perfeitamente natural. Todo o mundo ia à igreja aos domingos.

*E o senhor acreditava em Deus?*

Ah, sim.

*E agora, ainda acredita em Deus?*

Agora? [Pausa.] É difícil responder. *Eu sei.* Não necessito crer, porque sei.

*Bem, passando agora à etapa seguinte de sua vida. O que o fez decidir-se a ser médico?*

Na realidade, originalmente, eu queria ser um arqueólogo, assiriologia, egiptologia ou coisa assim. Mas não tinha dinheiro; esse estudo era muito caro. Depois, o meu segundo amor pertenceu à natureza, sobretudo a zoologia, e quando iniciei os meus estudos matriculei-me na chamada Faculdade de Filosofia Dois, que significava ciências naturais. Mas não levei muito tempo em perceber que a carreira que me esperava seria a de mestre-escola. Nunca pensei que tivesse qualquer possibilidade de ir mais longe do que isso, porque não tínhamos dinheiro. Mas sabia que essa carreira não se ajustava às minhas expectativas. Não queria ser mestre-escola. O ensino não era precisamente o que eu ambicionava. E lembrei-me que meu avô tinha sido médico e sabia que, quando estivesse estudando medicina, teria a oportunidade de estudar também ciências naturais e, ao mesmo tempo, tornar-me médico. E um médico pode desenvolver-se, entende?, pode ter sua clínica mas, por outro lado, escolher mais ou menos os seus interesses científicos prediletos. Em todo o caso, eu teria mais oportunidades do que sendo um mestre-escola e a idéia de fazer algo útil com seres humanos também me atraía.

*E quando decidiu ser médico, teve dificuldades com algumas matérias do curso e em ser aprovado nos exames?*

Eu tinha sobretudo dificuldade com certos professores. Eles não acreditavam que eu pudesse escrever uma tese. Lembro-me de um caso em que o professor tinha o costume, o hábito, de discutir as monografias escritas pelos alunos, começando sempre pela melhor. Quando percorreu o número total de alunos e eu não apareci, fiquei muito perturbado e pensei, é impossível que a minha tese seja assim tão má. Assim que ele terminou de criticar todos os trabalhos, disse: "Falta ainda uma monografia e é a que foi apresentada

por Jung. Seria de longe o melhor trabalho se não tivesse sido copiado. Ele copiou-o de algum lado, roubou-o. Você é um ladrão, Jung! E se eu descobrisse donde foi que o roubou, eu o expulsaria da escola!" Fiquei doido, furioso, e disse-lhe que essa era a tese em que eu mais trabalhara porque o tema me interessava muito, em contraste com outros temas que, para mim, nada tinham de interessantes. E aí ele disse: "Você é um mentiroso e se eu puder provar que você roubou isso em algum lugar, pode contar como certo que será posto fora desta escola."[2] Ora, isso foi para mim uma coisa séria, pois que mais poderia eu dizer ou fazer nessa altura? Odiei aquele sujeito e foi o único homem que eu teria sido capaz de matar se o encontrasse num beco escuro! Eu teria lhe mostrado o que sou capaz de fazer.

*O senhor tinha com freqüência pensamentos violentos a respeito de pessoas, quando era jovem?*

Não, não exatamente. Só quando me enfureciam. Bem, aí eu aplicava-lhes uma boa surra.

*E ficava furioso com freqüência?*

Não, não era muito freqüente, mas quando acontecia era para valer!

*O senhor era muito alto e forte, imagino?*

Sim, eu era muito forte e, você sabe, criado no campo, com aqueles rapazes camponeses, era um tipo de vida bastante rude. Eu teria sido capaz de violência, eu sei. Tinha um certo receio disso, de modo que tentava sempre evitar situações críticas, pois não confiava em mim mesmo. Certa vez, fui atacado por sete rapazes e fiquei furioso para valer, apanhei um deles e, agarrando-o pelas pernas, rodei com ele como se fosse um lançador de martelo. Bem, quatro deles foram assim derrubados e os outros deram-se por satisfeitos.

*E isso não teve depois conseqüências?*

Ah, eu diria que sim! Daí em diante, eu era sempre o suspeito que estava por trás de todas as confusões. Eu não era, mas ficaram com medo de mim e nunca mais fui agredido.

*Quando chegou o momento de se diplomar como médico, o que foi que o fez decidir-se a optar pela psiquiatria como especialização?*

2. Ibid., pp. 64 e ss./72 e ss. Também "The Gifted Child", CW 17, § 232.

Bom, isso é um ponto muito interessante. Quando tinha praticamente concluído meus estudos e não sabia realmente o que queria fazer, tive uma grande oportunidade de seguir um dos meus professores. Ele tinha sido convidado a assumir um novo cargo em Munique e queria que eu o acompanhasse como seu assistente. Mas, nessa época, eu estudava para o meu exame final e deparei-me com um compêndio de psiquiatria. Até então, não tinha opinião formada sobre essa matéria, porque o nosso professor não estava particularmente interessado, e li apenas a introdução desse livro, onde eram ditas certas coisas sobre psicose como um desajustamento da personalidade. Foi como se tivesse levado um soco na cabeça. Meu coração batia desordenadamente e, quando disse ao meu professor que não iria com ele porque queria estudar psiquiatria, o bom homem não conseguiu entender. Nem os meus amigos, porque nesse tempo a psiquiatria não era nada. Mas vi nela a única grande oportunidade de unir certas coisas contrastantes em mim mesmo, ou seja, além da medicina — além da ciência natural, eu sempre me dedicara a estudar história, filosofia e matérias afins. Foi como se, de súbito, duas correntes se conjugassem.[3]

*E quanto tempo depois de ter tomado essa decisão ocorreu o primeiro contato com Freud?*

Bem, essa decisão foi tomada justamente no final do meu curso e passou ainda algum tempo até me encontrar com Freud. Eu terminei meus estudos de medicina em 1900 e conheci Freud muito mais tarde. Em 1900 já tinha lido *A Interpretação de Sonhos* e os estudos Breuer-Freud sobre histeria, mas isso era meramente literário e então, em 1907, foi quando o conheci pessoalmente.

*Conte-nos como isso aconteceu. Foi a Viena encontrar-se com ele?*

Nessa época, eu tinha publicado um livro sobre a psicologia da demência precoce,[4] como então se chamava a esquizofrenia. Enviei a Freud esse livro e assim travamos conhecimento. Fui a Viena por quinze dias e tivemos então uma longa e penetrante conversa... e pronto.

*Essa longa e penetrante conversa foi seguida de amizade pessoal?*

Ah, sim, logo se desenvolveu uma amizade pessoal.

*E que espécie de homem era Freud?*

---

3. *Memories, Dreams, Reflections,* pp. 208 e ss./199.
4. "The Psychology of Dementia Praecox", CW 3.

Bem, era uma natureza complicada. Gostava muito dele, mas não tardei em descobrir que, quando ele pensava alguma coisa, isso estava solucionado e resolvido, ao passo que eu estava duvidando o tempo todo e era impossível discutir alguma coisa realmente a fundo. Freud não tinha, em especial, uma educação filosófica sólida; eu estava estudando Kant, estava mergulhado nele até ao pescoço, e isso estava bem longe de Freud. Assim, desde o começo, houve uma certa discrepância.[5]

*Mas, de fato, só mais tarde foram se afastando gradualmente, em parte por causa de uma diferença na abordagem temperamental do experimento, da prova e assim por diante, não foi?*

É claro, existe sempre uma diferença temperamental e a abordagem dele era naturalmente diferente da minha, pois a personalidade de Freud era diferente da minha. Isso me levou à investigação subseqüente dos tipos psicológicos. Existem atitudes definidas. Algumas pessoas fazem as coisas de um modo e outras fazem-nas de um outro modo *típico,* e tais diferenças existiam entre mim e Freud.

*Considera que o padrão de prova e experimentação de Freud era menos elevado que o seu?*

Bom, isso é uma avaliação para a qual não sou competente; eu não sou a minha própria história, ou o meu próprio historiógrafo. Com referência a certos resultados, penso que o meu método tem seus méritos.

*Diga-me uma coisa, Freud alguma vez o analisou?*

Ah, sim, submeti-lhe uma porção de meus sonhos, e ele a mim.

*E ele ao senhor?*

Sim, claro que sim.

*Recorda-se agora, a esta distância de tempo, quais eram as características significativas dos sonhos de Freud que mais lhe chamaram a atenção nessa época?*

Essa é uma pergunta bastante indiscreta. Eu tenho... você sabe que existe uma coisa chamada segredo profissional.

*Ele já morreu há muitos anos.*

Sim, mas essas considerações duram muito mais do que a vida. [Pausa.] Prefiro não falar a esse respeito.

*Bem, posso perguntar-lhe algo que talvez seja também indiscreto? É verdade que guarda um número muito grande de cartas que trocou com Freud e que ainda estão inéditas?*

---

5. Para o encontro com Freud, ver *Memories, Dreams, Reflections,* cap. V, e *The Freud/Jung Letters,* p. 24.

Sim, é verdade.

*Quando serão publicadas?*

Não durante minha vida.

*Não teria objeção alguma a que fossem publicadas depois de sua morte?*

Oh, não, nenhuma.

*Porque elas são, provavelmente, de grande importância histórica.*

Não acho isso.

*Então por que não as publicou até agora?*

Justamente porque não vejo nelas uma importância especial. Para mim não são suficientemente importantes para merecerem divulgação.

*Tratam de assuntos pessoais?*

Bem, em parte. Mas não me daria ao trabalho de publicá-las.[6]

*Podemos avançar agora no tempo, quando o senhor finalmente se separou de Freud. Isso foi devido em parte, creio eu, à publicação do seu livro* Psicologia do Inconsciente.[7] Estou certo?

Essa foi a causa real. Não, melhor dito, a causa final, porque houve uma longa preparação. Desde o começo, eu tinha uma *reservatio mentalis*. Não podia concordar com um bom número de idéias dele.

*Quais, em especial?*

Em primeiro lugar, o seu enfoque puramente pessoal e seu desprezo pelas condições históricas do homem. Ora, nós dependemos amplamente de nossa história. Somos moldados através da educação, através da influência dos pais, a qual não é sempre pessoal, de maneira nenhuma. Existem preconceitos, influências de idéias históricas ou do que chamamos dominantes,[8] e isso constitui um fator sumamente decisivo em psicologia. Nós não somos de hoje ou de ontem; somos de uma idade imensa.

*Não foi, em parte, a sua observação, a sua observação clínica de casos psicóticos, que o levou a divergir de Freud sobre isso?*

Foi, parcialmente, a minha experiência com pacientes esquizofrênicos que me levou à idéia de certas condições históricas gerais.

---

6. Por acordo entre as famílias Freud e Jung, as cartas foram publicadas em 1974. Para uma descrição dos eventos que culminaram na publicação, ver *The Freud/Jung Letters*, introdução, especialmente pp. xix-xxxiv.

7. *Wandlungen und Symbole der Libido* (1912). Revisto em 1952 como *Symbole der Wandlung — Symbols of Transformation*, CW 5.

8. Outro termo para arquétipo.

*Existe qualquer caso específico que possa agora ver em retrospecto e sentir que talvez estivesse aí o momento decisivo para o desenvolvimento subseqüente de seu pensamento?*

Ah, sim, tive um considerável número de experiências desse gênero e fui até a Washington para estudar negros numa clínica psiquiátrica dali,[9] a fim de apurar se eles têm o mesmo tipo de sonhos que nós temos; essas e outras experiências levaram-me então a formular a hipótese de que existe um estrato impessoal em nossa psique, e posso dar-lhe um exemplo. Tínhamos um paciente na enfermaria; era tranqüilo mas completamente dissociado, um esquizofrênico, e estava na enfermaria há vinte anos. De fato, fora internado quando era ainda um homem jovem, um modesto empregado de escritório sem educação especial; e, quando entrei na enfermaria, ele ficou obviamente excitado, chamou-me, agarrou-me pela lapela e, levando-me até uma janela, disse: "Doutor! Agora! Agora pode ver. Olhe para ele! Olhe para o sol e veja como ele se mexe. O senhor também deve mexer a sua cabeça, assim, e então verá o falo do sol, e o senhor sabe, essa é a origem do vento. Está vendo como o sol se movimenta quando a gente mexe a cabeça de um lado para o outro?" É claro, não entendi patavina. Pensei, "oh, é isso aí, o sujeito é doido varrido". Mas esse caso ficou registrado em minha mente e, quatro anos depois, deparei-me com um estudo de autoria do historiador alemão, Dieterich, no qual ele se ocupa da chamada Liturgia Mitra, uma parte do Grande Papiro Mágico Parisiense. E apresentou aí parte da Liturgia Mitra, onde se lê o seguinte: "Após a segunda oração, vereis como o disco do sol se desdobra, e vereis pendendo dele o tubo, a origem do vento, e quando deslocais vosso rosto para as regiões do oriente ele para aí se desloca, e se deslocardes vosso rosto para as regiões do ocidente, ele vos seguirá." E compreendi nesse instante... aí estava textualmente a visão do meu paciente![10]

*Mas como podia ter a certeza de que o seu paciente não estava recordando inconscientemente algo que lhe foi contado por uma outra pessoa qualquer?*

Ah, não. Isso está inteiramente fora de questão, porque a coisa não era conhecida. Estava num papiro mágico em Paris e nem

9. No St. Elizabeths Hospital, Washington, D.C., setembro de 1912. Ver *The Freud/Jung Letters*, 323J, nota 2.

10. CW 5, §§ 150 e ss. Cf. também CW 8, §§ 228 e 318, e CW 9 i, § 105.

sequer tinha sido publicada. Só foi publicada quatro anos mais tarde,[11] depois que eu observei esse paciente.

*E sentiu estar assim provada a existência de um inconsciente que era algo mais do que pessoal?*

Não, isso não era uma prova para mim, mas era uma indicação, e eu aproveitei essa indicação.

*Diga-me quando foi que decidiu iniciar o seu trabalho sobre os tipos psicológicos? Foi também o resultado de alguma experiência clínica?*

Não tanto. Foi uma razão muito particular: fazer justiça à psicologia de Freud, também à de Adler, e encontrar meu próprio rumo. Isso ajudou-me a entender por que Freud desenvolveu uma tal teoria. Ou por que Adler desenvolveu a teoria dele, com o seu princípio de poder.

*Concluiu a que tipo psicológico o senhor pertence?*

Dediquei, naturalmente, considerável atenção a essa penosa questão, sabe?

*E chegou a uma conclusão?*

Bem, o tipo não é nada estático. Muda no transcurso da vida, mas eu era certamente caracterizado pelo pensamento. Sempre pensei muito, desde a infância, e também possuo considerável intuição. Tinha uma definida dificuldade com o sentimento e a minha relação com a realidade não era particularmente brilhante. Estava freqüentemente em desacordo com a realidade das coisas. Bem, isso fornece-lhe todos os dados necessários para um diagnóstico!

*Na década de 1930, quando o senhor estava trabalhando com numerosos pacientes alemães, previu, creio eu, que uma segunda guerra mundial era muito provável. Ora bem, observando o mundo hoje, acha ser provável uma terceira guerra mundial?*

Não tenho indicações definidas a esse respeito, mas existem tantos indícios que é difícil saber o que se vê. São árvores ou é a floresta? É muito difícil dizer, porque os sonhos das pessoas contêm apreensões, mas não é fácil discernir se apontam para uma guerra, porque essa idéia é predominante na mente das pessoas. Antes, era muito mais simples. As pessoas não pensavam em guerra e, portanto, era bastante claro o que os sonhos significavam. Hoje

11. Albrecht Dieterich, *Eine Mithrasliturgie*; na realidade, esse livro foi publicado pela primeira vez em 1903, antes de ter sido observada a falsa crença a que Jung se refere. Ver "The Concept of the Collective Unconscious", CW 9 i, § 105, nota 5.

em dia já não é assim. Estamos tão cheios de apreensões, medos, que fica difícil saber exatamente o que um sonho aponta. Uma coisa é certa. Uma grande mudança em nossa atitude psicológica é iminente. Isso é mais do que certo.

*E por quê?*

Porque precisamos de mais... necessitamos de mais psicologia. Precisamos de mais compreensão da natureza humana, porque o único perigo real que existe é o próprio homem. Ele é o grande perigo, e não temos, lamentavelmente, consciência disso. Nada sabemos sobre o homem, ou pouquíssimo. A sua psique deveria ser estudada, porque somos a origem de todo o mal que se avizinha.

*O homem, em sua opinião, precisa ter o conceito de pecado e de mal e conviver com eles? Isso faz parte de sua natureza?*

Sim, obviamente.

*E de um redentor, também?*

Isso é uma conseqüência inevitável.

*Não é um conceito que desaparecerá, à medida que nos tornamos cada vez mais racionais? É algo que...*

Bem, não acredito que o homem se desvie do padrão original do seu ser. Tais idéias sempre existirão. Por exemplo, se você não acredita diretamente num redentor pessoal, como foi o caso de Hitler, ou do culto do herói na Rússia, então é uma idéia, é uma idéia simbólica.

*O senhor escreveu, em várias oportunidades, algumas frases que me surpreenderam um pouco a respeito da morte. Lembro-me, em particular, de que disse ser a morte, psicologicamente, tão importante quanto o nascimento e, tal como este, ser uma parte integrante da própria vida. Mas, por certo, não pode ser como o nascimento, uma vez que, ao invés de um começo, é um fim. Que me diz sobre isso?*

Sim, é um fim, mas não podemos estar inteiramente certos sobre esse fim, porque existem essas faculdades peculiares da psique, a qual não está inteiramente confinada no espaço e no tempo. Você pode ter sonhos ou visões do futuro, pode ver para além da esquina e coisas assim. Somente a ignorância nega esses fatos; é evidente que eles existem e sempre existiram. Ora, esses fatos mostram que a psique, pelo menos em parte, não depende dessas limitações. E o que acontece então? Quando a psique não está na obrigação de viver somente no tempo e no espaço, e é óbvio que não, então, na medida em que a psique não está sujeita a essas leis, isso significa uma continuação prática da vida, uma espécie de existência psíquica para além do tempo e do espaço.

*Acredita que a morte é provavelmente o fim, ou que...*

Não posso dizer. Entenda, a palavra crença é muito difícil para mim. Eu não creio. Eu devo ter uma razão para sustentar uma certa hipótese. Ou sei uma coisa e então, se sei, não preciso acreditar. Não me permito, por exemplo, acreditar numa coisa apenas por acreditar nela. Não posso crer nessa coisa. Mas quando existem suficientes razões para uma certa hipótese, aceitarei... naturalmente. Nesse caso, direi: "Temos que contar com a possibilidade de tal e tal"... entende?

*Bem, o senhor disse-nos que devemos encarar a morte como sendo uma meta...*

Sim.

*...e que fugirmos disso é burlar a vida e torná-la frívola, sem um objetivo.*

Exato.

*Que conselho daria às pessoas em seus últimos anos de vida, para habilitá-las a fazerem isso, quando a maioria delas deve, de fato, acreditar que a morte é o fim de tudo?*

Bom, eu tratei de muita gente idosa, e é muito interessante observar o que o inconsciente está fazendo com o fato de que, aparentemente, está sendo ameaçado com um fim completo. O inconsciente simplesmente ignora isso. A vida comporta-se como se fossem continuar e, por isso, penso ser preferível para uma pessoa idosa continuar vivendo como se a vida não fosse acabar, aguardar o dia seguinte como se tivesse ainda muitos séculos pela frente. Então viverá de maneira adequada. Mas quando a pessoa tem medo, quando deixa de olhar em frente e passa a olhar apenas para o passado, ela petrifica-se, torna-se hirta, e morre antes do tempo. Se ela continua vivendo na expectativa da grande aventura que tem pela frente, então viverá — e isso é o que o inconsciente pretende fazer. É óbvio, evidentemente, que todos vamos morrer um dia, e esse é o triste final de tudo no entanto, existe algo em nós que, segundo parece, não acredita nisso. Mas trata-se meramente de um fato psicológico, não significa que prove alguma coisa. É simplesmente assim. Por exemplo, posso não saber porque necessito de sal, mas prefiro comer sal porque me sinto melhor. E assim, quando você pensa de uma certa maneira, pode sentir-se consideravelmente melhor, e acho que se você pensar de acordo com as diretrizes da natureza, então pensará melhor.

*E isso leva-me à última pergunta que lhe quero fazer. À medida que o mundo se torna tecnicamente mais eficiente, parece ser cada vez mais necessário que as pessoas se comportem coletivamen-*

*te, como uma grande comunidade. Ora bem, o senhor pensa ser possível que o desenvolvimento máximo do homem possa consistir na submersão de sua própria individualidade numa espécie de consciência coletiva?*

Dificilmente isso será possível. Penso que haverá uma reação. Uma reação será desencadeada contra essa dissociação coletiva. O homem não suporta para sempre sua anulação. Haverá uma reação, e eu já vejo que ela começa se esboçando. Quando penso em meus pacientes, todos eles buscam sua existência própria, e esforçam-se por assegurar sua existência contra a completa atomização no nada, na inexpressividade total. O homem não pode suportar uma vida vazia e sem sentido.

# DOS APONTAMENTOS DE ESTHER HARDING: 1960

Küsnacht, 13 de maio

Falei do clero e de como eles estão procurando aproximar-se de suas idéias... Disse Jung: "Somente o clero e nós estamos preocupados com a educação da alma. As pessoas poderão ter que retornar à Igreja quando atingem um certo estágio de análise. A individuação é apenas para os eleitos."...*

Jung prosseguiu dizendo que X [um clérigo, nosso conhecimento comum] nunca tinha realmente enfrentado o seu problema, nem carregado a sua cruz, isto é, a oposição que forma a cruz (ele cruzou os dedos enquanto falava). Mas X não precisa ter medo; a Igreja não o rejeitaria. Um jesuíta disse certa vez a X: "Você faz uma figa com a mão no bolso e prossegue com o ritual!" Mas ele era incapaz de encarar o fato de que o mal existe... assim como negava que Jesus tinha uma sombra, embora isso esteja claramente retratado, mesmo nos registros que possuímos. Não só Cristo falhou no domingo de Ramos, consentindo em ser venerado como um salvador imperial, e depois amaldiçoando a figueira porque ela não se submeteu aos seus desejos, como também foi realmente incapaz de carregar a cruz, outrem teve de carregá-la por ele, um ponto sumamente significativo. Assim, ele teve que ser *fixado* na cruz. Se não carregarmos a nossa própria cruz, certamente seremos crucificados. Por isso X, que não tinha estrutura suficiente para carregar sua cruz nas costas, adoeceu e deve morrer de câncer...

Um outro clérigo que tinha vindo visitar Jung dissera: "Eles não podem enfrentar as implicações da própria doutrina deles."

---

* As mais notáveis tentativas de aproximação entre a psicologia junguiana e a teologia católica foram realizadas até hoje, do lado da Igreja, pelo notável dominicano Victor White, professor de teologia em Oxford, redator de *Dominicam Studies* e membro fundador do Instituto Jung de Psicologia Analítica, de Zurique, falecido em 1960. Foi autor de *God and the Unconscious* [Deus e o Inconsciente] (Londres, 1952), com um extenso prefácio de Jung, e *Soul and Psyche* [Alma e Psique] (Londres, 1957). (N. do T.)

Jung respondeu: "O senhor terá que ler a minha *Resposta a Jó*". E o outro disse, "Sim, mas há uma coisa em que não posso concordar consigo; é quando diz que Jesus e Maria não são seres humanos reais." Jung retorquiu: "Você e eu, e todos os homens, nascemos em pecado e temos em nós a mancha do pecado, mas Jesus e Maria, de acordo com o dogma, são imaculados, nasceram sem a mácula do pecado. Portanto, não são realmente seres humanos." E prosseguiu: "Meti alguma coisa na cabeça dele, mas era incapaz de aceitá-lo." Eu comentei: "Ele deve ter saído com uma terrível dor de cabeça." C. G. concordou: "Sim, provavelmente ele teve uma neuralgia."

Depois, começou discorrendo sobre o modo como se fala com as pessoas; só se pode falar com elas, disse C. G., onde elas estão. Assim, se têm uma formação européia, deve-se começar do ponto de vista cristão; e as pessoas devem retornar à Igreja quando libertas dos problemas pessoais, dado que elas não são capazes de realizar por si mesmas uma formulação ou experiência individual, o que exige enorme coragem.

Ele comparou isso com as idéias budistas ou hindus. Disse ele: "O clero só trata com a sua própria gente. Quando indagado, E o que nos diz dos budistas?, o clero diz que isso não é de sua conta... exceto como missionários, é claro."...

Contou que tinha encontrado um filósofo, ou iogui, na Índia,[1] que era um homem de grande compreensão. Perguntara-lhe sobre *bodhi,* o esclarecimento, e teve como resposta que ele era obtido através da separação do eu do *kleshas.*

— E o que é isso? — indagou C. G.

— É o nada.

— Nesse caso, quem é que desfruta da experiência do esclarecimento?

Jung continuou dizendo que, obviamente, não há ninguém para experimentá-lo. É um estado de inconsciência, no qual pode acontecer qualquer coisa, ou não acontecer nada. Mas como não há ninguém para experimentá-lo, não pode haver esclarecimento nenhum. "Os indianos," disse ele, "estão no século XIV."...

Mais tarde, durante o jantar pelo 70.º aniversário da Dra. Jacobi,[2] fiquei sentada ao lado do Dr. Jung. Contou-me que tinha nascido no ano do porco do calendário chinês, e disse: "Penso que estamos de novo nesse ano." O Buda também nasceu no ano do porco, e existe uma certa semelhança entre ele próprio e o Buda. O

1. Jung visitou a Índia em janeiro de 1938 como delegado honorário do Jubileu de Prata do Congresso Indiano de Ciência, em Calcutta. Esteve também em Bombaim, Khajuraho, Benarés, Darjeeling, Allahabad e Ceilão.

2. Ver acima, p. 52.

Buda tinha nascido filho de um rei mas tivera de partir sozinho, até encontrar o Nobre Caminho Óctuplo; e C. G. também tivera que lutar sozinho, até encontrar a mandala, o símbolo óctuplo da totalidade.

Descreveu como, num mosteiro tibetano não muito longe de Sikkim, tinha encontrado uma mandala na muralha do templo. O zelador era um homem muito douto, com quem ele pudera conversar porque um velho inglês (provavelmente ligado aos missionários) falava tibetano e mostrou-se disposto a servir de intérprete. O lama disse-lhe que não usavam a mandala para o culto, mas para focalizar a meditação dos monges. Eles têm de contemplar e memorizar cada elemento da mandala, e depois construí-la, peça por peça, numa imagem mental, como uma sólida estrutura diante deles. Desse modo, eles tornam o elemento psíquico substancial, quase concreto. Disse ele que faziam isso de acordo com uma dada forma, ao passo que nós tornamos real a forma que se desenvolve de dentro para fora.

# A ARTE DE VIVER

Esta entrevista por um jornalista inglês que vivia na Suíça, Gordon Young, foi publicada no *Sunday Times* (Londres), a 17 de julho de 1960, antecipando o 85.º aniversário de Jung (26 de julho), e em forma resumida no *American Weekly* (Nova Iorque), a 19 de fevereiro de 1961. Uma versão mais completa é apresentada no epílogo do livro de Gordon Young, *Doctors Without Drugs* (Londres, 1962), da qual modificações de somenos importância e numerosos trechos não incluídos nas versões jornalísticas estão aqui incorporados.

A carreira de Young como jornalista assemelha-se à de Knickerbocker (ver acima, p. 117). Ele era o principal correspondente da Reuters em Berlim antes da guerra; durante a guerra, foi correspondente no Oriente Médio e na Europa, e, por um certo período, esteve agregado ao SHAPE [Comando Supremo das Potências Aliadas na Europa] e ao 1.º Exército Americano. No final da guerra, fez uma viagem secreta à Dinamarca ocupada pelos alemães, com ajuda da resistência clandestina dinamarquesa. Na época de sua morte, em 1964, Young era diretor-adjunto do Instituto Internacional de Imprensa em Zurique.

O que é que estou programando para o meu aniversário? Ora, manter-me distante de visitantes, é claro. Especialmente os pretensos intelectuais. A maioria deles não tem a mais remota idéia do que eu estou falando. O problema com eles é que não se dão ao trabalho de ler os meus livros, porque são os insuportáveis esnobes. Eu não me deixo burlar por intelectuais. No fim de contas, eu também sou.

Você sabe que esteve aqui no outro dia um sujeito intelectual... um americano. Falei durante meia hora sem que ele dissesse uma só palavra. Depois, seus olhos iluminaram-se de súbito, como se o sol tivesse nascido dentro dele, e disse-me, com um ar atônito: "Mas, Dr. Jung, o que o senhor me está dizendo é pura e simplesmente senso comum!"

Como eu disse, o problema é que algumas das pessoas que vêm ver-me não se dão ao incômodo de fazer uma leitura adequada. Não lêem sequer os meus livros. Você quer saber quem lê os meus livros? Não é o pessoal acadêmico, nada disso, eles pensam já saber tudo. É a gente comum, freqüentemente pessoas muito pobres. E por que os lêem? Porque existe hoje no mundo uma necessidade profunda de orientação espiritual... qualquer espécie

de orientação espiritual. Veja a popularidade de que desfruta hoje a astrologia. As pessoas lêem coisas sobre astrologia porque ela lhes oferece uma forma de inspiração mental, talvez uma forma com muitas limitações mas, pelo menos, isso é melhor do que nada.

*Acredita que a astrologia possui qualquer valor definitivo?*

O assunto é todo ele muito controvertido, é claro. Mas você sabe que, certa vez, realizei algumas pesquisas estatísticas sobre astrologia e os meus números finais foram examinados por matemáticos da Universidade de Chicago. Eles disseram-me que não os consideravam destituídos de significância. Naturalmente, quando ouvi isso arrebitei as orelhas. Estamos saindo do período de Peixes e entrando no signo de Aquário, o qual pode trazer com ele alguns novos valores. Algumas pessoas consideram muito seriamente que isso pode revestir-se de grande significado no desenvolvimento iminente do mundo.

Ou veja o caso da alquimia. Para a maioria das pessoas, alquimia significa simplesmente uma porção de velhotes que tentaram fabricar ouro. Mas isso está muito longe de corresponder à verdade. Se as pessoas se dessem ao trabalho de ler os escritos dos antigos alquimistas, descobririam um imenso tesouro de sabedoria, grande parte da qual é perfeitamente aplicável ao próprios eventos que estão ocorrendo no mundo de hoje. No fim de contas, o que poderá ser mais importante do que o estudo de como funciona a mente do homem, e como funcionou no passado? Tudo o que acontece hoje no mundo é o resultado do que está acontecendo na mente dos homens. Entretanto, quantas pessoas se dão ao trabalho de examinar a mente de, digamos, Kruchev ou Eisenhower, ou as razões psicológicas básicas para movimentos tais como o nazismo, o comunismo ou as tendências antijudaicas? O que nos aconteceria se um dos atuais líderes do mundo enlouquecesse de repente? E, no entanto, quantas pessoas estão considerando seriamente problemas como esses? Mas não devo aprofundar demais esses assuntos, se não quiser ser acusado de tentar meter-me em política.

*Embora as pessoas estejam vivendo hoje muito mais tempo, ainda se espera que elas se aposentem por volta dos 60 anos. Elas são forçadas à inatividade e, por vezes, à solidão. Como considera que as pessoas idosas podem compatibilizar-se da melhor maneira com a vida?*

Durante muito tempo, defendi a criação de escolas para adultos. No fim de contas, tentamos equipar os jovens com toda a educação de que necessitam para construir uma existência social bem-sucedida. Esse tipo de educação é válido para indivíduos até

metade da vida, digamos, os 35 para 40 anos. Hoje em dia, o homem tem boas probabilidades de viver o dobro, e a segunda metade da vida tem, para muita gente, uma estrutura que é inteiramente distinta da primeira metade. Mas, na maioria das vezes, esse fato permanece inconsciente. Não se percebe que a maré enchente da vida leva as pessoas jovens para diante, até um certo apogeu de segurança, realização pessoal ou êxito. Nesse período, podem esquecer-se as más experiências; a vida ainda é nova e repleta de vigor, e cada dia renova a esperança de que com ele cheguem as coisas desejadas cuja falta se sentiu até aí.

É quando se avizinha da ameaçadora região dos quarenta anos que o homem olha para o passado que se acumulou atrás dele e, furtiva ou abertamente, surgem as interrogações silenciosas: Onde é que me encontro hoje? Realizei os meus sonhos? Concretizei as minhas expectativas de uma vida feliz e bem-sucedida, tal como imaginava há vinte anos? Fui forte, coerente, ativo, inteligente, idôneo e suficientemente obstinado para aproveitar as oportunidades que me surgiram ou para fazer a escolha certa nas encruzilhadas, e produzir as respostas adequadas para os problemas que o destino colocou diante de mim? E vem então a pergunta final: O que pode haver de mais ridículo ou tolo do que pessoas idosas fingindo serem jovens — perdendo, inclusive, a sua dignidade, que é uma prerrogativa da velhice? Olhar para a frente tem que se converter em olhar para dentro de si mesmo. Descobrir-se provê o indivíduo com tudo o que ele é, tudo o que pretendeu ser, tudo aquilo de que e para que viveu. A totalidade do indivíduo é certamente uma entidade irracional, mas esse é precisamente o seu eu, destinado a viver uma experiência única e irrepetível. Assim, seja o que for que ele descobre em sua disposição dada, isso será um fator vital que deve ser levado em cuidadosa consideração.

Se o indivíduo descobre, por exemplo, uma tendência inextirpável para crer em Deus ou na imortalidade, não deve permitir que a tagarelice dos livre-pensadores o perturbem. E se o indivíduo descobre uma tendência igualmente irresistível para negar todas as idéias religiosas, não deve hesitar: negue-as e verá como isso influencia o seu bem-estar geral e o seu estado de nutrição mental ou espiritual. Mas cuidado com as atitudes pueris: quer se dê o nome de "Deus" ou de "Matéria" à incógnita final, isso é igualmente fútil, uma vez que não conhecemos nem um nem outra, embora tenhamos, sem dúvida, experiências de ambos. Mas nada sabemos para além desses nomes e não podemos produzir o que está por trás de um ou outro desses nomes.

*Assim sendo, não acha que é fútil as pessoas depositarem suas esperanças na possibilidade de vida após a morte?*

Como não existe possibilidade de prova, é tão legítimo acreditar na vida após a morte quanto duvidar disso. Temos experiências que apontam para ambos os caminhos. A única coisa importante é descobrir qual o ponto de vista que melhor se harmoniza com a nossa disposição geral. Existem idéias saudáveis e doentias, úteis e nocivas. Ninguém na posse de seus sentidos comerá alimentos indigestos e, correspondentemente, uma pessoa sensível evitará pensamentos eopiniões inconvenientes. Em caso de dúvida, tente-se aprender com a sabedoria tradicional de todos os tempos e povos. Isso fornecerá ampla informação sobre as chamadas idéias e valores eternos, os quais vêm sendo compartilhados por toda a humanidade desde as mais remotas eras. Ninguém deve ser dissuadido pela objeção bastante idiota de que ninguém sabe se essas antigas idéias universais — Deus, imortalidade, livre arbítrio, etc. — são "verdadeiras" ou não. A verdade é, neste caso, o critério errado. Pode-se apenas perguntar se tais idéias são úteis ou não, se o homem se sente melhor e sente sua vida mais completa, mais significativa e mais satisfatória com ou sem elas.

O agnosticismo nunca é suficiente quando se chega à questão da vida como um todo. Necessitamos de certas concepções gerais acerca das coisas que não podemos conhecer, a fim de resumir as nossas experiências vitais específicas ou satisfazer o nosso desejo de autocognição e totalidade. E como ninguém sabe o que é a verdade, todos estamos livres para compartilhar de tais idéias ou rejeitá-las.

Faz diferença, entretanto, se as nossas opiniões ou convicções coincidem ou não com a sabedoria tradicional e universal, pois que, se concordamos, estamos nadando na corrente universal do comportamento mental instintivo; e, se discordamos, estaremos nadando contra a corrente. Uma atitude negativa também tem seus méritos, porquanto nos proporciona o sentimento satisfatório de que somos capazes de resistir à tentação geral de concordar com preconceitos coletivos. Tal resistência pode até preparar-nos, de um modo mais eficiente, para uma sólida convicção subseqüente do contrário. O mesmo é verdadeiro num sentido inverso, no caso de sermos levados ao sabor das idéias do nosso tempo e do nosso meio, sem nunca nos questionarmos sobre a sua validade.

*Os jovens são hoje freqüentemente acusados pelos mais velhos de se deixarem fascinar por uma filosofia de desespero. Concorda com isso?*

Os jovens de hoje, na medida em que se sentem revolucionários, estão simplesmente realizando o que seus pais e educadores não admitiram abertamente para eles mesmos, ou seja, a descrença e a dúvida em noções religiosas e morais. Na ausência de reflexão filosófica, seus pais basearam suas vidas numa convicção positiva e prática de uma espécie inteiramente materialista e racionalista, sendo amparados nessa atitude pela enorme influência das ciências.

Um dos mais impressionantes exemplos é a física moderna, a qual reconheceu finalmente o átomo como uma unidade cósmica. Tal descoberta poderia muito bem ter satisfeito o nosso desejo de unidade, unicidade e totalidade, mas hoje conhecemos já mais de trinta partículas menores que compõem a totalidade do átomo. Isso é típico do que acontece na ciência da natureza; ela nunca conduz à simples unicidade e totalidade, mas à multiplicidade e segregação de — para usarmos um termo oriental — "dez mil coisas". Isso é estritamente o contrário da integração na unicidade e totalidade tanto do indivíduo quanto do cosmo.

A geração mais velha de hoje vê com olhos de perplexidade seus filhos e seu comportamento mais ou menos curioso. Mas os jovens preferem viver as vidas inconscientes não vividas por seus pais, aquilo que seus pais ignoraram, não se atreveram a viver e negaram que existisse, por vezes contra o que o próprio conhecimento lhes apontava.

Mesmo hoje, a educação em geral não descobriu ainda que, para fins pedagógicos, seria muio mais importante conhecer a psicologia dos pais do que a psicologia infantil. Só existe uma coisa com que os pais devem espantar-se: é com a sua própria ingenuidade e ignorância de sua própria psicologia, a qual, por sua vez, é a colheita semeada pelos avós — ignorância e ingenuidade que levam a maldição da inconsciência para um futuro indefinido. A minha resposta a esses problemas é: educação do educador — ou escolas para adultos, que nunca foram ensinados sobre os requisitos da vida humana depois dos quarenta.

*O que considera serem os fatores mais ou menos básicos, propícios à felicidade na mente humana?*

1. Boa saúde física e mental.
2. Boas relações íntimas e pessoais, como as do casamento, da família, das amizades.
3. A faculdade de perceber beleza na arte e na natureza.
4. Razoáveis padrões de vida e trabalho satisfatório.
5. Um ponto de vista filosófico ou religioso capaz de enfrentar com êxito as vicissitudes da vida.

Os padrões de vida e de trabalho dependem largamente, é claro, do grau em que as expectativas e a responsabilidade do indivíduo são mais ou menos razoáveis. As extravagâncias tanto podem causar felicidade quanto infelicidade. E a uma perspectiva filosófica ou religiosa deve corresponder uma moralidade prática, pois, sem ela, filosofia e religião são mero "faz de conta", sem efeitos concretos.

Uma lista dos fatores que determinam a infelicidade seria muito mais extensa! Aquilo que nos desagrada e que tememos parece estar esperando por nós, e aquilo que procuramos e desejamos parece esquivar-se-nos... e quando finalmente o encontramos é bem possível que não seja exatamente perfeito e sem falhas. Ninguém pode alcançar a felicidade através de idéias preconcebidas; deveríamos chamar-lhe, antes, um dom dos deuses. Vem e vai, e aquilo que nos fez hoje felizes não nos faz necessariamente felizes em uma outra ocasião.

Todos os fatores que geralmente se supõe serem propícios à felicidade podem, sob certas circunstâncias ou condições, produzir o contrário. Por mais que a nossa situação possa ser ideal, ela não garante necessariamente a felicidade. Uma perturbação relativamente ligeira do nosso equilíbrio biológico ou psicológico pode ser suficiente para destruir a nossa felicidade. Boa saúde, condições financeiras favoráveis, relações familiares tranqüilas, nada disso nos pode proteger, por exemplo, contra um tédio inexprimível, um tédio que nos poderá fazer até acolher com alívio uma súbita mudança de circunstâncias causada por uma doença não muito grave.

*Contudo, o senhor acredita firmemente na possibilidade de felicidade na vida... mesmo no casamento?*

O mais esquivo dos intangíveis! Seja como for, uma coisa é certa: existem tantas noites quantos os dias, e um é tão extenso quanto a outra no curso do ano. Mesmo uma vida feliz não pode estar isenta de uma certa medida de escuridão, e a palavra "feliz" perderia o seu significado se não fosse contrabalançada por uma dose de tristeza. É compreensível, evidentemente, que procuremos a felicidade e evitemos as oportunidades infelizes e desagradáveis, malgrado o fato de que a razão nos ensina que tal atitude não é razoável, porque derrota as suas próprias finalidades... quanto mais deliberadamente procuramos a felicidade, mais certos podemos estar de que não a encontramos. Portanto, é muito melhor aceitar as coisas como elas se apresentam, com paciência e comedimento. No fim de contas, talvez, uma vez por outra, exista algo de bom, feliz ou agradável reservado para nós no saco de dádivas relevantes e irrelevantes da Fortuna.

*(O Dr. Jung abaixou-se e apanhou seu chapéu e sua bengala da grama. Comentei sobre a obra de talha no maciço castão de prata da bengala.)*

Sim, é uma antiga talha chinesa. Veja, é um dragão e, em sua cauda, está uma flor com uma pérola preciosa incrustada em sua corola. É uma alusão ao velho símbolo dos alquimistas, a serpente mordendo a própria cauda; mas o dragão, é claro, constitui o símbolo chinês da boa sorte. Ele está sempre perseguindo essa flor, dando voltas e mais voltas em torno da bengala, mas nunca a alcançará, porque se encontra em sua cauda. Realmente, é como aqueles intelectuais de quem eu falei, não é?

# UMA ENTREVISTA PARA A SUÍÇA NO 85.º ANIVERSÁRIO

Georg Gerster entrevistou novamente Jung a 7 de junho de 1960, em Küsnacht, para transmissão pela rede de emissoras de rádio da Suíça; a gravação em fita foi presenteada à Universidade de Basiléia, onde passou a fazer parte de um arquivo de vozes de eminentes suíços contemporâneos. Jung só consentiu em ser entrevistado por Gerster, que teve de ser chamado de volta da península do Sinai, onde estava fotografando para um novo livro. Dezesseis anos depois, Gerster recordou, numa carta ao organizador da presente coletânea: "O Dr. Jung recusou-se a indicar um tema específico para a entrevista, de modo que tive de me apresentar despreparado. Depois que encerrei oficialmente a conversa, agradecendo-lhe a entrevista, o Dr. Jung continuou falando, em dialeto suíço, e contou-me um sonho que tivera. Felizmente, os técnicos de rádio que estavam do lado de fora da casa (numa camioneta com o equipamento de gravação) deixaram a fita continuar gravando. Esses últimos dez minutos — que não poderiam ser usados, visto que foram gravados sem o conhecimento do entrevistado — nada acrescentam aos temas que tinham sido debatidos no âmbito da entrevista oficial, mas constituem um espécime memorável da extrema simplicidade de C. G. Jung." A entrevista foi radiodifundida pela primeira vez a 3 de julho de 1960, e diversas vezes mais até ao aniversário, a 26 de julho. Voltou a ser transmitida a 5 de junho de 1966, em memória do falecimento de Jung a 6 de junho de 1961.

*Professor Jung, impressiona-me sempre a inscrição que está gravada sobre a porta de sua casa: "Vocatus atque non vocatus deus aderit" — "Invocado ou não invocado, deus estará presente". Acredito que se trate de um oráculo, não?*

Sim, é uma sentença do oráculo délfico. Quando os lacedemônios quiseram fazer guerra contra os atenienses, eles consultaram o oráculo e este respondeu que o deus estaria presente — *aderit.*

*Mas por que é que tal sentença está sobre a porta de sua casa?*

Bem, isso é uma história muito complicada. É minha experiência que esses fenômenos religiosos serão encontrados por toda a parte, quer sejam intencionais ou não. Necessita-se apenas de uma emergência, uma séria emergência, e então essas declarações religiosas irrompem de novo. Assim, quando uma pessoa está muito surpreendida ou atônita, mesmo que não acredite em Deus, exclama

"Meu Deus!" ou "Santo Deus!", e isso são exclamações involuntárias de natureza religiosa, porque usam o nome de Deus.

*Não devemos definir o termo "religioso" mais estritamente ou, pelo menos, definir o modo como o senhor o usa?*

Bem, temos que usá-lo numa acepção bastante ampla.

*Eu estava apenas pensando que, quando o senhor diz "Deus", poderia também significar "ídolo" ou não?*

Sim, naturalmente, pode significar todo esse gênero de coisas, assim como pode também significar uma simples palavra. Mas, apesar de tudo, pertencem ainda à esfera da religião, queiramos ou não. Todos os fenômenos religiosos que não são apenas rituais de uma igreja estão vinculados a emoções. É por isso que observamos principalmente essas manifestações religiosas, como já disse, em momentos de emergência ou sob condições muito emocionais.

*A idéia de "significado" não pertencerá ao conceito de religião, tal como agora o define? Quero dizer, qualquer coisa que acontece ao ego, oriundo do inconsciente... pois é sobre isso que estamos falando, não é?...*

Exato.

*...deve ter um significado, não nesse preciso momento, talvez, não dentro do estreito horizonte do ego, mas num sentido mais amplo, para a personalidade como um todo?*

Sim, é isso mesmo. O conceito de arquétipo, que estamos considerando aqui, é, como costumamos dizer, "numinoso", tem uma espécie de poder esmagador e irresistível. É, por sua própria natureza, emocional e, assim sendo, um arquétipo como a idéia de Deus ou de um poder sobrenatural surgirá em situações altamente emocionais. Consideremos, por exemplo, uma situação, um momento de pânico, quando um homem está no limite de suas forças. Talvez uma prece jorre de seu íntimo e ele reverta a uma visão das coisas que já teve outrora; mas isso ocorrerá espontaneamente, sem qualquer espécie de reflexão. É algo que simplesmente brota dele. Assim, sempre que acontece algo que tem um efeito esmagador, surgirá em nós uma resposta a essa coisa esmagadora. Isso mostra que situações em que um homem se sente derrotado dão freqüentemente origem a fenômenos religiosos; que pessoas, sem que o queiram, revertem subitamente a essa forma ou, melhor, essa forma é-lhes simplesmente imposta, sem que elas assumam qualquer espécie de atitude intelectual em relação àquela.

*Permite-me que retorne ainda à palavra "religioso"? Tal como a está usando agora, refere-se sempre, realmente, a fenômenos internos, psíquicos, com os quais não precisamos incomodar o teólogo, por exemplo?*

Não, não, trata-se de fenômenos perfeitamente naturais!

*Então, o inconsciente salvador deve estar numa relação muito especial com o ego; isso não era conhecido dos psicólogos mais antigos, ou mesmo de Freud?*

Você está inteiramente certo. Quando um homem se vê numa verdadeira emergência, o instinto acudirá em sua ajuda, em formas de ação e comportamento, de pensamento, sentimento, etc., que designamos como instintivas. Por exemplo, quando você está sendo atacado, assume imediatamente uma postura instintiva de defesa. Faz todos os gestos necessários, tem todas as idéias necessárias que se ajustam à situação. Embora a situação possa desenvolver-se num abrir e fechar de olhos, tudo está a postos para enfrentá-la, porque desde tempos imemoriais os seres humanos têm constantemente se encontrado em tais situações. Todos os animais têm suas posturas de ataque, suas posturas de defesa, comportam-se de um modo inteiramente específico que é característico da espécie... e o mesmo ocorre com o homem.

*Mas não é uma descoberta de um tipo muito especial que isso também seja verdadeiro a respeito da psique?*

Mas é justamente isso o que "psique" significa! Quando, num momento de perigo, dizemos certas coisas, usamos certas expressões, certas imagens, chamamos a isso "psíquico". Quando começamos a praguejar, por exemplo, fazemos uso de expressões muito conhecidas que não temos de perder tempo em procurar, elas surgem logo ao primeiro aviso. Do mesmo modo, a base de nossa psique consciente é um sistema de modos herdados, instintivos, de comportamento, como se observa em toda a parte, e é isso o que entendemos por um arquétipo.

*O senhor disse em algum livro que a nossa consciência flutua sobre esse inconsciente coletivo como num mar.*[1]

Sim, sim!

*Por outras palavras, está sob a custódia do inconsciente?*

Sim, você pode dizer que, até um certo ponto, forças inconscientes acodem em nossa ajuda quando a mente consciente está numa

1. "Psychology and Religion", CW 11, § 141.

situação que a ameaça de ser sobrepujada. Mas também pode acontecer que emanem do inconsciente efeitos que não são uma reação direta a uma emergência externa mas, pelo contrário, a produzem.

*Pode dar um exemplo?*

Sim. Em todas as fases críticas da vida, como nos primeiros anos da infância, na puberdade, quando casamos ou iniciamos uma carreira, no momento culminante entre os 36 e 40 anos, nas mulheres com a mudança de idade e nos homens no climatério, entre os 50 e 60 anos, podem surgir situações psíquicas cujo significado é ignorado. Um jovem, por exemplo, pode não ter suficiente autoconhecimento para saber exatamente como se sente ou que espécie de carreira deseja seguir. Se isso se torna um problema que o preocupa, aparecem sonhos, reações instintivas, como eu disse, que lhe mostram como ele realmente se sente ou o que realmente quer fazer. Quando você lê biografias, pode facilmente deparar-se com essas coisas. O 36. O ano é, para muitos homens, um ano muito crítico, porque está tendo lugar uma grande mudança a cujo respeito nada sabem: o sol começou descendo para o ocaso e então a atitude deles pode mudar de um modo notável. Veja o caso de Nietzsche, Zaratustra vindo ao seu encontro, ou de Fechner, convertendo-se em filósofo místico, e assim por diante. Eu também já passei por isso e senti como a segunda metade da vida, o que é inteiramente inesperado, é prenunciada por sonhos. Ocorrem então sonhos que são quase como precognições, eles prevêem como o futuro se desenvolverá. Mas isso é apenas uma manifestação de nossa constituição instintiva original. Um homem, por exemplo, tem uma idéia particular da vida, em virtude de sua educação, ou de quer que seja, e essa idéia é acanhada demais, e ele, se bem que não seja tão limitado, não o sabe; então, ele tem um sonho, talvez a respeito de uma vida mais cheia e sobre aspectos muito diferentes do mundo em que ele jamais pensara antes, e aí faz-se luz nele: "Ah, eis uma possibilidade! Eu a vislumbrei em mim mesmo!" Durante muito tempo, eu estive em dúvida sobre se realmente deveria estudar arqueologia, história e coisas assim, e então tive um sonho ou dois, muito nítidos, que desafiaram meus interesses científicos até ao limite, e foram eles que me decidiram em favor da ciência.

*Mas isso é um conceito de sonho que discorda totalmente do ponto de vista de Freud. Estou pensando numa frase de Schnitzler que, provavelmente copiando Freud, escreveu que "os sonhos são desejos sem coragem". É uma concepção de sonhos que parte puramente do passado e não aponta para o futuro, como a sua.*

Sim, a esse respeito, o meu ponto de vista difere imensamente da concepção original de Freud, segundo a qual os sonhos podem

ser atribuídos principalmente a desejos não realizados que são ventilados durante a noite. Certamente existem muitos sonhos desses, os quais podem ser explicados mais ou menos satisfatoriamente dessa maneira, mas não é essa a função real dos sonhos. Os sonhos são funções normais, são ocorrências normais que fazem parte da vida humana. Por isso todos os primitivos têm um grande respeito pelos sonhos, nem sempre, é claro, pelos deles mesmos mas quando o chefe da tribo ou o feiticeiro sonha — isso é que é importante! Porque entre esses povos, em condições realmente primitivas, os sonhos ainda têm uma função social. Rasmussen, em seu livro sobre os esquimós do Ártico,[2] descreve o caso de um xamã que, guiado por sonhos, conduziu sua tribo desde a Groenlândia, sobre o mar gelado da Baía de Baffin, até ao extremo norte do continente, porque nesse ano as focas não tinham aparecido [na Groenlândia] e era lá que iriam encontrar todo o alimento de que precisavam. Mas, durante a viagem, metade da tribo começou duvidando e voltou para trás; todos eles pereceram, enquanto que os outros, conduzidos pelo xamã, chegaram a seu destino e sobreviveram.

*Desse ponto de vista, portanto, segue-se que é absolutamente necessário ao psicoterapeuta colocar o seu paciente, a pessoa psiquicamente enferma, numa relação produtiva com o inconsciente?*

Sim, precisamente. O terapeuta, inclusive, orienta o paciente de modo que este se veja diante de uma situação que é insolúvel, quando ele será forçado a admitir que não conhece a saída, e o terapeuta tampouco a conhece. Isso leva a situação a um ponto decisivo, de um modo favorável, para que o inconsciente comece funcionando. Aí ocorre um sonho, do qual se pode inferir algo que aponta o caminho em frente. São essas as situações em que ocorrem sonhos religiosos, de extraordinário significado, aquilo a que os primitivos chamam os "grandes" sonhos.

*Considera que a nossa atual civilização precisa de uma crítica à luz desse conhecimento?*

Bem, isso está certamente provado por esses casos individuais. As pessoas sofrem, sobretudo, por causa de perspectivas demasiado bitoladas, horizontes demasiado limitados. Elas não pensam sobre as possibilidades que também existem e, por isso, são freqüentemente necessários sonhos que as façam prestar atenção ao que ainda poderão fazer, ou ao que negligenciaram. Isso traz um elemento inteiramente novo para o tratamento. Por exemplo, encontrei-me freqüentemente com homens altamente intelectuais, ativamente empenhados

2. Knud Rasmussen, *Across Arctic America* (Nova Iorque, 1927), cap. 3: "A Wizard and His Household".

na ciência, que entraram em conflito com suas vidas porque negligenciaram completamente a esfera do sentimento, estão profundamente desorientados a esse respeito e são justamente aqueles que têm sonhos e até visões. Lembro-me de um homem muito importante que me procurou em pânico total e me disse que tivera uma visão — e que isso, simplesmente, não podia ser verdade! Fiz com que me contasse a sua visão e, por muito extraordinário que isso possa parecer, era uma visão típica das que os antigos alquimistas tinham. Aí, apanhei um livro do século XVI de uma das minhas estantes, abri-o numa gravura, estendi-o para ele e disse: "Veja, aqui está a sua visão. Você não está fora da história humana. O que acontece é que, simplesmente, você não sabe que também é humano!"

*Quando lhe perguntei antes sobre uma crítica de nossa civilização, não me referi realmente a esses casos individuais, mas estava pensando no problema do nosso tempo, como é costume dizer. Deve ter havido períodos em que as relações do homem com o inconsciente, através de vários outros canais de comunicação, foram infinitamente mais intensas do que hoje.*

Sim, não há dúvida de que só no século XIX é que se rompeu com essa tradição e se estabeleceu uma crescente tendência intelectual, com o resultado de que muitas coisas vitalmente necessárias se tornaram obsoletas. Basta pensar na crise por que está passando hoje o cristianismo; ela significa simplesmente que perdemos todo o sentido de sua necessidade. Já não sabemos para que é que ele serve. Em épocas passadas, as pessoas sabiam, de um certo modo. Naturalmente, elas tinham fé, mas essa fé estava enraizada no sentimento de que a tradição cristã era "satisfatória", era algo que dispensava demonstração, uma parte óbvia do quadro. Mesmo no caso de livros científicos, basta pensar no velho Scheuchzer,[3] de Zurique, que iniciou seus trabalhos científicos com a história da Criação!

*O senhor vê qualquer probabilidade de que a psicologia faça algo nesse sentido? Quer dizer, não se pode inverter a marcha do tempo.*

Não, isso é impossível.

*Por outro lado, como psicólogo dotado desses* insights, *o senhor não pode deixar que o mundo continue nesse rumo inconseqüente!*

Sim, mas o que é a voz de um único indivíduo? Essas coisas são, evidentemente, tão difíceis de entender que se torna simples-

3. Johann Jakob Scheuchzer (1672-1733), médico, polímata, um dos fundadores da ciência da paleontologia, pioneiro na pesquisa da geografia suíça.

mente impossível falar com as pessoas sobre elas. É surpreendente como as pessoas entendem tão pouco de tais assuntos. Elas não pensam nisso. Naturalmente, muito poderia ser dito a esse respeito. Mas é de um interesse tão grande para o indivíduo que se torna enfadonho demais para as pessoas! É claro, se eu conhecesse um remédio que pudesse ser injetado em dez mil pessoas de uma assentada, isso seria muito popular, especialmente entre aqueles que nada tivessem a ver com isso. Mas a própria idéia de que a coisa tivesse de começar por elas, ah, aí a questão muda de figura! É preciso que haja sempre algo que é bom para cem mil, para um milhão de pessoas, mas não para o indivíduo; este é muito pouco interessante. A ciência convenceu-nos de que a vida humana é insignificante, e a história contemporânea demonstrou, de fato, diante de nossos olhos, como as vidas humanas não valem nada. E o indivíduo está tão profundamente convencido de sua desvalia, de sua nulidade, que não faz esforço nenhum para se desenvolver interiormente, de qualquer modo. É irremediável; o indivíduo não é nada e, naturalmente, isso é corroborado pela falsa noção de que o indivíduo nada é. Mas o indivíduo é o veículo da vida. Cada indivíduo é um portador de vida, e a vida só é produzida por indivíduos. Ela não existe em si mesma, não existe a vida de milhões. Isso é absurdo, mas milhões de indivíduos são outros tantos veículos de vida e, para cada um deles, o problema do indivíduo é o problema todo. E então eles dizem: "Sim, mas olhe fulano, esse não é veículo de vida!" O indivíduo é banalizado, entende? A maioria das pessoas fica desencorajada. Os teólogos certamente deveriam ser convencidos de que a alma individual é o veículo da vida e a coisa de maior importância. Entretanto, um teólogo disse-me: "Devemos chegar às massas. Se tentarmos tratar indivíduo por indivíduo, nunca chegaremos a coisa nenhuma!" Eu respondi: "Como foi que o cristianismo conquistou o mundo, em primeiro lugar? Não foi sempre de indivíduo para indivíduo?"

Os neuróticos, naturalmente, também pensam desse modo, mas não tardam em mudar de tom quando vêem que nada muda neles, se eles mesmos não se levarem a sério. Mas levar-se a sério é considerado impróprio, o sujeito é considerado excêntrico, arvora ares presunçosos, etc. Por toda a parte nos deparamos com essa depreciação da psique humana. É claro, quando você diz "a psique humana", todos acham, "Isso é ótimo... é um problema dos outros, para mim e para o que eu faço não tem qualquer espécie de interesse". Ora, se ninguém se preocupa com a sua própria psique, então não há nada que você possa fazer, do ponto de vista psicológico. Você só pode dizer como as coisas são e tornar-se impopular!

# CONVERSAS COM MIGUEL SERRANO: 1961

Serrano voltou à Índia e mais tarde, em 1959, completou suas histórias da rainha de Sheba, providenciou a sua tradução para o inglês e enviou uma cópia datilografada do texto inglês a Jung, que respondeu com uma carta de 14 de janeiro de 1960. Jung permitiu que essa carta fosse publicada como prefácio da tradução inglesa: *Visits of the Queen of Sheba* (Bombaim, 1960; Londres, 1972).[1]

Enquanto estava em Zurique, de novo, em setembro de 1960 (Jung estava doente e não pôde vê-lo), Serrano consultou o *I Ching* para apurar se tinha chegado o momento de deixar a Índia. Interpretou a resposta do oráculo como "sim". (Mais tarde, recebeu novo posto em Belgrado.) Voltou a visitar Jung em Küsnacht, a 23 de janeiro de 1961.

*Vou deixar a Índia. Consultei o* I Ching *e ele aconselhou-me a fazê-lo.*

Você deve fazer o que ele diz, porque esse livro não comete erros. Em qualquer caso, existe uma conexão definida entre a psique individual e o mundo. Quando tenho dificuldade em classificar um paciente, mando-o sempre obter um horóscopo. Esse horóscopo corresponde sempre ao seu caráter, e eu interpreto-o psicologicamente. A correspondência entre o mundo e a psique é tão forte que é possível até que as invenções e as idéias de tempo tridimensional sejam simples reflexos da estrutura mental. Assim, eu pude prever a última guerra analisando simplesmente os sonhos de meus pacientes, porque Wotan [2] costumava aparecer sempre neles. Entretanto, não pude prever a primeira guerra mundial porque, embora eu mesmo tivesse premonições, nessa época eu não estava ainda analisando sonhos. No total, analisei quarenta e um sonhos que previam doença ou morte.

* * *

*Vim para ver também Herman Hesse. Ele acredita que a estrada certa é simplesmente aquela que está de acordo com a natureza.*

1. Em CW 18, § 1769. Ver também *Letters,* org. de G. Adler, vol. 2, para as cartas a Serrano de 31 de março e 14 de setembro de 1960.
2. Cf. "Wotan", em CW 10.

Essa é também a minha filosofia. O homem deve viver de acordo com a sua própria natureza; ele deve concentrar-se no autoconhecimento e viver então em harmonia com a verdade sobre si mesmo. O que é que você diria de um tigre que fosse vegetariano? Você diria, é claro, que era um péssimo tigre. Assim, todos devem viver de acordo com a sua natureza, individual e coletivamente. O melhor exemplo desse método será encontrado na Índia e o pior, suponho eu, na Rússia. A Rússia é um país com uma organização magnífica, mas não funciona, como é óbvio em seus fracassos agrícolas. Os russos não se preocuparam em descobrir o que o homem realmente é; eles tentaram simplesmente tratá-lo como um ser totalmente racional e mecânico. Obviamente, o que se faz necessário para eles não é criar uma teoria sobre agricultura mas formular uma teoria sobre o homem, e impor essa teoria ou conceito. Conheci certa vez uma velha senhora que era muito nobre e aristocrática, e que conduzia sua vida de acordo com as mais requintadas idéias de refinamento; mas, à noite, ela sonhava com bebedeiras e, nesses sonhos, ela mesma ficava irremediavelmente ébria. E assim, uma pessoa deve ser o que é; deve descobrir a sua própria individualidade, esse centro da personalidade que é eqüidistante entre o consciente e o inconsciente; devemos ter em mira esse ponto ideal para o qual a natureza parece estar nos dirigindo. Somente a partir desse ponto uma pessoa pode satisfazer suas próprias necessidades.

*Os hindus parece estarem dizendo a mesma coisa quando afirmam que é melhor estar parcialmente realizado dentro do próprio carma do que perfeitamente realizado num carma alheio.*

Exatamente.

*Professor Jung, o senhor acredita que o seu sistema poderia funcionar fora do ocidente, isto é, onde a psique não está tão dividida? Por exemplo, não existem neuróticos na Índia e, até onde sei, tampouco existem na Birmânia, ou na Indonésia, Tailândia ou China. E suponho que a razão é que os habitantes desses países não são pessoas no sentido cristão ocidental. Como o senhor disse, quando conversamos pela primeira vez em Locarno, a* persona *é o produto da súbita imposição do cristianismo a um povo nórdico e bárbaro, com todas as suas inibições resultantes e impulsos incontroláveis.*

Sim, e suponho que essa mesma falta de personalidade é o que faz o oriente aceitar com tanta facilidade sistemas coletivos como o comunismo e sistemas religiosos como o budismo, que visam sobretudo aniquilar a idéia de personalidade.

*Algumas horas atrás, quando eu estava almoçando com Hesse, perguntei-lhe como explicava que eu tivesse a boa sorte de me en-*

*contrar sentado à sua mesa; e ele disse-me que não se tratava de mero acidente, porquanto só os convidados certos iam ali. Ele falou sobre o Círculo Hermético.*

Isso é verdade; a mente atrai a mente. Só as *corretas* vêm até nós, e somos dirigidos pelo inconsciente, porque o inconsciente sabe. Certa vez, eu estava num trem e um general sentou-se a meu lado. Conversamos e, embora ele não soubesse quem eu era, contou-me tudo a respeito de seus sonhos, o que certamente é algo insólito para um homem de sua profissão. O general considerou que seus sonhos eram absurdos mas, depois de o ouvir, eu disse-lhe que um de seus sonhos tinha mudado toda a sua vida e que, caso contrário, ele teria sido um intelectual. O general ficou surpreendido e encarou-me como se eu fosse um bruxo ou, pelo menos, uma pessoa dotada de uma segunda visão.[3] Mas, na realidade, era o inconsciente que estava conhecendo e dirigindo. O general sentara-se ao meu lado porque estava, inconscientemente, em busca de uma resposta. Do mesmo modo, eu poderia contar a você coisas sobre a sua própria vida que o deixariam perplexo...

*(Jung inclinou-se então para diante e fixou seu olhar em meus olhos. Nas sombras do fim de tarde, seu corpo parecia crescer e crescer, e tive a sensação de que estava diante de uma encarnação de Abraxas.[4] Senti um súbito calafrio e, depois, pareceu-me ouvir distantes vozes provenientes desse poderoso ser, rodopiando em torno de nós, como ecos de remotas eras.)*

*

Serrano visitou Jung pela última vez em 10 de maio de 1961, menos de um mês antes da morte de Jung. A conversa teve lugar no gabinete de trabalho de Küsnacht.

*(Jung estava sentado junto à janela; vestia um quimono cerimonial japonês, de modo que, na luz do entardecer, parecia um mágico ou um sacerdote de algum antigo culto. Entreguei-lhe o pequeno presente que lhe trouxera do oriente — uma caixa de turquesa de Caxemira, semelhante à que ofereci a Hermann Hesse em Montagnola. Tomou-a em suas mãos, examinando-a e tateando-a minuciosamente.)*

3. Cf. "Analytical Psychology and Education" (1924), CW 17, § 187, para uma versão diferente dessa história.

4. Uma deidade gnóstica, mencionada por Jung em *Seven Sermons to the Dead* (edição privada, 1916; em *Memories, Dreams, Reflections*, 2.ª edição, apêndice) e por Hesse em *Demian* (1917).

Turquesa de Caxemira. Nunca lá estive; visitei apenas Bengala e o nordeste da Índia, Madura no sul. Muito obrigado por este belo presente.

*Acabo de visitar Hermann Hesse, e discorremos sobre a morte. Perguntei a Hesse se era importante saber se existe algo além da morte. Hesse disse não achar isso importante; na opinião dele, a morte era provavelmente como ingressar no inconsciente coletivo, a queda nele, talvez.*

A sua pergunta foi mal formulada. Teria sido melhor colocada nestes termos: Existe alguma razão para acreditar que existe vida depois da morte?

*E existe?*

Se fosse possível à mente funcionar à margem do cérebro, ela seria incorruptível.

*E isso é possível?*

Os fenômenos parapsicológicos sugerem que sim. Eu próprio experimentei certas coisas que também o indicam. Certa vez, fiquei gravemente doente, quase em coma. Todos pensavam que eu estava sofrendo terrivelmente mas, de fato, eu estava sentindo algo extremamente agradável. Parecia estar flutuando acima do meu corpo, muito acima dele. Então, depois que meu pai morreu, vi-o por diversas vezes. É claro, isso não significa que ele, de fato, aparecesse. Suas aparições podem ter sido fenômenos inteiramente subjetivos de minha parte.

*Mas não será possível que todas essas coisas sejam, de fato, externas e objetivas, e não apenas algo que acontece na mente? Hesse fala do Inconsciente Coletivo como se ele existisse externamente, e considera que a morte pode ser meramente uma* queda *nesse estado.*

Durante a guerra, vi homens que receberam ferimentos no cérebro que paralisaram as funções do córtex cerebral e os impediram de ter qualquer noção de tempo ou espaço. Apesar disso, ainda eram capazes de sonhar e alguns deles tiveram importantes visões. Ora, se o cérebro está inteiramente paralisado, a questão é que órgão produz o sonho? Com que parte do seu corpo um homem sonha? É algo físico? Ou é uma indicação de que a mente atua independentemente do cérebro? Não sei, mas é uma hipótese interessante.

Existem outros fenômenos que podem corroborar essa hipótese. Você sabe, é claro, que uma criança muito pequena não tem uma noção nitidamente definida do ego. O ego infantil está difundido e disperso por todo o seu corpo. Entretanto, foi provado que crianças pequenas têm sonhos em que o ego é claramente definido, tal como

em pessoas maduras. Ora se, de um ponto de vista fisiológico, a criança não tem ego, o que é que na criança produz esses sonhos, sonhos que, posso acrescentar, a afetam para o resto da vida? E uma outra questão: E se o ego físico desaparece na morte, esse outro ego também desaparecerá, esse outro ego que lhe tinha mandado sonhos quando criança?

*(Enquanto o escutava, fui uma vez impressionado pelo magnífico rigor da mente de Jung. No próprio limiar da morte, ele ainda buscava e ainda esperava acreditar; mas a sua objetividade científica impediu-o de pronunciar uma só palavra que não correspondesse a experiências demonstráveis.)*

Hoje, ninguém presta atenção ao que está por trás das palavras, às idéias básicas que aí existem. Entretanto, a idéia é a única coisa que aí verdadeiramente existe. O que realizei no meu trabalho foi simplesmente dar novos nomes a essas idéias, a essas realidades. Considere-se, por exemplo, a palavra "inconsciente". Acabo de ler um livro de um Zen budista chinês. E pareceu-me que estávamos falando sobre a mesma coisa e que a única diferença entre nós era usarmos palavras diferentes para designar a mesma realidade. Assim, o uso da palavra Inconsciente não importa; o que conta é a idéia que está subentendida na palavra.

*(Na pequena mesa ao lado da cadeira onde Jung estava sentado havia um livro intitulado* O Fenômeno Humano, *de Teilhard de Chardin. Perguntei a Jung se já o tinha lido.)*

Sim. É um grande livro.

*(Notei o anel gnóstico em seu dedo, e perguntei-lhe o que significavam os símbolos.)*

É egípcio. Aqui, esta serpente esculpida, simboliza o Cristo. Logo acima, o rosto de uma mulher; por baixo, o número 8, que é o símbolo do Infinito, do Labirinto e da Estrada para o Inconsciente. Mudei uma coisa ou duas no anel para que o símbolo seja cristão. Todos esses símbolos estão absolutamente vivos dentro de mim, e cada um deles gera uma reação em minha alma.

*Penso que, em seu próprio ser, o senhor representa um elo com os segredos do passado. O senhor encontrou a estrada de conexão, o caminho que se havia perdido com o advento do iluminismo europeu, se não antes. Assim como a Renascença encontrou um vínculo com a Idade Clássica externa, também o senhor, para o nosso próprio tempo, parece ter estabelecido um elo com o seu lado interno. Assim, graças ao senhor, as qualidades essenciais do homem*

*são capazes de sobreviver. No próprio tempo dele, Meister Eckhart desempenhou o mesmo papel.*

O que eu tentei fazer foi mostrar ao cristão o que o Redentor realmente é, e o que a ressurreição é. Hoje, ninguém parece saber, ou recordar, mas a idéia ainda existe em sonhos.

*Acha que existe algo essencialmente irrelevante em nossa discussão de tais coisas? As nossas preocupações estão realmente superadas na época atual de supertecnologia e viagens interplanetárias? Perguntei a Hesse o que, na opinião dele, aconteceria às pessoas introspectivas no futuro, e ele foi muito pessimista.*

Os vôos espaciais para outros mundos ainda têm um longo caminho a percorrer. Mais cedo ou mais tarde, o homem terá que regressar à Terra e à terra de que provém; quer dizer, o homem terá que regressar a si mesmo. Os vôos espaciais são meramente uma fuga, uma evasão do próprio eu, porque é mais fácil ir a Marte ou à lua do que penetrar no próprio ser. Mas o que é perigoso nesse interesse frenético pela conquista espacial é que ela simboliza um estado de completa ansiedade no homem. Dir-se-ia que essa ansiedade é caucada pelo medo da explosão demográfica do mundo. De um certo modo, os vôos espaciais parecem ser uma reação instintiva a esse problema.

*(Dei-me conta de que tinha ficado tempo demais... Apertei as mãos de Jung, inclinei-me reverentemente e depois caminhei muito devagar para a porta. Ele estava contemplando-me com o olhar muito fixo, envolto na luz do entardecer que punha reflexos caprichosos em seu quimono oriental. Ergueu a mão e esboçou um sinal de adeus.)*

---

C. G. Jung faleceu em sua casa de Küsnacht a 6 de junho de 1961.

# C. G. JUNG: Entrevistas e Encontros

*William McGuire* e *R. F. C. Hull*

Conquanto, de acordo com sua famosa divisão dos tipos e das funções psicológicas, Jung tivesse classificado o seu tipo como *intuitivo-introvertido,* o grande psiquiatra suíço, em boa hora redescoberto por discretos estudiosos da alma e da cultura humana, ao longo de sua longa vida concedeu inúmeras entrevistas, tendo sido sempre lembrado, tanto por entrevistadores quanto por aqueles que privaram de seu relacionamento, como pessoa franca, amável e quase sempre espirituosa. O volume de entrevistas que o leitor ora folheia, de modo admirável, capta-lhe a personalidade e o espírito, manifestos em mais de cinqüenta bate-papos de toda ordem, que vão de entrevistas para o rádio e a televisão, até depoimentos cinematográficos concedidos por ilustres personalidades.

A mais antiga dessas entrevistas apareceu em 1912, em *The New York Times,* quando Jung, então com 37 anos de idade, pronunciou conferências na Fordham University. O volume inclui também aquelas entrevistas para a imprensa falada e escrita que Jung concedeu quando das comemorações de seu 80.º aniversário, além das recordações que o escritor chileno Miguel Serrano registrou um pouco antes da morte de Jung, ocorrida em 1961. O volume traz ainda os depoimentos escritos por Whit Burnett, Elizabeth Shephey Sergeant, Victoria Ocampo, H. R. Knickerbocker, Alberto Moravia, Hans Carol, Mircea Eliade, Charles A. Lindbergh e pelos discípulos M. Esther Harding, Eleanor Bertine, Charles Baudouin, George H. Hogle e outros. Entre as entrevistas se inclui a que Jung concedeu para o conhecido programa de televisão da BBC, "Face a Face". Trata-se, enfim, de um Jung *real,* porém praticamente desconhecido, uma vez que dele, por várias circunstâncias, tem sido mostrada a imagem de um conservador meio romântico e de idéias um tanto esquisitas, quiçá anacrônicas. O Jung que o volume irá revelar ao leitor, em tudo e por tudo, é outro, muito diferente daquele, [illegible] nsciências, a ponto de o leitor inteligente fic[illegible] o que vai ler.

EDITORA CULTRI[illegible]

C. G. JUNG ENTREVISTAS E ENCONTROS
MCGUIRE CULTRIX